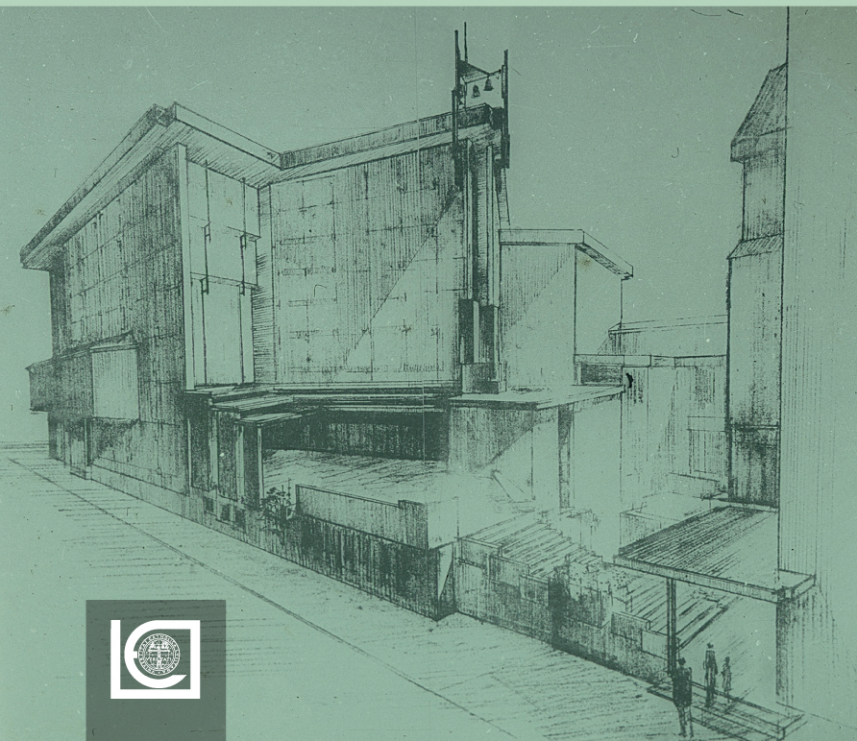


MRAR

Movimento de Renovação da Arte Religiosa

Os anos de ouro da arquitetura religiosa
em Portugal no século XX

JOÃO ALVES DA CUNHA



MRAR

Movimento de Renovação
da Arte Religiosa

Este trabalho foi desenvolvido com o apoio de Bolsa de Doutoramento atribuída pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência SFRH/BD/45052/2008

Título MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa
Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século xx
Autor João Alves da Cunha
Coleção Investigação

© Universidade Católica Editora

Revisão Editorial António Brás
Capa Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS
Imagem da capa Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa
(N. Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-70).
Perspetiva. Arquivo MRAR
Paginação acentográfico
Impressão e Acabamento Sersilito – Empresa Gráfica, Lda
Depósito Legal 0
Data outubro 2015
ISBN 9789725404843

Universidade Católica Editora
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020 | Fax. (351) 217 214 029
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt



CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da
MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século xx / João Pedro F. Gaspar Alves da Cunha. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2015. – 368 p. ; 23 cm. – (Investigação). – ISBN 9789725404843
I – Tít. II – Col.
CDU 726(469)“1950/1970”
246(469)“1950/1970”

JOÃO ALVES DA CUNHA

MRAR

Movimento de Renovação da Arte Religiosa

Os anos de ouro da arquitetura religiosa
em Portugal no século XX

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA

Índice

Agradecimentos	11
Acrónimos	12
Prefácio <i>Arquiteto João de Almeida</i>	13
Prefácio <i>Arquiteto Diogo Lino Pimentel</i>	15
Prefácio <i>Arquiteto José Manuel Fernandes</i>	17
Introdução	19
I. MRAR: história	25
1. Percurso	25
1.1. A caminho do MRAR [1947-1953]	25
Nuno Teotónio Pereira [1947-1951]	25
João de Almeida [1949-1952]	30
Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea [1953]	33
1.2. Primeiros anos [1954-1960]	46
Em organização [1954-1956]	46
Afirmação [1957-1958]	72
Silêncio [1959-1960]	97
1.3. Segundo ciclo [1961-1969]	113
Recuperação [1961-1964]	113
Crise e reformulação [1965-1967]	196
Ocaso [1968-1969]	219
II. MRAR: arquitetura	221
2. Pensamento, relevância e permanência	221
2.1. Pensamento	221
2.2. Relevância	228
2.3. Permanência	234
Conclusão	242

Anexo – Sócios	248
1.1. Listas 1956 1965	248
1.2. Corpos gerentes	252
1.3. Dez arquitetos nucleares	254
António Freitas Leal [1927-]	254
João Correia Rebelo [1923-2006]	256
João de Almeida [1927-]	258
José Maya Santos [1928-2010]	260
Nuno Teotónio Pereira [1922-]	262
Diogo Lino Pimentel [1934-]	265
Formosinho Sanchez [1922-2004]	267
Nuno Portas [1934-]	269
Luiz Cunha [1933-]	272
Erich Corsépius [1929-2009]	276
1.4. Mais vinte sócios	278
António dos Reis Rodrigues [1918-2009]	278
Flório de Vasconcelos [1920-2005]	279
João Braula Reis [1927-1989]	280
Maria de José Mendonça [1905-1984]	280
Madalena Cabral [1922-2015]	282
António Lino [1914-1996]	283
Manuel Cargaleiro [1927-]	284
José Escada [1934-1980]	285
Maria Luísa Marinho Leite [1936]	286
Maria do Carmo Matos [1935-1989]	287
Avelino Rodrigues [1936-]	287
Albino Cleto [1935-2012]	288
Vitorino Nemésio [1901-1978]	289
Henrique de Noronha Galvão [1937-]	290
Rafaela Zúquete [1936-]	291
Francisco d'Orey [1931-]	292
Francisco Fernandes [1934-]	292
Elizabeth Évora Nunes [1939-]	293
António Flores Ribeiro [1934-]	293
Eduardo Nery [1938-2013]	294

1.5. Vinte depoimentos	294
António Freitas Leal [6.mar.2009; 11.mar.2009; 16.abr.2009]	294
João de Almeida [4.nov.2008]	296
Nuno Teotónio Pereira [4.fev.2009]	299
Diogo Pimentel [29.jan.2009; 29.abr.2010]	301
Nuno Portas [17.abr.2009]	304
Luiz Cunha [27.fev.2009; 12.mar.2009; 14.abr.2009]	305
Erich Corsépius [18.dez.2008]	309
Madalena Cabral [3.dez.2008]	310
Manuel Cargaleiro [5.mar.2009]	312
Maria Luísa Marinho Leite [21.nov.2009]	313
Avelino Rodrigues [12.fev.2009]	314
D. Albino Cleto [29.jul.2010]	314
P. Henrique Noronha Galvão [3.nov.2009]	316
Rafaela Zúquete [19.nov.2009]	318
Francisco d'Orey [16.out.2009]	319
Francisco Fernandes [4.set.2009]	319
Elisabeth Évora Nunes [13.jul.2009]	320
Eduardo Nery [21.mai.2010]	321
Fernando Micael Pereira [16.nov.2009]	322
Pedro Vieira de Almeida [23.jun.2010]	322
Bibliografia	324

A meus pais

Aos membros do MRAR

Agradecimentos

A realização deste trabalho foi um processo que beneficiou da companhia de muitas pessoas que ao longo das diversas etapas percorridas de algum modo contribuíram para o seu avanço, pela sua crítica, incentivo e apoio. A todas elas deixo aqui o meu profundo agradecimento.

Não posso, no entanto, deixar de destacar que este trabalho não teria sido possível sem a preciosa experiência e disponibilidade do Professor Doutor Arquitecto José Manuel Fernandes, de quem muito me honrou a sua orientação, confiança e amizade.

Agradeço também a colaboração prestada por diversas entidades e seus funcionários, que tantas vezes com enorme paciência e generosidade acolheram as consultas e pedidos sucessivamente realizados, designadamente nas bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, da Ordem dos Arquitectos, da FAUL, da FAUP e do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, nos arquivos do IHRU – SIPA e das câmaras municipais de Lisboa, Oeiras, Loures, Almada, Rio Maior e Aveiro. Uma palavra especial também para todos os párocos que nos apoiaram e receberam nas suas igrejas, bem como para o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, que se tornou numa segunda casa nestes anos.

Com uma palavra especial de agradecimento lembro todos os que acolheram entusiasticamente este trabalho e para ele contribuíram com os seus preciosos testemunhos – os arquitectos João de Almeida, Diogo Pimentel, António Freitas Leal, Nuno Portas, Luiz Cunha, Erich Corsépius, Jorge Viana, Pedro Ferreira Pinto, Elisabeth Évora Nunes, António Flores Ribeiro, Pedro Vieira de Almeida, Fernando Abrunhosa de Brito e Glauco Gresleri, os artistas Madalena Cabral, Manuel Cargaleiro, Eduardo Nery, João Oom, Maria Luísa Marinho Leite, Rafaela Zúquete e Emília Nadal, os músicos Francisco Rodrigues e Francisco d'Orey, o ourives Manuel Alcino e os padres Avelino Rodrigues, João Cabral, Henrique Noronha Galvão, Fernando Micael Pereira, Frei Bento Domingues, D. Manuel Falcão e D. Albino Cleto. Aqui nasceram grandes e sinceras amizades que guardo com muita estima. Aos que partiram entretanto expresso a minha particular saudade.

Para o final deixo o meu especial agradecimento carregado de admiração ao arquitecto Nuno Teotónio Pereira, que generosamente aceitou co-orientar este trabalho, mas inesperados problemas de saúde cedo limitaram esse acompanhamento. No entanto, o seu exemplo nunca deixou de estar presente, sendo mesmo um motor fundamental desta obra, que também lhe é dedicada.

Acrónimos

- ACP – Ação Católica Portuguesa
- BIP – *Boletim de Informação Pastoral*
- CML – Câmara Municipal de Lisboa
- CODA – Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto
- CVII – Concílio Vaticano II
- ICAT – Iniciativas Culturais de Arte e Técnica
- ESBAL – Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa
- ESBAP – Escola Superior de Belas-Artes do Porto
- FCG – Fundação Calouste Gulbenkian
- JUC – Juventude Universitária Católica
- JUCF – Juventude Universitária Católica Feminina
- MAS – Movimiento Arte Sacro
- MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga
- MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa
- ODAM – Organização dos Arquitetos Modernos
- SIAC – Secretariado Internacional dos Artistas Católicos
- SIR – Secretariado de Informação Religiosa
- SNA – Sindicato Nacional dos Arquitetos
- SNBA – Sociedade Nacional de Belas-Artes
- SNIP – Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado

Prefácio

As Origens do MRAR

Conheci o João Pedro Alves da Cunha em 2001 quando ainda jovem arquiteto entrou como estagiário no meu ateliê de arquitetura. Cedo se tornou um excelente colaborador e por lá ficou até 2008. Aproximou-nos o seu interesse pela história da arquitetura sacra em Portugal, já que sabia que eu fora nos anos 50 um dos fundadores do Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR), tema por ele escolhido para a sua recente tese de doutoramento, agora publicada em livro, e que ao longo de anos foi objeto dum estudo exaustivo e muito aprofundado.

O Movimento surgiu na sequência duma exposição organizada por um grupo de jovens arquitetos, artistas e estudantes, muitos destes ligados à Juventude Universitária Católica. Teve lugar em Lisboa em 1953 e seguidamente no Porto. Foi uma exposição didática e documental, fotográfica, em que mostrávamos o que era então a prática da arte e da arquitetura sacra na Europa Central em contraste com o que por cá se fazia. Lá era a modernidade assumida, a rutura com os *pastiches* do passado, a renovação do receituário litúrgico a prenunciar o Concílio Vaticano II. Cá, na maior parte dos casos, era o oposto – haja em vista a Igreja do Santo Condestável, uma estrutura de betão revestida a neogótico.

Para a realização da exposição contribuiu em larga medida o material que eu tivera oportunidade de recolher na Alemanha, em França e sobretudo na Suíça, onde durante mais de dois anos estagiara com Hermann Baur, consagrado profissional na área da arquitetura sacra. Para ela contribuiu ainda alguma informação relevante por mim recolhida em Trier, onde vivi alguns meses em contacto com o Instituto Litúrgico Alemão, então na vanguarda da renovação das práticas rituais do catolicismo. Não menos significativa terá sido a aproximação aos padres dominicanos que dirigiam em Paris a prestigiada revista *L'Art Sacré*, também ela na vanguarda e na defesa intransigente duma modernidade sem cedências a estéticas passadistas: a eles se devera por exemplo o projeto da célebre Igreja de Ronchamp por Le Corbusier ou a encomenda da fachada da Igreja de Assy a Fernand Léger, entre muitas outras realizações de inequívoca modernidade. Lá vivi um ano em permanente contacto com eles, o que me proporcionou, sob a sua orientação, uma visão crítica do que no âmbito da arte sacra começava a afirmar-se na Europa. Tudo isto foi depois partilhado

no meu regresso a Lisboa com o grupo que viria a promover a exposição em 1953 e a criar mais tarde o MRAR.

A exposição, deliberadamente contestatária e apontando para novos caminhos, deu brado na altura, muito para além dos meios católicos. Numa sociedade culturalmente estagnada e reprimida, foi recebida não só como algo que punha em causa a prática da Igreja na esfera da arte e da arquitetura, mas também como uma crítica à estética oficial. Na arquitetura civil havia sido imposta uma linguagem neoclássica (exemplo toda a ala de edifícios da Avenida Sidónio Pais virada ao Parque Eduardo VII) e isto lamentavelmente poucos anos após a lufada de ar fresco que em certa medida fora a Exposição do Mundo Português. Na sua evolução política após o final da guerra, o regime endurecia e mostrava a sua face de rejeição da modernidade. Por isso a exposição foi uma surpresa e o seu impacto grande, com uma ampla e inesperada divulgação e um aplauso generalizado.

Os autores, aliás com o apoio da Igreja oficial, decidiram aproveitar esse impacto e as oportunidades por ele criadas e fundaram então o MRAR, desde o início dirigido por Nuno Teotónio Pereira e agregando numerosos membros e simpatizantes de diverso âmbito profissional: arquitetos, artistas, teólogos, museólogos, escritores (Vitorino Nemésio, inesquecível...). A designação de «movimento» expressa bem o desígnio dos seus fundadores: preparar e estruturar a mudança, criando as bases para uma renovação coerente e bem fundamentada da arquitetura e da arte sacras. Os encontros promovidos, frequentes, atraíam numerosos participantes: reviam-se conceitos, mostravam-se e discutiam-se trabalhos em curso, comparavam-se com exemplos estrangeiros, apoiava-se a inovação. Quantas vezes as propostas apresentadas sofriam alguma inflexão após essa discussão. A autoria era assim em certa medida partilhada, claro que sem que a criatividade e as características de cada um fosse prejudicada. Pelo contrário, elas eram reconhecidas e estimuladas. Se alguma coisa distinguiu o MRAR ao longo da sua existência, foi a recusa de vedetismos e a partilha das ideias e das soluções. Em Lisboa, dentro desse mesmo espírito, atento à qualidade dos projetos, aberto à sua discussão, o MRAR deixou como herança o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, desde o início dirigido com rigor pelo Arquiteto Diogo Lino Pimentel.

João de Almeida
Arquiteto

Setembro de 2015

Prefácio

Passados 50 anos, poucos recordarão o que tenha sido o «MRAR». No entanto, os resultados da sua intervenção estão ainda hoje presentes e reconhecíveis, mesmo quando passem despercebidos ou, pelo menos, não identificados como tal. Não que o MRAR tenha produzido arte sacra ou religiosa. Muitos dos seus membros sim. O MRAR estudou, discutiu e produziu crítica, pensamento e definição de critérios.

NÃO, SENHOR MINISTRO! Assim se intitulou um manifesto, do então jovem arquiteto João Rebelo contra um miniclone do Terreiro do Paço projetado para Ponta Delgada. O ateliê de João Rebelo era o mesmo de Teotónio Pereira, ambos civicamente intervenientes e ambos católicos militantes. Na arquitetura persistiam ainda muitos revivalismos a justificarem aquele manifesto. O mesmo se passava com a arquitetura das igrejas mas, em vez de um eventual *NÃO, SENHOR BISPO!* houve consciência de que cabia aos arquitetos, mais do que ao Bispo, promover a renovação que seria não só cultural, mas também pastoral e principalmente litúrgica. Foi assim a génese do MRAR.

A natureza, o alcance e a projeção do MRAR no tempo estavam por sistematizar, analisar e estudar. A tese de João Alves da Cunha veio colmatar essa falta. A sua publicação vem também motivar a avaliação do estado atual das artes na Igreja. A tese tornada livro interpela algum «adormecimento» pós-concílio, responsável por certa degradação dos termos plásticos, musicais e arquitetónicos em que se exprime a liturgia. Recordam-se assim modos de avaliação e de intervenção do MRAR em matéria de pastoral litúrgica. O exemplo colhe, desde que necessariamente olhado, adaptado e praticado à luz do tempo atual.

A publicação do relato analítico e crítico do tema-tese de João Alves da Cunha, para além do registo do tempo e dos modos que antecederam e acompanharam o Concílio Vaticano II, é um manifesto sobre a premente atualidade desse tema. A começar pela arquitetura, que exprime indisfarçavelmente a relação da Igreja com a cidade, a arte é a forma da expressão simbólica da liturgia. A sua decadência é pastoralmente grave, porque deturpa e esconde a mensagem litúrgica. Tal como o MRAR foi mobilizado pela generalizada resistência à afirmação da modernidade arquitetónica e daí se estendeu às muitas disciplinas artísticas que dão forma à liturgia, agora será tempo de mobilização

para que o «balanço» conciliar seja retomado e renovado nos campos da cultura, do serviço e do despojamento.

A transição do século trouxe-nos uma «arquitetura-espectáculo», por vezes empolgante, mas inadequada à expressão de uma igreja que se renova em verdade e simplicidade. O mesmo se diga das artes que, no mesmo período, evoluíram para o surpreendente, mais do que para o contemplável. E o *design*, tão usado pela e na igreja, especializou-se no comerciável, mais do que no respeitável. A música, nomeadamente o coro, foi-se desfolclorizando mas raramente foi além de rotina trivial.

João Alves da Cunha cita um pequeno trecho do catálogo da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea promovida pelo MRAR em 1953, em que justificava alguma contundência da sua apresentação por razões de «*mera anemia ambiente*». Neste nosso tempo (passados mais de 50 anos) o ambiente tornou-se indigente, por um lado, e luxuosamente corrosivo, por outro. No meio persiste alguma anemia e tanto basta para justificar o insistente apelo do Papa Bento XVI em Lisboa ao convocar um encontro com a cultura e os artistas. O mesmo apelo, em diferentes tom e forma, está implícito nas palavras de Francisco I, que se empenha na conversão da Igreja e dos seus sinais. A cultura da ostentação e do espetacular não é certamente compatível com a igreja pobre e servidora que nos propõe e para a qual convoca a nossa participação.

A par de escassas obras singulares de inegável mérito e qualidade, e de um reconhecível progresso do comportamento e da gestualidade rituais, a liturgia sofre de amputação plástica, por carência artística. Os artistas e criadores desinteressaram-se da Igreja e esta desinteressou-se dos artistas. A Igreja, liturgicamente exigente, esqueceu que a liturgia, para além de usar e cuidar a palavra, fala pelas artes visuais e musicais. É tempo de o recordar e de reencontrar as pessoas e os meios certos para o realizar.

A publicação do presente trabalho de João Alves da Cunha é um bom ponto de partida nesse sentido. A iniciativa da Universidade Católica alimenta a esperança de que aí venha a nascer, se não uma torrente renovadora, pelo menos um persistente riacho refrescante.

Diogo Lino Pimentel
Arquiteto

Junho de 2015

Prefácio

A tese para dissertação de doutoramento que o arquitecto João Alves da Cunha apresentou recentemente, na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, consagra em termos científicos – e de forma brilhante – o reconhecimento do MRAR/Movimento de Renovação da Arte Religiosa como um instrumento que historicamente, nos anos de 1950 e de 1960, soube introduzir a plena modernidade nas artes e na arquitectura do campo religioso em Portugal.

Como o autor bem estudou, de modo aprofundado e sistemático, utilizando longamente as fontes certas, entre o acervo documental, as entrevistas aos «actores» intervenientes e a visita e conhecimento das obras realizadas na arquitectura, houve no MRAR – ou melhor, o MRAR constituiu – um extenso, participado e testemunhado processo de génese (com a divulgação das ideias modernas por via de exposições e intervenções públicas), de afirmação (pela organização própria e a atuação criativa dos seus membros) e de crise e fase final (pois que entendidos como atingidos os seus objetivos fulcrais). É esta fascinante, rica e atribulada sequência de factos e obras, ocorridos no «momento crítico» do Portugal dos meados do século XX, que o autor analisa, descreve e mostra nesta obra.

Tive o prazer e a honra de co-orientar a referida tese, no âmbito da Faculdade onde sou professor, em conjunto com o arquiteto Nuno Teotónio Pereira, convidado como especialista do tema; e também o gosto de integrar o júri do conseqüente doutoramento, onde pontificou adequada e magistralmente o arquiteto Nuno Portas. São duas personalidades, vivas e ativas, que, para além de várias outras notáveis, foram motores e/ou agentes e pensadores do «processo de afirmação e ocaso» do MRAR (para usar algumas palavras da tese).

Que a presente publicação, da parte nuclear deste estudo da “saga do MRAR”, seja modo de afirmação e testemunho consolidado – porque analisado, ponderado e reflectido – do valor das acções, hoje com dimensão heróico-históricas,

realizadas no âmbito do que foi um original e corajoso movimento cultural e artístico no nosso país.

José Manuel Fernandes

*Professor Catedrático em História da Arquitetura
na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa*

Setembro de 2015

Introdução

«O inconveniente dos homens não conhecerem o passado
é que também não conhecem o presente.»

G. K. Chesterton (1933)

O trabalho que agora se apresenta tem como tema «O MRAR e os anos de ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século xx – A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960». O interesse por este Movimento teve o seu início durante os anos em que o autor trabalhou diretamente com o arquiteto João de Almeida – 2001 a 2008 –, que sabendo do interesse pessoal na temática da arquitetura religiosa foi partilhando ao longo dos anos pequenas histórias de viagens pela Europa Central e de um grupo de amigos e colegas que nas décadas de 1950 e 1960 lutaram em Portugal pela arte moderna nas igrejas. O fascínio pelos relatos escutados começou por levar a uma procura bibliográfica sobre o tema que rapidamente se confrontou com a escassez de escritos – limitados à dissertação de Octávio Carmo¹, aos artigos de José Carlos Pereira² ou a pequenas referências incluídas em textos mais vastos como os da autoria de Alberto Estima³, Ana Tostões⁴, Avelino Rodrigues⁵ ou José Manuel Fernandes⁶. Com o passar do tempo, concluiu-se que a

¹ CARMO, Octávio, *Movimento de Renovação da Arte Religiosa: o espírito de uma experiência inovadora* [Dissertação para exame final de Licenciatura em Teologia, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa], Lisboa (2002).

² PEREIRA, José Carlos, O Movimento de Renovação da Arte Religiosa – O complexo paroquial do Sagrado Coração de Jesus, *Revista Arte e Teoria*, n.º1 (2000), pp. 111-131; PEREIRA, José Carlos, O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e pastoral do seu boletim, in *Revista Lusitânia Sacra*, 2ª Série, Tomo XII, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa (2000), pp. 431-438.

³ ESTIMA, Alberto Jorge, *Arquitetura Religiosa em Portugal na Época Contemporânea: 1936-1996* [Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto], Porto (2005).

⁴ TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*, FAUP Edições (1997); TOSTÕES, Ana (coord.), *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Ed. Quimera (2004).

⁵ RODRIGUES, Avelino, O Seminário dos Olivais e a renovação da arte sacra em Portugal, *Por caminhos não andados: Seminário dos Olivais 1945/68*, Multinova (2007), pp.153-168.

⁶ FERNANDES, José Manuel, *Arquitetura Religiosa, A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, Universidade Católica Editora, Lisboa (2000), pp. 11-41.

informação conhecida do Movimento e apresentada nos referidos trabalhos não só era bastante reduzida comparativamente à ação e alcance do MRAR que se ia escutando nos relatos de João de Almeida, como não era de modo algum suficiente para conhecer a fundo e entender o percurso e a importância do Movimento.

Neste contexto, motivado por alguns arquitetos e teólogos, bem como pela vontade de (dar a) conhecer este pedaço da nossa história ainda recente – que ainda era possível recuperar com testemunhos na primeira pessoa de alguns membros do MRAR –, procurou-se contribuir para um conhecimento mais profundo deste Movimento responsável pelos anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século xx, primeiro de tudo pelo modo de abordar o tema, baseado num profundo e sistemático estudo, debate, reflexão e partilha realizados entre diferentes grupos profissionais juntamente com padres e seminaristas, mas também por ter dado origem a uma «família» de obras construídas com uma qualidade e erudição que depois teve equivalente apenas em algumas obras isoladas, mas não noutros conjuntos no tempo ou no espaço.

Perante a escassez de material bibliográfico disponível, o trabalho seguiu uma metodologia que deu prioridade ao contacto direto com os membros vivos do MRAR e à recolha dos testemunhos de arquitetos e demais participantes do Movimento, o que permitiu não só enriquecer as bases transmitidas por João de Almeida, mas levou também à descoberta de material inédito na posse dos mesmos, bem como à reunião de pistas e locais novos para a investigação que levaram ao levantamento de muita informação direta ou indiretamente relacionada com o MRAR.

No que respeita a entrevistas realizadas foram então contactados uma ou mais vezes os arquitetos Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, Diogo Pimentel, António Freitas Leal, Nuno Portas, Luiz Cunha, Erich Corsépius, Jorge Viana, Pedro Ferreira Pinto, Elisabeth Évora Nunes, António Flores Ribeiro, Pedro Vieira de Almeida, Fernando Abrunhosa de Brito e Glauco Gresleri, os artistas Madalena Cabral, Manuel Cargaleiro, Eduardo Nery, João Oom, Maria Luísa Marinho Leite, Rafaela Zúquete e Emília Nadal, os músicos Francisco Rodrigues e Francisco d'Orey, o ourives Manuel Alcino e os padres Avelino Rodrigues, João Cabral, Henrique Noronha Galvão, Fernando Micael Pereira, Frei Bento Domingues, D. Manuel Falcão e D. Albino Cleto. Em anexo são apresentados excertos de vinte destes depoimentos que se optou pela sua não reprodução integral, fundamentalmente por conterem vários assuntos paralelos, tendo-se, portanto, limitado o material aqui revelado ao especificamente relacionado com o MRAR.

Quanto à investigação realizada em arquivos, foi consultado prioritariamente o espólio pessoal de Nuno Teotónio Pereira dedicado ao MRAR e por ele entregue à Fundação Calouste Gulbenkian, que apesar de conter a maior reunião então conhecida de documentação do Movimento, não abarcava grande parte da sua história. Procuraram-se por isso, paralela e complementarmente, outras informações – a maior parte das vezes pequenos apontamentos ou notícias – dispersas pelas mais variadas fontes e locais – arquivos pessoais, bibliotecas, periódicos, arquivos paroquiais e municipais –, de modo a conseguir reconstituir os passos do Movimento ao longo de duas décadas bastante diversificadas, como se de um *puzzle* se tratasse. Visitaram-se deste modo as bibliotecas ou arquivos da Ordem dos Arquitetos, FAUTL, RTP, Hemeroteca Municipal, Biblioteca Nacional e Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, bem como foram consultados os arquivos profissionais de Nuno Teotónio Pereira, Diogo Lino Pimentel, Luiz Cunha, Erich Corsépius e António Freitas Leal. Nas arrecadações do ateliê deste último foi feita a descoberta mais significativa de toda a investigação realizada: o próprio arquivo do MRAR, composto por várias caixas e dossiês com numerosa documentação, registos, imagens, notícias, catálogos, correspondência, etc.⁷ Esta descoberta inesperada obrigou então a um prolongamento da fase de estudo que se estava a encerrar, pois dado o estado não tratado da informação foi necessário despender na organização do arquivo um tempo significativo não previsto inicialmente. Este tempo revelou-se, no entanto, perfeitamente justificado pela quantidade e qualidade do material resgatado, que trouxe dados novos à investigação que permitiram completar de um modo único todo o material recolhido até então e garantir com grande segurança e rigor a reconstrução da vida do Movimento.

Uma vez conhecida a atividade, organização e intenções do Movimento, considerou-se fundamental confrontá-las com a realidade construída de modo a avaliar da sua relevância concreta na arquitetura religiosa. Realizou-se então um levantamento das igrejas contemporâneas do MRAR que incluiu visitas de estudo a todas as obras diretamente relacionadas com o Movimento, bem como à recolha de informações mais detalhadas existentes em artigos e textos diversos, mas principalmente nas Memórias Descritivas e Justificativas dos projetos, que muito ajudaram a explicitar a argumentação do MRAR e o seu modo de pensar uma igreja, mas também a evolução por este efetuada ao longo do tempo

⁷ Por decisão tomada com o arquiteto Diogo Lino Pimentel, toda esta documentação foi entregue na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, onde pode ser consultada.

e que ficou claramente registada nas palavras e expressões utilizadas⁸. De igual modo, também o levantamento dos livros e revistas que os membros do MRAR consultaram na época permitiu chegar às suas fontes de informação e entender melhor as bases do seu pensamento.

Entre as obras visitadas incluem-se as igrejas de N. Sra. de Fátima, Águas, Penamacor; Santo António, Moscavide; N. Sra. de Fátima, Figueira, Vila do Bispo; S. Simão, Barco, Fundão; N. Sra. da Piedade, Vidais; São Mamede, Negrelos, Santo Tirso; Seminário Dominicano do Olival, Aldeia Nova, Ourém; N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro; N. Sra. do Rosário, Fátima; Sagrado Coração de Jesus, Lisboa; S. Jorge de Arroios, Lisboa; Santiago, Almada; Sagrada Família, Paço de Arcos; N. Sra. da Conceição, Queluz; Sagrado Coração de Jesus, Porto; Sagrada Família, Albarraque; S. Lázaro, Braga; Santa Joana Princesa, Aveiro; Convento das Franciscanas de Calais, Gondomar; Santo Isidro, Pegões; N. Sra. de Fátima, Póvoa de Santa Iria; N. Sra. dos Remédios, Bairro da Sacor; Bobadela; N. Sra. da Conceição, Rio Maior.

Importa também referir a importante viagem de estudo efetuada a França e Suíça, que permitiu reproduzir parcialmente os passos dados por João de Almeida entre 1949 e 1952. O objetivo da viagem foi o de conhecer as principais obras que mais diretamente influenciaram os arquitetos do MRAR e que se encontravam dentro do material trazido daqueles países por João de Almeida, material esse que veio a informar e entusiasmar o jovem grupo, levando-o à realização da «Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea» em 1953 e, conseqüentemente, à formação do MRAR. Esta viagem centrou-se na visita às principais obras devidas aos dominicanos Couturier e Régamey, diretores da revista *L'Art Sacré* que orientaram João de Almeida durante um ano em Paris - igrejas de Assy e de Audincourt, capela de Ronchamp e convento de La Tourette -, e as várias obras dos suíços Fritz Metzger, Ernst Gisel, Karl Moser e Hermann Baur, com particular ênfase para as igrejas deste último por ter sido no seu ateliê que estagiou João de Almeida no começo dos anos de 1950.

A presente publicação encontra-se organizada em dois capítulos, o primeiro intitulado «MRAR: história» e compreende o relato exaustivo da vida do Movimento desde os anos imediatamente anteriores à sua fundação até ao seu ocaso. É um percurso dividido em três momentos – «A caminho do

⁸ Palavras como templo e santuário ou expressões como Casa de Deus foram sendo substituídas por outras que se consideravam mais corretas do ponto de vista litúrgico, teológico e eclesiológico.

MRAR», «Primeiros anos» e «Segundo ciclo» – cuja narração foi enriquecida pela referência dos aspetos mais significativos de reuniões, assembleias gerais, encontros, exposições, debates, conferências, entrevistas, comentários e críticas, possibilitando-se deste modo um crescente aprofundar da vida do Movimento, quer a nível das temáticas que o preocuparam quer das suas relações e influências, das suas práticas e do seu modo de funcionamento. De forma a tornar mais próximo e compreensível o percurso histórico de um movimento como o MRAR, que foi causa e consequência de fatores diversos e perante o olhar histórico que caracteriza esta investigação, considerou-se que a abordagem no estilo narrativo seria a mais adequada para apresentar com fidelidade o Movimento. Os acontecimentos estão deste modo apresentados e articulados segundo uma ordem cronológica, recorrendo-se frequentemente à citação de comentários, pensamentos e ideias expressas então, como forma de garantir a riqueza do discurso original e de lhe garantir uma genuidade que poderia ser falseada no recurso a palavras nossas.

O segundo capítulo aborda a relação do MRAR com a arquitetura religiosa, recorrendo aos edifícios que naquele tempo foram projetados pelos membros do Movimento, porque foi nesta «família» de igrejas que se testou e materializou o pensamento arquitetónico e litúrgico do MRAR. Primeiramente procede-se à análise da proposta do MRAR em termos de arquitetura e liturgia, onde se constata, por um lado, que este conheceu diferentes momentos dentro da própria vida do Movimento, e, por outro, que foi um pensamento muito relacionado com uma época histórica. Isto mesmo se torna claro quando se atende à sua permanência no tempo, em que depois de ter influenciado a década de 1960 a ponto de ter conseguido alterar mentalidades, foi ultrapassado pelos acontecimentos e pelo mundo novo que rompeu depois do Concílio Vaticano II. Os pontos «Relevância» e «Permanência» que encerram o capítulo abordam precisamente estas questões e antecedem a conclusão do presente trabalho.

A fechar a obra apresenta-se um anexo dedicado aos sócios do MRAR, que inclui os vinte depoimentos atrás mencionados, um comparativo entre as listas de sócios efetivos, auxiliares e estudantes em 1956 e 1965, uma listagem com a composição dos diversos corpos gerentes do Movimento, as biografias de dez arquitetos que tiveram um papel nuclear na formação e/ou desenvolvimento do MRAR - onde se destaca a sua intervenção no Movimento e os seus projetos de arquitetura religiosa -, bem como de outros vinte sócios mais interventivos na vida do MRAR. Refira-se ainda o corpo de imagens que ilustra esta obra, composta por numerosas fotografias inéditas encontradas no arquivo do

MRAR, que permitem recordar diversas iniciativas e os respetivos ambientes propostos pelo Movimento.

Esperamos que este trabalho possa agora ser seguido por outros, pois muito ainda fica por dizer deste Movimento único e fundamental no passado, presente e futuro da arte e arquitetura religiosa em Portugal.

Capítulo I

MRAR: história

1. Percurso

1.1. A caminho do MRAR [1947-1953]

Nuno Teotónio Pereira [1947-1951]

6 de janeiro de 1947. Na primeira página do sexagésimo sexto número do jornal *Ala*, publicado pela Juventude Universitária Católica (JUC), apresentou-se destacado o artigo «A igreja e a arte sacra», do beneditino D. Claude-Jean Nesmy, acompanhado de uma imagem do «Estudo para a Crucificação», do pintor Albert Gleizes, de 1935. Na apresentação do texto – tradução quase integral do artigo publicado no n.º 93 do semanário francês *Arts* –, desejava-se que este depoimento, classificado como magistral, «contribua para o esclarecimento do grave problema que aborda, principalmente num meio como o nosso, tantas vezes infelizmente de espírito estreito e pouco aberto a todas as ideias novas e grandes»¹. Considerando D. Nesmy que a Renascença eliminara grande parte da tradição cristã herdada da Idade Média, substituindo os grandes frescos românicos por quadros de cavalete que já não tinham lugar nas igrejas mas nos museus, constatou, sem surpresa, que perante o beco sem saída em que se encontrava a arte², todos os grandes pintores – Picasso à cabeça – derrubaram os dogmas existentes, sem, contudo, terem proposto algo de novo válido³. Apresentou, no entanto, como exceção, a arte cubista de Albert Gleizes (1881-1953), que «longe de ser abstracta, como pode parecer a alguém pouco informado»⁴, possui uma base objetiva, fundada na natureza do real e sobre as leis naturais da arte, que o fazia acreditar no possível e necessário (re)aparecimento de uma

¹ NESMY, D. Claude-Jean, A Igreja e a Arte Sacra, *Ala*, Ano V, n.º 66 (6.jan.1947), pp. 1-2.

² «Faça-se um catálogo das obras supostas cristãs: somente aí é religiosa a anedota, mas na expressão apenas vejo o profano», NESMY, D. Claude-Jean, A Igreja..., p. 1.

³ Em 1967, a revista *L'Art Sacré* dedicará o número 11-12 de julho-agosto a Picasso (1881-1973) e ao escultor Henri Laurens (1885-1954), intitulada «*Détruire pour recréer*»...

⁴ NESMY, D. Claude-Jean, A Igreja..., p. 1.

arte que acolhesse, sem mutilações, a mensagem cristã. Reconhecendo que o clero não compreendia ainda esta arte moderna, não desesperou – *«os padres não poderão deixar de se aperceber, por fim, onde se encontra a civilização defensora da sua revelação. A nós pertence-nos apressar a vinda desta «nova Idade Média»»*⁵.

Estas palavras ecoaram profundamente no espírito militante do jovem estudante de arquitectura Nuno Teotónio Pereira, que movido pelo *«entusiasmo provocado pela leitura do corajoso e oportuno artigo»*⁶, escreveu um longo texto dedicado à grave situação da arquitectura religiosa contemporânea em Portugal⁷, publicado no número seguinte do mesmo jornal. Numa antecipação das teses que seriam apresentadas no 1.º Congresso Nacional de Arquitectura⁸, N. Teotónio Pereira proclamou a renovação urgente da arquitectura portuguesa, pois *«desde o Pombalino, o último estilo autêntico que floresceu em Portugal, a história da nossa Arquitectura resume-se num triste cortejo de fachadas»*⁹ neoclássicas, neo-manuelinas, neoárabes e arte nova, promovidas pelo culto da forma vazia, do artificialismo e da dissimulação. Constatou que o estilo moderno que lhes sucedeu, *«único com alguma coisa de autêntico, ficou prejudicado por conter ainda – e quase sempre em alto grau – o vírus mortal da moda. [...] Por isso, e como merecia, não logrou impor-se»*¹⁰. Assim justificou o paradoxal aparecimento do *«princípio, defendido actualmente, de que devemos praticar uma Arquitectura nacional baseada no mostuário histórico dos monumentos e no figurino pitoresco das casas rurais»*¹¹, que deu à arquitectura civil *«um carácter predominantemente neo-setecentista (onde estão as cadeirinhas, e os chapéus de plumas, e as naus da Índia?)»*¹² e à religiosa alçados neoromânicos.

Para N. Teotónio Pereira esta realidade era significativamente mais gravosa na arquitectura religiosa, por ter *«especialíssimas exigências de verdade, harmonia*

⁵ NESMY, D. Claude-Jean, *A Igreja...*, p. 2.

⁶ PEREIRA, N. Teotónio, *A Arquitectura Cristã Contemporânea, Ala, Ano V, n.º 67 (31. jan.1947)*, p. 2.

⁷ *«É preciso falar abertamente: neste campo, a situação presente do nosso País oferece um panorama bem triste. A Arquitectura religiosa sofre do mesmo terrível mal que a Arquitectura civil: falta de autenticidade»*, PEREIRA, N. Teotónio, *A Arquitectura Cristã...*, p. 2.

⁸ Promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, entre 28 de maio e 4 de junho de 1948, no Instituto Superior Técnico, em Lisboa.

⁹ PEREIRA, N. Teotónio, *A Arquitectura Cristã...*, p. 2.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*. Este estilo de argumentação será repetido alguns anos depois pelo arquiteto João Correia Rebelo, no artigo *«Arquitectura ou Mascarada?»* (*Correio das Ilhas*, 10.ago.1953, p. 1), reproduzido pelo autor, em dezembro do mesmo ano, no manifesto *Não*.

e dignidade»¹³. Lembrou que a igreja era morada do próprio Cristo, o que fazia com que a prática e aceitação da mentira construtiva no edifício capital da arquitetura cristã fosse uma trágica contradição, que deveria ser condenada por todos os cristãos. Não se limitando à análise e crítica do panorama geral, defendeu que se começasse a abrir «o caminho do futuro, preparando terreno para o advento triunfante do novo estilo, reflexo da sociedade maquinista reconstruída em bases cristãs»¹⁴, com uma única preocupação em mente: a resposta às premissas funcionais e construtivas. N. Teotónio Pereira não tinha dúvidas¹⁵: era tempo de Portugal dar lugar ao espírito novo que se revelara já nas nações em que era possível encontrar uma arquitetura verdadeiramente contemporânea, solidamente alicerçada e autenticamente nacional. Como passo indispensável aos arquitetos portugueses para caminharem rumo ao estilo novo apontou o contacto com o movimento de renovação que se encontrava em marcha nesses países. Passo que seria dado pelo jovem estudante de arquitetura João de Almeida, em 1949.

Depois do artigo e apesar de inalterado o panorama da arquitetura religiosa nacional, a voz crítica de N. Teotónio Pereira permaneceu em silêncio durante quatro anos. Até ao momento em que conheceu o projeto da futura igreja de S. João de Brito para o bairro de Alvalade¹⁶, em Lisboa, da autoria do arquiteto Vasco Regaleira. A 6 de julho de 1951 o processo de licenciamento da igreja deu entrada na Câmara Municipal de Lisboa¹⁷. Na memória descritiva o autor afirmava que «na elaboração do projecto procuramos delinear um conjunto que arquitectonicamente se harmonizasse com o Padroeiro da igreja e que simultaneamente se integrasse, tanto quanto possível, no ambiente local, pelo que procuramos unicamente imprimir ao conjunto uma forte expressão religiosa e nacional, não nos inspirando porém, como se verifica, em nenhuma das épocas do passado»¹⁸. Mas

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ PEREIRA, N. Teotónio, *A Arquitectura Cristã...*, p. 4.

¹⁵ «As necessidades novas existem bem vindas. Os materiais e técnicas recentes estão a postos. O espírito da época começa a desenhar-se. A hora da reconstrução está chegada. Só falta livrarmo-nos de preconceitos», PEREIRA, N. Teotónio, *A Arquitectura Cristã...*, p. 2.

¹⁶ N. Teotónio Pereira habitava no bairro e tinha colaborado com o Arq. Miguel Jacobetty na sua construção entre 1947 e 1948, enquanto tirocinante na Câmara Municipal de Lisboa.

¹⁷ O processo n.º 27846/51 foi deferido a 17 de julho por António do Couto Martins, da 3.ª Repartição de Arquitetura. Daqui transitou para a 1.ª Repartição da Direção dos Serviços de Urbanização e Obras (Urbanização e Expropriações), onde, a 25 de julho, foi posta em causa a volumetria da igreja, pelo Eng. Tomaz da Costa França.

¹⁸ REGALEIRA, Vasco, *Memória descritiva do projecto da igreja de S. João de Brito a construir no sítio de Alvalade na cidade de Lisboa (1951)*, p. 2.

o que se verificava nesta proposta para o cimo da Avenida da Igreja, um dos principais arruamentos deste bairro de arquitetura sobriamente moderna, era um monumental edifício de expressão medieval, com planta tradicional em forma de cruz latina, fachada composta por uma imponente torre quadrangular facetada com quatro pequenas torres octogonais em cada um dos vértices e pórtico principal dominado pelo baixo-relevo com mais de cinco metros de altura representando S. João de Brito, segundo uma gravura de 1697 de H. Cause.

N. Teotónio Pereira, indignado, começou a mobilizar os seus colegas para que se organizasse uma contestação à igreja baseada em artigos nos principais jornais diários – *Diário da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *Diário de Lisboa* e o católico *Novidades*. Antes de concretizarem os seus propósitos foram recebidos pelo Cardeal-Patriarca no dia 21 de julho. O grupo composto por Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, António de Freitas Leal, João Correia Rebelo, José Pedro Martins Barata, Henrique Albino e João Braula Reis foi apresentado pelo P. António dos Reis Rodrigues, assistente eclesiástico da JUC, e contava fazer uma exposição das suas razões. No entanto, o Cardeal tomou de imediato a palavra e usou-a por inteiro durante os 15 minutos da audiência. Durante este tempo, acentuou a necessidade de se respeitar a tradição e recomendou-lhes que tivessem cuidado com a novidade, sem deixar de buscar a originalidade, atitude consequente do artista que trabalha com sinceridade. Saíram de braços caídos. Pior se sentiram quando, poucas semanas depois, ouviram o Cardeal elogiar o arquiteto Vasco Regaleira e a sua obra na homilia da missa de dedicação da nova igreja do Santo Condestável, em Campo de Ourique, em Lisboa – «A Comissão encontrou o Artista que soube dar corpo ao sonho»¹⁹.

O jornal *Novidades*, em artigo do seu suplemento Artes e Letras, associou-se aos elogios deste «fervoroso católico, que humildemente vem servindo a vontade de Deus. O valor da obra está ali bem patenteado à vista de toda a gente. Só a sensibilidade ligada a um poder interior de formação religiosa dum artista, como é de facto Vasco Regaleira, podia dar-nos a espiritualidade dum templo como o do Santo Condestável, onde um perfeito conjunto de simetria, euritmia, ornamentação e contraste e onde a verdade do Evangelho se erguem como um hino de luz à vida»²⁰. Parecia ser facto consumado – o bairro de Alvalade teria uma igreja anacróni-

¹⁹ Em imponente cortejo religioso e militar, as relíquias de S. Frei Nuno foram ontem solenemente trasladadas para a igreja-monumento que Portugal ergueu ao seu herói maior, *Novidades* (15. ago.1951), p. 3.

²⁰ OLIVEIRA, A. Lopes de, O sentido arquitectural português na obra de Vasco Regaleira, *Novidades – Letras e Artes* (19.ago.1951), p. 3.

ca – e a 26 de agosto caso definitivamente encerrado. Nesse domingo, o jornal *Novidades* publicou, na sua primeira página, um desenho da fachada do edifício juntamente com uma entrevista intitulada «O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – Ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira», em que o projetista repete, a propósito do estilo proposto, que «em boa verdade, não tem um estilo definido. Era preciso harmonizar o antigo e o moderno e, além disso, ter em conta a época de S. João de Brito. No entanto, penso ter conseguido uma composição de forte expressão espiritual, num traçado que se integra no espírito moderno do bairro»²¹. Esta leitura reacendeu, no jovem N. Teotónio Pereira, o espírito crítico, inconformista e defensor da verdade, levando-o à elaboração de um abaixo-assinado contra a falta de autenticidade daquele projeto.

«Somos habitantes de Alvalade e futuros paroquianos da Paróquia de S. João de Brito. [...] Todos nós reconhecemos que a arquitectura da nova igreja de S. João de Brito, pelo seu aspecto, se não coaduna nem com os tempos que correm nem com o ambiente geral do Bairro de Alvalade. [...] Parece-nos que, a manter-se a estrutura projectada, a mesma ficará como um corpo sem alma. [...] Nestas condições, os abaixo assinados vêm respetosamente pedir a V. Eminência se digne ordenar que o projecto da Igreja de S. João de Brito seja modificado de forma a que o novo edifício religioso tenha a beleza, a espiritualidade, a clareza de linhas, a dignidade e a elevação que exigem as construções desta natureza.»

Reuniu 85 assinaturas, começando pela do professor António Gonçalves Mattoso, pai de José Mattoso e primeiro diretor da Escola Técnica Elementar de Eugénio dos Santos, em Alvalade. Outros subscritores foram os arquitetos Manuel Ramos da Costa Martins e Raul Chorão Ramalho, os estudantes do curso de arquitetura Rui Mendes Paula, Maria de Jesus Lopes Pancada, Fernando Costa Belém e Manuel Martins Garrido e o pintor Henrique Mingaches. Muitos outros profissionais – médicos, advogados, engenheiros, funcionários públicos, etc. – assinaram o documento, incluindo o agente da PIDE José Francisco Jorge. Do abaixo-assinado fez duas cópias e uma entregou ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o tenente-coronel Álvaro de Salvação Barreto, e a segunda ao Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel G. Cerejeira. Nunca recebeu uma resposta escrita, mas percebeu mais tarde que tinha valido

²¹ O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – Ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira, *Novidades – Letras e Artes* (26.ago.1951), p. 4.

a pena lutar até ao fim pelas suas convicções. Vasco Regaleira alterara significativamente o seu projeto...²²

João de Almeida [1949-1952]

Criado no seio de uma família que cultivava o gosto pela expressão cultural e artística²³, foi com naturalidade que João de Almeida decidiu, em 1945, frequentar o curso de Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde esteve durante um ano e meio, até passar para o ramo de Arquitetura, que lhe despertava um maior interesse. Durante esses anos entrou em contato com a JUC, muito ativa então naquela escola, e mais particularmente com o seu assistente eclesiástico, o P. António dos Reis Rodrigues, cuja personalidade dinâmica e elevada intelectualidade cativaram João de Almeida, levando-o a juntar-se ativamente àquela associação cristã, onde militavam alguns dos futuros fundadores do MRAR. Em 1949, João de Almeida decidiu enveredar por uma vida espiritual mais profunda. Abandonou o curso de Arquitetura e dirigiu-se ao Seminário dos Olivais, para comunicar ao Cardeal-Patriarca D. Manuel G. Cerejeira que desejava ser padre. Este recebeu-o com agrado, mas disse-lhe que antes deveria ir a França fazer uma formação em Arte Sacra. O local escolhido foi a sede da prestigiada revista *L'Art Sacré*²⁴, dirigida pelos padres dominicanos Marie-Alain Couturier e Pie-Raymond Régamey (FIG. 1). Chegado a Paris, pediu-lhes para o orientarem numa aprendizagem extra-académica, que começou por um primeiro estágio num ateliê de arquitetura, onde permaneceu apenas um mês por não se reconhecer no ambiente de trabalho pouco pessoal. Fez, então, uma tentativa para ingressar no gabinete do conhecido arquiteto

²² No dia 27 de outubro de 1952, uma informação interna da 4.ª Repartição da Direção dos Serviços de Urbanização e Obras (Edificações Urbanas), da Câmara Municipal de Lisboa, dava conta de que iria dar entrada, naqueles serviços, um projeto de remodelação, o que apenas aconteceu no ano seguinte, a 19 de agosto. Na Memória Descritiva e Justificativa, o Arq. Vasco Regaleira relatou que «em cumprimento de determinações do Patriarcado de Lisboa, houve que introduzir alterações sensíveis no projecto inicialmente concebido, alterações essas que se fundamentaram quase exclusivamente no elevado custo que a obra atingia».

²³ Seu pai, Gustavo de Medeiros e Almeida, médico de profissão, era um talentoso pintor, e seu tio, António Medeiros e Almeida (1895-1986) foi um dos maiores colecionadores de arte em Portugal no século xx.

²⁴ Em novembro-dezembro de 1950, a revista publicará no n.º 3-4 desse ano, intitulado «*Allemagne 1950*», uma das fotografias de João de Almeida, que apresentava uma vista exterior da igreja de São Miguel, em Basileia (Hermann Baur, 1949).

Auguste Perret²⁵, mas sem sucesso. Foi assim que, orientado por Régamey, passou o resto do ano letivo a estudar arte nas bibliotecas e museus de Paris, dedicando-se particularmente à pintura dos séculos XIX e XX.

Corria já o ano de 1950 quando Régamey lhe propôs que fosse para a Suíça alemã, região em que a renovação da arquitetura religiosa acontecia com grande intensidade e onde se encontravam em construção numerosas igrejas católicas e protestantes. A primeira escolha recaiu no ateliê do arquiteto Hermann Baur²⁶, em Basileia, que o acolheu calorosamente, dando origem a uma longa relação de amizade entre ambos (FIGS. 2 e 3). Ali ficou João de Almeida durante dois anos. O seu primeiro trabalho foi estudar o interior da igreja de Allerheiligen (Todos os Santos) (1948-51), em Basileia, para o que teve de executar uma maquete de grandes dimensões com elevado pormenor. O conhecimento íntimo desta obra veio a refletir-se intensamente, alguns anos mais tarde, na igreja que projetará para Moscavide. Entretanto, e como João de Almeida se deslocava quinzenalmente a Paris, Hermann Baur pediu-lhe que, numa das visitas, contactasse o pintor Alfred Manessier²⁷ para que este concebesse um vitral para a igreja, o que veio a acontecer. Outros renomados artistas intervieram em Allerheiligen, como Hans Arp²⁸, que desenhou a pia batismal, e Ferdinand Gehr²⁹, autor da pintura do teto do batistério. Estes

²⁵ Auguste Perret (1874-1954), arquiteto francês, famoso pelo projeto da igreja de Notre-Dame de Raincy (1923), primeira igreja construída inteiramente em betão armado, e com uma extensa superfície envidraçada da autoria de Maurice Denis, que lhe valeu o título de «*Saint Chapelle de beton armé*» (cf. CUNHA, Luiz, *Arquitetura Religiosa Moderna*, 1.ª Edição, Imprensa Portuguesa, Porto, 1957, p. 25). Foi também autor das igrejas de Saint-Thérèse de Montmagny (1925) e de Saint-Joseph du Havre (1957).

²⁶ Hermann Baur (1894-1980), arquiteto suíço, com uma vasta obra pública que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da cidade de Basileia no segundo e terceiro quartéis do século XX. Foi presidente da Federação dos Arquitetos Suíços, entre 1938 e 1944, e membro fundador da revista *Das Werk*, de que foi presidente da comissão de redação entre 1948 e 1958. É também reconhecido pela influência que teve na renovação da arquitetura religiosa católica, tendo sido autor de mais de 25 projetos para igrejas na Suíça, Alemanha e França.

²⁷ Alfred Manessier (1911-1993), pintor francês, que dedicou grande parte da sua vida à pintura não figurativa. Convertido ao cristianismo em 1943, depois de uma estadia no mosteiro trapista de Soligny, desenhou em 1948, por intermédio do P. Couturier op, o primeiro vitral não figurativo a ser colocado numa igreja (Saint-Agathe des Bréseux, França). Realizou uma vasta obra em igrejas na Alemanha, Suíça e França, onde se contam mais de 200 vitrais.

²⁸ Hans Arp (ou Jean Arp) (1886-1966), pintor, escultor e poeta franco-alemão. Fundou o Dadaísmo (Zurique, 1916), mas nunca deixou de participar em exposições do Movimento Surrealista.

²⁹ Ferdinand Gehr (1896-1996), pintor suíço, que se dedicou maioritariamente à pintura de temática religiosa, tendo desenvolvido uma linguagem figurativa muito pessoal, extremamente simples e depurada. As suas pinturas de grandes superfícies murais a fresco ou diretamente sobre

últimos eram frequentadores habituais da casa de Hermann Baur, ponto de encontro de artistas e intelectuais, como Albert Schilling, Maria Helena Vieira da Silva, Arpaz Szènes ou Hans-Urs von Balthasar e é nesse ambiente que João de Almeida teve a oportunidade de conhecer estas e outras personalidades e com elas desenvolver uma relação de amizade, bastante profunda no caso de Ferdinand Gehr (FIG. 4). Para um jovem de vinte e poucos anos, «*vindo de um país naquela altura tão fechado ao exterior e culturalmente isolado, esses encontros foram marcantes*»³⁰. Tal como as viagens que realizou desde Basileia a várias cidades suíças e da Alemanha para visitar as obras dos principais arquitetos da renovação da arquitetura religiosa contemporânea – Hermann Baur, Fritz Metzger³¹, Ernst Gisel³², Rudolf Schwarz – que fotografou sistematicamente³³ (FIGS. 5, 6, 7 e 8). Quando regressou a Lisboa, no outono de 1952³⁴, os relatos que trouxe consigo bem como as inúmeras imagens que registou foram entusiasticamente recebidos pelos jovens estudantes e recém-diplomados do curso de arquitetura que se haviam reunido no ano anterior para contestar o projeto da igreja de S. João de Brito, desejosos que estavam de conhecer a moderna arquitetura religiosa do centro da Europa e os seus modelos no ambicionado estilo novo.

o betão com tinta mineral, tornam-no num caso único na pintura europeia do século xx. Em 2001, a Fundação Calouste Gulbenkian apresentou em Lisboa uma exposição retrospectiva da sua obra.

³⁰ ALMEIDA, João de, O Testemunho de uma Amizade, *Ferdinand Gehr, 1896-1996*, Edição do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e Kunstverein St. Gallen Kunstmuseum, Lisboa (2001), p. 15.

³¹ Fritz Metzger (1898-1973). Arquiteto suíço que dedicou grande parte da sua vida profissional ao projeto de edifícios religiosos, tendo desenhado mais de vinte igrejas católicas. Entre 1928 e 1968, foi autor de alguns dos projetos mais inovadores na sua época, como as igrejas de St. Karl, em Zurique (1934), de St. Franciskus, em Basileia (1949) e de St. Felix und Regula, também em Zurique (1950). Foi o organizador de uma exposição sobre arte cristã na Suíça, apresentada em 1954 no Kunsthaus, em Zurique.

³² Ernst Gisel (1922-). Arquiteto suíço, autor de vários projetos de igrejas protestantes, como em Effretikon, Zurique (1961), e Reinach, Basileia (1962).

³³ João de Almeida continuou, nas décadas seguintes, a frequentar a casa de Hermann Baur, fazendo-se acompanhar de vários membros do MRAR. Nuno Portas, Luiz Cunha, Diogo Lino Pimentel, Pedro Ferreira Pinto ainda hoje recordam com entusiasmo essas viagens guiadas por João de Almeida pela Suíça e Alemanha.

³⁴ Antes de regressar definitivamente a Lisboa, João de Almeida passou ainda dois meses em Trier, onde trabalhou num outro ateliê de arquitetura a convite do Dr. Johannes Wagner, diretor do Instituto Litúrgico daquela cidade e membro da Comissão Litúrgica que trabalhava na redação das «Diretivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana», promulgadas pela Conferência Episcopal de Fulda, em 1953.

Exposição de *Arquitectura Religiosa Contemporânea* [1953]

O pequeno grupo formado por Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, António Freitas Leal, João Correia Rebelo, José Maya Santos, Henrique Albino e João Braula Reis começou a encontrar-se regularmente, «*dominados por uma vontade de trabalho em comum para a elevação da arte sacra em Portugal*»³⁵. Convencidos que guardar silêncio do material que tinham em mãos «*seria atraiçoar a sua vocação de arquitectos e católicos*»³⁶, decidiram organizar uma exposição crítica³⁷, «*não com a pretensão de solucionar o problema da arquitectura religiosa dos nossos dias, mas de o equacionar, [...] e isso, fazem-no estruturados na observação e análise viva da Tradição – tantas vezes invocada, mas nada seguida, e muito menos respeitada*»³⁸. Para estes jovens jucistas ou afins, a reivindicação central era o reencontro da arquitetura com o seu processo histórico, para o que se deveria abandonar o caminho cenográfico percorrido nos últimos dois séculos. O problema era assim o de uma expressão plástica que não estava nem funcional nem construtivamente de acordo com os meios e necessidades do tempo, conforme expuseram em nove pontos no texto central do folheto da exposição³⁹, desenhado por João Correia Rebelo (FIG. 9). Olhavam para o que faziam como «*uma acção de esclarecimento*»⁴⁰, para a qual consideraram

³⁵ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 4 (set.1961), p. 1.

³⁶ PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea* (Folheto), Lisboa (abr.1953).

³⁷ Com a colaboração da secção da JUC da ESBAL e da União Noelista Portuguesa.

³⁸ PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Exposição de Arquitectura Religiosa...*

³⁹ «*Quando se verifica, na maior parte das igrejas mais recentes, ter sido esquecido o espírito do Evangelho; se pretende obter uma absurda conciliação do antigo com o moderno, amalgamando formas já sem sentido; se procura deliberadamente fazer moderno, aplicando formas extravagantes e arbitrarias, esquecendo que o carácter actual deve resultar espontaneamente da solução adequada dos problemas; – se ultrajam os estilos de outras épocas, copiando ou adulterando as suas formas e fazendo supor que a Igreja só pode viver agarrada ao passado; se aponta a ogiva como símbolo de religiosidade, quando ela não é mais do que uma forma peculiar a determinado processo de construção; se faz crer que o carácter religioso ou nacional pode ser dado por formas construtivas ou decorativas cujas causas já desapareceram; se utilizam os benefícios dos novos materiais e processos de construção, mas se ocultam sistematicamente as formas que lhes são próprias, à custa de ruinosos embustes construtivos; se manifesta um horror obcecado por toda a influência de novos países, esquecendo que os monumentos do passado foram possíveis devido à existência de correntes universais; se teima em esquecer a verdadeira tradição, renunciando a inserir a arquitectura nas realidades do nosso tempo; impõe-se uma acção de esclarecimento e uma revisão de conceitos, para que a arquitectura possa mostrar ao mundo de hoje a verdadeira face da Igreja de Cristo. Depende do público cristão que essa face continue a ser odiosamente desfigurada ou se revele enfim em toda a sua pureza», PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Exposição de Arquitectura Religiosa...**

⁴⁰ PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Exposição de Arquitectura Religiosa...*

necessário usar uma linguagem «*dura e contundente*»⁴¹, expressa de uma forma «*muito directa e viva, em termos que não são correntes entre nós*»⁴², «*por mera exigência da anemia ambiente*»⁴³.

A exposição, laboriosamente preparada, foi concebida como uma sequência didáctica de 48 painéis divididos por 8 capítulos, seguindo uma lógica argumentativa de defesa de uma tese⁴⁴. Escolheram criteriosamente as imagens, e os textos – curtos e incisivos – foram cuidadosamente elaborados, de modo a não deixar dúvidas nos leitores sobre a legitimidade da sua proposição. O capítulo inicial intitulou-se «*Algumas condições da arquitectura cristã*» e ocupava os seis primeiros painéis. Apresentava os fundamentos dos critérios utilizados através da citação de quatro bem-aventuranças, que introduziam outros tantos atributos basilares do espírito do Evangelho, a manifestar-se impreterivelmente na arte: Pureza, Verdade, Pobreza, Paz.

Seguiam-se-lhes os oito painéis do «*Documentário histórico*», que apresentavam exemplos dos estilos românico, gótico, manuelino, renascentista e barroco para demonstrar que os atributos mencionados se materializaram numa grande diversidade de formas, com grande liberdade, ao longo dos séculos. Neste capítulo encontrava-se a primeira das citações do Cardeal Cerejeira⁴⁵, nomeadamente no nono painel, onde surgia destacada a frase – «*Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo*»⁴⁶, escrita em 1938, a propósito da igreja de N. Sra. de Fátima, em Lisboa. Do mesmo texto do Patriarca retiraram a afirmação – «*Copiar cegamente formas artísticas doutras épocas será fazer obra de arqueologia artística, mas não é seguramente fazer obra viva de arte*»⁴⁷, para fazer a crítica do capítulo seguinte, «*O pastiche generalizado*». Constituído por apenas dois painéis onde se comparavam exemplos dos

⁴¹ PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Exposição de Arquitectura Religiosa...*

⁴² [MRAR], *Oito anos da vida do Movimento, MRAR – Boletim*, 2.^a Série, n.º 4 (set.1961), p. 1

⁴³ PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Exposição de Arquitectura Religiosa...*

⁴⁴ D. Gabriel de Sousa osb, abade de Singeverga, escreverá no jornal *Novidades – Letras e Artes*, de 3 de maio (p. 2), «*o que vimos na Galeria de S. Nicolau parece-nos menos Exposição do que Tese ilustrada de Arquitectura Religiosa. [...] Houve menos a preocupação do documento do que do argumento. Pretendeu-se menos informar para a erudição do que formar para a convicção: criar mentalidade*».

⁴⁵ Facto que incomodou profundamente o Cardeal quando visitou a exposição e que o levou a manifestar o seu desagrado por ter sido involuntariamente associado àquela manifestação crítica tão frontal. Graças à intervenção do P. António R. Rodrigues, a iniciativa daqueles jovens não ficou por ali...

⁴⁶ CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves [A igreja nova de Nossa Senhora de Fátima], *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, n.º 7 (nov.-dez.1938), p. 186.

⁴⁷ CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves [A igreja nova...], p. 186.

séculos XII, XIII e XVI com cópias servis feitas recentemente⁴⁸, pretendia mostrar como os dois últimos séculos confundiram tradição com imitação.

«A nova arquitectura» foi o título que escolheram para o quarto capítulo e apresentava as primeiras tentativas de renovação, que justificavam com as mudanças verificadas na sociedade, na técnica e na cultura. Como exemplos da moderna arquitetura civil apontaram, entre outros, a Villa Savoye, em Poissy, França (Le Corbusier, 1931), e o edifício Bauhaus, em Dessau, Alemanha (Walter Gropius, 1926)⁴⁹. Quanto à nova arquitetura religiosa, que apontam surgir na Europa Central e da qual destacam o seu recurso a novas formas e técnicas, bem como os seus espaços interiores mais participativos, exibem imagens das igrejas de Notre-Dame de Raincy, França (Auguste Perret, 1923), St. Fronleichnam, Aachen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1930) e St. Karl, Lucerna, Suíça (Fritz Metzger, 1934). As igrejas de N. Sra. de Fátima do Porto (Fortunato Cabral, Mário M. Soares e Cunha Leão, 1936) e Lisboa (Porfírio Pardal Monteiro, 1938) foram também incluídas neste conjunto de obras que desbravavam «o caminho para o florescimento duma arquitectura cristã autêntica», apesar dos «erros e imperfeições resultantes de uma assimilação superficial dos princípios da nova arquitectura», como referiam no vigésimo painel, o quarto e último do capítulo.

Avançava-se, então, para os oito painéis do quinto capítulo, que expunha o «Falso tradicionalismo» e mostrava como a modernidade foi interrompida e o passado adulterado, atropelando sem rodeios todos os princípios éticos da profissão. Palavras como falsificação, simulação e fingimento, juntamente com a frase – «Aquele que se veste com os despojos dos séculos passados é incapaz de sentir o que há de grande e de sublime na época a que pertence», de David d'Angers (1848), antecipavam os painéis dedicados à revelação das mentiras contidas na igreja do Santo Condestável. Ali denunciaram os seus falsos pilares, contrafortes, pilastras e mísulas de pedra, e acusaram, pela voz de Maurice Denis, que «toda a mentira é insuportável no Templo da Verdade». A fechar o capítulo apresentaram um extenso documentário de igrejas recém-construídas ou em construção, onde se contavam as de N. Sra. da Conceição, Caldas da Rainha (Vasco Regaleira, 1951), e de N. Sra. de Fátima, Parede (Guilherme Rebelo de

⁴⁸ Exemplos das igrejas de Arnoso (séc. XIII) e de Vidago (1945) ou das igrejas da Atalaia (séc. XVI) e do Entroncamento (1941).

⁴⁹ A primeira foi classificada como Monumento Histórico pelo Estado Francês em 1964, ainda em vida do seu autor, e o segundo como Património Mundial, pela UNESCO em 1996.

Andrade, 1953), sob o título – «*A pastiche aparece entre murmúrios de aprovação, mas acaba entre as gargalhadas do futuro*».

Igualmente considerado perigoso e destrutivo foi «o falso modernismo», tema do sexto capítulo, que ocupava seis dos 48 painéis. Aqui expuseram-se exemplos de obras caprichosas, caracterizadas por «*estilizações arbitrárias, inspirações duvidosas extrínsecas à obra, procura superficial do carácter sagrado*». Nessas condições estavam a já mencionada igreja de N. Sra. de Fátima do Porto, mas também as igrejas de S. Gabriel, Vendas Novas (Jorge Segurado, 1951)⁵⁰, N. Sra. do Carmo, Penha, Guimarães (José Marques da Silva, 1941), N. Sra. da Conceição, Porto (Dom Paul Bellot, 1947) e a Catedral de Lourenço Marques, Moçambique (Freitas e Costa, 1944). Para acompanhar as imagens e definir estas obras, escolheram algumas palavras de grande dureza, como mediocridade, extravagância, superficialidade e espírito de riqueza. Ainda dentro do falso modernismo, criticaram o recurso a formas como a ogiva, a parábola ou os fusos alongados para o céu, «*receitas de uma simbologia superficial*», que tentavam dar aos edifícios uma aparência espiritual ou mística. De igual modo, acusaram o exibicionismo da igreja de Sainte-Jeanne-d'Arc, Nice, França (Jacques Droz, 1933), e a falsa simplicidade das igrejas de St-Antonius, Seraing, Bélgica (Stan Leurs, 1930) e Sainte-Jeanne-d'Arc, Gennevilliers, França (Marcel Favier, 1933). Antes de entrarem no capítulo seguinte, dedicaram dois painéis às relações entre as técnicas modernas e o espaço litúrgico, apresentando o projeto da igreja de S. João de Deus, Lisboa (António Lino, 1953)⁵¹, onde se procedeu bem ao convergir o interior para o altar, «*mas logo se caiu em erro grave, quando se destruiu, sem justificação, a unidade da assembleia cristã*», pela sua divisão em três naves separadas física e visualmente. Porque «*afinal teria sido possível conciliar os dois princípios: unidade de espaço e convergência para o altar*», como comprovam através do exemplo da igreja de St. Franziskus, Riehen, Suíça (Fritz Metzger, 1950). Para tal bastaria que na igreja portuguesa se tivessem aplicado

⁵⁰ Sobre a igreja de S. Gabriel, em Vendas Novas, ver: Em Vendas Novas deve estar concluída em Outubro próximo a igreja de S. Gabriel, *Novidades* (2.ago.1951); Nas bodas de prata da Rádio Marconi, vai inaugurar-se a capela de S. Gabriel Arcanjo, *Novidades – Letras e Artes* (18. nov.1951); O Senhor Arcebispo de Évora consagrou ontem a capela de S. Gabriel, *Novidades* (17.dez.1951); Em Vendas Novas, sede da Estação Receptora da Companhia Rádio Marconi, as festas celebradas constituíram um acontecimento extraordinário para o povo daquela localidade, *O Cronista*; GALVÃO, Andreia, Jorge Segurado (1898-1990): o arquitecto, o seu tempo e a sua obra, *Jornal dos Arquitectos*, n.º 189 (mar.-abr.1999), pp. 42-46; FERNANDES, José Manuel, *Arquitectos Segurado*, INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2011), pp. 58-59.

⁵¹ A igreja de S. João de Deus fora dedicada pouco tempo antes, a 8 de março, pelo Cardeal-Patriarca D. Manuel G. Cerejeira, que, na ocasião, publicou uma Pastoral sobre Arte Sacra.

técnicas modernas, mas isso dar-lhe-ia uma expressão formal nova, só possível se banidos primeiro *«preconceitos e eclectismos estéreis e comprometedores»*.

O sétimo e penúltimo capítulo apresentou-se pequeno, como uma nota de rodapé, para demonstrar que a boa arte moderna tinha lugar no interior das igrejas. Com apenas dois painéis, intitulou-se «Duas experiências», que retratavam duas obras associadas ao padre dominicano Marie-Alain Couturier – a igreja de Notre-Dame de Toute Grâce, Plateau d'Assy, França (Maurice Novarina, 1950)⁵² e a capela do Rosário, Vence, França (Henri Matisse, 1951). Relativamente à segunda, e apesar das reservas como obra de arquitetura por ter sido concebida por um pintor, consideravam-na como *«uma das obras notáveis do nosso tempo»*⁵³. Chegava-se, assim, ao capítulo final e aos últimos oito painéis, capitais na exposição por revelarem os modelos de arquitetura religiosa que admiravam e os poucos exemplos surgidos em Portugal. No painel inicial começava-se por recordar que *«hoje, como ontem, a igreja tem de ser concebida em espírito de pureza, verdade, pobreza, paz»*, para que possua a nobreza, dignidade e beleza *«não como coisa adventícia, artificial, acessória (logo falsa); antes como uma espécie de esplendor íntimo, espontâneo, ia a dizer ontológico, que nasce da verdade, harmonia e justiça de todos e de cada um dos elementos»*⁵⁴, como definira o Cardeal-Patriarca na sua ainda recente *Pastoral sobre Arte Sacra*. Passavam, então, a apresentar algumas imagens e projetos de obras francesas e alemãs, como a capela de St. Albert, Kreuzau-Leversbach (Rudolf Schwarz, 1932) e a igreja de St. Elisabeth, Opladen (Emil Steffann, 1957), da qual realçaram a planta, cuja *«assembleia envolvendo o espaço do altar exprime bem as novas realidades litúrgicas»*. Surgia aqui a única citação do P. Couturier em toda a exposição – *«A glória de Deus não consiste na riqueza e na enormidade, mas na perfeição de uma obra pura. Se as nossas igrejas fossem assim, poderiam recomençar a ensinar ao mundo que muito pouco chega para o essencial»*, e estas igrejas davam testemunho disso.

Porém, para os jovens organizadores, era na Suíça alemã que se encontrava a arquitetura religiosa mais madura, consciente dos seus princípios e dos seus meios, e concebida com o rigor da disciplina que *«poderá salvar a arquitetura [...] [da] traição dos próprios cristãos ao espírito do Evangelho»*. A obra do

⁵² Com obras de Marc Chagall, Georges Rouault, Henri Matisse, Fernand Léger, Jean Bazaine, Pierre Bonnard, Jean Lurçat, Ladislav Kijno, Claude Mary, Jacques Lipchitz e Germaine Richier, entre outros. A igreja de Notre-Dame de Toute Grâce foi classificada em 2004, pelo Estado Francês, como Monumento Histórico.

⁵³ *«Pela admirável qualidade do desenho e da pintura, pela harmonia da luz e da cor.»*

⁵⁴ CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, *Pastoral sobre Arte Sacra* (mar.1953), p. 2.

arquiteto Hermann Baur surgia, assim, como referência maior, sendo expostas com grande relevo as igrejas de St. Johannes, Döttingen (1945, 1.ª versão, não construída), St. Peter und Paul, Stüsslingen (1949), St. Michaels, Basileia (1950) e Allerheiligen (Todos os Santos), Basileia (1951). A terminar a representação suíça encontrava-se a igreja de St. Felix und Regula, Zurique (Fritz Metzger, 1951). Atingia-se, então, o painel 45, onde o grupo manifestava o seu desejo de que fosse reatado o caminho da renovação da arquitetura religiosa interrompido anos atrás em Portugal, mas desta vez reflectindo «*um sólido aprofundamento doutrinário*». Desta renovação revelaram os prenúncios, ainda escassos e hesitantes devido «à desorientação estética do meio» e «à in experiência dos arquitectos ou à insuficiência da sua formação doutrinal». Era uma crítica dirigida a eles próprios, uma vez que nos três painéis finais a única obra cujo autor não era um dos membros do grupo era a capela do Cemitério de N. Sra. das Angústias, Funchal (R. Chorão Ramalho, 1955). Os restantes projetos – capela de N. Sra. de Fátima, Rinchoa (J. Braula Reis, 1950, demolida), igreja de Rio Torto (J. Braula Reis, não construída), igreja de N. Sra. de Fátima, Águas (N. Teotónio Pereira, 1949-1957), capela para a Beira, Moçambique (João de Almeida, não construída) e igreja de St. António, Moscavide (João de Almeida, 1.ª versão, não construída) – pertenciam a três dos responsáveis pela exposição, que terminava, de alguma forma, em aberto, como que presentindo que continuariam aquela história em breve⁵⁵.

O local escolhido para a primeira apresentação⁵⁶ da exposição foi a galeria lateral da igreja de S. Nicolau⁵⁷, na Baixa de Lisboa, que abria então ao público pela primeira vez como espaço cultural (FIGS. 10 e 11). A exposição foi

⁵⁵ «Três capítulos: tese doutrinal, crítica documental, solução racional. O primeiro convenceu-nos; o segundo elucidou-nos; o terceiro... interessou-nos, sem todavia nos conduzir ao ponto triunfante do Eureka. [...] A Exposição, provando que se tem pecado, demonstrou a necessidade dum movimento de conversão no campo da Arquitectura Religiosa», Sousa osb, D. Gabriel de Sousa, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.

⁵⁶ A exposição foi executada em elementos desmontáveis e facilmente portáteis, de modo a poder ser itinerante, o que veio a acontecer. Em fevereiro de 1955, o arquiteto J. Maya Santos elaborou o documento «Principais cuidados a ter na montagem e funcionamento da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea», onde constavam as instruções relativas à disposição dos painéis, ornamentação da sala, música ambiente – Prokofiev, Stravinsky, Beethoven, Ravel, Béla-Bartók, Wagner, Häendel, Debussy –, divulgação, convites e embalagem.

⁵⁷ A paróquia de S. Nicolau funcionava como um verdadeiro centro de cultura cristã, graças à dinâmica imposta pelo P. Gustavo de Almeida, intelectual próximo do Cardeal-Patriarca, com grande influência nas elites da capital.

inaugurada no dia 16 de abril de 1953⁵⁸ e encerrou menos de um mês depois, a 10 de maio⁵⁹, depois de visitada por alguns milhares de pessoas⁶⁰ «*que a percorreram interessadamente num fluxo contínuo*»⁶¹. Para além do Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel G. Cerejeira, foi registada a visita de outros importantes membros do clero – D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, D. Ernesto Sena de Oliveira, Bispo de Coimbra, D. José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja, D. Moisés Alves de Pinho, C.S.Sp. Arcebispo de Luanda, D. Gabriel de Sousa, osb, abade do Mosteiro de S. Bento de Singeverga, os padres José Craveiro da Silva sj e João Cabral sj – e de 60 seminaristas. Também os mundos da política e da cultura marcaram presença, tendo sido destacados o Prof. Marcelo Caetano, futuro ministro da Presidência do Conselho de Ministros, o Eng. Eduardo de Arantes e Oliveira, diretor do LNEC e futuro Ministro das Obras Públicas, o Dr. João Couto, diretor do Museu Nacional de Arte Antiga⁶², o fotógrafo Mário Novais, os arquitetos Raul Lino, Carlos Ramos, Pardal Monteiro, Keil do Amaral e Inácio Peres Fernandes, presidente do Sindicato Nacional dos Arquitetos, o escultor Leopoldo de Almeida e os pintores Almada Negreiros, Abel Manta, Lima de Freitas e António Lino.

O sucesso, «*que de forma alguma se esperava*»⁶³, foi imediato, como ficou registado nas centenas de mensagens de apoio e felicitação deixadas por inúmeros visitantes no Diário da Exposição, mas também pela cobertura e interesse que gerou nos meios de comunicação social, que ainda antes da abertura ao público⁶⁴ já anunciavam o evento que iria «*agitar e esclarecer os problemas da Arte Sacra*»⁶⁵. Nos primeiros dias⁶⁶, as notícias descreveram detalhadamente a exposição, capítulo a capítulo, recorrendo a numerosas citações. Não deixaram, no entanto, de tecer também alguns elogios a esta «*exposição inconformista*»⁶⁷,

⁵⁸ Paralelamente realizaram uma conferência sobre o tema no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa.

⁵⁹ «*Lamentamos que tenha sido tão inesperadamente encerrada limitando assim a sua possível e útil acção junto de pessoas e entidades que muito importava esclarecer*», *Arquitectura*, n.º 47 (jun.1953), p. 27.

⁶⁰ Foram contabilizados 3155 visitantes.

⁶¹ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, *MRAR – Boletim*, 2.ª Série, n.º 4 (set.1961), p. 1.

⁶² Foi o sócio auxiliar n.º 1 do MRAR.

⁶³ [MRAR], Oito anos..., p. 1.

⁶⁴ A 13 de abril, *Diário de Lisboa*, *O Século*, *Diário de Notícias*, *Novidades*, *A Voz*. No dia 14, *Diário da Manhã*, *Diário Popular*. No dia 15, *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *Novidades*.

⁶⁵ Uma exposição de *Arquitectura Religiosa Contemporânea*, *Diário Popular* (14.abr.1953).

⁶⁶ No dia 16 de abril, *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *A Voz*, *Diário da Manhã*, *Novidades*, *Diário de Notícias*. No dia 17, *Diário da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Novidades*, *A Voz*.

⁶⁷ Uma exposição inconformista de *arquitectura religiosa contemporânea*, *Diário de Lisboa* (16.abr.1953).

«ousada, realista, sem maldade nem mesquinhez, [...] que jovens organizaram com sua rebeldia e espírito de justiça⁶⁸» e «atitude desassomburada»⁶⁹. A atenção da comunicação social não esmoreceu e continuou durante o período da exposição⁷⁰, sendo que vários artigos – alguns deles assinados – não se inibiram de tecer os mais variados comentários críticos sobre o acontecimento.

No jornal *O Século*, de 19 de abril, L. de B., na coluna dedicada às Artes Plásticas, elogiou o *inteligente e nítido arrumo mental e estético* da exposição que classificou sem maldade de *minúscula e policial*. «*Iniciativa de gente moça, ela tem, como não podia deixar de ser, aquele próprio ar tipicamente definitivo. Os fenómenos são apontados mas não explicados; e tudo quanto está antes de hoje está errado. No entanto, há que reconhecer que em muitos pontos os rapazes têm razão*»⁷¹. Apesar de esperar mais da conclusão – desejava uma *prancheta cheia* de exemplos de igrejas urbanas, rurais e missionárias –, não deixou de saudar este evento e visioná-lo como «*o começo de um movimento memorável*»⁷². Já Fernando de Pamplona, na coluna Crítica de Exposições do jornal *Diário da Manhã*, caracterizou a mostra como uma *exposição-panfleto* que *agitava ideias, formulava doutrinas e procurava provar o que adianta*. «*Modelarmente apresentada, tem, de facto, mais de crítica do que de exposição, pois se não apresentam propriamente plantas e maquetas, mas fotografias e legendas explicativas ou doutrinárias*»⁷³. Por ser capaz de pôr as pessoas a pensar, terminou recomendando: «*importa não perder*»⁷⁴.

As críticas sucederam-se manifestamente positivas, incluindo nos periódicos especializados em arte e cultura, como as publicações mensais *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, que classificou a exposição como uma «*afirmação crítica inteligente e corajosa*»⁷⁵; *Átomo: ciência e técnica para todos*, onde se constatava que «*não há dúvida que o visitante saía dali com uma consciência mais clara dos*

⁶⁸ Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Jornal do Comércio* (17.abr.1953).

⁶⁹ Documentário valioso e crítica construtiva numa exposição de arquitectura sacra, *Diário da Manhã* (17.abr.1953).

⁷⁰ No dia 19 de abril, *Diário de Lisboa*, *A Voz*, *O Século*, *Novidades*. Dia 20, *Diário da Manhã*, *Novidades*. Dia 22, *Diário Popular*. Dia 23, *O Debate*. Dia 24, *Diário Popular*, e a 3 de maio, *Diário de Notícias*, *Novidades – Letras e Artes*.

⁷¹ B., L. de, Uma exposição de arquitectura religiosa contemporânea na Galeria de S. Nicolau, *O Século* (19.abr.1953).

⁷² *Ibidem*.

⁷³ PAMPLONA, Fernando de, Exposição crítica de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário da Manhã* (20.abr.1953).

⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁵ Exposição de Arquitectura Religiosa, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 14 (mai.1953).

erros que confusamente pressente à sua volta»⁷⁶; *Vértice – Revista de Cultura e Arte*, que considerou a «manifestação (temos relutância em chamar-lhe exposição)» como um «trabalho sério e firme de um grupo de jovens católicos que decidiram mostrar aos homens como têm sido ludibriados, e como por intermédio de uma arquitectura imbuída de ignorância, falsidade e megalomania, tem sido atraída a mensagem de Cristo»⁷⁷; e a revista *Arquitectura*, que numa breve nota avaliou esta «pequena lição» como «digna do mais vivo aplauso»⁷⁸.

Foi, no entanto, o jornal católico *Novidades – Letras e Artes* o que elaborou a mais extensa reportagem sobre a exposição, ocupando quase integralmente a edição de 3 de maio desse ano⁷⁹. Ilustrada por uma fotografia da exposição e duas de pormenores de igrejas de Hermann Baur⁸⁰, compunha-se por uma coleção de artigos e opiniões de diferentes personalidades, todas elas unânimes nos beneméritos da exposição. Enquanto Rogério Martins se centrou nas lutas entre modernidade e tradição na Arte Sacra⁸¹, os padres Gustavo de Almeida e João Cabral se abordaram a necessidade premente da educação estética do público. O primeiro clérigo afirmava que «o público católico, fiel, precisa de ser educado em função da arte sacra. [...] Enquanto o clero e os fiéis não souberem o que querem, o que devem querer, nem é possível aparecerem artistas. Melhor – estes, mesmo que apareçam, morrerão, porque não encontrarão eco da parte da população fiel»⁸², e o segundo acrescentou, «continuamos em Portugal a aceitar

⁷⁶ A propósito da exposição de arquitectura religiosa contemporânea, *Átomo: ciência e técnica para todos*, Ano VI, n.º 65 (30.mai.1953), p. 18.

⁷⁷ FREITAS, António, *Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea*, *Vértice – Revista de Cultura e Arte*, Vol. XIII, n.º 118 (jun.1953), p. 387.

⁷⁸ *Arquitectura*, n.º 47 (jun.1953), p. 27.

⁷⁹ *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), pp. 1-3.

⁸⁰ Batistério da igreja de St. Peter und Paul, Stüsslingen (1949), e altar-mor da igreja de St. Michaels, Basileia (1950).

⁸¹ «A única atitude lícita do artista cristão, perante a arte do seu tempo: estar integrado nela, [...] mas superando-a pelo amor da Caridade, porque a sabe profana e transviada; há-de trazê-la à Fé não negando-a, rejeitando-a ou substituindo-a por fantasmas, mas indo purificá-la e resgatá-la co-responsabilizando-se com ela», MARTINS, Rogério, *A Exposição de arquitectura religiosa contemporânea*, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 1. A esta opinião poderá juntar-se a de João de Sousa, num artigo intitulado «Através da Arte Sacra», publicado a 17 de maio na primeira página do jornal *Novidades – Letras e Artes*, onde a propósito das «duras batalhas [no domínio da arte sacra] entre os espíritos adormecidos à esquina do passado e as almas abertas a todo o vento de verdade e de amor de onde quer que ele sopra», lembrou que «o Cristianismo não se alimenta de passado, alimenta-se de eterno. Luta pelos valores sobrenaturais, não pelos valores históricos», o que leva a que «não é a história nem o passado que nos cumpre defender, mas os valores que neles se objectivam», e isso fazia a exposição de S. Nicolau, «ensina-nos a distinguir o cristão do histórico e o bom gosto do gosto antigo».

⁸² ALMEIDA, P. Gustavo de, *A Galeria de S. Nicolau*, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.

com passividade acrítica tudo quanto nos oferecem, deixando passar oportunidades que talvez se não repitam para afirmar na arquitectura a actualidade sempre nova do cristianismo. Era pois urgente esclarecer, abrir caminhos [...], apontar erros, suster retrocessos, desmascarar vícios ocultos»⁸³.

Flório de Vasconcelos⁸⁴ foi mais duro e elaborou um retrato contundente dos fiéis⁸⁵, para concluir que «a hostilidade de muitos cristãos à Arquitectura religiosa de hoje é um puro caso de consciência»⁸⁶. Considerava, portanto, que estes deviam «rever posições, fazer um profundo exame de consciência. E, para começar, ir à Galeria de S. Nicolau...»⁸⁷, onde encontrariam a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, que, segundo o Dr. João Couto, era «um livro aberto que se consulta e se aprecia com singular agrado»⁸⁸, enquanto para o P. António dos Reis Rodrigues era uma «exposição benéfica, que merece saudar-se com entusiasmo»⁸⁹, pois «quem a visita [...] descobre realmente, sem mais véus de artifício ou de retórica, o segredo duma arquitectura religiosa autêntica»⁹⁰. Junto deste conjunto de textos, tiveram os organizadores oportunidade de responder à interrogação colocada pelo P. João Cabral sj no seu artigo, sobre os critérios que levaram à escolha das beatitudes Verdade, Pureza, Pobreza e Paz como

⁸³ CABRAL sj, P. João, Qualquer coisa de novo em Portugal, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.

⁸⁴ Flório de Vasconcelos escrevera vários artigos sobre arte e arquitectura cristã no jornal *Ala*, onde foi redator entre 1947 e 1949. Foi um dos membros fundadores do MRAR.

⁸⁵ «Poder-se-á dividir o público em três categorias distintas, todas com vícios próprios. A primeira é a das beatas, dos falsos devotos, para quem a igreja não é, positivamente, a casa de Deus, mas simples agregado de capelinhas dos santos da sua devoção. [...] Para aqueles que os privam da cómoda compartimentação da igreja, que pode ir senão os anátemas dos adeptos das devoções particulares, individualistas [...]?

A segunda categoria é a dos senhores bem-educados que gostam de espriaiar os olhares, durante os officios divinos, pelos ornatos sumptuários do templo. [...] Como hão-de passar o tempo estes cristãos (?) na simplicidade das novas igrejas, sem nada que os distraia dos actos litúrgicos [...]?

Na terceira categoria filiam-se todos os que pretendem, à viva força, encontrar motivos de ordem política na origem das novas formas. [...] Estes aferram-se às fórmulas ultrapassadas, garantindo a sua genuinidade nacional, sem se lembrarem das suas raízes estrangeiras. [...]

Para todos estes compartimentos do público, o templo novo é alguma coisa de blasfemo. [...] No fundo, os que se insurgem contra a moderna Arquitectura religiosa, não o fazem porque ela seja contrária à Igreja; mas porque está em contradição com eles, com a sua própria maneira de ser cristãos», VASCONCELOS, Flório de, A visão do novo templo, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 3.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ COUTO, João, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 3.

⁸⁹ RODRIGUES, P. A. dos Reis, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 3.

⁹⁰ *Ibidem*.

condições da Arte cristã⁹¹. A. Freitas Leal e João de Almeida elaboraram a nota de esclarecimento, que procurou explicar mais detalhadamente porque é que «*de entre todas as que foram formuladas no sermão da montanha, aquelas [eram as] que pela própria natureza da Arte mais explicitamente podem encarnar-se nas suas obras*»⁹².

Esta não foi a única ocasião em que as palavras dos organizadores tiveram lugar nas páginas dos jornais. Já anteriormente, no jornal *Novidades*, de 19 de abril⁹³, o grupo havia dado a sua primeira entrevista, destacada na primeira página pela fotografia do interior da igreja de Allerheiligen (Todos os Santos), em Basileia, que acompanhava a afirmação atribuída a N. Teotónio Pereira⁹⁴ – «*Pela palavra e pela imagem procurámos que a exposição falasse ao público.*» Questionados⁹⁵ sobre as suas intenções ao elaborarem a exposição, afirmaram que queriam esclarecer o público sobre os desvios da arquitetura religiosa recente, bem como de informá-lo das virtudes da nova arquitetura e dos modernos processos e materiais de construção. Dada a apatia e indiferença geral de um meio desorientado e cheio de preconceitos – «*desabitado de escândalos por causas justas*»⁹⁶ –, explicaram que se viram obrigados a «*pôr de lado o receio, tão português, de não melindrar*»⁹⁷ e a recorrer a uma linguagem viva e sem rodeios, que com clareza e persuasão, obrigasse o público a agir e a manifestar-se a favor de uma arquitetura digna e verdadeira. «*Só nestas condições poderíamos alcançar os objectivos propostos.*»⁹⁸ Quanto ao interesse em se realizarem

⁹¹ «*Não terá o seu quê de arbitrário a aplicação ao templo das palavras abstractas que se escolheram para sintetizar o espírito do Evangelho? Talvez esta suposta inadequação explique o vago mal-estar que experimentei ao ler as primeiras frases da Exposição*», CABRAL sj, P. João, Qualquer coisa de novo em Portugal, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.

⁹² LEAL, A. Freitas, ALMEIDA, João de, Nota dos organizadores da exposição, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.

⁹³ OLIVEIRA, A. Lopes, A exposição de arquitectura religiosa contemporânea, *Novidades* (19.abr.1953), pp. 1-5.

⁹⁴ A propósito da entrevista, o jornal *Novidades* esclarece no dia seguinte que esta «*não foi concedida pessoalmente pelo sr. arquitecto Nuno Teotónio Pereira, mas pelos organizadores da Exposição*», A exposição de arquitectura religiosa contemporânea, *Novidades* (20.abr.1953).

⁹⁵ Conforme documento existente no arquivo do MRAR, a entrevista era composta por cinco questões, das quais apenas quatro foram publicadas. A resposta à segunda pergunta, omitida no jornal, lamentava «*o número importante de igrejas que não satisfazem a alguns dos principais requisitos, que estão completamente fora, tanto do espírito do Evangelho como do da nossa época no que ela tem de nobre e de belo, e em que se desperdiçaram milhares de contos em obras de pura cenografia*», dando como exemplo a igreja de S. João de Brito, em Lisboa, que este jornal elogiara em 1951.

⁹⁶ OLIVEIRA, A. Lopes, A exposição de arquitectura religiosa..., p. 5.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ *Ibidem*.

periodicamente exposições semelhantes, o grupo organizador foi perentório em afirmar a importância de mais iniciativas igualmente elucidativas, didáticas e críticas, enquanto instrumento indispensável para reatar o contacto vivo entre os artistas e o público, «*a par de outras realizações, como palestras, debates públicos, artigos na imprensa, publicação de revistas e de filmes, etc.*»⁹⁹

Um mês mais tarde, já terminada a exposição, darão outra entrevista, desta feita ao jornal mensal *Átomo: ciência e técnica para todos*, onde repetirão esta ideia¹⁰⁰, agora sustentada pela avaliação póstuma da exposição, que «*provou ser um meio poderosíssimo de divulgação e de educação. Com ela ficou demonstrado que o actual estado de coisas se deve à ausência de realizações semelhantes que visem uma acção de esclarecimento desassombrado, objectivo e concreto*»¹⁰¹. Começavam, assim, a esboçar-se os passos futuros deste grupo de jovens, que iriam dar corpo à necessidade constatada por D. Gabriel de Sousa osb «*dum movimento de conversão no campo da Arquitectura Religiosa*»¹⁰².

Mas antes, havia que dar cumprimento à intenção inicial de itinerância da exposição, começando por inaugurá-la na cidade do Porto, o que aconteceu no dia 13 de junho do mesmo ano. O local escolhido na Cidade Invicta para a segunda apresentação ao público da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea foi uma sala num dos pavilhões novos da Escola Superior de Belas-Artes, onde ficou durante quinze dias (FIGS. 12 e 13). Coube a J. Maya Santos, que se deslocou expressamente de Lisboa para estar presente na inauguração, a tarefa de representar o grupo organizador e apresentar o certame à imprensa numa visita prévia a que também assistiu o diretor da escola, o arquiteto Carlos Ramos. As suas palavras ecoaram nos jornais do dia seguinte, que não deixaram assim de assinalar a abertura do evento ao grande público¹⁰³.

⁹⁹ *Ibidem*.

¹⁰⁰ «*Em nosso entender as principais medidas a adoptar são as seguintes: [...] uma acção intensa de educação e informação não só da opinião pública, mas também das pessoas e entidades que intervêm na arquitectura – e dentre estas o clero – por meio de artigos, exposições, palestras, etc.*», A propósito da exposição de arquitectura religiosa contemporânea, *Átomo: ciência e técnica para todos*, Ano VI, n.º 65 (30.mai.1953), p. 22.

¹⁰¹ *Ibidem*.

¹⁰² SOUSA osb, D. Gabriel de Sousa, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.

¹⁰³ É inaugurada hoje na Escola Superior de Belas-Artes a «Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea», *Comércio do Porto* (13.jun.1953); A arte religiosa do nosso tempo numa exposição de arquitectura, *Diário do Norte* (13.jun.1953), pp. 1-6; A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea é hoje inaugurada na Escola Superior de Belas-Artes, *Jornal de Notícias* (13.jun.1953); Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Primeiro de Janeiro* (13.jun.1953).

Mas os dois principais artigos relacionados com a exposição surgem apenas no mês de agosto. Um, da autoria de Maria José de Mendonça¹⁰⁴, dedicou-se à dimensão museológica do evento, destacando a inovação da proposta educacional, bem como da itinerância programada, que «*vem iniciar entre nós uma forma de expansão cultural há muito posta em prática por museus e institutos de arte da Europa e das Américas; e, caso curioso, essa iniciativa partiu [...] de um reduzido grupo de jovens arquitectos católicos que, com surpreendente simplicidade de meios, [...] conseguiu realizar obra de tão grande alcance educativo*»¹⁰⁵. O segundo, de grande erudição, tratou de aprofundar os motivos da nova arquitetura religiosa suíça¹⁰⁶, insistentemente criticada por muitos visitantes, que embora «*esclarecidos pela doutrina esboçada ao longo da Exposição e pela concretização crítica, teoricamente dispostos a aceitar uma arquitectura religiosa moderna, sentiram-se desiludidos perante os exemplos apresentados*»¹⁰⁷. João de Almeida, autor do texto, fez a seguinte interpretação: «*Habitado a comprar-se no pormenor e nas facilidades de uma sinalética superficial, [...] encontra-se ele [o público] na impossibilidade de apreciar um dos traços mais representativos – por constituir uma exigência – da verdadeira Arte moderna: o gosto do essencial, a ausência do supérfluo, o desnudamento das formas*»¹⁰⁸. De facto, e como ele teve oportunidade de testemunhar, «*muitas delas [as novas igrejas suíças], humildes e sem atractivos, realizam aquilo que constituirá sempre o essencial do templo católico: um espaço impregnado do mistério cristão*»¹⁰⁹. Contudo, reconheceu que estas obras exigiram «*um longo e paciente trabalho de reeducação crítica e estética do meio*»¹¹⁰, que não existira em Portugal. Finda a apresentação da exposição e ainda surpreendido

¹⁰⁴ Conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga, foi um dos membros fundadores do MRAR. Foi responsável pela orientação e organização da 3.^a Exposição de Arte Sacra Moderna, promovida pela Liga Independente Católica Feminina e pela União Noelista Portuguesa, e que se apresentou em 1949 no Palácio Foz, em Lisboa [cf. LIMA, Joaquim Costa, *Exposições faladas, Brotéria*, Vol. 48, n.º 5 (mai.1949), p. 611; F P, *Exposição de Arte Sacra Moderna, Diário da Manhã* (2.fev.1949), p. 5; VASCONCELOS, Flório de, *Exposição de Arte Sacra Moderna, Ala, Ano VIII*, n.º 86 (fev.1949), pp. 1.3].

¹⁰⁵ MENDONÇA, Maria José de, *Alguns comentários acerca de uma exposição, Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 17 (ago.1953), p. 11.

¹⁰⁶ Este texto correspondia a uma versão curta da conferência da autoria de João de Almeida, dedicada à «*Moderna Arquitectura Religiosa na Suíça*», proferida na ESBAP em complemento à exposição.

¹⁰⁷ ALMEIDA, João de, *Do sentido de uma arquitectura, Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 17 (ago.1953), p. 10.

¹⁰⁸ ALMEIDA, João de, *Do sentido...*, p. 10.

¹⁰⁹ ALMEIDA, João de, *Do sentido...*, p. 10.

¹¹⁰ ALMEIDA, João de, *Do sentido...*, p. 10.

por tão grande impacto causado em Lisboa e no Porto, o jovem grupo retirou-se para decidir do seu futuro.

1.2. Primeiros anos [1954-1960]

Em organização [1954-1956]

No começo de 1954 estava já tomada a decisão de que o grupo continuaria a sua atividade e escolhido estava também o nome pelo qual seria conhecido – Movimento de Renovação da Arte Religiosa¹¹¹ ou, abreviadamente, MRAR. Este grupo era composto pelos sete jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que produziram a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea – Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, António Freitas Leal, Henrique Albino, João Correia Rebelo, José Maya Santos e João Braula Reis –, e cinco novos elementos – P. António dos Reis Rodrigues, o historiador Flórido de Vasconcelos, os pintores António Lino e Madalena Cabral e a conservadora Maria José de Mendonça¹¹².

Foi, portanto, já na qualidade de membro do Movimento que João Correia Rebelo embarcou em janeiro com destino a São Miguel, para apresentar a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea naquela ilha dos Açores. Inaugurada no dia 30 de janeiro, no Museu de Carlos Machado, antigo Convento de Santo André, em Ponta Delgada, com o patrocínio do Instituto de Cultura local, contou com a presença e entusiástico incentivo de D. Manuel Afonso de Carvalho, Bispo de Rodosto e Coadjutor de Angra, que se encontrava na ilha em visita pastoral (FIG. 14). Tal como se tinha verificado em Lisboa e no Porto, também aqui a imprensa local prestou significativa atenção ao evento¹¹³, destacando-se o *Correio dos Açores* dos demais pelo acompanhamento emocionado da chegada e partida do conterrâneo João Correia Rebelo¹¹⁴, mas também

¹¹¹ «Meses volvidos, coube agora aos Açores serem visitados por esta exposição didáctica, que pela primeira vez se apresentou integrada no Movimento de Renovação da Arte Religiosa», A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea nos Açores, *Novidades* (30.mar.1954), pp. 1.3.

¹¹² Destes doze, apenas António Lino não irá assinar o documento de fundação do MRAR, em 1956.

¹¹³ *Açores* (22.jan.1954), *Correio das Ilhas* (7 e 9.fev.1954). No continente, a exposição foi noticiada nos jornais *Diário de Notícias* (1.fev.1954) e *Novidades* (30.mar.1954).

¹¹⁴ *Correio dos Açores* (19, 20 e 21.jan.1954, 7.fev.1954).

pelas notícias referentes à inauguração da exposição¹¹⁵ e à conferência de 7 de fevereiro, no ginásio do Liceu, dedicada à «Moderna Architectura Religiosa na Suíça», da autoria de João de Almeida e lida por João Correia Rebelo¹¹⁶.

Começou o MRAR, deste modo, a dar cumprimento às recentes palavras e intenções de renovação da arquitetura religiosa em Portugal, através de um intenso programa de formação estética e crítica que se seguiria feito de novas exposições, mas também de artigos na imprensa, debates, concursos, cursos e conferências.

Integrada no curso «A Cultura Contemporânea perante o Pensamento Católico», promovido pela JUC, Madalena Cabral proferiu uma palestra subordinada ao tema «A Arte Moderna ao Serviço da Igreja», no Centro Académico de Democracia Cristã, em Coimbra, no dia 29 de março. «*Leu uma bem elaborada conferência, em nome do Movimento de Renovação da Arte Religiosa*»¹¹⁷, que era uma «*entidade distante, para nós [audiência], até há pouco, inteiramente desconhecida*»¹¹⁸. Numa primeira parte, tratou da relação entre a Igreja e a arte, lembrando que esta não era estranha à primeira, mas, pelo contrário, sempre se aproximou dela. Distinguiu, de seguida, arte religiosa de arte sacra, para depois passar em revista algumas tentativas da arquitetura, pintura e escultura modernas ao serviço da Igreja, pondo em relevo o esforço de purificação feito nos últimos anos. No final da «*lição, profunda, clara, convincente e exposta com simplicidade e modéstia, num à vontade de quem está senhor do assunto, e com o interesse de quem vive apaixonadamente uma ideia*»¹¹⁹, recebeu inúmeros elogios.

Três dias depois, primeiro de abril, Madalena Cabral voltou a apresentar a mesma conferência, desta feita na sala Algarve da Sociedade de Geografia de Lisboa¹²⁰. Na capital o grupo era já bem conhecido quer pela assistência quer pela imprensa, de modo que a conferência não passou despercebida – a sala encheu totalmente¹²¹ – e a oradora foi mesmo entrevistada pela comunicação

¹¹⁵ *Correio dos Açores* (30 e 31.jan.1954). No dia 31, o artigo, em primeira página, era acompanhado por uma fotografia do interior da igreja de Allerheiligen (Todos os Santos), em Basileia, com a seguinte legenda: «*Aspecto interior da Igreja Suíça de Todos-os-Santos, um dos bons exemplos de arquitectura moderna apresentados na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea agora patente ao público no Museu de Santo André.*»

¹¹⁶ Repetição da conferência apresentada em junho do ano anterior na ESBAP. A palestra foi reproduzida na íntegra pelo *Correio dos Açores* na sua edição de 14 de fevereiro.

¹¹⁷ A arte moderna ao serviço da Igreja, *Correio de Coimbra* (1.abr.1954).

¹¹⁸ *Ibidem*.

¹¹⁹ N. P., Nota da semana, *Correio de Coimbra* (1.abr.1954).

¹²⁰ A conferência foi apresentada em Lisboa uma segunda vez, no Centro Nacional de Cultura.

¹²¹ A arte moderna ao serviço da Igreja, *Novidades* (2.abr.1954).

social. Questionada sobre a capacidade da arte não figurativa servir a Igreja, lembrou que «*todas as formas de expressão artística são chamadas a exprimir a mesma realidade interior, mas segundo a natureza específica de cada uma, e através de linguagem própria. A pintura e a escultura, não figurativas, não pretendem dar mais do que uma emoção estética que nos aproxima de uma realidade interior indefinível*»¹²². E completou, dizendo que a boa arte moderna podia e devia, portanto, pôr-se ao serviço da Igreja, mas para que isso acontecesse e porque «*todos os povos têm a arte que merecem*»¹²³, era necessário que os fiéis vissem «*na arte mais do que uma imitação da aparência da natureza*»¹²⁴. A aceitação da arte moderna na Igreja estava, portanto, dependente da reeducação estética do povo, de modo que, exigindo este uma arte sacra de elevada qualidade, assim poderia esta «*unir a sua voz ao admirável cântico de glória que os génios cantaram nos séculos passados à fé católica*»¹²⁵, conforme Pio XII afirmara na encíclica *Mediator Dei*. Este mesmo discurso foi repetido por Flório de Vasconcelos na palestra de 30 de abril, realizada no salão nobre da ESBAP, integrada em nova sessão do mesmo curso promovido pela JUC. A terceira apresentação da conferência «A Arte Moderna ao Serviço da Igreja» contou com a presença na assistência de numerosos professores e artistas, entre os quais os arquitetos Moreira da Silva, José e Júlio de Brito, o Dr. Alberto de Sousa, o mestre Dórdio Gomes, os pintores Jaime Isidoro e Júlio Resende e o Dr. Paulo Santos, conforme relatou, nas páginas dos jornais do dia seguinte¹²⁶, uma comunicação social sempre atenta às atividades do MRAR.

A promoção da arte sacra de qualidade foi um propósito que o grupo considerou prioritário desde cedo. Como afirmara Madalena Cabral na entrevista ao jornal *O Debate*, «*trata-se de actuar, não só no campo da arte sacra, como também nos missais, imagens e estampas [...] elementos indispensáveis à vida privada do cristão*»¹²⁷. Foi deste modo que, em maio de 1954, o grupo realizou um concurso

¹²² Todos os povos têm a arte que merecem – repetiu o jovem Movimento da Renovação da Arte Religiosa, *O Debate* (3.abr.1954).

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ *Ibidem*.

¹²⁵ Pio XII, *Carta Enc. Mediator Dei*, AAS 39 (1947), p. 590-591.

¹²⁶ Conferências «A cultura contemporânea perante o pensamento católico», *Jornal de Notícias* (1.mai.1954); Na Escola Superior de Belas-Artes realizou-se uma sessão cultural integrada no «Movimento Internacional de Renovação da Arte Sacra», *Comércio do Porto* (1.mai.1954); Conferências, *Primeiro de Janeiro* (1.mai.1954); Conferências de Arte Sacra, *Ora et Labora*, Ano 1, n.º 4 (1954), p. 222.

¹²⁷ A arte moderna ao serviço da Igreja, *Novidades* (2.abr. 1954). Todos os povos têm a arte que merecem – repetiu o jovem Movimento da Renovação da Arte Religiosa, *O Debate* (3.abr.1954).

de presépios, aberto a todos os artistas, em colaboração com a casa Baptista & Padilha, Lda., com o objetivo de «colocar à disposição do público presépios de boa qualidade e preço acessível»¹²⁸. Os trabalhos concorrentes deviam ser entregues até 31 de julho e apresentar, em barro, as figuras de Nossa Senhora, o Menino Jesus e S. José. Os três primeiros lugares receberiam um prémio monetário – 2500\$00, 1500\$00 e 1000\$00 –, e seriam reproduzidos e comercializados. No entanto, no dia 9 de agosto, o júri constituído pelo Dr. João Couto, Maria José de Mendonça, João de Almeida, João Correia Rebelo e Ernesto da Silva Baptista decidiu, por unanimidade, aplicar a regra n.º 13 do regulamento e não atribuir nenhum dos prémios a qualquer dos oito presépios apresentados, por não possuírem qualidades suficientes para serem recomendados ao público. Isto mesmo transmitiu a comunicação social pouco tempo depois¹²⁹. Encerrava-se, assim, esta iniciativa sem os frutos esperados, mas que permitiu aferirem do estado da arte, nomeadamente, da escultura, em Portugal. Decidiram, então, eles próprios produzir e promover arte sacra de qualidade, «para suprir uma carência que se fazia sentir agudamente»¹³⁰, e editaram, em dezembro desse ano, a primeira série de estampas de Boas-Festas, onde se apresentava o baixo-relevo trecentista da Natividade existente na igreja de S. Leonardo, na Atouguia da Baleia.¹³¹

Para o final do ano de 1954 reservaram, também, o primeiro encontro de estudos promovido pelo MRAR, no Instituto do Serviço Social, em Lisboa¹³², organizado por uma comissão constituída por J. Maya Santos, João de Almeida e N. Teotónio Pereira. Realizado no fim de semana de 4 e 5 de dezembro, o encontro iniciou-se na tarde do primeiro dia com uma conferência proferida pelo P. Teodoro M. da Silva, sobre as «Exigências da paróquia moderna»¹³³. Começando por lembrar que a paróquia não existe unicamente para dar glória

¹²⁸ [MRAR], Regulamento, *Concurso para a execução de um Presépio, organizado pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, com a colaboração da firma Baptista & Padilha, Lda.* (1954).

¹²⁹ Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Diário de Notícias* (20.ago.1954); Concurso de presépios organizado pelo Movimento de Renovação de Arte Religiosa, *A Voz* (21.ago.1954); Concurso para a execução de um presépio organizado pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Novidades* (21.ago.1954).

¹³⁰ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, *MRAR – Boletim*, 2.ª Série, n.º 4 (set.1961), p. 1.

¹³¹ A datação das estampas de Natal que se encontra no quarto número da segunda série do Boletim do MRAR, publicado em setembro de 1961 não está correta, conforme se atesta pela cronologia apresentada em janeiro de 1957, no primeiro número da primeira série (p. 2).

¹³² Largo do Mítelo, n.º 1.

¹³³ A ordem dos dois primeiros oradores foi invertida relativamente à que estava indicada no programa.

a Deus, mas também para salvar os homens e educá-los, afirmou a necessidade de se complementar o templo com outros espaços e serviços. Prosseguiu fazendo uma descrição programática da igreja, com indicações importantes para futuros projetistas, como a necessidade de tudo convergirem para o altar-mor, onde não era obrigatório colocarem o sacrário, e a importância de colocarem o púlpito num local bem visível e iluminado, onde a pregação pudesse ser feita de frente para as pessoas. Neste capítulo acrescentou que, também no altar, era «*de toda a vantagem que o padre estivesse voltado para o povo*»¹³⁴. Seguiu-se-lhe o P. António dos Reis Rodrigues, com o tema «O princípio e natureza da Liturgia», que iniciou com a apresentação de uma imagem piramidal da Igreja, que situava no topo o sacerdote, por ser ele quem «*faz o que Cristo fez na Terra*»¹³⁵, enquanto na base se encontravam os homens. Hierarquizada a Igreja, avançou para a caracterização da liturgia, explicando a diferença entre culto público e privado, para depois explicar que, por dizer e fazer coisas que estão preestabelecidas por Cristo e pela Igreja, «*na liturgia, o homem não tem liberdade*»¹³⁶.

Já na manhã de domingo, o P. Gustavo de Almeida tratou d'«A formação espiritual do artista». Descreveu-o como homem de contemplação, que devia ter experiência pessoal de Deus, para ajudar a Igreja a apresentar a liturgia através de uma arte com sentido missionário, não propagandístico. E acrescentou – «*Os artistas católicos têm de ser os homens do mistério de Deus*»¹³⁷. Ao início da tarde, o P. José Ferreira falou sobre a relação entre «Liturgia e arte», deixando claro que a arte é chamada a participar no culto, quer numa vertente didática quer de louvor. Distinguiu, no entanto, arte religiosa de arte sacra, para a qual é importantíssima a simbologia, e considerou toda a arte como cristã desde que cumprisse o dogma e estivesse de acordo com a moral. Por isso, destacou a importância do artista conhecer as normas litúrgicas expressas no Código de Direito Canónico, nos documentos da Congregação dos Ritos e nas Encíclicas Pontifícias. A finalizar o encontro, promoveu-se um debate sobre a «Adaptação das igrejas antigas às exigências actuais», orientado pelo arquiteto A. Freitas Leal, que começou por falar sobre a natureza e finalidade da igreja e sua dupla exigência de perenidade e atualidade, e a evolução da pastoral e da liturgia nas décadas anteriores e as tendências mais recentes e sua relação com as igrejas do passado, especialmente as dos séculos XVIII e XIX. Depois

¹³⁴ [Apontamentos] [MRAR: Primeira reunião de estudo] [Manuscrito] (1954), p. 1.

¹³⁵ [Apontamentos] [MRAR: Primeira reunião de estudo] [Manuscrito] (1954), p. 2.

¹³⁶ [Apontamentos] [MRAR: Primeira reunião de estudo] [Manuscrito] (1954), p. 3.

¹³⁷ *Ibidem*.

de apresentar três esquemas de organização litúrgica – românico (divergência unidirecional), barroco (divergência pluridirecional) e moderno (convergência no altar-mor) –, levantou a questão da legitimidade de se poder adaptar as igrejas antigas às exigências modernas, adiantando, de seguida, uma resposta afirmativa, porque «o edifício não se pode opor ao princípio que originou a sua génese»¹³⁸, podendo-se, por isso, fazer-lhe alterações essenciais, acidentais ou apenas superficiais. Esta longa introdução motivou as intervenções do Dr. João Couto, do Dr. F. de Almeida e do arquiteto Raul Lino, findas as quais deram o encontro por encerrado.

Mas o ano de 1954 não terminou sem que a «Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea» conhecesse mais dois destinos, sendo o primeiro a Escola do Magistério Primário, em Braga, onde inaugurou no dia 20 de novembro, com a presença do Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, e o patrocínio da autarquia local e da Junta Arquidiocesana da Ação Católica (FIGS. 15 e 16). Foi grande a expectativa criada com a chegada da exposição àquela cidade, não passando ao lado da imprensa local¹³⁹, que deu atento destaque à inauguração, em artigos ilustrados com fotografias da «*exposição que melhor poderíamos chamar o desenvolvimento de uma tese*»¹⁴⁰ e do interior da igreja de Allerheiligen (Todos os Santos), em Basileia¹⁴¹. Igual importância foi atribuída à conferência que J. Maya Santos realizou no dia da abertura¹⁴², onde foram «*explicados os objectivos da exposição: criar uma mentalidade artística que, respeitando integralmente a verdade dogmática e evangélica, tenda a repudiar a falsidade que, infelizmente, se vem observando na actual arte religiosa, sem no entanto se cair no modernismo superficial e arbitrário*»¹⁴³. A segunda conferência, que seria proferida por A. Freitas Leal e marcada para o dia 27 de novembro, data inicialmente prevista para o encerramento da exposição, não se realizou,

¹³⁸ [Apontamentos] [MRAR: Primeira reunião de estudo] [Manuscrito] (1954), p. 5.

¹³⁹ Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Correio do Minho* (10.nov.1954); Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário do Minho* (10.nov.1954); Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Correio do Minho* (14.nov.1954); Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário do Minho* (14.nov.1954); Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Correio do Minho* (20.nov.1954). Também o jornal *Novidades* anunciou a inauguração, na sua edição de 20 de novembro.

¹⁴⁰ Foi ontem inaugurada a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea na Escola do Magistério Primário, *Correio do Minho* (21.nov.1954).

¹⁴¹ Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário do Minho* (21.nov.1954); Foi ontem inaugurada a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea na Escola do Magistério Primário, *Correio do Minho* (21.nov.1954).

¹⁴² Conferência repetida no Instituto Nun'Álvares, Santo Tirso.

¹⁴³ Exposição de Arte Religiosa Contemporânea em Braga, *Novidades* (17.nov.1954).

e disso deram conta os jornais, lamentando que «razões poderosas, certamente, não permitiram que ontem se realizasse a Conferência sobre arte religiosa contemporânea, que havia sido anunciada e com que encerraria a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea [...] Conferência aguardada com muito interesse, a avaliar pela grande quantidade de pessoas presentes»¹⁴⁴.

O interesse dos bracarenses por esta iniciativa do MRAR ficaria inequivocamente demonstrado, não só no contínuo acompanhamento da imprensa local¹⁴⁵, mas principalmente pelo adiamento do seu encerramento, que «não se fez ontem [27 de novembro], como estava previsto, pois inúmeros pedidos foram apresentados [...] no sentido de que ela se mantivesse aberta mais dias»¹⁴⁶. Na realidade, foi apenas por mais um dia, pois a exposição estava obrigada a seguir para Coimbra, onde tinha data de abertura marcada para o dia 4 de dezembro, no Salão Nobre do edifício da Câmara Municipal¹⁴⁷, e onde permaneceria durante uma semana, até 11 daquele mês. Também nesta cidade a imprensa noticiou o evento, quer através da recuperação dos artigos de João Cabral sj¹⁴⁸ e Flórido de Vasconcelos¹⁴⁹, publicados no ano anterior pelo jornal *Novidades – Letras e Artes*¹⁵⁰, quer pela crónica de Armando Alves Martins, que elogiou a exposição por demonstrar inequivocamente que para ser evangélica, a arquitetura religiosa teria de reconhecer, na «pedra de ontem e o betão armado de hoje em séculos de distância servindo a Deus na mesma verdade, exemplos de beleza»¹⁵¹.

Foi já depois da exposição encerrada em Coimbra que a revista *Ora et Labora*, do mosteiro beneditino de Singeverga, apresentou a sua crítica da exposição, que visitara em Braga, e «que, duma maneira geral, nos deixou a melhor das impressões»¹⁵². Repetindo a ideia já aceite de que os jovens organizadores intentavam provar uma tese, nomeadamente «a real necessidade de encontrar novas formas, exigidas pelos novos materiais de construção»¹⁵³, o artigo revelou,

¹⁴⁴ Encerramento da Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio do Minho* (28.nov.1954).

¹⁴⁵ Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário do Minho* (26.nov.1954); Encerramento da Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio do Minho* (27.nov.1954).

¹⁴⁶ Encerramento da Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio do Minho* (28.nov.1954).

¹⁴⁷ Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio de Coimbra* (2.dez.1954).

¹⁴⁸ CABRAL, João, Qualquer coisa de novo em Portugal, *Correio de Coimbra* (25.nov.1954), pp. 1-3.

¹⁴⁹ VASCONCELOS, Flórido de, A visão do Novo Templo, *Diário de Coimbra* (4.dez.1954), pp. 1-5.

¹⁵⁰ CABRAL sj, P. João, Qualquer coisa de novo em Portugal, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2, e VASCONCELOS, Flórido de, A visão do novo templo, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 3.

¹⁵¹ MARTINS, Armando Alves, Uma lição de beleza, *Diário de Coimbra* (8.dez.1954), pp. 1.7.

¹⁵² Exposição de Arquitectura religiosa contemporânea, *Ora et Labora*, Ano 2, n.º 1 (1955), p. 46.

¹⁵³ *Ibidem*.

no entanto, algumas dúvidas quanto à adoção dos princípios Pureza, Verdade, Pobreza e Paz, como os essenciais de toda a arte religiosa. Não convenceram totalmente, também, os exemplos suíços apresentados, pelo que manifestou o desejo de se ter visto mais documentação na exposição, incluindo algumas maquetas dos modelos apresentados nos painéis. Assim, e apesar destas questões, fez «votos por que esta generosa iniciativa vá mais além e contribua eficazmente para uma definitiva renovação da Arte religiosa em Portugal»¹⁵⁴.

Coincidência ou não, a exposição foi literalmente muito mais além logo no começo de 1955, sendo inaugurada na ilha da Madeira, no dia 3 de janeiro, no edifício da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal¹⁵⁵. Nesta sexta apresentação ao público foi acrescentada à exposição uma pequena secção de artes plásticas religiosas, constituída por peças de cerâmica e escultura e cartões para vitrais de cinco artistas – Barata Feio, António Lino, António Duarte, Graziela Albino e Hein Semke –, por iniciativa do Conservador do Arquivo Distrital, Rui de Ornelas Gonçalves, também responsável pela apresentação de A. Freitas Leal, preletor da conferência de abertura¹⁵⁶. Na sua introdução, Rui de Ornelas Gonçalves elogiou largamente a exposição que conheceu em Lisboa e que caracterizou como «didáctica, educa-nos apresentando soluções; problemática, esboça conceitos e formula teses; racional – fala ao homem do nosso tempo numa linguagem simples, fácil, ausente de duplos sentidos, numa voz directa, sólida e profunda – poderíamos dizer cristã»¹⁵⁷. De A. Freitas Leal, relevou a «alma de apóstolo e ânimo de combatente»¹⁵⁸ deste colaborador da primeira hora do Movimento que pretendia «fazer da Arte Religiosa uma autêntica expressão de modernismo que encontra os seus limites apenas no respeito das exigências do dogma da liturgia e do direito canónico»¹⁵⁹. A. Freitas Leal, por sua vez, começou a apresentação que intitulou «Etapas da Arquitectura Religiosa Moderna» com as seguintes perguntas – «Porque é que a maior parte das novas igrejas não são

¹⁵⁴ *Ibidem*.

¹⁵⁵ A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário de Notícias da Madeira* (31. dez.1954); À inauguração da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea assistiram figuras representativas da vida local, *Diário de Notícias da Madeira* (4.jan.1955).

¹⁵⁶ As palavras proferidas na sessão de abertura por Rui de Ornelas Gonçalves e A. Freitas Leal foram quase integralmente reproduzidas na imprensa local (A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário de Notícias da Madeira* (5.jan.1955); Na Junta Geral do Funchal – A conferência do Sr. arquitecto Freitas Leal, *Jornal da Madeira* (5.jan.1955).

¹⁵⁷ A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário de Notícias da Madeira* (5.jan.1955).

¹⁵⁸ *Ibidem*.

¹⁵⁹ *Ibidem*.

tão modernas como os outros edifícios actuais? Ou antes: Porque é que a igreja não é do nosso tempo?»¹⁶⁰ Demonstrando a imprecisão das três respostas habituais¹⁶¹ – que as igrejas antigas expressavam melhor o espírito cristão, que a dignidade da igreja impedia que tivesse a expressão de uma fábrica, que era preciso seguir a tradição –, defendeu a verdadeira «tradição [que] não quer dizer cópia! Não obriga a uma atitude estática e paralisante. É, pelo contrário, um valor dinâmico»¹⁶², que tem a humildade de receber do passado e a humildade de dar ao futuro. A conferência continuou com a apresentação da evolução da arquitetura religiosa segundo um esquema que a dividiu em três períodos – Arcaico, Primitivo e Clássico –, tendo-se destacado as imagens «das modernas igrejas suíças por serem ainda pouco conhecidas e revelarem além de uma grande seriedade um grau adiantado de amadurecimento»¹⁶³.

Do Funchal, a exposição prosseguiu o seu périplo, afastando-se ainda mais da metrópole, indo até Moçambique, onde foi inaugurada no átrio da Câmara Municipal de Lourenço Marques, no dia 14 de março daquele ano, por iniciativa do Núcleo de Arte daquela cidade, e com o alto patrocínio do Cardeal-Arcebispo D. Teodoro Clemente de Gouveia¹⁶⁴. Nesta primeira estadia em solo africano, o MRAR foi representado pelo arquiteto Nuno Craveiro Lopes, que guiou os visitantes pela exposição durante a inauguração e proferiu a conferência elaborada por João de Almeida. A proximidade de mais uma inauguração da exposição levou o jornal *Novidades* a interrogar-se sobre a concretização dos objetivos iniciais propostos pelos jovens organizadores¹⁶⁵. Entrevistou, por esse motivo, J. Maya Santos, que tinha acompanhado a exposição a alguns dos locais que esta visitou, e o jovem arquiteto, avaliando os resultados conseguidos, considerou-os parcialmente desconhecidos por ser ainda cedo «para sabermos até que ponto são profundos e até que ponto serão concretizados muitos entusiasmos por nós verificados ao longo destes dois anos de vida da exposição»¹⁶⁶,

¹⁶⁰ *Ibidem*.

¹⁶¹ «Fazendo a crítica destas três afirmações o conferente acentuou que cada época tem uma maneira própria de exprimir o mesmo espírito cristão e que a expressão actual não obriga a igreja a ficar semelhante a qualquer edifício profano pois a cada programa definido corresponde sempre uma expressão adequada», A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário de Notícias da Madeira* (5.jan.1955).

¹⁶² *Ibidem*.

¹⁶³ *Ibidem*.

¹⁶⁴ Exposição de Arquitectura Religiosa em Lourenço Marques, *Novidades* (16.mar.1955).

¹⁶⁵ Pela Renovação da Arte Religiosa, *Novidades* (15.mar.1955).

¹⁶⁶ *Ibidem*.

mas reconheceu que o interesse revelado pelos visitantes excedeu as melhores previsões.

Foi este mesmo acolhimento inesperado da exposição que a levou, ainda naquele ano, a ser apresentada de novo em Moçambique, desta feita na cidade da Beira, durante o mês de setembro, conforme reportou um artigo publicado no *Diário de Moçambique – Das Artes e das Letras*, no final de agosto¹⁶⁷, numa crónica entusiasta, que elogiou o «*conspeto simultaneamente didáctico e crítico, mais didáctico que crítico, sem precedentes em Portugal*»¹⁶⁸ da exposição que vinha «*antes de tudo, localizar a arquitectura de hoje, feita de materiais novos, nas novas constantes da arquitectura religiosa*»¹⁶⁹. E com estas palavras procurou animar os promotores da iniciativa para esta missão, porque «*o cânon da arquitectura religiosa tradicional tem de repor-se com luta, com sangue*»¹⁷⁰.

Este jovem grupo não estava, efetivamente, a fugir da luta, bem pelo contrário, procurava legalizar-se como Movimento de Renovação da Arte Religiosa, para o que, a 4 de fevereiro, haviam pedido a aprovação do ministro da Educação Nacional para os Estatutos do MRAR, que redigiram durante o ano de 1954, «*com a importante colaboração do Rev. P. António dos Reis Rodrigues*»¹⁷¹. Esta intervenção do assistente eclesiástico da JUC manifestou-se, principalmente, na transposição de vários artigos dos Estatutos e Regulamento Geral da Ação Católica Portuguesa para o documento do MRAR, nomeadamente os que respeitavam aos corpos diretivos¹⁷², sócios¹⁷³, assistente eclesiástico¹⁷⁴ e

¹⁶⁷ «*Fomos, há dias, agradavelmente surpreendidos pela notícia de que a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea não demoraria a ser manifesta ao público da Beira. Em boa hora, boa notícia*», Variações à volta de uma exposição, *Diário de Moçambique – Das Artes e das Letras* (26.ago.1955), número dedicado à Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea. A datação que se encontra no quarto número da segunda série do Boletim, publicado em setembro de 1961, e que indica junho como o mês em que a exposição foi apresentada na Beira, não está, portanto, correta.

¹⁶⁸ Variações à volta duma exposição, *Diário de Moçambique – Das Artes e das Letras* (26.ago.1955), p. 3.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ *Ibidem*.

¹⁷¹ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 4 (set.1961), p. 1.

¹⁷² Estatuto das Organizações e dos Organismos Especializados da A.C.P., Título IV – Dos Corpos Directivos, *Guia da Acção Católica Portuguesa, Vol. I – Bases, Estatutos e Regulamento Geral*, Lisboa [s.n.] (dez.1946), pp. 35-49.

¹⁷³ Estatuto das Organizações e dos Organismos Especializados da A.C.P., Título V – Dos associados, *Guia da Acção Católica Portuguesa, Vol. I – Bases, Estatutos e Regulamento Geral*, Lisboa [s.n.] (dez.1946), pp. 49-53.

¹⁷⁴ Estatuto das Organizações e dos Organismos Especializados da A.C.P., Título VI – Dos Assistentes Eclesiásticos, *Guia da Acção Católica Portuguesa, Vol. I – Bases, Estatutos e Regulamento Geral*, Lisboa [s.n.] (dez.1946), pp. 53-55.

formação de secções¹⁷⁵. No entanto, a fonte primeira de inspiração foram os Estatutos da Sociedade de São Lucas¹⁷⁶, revelada logo na definição inicial do Movimento: «*Sob o nome de Movimento de Renovação da Arte Religiosa, é constituída em Lisboa, pelos presentes Estatutos, uma comunidade católica de artistas e de outras pessoas interessadas, com o fim genérico de promover, em todos os domínios da arte religiosa, o encontro de uma verdadeira criação artística com as exigências do espírito cristão.*»¹⁷⁷ Como forma de alcançarem este objetivo, propunham-se realizar atividades internas para sua valorização doutrinal e técnica, efetuar reuniões de carácter espiritual para desenvolvimento da sua vida cristã, organizar exposições, cursos e conferências, editar publicações, estampas e gravuras, dar pareceres sobre todos os assuntos relacionados com arte e arquitetura religiosa, defender a execução de obras de arte sacra por artistas competentes e promover a realização de concursos¹⁷⁸.

A origem católica do grupo não foi esquecida, pelo que o MRAR afirmou o seu empenho no cumprimento da doutrina e diretrizes da Igreja, para o que teria especialmente em vista os documentos elaborados pela Hierarquia e procuraria manter-se em estreita colaboração com o clero, para o que solicitaria ao Cardeal-Patriarca de Lisboa que designasse, de entre os sacerdotes que fossem sócios, um assistente espiritual, que ficaria responsável por manter a obra do Movimento em concordância com o ensino da Igreja¹⁷⁹. Quanto à organização dos membros, seriam divididos por três categorias: efetivos, estudantes e auxiliares¹⁸⁰. Nos primeiros estariam os artistas, sacerdotes, críticos, diplomados e todas as pessoas de posição intelectual perfeitamente marcada, que, sendo católicos e reconhecendo-se provas do seu interesse pelos assuntos da arte religiosa, forem idóneos para orientar o Movimento e promover ativamente os seus objetivos. Estudantes seriam os alunos do Ensino Superior e dos Seminários de Teologia, com especial relevo para os das Escolas de Belas-Artes que, sendo católicos e tivessem interesse no estudo ou na prática da arte religiosa,

¹⁷⁵ Regulamento Geral da A.C.P., Capítulo III – Das Secções formadas, *Guia da Acção Católica Portuguesa, Vol. I – Bases, Estatutos e Regulamento Geral*, Lisboa [s.n.] (dez.1946), pp. 82-83.

¹⁷⁶ «Art.º 1.º – *Sob o nome de S. S. Lucas, fundou-se uma sociedade de artistas e amigos de arte suíços que se propõe, como finalidade, exercer e fomentar a arte cristã contemporânea*» [S.S. Lucas] – *Estatutos* [Manuscrito] [1954], p. 1.

¹⁷⁷ MRAR, *Estatutos*, Lisboa (18 dez.1954), art.º 1.º

¹⁷⁸ Cf. MRAR, *Estatutos*, Lisboa (18.dez.1954), art.º 2.º

¹⁷⁹ Cf. MRAR, *Estatutos*, Lisboa (18.dez.1954), art.º, 3.º a), e 22.º

¹⁸⁰ Neste capítulo, o MRAR revelou-se um importante agente de renovação também da mentalidade e cultura portuguesas, ao não fazer distinção entre sexos, como era então habitual nas organizações nacionais.

aceitassem as orientações do Movimento e colaborassem na realização dos seus fins. Auxiliares seriam todos os sócios que se limitariam à ajuda monetária ou à prestação esporádica de serviços¹⁸¹. Os corpos dirigentes do MRAR seriam formados pela Direção – composta pelo presidente, secretário e tesoureiro, todos eles obrigatoriamente sócios efetivos, com um mandato de dois anos –, o Conselho Diretivo – constituído pela Direção e pelos encarregados das comissões de trabalho – e a Assembleia Geral, que reuniria anualmente e à qual pertenceriam todos os sócios efetivos, dentre os quais seriam eleitos o presidente da mesa e dois secretários¹⁸². Para garantir o funcionamento do MRAR e a realização das atividades a que este se propunha, previu-se a possibilidade de serem constituídas receitas, por via das cotas dos associados, de donativos eventuais e de subsídios de quaisquer entidades¹⁸³.

António Freitas Leal, P. António dos Reis Rodrigues, Flório de Vasconcelos, Henrique Albino, João Braula Reis, João Correia Rebelo, João de Almeida, José Maya Santos, Madalena Cabral, Maria José de Mendonça e Nuno Teotónio Pereira assinaram o documento por esta ordem – tornando-se sócios fundadores do MRAR¹⁸⁴ –, e com a sua entrega, a 5 de fevereiro de 1955, no Ministério da Educação Nacional, entraram numa nova fase. Passaram a apresentar-se, então, como Comissão Organizadora do MRAR e nomearam uma Direção Provisória, composta pelo presidente N. Teotónio Pereira, o secretário Flório de Vasconcelos e o tesoureiro João C. Rebelo¹⁸⁵. Elaboraram, também, a nova estrutura orgânica do grupo, que apresentaram no seu primeiro documento interno, a *Comunicação n.º 1*, datada de 18 de fevereiro de 1955¹⁸⁶, onde revelaram a constituição de sete diferentes secções e os membros responsáveis pelas atividades correspondentes. A Maria José de Mendonça atribuiu-se a *Documentação* dos arquivos fotográfico, bibliográfico, de recortes e de projetos, N. Teotónio Pereira e J. Braula Reis tratariam das *Obras* de construção, arranjo, reparação e decoração de igrejas e de outros edifícios de carácter religioso, para além da organização de programas e concursos, enquanto A. Freitas Leal se responsabilizaria pela secção de *Estudos*, que organizaria seminários, cursos,

¹⁸¹ Cf. MRAR, *Estatutos*, Lisboa (18.dez.1954), art.º 4.º

¹⁸² Cf. MRAR, *Estatutos*, Lisboa (18.dez.1954), art.ºs 8.º, 9.º, 13.º, 17.º, 18.º, 19.º

¹⁸³ Cf. MRAR, *Estatutos*, Lisboa (18.dez.1954), art.º 23.º

¹⁸⁴ António Lino, que participava no grupo com bastante irregularidade, não assinou o documento, mas desde o começo que foi considerado como sócio efetivo, tendo-lhe sido atribuído o número 12, o primeiro depois dos fundadores.

¹⁸⁵ Homologada pelo subsecretário de Estado da Educação Nacional a 31 de julho de 1955.

¹⁸⁶ MRAR [Circular], *Comunicação n.º 1* (18.fev.1955), p. 3.

conferências e reuniões culturais e espirituais. J. Maya Santos organizaria *Exposições*, em contacto com a galeria de S. Nicolau, Flórido de Vasconcelos trataria da redação e coordenação quer de artigos, notícias e críticas para a *Imprensa*, quer de folhetos e outras publicações, João C. Rebelo e Henrique Albino faziam as *Edições* de estampas, imagens, cartazes e folhetos, e Madalena Cabral dedicar-se-ia ao estudo e coordenação das atividades relacionadas com os *Objectos de Culto*, como imagens, paramentos e alfaias litúrgicas.

Ao mesmo tempo que discriminavam tarefas, entenderam como mais conveniente que se agrupassem as secções em três equipas distintas, de modo que cada membro pudesse estar integrado e apoiado num grupo de trabalho. O primeiro juntou Maria José de Mendonça, N. Teotónio Pereira e J. Braula Reis, o segundo A. Freitas Leal, J. Maya Santos e Flórido de Vasconcelos, e o terceiro João C. Rebelo, Henrique Albino e Madalena Cabral. Assim se propôs o MRAR funcionar numa fase em que ainda estava a aprender a ser um movimento de um tempo com quase tudo por fazer, em prol da renovação da arte religiosa contemporânea.

A primeira atividade que promoveram neste período de arranque, que desejavam mais organizado, foi o 1.º Encontro para Universitários, que se realizou em Lisboa, no Externato dos Maristas¹⁸⁷, nos dias 30 de abril e 1 de maio. A abrir o começo vespertino do primeiro dia, João de Almeida proferiu uma conferência intitulada «A arte moderna e o cristão», que dividiu em três pontos. O primeiro dedicou à «Arte Moderna» e tratou do aparecimento desta por reação à imitação realista ou idealizada do naturalismo, que conduziu à mudança do paradigma da arte como imitação para um conceito de arte como transfiguração, em ordem à manifestação de uma interioridade e de uma decoratividade que era vista como o escândalo da deformação e da abstração da Arte Moderna, contrariamente ao que sucedeu na Idade Média com a Arte Românica, de características semelhantes. «É com esta situação que depara o artista contemporâneo. Ao orientar a sua estética para a manifestação de valores subjectivos e religiosos, e ao procurar a purificação da sua linguagem, ele vai esbarrar com a incompreensão e o alheamento do público, que perdeu todo o sentido crítico e estético.»¹⁸⁸ No segundo falou sobre «O Cristianismo no Caminho da Arte Moderna», demonstrando como estes se podem relacionar e enriquecer mutuamente, o que o levou diretamente para o terceiro ponto, em que caracterizou a «Atitude Pessoal do Cristão perante a Arte Moderna», recomendando

¹⁸⁷ Rua da Artilharia Um, n.º 77.

¹⁸⁸ ALMEIDA, João de [Conferência], A Arte Moderna e o Cristão (30.abr.1955), p. 7.

que este tenha duas atitudes complementares: uma da ordem do espírito, que elimine preconceitos e reconheça a seriedade do processo de renovação, outra de ordem prática, que contribua para um mais profundo enraizamento da arte moderna na vida da sociedade, no meio familiar e na comunidade religiosa. Depois desta apresentação de hora e meia, a tarde terminou com uma sessão de filmes sobre arte, recomeçando o Encontro na manhã do dia seguinte com uma missa e meditação, seguida do pequeno-almoço. A. Freitas Leal foi o primeiro conferencista do segundo dia, tendo apresentado durante a manhã uma longa palestra sobre o «Estado actual da Arquitectura Religiosa», a que se seguiu, já depois do almoço, Rogério Fernandes, a abordar «A Arte e a Sociedade». Um debate, orientado por Flórido de Vasconcelos e subordinado ao tema «A responsabilidade do Universitário perante os problemas da Arte Cristã em Portugal», encerrou o programa e o Encontro.

Treze dias depois, o MRAR promoveu uma conferência, na Casa de S. Mamede¹⁸⁹, sobre «O altar, seu espaço e as suas relações com a assembleia». O orador convidado, o P. José Felicidade Alves, fez a apologia do altar único, digno e majestoso pela nobreza dos materiais, ornamentação adequada e enquadrado por um baldaquino, devendo, ainda, ser acessível por todos os lados, estar bem iluminado e ter uma perfeita visibilidade por parte de toda a assembleia, o que concordava com as indicações recentes da Conferência Episcopal de Fulda, que tinham promulgado dois anos antes, em 1953, as «Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana»¹⁹⁰.

No mês seguinte, realizou-se o 2.º Encontro do MRAR, nesse ano na Casa da Imprensa¹⁹¹, em Lisboa, nos dias 10 e 11 de junho. Dedicado aos «Problemas da igreja paroquial», foi composto por seis intervenções repartidas por igual ao longo dos dois dias de trabalhos, das quais deu notícia a revista litúrgica do Mosteiro de Singeverga, relatando que *«as reuniões efectuaram-se numa sala da Casa da Imprensa, em ambiente quase de família. [Com] assistência*

¹⁸⁹ Largo de S. Mamede, n.º 1, Lisboa.

¹⁹⁰ «7. Numa igreja modelo, o altar – pela sua posição isolada e medianamente elevada, pela possibilidade de circular em seu redor, pelo seu traçado harmonioso e pela nobreza do material escolhido, pela sua monumentalidade de acordo com as proporções da Casa de Deus, pelo hábil encaminhamento das linhas de perspectiva do espaço, pela sua colocação no ponto mais iluminado, e talvez também por um baldaquino – revela-se claramente como o verdadeiro Santuário, como o coração de todo o edifício», [Conferência Episcopal de Fulda], Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana, *Novellae Olivarum*, Ano XIII, n.º 121 (jan.1955), p. 4.

¹⁹¹ Rua da Horta Seca, n.º 20. As missas e meditações que antecederam os trabalhos realizaram-se na igreja das Chagas, sendo no primeiro dia presidida por D. Tomás Gonçalves osb, e no segundo pelo P. A. Reis Rodrigues.

pouco numerosa (a ocasião fora mal escolhida), mas toda ela altamente interessada pelos assuntos versados»¹⁹². Na manhã do primeiro dia, o P. Gustavo de Almeida refletiu sobre «A paróquia moderna», baseando-se em documentos emanados da Hierarquia e nas conclusões da 4.^a Semana Paroquial de Bolonha, realizada no ano anterior. Começou por considerar que a paróquia, apesar de continuar a ser o centro propulsor e coordenador da atividade pastoral, necessitava de renovar e racionalizar os seus métodos, num sentido missionário e de acordo com as características geográficas e humanas de cada paróquia. Defendeu, por fim, uma revisão da distribuição territorial, atenta à diferenciação das comunidades, e a construção de capelas provisórias que preparassem a criação de futuras paróquias. Ao início da tarde, N. Teotónio Pereira e José Pedro Martins Barata falaram sobre «Paróquia e Urbanismo». Analisaram a paróquia como comunidade e fizeram notar que, em muitos centros urbanos, a vida paroquial era prejudicada por uma distribuição territorial desajustada, frequentemente aliada a uma estrutura comunitária defeituosa ou uma morfologia urbana desarticulada, pelo que defenderam o estudo urgente deste problema por uma equipa que juntasse sociólogos, urbanistas e o clero paroquial. Trataram, de seguida, da questão da localização das novas igrejas, começando por apresentar três esquemas que traduziam as relações possíveis entre igreja e comunidade, de acordo com a sua implantação¹⁹³. O primeiro indicava uma igreja que ignorava o centro espiritual de vida da comunidade, pelo facto de se posicionar anonimamente no meio dos restantes edifícios, perdendo, assim, a capacidade de transmitir o sentido do sagrado. Como exemplo, apresentaram a igreja do Convento de Santa Marta, em Lisboa. O segundo esquema sugeria uma igreja situada no centro espiritual da comunidade sem lhe pertencer, representando a união do quotidiano humano com o transcendente e o sagrado. Estabeleceria, deste modo, um valor recíproco entre igreja e comunidade, encontrando a primeira o seu significado na segunda, enquanto esta se ordenava pela primeira. Eram exemplos as igrejas lisboetas de Santos-o-Velho e de N. Sra. de Fátima. O terceiro e último esquema representava as igrejas que se afastavam do centro espiritual da comunidade, exprimindo a separação entre o sagrado e o profano, como casas de um Deus distante das limitações e fraquezas humanas. Enquadravam-se neste tipo as igrejas dos Jerónimos e da Penha de França, ambas

¹⁹² Actividade do «Movimento de Renovação da Arte Religiosa», *Ora et Labora*, Ano 2, n.º 5 (1955), p. 260.

¹⁹³ PEREIRA, N. Teotónio, BARATA, J. P. Martins [Conferência], Paróquia e Urbanismo [Manuscrito] (1955), p. 8.

também em Lisboa. Entre a igreja que ignorava o centro, a igreja situada no centro e a que se afastava do centro, consideraram o segundo tipo como o mais propício a uma plena vida paroquial. No entanto, fizeram notar o erro comum que era localizar as igrejas em situação dominante, ao fundo de avenidas, por assim invadirem o centro da comunidade duma maneira tanto espetacular quanto agressiva, perdendo, com o aparato, a dignidade que convinha à igreja paroquial. Alertaram, depois, para o facto de, frequentemente, os planos de urbanização não estudarem com a devida atenção este assunto, dando origem a erros de graves consequências urbanísticas e pastorais. Foi, neste sentido, sugerido que o MRAR elaborasse algumas normas e informações úteis para os autores destes planos.

O primeiro dia terminou com a apresentação «A celebração eucarística e a estrutura da assembleia litúrgica», da autoria do P. Adelino Gomes, que tratou da natureza e organização da assembleia dos fiéis, enquanto comunidade hierarquizada, ativa e participante na celebração eucarística por meio dos cortejos, da dialogação, das leituras, do canto, das atitudes e gestos. Seguiu-se a análise destas diferentes formas de participação tendo em vista uma melhor compreensão do programa da igreja paroquial, à luz da tradição cristã e das tendências manifestadas no movimento de renovação litúrgica, o que o levou a reconhecer a dificuldade em se definirem as regras na sua totalidade por o movimento estar ainda em desenvolvimento. Adiantou, no entanto, a tendência para o fim do fracionamento da assembleia em grupos separados, como era o caso da divisão por sexos imposta pelo direito canónico.

No dia seguinte, D. Tomás Gonçalinho de Oliveira osb teve o encargo da abertura, dedicada ao tema «O Altar»¹⁹⁴, cuja natureza mística começou por analisar para demonstrar que a sua dignidade exigia que fosse colocado no centro do culto cristão.

De seguida, direccionou a intervenção para a arquitetura do altar, enunciando os seus princípios gerais à luz da legislação da Igreja, das tendências do movimento litúrgico e, especialmente, das normas do Episcopado alemão para a construção de igrejas e das recomendações do bispo de Estrasburgo. Neste contexto, insistiu no princípio do altar único, que, nas igrejas novas, aconselhou que fosse disposto de forma a permitir a celebração *versus populum*, quando as circunstâncias o recomendassem. Afirmou, então, que «a posição ideal do altar será aquela que melhor ponha em realce o seu significado e importância,

¹⁹⁴ Os pontos principais desta conferência foram publicados na revista *Ora et Labora* [Ano 2, n.º 4 (1955), pp. 188-195].

que melhor satisfaça às exigências do culto litúrgico, que melhor conduza os fiéis a uma participação activa e comunitária no Santo Sacrifício»¹⁹⁵.

Perante a dificuldade em se conciliar a colocação do sacrário com aquele tipo de celebração, de acordo com as prescrições canónicas, defendeu a sua colocação num altar secundário localizado numa capela lateral de menores dimensões, com um ambiente de recolhimento mais propício à adoração eucarística e onde poderiam, também, ser celebradas as missas de semana. Antes de terminar, tratou sucintamente de outros aspetos relacionados com o altar, como a sua forma, dimensões e ornamentação, o cibório e baldaquino, o trono da Exposição e a mesa da Comunhão.

Já depois do almoço, o P. José Ferreira abordou «O canto na igreja», começando por fazer uma breve narrativa histórica do canto na liturgia cristã. Passou, seguidamente, a descrever as funções e a posição no espaço da igreja de cada um dos elementos que compunham a assembleia litúrgica – celebrante, diácono, subdiáconos, leitor, *scola cantorum* e povo –, tendo em conta que o canto era diferenciado, ou seja, nem todos cantavam a mesma coisa. A. Freitas Leal foi o responsável pelo sexto tópico abordado neste 2.º Encontro do MRAR e iniciou a sua preleção sobre «A decoração da igreja» afirmando que o edifício da igreja era, na sua totalidade, expressão materializada do culto prestado a Deus, o que conferia à arte uma finalidade não apenas didática ou catequética, mas também um valor estético. Lembrando que o que distinguia arte religiosa e arte sacra não era o tema, mas o estar ou não ao serviço do culto, apontou uma tripla orientação para a decoração de uma igreja: um sentido comunitário, que impunha à arte, clareza e universalidade de linguagem, um sentido da Glória, que obrigava ao abandono do descritivo-histórico, e um sentido da Transcendência, que exigia que a arte transmitisse uma realidade que tocasse o próprio mistério de Deus. Abordou, na sequência, os diversos aspetos e problemas da integração das artes plásticas na igreja, confrontando as tendências a favor da decoração com as que consideravam desnecessária a decoração no quadro arquitetónico e as que tinham em conta apenas o valor decorativo da textura e cor dos materiais, para concluir que as igrejas possuíam excelentes condições para uma integração, no plano monumental, da pintura e da escultura. Já a fechar o dia, N. Teotónio Pereira apresentou as conclusões do Encontro.

Depois de um primeiro semestre bastante ativo, o MRAR abrandou o ritmo na segunda metade do ano, não promovendo qualquer atividade durante este período, em que as próprias reuniões da direção se reduziram a apenas

¹⁹⁵ OLIVEIRA osb, D. Tomás Gonçalves de, O Altar, *Ora et Labora*, Ano 2, n.º 4 (1955), p. 193.

quatro¹⁹⁶, contrariamente à periodicidade quinzenal cumprida até ao verão. Neste tempo, António Lino marcou presença no histórico Primeiro Congresso Nacional de Arquitetura Sacra, realizado nos dias 23, 24 e 25 de setembro na Universidade de Bolonha, sob a presidência do Cardeal Giacomo Lercaro e que contou com a presença dos arquitetos Le Corbusier, Walter Gropius, Richard Neutra, Eero Saarinen e Otto Bartning, entre muitas outras personalidades dos meios artísticos, diplomáticos e religiosos. A 23 de novembro, o grupo restrito de sócios efetivos conheceu o seu primeiro alargamento, ao serem admitidos na reunião do Conselho Diretivo, Manuel Cargaleiro e José Escada, a quem foram atribuídos os números de sócio 13 e 14, respetivamente. No final do ano, o MRAR promoveu a edição da segunda série de cartões de Boas-Festas, composta por um conjunto de gravuras do pintor António Lino, subordinado ao tema da Natividade (FIGS. 20 e 21).

O ano de 1956 marcou o regresso do MRAR à produção de uma exposição, desta feita dedicada à Arte Sacra Moderna, tendo sido a Galeria Pórtico, em Lisboa¹⁹⁷, o local escolhido (FIG: 22). Os primeiros contactos dataram de junho de 1955, mas a Comissão Organizadora – composta pelo P. António dos Reis Rodrigues, A. Freitas Leal, Madalena Cabral e José Escada – ficou definida apenas na reunião de 28 de dezembro. Com abertura programada para março seguinte, a sua preparação obrigou à suspensão de todas as outras atividades do MRAR durante cerca de dois meses. No dia da sua inauguração, 26 de março, tinham conseguido reunir cerca de 50 obras de 30 artistas e arquitetos, onde se contavam oito dos sócios efetivos do MRAR – N. Teotónio Pereira, João de Almeida, A. Freitas Leal, J. Maya Santos, António Lino, José Escada, Madalena Cabral e Manuel Cargaleiro –, os futuros membros Nuno Portas e Luiz Cunha, e simpatizantes próximos do Movimento como Graziela Albino¹⁹⁸ e Jorge Vieira, mas também alguns artistas de renome – Almada Negreiros, Barata Feyo e também Alfred Manessier. Os trabalhos expostos primavam, igualmente, por uma grande diversidade de técnicas e expressões, estando representados bronzes, gessos, cartões para vitrais, guaches, peças de ourivesaria e paramentaria, crucifixos, litografias e fotografias (FIGS. 23 a 30). Quanto ao pequeno catálogo de 12 páginas, contou com um texto introdutório de A. Freitas Leal, em que retomou alguns pontos da sua conferência de 11 de junho do ano anterior, nomeadamente na definição de Arte Sacra como unicamente a que está ao serviço do

¹⁹⁶ 26 de outubro, 23 de novembro, 7 e 28 de dezembro.

¹⁹⁷ Rua da Misericórdia, n.º 33.

¹⁹⁸ A escultora Graziela Albino era esposa do arquiteto Henrique Albino, sócio fundador do MRAR.

culto, enquanto seu elemento formal e ambiental, não devendo ser considerada «*exclusivamente como criadora de um ambiente psicológico propício à devoção, [...] interpretação [que] levaria aos piores sentimentalismos e individualismos*»¹⁹⁹, mas, pelo contrário, arte comunitária, universal e atual, «*sem arqueologismos, sem primitivismos, sem historicismos*»²⁰⁰. Explicou, ainda, que «*a intenção desta exposição foi mostrar ao público as possibilidades e os campos abertos à Arte Sacra, ajudá-lo a aguçar o critério para uma exigência de melhoria da qualidade hoje tão duvidosa e acordar nesse público cristão a consciência da responsabilidade que lhe cabe na renovação que se impõe realizar*»²⁰¹, mesmo não sendo, o nível geral, tão bom quanto tinham desejado. A terminar, lançou sementes para o futuro: «*Pela escassez das obras recolhidas [...] pode concluir-se que nesta exposição não pretendemos fazer um monstrosário das obras de Arte Sacra realizadas nos últimos anos. [...] Para nós, esta realização tem o valor de uma experiência, ou melhor, de um ensaio preparatório para uma futura Exposição-Crítica sobre a situação da Arte Sacra em Portugal, tão necessária e urgente!*»²⁰².

Paralelamente à exposição e em dias distintos, sucederam-se variadas sessões culturais ao início da noite, que vieram enriquecer largamente o evento: no dia 2 de abril efetuou-se uma conferência sobre a evolução da forma musical, com audição de gravações de música polifónica antiga e da Missa de Igor Stravinsky; dois dias depois, João de Almeida proferiu uma palestra dedicada à «Arquitectura religiosa moderna na Suíça e Alemanha»; a 6 de abril, realizou-se uma sessão de cinema, com a apresentação dos filmes *Misere-re*²⁰³, *L'Evangile de la Pierre*²⁰⁴ e *Images Médiévales*²⁰⁵, comentados por Nuno Portas²⁰⁶, e, no dia seguinte, João Pais comentou a sessão fonográfica dedicada a Arthur Honnegger.

¹⁹⁹ LEAL, A. Freitas, Introito, *Exposição de Arte Sacra Moderna*, Lisboa: [sn.] (Tipografia Teixeira, Lda) (26.mar.1956), p. 5.

²⁰⁰ LEAL, A. Freitas, *Exposição de Arte...*, p. 5.

²⁰¹ LEAL, A. Freitas, *Exposição de Arte...*, p. 5.

²⁰² LEAL, A. Freitas, *Exposição de Arte...*, p. 5.

²⁰³ Filme sobre a obra-prima de Georges Rouault, realizado por Frédéric Duran e Abbé Morel (1951).

²⁰⁴ Relato das Escrituras acompanhado por imagens de esculturas de igrejas e catedrais francesas. Realizado por André Bureau (1948).

²⁰⁵ Retrato da vida na Idade Média a partir das iluminuras medievais. Realizado por William Novik (1949).

²⁰⁶ Sócio estudante n.º 1 do MRAR.

Como seria de esperar, a imprensa esteve atenta à exposição, primeiro noticiando a sua inauguração²⁰⁷, depois fazendo o seu acompanhamento através de vários artigos²⁰⁸, entre os quais não faltaram as habituais críticas e comentários. João Valério, logo no dia seguinte à abertura, escreveu no jornal *Novidades* que «foi com desconfiança que entrei o “Pórtico” desta Exposição, esperando ir encontrar os habituais “mamarrachos”, que habitualmente enxameiam nesta espécie de exibição. Reconheço, com alívio consolador, que os meus receios eram injustificados, na sua maior parte. Tirando uma ou outra excentricidade [...], a maior parte das obras vê-se com agrado, dentro da sua feição modernista»²⁰⁹. Destacou os trabalhos de Álvaro Breé, Joaquim Martins Correia e Barata Feyo, «de acentuado carácter sacro e com verdadeiro equilíbrio artístico»²¹⁰, classificando-os como notáveis, e terminou com uma menção aos cartões para vitral de Almada Negreiros e António Lino, às cerâmicas de Hein Semke, aos trabalhos de bronze e gesso patinado de Graziela Albino, à tapeçaria e estudo para a abside da igreja da Póvoa de Santa Iria de Manuel Lapa, aos paramentos de Madalena Cabral e às cruzes de esmalte de Manuel Ramos Chaves.

Alguns dias depois, um articulista do jornal *A Voz* identificado apenas com as iniciais P. C., contestou a presença na exposição das obras de José Escada, Manuel Cargaleiro e Manessier, não pela falta de valor artístico, mas por se assumirem abertamente no abstracionismo, pondo em dúvida a sua classificação de arte sacra. No entanto, considerou que a exposição se revestia «de grande valor, por permitir o contacto do público com exemplares de arte sacra moderna portuguesa. As cerâmicas de Hein Semke, por exemplo, no modo primitivo e profundamente místico daquele artista, são muito interessantes, como o são também a tapeçaria e a maquete de Manuel Lapa, os gessos de Barata Feyo e [...]

²⁰⁷ Exposição de arte sacra, *Diário Popular* (26.mar.1956), p. 7; Exposição de Arte Sacra, *Diário de Notícias* (26.mar.1956), p. 4; Exposição de Arte Sacra, *Novidades* (26.mar.1956), p. 1; Exposição de Arte Sacra, *O Século* (26.mar.1956), p. 7; De arte sacra nas Galerias «Pórtico», *Diário da Manhã* (28.mar.1956), pp. 3-6; Na Galeria Pórtico é hoje inaugurada uma exposição de arte sacra, *A Voz* (27.mar.1956), p. 6; O que vamos ver, *Eva* (abr.1956), p. 31.

²⁰⁸ VALÉRIO, João, Exposição de Arte Sacra Moderna, *Novidades* (27.mar.1956), p. 2; P. C., Uma exposição de Arte Sacra Moderna, *A Voz* (30.mar.1956), pp. 1-5; A. M., Arte Sacra Moderna no «Pórtico», *Diário de Notícias* (3.abr.1956), p. 4; PAMPLONA, Fernando de, Arte Sacra Moderna na Galeria Pórtico, *Diário da Manhã* (6.abr.1956), pp. 3-6; De Arte Sacra no Pórtico, *O Cronista* (7.abr.1956), p. 8; M. de O., De Arte Sacra Moderna na Galeria Pórtico, *Diário Popular* (11.abr.1956), p. 6; Parochus X, Pastoral e Sociologia Religiosa, *Novidades* (20.abr.1956), p. 3; PORTAS, Nuno, O Drama da Arte Sacra Portuguesa, *Encontro*, Ano 1, n.º 4 (abril 1956), pp. 2-8.

²⁰⁹ VALÉRIO, João, Exposição de Arte Sacra Moderna, *Novidades* (27.mar.1956), p. 2.

²¹⁰ *Ibidem*.

as tentativas de modernização de paramentos, empreendidas por Madalena Cabral, e as de objectos de culto devidas a Manuel Ramos Chaves, Graziela Albino e João M. de Almeida»²¹¹. Já no começo de abril, outro articulista identificado com iniciais – A. M. –, continuou, no *Diário de Notícias*, os elogios à exposição, cujo «objectivo é de molde a suscitar francos aplausos»²¹², pois «por diferentes que sejam os valores do seu conjunto, de todos estes trabalhos ressalta, evidente e inegável, uma comovente expressão de arte, sempre com uma mensagem religiosamente cristã dela a evoluir-se»²¹³. No mesmo tom escreveu M. de O., no *Diário Popular*, onde salientou «este magnífico esforço para a renovação da arte religiosa em Portugal, que há muito se impunha»²¹⁴.

Mas nem todos partilharam estas opiniões. No jornal *Novidades*, de 20 de abril, Parochus X manifestou o seu desagrado relativamente ao que viu na Galeria Pórtico – «*Aparte uma ou outra obra deste ou daquele artista já conhecido, a exposição apresentou-se pobre, heterogénea, um tanto desnivelada. Para quê sobretudo uma ou outra aberração de arte abstracta – sim, para quê?*»²¹⁵ Confessando que continuava a apoiar a equipa do MRAR e a admirar o seu heroísmo tenaz, assim justificou o motivo de lhes «*exigir mais cuidado nos compromissos e nas expressões da sua vida artística [...] [porque] as responsabilidades assumidas por ocasião da 1.ª Exposição de Architectura Religiosa há anos não podem e não devem descair de forma alguma*»²¹⁶.

O historiador e crítico de arte Fernando de Pamplona esteve também na exposição de 1953 e sobre ela escreveu então um artigo no mesmo jornal que agora publicava uma nova crítica sobre a mais recente iniciativa do MRAR, fazendo questão de assinalar «*a sua importância e significado e bem assim o valor indiscutível de muitos dos trabalhos expostos*»²¹⁷. Não a achou, no entanto, isenta de pontos fracos e acusou o facto da compreensão das obras obrigar o grande público a uma cultura artística, quando considerava que a arte devia estar aberta ao seu entendimento, o que não impedia que guardasse alguns segredos para os entendidos. Mesmo com este senão, terminou fazendo o elogio de numerosas peças apresentadas.

²¹¹ P. C., Uma exposição de Arte Sacra Moderna, *A Voz* (30.mar.1956), p. 5.

²¹² A. M., Arte Sacra Moderna no «Pórtico», *Diário de Notícias* (3.abr.1956), p. 4.

²¹³ *Ibidem*.

²¹⁴ M. de O., De Arte Sacra Moderna na Galeria Pórtico, *Diário Popular* (11.abr.1956), p. 6.

²¹⁵ PAROCHUS X, Pastoral e Sociologia Religiosa, *Novidades* (20.abr.1956), p. 3.

²¹⁶ *Ibidem*.

²¹⁷ PAMPLONA, Fernando de, Arte Sacra Moderna na Galeria Pórtico, *Diário da Manhã* (6.abr.1956), p. 3.

Nuno Portas aproveitou a oportunidade proporcionada pela exposição para tratar do «Drama da Arte Sacra Portuguesa»²¹⁸ e alertar para o facto de que, «apesar do desenvolvimento das obras sacras em Portugal, verifica-se que os nossos melhores artistas, se chegam a ser chamados a trabalhar para o culto, são-no por acaso»²¹⁹, o que era altamente lesivo para a própria Igreja e retardava o encontro do povo cristão com os valores autênticos. Não o surpreendeu, portanto, que «sem um ambiente comunitário a exige-la [à arte moderna qualificada] [...], uma exposição não poderia deixar de reflectir falta de unidade e de um nível global superior. Não podemos de facto falar de arte sacra portuguesa: a exposição não nos revela senão que ela poderá ser possível quando... etc., etc.»²²⁰. Considerou, no entanto, que a exposição tinha algumas obras valiosas, como o S. Mamede de Jorge Vieira, o cartão de Almada, os paramentos de Madelena Cabral, a ourivesaria de João de Almeida, a porta de sacrário de Graziela Albino, e as pinturas de José Escada e Manuel Cargaleiro. Mas o destaque final guardou para a igreja das Águas, de N. Teotónio Pereira, que «poderá ser o marco, o ponto de nascença das igrejas que o nosso povo cristão merece: uma arte integralmente portuguesa e simples, inteiramente actual, intimamente cristã»²²¹.

Também o então seminarista Albino Cleto aproveitou a ocasião para desenvolver o tema da relação entre o sagrado e a arte, num artigo publicado na revista *Novellae Olivarum*²²², onde começou por escrever que «embora de proporções reduzidas, [a exposição] deu azo a um primeiro contacto com as mais sérias tendências actuais, proporcionando-nos uma boa oportunidade para troca de ideias»²²³. Esta possibilidade de debate foi o ponto positivo mais sublinhado por Roberto Norte na crítica acirrada que publicou, onde afirmou que a exposição «vale, decerto, muito mais pelos actuais problemas artísticos e éticos que traz perante o público (e ante os próprios artistas...), do que pelo escasso conjunto de elementos conseguidos»²²⁴, que mostravam ao visitante como «os organizadores repudiam, naturalmente, o estilo conformista e amaneirado, tão lisonjeador da chamada

²¹⁸ PORTAS, Nuno, O Drama da Arte Sacra Portuguesa, *Encontro*, Ano 1, n.º 4 (abr.1956), pp. 2-8.

²¹⁹ PORTAS, Nuno, O Drama da Arte Sacra..., p. 2.

²²⁰ PORTAS, Nuno, O Drama da Arte Sacra..., p. 8.

²²¹ *Ibidem*.

²²² CLETO, Albino, Realidades do Sagrado, *Novellae Olivarum*, Ano XIV, n.º 136 (nov.1956), pp. 161-165.

²²³ CLETO, Albino, Realidades..., p. 161.

²²⁴ NOBRE, Roberto, Exposição de Arte Sacra Moderna, O *Primeiro de Janeiro* (18.abr.1956), p. 3.

«*arte de sacristia*»²²⁵. Mas, mais do que as obras em si, o principal foco da sua contestação foi o introito do catálogo, «*texto [que] mostra ser contra os democratas-cristãos*»²²⁶ e, «*evidentemente redigido por um modernista laico, é fértil em surpresas*»²²⁷. Relativamente aos trabalhos expostos, o extenso artigo apenas conseguiu ter algumas palavras de mérito para o cálice da capela do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, da autoria de João de Almeida – «*Uma das boas peças da exposição*»²²⁸ –, para além de manifestar algum entusiasmo pela porta de sacrário, de Graziela Albino, para a igreja do Sagrado Coração de Jesus²²⁹, na Covilhã.

Encerrada no dia 7 de abril, a exposição foi repetida no Seminário dos Olivais, onde inaugurou a 7 de maio. Pelo meio, o MRAR voltou à Casa de S. Mamede para realizar, nos dias 27, 28 e 29 de abril, o 2.º Encontro de Universitários, que juntou, desta vez, estudantes de Lisboa e do Porto, sendo que os três dias de trabalhos foram preenchidos por um programa tão variado quanto intenso, diariamente iniciado por uma missa e tempo de meditação (FIGS. 31, 32 e 33). Na manhã do primeiro dia, a estudante de arquitetura Luísa Ribeiro Gomes discursou sobre as «Exigências da Arte Sacra», para depois do almoço, o grupo participante partir para uma visita guiada por Flórido de Vasconcelos, às igrejas da Sé, S. Vicente de Fora e Santa Engrácia, antecedendo o debate conduzido pelo arquiteto estagiário Fernando Condesso, sobre o «Conceito de espaço em arquitectura». Para o final da tarde e início da noite, ficou reservado um tempo para reuniões de grupos.

No segundo dia, o Encontro contou com a presença do P. Manuel Antunes sj, convidado a orientar o debate matinal dedicado à «Arte e Sociedade», que introduziu com uma pequena conferência organizada em três pontos: Arte como meio de expressão, em que abordou os problemas da linguagem da arte; O Belo, em que questionou critérios de Beleza; e o Valor Social da Arte, onde considerou a Arte como expressão de cultura e um elemento de elevação do nível espiritual de uma sociedade. No recomeço da tarde, o P. Honorato Rosa

²²⁵ *Ibidem.*

²²⁶ *Ibidem.*

²²⁷ *Ibidem.* A propósito da afirmação de A. Freitas Leal de que a Arte Sacra era uma arte comunitária, Roberto Nobre comentou: «*Lénin gostaria decerto desta definição.*»

²²⁸ *Ibidem*

²²⁹ A igreja do Sagrado Coração de Jesus, também conhecida por igreja de Santiago, na Covilhã, foi consumida pelas chamas em 1942, e renovada, na sua quase totalidade, entre 1947 e 1952, segundo projeto do arquiteto N. Teotónio Pereira. Os relevos na fachada são do escultor Joaquim Correia.

apresentou o tema «A Verdade, o Bem e a Beleza em Deus», seguindo-se novo debate, orientado por José Escada, centrado na «Formação cultural do artista de hoje». A noite foi preenchida pelo visionamento dos filmes *Miserere, L'architecte maudit: Claude-Nicolas Ledoux*²³⁰ e *Les cathedrales de France au rythme des saisons*²³¹.

No último dia, o programa foi mais reduzido, limitando-se à conferência de A. Freitas Leal intitulada «Características da arquitectura meridional», e ao debate final, conduzido por Maria Luísa Marinho Leite²³², que se debruçou sobre as «Relações entre estudantes e profissionais» e encerrou o Encontro, já a meio da tarde de domingo.

Depois de quatro meses intensos, o MRAR voltou a refrear, manifestando-se publicamente apenas pelos envios de delegados, em julho, à Primeira Exposição Internacional de Arte Sacra de Salzburgo, e, em setembro, à reunião do Secretariado Internacional dos Artistas Católicos, em Veneza.

A exposição de Salzburgo foi organizada pela Österreichische Gesellschaft für Christliche Kunst²³³, com o patrocínio do Arcebispo de Salzburgo, entre julho e setembro, e, por dificuldades de transporte, os objetos escolhidos pelo MRAR para representarem Portugal não puderam constar da mostra. João de Almeida, delegado português, participou da reunião de delegados²³⁴ de oito dos 12 países convidados a discutir sobre a oportunidade da exposição se tornar numa Bienal de Arte Sacra, o que não obteve acordo geral.

J. Maya Santos foi o delegado do MRAR em Veneza, que, no cumprimento do enunciado nos Estatutos do Movimento²³⁵, procedeu à inscrição do Movimento no SIAC e entregou uma proposta para que a reunião de 1958 se realizasse em Lisboa. Nos bastidores, relatou a atividade do MRAR e incitou os artistas dos restantes países a se organizarem para o apostolado da Arte Sacra, depois «*de constatar que tanto na França, como na Bélgica e mesmo na Suíça pouco há, ou nada, no campo do MRAR e, quando há, as rivalidades, desconfianças, etc.,*

²³⁰ Filme sobre a obra do arquiteto francês Claude-Nicolas Ledoux (1736-1806), centrado em dois dos seus mais importantes trabalhos: «*Saline de Chaux*» e «*Propylées de Paris*». Realizado por Pierre Kast (1954).

²³¹ Filme composto por imagens de catedrais francesas, destacando a sua originalidade e os seus diferentes estilos. Realizado por Edouard Logereau (1954).

²³² Futura sócia efetiva n.º 19.

²³³ Associação Austríaca para a Arte Cristã.

²³⁴ Alguns dos delegados foram o pintor Georg Meistermann, da Alemanha, o arquiteto Hermann Baur e o P. Ottinger, da Suíça, o arquiteto Miguel Fisac, de Espanha, e o P. Capellades, de França.

²³⁵ O MRAR «*estabelecerá oportunas relações com outros movimentos semelhantes nacionais ou estrangeiros*», MRAR, Estatutos, Lisboa (18.dez.1954), art.º 3.º, b).

fazem destruir ou pelo menos inutilizar todas estas sãs tentativas»²³⁶. Durante a sua estadia em Itália, J. Maya Santos participou ainda, a título privado, no IV Congresso Internacional de Liturgia, que se realizou entre 18 e 22 de setembro, em Assis, dedicado ao tema «Renovação litúrgico-pastoral no pontificado de Pio XII», onde encontrou os padres Gustavo de Almeida e José Ferreira. Esta sua viagem por Itália deu origem à conferência por ele realizada a 30 de novembro, no MNAA, sobre «Arquitetura religiosa italiana», onde abordou o sentido de renovação já perceptível naquele país, ainda que a par de alguns desvios e hesitações.

Nesta data, o MRAR já entrara na fase institucionalizada do seu percurso, em virtude da aprovação definitiva, em 19 de junho, dos Estatutos do Movimento²³⁷ (FIG. 34). Uma vez reconhecido pelo Estado como associação de pleno direito, era tempo do grupo cumprir as obrigações assumidas nos Estatutos e convocar a primeira Assembleia Geral com vista à nomeação definitiva dos corpos gerentes, o que aconteceu a 23 de novembro de 1956. À hora marcada, reuniram-se²³⁸ onze dos quinze sócios do MRAR²³⁹. N. Teotónio Pereira, enquanto presidente da Direção Provisória, guiou o arranque dos trabalhos e procedeu à eleição do presidente da Assembleia Geral. A única candidata proposta, Maria José de Mendonça, foi aprovada por unanimidade e assumiu imediatamente o seu cargo, designando como secretários António Lino e J. Maya Santos.

Avançaram, então, para o escrutínio da primeira Direção do MRAR, ao qual se apresentou uma única lista, formada pelos membros que compuseram a Direção Provisória – N. Teotónio Pereira, presidente, Flório de Vasconcelos, secretário, e João C. Rebelo²⁴⁰, tesoureiro –, e foi, também ela, eleita com a totalidade dos votos. No seguimento, N. Teotónio Pereira procedeu à

²³⁶ SANTOS, J. Maya [Carta ao P. Manuel Mendes Atanásio] (1957), p. 1.

²³⁷ Os Estatutos haviam sido já aprovados, por despacho ministerial de 25 de fevereiro de 1956, na condição de neles se introduzirem as alterações solicitadas – a obrigatoriedade do Ministro da Educação Nacional sancionar os corpos gerentes eleitos, e a conformação da atividade do MRAR no estrangeiro à orientação definida pelo Instituto da Alta Cultura –, o que fizeram criando o 28.º artigo dos Estatutos. Desta aprovação deu conta a revista *Ora et Labora*, no seu n.º 2 de 1957 (pp. 73-74).

²³⁸ Na Avenida Pedro Álvares Cabral, n.º 46, r/c esq., Lisboa.

²³⁹ Não estiveram presentes Henrique Albino (que, no ano seguinte, deixaria de ser sócio efetivo), Manuel Cargaleiro, José Escada e Diogo Lino Pimentel, este último admitido, como sócio efetivo, na reunião do Conselho Diretivo de 9 novembro, a mesma reunião em que se juntou ao MRAR, como sócio auxiliar, Erich Corsépius, futuro tesoureiro (1963-64) e presidente da Assembleia Geral (1965-66).

²⁴⁰ Pouco tempo depois, João C. Rebelo regressou a Ponta Delgada, depois de ter sido nomeado arquiteto da Junta Geral do Distrito. Manteve-se até ao fim do MRAR como sócio efetivo, mas

apresentação do Relatório e Contas relativos aos três anos em que vigorou a Direção Provisória, começando por valorizar o papel vital que o Conselho Diretivo desempenhou nesse período. No entanto, e apesar de reconhecer que a atividade do Movimento era já conhecida de círculos largos do clero, dos artistas e dos meios mais interessados, constatou que era «*claro para todos que ficámos muito aquém das necessidades; só realizámos muito pouco daquilo que nos tem sido pedido. [...] A leitura do capítulo dos Estatutos que trata dos objectivos do Movimento, dos apontamentos das reuniões – em que foram lançadas ideias, planos e sugestões – põe-nos diante da realidade; andámos devagar e fizemos pouco. Há sectores inteiros que mal foram tocados*»²⁴¹. E acrescentou que o pouco que fizeram foi primordialmente direcionado para os meios dirigentes e responsáveis pelos diversos sectores ligados ao campo de ação do MRAR (clero e artistas), em prejuízo da formação do grande público católico e do aperfeiçoamento cultural, profissional e espiritual dos próprios sócios, indispensável para uma ação eficaz. Apresentou como justificação desta situação, a falta de coordenação e de método, mas principalmente o reduzido número de membros ativos, que limitou as possibilidades de ação: «*só raramente tem sido possível ao Movimento dedicar-se ao mesmo tempo a mais do que uma tarefa*»²⁴². Por esse motivo, agora que estava terminado o tempo de organização, período em que entenderam ser mais conveniente não aumentar substancialmente o grupo orientador, propôs, para resolver esta dificuldade e conseguirem alargar a ação do MRAR, que se aumentasse o número de sócios efetivos²⁴³, bem como a sua participação ativa na vida do Movimento, que se promovesse a colaboração de alguns sócios auxiliares e estudantes, e que se disponibilizassem mais recursos materiais, especialmente através do aumento substancial do número de sócios auxiliares. N. Teotónio Pereira lembrou ainda a necessidade do MRAR encontrar uma pequena sede, onde diariamente pudesse funcionar uma secretaria e um serviço de biblioteca e documentação, para a qual deviam adquirir livros e revistas, e promover a organização de arquivos e ficheiros de fotografias, artigos, etc. A terminar, destacou a ação desenvolvida por João de Almeida no Seminário

não voltou a ter um papel ativo no Movimento. No início de 1957, Diogo L. Pimentel tomou o seu lugar de tesoureiro da Direção.

²⁴¹ PEREIRA, N. Teotónio, VASCONCELOS, Flório de, REBELO, João C., MRAR, *Relatório e contas da direcção provisória 1954-1956*, Lisboa (23.nov.1956), p. 1.

²⁴² *Ibidem*.

²⁴³ Alertou, no entanto, para a possibilidade do alargamento do núcleo orientador poder prejudicar a unidade de doutrina e de ação que queriam manter, mas considerou esse um risco necessário de correr, até porque estavam a ficar demasiado confinados a uma geração e a um grupo profissional.

dos Olivais, que permitiu ao MRAR ganhar a confiança e compreensão dos meios eclesiásticos, e o constante dinamismo colocado por A. Freitas Leal em vários setores do Movimento.

Ficavam, deste modo, lançados os dados para um futuro em aberto, mas promissor. Para o Natal daquele ano, preparavam já a edição de uma nova série de estampas de Boas-Festas, ilustradas com uma imagem de um baixo-relevo em terracota inédito de Jorge Vieira, e daí a poucos dias estariam presentes na inauguração da igreja de Santo António, em Moscavide²⁴⁴, primeira grande obra associada ao Movimento, da autoria da dupla elogiada por N. Teotónio Pereira: João de Almeida e A. Freitas Leal.

Afirmção [1957-1958]

O ano novo de 1957 foi iniciado, pelo MRAR, com a celebração de uma missa, no dia 4 de janeiro, na capela do Instituto de Serviços Sociais, no Largo do Mitelo, em Lisboa, presidida pelo P. A. Reis Rodrigues. Já no dia seguinte, o grupo dirigiu-se a Moscavide para realizar uma visita de estudo à nova igreja, que começou numa das suas salas com uma apresentação prévia da obra por A. Freitas Leal, junto da maquete da mesma. De seguida, o pároco da freguesia, P. Armino Duarte, falou sobre as reações dos paroquianos e o funcionamento da igreja, destacando a perfeição do espaço litúrgico. Depois de ambos terem respondido às perguntas da assistência, a visita prosseguiu para o interior da igreja, onde se formaram informalmente pequenos grupos de debate.

Alguns dias mais tarde, a 9 de janeiro, os sócios efetivos do MRAR foram recebidos, em audiência, pelo Cardeal-Patriarca D. Manuel G. Cerejeira, tendo N. Teotónio Pereira, na qualidade de presidente, começado por descrever sucintamente o trabalho realizado pelo Movimento, para depois confirmar o desejo de todos em trabalharem por um florescimento da Arte Sacra, integrados num Movimento independente da orgânica oficial da Igreja, mas estreitamente unido às suas aspirações e necessidades, para o que solicitou a nomeação do assistente eclesiástico previsto nos Estatutos. O Cardeal-Patriarca acolheu com simpatia aquela obra apostólica e manifestou o seu acordo quanto à importância da existência de uma ligação estreita com a Hierarquia, pelo que garantiu responder ao pedido realizado²⁴⁵.

²⁴⁴ A igreja de Santo António, em Moscavide, foi inaugurada a 9 de dezembro de 1956.

²⁴⁵ Algum tempo depois, o P. A. Reis Rodrigues foi nomeado assistente eclesiástico do MRAR.

O ano tinha começado há pouco e o MRAR dava provas de grande fulgor. Mas a grande novidade neste período surgiu ainda durante o mês de janeiro, com a publicação do primeiro número do Boletim do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, pela mão de J. Maya Santos²⁴⁶ (FIG. 38). Composto por oito páginas datilografadas, no formato A4²⁴⁷, esta edição inaugural foi maioritariamente composta por noticiário referente ao ano anterior. Depois de uma apresentação do Movimento, bem como da Secção de Estudantes, sucederam-se os artigos dedicados ao 2.º Encontro para Estudantes Universitários, às presenças de membros do MRAR em Salzburgo, Veneza e Assis, à conferência sobre «Arquitectura religiosa italiana», à edição de estampas de Natal e à 1.ª Assembleia Geral do MRAR. Pelo meio, abordou os contatos já realizados no sentido de se concretizar uma participação portuguesa no Pavilhão de Arte Sacra da XXIX Bienal de Veneza, em julho de 1958, enquanto do presente ano apresentou os relatos da missa de dia 4 e da visita de dia 5. A encerrar o Boletim, noticiou a abertura, pelo Ministério das Obras Públicas, de um concurso de anteprojetos para a igreja do Agrupamento de Casas Económicas de Benfica, em Lisboa²⁴⁸. Apesar de manifestar «grandes objecções [quanto ao regulamento], especialmente no que toca ao programa da igreja e à constituição do júri (onde se estranha a ausência de um sacerdote e de um representante dos concorrentes)²⁴⁹ [...], porque o resultado de um concurso mal organizado pode transformar-se em argumento contra a utilidade do sistema»²⁵⁰, não se deixou de aplaudir a iniciativa, «pois a realização de concursos deste género é certamente um dos meios mais eficazes que poderão ser utilizados para a melhoria da nossa produção arquitectural. Especialmente no campo da arquitectura religiosa, os resultados deste método – quando bem orientado e aplicado numa justa medida – podem ser dos mais salutareos»²⁵¹. E deu-se o exemplo da Suíça alemã,

²⁴⁶ Que seria responsável pelos quatro números da primeira série do Boletim.

²⁴⁷ Acresce capa, onde constava o índice, e contracapa.

²⁴⁸ O concurso foi lançado pela Direção dos Serviços de Construção, da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, do Ministério das Obras Públicas. A igreja, que se situaria junto ao cruzamento da Rua Prof. Jorge da Silva Horta com a Rua da Venezuela, nunca foi construída. Foram admitidas 11 propostas, tendo sido o primeiro prémio atribuído ao arquiteto Fernando Schiappa de Campos, o segundo a Raul Chorão Ramalho e o terceiro ao sócio do MRAR, João Correia Rebelo. Também J. Maya Santos e A. Freitas Leal participaram no concurso, não lhes tendo sido atribuído qualquer prémio ou menção.

²⁴⁹ O júri do concurso era constituído por cinco membros: o Diretor-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, um arquiteto e um engenheiro daquela Direção, um representante do Sindicato Nacional dos Arquitetos e um elemento designado pelo Ministro das Obras Públicas.

²⁵⁰ [SANTOS, J. Maya], Concurso de anteprojectos para uma igreja em Benfica, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 1 (jan.1957), p. 8.

²⁵¹ [SANTOS, J. Maya], Concurso de anteprojectos..., p. 7.

«onde o recente florescimento da *arquitectura sacra* se deve em parte à organização frequente de concursos públicos, com regulamentos bem elaborados e júris constituídos por pessoas esclarecidas e competentes na matéria»²⁵². Na reunião do Conselho Diretivo de 25 de janeiro, este tema voltou a ser abordado, a propósito da possibilidade de se promover um concurso público de anteprojetos para a futura igreja de Almada²⁵³, assunto a cargo de Manuel Cargaleiro e J. Braula Reis.

Depois de um arranque de ano movimentado, só voltou a haver novidades do MRAR no mês de abril. Primeiro, a propósito de mais uma reunião do Secretariado Internacional de Artistas Católicos, neste ano realizada em Roma durante a semana da Páscoa. Devido à impossibilidade de estar presente J. Maya Santos, delegado oficial do MRAR junto do SIAC, solicitaram ao P. Manuel Mendes Atanásio, que se encontrava naquela cidade, para representar o Movimento, o que aconteceu. De lá, trouxe a notícia da nomeação de Max André Rossion para presidente do SIAC e que a reunião do próximo ano não se realizaria em Lisboa, mas em Viena²⁵⁴. Também teve oportunidade de confirmar, como J. Maya Santos em Veneza, da singularidade do MRAR, que o SIAC reconheceu que «*poderia ser modelo para as várias nações*»²⁵⁵.

Já no final do mês, o Movimento realizou o seu 3.º Encontro, pela primeira vez fora de Lisboa²⁵⁶. Nos dias 26, 27 e 28 de abril, os membros do MRAR reuniram-se na Casa de Santa Filomena, no Porto²⁵⁷, inaugurando os trabalhos Diogo L. Pimentel, com uma apresentação intitulada «Visão cristã da Arte Sacra». Depois do almoço, Luiz Cunha falou sobre o «Panorama internacional da arquitectura religiosa moderna», antes de uma visita à igreja matriz de Matosinhos, comentada por Álvaro Siza Vieira. À noite, a equipa de cinema da JUC organizou uma sessão de cinema. O segundo dia, tal como o anterior, arrancou do modo habitual nos Encontros do MRAR, com uma missa e um

²⁵² [SANTOS, J. Maya], Concurso de anteprojectos..., pp. 7-8.

²⁵³ O projeto da igreja de Santiago, em Almada, acabou por ser entregue, por adjudicação direta, a N. Teotónio Pereira, que partilhou a autoria com Nuno Portas e Luís de Almeida Moreira, e contou, ainda, com a colaboração de João C. Rebelo e António Reis Cabrita. A igreja foi inaugurada no dia 14 de dezembro de 1969.

²⁵⁴ A proposta foi três vezes adiada pelo SIAC, até ser abandonada de forma repentina pelo MRAR em janeiro de 1960, numa altura em que J. Maya Santos preparava a reunião já agendada para agosto de 1961. Em desacordo com a resolução da Direção do MRAR, J. Maya Santos recusou continuar como sócio efetivo do MRAR.

²⁵⁵ ATANÁSIO, P. Manuel Mendes [Carta a J. Maya Santos], Roma (2.mai.1957), p. 2.

²⁵⁶ O Encontro foi organizado pelo MRAR e pelo núcleo em formação no Porto. João Oom, sócio estudante n.º 4 do MRAR, foi o responsável pela parte logística que coube aos de Lisboa.

²⁵⁷ Rua de Belos Ares, n.º 23.

tempo de meditação, nestes dois dias presidida pelo P. Zacarias de Oliveira. O restante tempo da manhã foi preenchido pela conferência de Fernando Condesso dedicada à «Fenomenologia da Arte Cristã», a que se seguiu, já da parte da tarde, Réne Cadete de Oliveira, que discursou sobre «A importância do silêncio e da meditação para o Artista». Depois do lanche, foi apresentado o tema para debate, «Perspectivas actuais das Artes Plásticas», com orientação de A. Freitas Leal. O final dos trabalhos do segundo dia aconteceu numa sala anexa ao claustro da Biblioteca Pública do Porto, onde, ao início da noite, o Dr. M. P. Rio de Carvalho proferiu a conferência «O Movimento “Art Nouveau” em Portugal», em que salientou a importância desta arte como precursora da verdadeira Arte Moderna (FIG. 39). Na manhã do terceiro e último dia, os participantes no Encontro começaram por se reunir na igreja de N. Sra. de Fátima, para participar na missa dominical. Regressados à Casa de Santa Filomena, foram divididos em grupos que reuniam profissionais e estudantes, para debater o tema «O Artista cristão na Sociedade», tendo sido relator Fernando Távora. Antes de terminar o Encontro, realizou-se um novo debate, com o objetivo de se esclarecerem os «Problemas de orgânica interna do MRAR». Findo este, apresentaram-se as conclusões gerais.

Nos dias seguintes, os jornais noticiaram o evento²⁵⁸, tal como o segundo número do Boletim do MRAR, que foi apresentado no mês seguinte. Para além do relato do Encontro do Porto, o Boletim trouxe daquela cidade a notícia do primeiro «núcleo regional do Movimento, constituído basicamente por arquitectos e estudantes da Escola de Belas-Artes do Porto»²⁵⁹, dentre os quais se destacariam Luiz Cunha e Maria Luísa Marinho Leite²⁶⁰. O núcleo, ainda em organização, propunha-se abranger as dioceses do Porto, Braga, Vila Real e Bragança, e, enquanto não surgisse uma delegação em Coimbra, incluiria também aquela diocese, juntamente com Aveiro, Lamego, Viseu e Guarda²⁶¹. O núcleo teve uma sede provisória²⁶², mas acabou por nunca oficializar a sua constituição.

²⁵⁸ O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o seu reflexo na cidade do Porto, *Diário do Norte* (29.abr.1957); Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Comércio do Porto* (30.abr.1957); Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Jornal de Notícias* (30.abr.1957); *Diário de Notícias* (1.mai.1957).

²⁵⁹ SANTOS, J. Maya, DIAS, Carlos Carvalho, O núcleo regional do MRAR no Porto, *MRAR – Boletim*, 1.ª Série, n.º 2 (mai.1957), p. 2.

²⁶⁰ Algum tempo depois, tornaram-se sócios efetivos do MRAR, tendo-lhes sido atribuídos os n.ºs 18 e 19.

²⁶¹ [Apontamentos] [*Projecto de regulamento particular do Núcleo Regional do Porto do MRAR*] [Manuscrito] [1957], art.º 1.º

²⁶² Na Rua Sá da Bandeira, n.º 538, 3.º E, Porto.

O noticiário do Boletim incluiu ainda outros dois artigos relacionados com a atividade do MRAR, nomeadamente a audiência do Cardeal-Patriarca, de janeiro passado, e a mais recente reunião anual do SIAC em Roma, para além de algumas notícias sobre arte e arquitetura religiosa, como a redigida por José Escada sobre a Exposição de Arte Sacra Missionária do Novo México patente no Museu Nacional de Arte Antiga, ou a de Flórido de Vasconcelos sobre a criação, a 14 de janeiro daquele ano, da Comissão Diocesana de Arte Sacra da Diocese de Aveiro, onde destacou o desejo manifestado por esta de trabalhar em colaboração com o MRAR.

O tema dos concursos públicos voltou a ocupar as páginas do Boletim do MRAR, desta vez a propósito da anunciada repetição do concurso para um santuário em Loulé, depois de uma primeira tentativa, realizada entre julho de 1956 e fevereiro de 1957, em que *«as deficiências do regulamento, constituição do júri e mesmo a escassez dos prémios, obstaram a um completo êxito deste concurso. Houve pouca concorrência²⁶³, em quantidade e qualidade, e o júri acabou por decidir não atribuir o primeiro prémio»²⁶⁴*. O pretexto foi aproveitado pelo editor para, uma vez mais, fazer doutrina e reafirmar *«que em casos de certa importância – importância pelo tamanho, pelo local ou pela comunidade que afecta – é o método mais aconselhável para uma valorização nítida da obra pretendida»²⁶⁵*. E lembrar, *«como já notámos anteriormente, [...] [que] a realização de concursos de anteprojectos só traz benefícios para a qualidade da produção arquitectónica no nosso País, mormente no caso da arquitectura religiosa, campo especial por si mesmo»²⁶⁶*.

O segundo número do Boletim do MRAR ficaria, no entanto, marcado pela presença de três importantes textos, que foram apresentados com preponderância. O primeiro, da autoria de A. Freitas Leal, teve honras de abertura do Boletim e apresentava várias «Notas sobre a igreja paroquial de Moscovide», no seguimento de alguma controvérsia que se levantou após a inauguração. O segundo tratou-se da primeira parte de um longo artigo de estudo sobre paramentaria, realizado por Madalena Cabral, que seria continuado nos dois

²⁶³ Luiz Cunha foi um dos concorrentes, tendo apresentado um projeto que foi simultaneamente o seu trabalho final de curso (CODA). A sua proposta abordou o programa de um modo original e criativo, quer em termos da planta litúrgica do santuário e seu funcionamento quer na relação do edifício com a paisagem, que passou por uma reinterpretação dos acessos previstos, bem como por uma expressão arquitetónica moderna, inspirada nas formas geométricas puras sobrepostas do que chamou «Construtivismo algarvio».

²⁶⁴ SANTOS, J. Maya, Concurso para um santuário em Loulé, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 2 (mai.1957), p. 7.

²⁶⁵ SANTOS, J. Maya, Concurso para um santuário..., p. 7.

²⁶⁶ SANTOS, J. Maya, Concurso para um santuário..., p. 7.

boletins seguintes. Já o terceiro surgiu na forma de separata, onde se apresentava a tradução integral, por António Lino, do «Discurso do Cardeal Lercaro no Congresso de Architectura Sacra em Bolonha, 1955»²⁶⁷.

Contrariamente ao que se esperava, o resto de 1957 acabou por ser parco em manifestações públicas do MRAR, pois este encontrava-se a trabalhar intensamente na preparação de duas das iniciativas mais importantes da sua história: o Curso de Arquitectura Sacra e o Concurso de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Entende-se, por isso, que a 12 de novembro, durante a segunda Assembleia Geral, os presentes – Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, A. Freitas Leal, António Lino, Flórido de Vasconcelos, J. Maya Santos e N. Teotónio Pereira – se tenham limitado a pôr «em relevo a necessidade de dar maior desenvolvimento a certos aspectos da actividade do Movimento, nomeadamente o Boletim, a colaboração na Imprensa e a parte juvenil»²⁶⁸.

Quanto ao Boletim, não tardou o terceiro número, que foi lançado durante o mês de dezembro. Repetindo os moldes do anterior, começou por apresentar na primeira página um artigo de desenvolvimento, da autoria de Diogo L. Pimentel e intitulado «Artes menores ao serviço da Liturgia», onde lembrava que «muitas vezes nos temos esquecido do verdadeiro sentido de serviço que a Arte toma quando ligada à celebração do Culto litúrgico. Outras vezes aconteceu esquecermos que a expressão litúrgica tem que ser simultaneamente artística, sob pena de se convencionalizar e desincarnar»²⁶⁹. Ambas as situações davam origem a consequências graves. Lamentou a substituição do artesão sabedor e modesto por uma indústria apenas interessada nos seus rendimentos, que levou a que «aos poucos fomos habituando a uma produção artisticamente inferior e, de transigência em transigência, chegámos à aceitação do “mundo cor-de-rosa e azul-celeste” trazido por um falso conceito de espiritualidade, habituámo-nos às rendinhas e às cruzes bordadas a torto e a direito»²⁷⁰. Acreditando que era um problema solúvel, que a todos dizia respeito, defendeu a necessidade de um esforço de renovação de critérios, a ser dividido principalmente pelos que fabricavam ou vendiam e pelos que compravam ou encomendavam. Quanto ao estudo de Madalena Cabral sobre a evolução da casula, publicou-se neste número a segunda das três partes, enquanto a separata apresentou o texto das «Directivas para a

²⁶⁷ Ver capítulo 2.22.

²⁶⁸ MRAR, Acta número 2 [Livro de Atas], Lisboa (12.nov.1957).

²⁶⁹ PIMENTEL, Diogo L., Arte menores ao serviço da Liturgia, MRAR – Boletim, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 1.

²⁷⁰ *Ibidem*.

construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana», da Conferência Episcopal de Fulda²⁷¹.

O terceiro número do Boletim não se limitou a divulgar estes três textos mais formativos que informativos, e procurando inovar, criou duas novas secções, uma bibliográfica e outra de crítica de arquitetura. A primeira, dedicada a destacar todos os livros e revistas de arte sacra «*susceptíveis de interessar todos aqueles que, por necessidade ou gosto, se encontram empenhados nestes domínios*»²⁷², contou, neste número, com críticas de J. Maya Santos, N. Teotónio Pereira, Maria do Carmo Matos²⁷³ e Maria Flávia Monsaraz²⁷⁴. Começando pelo livro *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*²⁷⁵, e apesar de considerar que «*grande parte dos exemplos [de igrejas] escolhidos, como reflexo de certa desorientação na arquitectura religiosa italiana dos nossos dias, não se possam apontar como exemplos sãos e inteiramente válidos*»²⁷⁶, foi feito um vivo aconselhamento desta publicação. Pelo meio, apresentou-se, com largos elogios, o Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra, da Diocese de Bolonha. Já o volume *Arte Sacro – Anuário 1957*²⁷⁷, foi classificado como um «*esplêndido [...] índice da vitalidade do movimento [renovador] espanhol, cujo surto actual ainda há poucos anos era difícil imaginar*»²⁷⁸. Abordaram-se, depois, três revistas francesas de Arte Sacra. Da primeira, *Zodiaque*²⁷⁹, reconheceu-se a sua boa apresentação gráfica, mas criticou-se a recorrente excessiva restrição a um tema. Analisou-se, depois, em particular o número 11 (out.1952), dedicado a «*Un Art Sacrée pour notre temps*», e com mais atenção, a introdução, que atacava os pintores modernos cristãos, por procurarem representar, principalmente, os mistérios dolorosos de Cristo – dando o exemplo de Georges Rouault –, e criticava as igrejas de Notre-Dame de Toute Grâce, em Plateau d'Assy, e do Sacré-Coeur,

²⁷¹ Transcrição da revista *Ora et Labora*, Ano II, n.º 2 (1955), pp. 92-100, que transcreveu, por sua vez, a tradução publicada na revista *Novellae Olivarum*, Ano XIII, n.º 121 (jan.1955), pp. 1-7.

²⁷² SANTOS, J. Maya, Secção Bibliográfica – Introdução, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 10.

²⁷³ Sócia estudante n.º 17 do MRAR.

²⁷⁴ Sócia estudante n.º 20 do MRAR.

²⁷⁵ *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*, Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, Bolonha (1956).

²⁷⁶ SANTOS, J. Maya, *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 11.

²⁷⁷ *Arte Sacro – Anuário 1957*, Ayná Sociedade Anónima Editora, Barcelona, 1957.

²⁷⁸ PEREIRA, N. Teotónio, *Arte Sacro – Anuário 1957*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 11.

²⁷⁹ *Zodiaque*, Ateliê do Couer Meurtry, Abbadie de la Pierre-qui-Vire, Saint Leger, Vauban, França. Foi fundada em 1951, pelo beneditino Angelico Surchamp.

em Audincourt²⁸⁰, por considerar que os artistas profanos podiam fazer arte sacra, mas não cristã, o que motivou a pergunta da articulista – «*se a igreja de Ronchamp não terá muito mais valor como obra de arte sacra do que qualquer outra igreja concebida por um cristão menos artista?*»²⁸¹. Seguiu-se a apreciação positiva do número da revista *L'Art Sacré* dedicado ao tema «Le silence» (n.ºs 1-2, set-out.1954), necessidade considerada vital que, «*na vertigem do nosso tempo [...] aparece como uma exigência fundamental de todo o homem, sem a qual este não tem realização possível*»²⁸². Fez-se ainda notar que a revista evidenciava a importância do silêncio nas artes plásticas e na liturgia. A terminar fez-se a apresentação do número 4 (set.1956) da revista *Art Chrétien*²⁸³, que se debruçava sobre as «Églises de France reconstruites». Feita a descrição dos conteúdos – 61 obras realizadas ou projetadas pela União Nacional das Cooperativas de Reconstrução de Igrejas e Edifícios Religiosos, que se caracterizavam como «*autênticos exercícios de arquitetura ou interpretações mais ou menos felizes de obras já consagradas*»²⁸⁴ –, concluiu-se considerando esta publicação como «*de grande interesse em matéria de consultação ou documentação, não tendo mesmo em si, outras pretensões*»²⁸⁵.

Quanto à secção de crítica de arquitetura, centrou a sua atenção na igreja de N. Sra. de Fátima, na Póvoa de Santa Iria (José Bastos, 1956), analisada num longo e detalhado artigo, que, desde logo, discordou da localização escolhida para a igreja, à beira de uma via de circulação intensa – por prejudicar a sua função paroquial –, mas também do motivo que justificou essa implantação – a vontade de que fosse igualmente igreja de peregrinação, enquanto primeira etapa no percurso entre Lisboa e Fátima, o que levou à colocação de uma imagem de Nossa Senhora no topo da torre sineira, geradora de «*conflitos de ordem estética e funcional*»²⁸⁶. Arquitetonicamente, considerou que a igreja não foi «*encarada como um todo, não se inserindo harmonicamente no seu espaço exterior ou urbanístico*»²⁸⁷, porque foi tratada de maneira desigual. Enquanto ao

²⁸⁰ Por indicação do P. Marie-Alain Couturier op, a igreja foi decorada por vários artistas de renome, como Fernand Léger, Jean Bazaine, Jean Barillet e Jean Le Moal. Em 1996, foi classificada pelo Estado Francês, como Monumento Histórico.

²⁸¹ MATOS, Maria do Carmo, Zodiague, *MRAR – Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 11.

²⁸² MONSARAZ, Maria Flávia, *L'Art Sacré*, *MRAR – Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 11.

²⁸³ A revista foi fundada por Joseph Pichard em 1955.

²⁸⁴ SANTOS, J. Maya, Églises de France, *MRAR – Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 12.

²⁸⁵ SANTOS, J. Maya, Églises..., p. 12.

²⁸⁶ SANTOS, J. Maya, A igreja da Póvoa de Santa Iria, *MRAR – Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 3.

²⁸⁷ SANTOS, J. Maya, A igreja da Póvoa..., p. 3.

alçado principal se deu toda a atenção, pelo «*tratamento cuidado em cantaria da fachada de entrada, posição da torre e colocação da imagem, arco “ogival” colado à fachada*²⁸⁸ e *cruz de ferro [...], [num] requinte, quanto a nós, frustado, pelo arco “ogival” arbitrário e colocação forçada da imagem*»²⁸⁹, os restantes volumes e alçados tiveram um acabamento sumário e descarnado. O espaço interior, «*de proporções pouco generosas*»²⁹⁰, também não foi melhor avaliado, por se encontrar longe da «*linha de renovação litúrgica, tão essencial e recomendada para os dias de hoje*»²⁹¹. A planta quase quadrangular não ajudava a focalizar o espaço no altar-mor, e muito menos o fazia a ábside com carácter de nicho, que se destacava pela cor azul intensa e pelas enormes figuras de reduzido valor artístico²⁹², que anulavam o altar, por consequência inexpressivo e quase indesejado, pois parecia estar a tapar parte da pintura²⁹³. Do conjunto, só se defendeu o balcão, discreto e aceitável, e as localizações do batistério – apesar de estar tapado para o interior da igreja – e do ambão – mesmo sendo um volume pesado –, enquanto na arte sacra mereceram relevo os crucifixos dos altares, a pia batismal e o lampadário. Insuficiente para classificarem positivamente a igreja, que, assim, «*não atingiu um nível desejável quanto à sua expressão arquitectónica e litúrgica e quanto à tradução do seu conteúdo teológico*»²⁹⁴.

²⁸⁸ «[...] à porta de entrada e respectiva fachada, colocou-se um arco “ogival” postigo, sem relação ou justificação estética ou construtiva, e cuja forma “ogival” foi escolhida para poder fornecer religiosidade pois que é uma forma construtiva dos tempos medievais. Este arco “ogival”, deslocado aqui porque não integrado naturalmente em qualquer processo de ordem construtiva – sua única razão de ser, deslocado ainda por atropelar a ética arquitectónica [...], este arco “ogival” imediatamente sugere duas ideias: que não se conseguiu organicamente dar um sentido de majestade e de glorificação à entrada da Casa de Deus e à própria Casa de Deus, ou que, no nosso tempo, é difícil, senão impossível fazer obra impregnada de espiritualidade autêntica sem recorrer a formas consagradas pela cultura cristã de outras épocas. A primeira ideia parece-nos corresponder ao que se passou», SANTOS, J. Maya, A igreja da Póvoa..., p. 4.

²⁸⁹ SANTOS, J. Maya, A igreja da Póvoa..., p. 3.

²⁹⁰ SANTOS, J. Maya, A igreja da Póvoa..., p. 4.

²⁹¹ SANTOS, J. Maya, A igreja da Póvoa..., p. 4.

²⁹² «Esta [pintura], de expressão nitidamente realista, com anjos de vestes sacerdotais pousados no azul e de posições e mímica convencionais, com uma Nossa Senhora de posição e expressão pagãs surgindo do chão e sem escala, pretende dar a impressão de que não existe parede por trás do altar (traição ao carácter específico de uma parede que encerra e marca um espaço)», SANTOS, J. Maya, A igreja da Póvoa..., p. 5.

²⁹³ Compare-se com a proposta de Manuel Lapa, apresentada na exposição «Arte Sacra Moderna», realizada pelo MRAR, no ano anterior, na Galeria Pórtico (FIG. 27).

²⁹⁴ SANTOS, J. Maya, A igreja da Póvoa..., p. 4.

Já no noticiário do Boletim, promoveu-se a venda, «nas principais livrarias e papelarias de Lisboa e em algumas de Coimbra, Porto e Évora»²⁹⁵, dos cartões de Natal do Movimento, aos quais se juntou, nesse ano, uma nova edição – a quarta –, com a reprodução policromada de uma imagem da Virgem com o Menino, do século XIV, existente no MNAA (FIG. 40). Numa outra notícia, a única não diretamente relacionada com o Movimento, deu-se conta da intenção da Diocese de Aveiro em construir uma nova Catedral, o que seria «um notável empreendimento pois que, desde o século XVI não é construída, de raiz, mais nenhuma catedral no território metropolitano»²⁹⁶. Aproveitou-se a oportunidade e defendeu-se, uma vez mais, a realização de um concurso público, «pelo cuidado que requer a concepção e realização de um edifício desta natureza no nosso tempo, para que seja expressão das reais possibilidades dos artistas de hoje»²⁹⁷. Concurso público que chegaria através da futura igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, conforme anunciaram também no Boletim, antecipando a que seria «a maior e a mais completa das [igrejas] paroquiais ultimamente construídas em Lisboa»²⁹⁸, para o que tinham colaborado, durante todo o ano, na organização do programa para o concurso de anteprojetos, «elaborado em moldes que possam permitir uma grande e entusiástica concorrência e de acordo com as normas recentemente promulgadas pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos»²⁹⁹. Para preparar os arquitetos interessados em participar no concurso, que esperavam lançar em breve, decidiram organizar um Curso de Arquitetura Sacra, a realizar logo no início de 1958, para o qual estavam já as inscrições abertas, conforme alertou o Boletim³⁰⁰. O seu objetivo era «que arquitectos e artistas plásticos pudessem aprofundar o conhecimento dos aspectos básicos da construção de uma igreja, nas condições actuais da pastoral e da liturgia [...], [visando] as exigências mais gerais da tarefa perante a qual se encontram os arquitectos portugueses, ao serem solicitados a corresponder aos esforços da Igreja

²⁹⁵ PIMENTEL, Diogo L., A edição de cartões de Boas-Festas, MRAR – Boletim, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 6.

²⁹⁶ LEAL, A. Freitas, Sé de Aveiro, MRAR – Boletim, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 3.

²⁹⁷ LEAL, A. Freitas, Sé..., p. 3.

²⁹⁸ PEREIRA, N. Teotónio, Concurso de anteprojectos para a nova igreja do S.S. Coração de Jesus, MRAR – Boletim, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 2.

²⁹⁹ A ideia de se propor ao pároco do Sagrado Coração de Jesus a realização de um concurso de anteprojetos para a futura igreja paroquial, foi lançada numa reunião do MRAR, a 13 de abril de 1955.

³⁰⁰ PEREIRA, N. Teotónio, Pequeno curso de arquitectura sacra, MRAR – Boletim, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 6.

no sentido de dotar o país com os edifícios de culto adequados às necessidades da vida cristã»³⁰¹.

O curso, que se desenrolou na Casa de S. Mamede entre os dias 2 e 5 de janeiro, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, foi a atividade promovida pelo MRAR em toda a sua história, mais noticiada na imprensa, que começou a anunciá-la ainda em 1957³⁰² e diariamente manteve uma cobertura exaustiva, muito atenta ao avanço dos trabalhos³⁰³ (FIG. 41). Na presença de cerca de 200 arquitetos, pintores, escultores, sacerdotes, estudantes das Escolas Superiores de Belas-Artes e críticos de arte, N. Teotónio Pereira abriu o curso começando por se congratular com o grande número de pessoas inscritas. Lembrou, depois, que «este problema da arquitectura das igrejas é o problema capital daqueles que estão dentro do raio de acção do nosso Movimento». E continuou: «[...] cremos que a oportunidade em que se realiza [o curso] pode proporcionar que os seus resultados sejam de utilidade para as numerosas novas igrejas que as circunstâncias

³⁰¹ LEAL, A. Freitas [Carta para a imprensa] [Curso de Arquitectura Sacra] (19.dez.1957), p. 1.

³⁰² Os aspectos básicos da construção duma igreja vão ser estudados por arquitetos e artistas plásticos, *Diário do Norte* (28.dez.1957); Curso de arquitectura promovido pelo «Movimento de Arte Religiosa», *Jornal de Notícias* (29.dez.1957); Curso de Arquitectura Sacra, *Novidades* (29.dez.1957), p. 1; *A Voz* (29.dez.1957); *Diário da Manhã* (30.dez.1957); *Diário Ilustrado* (30.dez.1957).

³⁰³ *Diário de Notícias* (1.jan.1958); Curso de arquitectura sacra, *Diário Popular* (2.jan.1958); Principiou hoje um curso de arquitectura sacra promovido pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Diário de Lisboa* (2.jan.1958); Curso de arquitectura sacra, *Diário Popular* (3.jan.1958); Inauguração do Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (3.jan.1958); Curso de arquitectura sacra promovido pelo Movimento de Arte Religiosa, *Novidades* (3.jan.1958), p. 3; Um Curso de Arquitectura Sacra começou a funcionar sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian, *O Século* (3.jan.1958); *Diário de Notícias* (3.jan.1958); *Diário de Notícias* (3.jan.1958); *Diário da Manhã* (3.jan.1958); *Diário Ilustrado* (3.jan.1958); *O Comércio do Porto* (3.jan.1958); *A Voz* (3.jan.1958); *A Guarda* (3.jan.1958); Curso de Arquitectura Sacra, *Diário Popular* (4.jan.1958); Trabalhos do Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (4.jan.1958); Os trabalhos do Curso de Arquitectura Sacra, *O Século* (4.jan.1958); *Diário de Notícias* (4.jan.1958); *República* (4.jan.1958); *Primeiro de Janeiro* (4.jan.1958); *Jornal do Comércio* (4.jan.1958); *Diário Ilustrado* (4.jan.1958); *A Voz* (4.jan.1958); *A Voz do Pastor* (4.jan.1958); *A Ordem* (4.jan.1958); Arte e espiritualidade, *Diário Ilustrado* (5.jan.1958); Curso de Arquitectura Sacra, *Diário Popular* (5.jan.1958); Continuam os trabalhos do Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (5.jan.1958); O monumento de Santa Engrácia, *Diário de Lisboa* (5.jan.1958); Encerram-se hoje os trabalhos do Curso de Arte Sacra, *Novidades* (5.jan.1958), pp. 1-3; *República* (5.jan.1958); *Diário da Manhã* (5.jan.1958); *Primeiro de Janeiro* (5.jan.1958); *A Voz* (5.jan.1958); Terminou o Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (6.jan.1958); Terminou o Curso de Arquitectura Sacra, *O Século* (6.jan.1958); *Diário de Notícias* (6.jan.1958); Nem tudo é fado..., *Diário de Lisboa* (6.jan.1958); *Diário da Manhã* (6.jan.1958); *Primeiro de Janeiro* (6.jan.1958); Terminou o Curso de arquitectura sacra promovido pelo «Movimento de Arte Religiosa», *Novidades* (6.jan.1958), pp. 1-4; *Diário de Notícias* (5.jan.1958); *A Voz* (6.jan.1958); *O Comércio do Porto* (6.jan.1958).

*actuais reclamam e que certamente virão a construir-se em futuro mais ou menos próximo por todo o País e, especialmente, no Patriarcado de Lisboa»*³⁰⁴. Seguiu-se a única conferência do dia de abertura, proferida pelo P. J. Felicidade Alves, dedicada ao tema «Esta é a Casa de Deus e Porta do Céu». «O conferente começou por dizer que entre os judeus, na antiga aliança, existia a tenda e mais tarde o templo, que era o local privilegiado da manifestação de Deus e onde ele recebia o culto público e oficial. Após haver aludido à comunidade e à igreja cristãs, o rev. J. Felicidade Alves definiu as utilizações das igrejas e apontou as funções vitais da assembleia cristã, nas quais se deve procurar dar expansão plástica ao espaço que possa ser apto instrumento da actividade eclesiástica».³⁰⁵

No dia seguinte, A. Freitas Leal fez as apresentações da manhã, começando pelo P. José Ferreira, que numa «Visão sumária do mistério da liturgia», partiu de «uma larga introdução à problemática da liturgia, em todos os seus capítulos, para a relacionar, por fim, com os rumos da arquitectura religiosa»³⁰⁶. Seguiu-se o arquiteto Fernando Távora, que dissertou sobre as «Características da arquitectura religiosa meridional», «num estudo com numerosas citações e referências a obras fundamentais da arte sacra meridional»³⁰⁷. À tarde, N. Teotónio Pereira voltou à mesa para apresentar o cônego A. Gregório Neves, que falou de «Alguns problemas da iconografia cristã», e o arquiteto Hermann Baur, que tratou o tema «A arquitetura religiosa cristã e a sua evolução», onde «analisou os aspectos da nova arquitectura religiosa, consentânea com o seu tempo, e se referiu à reacção encontrada nos fiéis»³⁰⁸.

A manhã do terceiro dia foi consagrada à visita das históricas igrejas lisboetas dos Jerónimos, Sé, S. Vicente de Fora e Santa Engrácia, orientada por Fernando Távora, A. Freitas Leal e pelo P. Manuel Mendes Atanásio. «De um modo geral, o tema debatido andava à roda da colocação do altar e dos problemas do espaço. [...] [Também] o problema da colocação do altar-mor e da sua adaptação às várias exigências do culto foi vivamente comentado, tendo em vista uma participação maior de fiéis nos actos culturais.»³⁰⁹ Regressados à Casa de S. Mamede, os participantes assistiram a novas conferências, primeiro sobre a «Liturgia da Celebração Eucarística», em que o P. José Ferreira, «partindo da descrição e interpretação da

³⁰⁴ Um Curso de Arquitectura Sacra começou a funcionar sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian, *O Século* (3.jan.1958).

³⁰⁵ *Ibidem*.

³⁰⁶ Trabalhos do Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (4.jan.1958).

³⁰⁷ *Ibidem*.

³⁰⁸ Os trabalhos do Curso de Arquitectura Sacra, *O Século* (4.jan.1958).

³⁰⁹ O monumento de Santa Engrácia, *Diário de Lisboa* (5.jan.1958).

Última Ceia do Senhor, chega à estrutura e finalidade da actual comunidade litúrgica e justifica a ordenação e hierarquia dos diversos elementos essenciais do culto»³¹⁰, seguido do arquiteto Hermann Baur, que explicou «A organização do espaço da igreja», com recurso a numerosas projeções dos mais recentes exemplos da arquitetura religiosa suíça, alemã e francesa. À noite, realizou-se uma sessão fonográfica orientada pelo Dr. Gil Miranda, que mostrou a evolução da Música Sacra do século XIII ao XX.

No último dia, João de Almeida tomou o lugar da presidência da mesa e apresentou o P. Manuel Falcão, que fez uma palestra dedicada às «Dimensões pastorais de uma paróquia urbana», que aproveitou, depois de algumas considerações genéricas, para abordar o programa da nova igreja do Sagrado Coração de Jesus, através de um esquema do funcionamento dos diversos órgãos do conjunto paroquial. Depois de alguns esclarecimentos, João de Almeida proferiu as palavras de encerramento, pondo «em foco o significado e alcance do Curso e a necessidade de tomar consciência de que os problemas relativos à construção de novas igrejas não podem ser resolvidos unilateralmente, antes exigem um trabalho de colaboração, de que o presente Curso constituiu um bom exemplo»³¹¹. Ao começo da tarde, Hermann Baur fez a última conferência do curso, intitulada «Análise aos principais elementos ordenados ao culto», em que discorreu sobre «as possibilidades da decoração das igrejas pela arte abstracta e o papel a desempenhar pela arte figurativa, detendo-se, depois, especialmente no estudo e apreciação de numerosas soluções modernamente achadas para a construção e ordenação dos diversos elementos da igreja»³¹², nomeadamente santuários e batistérios realizados na Suíça e Alemanha. Os participantes seguiram, depois, para uma visita às igrejas de N. Sra. de Fátima e de Moscavide, onde se celebrou uma missa vespertina «modelo, constante de Salmos cantados em português e Missa Solene celebrada pelo Cónego Gregório Neves, com a participação da Schola Cantorum do Seminário dos Olivais, dirigida pelo P. José Ferreira»³¹³.

Na hora da avaliação do Curso, o jornal *Diário de Lisboa* emitiu uma nota elogiosa do Curso promovido pelo MRAR, considerando que a importância do acontecimento não se limitou à natureza dos problemas tratados e do nível que se atingiu, mas também por traduzir um elevado grau de consciencialização

³¹⁰ SANTOS, J. Maya, Curso de Architectura Sacra em Lisboa, *Ora et Labora*, Ano 5, n.º 1 (1958), p. 36.

³¹¹ Terminou o Curso de Architectura Sacra, *O Século* (6.jan.1958).

³¹² *Ibidem*.

³¹³ SANTOS, J. Maya, Curso de Architectura..., p. 36.

profissional por parte dos arquitetos. «*Para que não seja tudo fado e futebol...*»³¹⁴ Já J. Maya Santos, preferiu lembrar, na revista *Ora et Labora*, que «*durante 4 dias, a quase totalidade dos participantes viveu em comunidade o desfiar dos aspectos essenciais da Architectura Sacra, num ambiente magnífico, com refeições tomadas no próprio local, visitas de estudo em autocarros, troca de ideias durante e após as lições, a culminar na celebração litúrgica que encerrou o curso*»³¹⁵.

O quarto número do Boletim do MRAR deu, com naturalidade, o devido destaque ao evento, que compreendeu o relato detalhado dos trabalhos por Diogo L. Pimentel³¹⁶ e a publicação das impressões dos participantes Manuel Rio-Carvalho, crítico de arte e professor de História de Arte na Escola António Arroio, em Lisboa, que valorizou a iniciativa enquanto «*afirmação expressa da necessidade de intercomunicação de diversos grupos sociais para a criação de uma obra artística que interessa à colectividade, e da necessidade do artista tomar conhecimento de problemas, uns actuais, outros de todos os tempos, que superando o aspecto formal e material da sua obra, vão enriquecê-la com uma contribuição cultural*»³¹⁷, e do estudante de arquitetura Jorge Silva, que relevou o contributo do Curso «*para limpar o caminho dos escombros dos estilos e de outros preconceitos, [...] [situando] o problema da criação da obra de architectura religiosa num plano existencial onde a personalidade do artista tem de produzir a metamorfose plástica do seu sentir religioso*»³¹⁸.

O Curso revelou-se uma iniciativa de sucesso, mas o seu móbil inicial só seguiria as mesmas pisadas cinco anos mais tarde. Contrariamente ao planeado, o concurso de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus foi adiado, «*devido a estudos em curso no sentido de se definirem com maior segurança a implantação mais aconselhável para a igreja e os condicionamentos a que deverão obedecer os edifícios a construir nos terrenos limítrofes*»³¹⁹, conforme informou o mesmo Boletim, junto de uma outra notícia dedicada à divulgação dos resultados

³¹⁴ Nem tudo é fado..., *Diário de Lisboa* (6.jan.1958).

³¹⁵ SANTOS, J. Maya, *Curso de Architectura...*, p. 35.

³¹⁶ PIMENTEL, Diogo P., *Curso de Architectura Sacra*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), pp. 3-5.

³¹⁷ RIO-CARVALHO, Manuel [Curso de Architectura Sacra], MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 5.

³¹⁸ SILVA, Jorge [Curso de Architectura Sacra], MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 5.

³¹⁹ PEREIRA, N. Teotónio, *Concurso de anteprojectos para a igreja do S. Coração de Jesus*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 1. Este estudo, entregue na Câmara Municipal de Lisboa em dezembro de 1958, foi elaborado pelo arquiteto Sebastião Formosinho Sanchez, que se juntara ao MRAR – como 16.º sócio efetivo – a 23 de janeiro daquele ano.

de um outro concurso, para a igreja da Sagrada Família, em Luanda, realizado pela Câmara Municipal local³²⁰. Também para esta cidade angolana, o Boletim anunciou a futura inauguração da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, na sede do Instituto de Angola, realizada com a colaboração dos arquitetos Francisco Pereira da Costa e José Pinto da Cunha, donde deveria seguir para a Câmara Municipal do Lobito, segundo orientação do arquiteto Francisco Castro Rodrigues e dos serviços culturais daquela autarquia. Em estudo estava ainda a sua apresentação em Nova Lisboa³²¹.

O tema das exposições acabou por ser o mais mencionado nesta edição do Boletim. Além da visita a Angola da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, anunciou-se a abertura a 30 de abril, na Faculdade de Letras de Lisboa e com a colaboração do MRAR, de uma homenagem ao pintor então recém-falecido, Georges Rouault, constituída por uma exposição de reproduções dos seus quadros, agrupados por ordem cronológica segundo os temas principais da sua obra, juntamente «*com pequenos textos explicativos biográficos e críticos*»³²², e associada à projeção do filme *Miserere*. Num tom contrário discorreu o artigo sobre o convite feito ao MRAR pelo Instituto Internacional de Arte Litúrgica, para participar na XXIX Bienal de Veneza³²³, que se realizaria entre julho e outubro daquele ano, e na qual o Movimento se viu impossibilitado de participar, quando os organizadores da Bienal cancelaram o Pavilhão de Arte Sacra e transferiram a apresentação destas obras para os pavilhões nacionais, que Portugal não tinha. A escolha das obras para exibição em Veneza estava feita, e compreendia, entre outras, as esculturas de S. João de Brito, de Barata Feyo; Santo António, de Lagoa Henriques; S. Francisco de Assis, de António Paiva; S. Mamede, de Jorge Vieira; uma porta de sacrário, de Graziela Albino; o baldaquino de Moscavide, de José Escada; uma custódia de João de Almeida; paramentaria de Madalena Cabral; e crucifixos de Lagoa Henriques, José Escada e Ramos Chaves. De modo que

³²⁰ PEREIRA, N. Teotónio, Concurso para uma igreja em Luanda, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 1. O anteprojecto vencedor, dos arquitetos António Campino e Israel de Macedo, foi rejeitado por D. Moisés Alves de Pinho, Arcebispo da Diocese, que considerou a proposta «demasiado arrojada», o que levou à construção do trabalho segundo classificado, dos arquitetos Sabino Correia e António de Sousa Mendes [cf. FERNANDES, José Manuel, *Geração Africana – Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Livros Horizonte (2002), pp. 23-41].

³²¹ Destas três, apenas se realizará a apresentação em Luanda, inaugurada a 1 de junho de 1959.

³²² ESCADA, José, Homenagem a Rouault, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 2.

³²³ SANTOS, J. Maya, Biennale de Veneza 1958, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 10.

o Movimento tentou ainda que estas obras fossem aceites nas exposições que o Instituto Internacional de Arte Litúrgica organizaria depois da Bienal, em Veneza e em Roma, mas pouco tempo depois da edição do Boletim recebeu uma resposta negativa.

Mais feliz foi a notícia da inauguração, a 9 de março, do Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto, justificado pelo seu promotor, o reitor do Seminário P. Domingos de Pinho Brandão, pela necessidade de contribuir para a educação e formação dos seminaristas, pela defesa e conservação de valiosas obras de arte sacra que se encontravam dispersas pelas igrejas da Diocese, e também para aumentar o prestígio da Igreja e do Clero³²⁴. Os princípios metodológicos do museu, composto por duas salas e três galerias de exposição de escultura, uma sala de pintura e três de arqueologia, foram definidos pelos sócios da secção norte do MRAR, em colaboração com o reitor do Seminário, e permitiram orientar o estudo arquitetónico, desenvolvido e concretizado posteriormente pelo arquiteto Luiz Cunha, numa intervenção que respeitou inteiramente o edifício existente, não deixando de se caracterizar «essencialmente por uma flagrante actualidade»³²⁵.

Doutro âmbito foi o artigo dedicado à passagem, por Lisboa, do pintor Adolfo C. Winternitz³²⁶, diretor da Escola de Artes Plásticas da Universidade Pontifícia Católica de Lima, no Peru, e vice-presidente do SIAC, que, apesar de bastante breve, permitiu que alguns membros do MRAR o acompanhassem numa visita às igrejas de N. Sra. de Fátima e de Moscavide, seguida de uma

³²⁴ Cf. BRANDÃO, Domingos de Pinho, Museu de Arqueologia e Arte no Seminário Maior do Porto, *Lumen*, Ano XXII (mai.1958), p. 417. Outros artigos sobre este assunto: REBELO, P. Joaquim M., Um Museu de Arqueologia e Arte no Seminário do Porto, *Novidades – Letras e Artes* (30.set.1956), p. 1; REBELO, P. Joaquim M., Museu de Arqueologia e Arte Sacra, *Lumen*, Ano XXII (fev.1958), pp. 159-160; *Diário do Porto* (10.mar.1958); SALGUEIRINHO, Mário, O Museu de Arqueologia e Arte do Seminário Maior do Porto, *Novidades – Letras e Artes* (23.mar.1958), pp. 1-4; *Flama* (4.abr.1958). A RTP – Rádio Televisão Portuguesa realizou uma reportagem sobre o museu no dia 18 de março.

³²⁵ CUNHA, Luiz, Inauguração do Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto, *MRAR – Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 1.

³²⁶ Adolfo Christof Winternitz (1906-1993). Pintor e vitralista austríaco, radicado em Lima, Peru, a partir de 1939. Fundou, no ano seguinte, naquela cidade, a Academia de Arte Católica e, em 1952, foi nomeado diretor da Escola de Artes Plásticas da Universidade Pontifícia Católica de Lima. Foi, em 1950, um dos cinco fundadores do SIAC – Secretariado Internacional dos Artistas Católicos, tendo sido seu vice-presidente entre 1957 e 1960, ano em que fundou o movimento peruano de renovação da arte religiosa Renovare, que estabeleceu alguns contactos com o MRAR. Tem uma vasta obra que se encontra em várias igrejas europeias e sul-americanas.

reunião na sede do Movimento, «*onde se trocaram impressões sobre diversos problemas do apostolado artístico em Portugal, Peru e Espanha*»³²⁷.

A quarta edição do Boletim do MRAR, mantendo a estrutura do número anterior, apresentou a terceira e última parte do trabalho de Madalena Cabral sobre a evolução da casula, enquanto em separata publicou a Pastoral sobre Arte Sacra, apresentada, em 1953, pelo Cardeal-Patriarca D. Manuel G. Cerejeira na inauguração da igreja de S. João de Deus, em Lisboa. Quanto à secção bibliográfica, abordou quatro publicações distintas, duas nacionais e duas estrangeiras, começando pelo livro *Arquitectura Religiosa Moderna*³²⁸, da autoria do arquiteto Luiz Cunha, obra há muito conhecida do Movimento³²⁹, mas só agora apresentada pelo MRAR, depois de o livro já ter conhecido duas outras recensões, feitas ainda em 1957, pelas revistas *Casabella*³³⁰ e *Arquitectura*³³¹, que publicaram críticas vincadamente opostas. Enquanto a italiana, apesar de apontar algumas falhas, como a ausência de referências à obra de Felix Candela³³², foi bastante elogiosa, considerando o livro *Obbiettivo e discretamente vario nella scelta delle opere*³³³, a portuguesa lembrou que «*a crítica se deve fazer com toda a franqueza, sem rodeios ou meias palavras*»³³⁴, e fez uma análise muito dura do livro, centrada em dois sérios reparos. O primeiro, a sua deficiente perspectiva histórica, que colocava a arquitetura religiosa moderna como motor do movimento de renovação apoiado pela Igreja, afirmação só possível «*se se ocultarem, quer por substituição quer por ingenuidade, alguns aspetos*

³²⁷ SANTOS, J. Maya, Visita a Portugal do Prof. Adolfo Winternitz, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 2. O pintor voltou a Lisboa em fevereiro de 1960, para proferir uma conferência no Museu Nacional de Arte Antiga dedicada à «Arte colonial do Peru nos séculos XVII e XVIII».

³²⁸ CUNHA, Luiz, *Arquitectura Religiosa Moderna*, [Imprensa Portuguesa], Porto, 1957.

³²⁹ A reunião de 27 de janeiro de 1957, do Conselho Diretivo do MRAR, discutiu uma proposta apresentada pelo autor para a realização de uma exposição itinerante com o material que reunira para o livro.

³³⁰ ANSELMÍ, Angelo Tito, Luiz Cunha – *Arquitectura Religiosa Moderna*, *Casabella*, n.º 215 (abr.-mai.1957), p. 99.

³³¹ PORTAS, Nuno, *Arquitectura Religiosa Moderna* – Luiz Cunha, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), p. 54. Esta crítica deve ser lida em paralelo com o artigo «Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal», também de Nuno Portas, e publicado na mesma revista (pp. 20-30).

³³² Félix Candela (1910-1997). Arquiteto espanhol, famoso pelo trabalho que realizou no México nas décadas de 1950 e 1960, onde explorou os limites das estruturas parabólicas em betão armado. Construiu vários edifícios religiosos, como a capela do Miradouro de Palmira (1959) e a igreja de S. José Operário (1959), em Monterrey.

³³³ ANSELMÍ, Angelo Tito, Luiz Cunha – *Arquitectura Religiosa...*, p. 99.

³³⁴ PORTAS, Nuno, *Arquitectura Religiosa...*, p. 54.

determinantes»³³⁵. O segundo, a descrição simbolista utilizada ao longo do livro que resultou numa escolha e valorização arbitrária das obras escolhidas, dentre as quais atacou «finalmente o ponto que me surgiu como mais grave: que critério justifica arrumar como realização mais importante da *Arquitectura Religiosa Moderna*, a igreja da Pampulha³³⁶, o projecto para Tumaco³³⁷ e Ronchamp? Aparte a distância que separa as duas primeiras obras [...] da última, só um preconceito formalista e até já fora de moda, como seja o da reabilitação da parábola [...], pode justificar a escamoteação do significado histórico de obras como as igrejas de F. L. Wright³³⁸, a de Zürich-Altstetten³³⁹ de Werner Moser, a de Frechen³⁴⁰ (Colónia) de Rudolf Schwarz, as numerosas realizações nórdicas e, sobretudo, um notabilíssimo grupo de obras italianas (a cujo papel na evolução da arquitectura europeia nem sequer se alude) de que se destacam as duas³⁴¹ que agora se publicam»³⁴². Perante esta análise, concluiu constatando que uma maior pesquisa histórica e o conhecimento direto das obras apresentadas «as teria certamente poupado à tentação idealista literária em favor do realismo de uma análise histórico-figurativa»³⁴³. Bastante mais condescendente foi a análise feita pelo Boletim do MRAR, que olhou para o livro de Luiz Cunha como «fruto do esforço de um jovem que vence a rotina para vir trazer o seu contributo de entusiasmo e generosidade»³⁴⁴. Não escondeu algumas falhas do livro, que «peca pelo facto de não centrar o seu conteúdo em torno do caso português, [...] [que] aparece apenas no final, como complemento e informação, e... sem crítica!»³⁴⁵ mas avaliou o trabalho como um útil e necessário ponto de partida, que deveria ser continuado para não ficar estéril.

³³⁵ PORTAS, Nuno, *Arquitectura Religiosa...*, p. 54.

³³⁶ Igreja de S. Francisco de Assis, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil (Oscar Niemeyer, 1943). Conta com intervenções plásticas de Cândido Portinari, Paulo Werneck e Alfredo Ceschiatti.

³³⁷ Igreja em Tumaco, Colômbia (Paul Lester Wiener e José Luis Sert, não construída).

³³⁸ Em particular, igreja unitária, Madison, Wisconsin, EUA (Frank Lloyd Wright, 1951). Cf. PORTAS, Nuno, *Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal*, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), p. 23.

³³⁹ Igreja protestante em Altstetten, Zurique, Suíça (Werner Moser, 1941). Foi modelo de várias igrejas construídas posteriormente no Reino Unido e Estados Unidos da América.

³⁴⁰ Igreja de St. Maria Königin, Frechen, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1952-54).

³⁴¹ Igreja de San Vincenzo de Paoli, La Martella (Ludovico Quaroni, 1951-54), e igreja de Madonna dei Poveri, Baggio (Luigi Figini e Gino Pollini, 1952-54).

³⁴² PORTAS, Nuno, *Arquitectura Religiosa...*, p. 54.

³⁴³ PORTAS, Nuno, *Arquitectura Religiosa...*, p. 54.

³⁴⁴ LEAL, A. Freitas, *Arquitectura Religiosa Moderna*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 10.

³⁴⁵ LEAL, A. Freitas, *Arquitectura Religiosa...*, p. 10.

Atitude contrária revelou na crítica à revista *Brotéria*³⁴⁶, publicada pela Companhia de Jesus, à qual reconheceu um nível excelente nas matérias relacionadas com Religião, Sociologia e Literatura, que a colocavam à cabeça das revistas de cultura portuguesas, mas que em termos de Artes Plásticas, afirmou que «os seus artigos enfermam de gravíssimos males, tais como: defeituosa e primária informação, completa confusão de valores, de factos e de doutrinas, grosseria de exposição e aplicação de métodos totalmente inadequados à crítica e investigação estéticas e artísticas»³⁴⁷. Desde 1927 que a revista se manifestava contra o modernismo e a autonomia da arte³⁴⁸, numa orientação estética tomista defendida naquele ano pelo P. Paulo Durão Alves, no escrito «A Arte e a Moral»³⁴⁹. Seguiram-se-lhe ao longo dos anos numerosos artigos conformes, a maior parte por Joaquim da Costa Lima³⁵⁰ e pelo P. João Mendes sj³⁵¹. Mas quem realmente perturbou os

³⁴⁶ *Brotéria*, Companhia de Jesus, Lisboa. Fundada em 1902 com o título *Revista de Ciências Naturais do Colégio de São Fiel*, foi dividida, em 1907, em três séries dedicadas, respetivamente, à *Botânica*, *Zoologia* e *Vulgarização Científica*. Esta última passou a chamar-se, em 1925, *Revista de Cultura Geral*, enquanto as duas séries científicas se juntaram, em 1932, numa única de Ciências Naturais, que em 1980, com o novo título de *Brotéria Genética*, se tornou no órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Genética.

³⁴⁷ VASCONCELOS, Flório de, *Brotéria*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 11.

³⁴⁸ Sobre este tema, ver PEREIRA, José Carlos, *A doutrinação estética da Brotéria (1925-1960)*, *Fé, Ciência e Cultura: Brotéria – 100 anos*, Gradiva (2003), pp. 421-448. Em 1958, a propósito deste tema e do Pavilhão da Santa Sé na Exposição Universal de Bruxelas de 1958, escreveu o P. Manuel Mendes Atanásio: «Mas o que o Pavilhão da Santa Sé nos trouxe de novo foi a aceitação pública e oficial da Arte Moderna. [...] Possa ela provar aos retrógrados a actualização artística do espírito cristão! Convidamos os espíritos cultos em Arte a visitar a Exposição “50 anos de Arte Moderna” no respectivo Pavilhão. Desde Van Gogh até à nossa Vieira da Silva, há por ali um conjunto admirável, único, da Arte Contemporânea», ATANÁSIO, P. Manuel Mendes, *A arte na Exposição Universal de Bruxelas, Novidades – Letras e Artes* (29.jun.1958), p. 3.

³⁴⁹ ALVES, P. Paulo Durão, *A Arte e a Moral*, *Brotéria – Número especial no xxv aniversário da sua fundação*, Caminha (1927), pp. 38-50.

³⁵⁰ Joaquim da Costa Lima (1884-1966). Começou a escrever para a revista *Brotéria* nos primórdios do Estado Novo, numerosos artigos sobre arte religiosa, influenciado pelo pensamento de três especialistas estrangeiros – do filósofo francês Jacques Maritain, do historiador de arte espanhol Elías Tormo e do monge francês D. Eugène Roulin, osb [cf. ESTIMA, Alberto, *A nova vanguarda da Arquitectura Religiosa fundamentada em valores metafísicos (simbólico-religiosos)*, *Ciências e Técnicas do Património*, Série I, Vols. V-VI, Porto (2006-2007), p. 162]. Dentre os seus artigos destacam-se: Pío XI e a Arte Moderna, *Brotéria*, Vol. 17 (jul.1933), pp. 26-36; Arte Viva, *Brotéria*, Vol. 17 (dez.1933), pp. 358-364; História da moderna estética religiosa, *Brotéria*, Vol. 34 (jan.1942), pp. 72-81; Modernidade artística, *Brotéria*, Vol. 36 (fev.1943), pp. 142-564; Arte sacra e arte laica, *Brotéria*, Vol. 45 (jul.1947), pp. 79-83; Realidades certas, *Brotéria*, Vol. 48 n.º 1 (jan.1949), pp. 58-71; Inspiração medieval nalgumas igrejas de França, *Brotéria*, Vol. 55 n.º 1 (jul.1952), pp. 24-33.

³⁵¹ P. João Mendes sj (1910-1972). Estudioso da obra do Padre António Vieira e de Eça de Queirós, cujas obras maiores foram *Teoria da Literatura* (1980) e *Estética Literária* (1982). Realizou ensaios

membros do MRAR foi o P. Agostinho Veloso sj³⁵², que nos seus artigos se afirmou como um dos principais críticos do modernismo na arte em Portugal, chegando a entrar em confronto de posições com outros eclesiásticos, como aconteceu com o P. António dos Reis Rodrigues³⁵³.

O episódio começou com a publicação, na revista *Brotéria* de fevereiro daquele ano, do artigo «Arte Abstracta e Culto Religioso»³⁵⁴, onde, entre ata-

e crítica literária nas revistas *Ala*, *Ao Largo*, *Estudos*, *Lumen* e *Brotéria*, de que foi redator assíduo desde 1936. Dentre os seus artigos sobre Arte destacam-se: Arte pela Arte I, *Brotéria*, Vol. 37 (out.1943), pp. 255-265; A Arte pela Arte II, *Brotéria*, Vol. 37 (nov.1943), pp. 347-359; A Arte pela Arte III, *Brotéria*, Vol. 38 (abr.1944), pp. 374-384; A Arte pela Arte IV, *Brotéria*, Vol. 38 (jun.1944), pp. 617-630; Arte e Vida, *Brotéria*, Vol. 39 (out.1944), pp. 287-302; O bem, o mal e a arte, *Brotéria*, Vol. 44 (mar.1947), pp. 269-285; Estética e ética, *Brotéria*, Vol. 63 (set.1956), pp. 300-315. Foi sócio auxiliar do MRAR n.º 2.

³⁵² P. Agostinho Pinto Veloso sj (1894-1970). Admirador do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) e de Antonin-Dalmace Sertillanges op, defensor da doutrina de S. Tomás de Aquino e opositor da corrente de pensamento que proclamava a autonomia da arte [cf. ESTIMA, Alberto, *A nova vanguarda da Arquitectura Religiosa fundamentada em valores metafísicos (simbólico-religiosos), Ciências e Técnicas do Património*, Série I, Vols. V-VI, Porto (2006-2007), p. 162], colaborou em diversas publicações periódicas, como os diários *Novidades*, *Diário da Manhã* e *Diário Popular*, o semanário *Fradique* e as revistas *Mensageiro do Coração de Jesus*, *Acção Médica* e *Lumen* — *Revista de Cultura para o Clero*. Enquanto redator da revista *Brotéria*, escreveu vários artigos sobre a temática da arte, donde se destacam: O «desinteresse» na arte, *Brotéria*, Vol.34 (mar.1942), pp. 310-320; A quantidade contra a qualidade em arte, *Brotéria*, Vol. 63 (dez.1956), pp. 543-556; Arte abstracta e culto religioso, *Brotéria*, Vol. 64, n.º 2 (fev.1957), pp. 136-158; Equívocos de certa arte moderna, *Brotéria*, Vol. 65, n.º 6 (dez.1957), pp. 579-605; Belas-artes e malas-artes, *Brotéria*, Vol. 66 (fev.1958), pp. 149-178; Dois conceitos estéticos, *Brotéria*, Vol. 66 (mai.1958), pp. 552-569; Sinceridade e verdade em arte religiosa, *Brotéria*, Vol. 68, n.º 1 (jan.1959), pp. 56-67; A arte religiosa e a Igreja, *Brotéria*, Vol. 68, n.º 2 (fev.1959), pp. 181-188; «Abstract-stress», *Brotéria*, Vol. 68 (mai.1959), pp. 547-560.

³⁵³ «Interrogado a seu respeito, o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, que bem o conheceu, disse: «Eu acho-o demasiado presunçoso.» O mesmo venerando Cardeal diz ainda: «No que diz respeito ao Padre Agostinho Veloso, com o qual mantive sempre boas relações, considero-o como uma pessoa dos extremos, desprovido de julgamento sereno e equilibrado sobre as pessoas e as coisas, e por conseguinte repentino nas suas conclusões.» (cf. O Padre Agostinho Veloso e a Alexandrina, Padre Mariano Pinho, sj (1894-1963) – *Pro Causa de Beatificação*, [Em linha], [Consult. 4.mai.2012], Disponível em WWW:<URL: http://causapadrepinho.home.sapo.pt/alex_veloso_1.htm>). A Enciclopédia Verbo descreveu-o como «operário evangélico incansável, foi orador popular, conferencista culto, poeta de lira ingénua, polemista dialéctico, ensaísta não raro brilhante, e crítico de arte por vezes pouco sensível aos elementos estéticos: cegava-o o empenho da defesa da fé, da verdade, e da pátria, tornando-se por vezes rude e até bravo» [OLIVEIRA, M. Alves de, VELOSO (Agostinho Pinto), *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Vol. 20 (1980), p. 1142].

³⁵⁴ VELOSO sj, P. Agostinho, Arte abstracta e culto religioso, *Brotéria*, Vol. 64, n.º 2 (fev.1957), pp. 136-158.

ques diretos aos pintores Francis Picabia³⁵⁵, Maria Helena Vieira da Silva³⁵⁶ e Nikias Skapinakis³⁵⁷, apelidou a arte moderna de «*fraude monstruosa*³⁵⁸», cheia de «*mistificação e de farsa, ao serviço de ideologias anarquistas, de trifulhices infra-humanas, de empresas argentárias*»³⁵⁹, e nem o P. Pie-Raymond Régamey op deixou de ser mencionado, por ter defendido que a arte não figurativa podia ser cristã³⁶⁰, o que para o P. Veloso «*seria uma apostasia. Seria, conscientemente ou não, uma colaboração com Judas. Seria uma obra de traição [à Igreja]*»³⁶¹. Em reação a estas palavras, os membros do MRAR decidiram, na reunião do Conselho Diretivo de 13 de fevereiro, escrever uma carta de protesto à revista *Brotéria* sobre os artigos do P. Agostinho Veloso, assunto grave que retomaram nas reuniões de 24 de abril e 21 de maio. A missiva acabou por ganhar a forma de crítica na secção bibliográfica do quarto Boletim do MRAR, que alertou, deste modo, para o alarmante agravamento dos artigos sobre arte publicados na *Brotéria*, que tornavam «*a acção da revista não só ineficaz como altamente nociva à causa da Igreja*»³⁶², devido aos violentos ataques perpetrados contra toda a arte religiosa que não fosse a «*pseudo-arte dos académicos e santeiros*»³⁶³. E lamentou-se, concluindo que «*a acção desorientadora exercida pela revista neste*

³⁵⁵ Francis Picabia (1879-1953). Pintor e poeta francês que se destacou nos movimentos artísticos Dada e Surrealista, depois de um período inicial marcado pelo Impressionismo e Cubismo. Em 1916 fundou o periódico dadaísta 391.

³⁵⁶ Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992). Pintora portuguesa, que depois de estudar desenho, pintura e escultura em Lisboa, foi para Paris em 1928, onde estudou com Charles Dufresne, Henri de Waroquier e Othon Friesz, e frequentou as aulas de Fernand Léger e de Roger Bissière. Em 1930 casou com o pintor de origem húngara Arpad Szenes. Depois de viverem no Brasil entre 1940 e 1947, regressaram a Paris e, em 1956, o casal adquiriu nacionalidade francesa. Em 1954, Vieira da Silva participou na XXVII Bienal de Veneza, seguindo-se apresentações nas Documenta 2 (1959) e 3 (1964), em Kassel, Alemanha, mas um dos pontos mais altos da sua carreira foi a exposição retrospectiva realizada pelo Museu de Arte Moderna de Paris em 1969-70, que depois itinerou por Roterdão, Oslo, Basileia e Lisboa. Em 1994 inaugurou-se, em Lisboa, o Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva, dedicado à obra dos dois pintores.

³⁵⁷ Nikias Skapinakis (1931-). Pintor português de ascendência grega, que começou por estudar arquitetura, antes de se dedicar exclusivamente à pintura. Com 17 anos, expôs na III Exposição Geral de Artes Plásticas, realizada em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, instituição que, em 1963, lhe concedeu a Bolsa Malhoa. Recebeu o Prémio da Crítica AICA-SEC em 1990 e o Grande Prémio Amadeo de Souza Cardozo, em 2005. É autor de um dos painéis do Café A Brasileira, no Chiado, em Lisboa.

³⁵⁸ VELOSO sj, P. Agostinho, *Arte abstracta...*, p. 143.

³⁵⁹ VELOSO sj, P. Agostinho, *Arte abstracta...*, p. 142.

³⁶⁰ RÉGAMEY op, P. Pie-Raymond, *Art sacré au XXe siècle?*, Paris (1952), pp. 205-211.

³⁶¹ VELOSO sj, P. Agostinho, *Arte abstracta...*, p. 158.

³⁶² VASCONCELOS, Flório de, *Brotéria*, p. 11.

³⁶³ *Ibidem*.

campo constitui um dos mais tristes exemplos da urgente necessidade de uma revisão completa das ideias dos católicos acerca da Arte do nosso tempo»³⁶⁴.

Mais tradicional foi a crítica efetuada ao livro *L'Art Religieux*³⁶⁵, que analisou sumariamente as suas três partes para verificar que havia, «em toda a obra, uma demasiada e tendenciosa inclinação para o “simbolismo” [quando] nem tudo é simbólico, nem tudo pode ser simbólico. Em arte, e especialmente em Arte Religiosa, a verdade como pureza máxima deve sobressair da obra. Uma catedral não se assemelha a uma Arca de Noé, tal como se pretende que o seja a páginas 211. Uma catedral será sempre uma catedral e uma Arca de Noé sempre uma Arca de Noé. Se aquela pretende assemelhar-se ou simbolizar esta, deixou de ser uma e outra coisa»³⁶⁶. E assim terminou, sem recomendar o livro. Já a última crítica da secção bibliográfica, dedicada ao quarto número de 1957 da revista *L'Art d'Église*³⁶⁷, centrou a descrição no texto principal, intitulado «Pastoral de Arte Sacra», para, em sintonia com o autor D. Samuel Stehnan, lembrar que a Pastoral Litúrgica não podia ignorar a Pastoral da Arte, pois «nós próprios quando assistimos à missa reparamos na falta de asseio em que estão as toalhas, alvas, etc.; na desproporção dos paramentos para o celebrante e na péssima qualidade dos mesmos, [...] de um tecido impróprio dos quais o sentido da mais elementar estética está banido. [...] Como o autor diz, todos estes nada, para muitos, tiram a verdade, a beleza e o espírito que devem rodear a figura do sacerdote, e a decoração pretensiosa das igrejas apresenta a religião como fora de moda»³⁶⁸.

Quanto à secção de crítica de arquitetura, debruçou-se sobre a igreja de Santo Isidro, na Colónia Agrícola de Pegões (Eugénio Correia, 1957), inaugurada a 20 de janeiro daquele ano por D. Francisco Maria da Silva, Bispo de Telmissus e auxiliar de Braga, na presença dos engenheiros Domingos Rosado Vitória Pires, subsecretário de Estado da Agricultura, e José Garcês Pereira Caldas, presidente da Junta de Colonização Interna³⁶⁹. A forma parabólica do edi-

³⁶⁴ *Ibidem*.

³⁶⁵ VERDIER, Philippe, *Formes de l'art, Tome II – L'Art Religieux*, Club Français du Livre, Paris (1956).

³⁶⁶ SANCHEZ, Sebastião Formosinho, *L'Art Religieux*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 11

³⁶⁷ *L'Art d'Église*, Abbaye de Saint-André, Bruges, Bélgica. Revista beneditina trimestral de arte religiosa e litúrgica, que sucedeu, em 1938, à revista *L'Artisan et les Arts Liturgiques*.

³⁶⁸ MATOS, Maria do Carmo, *L'Art d'Église*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 12.

³⁶⁹ Abre hoje ao culto a igreja paroquial de Santo Isidro de Pegões, *Novidades* (20.jan.1957), p. 1; A igreja de Pegões dedicada a Santo Isidro foi ontem aberta ao culto com grande solenidade, *Novidades* (21.jan.1957), pp. 1-5; A obra social da Colónia Agrícola de Pegões, *Diário de Notícias* (21.jan.1957), p. 6.

fício³⁷⁰, de expressão moderna, assumidamente filiada na igreja de S. Francisco de Assis, na Pampilha, de Óscar Niemeyer³⁷¹, não suscitou total unanimidade junto dos habitantes da Colónia Agrícola³⁷², nem convenceu o MRAR, que considerou que esta não se enquadrava harmoniosamente no meio ambiente. Como agravante e «*para prejuízo da harmonia volumétrica, a torre está inserida um pouco abruptamente num dos lados da igreja*»³⁷³. De igual modo julgou a técnica empregue, compreendida por arcos parabólicos de betão armado e fusos cerâmicos³⁷⁴, como não respeitadora do processo construtivo regional. Reconheceu, no entanto, a simplicidade afirmada na escolha dos materiais e do sistema construtivo, lamentando que caminhava a par do «*simplismo na decoração, cores, tratamento das superfícies*»³⁷⁵. Sobre o grande fresco no presbitério, do pintor Severo Portela Júnior³⁷⁶, com uma representação apoteótica do santo lavrador,

³⁷⁰ Sobre a utilização deste sistema construtivo, ver Eugénio Correia – Parabolóides, *Arquitectura*, Ano XXIV, 2.ª Série, n.º 40 (out.1951), pp. 19-21.

³⁷¹ Esta influência estendeu-se a duas outras igrejas portuguesas contemporâneas: a igreja do Imaculado Coração de Maria, no Alto da Manga, Beira, Moçambique (João Garizo do Carmo, 1961), que foi acusada de plagiar a igreja brasileira, levando o arquiteto a defender-se e afirmar que a forma parabólica que o inspirara já fora utilizada por outros, muito antes de Niemeyer [cf. Uma nova Igreja para a cidade da Beira: Arquitectura Revolucionária, *Diário de Moçambique*, Beira (27.jan.1955), pp. 1-5; Igreja do Alto da Manga: entrevista com o arquitecto Garizo do Carmo, *Diário de Moçambique*, Beira (19.jun.1956), p. 3]; e a igreja de S. Lourenço de Bustos, em Oliveira do Bairro (António Rocha Carneiro, 1964), inaugurada pelo Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade, no dia 8 de Dezembro de 1964. A expressão formal desta obra foi adotada pelo arquiteto depois de uma conversa deste – juntamente com os engenheiros Manuel Santos Pato e Nefтали da Silva Sucena, e o pároco de Bustos, António Henriques Vidal, que promoveu a viagem para que se informassem devidamente sobre as correntes modernas da arquitetura religiosa – no mosteiro beneditino de Singeverga, em Roriz, com o seu abade D. Gabriel de Sousa, que lhes transmitiu a sua perspectiva dos futuros templos católicos, que deveriam assemelhar-se a tendas, plenas de singeleza, pureza, verdade e luz [cf. SUCENA, Nefтали da Silva, Resenha do processo que tornou possível a construção de certo vulto, a igreja de Bustos, quando à partida só se contava com a vontade férrea do Padre António Henriques Vidas, Águeda (10.jul.2007), *Textos diversos – Arquivo ligado ao Notícias de Bustos*, [Em linha], [Consult. 5.mai.2012], Disponível em [www:<URL: http://bustosblog.blogspot.pt/2007_07_01_archive.html#5509127484861387771>](http://bustosblog.blogspot.pt/2007_07_01_archive.html#5509127484861387771)].

³⁷² PEREIRA, N. Teotónio, [et. al.], *Santo Isidro de Pegões – Contrastes de um Património a Preservar*, Lisboa, Edições Colibri, Montijo, Câmara Municipal do Montijo (2009), p. 79.

³⁷³ SANTOS, J. Maya, A igreja de Pegões, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 3.

³⁷⁴ Provenientes da Fábrica Neo-Cerâmica do Tramagal, que também forneceu este material para a construção da igreja de S. Lourenço de Bustos. Para mais informações sobre os fusos cerâmicos, consultar: PEREIRA, N. Teotónio, Caracterização das construções à base de fusos cerâmicos, *Santo Isidro de Pegões – Contrastes de um Património a Preservar*, Lisboa, Edições Colibri, Montijo, Câmara Municipal do Montijo (2009), pp. 37-63.

³⁷⁵ SANTOS, J. Maya, A igreja de..., p. 3.

³⁷⁶ Autor do fresco retabular da igreja do Santo Condestável, em Lisboa.

não teceu nenhum comentário, para além da constatação da sua existência. O interior foi descrito como um «*espaço convergente com expressividade, ainda que, prejudicado pelo desenho e proporções da parábola-base e acabamento material das superfícies de grande segura e pouco cuidado. [...] Um inexpressivo altar de pedra cinzento-escuro e um púlpito colocado do lado da Epístola (?) completam a frieza ambiental do interior*». ³⁷⁷ No final desta análise, a igreja foi classificada «*como uma experiência. Experiência construtiva legítima, até pelo carácter isolado do local, mas que não resultou devidamente como expressão de casa de Deus e mesmo como igreja, obra de arquitectura*» ³⁷⁸. Assim terminou, no quarto número, a primeira série do Boletim do MRAR. A reunião do Conselho Diretivo, de 2 de julho de 1958, ainda agendou a edição do quinto número para outubro, mas tal nunca veio a acontecer e foi preciso esperar até 1960 para que voltassem a debater o tema.

À semelhança do ano anterior, depois dum arranque pleno de vitalidade, o MRAR manteve-se em silêncio ³⁷⁹ até à Assembleia Geral, a sua terceira, realizada no dia 13 de novembro de 1958, com a presença de 11 dos 15 sócios efetivos, Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, P. António dos Reis Rodrigues, A. Freitas Leal, António Lino, Diogo L. Pimentel, Flório de Vasconcelos, J. Braula Reis, J. Maya Santos, N. Teotónio Pereira e S. Formosinho Sanchez. De acordo com os Estatutos do Movimento, foi eleita a nova presidência da Assembleia Geral, a que se candidataram duas listas. A lista A propôs a reeleição de Maria José de Mendonça, enquanto a lista B apresentou como candidato António Lino, um dos anteriores secretários da Mesa, e após três votações – por nas duas primeiras nenhuma das listas ter conseguido maioria de votos –, a lista B foi eleita com dez votos contra um. Ao novo presidente da Mesa juntaram-se, como secretários, Flório de Vasconcelos e J. Braula Reis. Passou-se, de seguida, à eleição da nova Direção do MRAR, para a qual também se candidataram duas listas, a primeira propondo para presidente A. Freitas Leal e S. Formosinho Sanchez e Madalena Cabral para secretário e tesoureiro, respetivamente, enquanto a segunda propunha a reeleição de

³⁷⁷ SANTOS, J. Maya, *A igreja de...*, pp. 2-3.

³⁷⁸ SANTOS, J. Maya, *A igreja de...*, p. 3.

³⁷⁹ A este silêncio não terão sido alheios os acontecimentos relacionados com a campanha eleitoral para a Presidência da República, cuja cobertura parcial pelo jornal *Novidades* levou à entrega ao diretor, a 19 de Maio de 1958, de um abaixo-assinado que manifestava a crítica ao periódico de 28 católicos, onde se incluíam os nomes de N. Teotónio Pereira, José Escada e Nuno Portas. Outro acontecimento que não terá sido irrelevante na vida do MRAR foi a carta do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, a Salazar, de 13 de julho de 1958, que conduziu o prelado a um exílio forçado.

N. Teotónio Pereira como presidente, secundado este ano por J. Maya Santos como secretário e José Escada como tesoureiro. A primeira votação atribuiu dois votos para a lista B contra nove da A, que foi, assim, eleita por larga maioria. Depois das palavras de agradecimento do Assistente Eclesiástico ao presidente cessante, por tudo o que a sua ação representou para a Igreja, e deste retribuir em moldes semelhantes, pois também o P. António dos Reis Rodrigues não iria continuar a desempenhar aquela função, o novo presidente do MRAR, A. Freitas Leal, chamando a atenção dos sócios efetivos para a responsabilidade assumida pelo Movimento perante a Igreja, «*pediu um compromisso sério em relação a todo o trabalho que, cada vez com mais acuidade, vem sendo exigido ao Movimento*»³⁸⁰. Foi nesse sentido que apresentou, juntamente com a sua lista de candidatura à presidência do MRAR, uma proposta de reorganização das secções de trabalho do Movimento, onde às sete existentes juntou mais duas, assim distribuídas: MRAR Universitário, Diogo L. Pimentel e A. Freitas Leal; Exposições, Madalena Cabral e José Escada; Boletim, N. Teotónio Pereira e J. Maya Santos; Objetos de Culto, Maria José de Mendonça e Madalena Cabral; Obras, S. Formosinho Sanchez, J. Braula Reis e N. Teotónio Pereira; Imprensa, Flório de Vasconcelos e J. Maya Santos; Edições, Manuel Cargaleiro e Diogo L. Pimentel; Documentação, Maria Rafaela Gamboa³⁸¹; Cursos e Encontros, J. Maya Santos e A. Freitas Leal.

Estes últimos tiveram oportunidade de começar a trabalhar imediatamente na secção que partilhavam, pois daí a menos de um mês aconteceria o 3.º Encontro Universitário do MRAR, que este Movimento organizava juntamente com a JUCF. Realizado na Casa da Imprensa, em Lisboa, entre os dias 6 e 8 dezembro de 1958, o Encontro iniciou-se apenas ao início da noite do primeiro dia, com uma sessão de filmes seguida duma breve palestra sobre cinema. Na manhã seguinte, o P. João de Almeida proferiu a conferência «A arte e Cultura», para depois do almoço A. Freitas Leal falar sobre a «Formação do artista para o nosso tempo», a que se seguiu um debate, prolongado pelo resto da tarde. O terceiro e último dia ficou marcado pelo contributo de três conferencistas simpatizantes do MRAR: de manhã, o Dr. Artur de Gusmão³⁸² apresentou «Algumas preocupações estéticas permanentes no pensamento dos artistas»; ao início da tarde, o escultor Lagoa Henriques abordou a «Formação

³⁸⁰ MRAR, Acta número 3, [Livro de Atas], Lisboa (13.nov.1958).

³⁸¹ Em 11 de dezembro de 1962 tornou-se sócia efetiva n.º 27 do MRAR.

³⁸² Artur Nobre de Gusmão (1920-2001). Historiador e crítico de arte, especialista em Idade Média, foi professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e nas Escolas de Belas-Artes de Lisboa e Porto.

pessoal do artista»; e a fechar o Encontro, o Dr. Ferreira d'Almeida³⁸³ descreveu as «Características da expressão artística». Assim encerrou definitivamente o programa de atividades proposto pela anterior Direção e começou um novo biénio do MRAR, que pela primeira vez não era liderado por N. Teotónio Pereira.

Silêncio [1959-1960]

O ano de 1959 começou de um modo silencioso, apenas interrompido pela colaboração que o MRAR deu à Liga Universitária Católica para a realização, a 23 de fevereiro, de uma conferência do crítico de arte francês Joseph Pichard³⁸⁴, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, subordinada ao título «Le renouveau de l'art religieux en France»³⁸⁵. Para o resto do ano destacavam-se no programa de atividades duas grandes iniciativas: a edição – que nunca se concretizou – do primeiro número de um Boletim Anual, «*importante pois que se faz sentir presentemente no País a falta de uma publicação desta natureza que [...] para além de uma função doutrinária, terá também o objectivo de divulgar as melhores realizações nacionais neste campo*»³⁸⁶, e a realização de uma exposição de Arte Sacra Moderna, no Porto, com o «*intuito de influenciar o meio artístico e artesanal do Norte, nomeadamente no campo da ourivesaria, da escultura sacra e das artes plásticas em geral*»³⁸⁷.

Com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, a Exposição de Arte Sacra Moderna foi realizada no átrio e escadaria nobre do Paço Episcopal do Porto, com a colaboração de «*um grupo de alunos da Escola Superior de Belas-Artes*»³⁸⁸ (FIGS. 42 e 43). O catálogo, desenhado por Luiz Cunha, começou por definir no texto introdutório Arte Sacra como um «*fenómeno comunitário em*

³⁸³ Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996). Licenciou-se em História na Faculdade de Letras do Porto, onde começou a carreira docente. Dedicou-se com particular interesse no estudo da Arquitetura Românica. Foi Pároco de Santa Maria de Avioso.

³⁸⁴ Joseph Pichard (1892-1973). Filósofo e teólogo que se dedicou ao estudo e divulgação da arte religiosa moderna. Criou em 1935 a revista *L'Art Sacré*, em 1951 fundou o *Salon d'art sacré*, e em 1955, a revista *Art Chrétien*, cujo número 4 (set.1956) foi apresentado pelo Boletim do MRAR [SANTOS, J. Maya, *Églises de France*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), p. 12].

³⁸⁵ Joseph Pichard proferiu uma segunda conferência, no dia 26 de janeiro, no Instituto Francês, em Lisboa, dedicada às «*Images de l'invisible*».

³⁸⁶ LEAL, A. Freitas, [Carta para o presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian], [Pedido de subsídio] (12.mar.1959), pp. 1-2.

³⁸⁷ LEAL, A. Freitas [Carta para o presidente...], p. 1.

³⁸⁸ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 4 (set.1961), p. 1. Grupo liderado pelo arquiteto Luiz Cunha.

ordem ao culto [...] incapaz de existir, como arte viva, em épocas de individualismo social e religioso»³⁸⁹, para depois revelar que a exposição surgia com o objetivo de «*mostrar ao público do Porto alguma coisa do que no nosso país se tem feito nos últimos anos para pôr ao serviço do culto litúrgico uma arte digna dessa nobre função*»³⁹⁰. A respeito das 41 peças expostas, o mesmo texto alertou para o facto de que «*não pretendem os organizadores dar o valor de modelo. Pelo contrário, reconhecendo as inúmeras limitações de muitas delas, apresentam-nas simplesmente como testemunho de um esforço [...] penhor do florescimento de uma nova Arte de Igreja*»³⁹¹. As obras selecionadas – várias delas já apresentadas na Exposição de Arte Sacra Moderna realizada três anos antes na Galeria Pórtico, em Lisboa – compreendiam dois altares – um desenhado por Luiz Cunha, o outro por João de Almeida para a igreja de Sto. António de Moscavide –, 15 esculturas – de Barata Feyo, Graziela Albino, Irene Vilar, Jorge Vieira, Lagoa Henriques e António Luis de Paiva –, 5 pinturas – de José Escada –, 6 peças de paramentaria – de Madalena Cabral – e 13 de ourivesaria – de João de Almeida, Manuel Teles e Luis Pádua Ramos, acompanhadas das imagens de duas igrejas – Moscavide e Águas – e uma capela – Picote –, bem como por seis painéis de carácter didático e documental, que não pretendiam «*dogmatizar ou fixar doutrina, mas apontar as linhas de força de uma verdadeira renovação*»³⁹² (FIGS. 44, 45 e 46).

O primeiro painel, dedicado à Arquitetura Sacra, exaltava a pureza, dignidade e força expressiva dos volumes das novas igrejas, bem como a nova conceção do espaço interno, simultaneamente comunitário, dinâmico e hierarquizado; o segundo ocupou-se exclusivamente do Altar, centro do edifício e princípio de unidade das suas formas, pela pureza do traçado e nobreza do volume, e pela posição isolada, integrada num espaço valorizado pela luz e pela cor; o terceiro abordou o tema da Pintura Sacra, monumental e comunitária, que podia ser figurativa ou não, conforme se pretendesse congregar os fiéis na objetividade de um tema ou criar uma atmosfera de mistério e contemplação. No quarto painel trataram da questão da imagem na igreja, afirmando que, mantido um certo valor de encarnação e realismo, tinha um lugar de proximidade e companhia da assembleia cristã; seguia-se o painel da Ourivesaria Sacra, a qual, respeitando a sua expressão funcional, devia ser elevada a uma nobreza sagrada, pela dignificação da forma, da matéria e da decoração; por

³⁸⁹ [MRAR] [Introdução], *Arte Sacra Moderna*, Porto: [sn.] (jun.1956) (Imprensa Portuguesa), p. 1.

³⁹⁰ [MRAR] [Introdução], *Arte Sacra...*, pp. 1-2.

³⁹¹ [MRAR] [Introdução], *Arte Sacra...*, p. 2.

³⁹² [MRAR] [Introdução], *Arte Sacra...*, p. 2.

fim, a Veste Sagrada, que era chamada a exprimir a glória interior do cristão, pela nobreza do tecido, pela expressividade da forma e pela perfeita integração dos elementos decorativos.

A exposição inaugurou no dia 20 de junho e contou com a presença de D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, que foi recebido por toda a Direção do MRAR – A. Freitas Leal, S. Formosinho Sanches e Madalena Cabral –, o P. João de Almeida e Luiz Cunha, Vitorino Nemésio³⁹³ e o P. Domingos Pinho Brandão, reitor do Seminário do Porto. Depois de uma visita atenta e demorada à exposição, e de umas palavras introdutórias de A. Freitas Leal, Nuno Portas proferiu uma conferência sobre «A Arte entre a Igreja e o Tempo», em que *«começou por falar das condições da existência de uma arte sacra no mundo de hoje. Aludiu às possibilidades da arte moderna responder às exigências de uma arte para o culto – arte litúrgica – e, ao mesmo tempo, às probabilidades que essa arte sagrada pode dar de novos caminhos para a arte profana. Por último, apontou as três condições para a existência de arte sacra: fidelidade do artista a uma ordem interna (inspiração); congregar à sua volta os valores sobrenaturais do cristianismo; e, finalmente, servir para ajudar a vida litúrgica das comunidades de fiéis»*³⁹⁴. Dois dias depois, foi a vez do P. João de Almeida fazer uma preleção sobre «Arte Sacra na Europa Central»³⁹⁵. Já Madalena Cabral fez uma visita guiada à exposição a 29 de junho, atividade repetida por Flório de Vasconcelos a 2 de julho.

A exposição, que encerrou no dia 10 de julho, foi considerada como um sucesso pelo MRAR. No relatório que apresentou no ano seguinte à Fundação Calouste Gulbenkian, fez a seguinte avaliação: «O número de visitantes e os relatos da Imprensa³⁹⁶ demonstraram um interesse vivo pela exposição e uma acertada compreensão do seu elevado propósito. [...] [As conferências e visitas guiadas] despertaram bastante entusiasmo e serviram para confirmar e acentuar o

³⁹³ Vitorino Nemésio tornou-se sócio efetivo n.º 24 do MRAR em 19 de maio de 1961.

³⁹⁴ Prelado da Diocese presidiu, ontem, à inauguração da Exposição de Arte Sacra Moderna patente ao público no antigo Paço Episcopal, *Comércio do Porto* (21.jun.1959).

³⁹⁵ Uma segunda conferência do P. João de Almeida, agendada para o dia 26 de junho, não chegou a realizar-se.

³⁹⁶ Exposição de Arte Sacra Moderna, *Jornal de Notícias* (20.jun.1959); Exposição de Arte Sacra Moderna no Porto, *Novidades* (20.jun.1959), p. 4; A Exposição de Arte Sacra Moderna foi ontem inaugurada, *Jornal de Notícias* (21.jun.1959); Prelado da Diocese presidiu, ontem, à inauguração da Exposição de Arte Sacra Moderna patente ao público no antigo Paço Episcopal, *Comércio do Porto* (21.jun.1959); Vida artística, *Novidades* (21.jun.1959), p. 7; Exposição de arte sacra moderna, *Jornal de Notícias* (22.jun.1959); Exposição de arte sacra moderna, *Jornal de Notícias* (26.jun.1959); Exposição de arte sacra moderna, *Jornal de Notícias* (29.jun.1959).

carácter didáctico desta exposição»³⁹⁷. O que não imaginavam é que passados largos meses desde o seu encerramento, a exposição de Arte Sacra Moderna ainda seria tema de crítica e debate. Primeiro por Costa Barreto – responsável pelo suplemento *Cultura e Arte do Comércio do Porto* –, que publicou em abril de 1960 na revista *Colóquio – Artes e Letras* um artigo de desenvolvimento onde teceu vários elogios às obras expostas. Ao Cristo de Barata Feyo para a capela de Picote chamou «*intemporal. Moderno pela sua economia de formas, pelo concerto dos seus volumes; e, todavia e simultaneamente, muito antigo. Quem o olha, pensa sem querer num Cristo do século XII*»³⁹⁸. Já o Santo Condestável de Irene Vilar e o S. Francisco de António Luis de Paiva foram classificados como «*peças essencialmente místicas pelo esquema rítmico da sua estrutura*»³⁹⁹. Quanto ao Santo António de Lagoa Henriques, era «*fornido, calmo, fruto de uma carpintaria equilibrada mas austera*»⁴⁰⁰, em oposição ao S. Mamede de Jorge Vieira, que primava pela «*violenta expressividade da sua cabeça esbugalhada – que, como muito bem já observou Nikias Skapinakis, «incorpora o grotesco de certa escultura negróide»*»⁴⁰¹. A Via-Sacra de António Luis de Paiva «*testemunhava um parentesco com a arte popular, pela atitude depuradora e de íntima e ingénua riqueza emocional e estética*»⁴⁰². Relativamente à ourivesaria do P. João de Almeida e à paramentaria de Madalena Cabral, revelavam «*originalidade, sobriedade e elegância, a denotar [...] a consciência do valor plástico e complementar, que tais elementos assumem no espaço interior organizado do templo contemporâneo*»⁴⁰³, e o altar em madeira para capela, provido de sacrário, cruz e castiçais, com guarnições de ferro forjado, de Luiz Cunha, era «*belo e impressionante*». Sobre as três obras de arquitetura apresentadas na exposição, achou-as presas às influências suíças ou norueguesas, mas preferiu valorizar o facto de «*os arquitectos e os artistas portugueses terem iniciado e estarem conscientemente a progredir na busca de uma linguagem plástica comum para a Arte Sacra, que, se Deus o permitir, assumirá, para além da sua contemporaneidade, carácter nacional*»⁴⁰⁴, para o que

³⁹⁷ LEAL, A. Freitas [Carta para o presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian], Exposição de Arte Sacra Moderna – Relatório (22.fev.1960), p. 1.

³⁹⁸ BARRETO, Costa, Uma exposição de arte sacra moderna no Porto, *Colóquio – Artes e Letras*, n.º 8 (abr.1960), p. 13.

³⁹⁹ BARRETO, Costa, Uma exposição..., p. 15.

⁴⁰⁰ *Ibidem*.

⁴⁰¹ *Ibidem*.

⁴⁰² *Ibidem*.

⁴⁰³ *Ibidem*.

⁴⁰⁴ *Ibidem*.

era preciso «*uma mais ampla compreensão, aceitação e apoio por parte do clero e dos fiéis*»⁴⁰⁵.

Aceitação que se revelou difícil nas páginas do *Boletim de Informação Pastoral*, que publicou naquele período numerosa correspondência crítica da exposição, mas também o artigo do seminarista Albino Cleto intitulado «Uma exposição no Porto revela-nos uma Arte Sacra Moderna em Portugal», que começou com «*uma palavra de louvor a este Movimento de renovação que tem polarizado dezenas de artistas num esforço notável para dignificar o culto de Deus e purificar a Igreja de uma mediocridade e artificialismo com que, no campo de arte sacra e da liturgia, muitas vezes é ultrajada*»⁴⁰⁶. E citando os organizadores, que lhe afirmaram que o que verdadeiramente caracterizava uma igreja era um bom espaço comunitário e não os exteriores em ogiva ou outros formalismos decorativos, considerou que a arquitetura religiosa estava num caminho seguro e franco. Quanto à exposição, classificou-a como um importante contributo para o desenvolvimento da pastoral litúrgica do país, quer pela formação do clero, quer pela educação do povo, cuja compreensão da arte sacra verdadeira cresceria à medida que fosse vivendo com verdade a vida litúrgica. Das peças apresentadas, algumas mereceram referência, como as de Barata Feyo, Lagoa Henriques e António Luis de Paiva, por tirarem a escultura sacra do propósito apenas decorativo ao lhes ter sido atribuído um sentido de culto. Já o cartão para vitral de José Escada serviu de propósito para relembrar a questão das possibilidades e funções da pintura não figurativa, que um dos painéis didáticos apresentava como a mais indicada para o interior das igrejas. Maior destaque mereceram a porta de sacrário de Graziela Albino, «*obra séria sob o ponto de vista artístico e de sentido profundamente teológico*»⁴⁰⁷, a paramentaria de Madalena Cabral, de «*uma rara dignidade e beleza na elegância do corte, na extraordinária sobriedade dos ornatos e na nobreza do tecido*»⁴⁰⁸, a ourivesaria sacra do P. João de Almeida, «*caracterizada por uma esplêndida simplicidade que realça o valor das suas formas essenciais*»⁴⁰⁹, e a igreja de N. Sra. de Fátima de Águas, «*uma das mais válidas soluções que a moderna arquitectura sacra portuguesa nos deu até hoje*»⁴¹⁰.

⁴⁰⁵ *Ibidem*.

⁴⁰⁶ CLETO, Albino, Uma exposição no Porto revela-nos uma Arte Sacra Moderna em Portugal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano I, n.º 4 (out.-nov.1959), p. 24.

⁴⁰⁷ *Ibidem*.

⁴⁰⁸ *Ibidem*.

⁴⁰⁹ CLETO, Albino, Uma exposição..., p. 25.

⁴¹⁰ *Ibidem*.

Todas estas palavras foram suficientes para desencadear uma franca polémica entre os membros do clero, tornada pública por um sacerdote identificado apenas como sendo do Minho, que afirmou ser eco do tom discordante de muitos dos leitores do artigo de Albino Cleto. Numa carta assumidamente contestatória, protestou vivamente contra a argumentação defendida pelo seminarista dos Olivais, fazendo uso das palavras daquele autor: «*Não compreendo como essa «arte sacra moderna» que tanto se apregoa agora, como essa «arte autêntica», essa «arte sacra verdadeira», e só essa, possa «dignificar o culto de Deus», «purificar a igreja de uma mediocridade e artificialismo» e ser exigida pela profunda e verdadeira «vida cultural». [...] Como é que apenas certas imagens modernas (para não dizer modernistas ou monstros autênticos) conseguem «revitalizar a imagem como objecto de culto? Não haverá nessas imagens nada de extravagante e ridículo?»*»⁴¹¹ Quanto aos comentários arquitetónicos expressos no artigo, também não escaparam à crítica acesa deste sacerdote, que recusou aceitar que «*só essas igrejas modernas, sem altares laterais, sem imagens e sem vias-sacras, que um ou outro teima em comparar, com razão ou sem razão, a cinema, garagem ou armazém, devam ser consideradas as verdadeiras e autênticas igrejas. [...] Quase se é tentado a supor que com os rigorismos, formalidades e reformas que por aí se apregoam, se pretende transformar as igrejas modernas em outros tantos Cenáculos, para não dizer em outras tantas sinagogas, chafaricas ou templos protestantes*»⁴¹². O sacerdote do Minho não estava realmente só, e no número seguinte do *Boletim de Informação Pastoral* um pároco do Alentejo juntou-se à contestação: «*Estou plenamente de acordo com o conteúdo da carta de “um sacerdote do Minho”. Visitei diversas igrejas “modernas”, algumas no Patriarcado e outras noutras regiões. Uma pessoa compara, por exemplo, as igrejas da Póvoa de Santa Iria, de Moscavide, [...] da Rádio Marconi [...] com igrejas protestantes e não vê diferença. Ora o culto católico é e tem de ser outro que não o herético. [...] Uma igreja há-de ser, por fora e por dentro, uma obra de arte que nos erga as almas para o Céu, e não um casarão, um celeiro ou uma garagem*»⁴¹³.

Procurando contrariar a crítica polémica em nome do debate construtivo, Albino Cleto teve oportunidade de exercer o seu direito de resposta e esclarecer alguns dos pontos abordados. Começou por clarificar cada uma das palavras em questão – arte, sacra, moderna –, demonstrando que a primeira só seria

⁴¹¹ Um sacerdote do Minho, O que será uma «autêntica» arte sacra moderna?, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 7 (mar.-mai.1960), pp. 32-33.

⁴¹² *Ibidem*.

⁴¹³ Pároco do Alentejo, Mais um parecer, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 8 (jun.-jul.1960), p. 19.

autêntica quando fosse atual e não uma cópia do passado, e que a segunda dizia respeito às funções sagradas. Sobre a terceira citou as palavras proferidas pelo Cardeal Cerejeira, em 1938, a propósito da nova igreja de N. Sra. de Fátima, em Lisboa⁴¹⁴. Lembrou, depois, que a pergunta que deveriam colocar não era se a arte sacra moderna podia ser autêntica, mas qual era a autêntica arte sacra moderna, recomendando, por isso, que nem se devia rejeitar toda a arte moderna, nem aceitá-la cega e indiscriminadamente. Como critério de autenticidade para a arquitetura sacra moderna apontou a sua integração nas correntes novas da arquitetura civil, caracterizada pelas formas dinâmicas que resultavam de uma utilização inteligente dos novos materiais, pela sua simplicidade, mas sobretudo pela sua funcionalidade. E com isto quis explicar que esta foi a doutrina que apresentou e não que eram as igrejas de Moscavide e Águas juntamente com a capela de Picote que determinavam a autenticidade da arquitetura sacra moderna. Estas eram, afinal, autênticas não porque fossem a doutrina, mas porque a cumpriam. *«Pelo contrário, não poderemos nós dizer que essas formas arquitectónicas, sem alma e sem arte, construídas em pseudo-gótico ou estilo dos centenários, davam ao templo um nível de “mediocridade” ao lado da arquitectura pujante que nascia? Parece-nos que sim.»*⁴¹⁵ Terminou dando quatro exemplos de autêntica contemporaneidade arquitetónica e litúrgica: dois portugueses – a igreja de Moscavide e a de Águas –, onde *«a exigência de valor comunitário é magnificamente conseguida pela disposição do espaço sagrado, centrado, sem mais solicitações no santuário»*⁴¹⁶, um alemão – igreja de Sta. Maria in den Benden, em Düsseldorf (Emil Steffann, 1959) –, que constituía uma *«solução válida para o problema de construir, num conjunto único, um complexo paroquial constituído pela igreja, escola, residência e outras dependências [...] sem prejudicar a relevância do lugar propriamente sagrado»*⁴¹⁷, e um francês – a capela de Ronchamp –, cujas *«formas revolucionárias chocam necessariamente quem está habituado a um certo tipo considerado clássico de igrejas»*⁴¹⁸. Estas obras eram testemunhas de que *«a nossa “era atômica” não se julga pois a única possuidora*

⁴¹⁴ *«Quanto ao ser moderna, não compreendemos sequer que pudesse ser outra coisa. Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo. [...] Copiar cegamente formas artísticas doutras épocas, será fazer obra de arqueologia artística; mas não é seguramente obra viva de arte.»*, CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, [A igreja nova de N. Sra. de Fátima], *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, n.º 7 (nov.-dez.1938), p. 186.

⁴¹⁵ CLETO, Albino, *Arte – Sacra – Moderna* (Respondendo a algumas dúvidas), *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 8 (jun.-jul.1960), p. 23.

⁴¹⁶ *Ibidem*.

⁴¹⁷ CLETO, Albino, *Arte – Sacra – Moderna...*, p. 24.

⁴¹⁸ CLETO, Albino, *Arte – Sacra – Moderna...*, p. 23.

de ideias claras sobre o templo, nem despreza as gerações passadas, antes as estuda como nunca se estudaram, a fim de tirar delas lições e coragem para a autenticidade que procura»⁴¹⁹.

Este confronto verbal confirmou a pertinência da promoção pelo MRAR de atividades de formação do clero, como foi o I Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, que o Movimento organizou juntamente com a Comissão de Arte Sacra de Aveiro e o Centro de Ação Pastoral daquela Diocese. Realizado ao longo de três dias – 8, 9 e 10 de julho de 1959 –, no edifício do Seminário de Aveiro, contou com cerca de 50 participantes vindos das dioceses de Aveiro, Coimbra, Leiria, Guarda, Évora, Lisboa, Porto e Bragança⁴²⁰. Na abertura, realizada na manhã do primeiro dia, o reitor do Seminário de Aveiro P. Aníbal Ramos, começou por introduzir os participantes no tema do Encontro, mas também na atitude que deviam ter perante as matérias que seriam apresentadas – *«vão debater-se problemas do maior interesse para a arte religiosa [...] com grande liberdade para os estilos e processos técnicos, [...] [numa] troca de impressões aberta às diversas dimensões artísticas, sem preconceitos contra as tentativas modernas nem rejeição sistemática das legítimas orientações tradicionais»⁴²¹*. A terminar, lembrou que *«desprezar os processos que as técnicas modernas aconselham e impõem, em nome dum tradicionalismo vazio de conteúdo e expressão, é mostrar incapacidade de conciliar a arte com a cultura moderna, [...]. Queremos que a arquitectura e as artes plásticas traduzam os sentimentos da assembleia cristã do nosso tempo, [...]. Queremos que o Corpo Místico encontre nas nossas igrejas modernas a sua tradução material mais perfeita e o seu local mais atraente. Queremos exprimir na linguagem do tempo as ideias eternas da humanidade»⁴²²*. Ficou, deste modo, transmitido o espírito que guiaria o Encontro, que prosseguiu com as conferências do P. Adelino Gomes, do Entroncamento, sobre «O valor das formas no culto», e do P. Fernando Micael⁴²³, com o tema «O centro paroquial». Depois do almoço, o primeiro retomou o seu lugar na mesa para, juntamente com N. Teotónio Pereira e A. Freitas Leal, orientar um debate em que se discutiu «O panorama actual da arquitectura religiosa

⁴¹⁹ CLETO, Albino, *Arte – Sacra – Moderna...*, p. 24.

⁴²⁰ O Encontro não foi reservado a membros do clero ou das Comissões de Arte Sacra, mas aberto a todas as pessoas interessadas nos problemas da arte sacra.

⁴²¹ RAMOS, P. Aníbal, *Apresentação – I Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, Aveiro (8 jul.1959)*, p. 2.

⁴²² *Ibidem*.

⁴²³ O P. Fernando Micael tornou-se sócio efetivo n.º 32 do MRAR a 3 de dezembro de 1963.

corrente em Portugal», terminado a meio da tarde para que o seminarista Ave-lino Rodrigues⁴²⁴ realizasse a sua palestra sobre «A igreja antiga e as exigências actuais». Ao início da noite, já depois do jantar, o P. João de Almeida fez uma apresentação sobre «A decoração do Templo».

No dia seguinte, depois da missa, o grupo regressou à sala para assistir às duas únicas conferências programadas para o dia – «A igreja paroquial no contexto urbano», pelo P. Manuel Falcão, e «O Templo actual e a evolução da liturgia», pelo P. José Ferreira. Da parte da tarde, os participantes partiram em direcção ao Porto, onde visitaram a Exposição de Arte Sacra Moderna, no Paço Episcopal, e o Museu de Arte e Arqueologia, no Seminário Maior daquela cidade. Na manhã do terceiro e último dia, Luíz Cunha apresentou «O edifício sagrado nas grandes linhas da evolução da arquitectura moderna». Seguiram-se duas reflexões sobre questões paroquiais, a primeira da autoria do pároco da Ajuda, Lisboa, o P. Aleixo Cordeiro, sobre os «Problemas da paróquia operária», enquanto a segunda, do P. Albano Vaz Pinto, pároco de Castelo de Vide, decorreu já após o almoço e abordou os «Problemas da paróquia rural». A encerrar o Encontro, o P. Domingos Pinho Brandão, reitor do Seminário do Porto, tratou das «Possibilidades de uma formação artística do clero e fiéis», onde *«apresentou as perspectivas em que se pode encarar a indispensável formação a realizar junto de todos para bem se compreender, apreciar e viver a arte sacra»*.⁴²⁵ Como conclusões do Encontro, *«sublinhou-se a necessidade da repetição anual ou pelo menos de dois em dois anos de reuniões semelhantes. Sublinhou-se igualmente a grande necessidade de uma Revista de Arte Sacra que não seja apenas meio de formação e informação mas também ponto de ligação e encontro para as várias pessoas interessadas»*.⁴²⁶ Nem uma nem outra proposta se concretizaram, se bem que para a primeira o MRAR ainda iniciou contactos no sentido de realizar um segundo Encontro em Coimbra durante o mês de abril de 1960⁴²⁷.

⁴²⁴ Avelino Rodrigues tornou-se sócio efetivo n.º 21 do MRAR a 19 de maio de 1961.

⁴²⁵ I Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano I, n.º 2 (jun.-jul.1959), p. 34.

⁴²⁶ *Ibidem*.

⁴²⁷ O programa proposto pelo MRAR sugeria três dias de trabalhos, que compreendiam, no primeiro dia, uma conferência por A. Freitas Leal sobre «A tarefa nacional para um revigoreamento da Arte Sacra», um debate orientado pelo P. Aníbal Ramos em torno do papel das Comissões Diocesanas de Arte Sacra e o testemunho do P. Nogueira Gonçalves sobre a necessidade e valor de um inventário artístico diocesano. Para o segundo dia, o P. João de Almeida apresentaria o tema «O sentido da decoração do Templo actual», a que se seguiria um tempo de debate, enquanto da parte da tarde, o Eng. João Santos Simões falaria sobre «O papel do azulejo na decoração das igrejas antigas», antes de um novo testemunho, agora dedicado à renovação da Ourivesaria

Outra proposta frustrada do MRAR consistiu na tentativa feita durante os meses de junho e julho de 1959, de levar uma representação portuguesa à IV Mostra Internazionale di Arte Sacra de Novara, Itália, que se realizou entre outubro e novembro daquele ano. Ainda juntaram algumas obras com esse objetivo, mas por motivos alheios ao Movimento, a representação portuguesa não se concretizou. Melhor notícia, nesse período, foi a da inauguração da Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, no Instituto de Angola, em Luanda, no dia 1 de junho, depois de sucessivos adiamentos. Nona e última apresentação da exposição inaugurada pela primeira vez em Lisboa seis anos antes, teve naquela cidade angolana, segundo o seu coordenador local – o arquiteto Francisco Pereira da Costa –, «*uma frequência notável, [...] que contribuiu manifestamente para uma melhor compreensão dos problemas da arquitectura religiosa e implicitamente da arquitectura em geral*»⁴²⁸.

Nos restantes meses do ano, o MRAR revelou pouca atividade⁴²⁹, limitada à realização, no dia 10 de novembro, da sua 4.ª Assembleia Geral, e à manifestação pública da sua posição a propósito da reconstrução da igreja de S. Domingos, em Lisboa, destruída por um incêndio de grandes dimensões, na noite de 13 de agosto daquele ano⁴³⁰. A primeira voz vinculada ao Movimento a pronunciar-se foi a de Flórido de Vasconcelos, em artigo publicado a 19 de novembro, no jornal *Diário de Notícias*.

Vitorino Nemésio – futuro sócio efetivo – já o tinha feito na sua coluna semanal do jornal *Diário Popular*, onde, perante as soluções antagónicas que se discutiam então – reconstituição total ou reedificação em local próximo –,

Sacra. No último dia, Madalena Cabral apresentaria as «Perspectivas actuais da paramentaria», última conferência do Encontro, que deveria terminar com uma Assembleia Geral para criação de um organismo permanente para a Arte Sacra, e a inauguração, em Coimbra, da Exposição de Arte Sacra Moderna, o que também nunca veio a acontecer.

⁴²⁸ COSTA, Francisco Pereira da, [Carta a N. Teotónio Pereira], [Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea], Luanda (4.nov.1959), p. 1.

⁴²⁹ Esta inatividade do MRAR na capital esteve associada, por um lado, à ordenação de João de Almeida e conseqüente ida para o Porto para terminar o curso de Arquitetura e, por outro, a um progressivo envolvimento de N. Teotónio Pereira no mundo da oposição política, cujos expoentes neste ano foram o «Golpe da Sé» (11 de março de 1959), o documento «As relações entre a Igreja e o Estado e a liberdade dos católicos» (fevereiro de 1959), subscrito por 43 signatários entre os quais N. Teotónio Pereira e José Escada», e a «Carta a Salazar sobre os serviços de repressão do regime» (1 de março de 1959), assinada por aqueles dois, juntamente com J. Braula Reis e outros 42 cidadãos.

⁴³⁰ *Diário Ilustrado* (14.ago.1959); *Diário da Manhã* (14.ago.1959); *Diário de Notícias* (14 e 15.ago.1959); *O Século* (14.ago.1959); *Diário de Lisboa* (14.ago.1959); *Diário Popular* (14.ago.1959); *Novidades* (14.ago.1959); *A Voz* (14.ago.1959); *O Século Ilustrado* (22.ago.1959).

lembrou «*que, se não é de aconselhar a restauração de um edifício eliminando-lhe os acrescentos que, no bom espírito estilístico de cada época, as gerações lhe fizeram, ou refazendo alas dele como o arquitecto restaurador imagina que elas seriam: – muito menos é plausível a reprodução exacta de um edifício demolido, a implantar noutra chão, mesmo que tal alçado pertença à mais bela época e tipo que se possam imaginar*»⁴³¹. Deixou sugerida nas entrelinhas, portanto, uma terceira solução, que Flórido de Vasconcelos apresentou como a «*que, quanto a nós, se nos afigura a mais legítima, a única legítima, mesmo*»⁴³²: a construção de um novo edifício sobre as ruínas da velha igreja. E justificou, afirmando que, por um lado, a hipótese de mudança de local partia de um questionamento injustificado da implantação da igreja, e, por outro, a sua reconstituição total, por ser impossível⁴³³, daria origem a um espaço cenográfico falso que devia repugnar a consciência dos católicos. Logo, «*em face do dilema, não há por onde escolher. [...] Por nós, cremos que a solução é só uma. Solução digna de um templo católico e de um país que pode contar com um grupo de artistas capazes de realizar obra verdadeira de Arte Sacra*»⁴³⁴.

Naquele mesmo mês de novembro, elaborou o MRAR um longo memorando sobre este assunto que considerava também da sua competência e que enviou aos Ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional. Indicando, à partida, que aquele documento não era o lugar indicado para tratar da hipótese de relocalização da igreja de S. Domingos, debruçou-se sobre a proposta de reconstrução e lembrou que «*a crítica actual mais autorizada não reconhece nenhuma possibilidade – quer do ponto de vista histórico quer estético – de contrafacção da forma artística, uma vez morta ou destruída a sua matéria de que é rigorosamente indissociável*»⁴³⁵, sendo que, nestes casos, os documentos e orientações internacionais condenavam a reconstituição mimética que fosse além das práticas de anastilose e consolidação. Defendeu, por isso, que a concretizar-se a reconstrução do edifício, esta devia realizar-se de acordo com o espírito e as possibilidades da época contemporânea, seguindo três pontos essenciais: a conservação das partes que pudessem manter a sua função litúrgica; o re completamento

⁴³¹ NEMÉSIO, Vitorino, Restaurar e reconstruir, *Diário Popular* (10.out.1959), p. 12.

⁴³² VASCONCELOS, Flórido de, A nova igreja de S. Domingos, *Diário de Notícias* (19.nov.1959), p. 13.

⁴³³ «*Onde estão, por exemplo, as moldagens da talha dourada do corpo da igreja, completamente destruída pelo fogo? Como se poderiam “reconstituir” as pinturas dos retábulos dos altares laterais, que desapareceram para sempre? Quem haverá capaz de tomar à vida o órgão da igreja?*», VASCONCELOS, Flórido de, A nova igreja..., p. 13.

⁴³⁴ VASCONCELOS, Flórido de, A nova igreja..., p. 17.

⁴³⁵ MRAR, Memorando – Reconstrução da Igreja de S. Domingos em Lisboa (nov.1959), p. 2.

dos elementos só parcialmente recuperados de acordo com as técnicas atuais recomendadas, de modo a recuperarem a sua unidade primitiva; e a recriação e atualização funcional do espaço, segundo as novas necessidades.

Um mês depois, este terceiro ponto foi aprofundado por quatro membros do MRAR – N. Teotónio Pereira, J. Maya Santos, Flório de Vasconcelos e António Lino –, juntamente com Vitorino Nemésio, Fernando Pessoa Jorge e os padres Manuel Falcão, João António de Sousa, José Maria Henriques, Henrique Pietra Torres, Abílio Cardoso, Fernando Machado Maurício, José Ferreira, Manuel Luís, José da Felicidade Alves, Gustavo de Almeida, Avelino Rodrigues e Manuel Antunes sj, num parecer conjunto centrado nos pontos de vista da pastoral litúrgica e da arte sacra, que sentiam distantes do debate, apesar de «*bem mais importantes que os critérios meramente urbanísticos, arqueológicos, históricos ou financeiros*»⁴³⁶. Considerando que uma igreja devia responder, em primeiro lugar e o mais perfeitamente possível, às exigências da função a que se destinava e que a igreja de S. Domingos fora concebida como templo conventual, do qual conservava a planta «*primariamente destinada ao serviço coral e pouco adequada à participação dos fiéis na sagrada Liturgia [...] [que era] uma das mais prementes exigências da pastoral litúrgica*»⁴³⁷, afirmaram que a sua reconstituição pura e simples seria infeliz segundo aqueles pontos de vista, uma vez que só com uma nova construção poderia resultar uma igreja mais adequada para o fim a que se destinava. E se esta hipótese tivesse de ser abandonada a favor do restauro, continuariam a opor-se à reconstituição mumificante do edifício, em defesa da criação artística tal como realizada nos países atingidos pelos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial, que reconstruíram as suas igrejas segundo uma «*tríplice preocupação de harmonia do conjunto, obediência aos ditames duma autêntica arte moderna e resposta mais perfeita às exigências funcionais*»⁴³⁸. De modo que das cinco soluções possíveis, três recusaram imediatamente – demolição total, por nem dever encarar-se; reconstituição fiel, pelos motivos expostos; transplantação fiel da igreja para um local próximo, por ser disparatada. Quanto às outras duas, aceitariam o restauro apenas nos

⁴³⁶ PEREIRA, N. Teotónio, [et. al.], O problema da reconstrução da igreja de S. Domingos, *Novidades* (25.dez.1959), p. 6.

⁴³⁷ *Ibidem*.

⁴³⁸ *Ibidem*. Flório de Vasconcelos, no seu artigo de 19 de novembro, já afirmara: «O ocorrido em tantos casos semelhantes, na Europa devastada, do após-guerra, pode, aliás, servir-nos de proveitosa lição. Haverá quem opte pela atitude dos comunistas da Polónia, “restituindo” a parte barroca de Varsóvia, com igrejas e tudo – ou será de aproveitar o exemplo de York?», VASCONCELOS, Flório de, *A nova igreja...*, p. 17. O autor estava certamente a referir-se à construção da nova Catedral de Coventry (Sir Basil Spence, 1962) e não de York.

moldes apontados, mas preferiam a construção de uma nova igreja, «*solução que poderia resolver alguns problemas de urbanização por se coadunar perfeitamente com uma nova implantação, e até pedi-la; e permitiria mesmo aventar a hipótese duma Sé nova no coração da Cidade, que, pelas suas vastas dimensões, valor arquitectónico, excelente localização e utilização nos grandes acontecimentos históricos, viesse a ser, não apenas a «paróquia da Cidade», mas a «Catedral do País»*»⁴³⁹.

A proposta de construção de uma Sé nova em Lisboa não foi uma originalidade destes signatários. Ideia já antiga, reaparecera recentemente na Carta Pastoral do Cardeal-Patriarca D. Manuel G. Cerejeira, dedicada ao problema das igrejas no Patriarcado, onde alertou para a necessidade urgente de construção de 115 capelas e 70 novas igrejas, 24 das quais na cidade de Lisboa. «*E sem falar na Catedral Nova.*»⁴⁴⁰ Esta Carta Pastoral teve um significativo impacto na vida do MRAR, a ponto de 1960 se tornar não só no ano mais discreto do Movimento desde a sua fundação, mas também naquele que foi o ano que marcou o fim da sua primeira fase.

Estimulada e com vontade de se envolver neste enorme desafio, a Direção do MRAR procurou concentrar a atenção do Movimento nesta única missão, para o que evitou a realização de novas atividades, começando pelo cancelamento da preparação do Congresso do SIAC que se deveria realizar em Lisboa, daí a ano e meio. Através de carta de 23 de janeiro dirigida ao presidente do SIAC, o músico Giorgio Colarizi, A. Freitas Leal manifestou a impossibilidade

⁴³⁹ PEREIRA, N. Teotónio, [et. al.], O problema..., p. 6. Apesar do peso dos nomes dos signatários e do valor da sua argumentação, o seu desejo não chegou a realizar-se. Mais sorte teve a proposta lançada dois anos e meio depois pelo arquiteto Raul Lino no jornal *Diário de Notícias* – «*É sabido que o pensamento cristão na actualidade afasta-se muito do espírito da arquitectura barroca; vai direito a um pólo oposto [...]. Por isso, parece que entrou aqui o destino a actuar, mostrando-se benigna mas decididamente a favor da reforma esboçada. O incêndio, destruindo o interior da igreja, fez instantaneamente tábua rasa de todo o seu barroquismo, da sua pompa, vazia hoje de significado [...]. A antiga arquitectura ficou destituída da sua pomposa ostentação, do seu primeiro aparato sumptuoso, toda carcomida, escalavrada, coroada agora por cobertura provisória. [...] E é curioso que toda a gente aceita esta maneira de resolver o caso da igreja ardida, sem precisar de explicações do que se passou; tomando por perfeitamente adequada a moldura em que hoje ali se desenrolam os ofícios divinos [...] [pois] a supressão de toda a parte estilística da igreja barroca não faz a mínima falta nem ao ambiente nem às práticas litúrgicas [...]. Enfim, um triunfo do espírito [...] [em que] a Igreja Queimada é de uma surpreendente sedução [...]. Não poderia manter-se a igreja queimada, mais ou menos conforme se encontra?»*, LINO, Raul, A igreja queimada, *Diário de Notícias* (7.jul.1962), pp. 1-4. A igreja de S. Domingos foi reconstruída em 1995, pela DGEMN – Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, numa intervenção que manteve visíveis grande número das marcas do incêndio e refez as abóbadas segundo fotografias de arquivo. [cf. CANAS, José Fernando, A Igreja de S. Domingos de Lisboa: o renascer das cinzas, *Monumentos*, n.º 6 (mar.1997), pp. 68-71].

⁴⁴⁰ CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, Carta Pastoral do Senhor Cardeal-Patriarca: O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa, *Novidades* (19.dez.1959), p. 6.

do Movimento em assumir a organização do evento⁴⁴¹, depois de J. Maya Santos, representante do MRAR no SIAC, ter insistido e aguardado três anos pela aceitação do convite feito em nome do grupo português, e poucos dias antes do pintor e vice-presidente do SIAC, Adolfo Winternitz, regressar a Lisboa para efetuar uma conferência no MNAA, subordinada ao tema «Arte Colonial do Peru nos séculos XVII e XVIII»⁴⁴². Perante a decisão tomada pela Direção, com a qual não concordou publicamente – conforme afirmou em cartas a Giorgio Colarizi⁴⁴³ e à arquiteta Hélène Koller-BuchWieser⁴⁴⁴, secretária do SIAC –, e sentindo alguma animosidade por parte do MRAR relativamente a esta associação internacional⁴⁴⁵, J. Maya Santos recusou manter-se como sócio efetivo do MRAR e, conseqüentemente, demitiu-se do seu lugar de delegado do MRAR no SIAC, conforme recomendado por Giorgio Colarizi⁴⁴⁶.

Apesar desta pequena crise vivida no início do ano, a Direção não mudou de opinião e o MRAR manteve-se, ao longo dos meses, longe da sua postura habitual caracterizada por uma intensa atividade e dinâmica, trabalhando apenas no que viria a ser o aparecimento, a curto prazo, do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, que, a médio prazo e juntamente com outros motivos, levaria ao ocaso do MRAR. Entretanto, e tirando a promoção de uma visita guiada por Vitorino Nemésio, no dia 19 de fevereiro, à exposição «O Miserere

⁴⁴¹ «La dernière lettre pastorale de son Éminence le Cardinal Patriarche de Lisbonne, concernant le plan de construction d'un très grand nombre d'églises, et l'aménagement paroissial du diocèse, donne à notre travail une orientation qui ira forcément absorber presque toute notre activité pendant une longue période de temps; nous tâchons en ce moment de recevoir les structures de notre Mouvement, afin de créer les conditions nécessaires à ce travail. – À cause de tout ceci, et après avoir bien pesé et envisagé de tous côtés les possibilités de réalisation du congrès du SIAC à Lisbonne, nous avons jugé que cela ne pourra pas avoir lieu chez nous pour le moment, malgré notre bonne volonté, et nos compromis antérieurs», LEAL, A. Freitas [Carta para Giorgio Colarizi] [Cancelamento do Congresso SIAC de 1961 em Lisboa] (23.jan.1960), p. 1.

⁴⁴² A conferência realizou-se no dia 8 de fevereiro de 1960, e deveria ter sido acompanhada de outras duas, sobre «A situação actual da Arte Cristã na América do Sul» e «A Arte do Vitral», esta última numa sessão exclusiva para sócios do MRAR.

⁴⁴³ SANTOS, J. Maya [Carta para Giorgio Colarizi] [Cancelamento do Congresso SIAC de 1961 em Lisboa] (27.jan.1960), p. 1.

⁴⁴⁴ SANTOS, J. Maya [Carta para Hélène Koller-BuchWieser] [Cancelamento do Congresso SIAC de 1961 em Lisboa] (27.jan.1960), p. 1.

⁴⁴⁵ «Gostei muito do boletim n.º 8 do MRAR, principalmente por ver que o SIAC já tem tão larga aceitação dentro do Movimento... A que se deve tão rápida mudança? Será porque o Baur e o Gehr participam agora nos seus trabalhos?», SANTOS, J. Maya [Carta para N. Teotónio Pereira] (29.jan.1962), p. 2.

⁴⁴⁶ «Realmente o melhor será escolher outro delegado do MRAR ao SIAC.», SANTOS, J. Maya [Carta para Giorgio Colarizi] [Cancelamento do Congresso SIAC de 1961 em Lisboa] (25.mar.1960), p. 1. O novo delegado foi Diogo L. Pimentel.

de Georges Rouault», levada a cabo pelo Secretariado Nacional de Informação no Palácio Foz, em Lisboa⁴⁴⁷, os dois principais eventos organizados pelo MRAR durante o ano ocorreram, tal como no ano anterior, a norte, graças ao trabalho dos membros do núcleo do Porto.

A 12 de março inaugurou no Museu de Alberto Sampaio, em Guimarães⁴⁴⁸, uma versão reduzida da Exposição de Arte Sacra Moderna, cuja montagem foi orientada por Maria Luísa Marinho Leite, com a ajuda de Maria Alice, Luíza Brandão, Diogo Alcoforado e Luiz Cunha, tendo este último proferido também a conferência de abertura intitulada «A Arte regressa à Igreja»⁴⁴⁹ (FIGS. 47, 48, 49, 50 e 51). O catálogo, desenhado novamente por Luiz Cunha e que repetiu o texto introdutório apresentado no Porto, distinguiu-se do original pela sua nova capa e formato, mas também pela reprodução literal dos seis painéis didáticos que acompanhavam a exposição e que enriqueceram significativamente o seu carácter formativo. O mesmo catálogo foi utilizado no mês seguinte na apresentação realizada no Museu de Santa Joana, em Aveiro (FIG. 52). Inaugurada a 29 de abril, a exposição foi preparada pelo arquiteto local Anselmo Gomes Teixeira, com o apoio de Luiz Cunha e Maria Luísa Marinho Leite, tendo Flórido de Vasconcelos realizado a conferência inaugural, «Justificação de uma Arte Moderna na Igreja». De Aveiro, a exposição deveria ter seguido para o Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz, onde era já aguardada, o que não aconteceu por ter sido necessário proceder à devolução das peças selecionadas.

Nenhuma outra atividade foi realizada no resto do ano, e nem a vinda a Portugal, a meio de outubro, de D. Giacomo Lercaro, Cardeal de Bolonha, deu origem a qualquer iniciativa do MRAR. Cardeal que, antes de se dirigir a Fátima para presidir às cerimónias do dia 13 na Cova de Santa Iria⁴⁵⁰, proferiu uma conferência no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, a 10 de outubro, sobre «Os problemas relacionados com a construção de novas igrejas»⁴⁵¹, a que

⁴⁴⁷ A exposição inaugurou no dia 8 de fevereiro e foi também apresentada no Porto e em Coimbra.

⁴⁴⁸ Exposição de Arte Sacra Moderna, *O Comércio do Porto* (12.mar.1960), p. 2.

⁴⁴⁹ Uma semana depois, o P. João de Almeida realizou uma segunda conferência.

⁴⁵⁰ O cardeal Lercaro visitou hoje Coimbra e seguiu para a Cova da Iria, *Diário de Lisboa* (12.out.1960); O cardeal D. Jaime Lercaro que preside às cerimónias de Fátima visitou em Coimbra a irmã Lúcia, *Diário Popular* (12.out.1960); O cardeal Lercaro condenou a guerra e as injustiças sociais na sua homilia em Fátima, *Diário de Lisboa* (13.out.1960); Soldados da Força Aérea conduziram o andor de Nossa Senhora de Fátima para a escadaria da Basílica, *Diário Popular* (13.out.1960).

⁴⁵¹ O cardeal Lercaro profere uma conferência no Instituto Superior Técnico, *Diário Popular* (10.out.1960); *Arquitectura Sacra*, *Diário de Lisboa* (11.out.1960).

assistiram A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel, recém-regressado de Bolonha, onde estagiara no Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra (FIG. 53).

Chegado o final do ano, ainda se concretizou a edição de uma nova série de cinco cartões de Natal, da autoria do pintor espinhense Diogo Alcoforado⁴⁵² (FIGS. 54, 55, 56 e 57), ao contrário do quinto número do Boletim do MRAR, de que apenas foi esboçado um índice e que abordaria, no noticiário, a discussão sobre a igreja de S. Domingos, a criação do Secretariado de Informação Religiosa e do *Boletim de Informação Pastoral*, a conferência de Adolfo Winternitz, os contactos com Maurice Lavanoux, editor da revista americana *Liturgical Arts Society*⁴⁵³, a exposição «O Miserere de Georges Rouault», a visita do Cardeal Lercaro e a ordenação sacerdotal, em 1958, de João de Almeida e sua nomeação, em 1959, como assistente eclesiástico do MRAR. Para a secção de atividades do MRAR, propunha-se o relato das iniciativas realizadas durante o último biénio, como o 3.º Encontro Universitário (Lisboa, 6 a 8 de dezembro de 1958), a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (Luanda, junho de 1959), a Exposição de Arte Sacra Moderna (Porto, 20 de junho a 10 de julho de 1959) e o I Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra (Aveiro, 8 a 10 de julho de 1959). Quanto à Secção Bibliográfica, deveria compreender os comentários às revistas *Art Liturgical Society*, *Chiesa & Quartiere*, *Architectural Review*, *Novellae Olivarum*, *Ora et Labora*, e os boletins do SIAC, do UCAI e da Pax Romana.

Nenhum destes artigos viu a luz do dia e assim chegou o MRAR ao final do único mandato de A. Freitas Leal como presidente do MRAR, que se resumiu às iniciativas dos membros do Porto, em oposição ao grande silêncio do grupo fundador, que neste período assistiu às saídas de J. Maya Santos e J. Braula Reis, mas também às admissões de Nuno Portas, Luiz Cunha e Maria Luísa Marinho Leite como sócios efetivos – respetivamente com os números 17, 18 e 19.

⁴⁵² Com expressão muito próxima da que caracterizava o pintor suíço Ferdinand Gehr, encontrando-se mesmo grandes semelhanças num dos cartões de Diogo Alcoforado com o desenho em cerâmica realizado em 1958 por aquele pintor para a igreja de St. Laurentius, em Winterthur-Wülflingen (Hermann Baur, 1959, com relevos na fachada de Hans von Matt e altar de Albert Schilling).

⁴⁵³ No sentido de dedicar parte significativa de um número da revista à evolução da arte e arquitetura religiosa em Portugal.

1.3. Segundo Ciclo [1961-1969]

Recuperação [1961-1964]

A 24 de fevereiro de 1961⁴⁵⁴, numa sala cedida pela Irmandade de S. José dos Carpinteiros, na Rua da Fé, em Lisboa⁴⁵⁵, realizou o MRAR a sua 5.^a Assembleia Geral, na qual estiveram presentes 9 dos 16 sócios efetivos – Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, P. João de Almeida, A. Freitas Leal, António Lino, Diogo L. Pimentel, N. Teotónio Pereira, S. Formosinho Sanchez e Nuno Portas. A ordem de trabalhos compreendia a eleição de novas presidências, sendo que para a Direção do Movimento se apresentaram duas listas: a primeira indicou para presidente N. Teotónio Pereira, Nuno Portas como secretário e A. Freitas Leal como tesoureiro; a segunda, que saiu vencedora, propôs igualmente N. Teotónio Pereira para presidente, enquanto para secretário e tesoureiro apresentou os nomes de A. Freitas Leal e Maria José de Mendonça, respetivamente. S. Formosinho Sanchez foi eleito presidente da Assembleia Geral. Na passagem de testemunho, A. Freitas Leal, enquanto presidente cessante, fez o relato do biénio anterior e referiu-se à dificuldade sentida pela Direção em comunicar com os sócios estudantes e auxiliares, mas também com todos os interessados no tema da arte sacra, motivada pela ausência do assistente eclesiástico e de alguns membros do Conselho Diretivo, e recomendou um maior interesse e colaboração de todos os sócios nas futuras atividades do Movimento. O novo presidente pegou nestas palavras e «*chamou a atenção para a necessidade de consciencializar o trabalho do MRAR como atividade específica da vida cristã dos seus membros, como verdadeiro apostolado através do aprofundamento da sua vida espiritual e de oração*»⁴⁵⁶. De seguida, o P. João de Almeida corroborou as palavras do novo presidente, e afirmando-se pronto a colaborar com a nova Direção, convidou os membros do Movimento «*a uma*

⁴⁵⁴ Data indicada na convocatória de 9 de fevereiro, assinada por António Lino. A data escrita na ata – 4 de fevereiro, em vez de 24 de fevereiro – deverá, portanto, tratar-se de um erro. O facto de 4 de fevereiro corresponder a um sábado, e sabendo-se que o MRAR não reunia ao fim de semana, confirma-o.

⁴⁵⁵ A sala, situada no edifício anexo à igreja de S. José dos Carpinteiros, na Rua da Fé, n.º 53, em Lisboa, e que foi, a partir desta data, sede do MRAR, foi usada apenas para as reuniões do Movimento. Os serviços de secretaria e contas, que começaram a ser realizados por Natércia Catela e Carlos Guedelha para libertar os membros da Direção das tarefas burocráticas, ficaram instalados na Rua da Alegria, n.º 25, 3.º andar (ateliê de N. Teotónio Pereira).

⁴⁵⁶ MRAR, Acta número 6 [5] [*Livro de Atas*], Lisboa (24.fev.1961).

acção decididamente orientada para o meio, enquadrada numa formação global de vida cristã e profissional»⁴⁵⁷. Juntavam-se, assim, de novo os dois motores de arranque do MRAR para começar o segundo ciclo do Movimento. Nos dois anos anteriores, a Direção «esteve praticamente abandonada, [...] [gerando-se] uma certa apatia [...] à volta do MRAR, [...] [agravada por] certos sintomas de desunião»⁴⁵⁸, pelo que naquele momento era preciso começar por «assegurar a sobrevivência do Movimento e para isso teria de lhe ser dada vida nova»⁴⁵⁹. Com esse objetivo, N. Teotónio Pereira apresentou duas propostas concretas, que considerou fundamentais, e nas quais se concentrariam todos os seus esforços: a publicação de um pequeno boletim informativo e a promoção de reuniões mensais de formação e convívio. Para preparar estas iniciativas, a Direção passou imediatamente a reunir-se todas as semanas⁴⁶⁰ e aí decidiu que cada reunião teria um responsável pela orientação da sessão e que o boletim acompanharia mensalmente as reuniões, relatando a anterior e anunciando a próxima, para além de poder conter algum noticiário e bibliografia.

Foi, no entanto, nos Açores, que se ouviu, pela primeira vez naquele ano, uma voz do MRAR falar publicamente. A 8 de abril, João C. Rebelo participou na 1.ª Semana de Estudos, realizada no salão paroquial de S. José, em Ponta Delgada, pelo Instituto Açoriano de Cultura e com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian⁴⁶¹, apresentando a conferência final subordinada ao tema «Possibilidades de uma arquitectura religiosa moderna». A sua palestra, organizada em quatro pontos, começou por falar de «Uma triste herança», onde acentuou a separação ocorrida no século XIX entre o público e a arte, enquanto a arquitectura se preocupava apenas com o estilo das fachadas. Defendeu, então, que «o arquitecto enquanto merecer esse nome deve recusar-se a desempenhar o papel de confeiteiro, para assim contribuir seriamente para a formação da vida actual, descobrindo as necessidades latentes nos seus contemporâneos, muito antes

⁴⁵⁷ MRAR, Acta número 6 [5] [Livro de Atas], Lisboa (24.fev.1961).

⁴⁵⁸ [MRAR], Assembleia Geral e eleição dos novos corpos gerentes – a exposição do novo presidente, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 1 (jun.1961), p. 1.

⁴⁵⁹ PEREIRA, N. Teotónio, LEAL, A. Freitas, MENDONÇA, Maria José de, Relatório da Direcção – Ano 1961 (31.mar.1962), p. 1.

⁴⁶⁰ 3, 9, 17 e 23 de março, 6 e 20 de abril, 4, 11, 18 e 25 de maio, 8, 15, 22 e 29 de junho, 6, 14, 20 e 28 julho, 4, 11 e 25 agosto, 4 e 26 de outubro, 2, 9 e 23 de novembro, 7, 14, 21 e 28 de dezembro.

⁴⁶¹ Semana Cultural, Correio das Ilhas (2.abr.1961); A Semana Cultural que está a decorrer no Salão Paroquial de S. José, Correio das Ilhas (5.abr.1961); A Semana Cultural no Salão Paroquial de S. José, Correio das Ilhas (11.abr.1961).

deles se aperceberem delas»⁴⁶². E a respeito da vida litúrgica, sublinhou a atrofia desta, motivada pelo fortalecimento das devoções e do individualismo religioso, que destruíram o sentido comunitário da Igreja. No segundo tópico, ocupou-se da «Revolução arquitectural», apresentando os novos materiais e as novas técnicas, e descrevendo a arquitetura moderna como resultado da consciencialização da vida e dos problemas sociais, tecnológicos e culturais decorrentes da industrialização. Referiu-se ao período racionalista da arquitetura moderna e aos seus dois principais protagonistas – Le Corbusier e Walter Gropius –, mas também à revisão crítica deste movimento realizada por Frank Lloyd Wright e Alvar Aalto. Por último, destacou o caso particular da arquitetura soviética, com o objetivo de desfazer o mito de que a arte moderna era uma arte comunista. No terceiro ponto apresentou a «Situação da arquitectura religiosa no mundo», mencionando diversos documentos da Igreja, ilustrados por imagens de novas igrejas na Alemanha, Suíça, França e Itália, e a terminar fez o «Panorama da arquitectura religiosa em Portugal», começando pelo cristianismo de fachada que resultou da política de repressão da arte moderna, para depois revelar o começo de uma nova era, marcada pelas cartas pastorais do Cardeal-Patriarca de Lisboa, pela ação do MRAR, pela criação do SNIP e pelo papel das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, enquanto na parede se apresentavam imagens das igrejas de Moscavide e de Águas.

Em Lisboa, a Direção do MRAR continuava a encontrar-se semanalmente e aí começou a preparar a primeira reunião do ano do Conselho Diretivo, que se veio a realizar apenas a 19 de maio, com uma agenda de três pontos: relato e discussão das atividades do Movimento, apreciação das obras da nova Sede e admissão de novos sócios efetivos. Quanto a este último tópico, N. Teotónio Pereira já tinha afirmado, no discurso de tomada de posse, que o MRAR precisava de mais elementos, nomeadamente das camadas mais novas. O seu pedido cumpriu-se e o Conselho Diretivo admitiu no núcleo do MRAR sete novos sócios efetivos: a arquiteta Maria do Carmo Matos (n.º 20), o P. Avelino Rodrigues (n.º 21), o arquiteto Erich Corsépius (n.º 22), o P. Albino Cleto (n.º 23), o professor Vitorino Nemésio (n.º 24), o P. Henrique de Noronha Galvão (n.º 25) e o P. João Cabral sj (n.º 26). Quanto às duas propostas fundamentais que N. Teotónio Pereira apresentara na Assembleia Geral, concretizaram-se ambas pouco tempo depois desta reunião, começando pelo novo boletim, cujo primeiro número foi lançado no início de junho, marcando o arranque de uma edição com características e objetivos muito diferentes dos da série de 1957-58

⁴⁶² A Semana Cultural no Salão Paroquial de – S. José, *Correio das Ilhas* (11.abr.1961).

(FIG. 58). Em vez das cerca de doze páginas datilografadas dos quatro números coordenados por J. Maya Santos, a segunda série apresentou-se com um novo formato – frente e verso de uma única folha dividida em três partes – e ganhou uma capa, constituída pelo logótipo do MRAR⁴⁶³ desenhado por José Escada no início do ano e por ele explicada em carta enviada de Paris no dia de 31 de março de 1961: «A arte que gostaríamos de fazer deve ser a um tempo pura, económica, mas ao mesmo tempo esplendorosa e rica, e por isso eu pensei que um lírio nascendo de uma mão pudesse ser um bom símbolo para o nosso movimento. Além das palavras de Nosso Senhor – “Olhai os lírios do campo, vede como eles crescem: eles não trabalham nem fiam; contudo digo-vos que o próprio Salomão em toda a sua glória NUNCA SE VESTIU COMO NENHUM DELES” – existe o facto de o lírio ter três pontas, o que lhe confere imediatamente um simbolismo muito especial que na antiguidade se lhe atribuía. Ele pode, aliado à cruz, simbolizar a adoração cristã da Trindade e como, no nosso caso especial, essa adoração se exprime através do que fazemos, de coisas naturais que saem das nossas mãos, eu o coloquei nascendo de uma mão, não definindo por isso muito os seus contornos. Por outro lado, o nosso movimento tenta renovar, e por isso a flor que nasce pode representar, como disse atrás, a obra que nasce, mas também o nascimento, a renovação, a frescura que nós queremos trazer à arte da Igreja. O meu maior problema foi conseguir integrar a cruz sem que parecesse uma coisa “aposta” mal arrumada, penso que não está mal porque tentei dar-lhe o ar de pertencer à própria flor como se fosse o seu centro e por isso com um certo movimento.»⁴⁶⁴

Maria do Carmo Matos assumiu a responsabilidade da edição desta nova série, que pretendia «sobretudo assegurar com regularidade um contacto com os sócios, mantendo-os ao corrente das actividades do nosso movimento, [...] apresentando assim um carácter meramente informativo»⁴⁶⁵. O primeiro número cumpriu esta intenção e começou por introduzir sucintamente o novo boletim, bem como a capa e logótipo do MRAR. Em artigo um pouco mais extenso relatou a eleição dos novos corpos gerentes realizada na última Assembleia Geral, tendo destacado as palavras de A. Freitas Leal, N. Teotónio Pereira e do P. João de Almeida. De seguida, em notícias curtas, tratou da reunião do Conselho Diretivo de 19 de maio, elencando os assuntos tratados e os nomes dos sete novos sócios efetivos do Movimento, apresentou a nova sede e a existência de serviços de expediente, e revelou a colaboração do MRAR na exposição-concurso a realizar pela Liga Católica Feminina, em dezembro, subordinada ao tema

⁴⁶³ António Lino desenhou algumas propostas de logótipo para o Movimento, mas nenhum chegou a ser adotado (FIG. 59).

⁴⁶⁴ ESCADA, José [Carta a N. Teotónio Pereira], Paris (31.mar.1961), pp. 2-3.

⁴⁶⁵ [MRAR], O novo boletim do MRAR, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 1 (jun.1961), p. 1.

«A Virgem Maria e os Artistas de Hoje», para o qual o Movimento designou Maria José de Mendonça e o P. João de Almeida como membros do júri.

A terminar anunciou a primeira das reuniões mensais de convívio e formação, a realizar no dia 27 de junho, dedicada ao projeto da nova igreja de N. Sra. da Piedade, em Vidais, Caldas da Rainha (A. Freitas Leal, 1963) (FIG. 60), cuja planta o Boletim publicou, assim como uma imagem da recém-construída capela de N. Sra. de Fátima, em Figueira, Vila do Bispo (A. Freitas Leal, 1961), que seria também apresentada (FIG. 61). No dia marcado, a reunião orientada por Diogo L. Pimentel arrancou com um tempo de meditação conduzido pelo P. João de Almeida, que começou por explicar que aqueles encontros tinham como objetivo promover uma franca colaboração entre os membros do movimento a nível dos trabalhos que tinham em mãos, para o que iriam pôr em comum experiências e criticar reciprocamente as obras, processo que admitiu ousado, «*dados os nossos enraizados hábitos de individualismo*»⁴⁶⁶.

O primeiro sócio do MRAR a disponibilizar-se para este diálogo direto com os seus pares foi precisamente o sócio n.º 1, A. Freitas Leal, que iniciou a apresentação com algumas fotografias da capela de Figueira, suscitando imediatamente um grande interesse. O que deveria ter sido apenas uma introdução à obra central da reunião, arrebatou largos e intensos comentários, que puseram em relevo «*muitas das qualidades daquela obra, nomeadamente a definição do seu espaço interno, através de uma criteriosa distribuição da luz natural*»⁴⁶⁷. Após o debate imprevisto, o autor avançou com a descrição do projeto para a nova igreja de Vidais, que não chegou a terminar por ter sido logo interrompido nas primeiras imagens, que reacenderam a discussão anterior sobre o problema do culto das imagens e da sua melhor localização no espaço da igreja. Participaram no debate os padres João de Almeida, Avelino Rodrigues e João Pimenta, os arquitetos N. Teotónio Pereira, Diogo L. Pimentel, Erich Corsépius, João Castel-Branco e F. Sá Dantas, e Maria José de Mendonça, mas dentre as várias intervenções, destacou-se a do P. H. de Noronha Galvão⁴⁶⁸, que citou alguns princípios de ordem teológica e levou ao reconhecimento da necessidade de

⁴⁶⁶ [MRAR], Reunião de Formação e Convívio – a alocução do assistente do MRAR, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 2 (jul.1961), p. 1.

⁴⁶⁷ [MRAR], Reunião de Formação e Convívio – [segunda parte], MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 2 (jul.1961), p. 1.

⁴⁶⁸ O P. H. de Noronha Galvão escreveu dois artigos sobre esta matéria: O problema das imagens, *Novellae Olivarum*, Ano XV, n.º 143 (jun.1957), pp. 198-206; A propósito de imagens: religião viril – arte viril / arte viril – religião viril, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 9 (ago.-set.-out.1960), pp. 23-27.

se promover, no futuro, uma reunião de estudo dedicada exclusivamente a esta questão. «*Tanto mais que é opinião corrente que os novos arquitectos tentam abolir a presença de imagens nas igrejas que projectam, quando afinal o problema é bem mais profundo e grave, pois que se trata de redescobrir a verdadeira tradição do culto das imagens, despojando-as de todos os sentimentalismos superficiais e falsas devoções.*»⁴⁶⁹

O relato desta reunião ocupou mais de metade do segundo número do Boletim, publicado no início do mês seguinte, julho, que no noticiário fez apenas referência à impossibilidade do MRAR em enviar um representante à próxima reunião do SIAC, a realizar em Friburgo entre os dias 23 e 26 daquele mês. Já no espaço reservado às informações do Movimento fez-se um apelo à inscrição de novos sócios auxiliares e estudantes, que eram então 68 e 12 respetivamente, no sentido de se conseguir a ajuda «*indispensável para podermos seguir por diante com a responsabilidade que cabe ao nosso movimento no estudo e aprofundamento dos problemas, na formação dos artistas e do clero, no esclarecimento da opinião católica*»⁴⁷⁰. E comunicaram-se as inscrições, realizadas no mês anterior, dos novos sócios auxiliares Manuel José Bidarra de Almeida, arquitetos João Castel-Branco, Rene Cadete de Oliveira e Duarte Nuno Simões, e Eng. Gonçalo Ribeiro Telles. A fechar o Boletim, e conforme estabelecido, anunciou-se a segunda reunião de formação e convívio, dedicada ao projeto de S. Formosinho Sanchez para a futura igreja paroquial de Rio Maior, do qual se publicou um corte e uma planta.

Mas antes, a 21 de julho, reuniu-se de novo o Conselho Diretivo para fazer uma avaliação dos dois primeiros números do boletim e da primeira reunião de formação e convívio, mas também para analisar a situação financeira do Movimento, marcada por um aumento de despesas resultantes da expansão das atividades, que levou à resolução de se aumentar o limite mínimo das cotas. Por fim, ficou decidida a realização, no próximo outono, de um Encontro de três dias, possivelmente em Monte Real.

Quatro dias depois concretizou-se a agendada segunda reunião de formação e convívio, que teve como responsável Nuno Portas e contou com a participação de mais de 30 pessoas, entre as quais as que compunham a Comissão Fabriqueira da nova igreja, o que «*deu um grande interesse à reunião e permitiu uma franca troca de impressões com os representantes daqueles que vão construir*

⁴⁶⁹ [MRAR], Reunião de Formação e Convívio – resumo do debate, MRAR – Boletim, 2.^a Série, n.º 2 (jul.1961), p. 1.

⁴⁷⁰ [MRAR], Novos sócios, MRAR – Boletim, 2.^a Série, n.º 2 (jul.1961), p. 2.

e utilizar o novo edifício»⁴⁷¹. Depois da apresentação do projeto pelo seu autor, o arquiteto S. Formosinho Sanchez, desenrolou-se o debate que agrupou as intervenções em três temas, correspondentes aos problemas de ordem urbanística, da expressão arquitetónica do edifício e da sua organização funcional. No primeiro, N. Teotónio Pereira, A. Freitas Leal, António Lino e Erich Corsépius levantaram objeções quanto à localização da igreja, inserida no Parque público da cidade e distante do seu centro urbano, em terreno cedido pela Câmara Municipal, «*como de costume*»⁴⁷². Em resposta o autor contrapôs, aludindo ao ambiente de calma que beneficiaria a igreja, mas também ao futuro desenvolvimento da vila para além do Parque, que tornaria o edifício progressivamente mais central. Relativamente à expressão arquitetónica, o P. João Pimenta pôs em causa a forma exuberante e movimentada proposta para a igreja, em clara oposição às linhas calmas e horizontais do tribunal, edifício vizinho recém-construído segundo projeto também de S. Formosinho Sanchez, o que levou o arquiteto a explicar que não ignorara essa relação e que era através do corpo mais baixo da capela auxiliar que se fazia a harmonização dos volumes dos dois edifícios, que, para além disso, ficariam separados por uma faixa arbórea. «*Quanto à modelação dos espaços, ao recorte parietal, à variedade de perspectivas patentes no novo projecto, visariam antes a procura de uma riqueza e de uma imponência da própria função e seriam menos radicados na inquietação a que se aludira.*»⁴⁷³ Passaram, então, ao terceiro tópico, que tratou da organização do espaço do ponto de vista funcional e litúrgico, mas a discussão centrou-se na solução adotada para o balcão, particularmente criticada pelos arquitetos João Castel-Branco, F. Sá Dantas e A. Freitas Leal. Antes de terminar a reunião, ainda houve tempo para uma intervenção do P. Martins Aparício a propósito da possibilidade de utilização da capela auxiliar em dias de máxima ocupação e também para uma troca de impressões sobre questões de natureza construtiva, do custo da obra, e, finalmente, da eficácia da iluminação da parede atrás do altar, cujo efeito contraluz poderia ser contrário ao desejado. No encerramento, o pároco de Rio Maior, P. Armando Delgado, agradeceu «*esta oportunidade de diálogo aberto entre artistas, críticos e utentes, diálogo que todos consideramos da maior necessidade*»⁴⁷⁴.

⁴⁷¹ [MRAR], Reunião de Estudo, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 3 (ago.1961), p. 1.

⁴⁷² [MRAR], Reunião de Estudo – resumo do debate, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 3 (ago.1961), p. 1.

⁴⁷³ [MRAR], Reunião de Estudo – resumo do debate, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 3 (ago.1961), p. 1.

⁴⁷⁴ *Ibidem*.

Em cumprimento da regra estabelecida, o terceiro número do Boletim foi dedicado na sua maior parte ao relato da reunião de formação e convívio, mas o mesmo não pode ser feito relativamente ao anúncio da próxima, por ter sido adiada para outubro devido ao período de férias. Quanto a atividades do Movimento, o Boletim começou por dar nota das resoluções tomadas pelo Conselho Diretivo na reunião de 21 de julho, para de seguida apresentar as inscrições efetuadas durante o mês anterior – como sócios auxiliares, os padres F. Ferreira Marques e Joaquim Luiz dos Santos op, e os arquitetos Manuel Tierno Bagulho e José António Martins Cabido; e como sócios estudantes, Eduardo Trigo de Sousa e José Miguel de Arriaga Correia Guedes. Por último, fez o primeiro anúncio do Encontro de Outono, iniciativa «*que desde algum tempo vem sendo solicitada por alguns artistas católicos de vários pontos do País*⁴⁷⁵», ainda sem local e programa determinado, mas que seria aberto a todos os pintores, escultores, arquitetos, críticos e historiadores de arte e finalistas das Escolas de Belas-Artes.

Na secção de noticiário, fez-se uma menção à publicação do primeiro número do boletim trimestral «*Novas Igrejas*»⁴⁷⁶, da responsabilidade do SNIP, que apesar do aspeto gráfico modesto e do carácter predominantemente informativo e de divulgação, se considerou como um instrumento muito valioso para a campanha de formação artística e litúrgica, dadas as orientações seguras que dispunha em matéria de arte sacra. De seguida, lembrou-se a exposição «A Virgem Maria e os artistas de hoje», a realizar pelo serviço de cultura da Liga Católica Feminina e o MRAR no início de dezembro de 1961 na Sociedade Nacional de Belas-Artes e alertou-se para o facto de esta iniciativa só ter interesse se contasse com a participação dos artistas conscientes do problema da arte sacra contemporânea, para o que deviam solicitar a documentação já disponível. Aí revelava-se que um júri, composto pelo P. António dos Reis Rodrigues, o P. João de Almeida, Maria José de Mendonça, o Dr. João Couto, o pintor Júlio Resende, o escultor António Duarte e o arquiteto Frederico George, seleccionaria para a exposição obras recentes de pintura, escultura, desenho, gravura, vitral, mosaico, tapeçaria, cerâmica e arquitetura. A concurso estavam as imagens, estampas, medalhas, presépios, pagelas e terços para serem posteriormente reproduzidas e vendidas ao público. O valor total dos prémios a atribuir nas várias categorias ascendia aos 100 mil escudos.

⁴⁷⁵ [MRAR], Actividades do MRAR – encontro de artistas no Outono, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 3 (ago.1961), p. 1.

⁴⁷⁶ Ver capítulo 2.22.

Dos Estados Unidos da América chegou o relato da primeira edição do concurso internacional intitulado «Prémio de Arquitetura Cardeal Lercaro», promovido pela conferência norte-americana de Liturgia e criado para promover o estudo das exigências e possibilidades dos complexos paroquiais. Aberto a todos os arquitetos e estudantes de arquitetura, contou, naquele ano, com um júri constituído pelo Cardeal Lercaro e os arquitetos Pietro Belluschi, Barry Byrne e Lúcio Costa. O trabalho vencedor, premiado com 750 dólares, juntamente com os projetos melhor classificados, estariam expostos durante a 22.ª Semana Litúrgica da América do Norte, a decorrer em Oklahoma, entre 21 e 24 de agosto. Mas a notícia com maior relevo nesta secção do Boletim foi a da morte do arquiteto Rudolf Schwarz⁴⁷⁷, «o último dos grandes pioneiros da nova *arquitectura sacra*. [...] *A sua vida e a sua obra têm para nós um significado muito importante, pelo que se projecta dedicar ao grande mestre uma das primeiras reuniões de estudo depois das férias*»⁴⁷⁸. Esta reunião não chegou a realizar-se, pelo que a homenagem se limitou à notícia acompanhada pela fotografia do interior da igreja de St. Anna, Düren, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1951-56).

O Boletim que se seguiu foi obrigado a apresentar um conteúdo distinto dos seus três antecessores, muito devido à ausência de atividades durante o período de férias. A solução encontrada foi a apresentação de um resumo da vida ainda curta do MRAR, «*por se considerar de algum interesse, sobretudo para os associados e simpatizantes mais recentes*»⁴⁷⁹, que ocupou mais de metade do conteúdo do Boletim. Criaram-se também novas secções, à semelhança do sucedido na 1.ª Série, donde se recuperou a bibliográfica, que neste número, começou por analisar duas publicações: a revista *Chiesa e Quartiere*⁴⁸⁰ e o livro *Kirchen*⁴⁸¹. Quanto à primeira, da responsabilidade do Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra, de Bolonha, foi classificada como «*uma publicação especializada que tem por objectivo o contribuir para a revifcação que caracteriza o actual movimento de construção de novas igrejas*»⁴⁸², que para além de uma excelente documentação fotográfica de obras de todo o mundo católico, contemplava artigos doutrinários nas áreas da liturgia, pastoral, sociologia, arquitetura e urbanismo. Para breve anunciou um número dedicado às novas igrejas em Portugal,

⁴⁷⁷ Rudolf Schwarz morreu em Colónia, no dia 3 de abril de 1961.

⁴⁷⁸ [MRAR], A morte de Rudolf Schwarz, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 3 (ago.1961), p. 2.

⁴⁷⁹ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 4 (set. 1961), p. 1.

⁴⁸⁰ *Chiesa e Quartiere*, Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra, Bolonha (1957-1968).

⁴⁸¹ BARTNING, Otto, WEYRES, Willy, *Kirchen*, Verlag Georg D.W. Callwey, Munique (1959).

⁴⁸² [MRAR], Bibliografia – *Chiesa e Quartiere*, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 4 (set. 1961), p. 2.

que se encontrava em preparação⁴⁸³. Sobre a segunda, afirmou-se ser um estudo profundo e sistemático «*que interessa não só a quem projecta uma igreja, mas a todos os que, directa ou indirectamente, se achem empenhados na sua construção*»⁴⁸⁴.

A outra secção nova, que apenas foi introduzida neste número do Boletim, surgiu da constatação da existência de variados organismos dedicados à renovação da arte sacra – uns formados a partir de um pequeno grupo de artistas católicos, como o MRAR ou a Sociedade de São Lucas, outros nascidos no seio de congregações religiosas, como o da revista francesa *L'Art Sacré* ou do movimento espanhol MAS, ambos ligados aos dominicanos, ou ainda surgindo como órgãos oficiais da Igreja, como o SNIP ou o Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra, de Bolonha –, que importava dar a conhecer, para o que se apresentariam pequenas descrições dos mais importantes ou próximos do MRAR.

A terminar o Boletim retomou-se o habitual noticiário, primeiro para fazer o ponto de situação do há muito anunciado concurso de anteprojetos para a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, que seria retomado em breve, depois de quatro anos adiado devido a uma permuta de terrenos realizada na sequência de um estudo de conjunto apresentado e aprovado pela Câmara Municipal, que melhorou significativamente as condições de implantação do complexo paroquial. A fechar, comunicaram-se finalmente os dias e o local do Encontro de Outono: de 29 de outubro a 1 de novembro, no hotel das Termas dos Cucos, em Torres Vedras. E aproveitou-se para destacar a presença confirmada do P. José Manuel de Aguilár op, fundador do espanhol Movimiento Arte Sacro (MAS), que juntamente com outros sacerdotes e leigos, orientariam as meditações e os debates e realizariam algumas conferências.

O Boletim seguinte, lançado em outubro, encontrou a mesma dificuldade do anterior. A inexistência de atividades para reportar levou-o a abrir com um excerto do Decreto de criação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado⁴⁸⁵, seguido da apresentação do Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra, de Bolonha. Na secção bibliográfica, regressou a *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*, volume publicado em 1956 por aquele organismo e analisado por J. Maya Santos no ano seguinte, no terceiro

⁴⁸³ Este número, que só a partir do final de 1966 começou efetivamente a ser preparado, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, não chegou a ser publicado, devido ao encerramento inesperado da revista em 1968.

⁴⁸⁴ [MRAR], Bibliografia – Kirchen, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 4 (set. 1961), p. 2.

⁴⁸⁵ De 6 de janeiro de 1961, pelo Cardeal-Patriarca D. Manuel G. Cerejeira.

número da 1.^a série do Boletim⁴⁸⁶. Nesta nova crítica, basicamente descritiva, destacaram-se os elogios aos textos dos arquitetos Ludovico Quaroni e Giovanni Michelucci e do Mons. Giovanni Fallani. Esta secção do Boletim não se limitou a esta edição e abordou também alguns números monográficos de duas revistas de arquitetura. Começando pelo número de maio da revista alemã *Bauen + Wohnen*⁴⁸⁷, destacou os artigos de R. Senn, sobre o espírito de pobreza na construção de igrejas – retratado pela capela de Notre-Dame de Lourdes, em Frasné, Pontarlier, França (1881) –, e do arquiteto Justus Dahinden, sobre igrejas católicas em África, ilustrado por um projeto da sua autoria, «talvez excessivamente brasileiro, mas onde se podem encontrar algumas particularidades de programa litúrgico, como um local em frente do altar para danças, uma acentuação do papel das procissões com dispositivo para o fogo e tam-tans num grande átrio exterior»⁴⁸⁸. Mais sólidas eram as igrejas de Nagele, Holanda (Van den Broek & Bakema, 1958-62), de Sta. Maria in den Benden, em Düsseldorf (Emil Steffann, 1959), «já apresentada em reuniões do MRAR»⁴⁸⁹, e algumas obras nórdicas – capelas do crematório de Gävle, Suécia (Alf Engström, Gunnar Landberg, Bengt Larsson e Alvar Törneman, 1954), capela da Universidade Técnica, Otaniemi, Finlândia (Kaija e Heikki Siren, 1957), e igreja de Orivesi, Finlândia (Kaija e Heikki Siren, 1961).

Quanto à revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, a secção bibliográfica abordou dois dos seus últimos números, um deles inteiramente dedicado à arquitetura religiosa moderna⁴⁹⁰, onde se destacava o «já famoso convento de La Tourette»⁴⁹¹ (Le Corbusier, 1960). Dentre os numerosos e considerados irregulares exemplos germânicos mereceram destaque, pelo tratamento invulgar do betão, as igrejas do arquiteto Fritz Schaller⁴⁹², em Leverkusen (St. Johannes der Täufer, 1957-62) e Colónia (Bruderklause, 1956-57). Já as obras mais recentes

⁴⁸⁶ SANTOS, J. Maya, Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia, *MRAR – Boletim*, 1.^a Série, n.º 3 (dez.1957), p. 11.

⁴⁸⁷ Kirchliche Bauten, *Bauen + Wohnen*, Munique (mai. 1961).

⁴⁸⁸ [MRAR], Bibliografia – Bauen + Wohnen, *MRAR – Boletim*, 2.^a Série, n.º 5 (out.1961), p. 1.

⁴⁸⁹ *Ibidem*.

⁴⁹⁰ Architecture Religieuse, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, n.º 96 (jun.-jul.1961).

⁴⁹¹ [MRAR], Bibliografia – L'Architecture d'Aujourd'Hui, *MRAR – Boletim*, 2.^a Série, n.º 5 (out. 1961), p. 1.

⁴⁹² Fritz Schaller (1904-2002). Arquiteto alemão, autor de mais de 60 projetos de igrejas católicas, dos quais se construíram cerca de metade.

de Hermann Baur⁴⁹³ considerou-se que «*não impressionam especialmente*»⁴⁹⁴, contrariamente ao Convento de Clarissas, em Ostende, Bélgica (Paul Félix, 1959), construído num «*país de equívocos sobre a matéria*»⁴⁹⁵, e à igreja triangular de Nuestra Señora de los Ángeles, em Vitória, Espanha (Javier Carvajal Ferrer e José Maria Garcia Paredes, 1958-1960). De Itália, verificou-se uma presença pouco significativa, pelo que se recomendou a consulta de «*publicações mais exigentes como Casabella*»⁴⁹⁶, para encontrar as igrejas da Sacra Famiglia, em Génova (Ludovico Quaroni, 1956-59), de Santa Maria Nascente, em Milão (Vico Magistretti e Mario Tedeschi, 1947-55) e de Gesù Redentore, em Mirafiori Nord, Turim (Nicola e Leonardo Mosso, 1953-57). O segundo exemplar da revista francesa escrutinado pelo Boletim do MRAR foi o número dedicado aos países nórdicos⁴⁹⁷, onde ganhavam relevo exemplos de igrejas protestantes e católicas, bem representativas «*da importância que estas realizações estão a tomar no panorama geral da arquitetura dos países escandinavos*»⁴⁹⁸. De valor extraordinário foi como se avaliaram as igrejas finlandesas de Alvar Aalto de Kolmen Ristin (Três Cruzes), em Vuoksenniska, Imatra (1955-59), e de Lakeuden Risti (Travessia da Planície), em Seinäjoki (1951-67). Merecedoras também de uma nota foram a igreja de St. Thomas, em Vällingby, Suécia (Pedro Celsing, 1958-60) e o crematório de Lund, Suécia (Svan Backström e Leif Reinus). No curto noticiário, o Boletim informou do adiamento, por motivos imprevistos, da exposição Virgem Maria e os Artistas de Hoje para a primavera de 1962 e pediu aos leitores para não se desinteressarem da iniciativa. No entanto, esta nunca chegou a concretizar-se. Destino oposto teve o Encontro de Outono, cujas datas foram aqui lembradas, juntamente com a apresentação do programa proposto para os quatro dias (FIG. 62).

O primeiro Encontro de Outono começou no dia programado, 29 de outubro, com uma missa dominical, seguida de almoço, no Hotel das Termas dos Cucos, em Torres Vedras. Depois de uma breve apresentação feita por cada um dos 24 participantes, deu-se início ao debate de abertura, orientado pelo

⁴⁹³ St. Josefs-Kirche, Merzig, Alemanha (1957-59), e Bruderklausenkirche, Birsfelden, Basileia, Suíça (1955-59).

⁴⁹⁴ [MRAR], Bibliografia – L'Architecture d'Aujourd'Hui, MRAR – Boletim, 2.^a Série, n.º 5 (out. 1961), p. 1.

⁴⁹⁵ *Ibidem*.

⁴⁹⁶ *Ibidem*.

⁴⁹⁷ Pays Nordiques, L'Architecture d'Aujourd'Hui, Paris, n.º 93 (dez.1960-jan.1961).

⁴⁹⁸ [MRAR], Bibliografia – L'Architecture d'Aujourd'Hui, MRAR – Boletim, 2.^a Série, n.º 5 (out. 1961), p. 1.

P. Manuel Antunes sj, que logo balizou o tema «O artista e a comunidade» entre duas situações limites: «*ou o artista vive numa sociedade que existe em estado de participação, tendo crenças comuns, normas de valor comuns, sentimentos comuns, cânones estéticos aceites pela generalidade [...]; ou o artista vem numa época de crise e de separação, em que os homens se não encontram em qualquer mitologia comunitária*»⁴⁹⁹, como se verificava no mundo moderno, no qual o artista era duplamente tentado, quer pela busca da originalidade em si e por si quer pela cedência à moda e às solicitações de uma maioria sem critério seguro. Seguiu-se uma longa troca de opiniões que concluíram que o artista só podia realizar-se em plenitude numa autêntica comunicação de destino, o que se confirmava pelos primeiros sinais de que a era do individualismo estético estava a terminar. Depois do lanche, o Prof. Vitorino Nemésio proferiu a conferência «Comunidade e expressão», onde, depois de aprofundar estes dois conceitos, mostrou como artista e comunidade se identificaram ao longo da História e como essa situação se alterou no mundo contemporâneo, que assistiu a uma autêntica crise de participação do artista. No entanto, confiava no regresso à relação anterior: «*O revigorationamento dos valores sociais na arquitectura, como arte funcional e por isso comunitária, juntamente com outros fenómenos, faz entrever um redescobrimto das raízes essenciais da arte*»⁵⁰⁰, o que levaria a uma resposta moral consequente do artista, perante as exigências que lhe eram feitas. A terminar o dia, já depois do jantar, realizou-se uma pequena sessão de projecção de diapositivos mostrando obras de arte sacra moderna.

O segundo dia do Encontro teve início como habitual – missa e pequeno-almoço –, a que se seguiu uma manhã de retiro espiritual, orientado por duas meditações apresentadas pelo P. João de Almeida. Centradas na «Situação do cristão no mundo perante as tarefas temporais», focaram os seguintes aspetos: «*o valor do tempo e das realidades terrestres em face da eternidade; o conceito de mundo na perspectiva cristã e o compromisso do cristão na transformação do mundo; o mundo e a realização do Reino de Deus; o mistério pascal e o sentido da história*»⁵⁰¹. Depois do almoço, o grupo de participantes partiu em visita de estudo às igrejas de Sta. Maria do Castelo, na Lourinhã, de S. Leonardo, e de N. Sra. da Conceição, na Atouguia da Baleia, de S. Pedro, em Dois Portos, e ao Santuário de

⁴⁹⁹ [MRAR], Encontro de Outono – o artista e a comunidade, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 6 (nov.1961), p. 1.

⁵⁰⁰ [MRAR], Encontro de Outono – comunidade e expressão, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 6 (nov.1961), p. 1.

⁵⁰¹ [MRAR], Encontro de Outono – dia 30 Manhã de Retiro, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 6 (nov.1961), p. 1.

N. Sra. dos Remédios, em Peniche. A única conferência do dia foi proferida já depois do jantar, pelo Dr. Mário Tavares Chicó. Dedicada à «Arquitectura maneirista na Índia e no Brasil», começou por apresentar a arquitetura renascentista portuguesa, antes de analisar genericamente o movimento maneirista, que ilustrou com exemplos de obras em Portugal. Passou, então, à presença portuguesa nas zonas tropicais, revelando como o Maneirismo no Brasil e na Índia foi influenciado pelo clima e pelas culturas locais.

A manhã do terceiro dia repetiu o esquema do dia anterior, mas desta feita o orientador do retiro foi o P. José Manuel de Aguiar op, que dedicou a primeira meditação à presença de Deus na História e de Cristo na Igreja, no tempo e nos cristãos. Já na segunda meditação, centrou-se no conhecimento pessoal de Cristo, para o qual indicou dois caminhos: o objetivo ou do Evangelho, e o subjetivo ou da Eucaristia. Ao início da tarde realizou-se um debate dedicado ao tema «O sagrado e o profano em arte», conduzido pelo P. João Cabral sj, que defendeu que mais do que coisas profanas, o que há são coisas profanadas que a arte tinha por missão ressacralizar. «É esta a funcionalidade essencial da arte sacra – fazer que a matéria sirva o mais perfeitamente possível, com o máximo de transparência, à manifestação sensível do Mistério de Cristo»⁵⁰², sem que, para isso, estivesse sujeita «a uma pseudotradição que não é muitas vezes mais que rotina, nem a uma simbologia postiça ou a estilos que porventura tenham expresso com felicidade a mentalidade de uma época»⁵⁰³. O final da tarde foi marcado pela visita do Cardeal-Patriarca de Lisboa que foi considerada como «mais uma demonstração do interesse e do conhecimento de S. Eminência relativamente aos problemas de arte sacra e uma manifestação da simpatia com que desde o início tem acompanhado as actividades do MRAR. As palavras que proferiu ajudaram ao esclarecimento dos temas abordados nos debates e ao seu enquadramento numa perspectiva eclesial»⁵⁰⁴. À noite realizou-se uma nova sessão de projeção de diapositivos, dedicada a realizações espanholas. No último dia do Encontro e depois da missa e pequeno-almoço, realizou-se o retiro final, novamente orientado pelo P. João de Almeida, que refletiu sobre a caridade fraterna e propôs um exame comum da correspondência e fidelidade de cada um às exigências evangélicas do amor. Esta partilha, realizada no clima de grande simplicidade e abertura vivido durante os quatro dias de convívio, fechou o I Encontro de Outono do MRAR.

⁵⁰² [MRAR], Encontro de Outono – o sagrado e o profano, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 6 (nov.1961), p. 1.

⁵⁰³ *Ibidem*.

⁵⁰⁴ [MRAR], Encontro de Outono, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 6 (nov. 1961), p. 1.

O sexto número do Boletim, publicado durante o mês de novembro, ocupou-se na sua quase totalidade com o relato da reunião de Torres Vedras, que ilustrou com uma imagem de um dos exemplos apresentados pelo P. José Manuel de Aguilar op, a igreja da Coronación de Nuestra Señora, em Vitória, Espanha (Miguel Fisac, 1960). No noticiário anunciou finalmente que o concurso de anteprojetos para a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, estava aberto em condições que consideravam exemplares, quer pela cuidada organização das bases do concurso, que tinham a aprovação do Sindicato Nacional dos Arquitetos, quer pelas garantias dadas pelo júri já nomeado (FIG. 63). No ato da inscrição, que se podia efetuar desde o dia 3 de novembro, os concorrentes recebiam o regulamento do concurso, o programa da igreja e instalações anexas, a planta da paróquia, o levantamento topográfico de todo o quarteirão, o relatório de sondagens, uma coleção de fotografias do local e dos edifícios vizinhos, e o estudo de conjunto realizado por S. Formosinho Sanchez e aprovado pela Câmara Municipal de Lisboa. No primeiro documento eram informados das datas limite de inscrição (30 de novembro de 1961), de pedidos de esclarecimentos (31 de dezembro de 1961) e de entrega dos trabalhos (31 de maio de 1962) que teriam de ser compostos pelas seguintes peças: memória descritiva e justificativa; estimativa de custo (que não podia ultrapassar os 12.000 contos); estudo sumário da estrutura; planta e cortes de conjunto à escala 1/500; plantas, cortes e alçados dos edifícios à escala 1/200; perspetivas interiores (três no máximo, mostrando uma delas, com clareza, o altar); perspetivas exteriores ou fotografias de maquetes (cinco no máximo); maquete de conjunto, à escala 1/500. Ainda no regulamento, encontravam a composição do júri – os arquitetos Octávio Lixa Filgueiras e S. Formosinho Sanchez e a senhora D. Júlia Guedes como representantes da paróquia, o P. João de Almeida como representante do SNIP e o arquiteto Bartolomeu Costa Cabral pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos –, e a premiação prevista: ao concorrente classificado em primeiro lugar seria adjudicado o projeto de construção da igreja; os 2.º, 3.º, 4.º e 5.º classificados seriam recompensados com um prémio no valor de 40 000\$00, 30 000\$00, 20 000\$00 e 10 000\$00 respetivamente; outros trabalhos, até um máximo de dez, que fossem também premiados receberiam o valor uniforme de 5000\$00. Neste documento anunciou-se, também, a realização de uma exposição dos trabalhos concorrentes, entre 15 de outubro e 15 de novembro de 1962.

Quanto ao programa começou por deixar claro, logo no segundo ponto do primeiro capítulo – dedicado aos Dados Fundamentais –, que o edifício a concurso devia caracterizar-se pela *«verdade e pureza próprias duma arquitectura*

autêntica»⁵⁰⁵, clarificando-se o significado destas palavras no ponto seguinte, que esclarecia que se pretendia «*uma igreja moderna, no sentido de que se destina ao Povo de Deus dos nossos dias*»⁵⁰⁶, afirmação não inocente, em tudo semelhante às que o MRAR defendia desde a exposição de 1953, contra os que «*teimam em esquecer a verdadeira tradição, renunciando a inserir a arquitectura nas realidades do nosso tempo*»⁵⁰⁷. Por se tratar de uma igreja, teria também de «*caracterizar-se por um conjunto harmónico de qualidades que exprima, em linguagem propriamente arquitectural, mais do que pelo recurso ao simbolismo das formas ou das decorações, o carácter sagrado do edifício [...] [impondo-se] ao sentir comum dos homens, não como um edifício «que também pode ser uma igreja», mas como um edifício «que não pode deixar de o ser»*»⁵⁰⁸. E por ser católica, devia conseguir exprimir arquitetonicamente «*o próprio conceito de igreja segundo a teologia católica, a saber: o de edifício onde o Povo de Deus se reúne para a celebração eucarística, para a recepção dos sacramentos, para ouvir a proclamação da Palavra de Deus, para o culto da Presença Real e para se entregar colectiva ou individualmente à oração e devoções não litúrgicas*»⁵⁰⁹. O segundo capítulo, sobre a funcionalidade e organização da igreja, concentrou a maioria dos pontos do programa – 62 dos 87 –, que trataram de questões como o acesso à igreja, o espaço da assembleia, o santuário, os altares secundários, o órgão, os confessionários ou o batistério, revelando que este era o edifício mais estudado pelo Movimento, para o qual chegaram a dar as dimensões do altar, dos degraus de acesso a este, da coxia central, da mesa de comunhão e das credências. A grande dimensão da igreja – para 2000 pessoas, metade das quais sentadas –, foi justificada pela sua localização muito próxima de um dos pontos mais centrais e de maior movimento de Lisboa, que fazia prever uma grande frequência de uma população bastante cosmopolita, a que se teria de somar ainda todos os fiéis duma paróquia com cerca de 20 000 habitantes. Como forma de se conseguirem colocar tantos lugares no limitado espaço disponível, sugeriu-se a possibilidade de criação de um balcão ou coro, apesar das suas desvantagens. Em termos de decoração da igreja, propôs-se que esta obedecesse a um programa iconográfico bem fundamentado por um teólogo, apontando-se para cerca de nove imagens a colocar em nichos discretos.

⁵⁰⁵ *Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus e de seus anexos* [S.l.: s.n.] (1961), p. 3.

⁵⁰⁶ *Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus...*, p. 4.

⁵⁰⁷ PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Exposição de Arq. Religiosa Contemporânea* (Folheto), Lisboa (abr. 1953).

⁵⁰⁸ *Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus...*, p. 3.

⁵⁰⁹ *Ibidem*.

Liturgicamente, o programa refletiu a época de transição que se vivia: por um lado, previa-se que «*a celebração da missa se faça habitualmente de costas para o povo*»⁵¹⁰, mas por outro, o altar devia ser concebido de forma a permitir a celebração «*versus populum*». De igual modo, o altar seria o centro de convergência da igreja, mas nele teria ainda de ser colocado o sacrário, apesar de se proporem mais cinco altares, um deles numa capela lateral. E o elemento que mais se devia relacionar com o altar era a cruz e não o ambão, que ainda foi dividido em dois – da epístola e do evangelho.

O terceiro capítulo foi dedicado ao programa do Centro Paroquial, apresentado como complemento lógico da igreja paroquial e «*concebido em ordem à educação do sentido comunitário e apostólico dos paroquianos e à organização dum pastoral adaptada e eficiente*»⁵¹¹. Seria casa da família paroquial, com sala de chá e instalações para encontros frequentes; centro de formação cristã, com um grande salão para conferências, teatro e cinema com capacidade para 600 pessoas sentadas e 400 em pé, 13 salas para instrução catequética, duas salas de aula de Escola Primária, uma biblioteca e centro de informações; centro de irradiação missionária, com 15 salas para as obras, associações e movimentos do apostolado; e centro de irradiação de caridade, com um posto médico e um centro de serviço social. Este extenso conjunto de espaços e serviços foi descrito sucintamente em apenas 13 pontos. No entanto, para o quarto e último capítulo foram utilizados apenas três, que resumiram o programa das residências para o pároco e coadjutores e para os empregados da igreja. Estava, assim, lançado o concurso no qual o MRAR muito investira e que desejava que se tornasse referência para situações futuras.

O Boletim de novembro tinha ainda duas notas relacionadas com as atividades do MRAR: a primeira solicitava o pagamento atempado das cotas, como forma de garantir a publicação do Boletim e a realização de novas iniciativas. A segunda anunciava a terceira reunião de estudo, a realizar no dia 28 de novembro e dedicada ao anteprojecto do convento para a Congregação das Irmãs Franciscanas de Calais, em Gondomar (Fernando Távora, 1961-1971). No dia marcado e perante mais de 30 pessoas, N. Teotónio Pereira, orientador da sessão, começou por proferir algumas palavras de introdução. Reconhecendo que a renovação da arquitetura religiosa andava mais ocupada com as igrejas paroquiais, «*por ser aqui que se verifica com mais forte sentido renovador*

⁵¹⁰ Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus..., p. 7.

⁵¹¹ Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus..., p. 4.

*todo o desenvolvimento da pastoral e da liturgia nos últimos tempos»*⁵¹², lembrou que as comunidades religiosas também se encontravam em transformação, pela redescoberta, por um lado, das suas origens, mas também pela necessidade de adaptação às exigências contemporâneas, o que levantava problemas na vida das comunidades, ainda sem solução. Considerou, deste modo, que os arquitetos podiam ter aqui um papel muito relevante, pois «*as formas de organização do espaço que saírem das suas mãos não deixarão indiferente a vida que se irá desenrolar nos quadros assim criados. [...] Caberá assim ao arquitecto captar o sentido de uma evolução e exprimi-lo em termos concretos de organização do espaço»*⁵¹³.

O arquiteto Fernando Távora tomou então a palavra e apresentou o seu trabalho, que descreveu como um conjunto composto por cinco corpos – a capela, a residência das irmãs professoras, o refeitório e a sala de festas, que se posicionavam em torno do claustro, e o noviciado, paralelo mas ligeiramente afastado da capela. Explicou também que na implantação dos edifícios teve o cuidado não só de ajustá-los corretamente ao acentuado declive do terreno, o que deu origem a um movimento dos planos dos diversos pisos, mas também ao eixo heliotérmico, de forma a garantir a melhor orientação solar para os corpos da residência e do noviciado. O debate que se seguiu contou com as intervenções do P. João de Almeida e dos arquitetos Bartolomeu Costa Cabral, A. Freitas Leal, S. Formosinho Sanchez, Nuno Portas e Erich Corsépius. A capela foi largamente discutida, tendo sido positivamente destacada a colocação dos bancos para visitantes no balcão e do coro conventual no piso inferior, face a face, junto do altar principal e dos dois altares secundários, que se questionaram. Dúvidas levantaram-se também relativamente à solução encontrada para o claustro, que viram como um formalismo cujo conteúdo original foi substituído pelas necessidades de circulação intensiva entre os diferentes corpos do convento, ao que o autor esclareceu que «*a solução adoptada deve definir-se melhor como galerias circundando um espaço central e não como um claustro propriamente dito»*⁵¹⁴. A reunião, que acabou tardiamente ainda com muito por discutir, foi encerrada com as palavras do P. João de Almeida a lembrar que era de todo o interesse que em sessões futuras estivessem presentes não só o autor do projeto, mas também o dono de obra ou um seu representante que pudesse transmitir o seu ponto de vista. Esta foi a matéria principal apresentada no sétimo Boletim

⁵¹² [MRAR], Reunião de Estudo – algumas palavras de introdução, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 7 (dez.1961), p. 1.

⁵¹³ *Ibidem*.

⁵¹⁴ [MRAR], Reunião de Estudo – resumo do debate, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 7 (dez.1961), p. 1.

do MRAR, publicado já em dezembro, que apresentou a acompanhar o relato da terceira reunião, a planta do piso principal e um corte do convento. No noticiário deu conta das 66 inscrições no concurso de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus e na secção das atividades do MRAR, anunciou a venda dos cartões de Natal do MRAR – que não incluiu nenhuma nova edição naquele ano –, em algumas casas da especialidade e lembrou que naquele mês não haveria reunião de estudo por a data coincidir com o período de festas.

Assim terminou o primeiro ano da nova direcção do MRAR, que no relatório apresentado na Assembleia Geral de abril de 1962 fez um balanço extremamente positivo por se ter conseguido assegurar as iniciativas consideradas fundamentais no momento da sua eleição. As razões apontadas foram várias: «*As circunstâncias foram-nos favoráveis. Beneficiámos de condições especiais no que respeita a instalações e serviços de expediente; o nosso assistente e alguns sócios efectivos, que tinham saído de Lisboa ou do País, estavam de regresso; a criação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, na forma como foi feita, consagrou, por assim dizer, as teses e princípios que vínhamos defendendo e veio dar-nos um apoio muito forte; ao mesmo tempo, a modificação da mentalidade em grande parte do clero e do público no que respeita às coisas da Arte Sacra, criou-nos condições de acção muito mais favoráveis.*»⁵¹⁵ Considerou, portanto, que 1961 tinha sido um ano de recuperação do MRAR: o número de sócios aumentara de 91 (16 efetivos, 63 auxiliares e 12 estudantes) para 103 (23 efetivos, 68 auxiliares e 12 estudantes), publicaram-se 7 números do Boletim, realizaram-se três reuniões de estudo, duas exposições⁵¹⁶, duas reuniões do Conselho Diretivo, uma Assembleia Geral e um Encontro. Por outras palavras, «*reacendeu-se o entusiasmo, consolidou-se o Movimento, alargaram-se os contactos e as adesões, despertou-se o interesse pela Arte Sacra em novos meios, pôs-se a escrita em dia, alargaram-se os sectores de actividade e, sobretudo, cimentou-se a nossa união no Senhor*»⁵¹⁷. Mas também houve falhas a apontar, como o fraco crescimento do MRAR no meio escolar e a limitada participação da generalidade dos sócios efetivos na vida ativa do Movimento. Quanto ao futuro, considerou-se necessário alargar a ação do

⁵¹⁵ PEREIRA, N. Teotónio, LEAL, A. Freitas, MENDONÇA, Maria José de, *Relatório da Direcção – Ano 1961* (31.mar.1962), p. 1.

⁵¹⁶ Deverão ser as exposições apresentadas em Lisboa, em fevereiro de 1962, na sede da JUC e na Faculdade de Medicina de Lisboa. O relatório foi apresentado apenas em abril e, durante o ano de 1961, o MRAR não realizou quaisquer exposições. Reforça este entendimento o facto do relatório do ano de 1962 mencionar apenas a realização de uma exposição, em Fátima, a convite dos dominicanos.

⁵¹⁷ PEREIRA, N. Teotónio, LEAL, A. Freitas, MENDONÇA, Maria José de, *Relatório da Direcção – Ano 1961* (31.mar.1962), p. 1.

MRAR à generalidade das dioceses da Província e Ultramar, estabelecer novos contactos com o meio artístico e o clero, promover uma atividade permanente de palestras e exposições itinerantes, fomentar a produção e comercialização de obras de arte sacra de qualidade, e, finalmente, «aprofundar a nossa formação própria, descobrir vocações pessoais, congregar esforços, fomentar o estudo dos problemas da arte sacra»⁵¹⁸. Depois de um ano a recuperar o Movimento, 1962 seria, portanto, um ano de expansão.

O ano de 1962 começou, no entanto, com o oitavo número do Boletim a publicar o balanço do ano anterior, quer no que dizia diretamente respeito ao MRAR quer no que lhe era exterior. Começou por destacar a abertura do Concurso de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, a criação do SNIP e o aparecimento do Boletim *Novas Igrejas*. Em termos de exposições, referiu a de Arte Sacra Missionária, em Coimbra, durante o mês de janeiro; a de Arte Sacra Antiga, na Lourinhã, e uma outra dedicada ao mesmo tema, na cidade da Praia, em Cabo Verde, ambas em fevereiro, a de Arte Sacra Mariana, no Funchal, em maio, a representação portuguesa na Exposição Internacional de Tournai, Bélgica, em julho, e ainda uma pequena exposição sobre Arte Sacra, organizada pelo SNIP em Rio Maior, por ocasião do lançamento da primeira pedra da nova igreja⁵¹⁹. Quanto às artes plásticas, enumerou apenas quatro realizações, por falta de informação sobre outras que, reconheceram, muito provavelmente aconteceram. Já no campo da arquitetura assinalaram a inauguração das igrejas de Sta. Marinha, no Lousado, Vila Nova de Famalicão (Teixeira Lopes e Adalberto França, 1961), de N. Sra. das Ondas, em Marinha das Ondas, Figueira da Foz (José Vieira Gaspar, 1961), e do Divino Salvador, em Telões, Vila Chã de Aguiar, e das capelas de N. Sra. dos Verdes, em Mantigas, e do Colonato do Vale do Loge, em Angola. Em construção estavam as igrejas de St. António das Antas, Porto (Fernando Tudela, 1967), e a já apresentada em reunião de formação, N. Sra. da Piedade, em Vidais, Caldas da Rainha (A. Freitas Leal, 1963); em Moçambique, a igreja do bairro de Macuti, na Cidade da Beira (Bernardino Ramalhete, 1961), e em Maputo (antiga Lourenço Marques), as igrejas de St. António da Polana (Nuno Craveiro Lopes, 1962), e de Munhuana; e em Angola, a igreja da Sagrada Família, em Luanda (Sabino Correia e António de Sousa Mendes, 1964). Dentre estas destacaram

⁵¹⁸ PEREIRA, N. Teotónio, LEAL, A. Freitas, MENDONÇA, Maria José de, *Relatório da Direcção – Ano 1961* (31.mar.1962), p. 2.

⁵¹⁹ PIMENTEL, Diogo Lino, Uma exposição em Rio Maior, *Novas Igrejas*, Edição Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, n.ºs 2-3 (abr.-set.1961), p. 23.

a qualidade das igrejas de Vidais, de Macuti e de Munhuana. No campo das adaptações de igrejas antigas foram referidas as intervenções realizadas no Seminário Liceal de Penafirme, em Torres Vedras (A. Freitas Leal e João de Almeida, 1961), e na igreja de S. Caetano, em Velha Goa, e as obras iniciadas na igreja do Carmo, no Porto (Luiz Cunha).

A terminar o balanço de 1961 mencionaram alguns acontecimentos que acharam dignos de registo, nomeadamente as dez entrevistas publicadas pelo diário *Novidades* dedicadas ao tema «Rumos da Arte Sacra», que incluíram sete membros do MRAR – N. Teotónio Pereira (7.fev.1961), Diogo L. Pimentel (8.fev.1961), João de Almeida (10.fev.1961), José Escada (11.fev.1961), Nuno Portas (12.fev.1961), Vitorino Nemésio (14.fev.1961) e Maria José de Mendonça (19.fev.1961)⁵²⁰; as diligências feitas para a realização do concurso de anteprojetos para a nova Sé de Bragança; a nova divisão paroquial da Diocese do Funchal e conseqüente necessidade de construção de novas igrejas; a reabertura da igreja de S. Domingos, em Lisboa, apesar das «*soluções das obras de cobertura e adaptação realizadas no interior nem sempre tenham reflectido um critério seguro*»⁵²¹, e por último um lamento devido ao silêncio das Comissões de Arte Sacra existentes. Ainda relativo ao ano anterior, mas na secção das atividades do MRAR, nomearam-se os sócios auxiliares⁵²² e estudantes⁵²³ inscritos entre agosto e dezembro. Já a secção bibliográfica tratou do número duplo do Boletim do SNIP⁵²⁴, de que se destacou a qualidade do conteúdo, o estimulante carácter informativo e o valor e alcance da sua dimensão formativa.

Neste número do Boletim foi apresentado mais um organismo dedicado à renovação da arte sacra, o SIAC, tendo-se feito notar que esta entidade não estava especialmente voltada para os problemas da Arte Sacra como o MRAR ou o Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra de Bolonha, mas tinha um âmbito muito maior, que lhe trazia várias dificuldades, apesar de ser apenas um órgão de ligação, informação e apostolado entre os artistas, interessado principalmente pelo seu papel enquanto homens e cristãos. Junto

⁵²⁰ Foram também entrevistados o arquiteto João Castel-Branco (9.fev.1961), o pintor Domingos Rebelo, pai de João C. Rebelo (13.fev.1961), e o P. Manuel Falcão (18.fev.1961).

⁵²¹ [MRAR], Arte sacra portuguesa em 1961, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 8 (jan.1962), p. 1.

⁵²² P. José Dias Heitor Patrão, Ana Maria Amorim Carvalho Guerra, Maria da Conceição de Moura Borges, Isabel Maria Ferreira da Silva Fernandes, Maria Cristina Costa de Azevedo Campos, P. João Pores de Campos, Mámia Roque Gameiro Martins Barata, Fernando Távora, Manuel Negreiros e Lencastre, Claude-Blanc e Quirino Teixeira.

⁵²³ António Flores Ribeiro e Luís Filipe Nunes Borges Medeiros.

⁵²⁴ *Novas Igrejas*, Edição Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, n.ºs 2-3 (abr.-set.1961).

a esta descrição, noticiou-se o anteriormente anunciado encontro anual do SIAC realizado durante o mês de julho em Friburgo, na Suíça, e do qual se deu um breve resumo, que destacou a presença do arquiteto Hermann Baur como presidente da sessão plenária e do pintor Ferdinand Gehr, do qual se transcreveu uma intervenção a propósito da arte nãofigurativa ao serviço da liturgia. A fechar a notícia apresentaram-se as conclusões dos participantes relativamente a um dos temas tratados – «As relações entre o artista e o público» –, que afirmaram que *«para fazer obra correcta não se pode dispensar a opinião das pessoas para as quais a obra se destina, salvaguardando no entanto o valor da acção pedagógica sobre as mesmas; e ainda que geralmente não é o povo o mais reaccionário, mas sim as pessoas semicultas e que uma obra de arte, quando autêntica, acaba por impor-se»*⁵²⁵.

De 1962, mencionaram-se apenas dois eventos: a reunião do Conselho Diretivo do MRAR realizada no dia 23 de janeiro para discutir o plano de atividades proposto pela Direção, que abordou as sessões mensais de estudo, o boletim, uma possível reunião internacional de arquitetos, o Encontro de Outono, a ação no meio escolar, a nova secção de música sacra e as relações com o SIAC, não tendo estabelecido um programa definitivo dado o grande número de atividades abordado; e a quarta reunião de estudo, dedicada à ourivesaria sacra em Portugal.

No dia 30 de janeiro, reuniram-se cerca 35 pessoas na sede do MRAR para tratar pela primeira vez de um tema não arquitetónico, que foi introduzido pelo P. João de Almeida, responsável pela orientação da reunião. Depois deste ter sublinhado a importância da ourivesaria sacra atual, passou-se à exposição do tema pelo diretor do MNAA, o Dr. João Couto, que começou por fazer uma breve alusão ao antigo mester dos ourives e à sua importância na formação artística de arquitetos, pintores e escultores de diversas épocas, como Hans Holbein (c. 1497-1543) ou Johann Friedrich Ludovice (1673-1752). A relação estreita entre os estilos da arquitetura e da ourivesaria em todas as épocas foi, então, ilustrada através da projeção alternada de imagens de obras de uma e outra disciplina, desde a época românica à neoclássica. No final da reunião, que serviu para introduzir um programado segundo encontro dedicado à produção mais recente da ourivesaria sacra portuguesa, efetuaram-se vários esclarecimentos e uma viva troca de impressões entre os presentes.

⁵²⁵ [MRAR], Encontro do SIAC – Friburgo Suíça – julho de 1961, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 8 (jan.1962), p. 2.

Alguns dias depois, numa colaboração conjunta entre o MRAR e a secção da JUC da ESBAL, realizou-se um encontro destinado principalmente aos novos alunos da escola, mas em que participaram também alunos de outros anos e de outras faculdades. Organizado ao longo de três dias – 2 a 4 de fevereiro – na sede da JUC, teve como tema central a Arte Sacra e foi acompanhado por uma pequena exposição didáctica feita de nove painéis, cinco ocupando a entrada e dedicados à arquitetura sacra em geral, ao santuário e altar, e à apresentação de documentação fotográfica das igrejas de Moscavide e das Águas e da capela de Picote, e os restantes quatro situados na sala da reunião, referentes à pintura, escultura, ourivesaria e paramentaria, temáticas de que foram expostas algumas obras, como uma imagem do baldaquino de José Escada, três crucifixos de Lagoa Henriques, Maria Flávia Monsaraz e Susana Polac, duas cruces de madeira de Nuno Portas, três cálices do P. João de Almeida, três casulas de Madalena Cabral e uma alva de Soror Augustina Flüeler. No começo do encontro, na tarde do dia 2, o P. João de Almeida introduziu os presentes à problemática da Arte Sacra, desenvolvendo os temas apresentados pelos painéis para a partir do ponto de vista contemporâneo introduzi-los nas questões fundamentais que caracterizam o movimento de renovação em que se encontravam empenhados artistas, teólogos e liturgistas de diferentes nações. Na tarde do dia seguinte, Nuno Portas tratou da «*gênese da actual arquitectura sacra, referindo e criticando diversos exemplos, e estabelecendo sempre a ligação com a evolução recente da arquitectura em geral*»⁵²⁶, tendo acompanhado a sua apresentação com a projecção de imagens de obras de Rudolf Schwarz, Emil Steffann, Hermann Baur e Le Corbusier, entre outras. Na manhã do último dia realizou-se a terceira e última conferência do encontro, dedicada aos problemas gerais da música sacra, por Francisco Cardoso d'Orey, aluno do Conservatório Nacional de Música, que depois de analisar resumidamente o papel desempenhado pela música na liturgia católica e caracterizá-la como uma arte de serviço, apresentou a evolução histórica da música sacra desde o século VI ao XX, ilustrando-a com a audição de alguns trechos representativos de canto gregoriano, da missa solene de Beethoven, do Requiem de Mozart, da missa de Machaut, alguns motetes renascentistas, um trecho de Jazz e algumas partes da missa de Stravinsky.

A exposição que acompanhou o encontro para estudantes foi depois apresentada, ainda durante o mês de fevereiro, na Faculdade de Medicina, tendo neste local sido completada por dois eventos: primeiro uma sessão de projecção de imagens de obras de arquitetura sacra contemporânea comentada por Diogo

⁵²⁶ [MRAR], Encontro para estudantes, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 9 (fev.1962), p. 1.

L. Pimentel e em segundo lugar uma sessão de visionamento de filmes sobre pintura e escultura sacra, cedidos pelo Turismo francês. Isto mesmo divulgou o nono Boletim do MRAR, que descreveu também, nas atividades do MRAR, a reunião do Conselho Diretivo de 23 de janeiro e noticiou a formação de um grupo de música sacra, que apesar de desejado há muito, só agora tinha encontrado as pessoas com disponibilidade, entusiasmo e formação musical suficientes para formarem o primeiro grupo de trabalho, que começara já a promover a sua estruturação e a planificar futuros estudos de aprofundamento doutrinal e técnico, para além de algumas atividades. Os sócios diretamente empenhados nesta tarefa foram Elizabeth Évora Nunes, Francisco Cardoso d'Orey, Francisco Fernandes, P. Micael Ponces da Carvalho, P. João de Almeida, Diogo L. Pimentel, Maria Teresa Bartolomeu de Araújo e Judith Caldeira de Castel-Branco.

Noutro noticiário deu conta da 2.^a Campanha das Novas Igrejas do Patriarcado, realizada na semana de 4 a 11 de fevereiro, que mais do que um meio de angariação de fundos foi também um despertar da atenção dos fiéis para o problema da falta de lugares de culto, reforçado pela distribuição de uma estampa que representava a construção de uma catedral medieval juntamente com uma oração composta pelo Cardeal-Patriarca propositadamente para esta campanha. Doutra âmbito foi o pequeno relato da alocução do Papa João XXIII durante a IX Semana Italiana de Arte Sacra, que abordou diversos aspetos dos problemas postos pela arte ao serviço da Liturgia, mas também das perspetivas que nesta área se abriam com a realização próxima do II Concílio do Vaticano. Na secção bibliográfica do Boletim n.º 9 apresentou-se a revista alemã *Das Munster*, como uma publicação que desde 1956 dedicava cada edição a um tema preciso – desde estudos de restauro e reconstrução de igrejas católicas e protestantes a obras de arte contemporânea –, para além de possuir um apêndice dedicado a encontros, congressos, exposições, conservação de monumentos, bibliografia, revistas nacionais e estrangeiras, movimentos artísticos e concursos. A fechar o Boletim anunciou-se mais uma reunião de estudo, desta vez conduzida por S. Formosinho Sanchez e dedicada ao anteprojecto da igreja de N. Sra. do Rosário (Luiz Cunha, 1962-1965), do convento dos Dominicanos, em Fátima (FIG. 64).

No dia 27 de fevereiro, à hora marcada, 40 pessoas reuniram-se para escutar o autor do trabalho explicar as razões e virtudes da planta trapezoidal adotada, bem como as soluções adotadas para favorecer o altar que se implantou no centro do edifício. Seguiu-se um animado debate que contou com as intervenções dos padres Avelino Rodrigues, João Pimenta, F. Ferreira Marques e H. de Noronha Galvão, e dos arquitetos A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel,

N. Teotónio Pereira, Erich Corsépius e Torre do Vale, que discutiram vários assuntos, dentre os quais se destacaram a colocação dos ambões, a localização da porta de acesso dos frades ao coro, a posição da capela do Santíssimo em relação à entrada dos fiéis e a colaboração de artistas plásticos. Se o primeiro não alcançou nenhuma conclusão positiva, os outros três receberam comentários adicionais por parte do autor, que salvaguardou a localização da porta por a sua cor escura se ir integrar na decoração final da parede de fundo, afirmou que a relação da capela do Santíssimo com a nave principal seria revista quando ficasse definido o seccionamento dos elementos estruturais e revelou que era sua intenção elaborar os estudos necessários das obras de arte que idealizava para aquele espaço, pondo mesmo a hipótese de ser ele próprio a executá-las⁵²⁷. Perante a obra apresentada, que refletia o trabalho realizado por Luiz Cunha desde que lhe fora encomendado há pouco mais de um mês, o décimo Boletim, que fez o relato da reunião – ilustrado pela planta e um alçado do anteprojeto –, só pôde destacar «a qualidade excepcional do projecto e a justeza da argumentação apresentada pelo seu autor, o que revela um profundo estudo do problema no tempo tão curto em que o Arq. Luiz Cunha elaborou este trabalho»⁵²⁸.

Esta não foi a única referência feita pelo Boletim aos frades dominicanos de Fátima, pois na sequência de um convite por eles feito, o MRAR apresentou em Fátima a exposição que estivera na sede da JUC e na Faculdade de Medicina de Lisboa, mais concretamente numa das salas do «Hospital Novo» do Santuário, onde permaneceu aberta ao público entre os dias 4 e 10 de março. A exposição, cuja montagem e organização se deveu a Diogo L. Pimentel, foi inaugurada com uma reunião em que estiveram presentes membros de quase todas as comunidades religiosas de Fátima, para além do reitor do Santuário e de alguns membros do MRAR, como Vitorino Nemésio, o P. João de Almeida e N. Teotónio Pereira. Este, na qualidade de presidente do Movimento, introduziu a reunião apresentando o grupo, os seus objetivos e atividades. Após estas breves palavras, o P. João de Almeida fez uma mais demorada palestra em que desenvolveu os temas propostos pela exposição, ilustrando-os com imagens de exemplos de alguns países europeus.

⁵²⁷ O arquiteto Luiz Cunha acabou por contar com a colaboração do escultor José Grade e da pintora Maria Luísa Marinho Leite, que realizaram as esculturas de S. Domingos e de N. Sra. do Rosário, respetivamente, e do pintor suíço Ferdinand Gehr, que fez, no teto da capela do Santíssimo, a sua única obra em Portugal.

⁵²⁸ [MRAR], Reunião de estudo – resumo do debate, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 10 (mar.1962), p. 1.

No restante noticiário, o Boletim deu conta da inauguração do órgão da igreja de S. Roque, em Lisboa, com um concerto do Dr. Muller-Lancé no dia 2 de março e da realização de duas conferências dedicadas a temas litúrgicos no dia 17 de março pelos padres José Ferreira e João de Almeida, no âmbito do concurso de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Na secção de apresentação de organismos dedicados à renovação da arte sacra, o presente número debruçou-se sobre o espanhol Movimiento de Arte Sacro, fundado em 1955 pelo P. José Manuel de Aguilar op no seguimento do seu envolvimento com estudantes de arquitetura do Colégio Mayor Cisneros, em Madrid, e que tinha uma «*acentuada feição prática, dirigida directamente para a produção de obras*»⁵²⁹, pelo que esteve na origem da galeria de arte religiosa «Templo y Altar» e de um pequeno ateliê de arte sacra, onde artistas e alunos de Belas-Artes orientados pelo Movimento realizavam trabalhos de artesanato aplicados à arte sacra. A fechar o Boletim anunciou-se nova reunião de estudo para o dia 27 de março, dedicada à apresentação dos primeiros estudos para a igreja de S. Jorge de Arroios, em Lisboa (FIG. 65).

No dia seguinte ao anunciado, 50 pessoas, entre as quais o pároco, o seu coadjutor e alguns membros da comissão fabriqueira, reuniram-se na sede do MRAR para ouvirem e debaterem com os autores do projeto, Manuel Alzina de Menezes e Erich Corsépius, que começaram por explicar que se devia à impossibilidade da velha igreja corresponder a uma pastoral eficaz, que se iria edificar um novo conjunto no local da existente, por inexistência de outro terreno disponível na freguesia. Depois de algumas explicações quanto ao programa adotado – que se baseava no do concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus –, mas também sobre a proposta de inserção urbanística, a integração arquitetónica e a organização interna da igreja, desenvolveu-se o debate orientado pelo P. João de Almeida em que participaram os padres H. de Noronha Galvão, F. Ferreira Marques, João Pimenta, Luiz Aparício, José de Freitas – prior – e Humberto Salvador – coadjutor –, os arquitetos Diogo L. Pimentel, A. Freitas Leal, N. Teotónio Pereira, Sá Dantas e João C. Rebelo, o Eng. Cavaco – da comissão fabriqueira – e Elisabeth Évora Nunes. Apesar da solução se encontrar ainda numa fase bastante primária⁵³⁰, debateram-se temas como os acessos e a importância do adro como local de acolhimento e encontro da comunidade,

⁵²⁹ [MRAR], Movimiento de Arte Sacro (m.a.s.), MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.^o 10 (mar.1962), p. 2.

⁵³⁰ O projeto ainda iria conhecer duas outras versões, sendo a construída substancialmente diferente da apresentada na reunião.

as funções da capela secundária e sua relação com o espaço da assembleia, a localização do coro e a necessidade de se restaurar o lugar de mestre-capela, a essência da proclamação da palavra e a diferença entre o púlpito e o ambão, o sentido da representação iconográfica e a colaboração dos artistas plásticos.

Menos de duas semanas depois, no dia 12 de abril, os sócios do MRAR⁵³¹ voltaram a reunir-se na sua sede, mas para realizar a sua 6.^a Assembleia Geral, que aprovou o relatório e as contas da Direção referentes ao ano anterior e discutiu algumas questões relacionadas com as atividades a realizar durante o ano de 1962. Questionou-se, então, a participação do Movimento na 3.^a Bienal de Arte Cristã Contemporânea de Salzburgo, dedicada ao tema «Os sete sacramentos» e que decorreria entre 27 de julho e 15 de setembro daquele ano, tendo-se decidido, perante uma divergência de opiniões entre Diogo L. Pimentel – contra – e António Lino – a favor –, que a Direção estudaria as condições de participação e decidiria sobre o assunto⁵³². Falou-se seguidamente da expansão do MRAR a outros meios escolares, com o P. Albino Cleto a insistir na necessidade de uma educação artística nos seminários e Vitorino Nemésio a explicar em que moldes as atividades do Movimento se podiam promover na Faculdade de Letras de Lisboa, onde havia um grande interesse por parte de professores e alunos nos temas de arte sacra. De seguida, Francisco d'Orey apresentou as atividades do grupo de música sacra e depois da sua exposição, abordou-se a possibilidade do Movimento intervir numa paróquia, tendo A. Freitas Leal lembrado que nunca houve a intenção de se intervir nesse campo como grupo, mas sim como indivíduos com obra pessoal, tendo N. Teotónio Pereira admitido que era possível que viessem a acontecer casos em que pudesse acontecer uma ação de grupo. Por último, debateu-se a possibilidade de se organizarem algumas exposições itinerantes, consideradas por todos como um meio extremamente eficaz para a formação do público, tendo-se votado unanimemente a apresentação de um programa completo à Fundação Calouste Gulbenkian. Quer a 6.^a Assembleia Geral, quer a 3.^a Bienal de Arte Cristã Contemporânea de Salzburgo, quer a reunião de estudo sobre a nova igreja de S. Jorge de Arroios foram os temas abordados pelo Boletim n.º 11 do MRAR, publicado durante o mês de abril, que anunciou a atividade seguinte, que se

⁵³¹ Estiveram presentes os sócios efetivos Maria José de Mendonça, Maria do Carmo Matos, P. Albino Cleto, Vitorino Nemésio, S. Formosinho Sanchez, N. Teotónio Pereira, Erich Corsépius, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, João C. Rebelo e António Lino, e os sócios estudantes Elisabeth Évora Nunes e Francisco d'Orey, a título excepcional.

⁵³² O MRAR acabou por não participar na Bienal, conforme noticiou o Boletim n.º 13 (jul.-ago.1962).

realizaria logo no início de maio: a reunião de estudo sobre Ourivesaria Sacra Moderna, a cargo do P. João de Almeida.

No dia 3 de maio, quarenta pessoas, entre as quais alguns mestres ourives do Porto e de Lisboa, reuniram-se para assistir à apresentação de alguns dos trabalhos mais recentes da ourivesaria sacra portuguesa (FIGS. 66 e 67). Na introdução ao tema, o P. João de Almeida começou por pôr em relevo a necessidade dos artistas se envolverem nos processos oficiais, para depois falar dos aspetos formais da renovação da ourivesaria sacra, que passava pela procura de uma expressão elementar, a primazia da forma sobre a decoração e o rigor funcional, detendo-se mais longamente na análise do que considerou o mais importante dos vasos litúrgicos, o cálice. Antes de apresentar algumas imagens de peças da sua autoria, mas também do P. João Pimenta, de Gabriel de Magalhães, de Emília Nadal e de Carlos C. Silva, *«falou das suas tentativas, desde 1953 e de como o mero fornecimento de desenhos à oficina originava equívocos e surpresas resultando quase sempre a peça executada diferente da que fora projectada. Este caminho foi rapidamente abandonado, graças ao bom espírito de colaboração dos responsáveis das oficinas que permitiram a intervenção do autor na execução da peça. Relatou em seguida a experiência do Porto, iniciada quando da sua estadia naquela cidade como aluno da Escola de Belas-Artes, em que se formou uma equipa de trabalho com a participação de alguns estudantes e de um dos mais competentes ourives da cidade [Manuel Alcino], em cuja oficina foi possível de um modo sistemático intervir em todas as fases do desenvolvimento das peças, corrigindo-as e alterando-as sempre que necessário durante a própria execução»*⁵³³. O debate, que começou com as intervenções de Maria José de Mendonça e Diogo L. Pimentel ainda durante a projeção das imagens, contou com a participação do P. João Pimenta, Madalena Cabral, Manuel Alcino, Erich Corsépius, N. Teotónio Pereira, A. Freitas Leal e Pinto de Lima.

O número seguinte do Boletim do MRAR, cumprindo o seu propósito inicial, deu total destaque a esta reunião, que acompanhou com uma fotografia de um turbulo e uma naveta da autoria do P. João Pimenta, mas não se limitou a este relato, apresentando também o da Assembleia Geral de 12 de abril. No noticiário deu conta do fim do prazo de entrega dos anteprojetos para a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus e da receção de 14 trabalhos, acrescentando que o vencedor deveria ser anunciado pelo júri até 15 de julho. Também nesta secção, informou que o congresso anual do SIAC se realizaria entre 28 de junho e 2 de agosto, em Woudschouten, na Holanda, tendo como tema os problemas

⁵³³ [MRAR], Reunião de estudo, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 12 (mai.-jun.1962), p. 1.

morais da criação artística e a deontologia do arquiteto. Na secção bibliográfica, abordou-se o n.º 25 da revista *Revue Internationale d'Amiant-Ciment*⁵³⁴, dedicado a igrejas cuja construção recorreu ao fibrocimento, dentro as quais se destacou a igreja reformada de Effretikon, Suíça (Ernst Gisel, 1961), o projeto para a igreja de Kornfeld, em Riehen, Suíça (Werner Max Moser, 1964) e a igreja provisória de Saint-Jacques, em Grenoble (Michel Potié, Georges Vincent e Robert Pupat, 1958). Como sempre que possível, o Boletim terminou com o anúncio da reunião seguinte, que se realizaria no dia 19 de junho com a participação do arquiteto Hermann Baur, que estaria em Lisboa para se juntar, na qualidade de consultor, ao júri do concurso de anteprojetos da igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Devido ao grande número de interessados – mais de 50 pessoas, entre as quais os membros do júri e da comissão fabriqueira –, a reunião realizou-se excepcionalmente na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa. Na introdução, N. Teotónio Pereira recordou a anterior vinda de Hermann Baur a Lisboa para participar no Curso de Arquitetura Sacra promovido pelo MRAR no início de 1958 e explicou que a pedido dos organizadores da reunião o arquiteto iria apresentar unicamente projetos da sua autoria. Foram então expostas diversas obras do arquiteto suíço, começando pela já conhecida igreja de Allerheiligen (Todos os Santos) (1951), que pertencia a uma fase inicial da arquitetura religiosa suíça, que nos dez anos seguintes assistiu a uma evolução «*marcada por uma crescente liberdade na definição dos espaços, que leva a abandonar os partidos rigidamente simétricos, num esforço permanente de aderência à Liturgia*»⁵³⁵. Outro aspeto que evidenciou foi a valorização dos espaços de entrada e acolhimento, muito atentos às características dos locais, «*ora abrindo-se para a paisagem como em certas igrejas rurais – de que a de Merzig*⁵³⁶, no Sarre, é exemplo – ora encerrando-se em espaços enclausurados, procurando uma defesa contra o bulício das cidades, como na igreja de Birsfelden⁵³⁷, perto de Basileia»⁵³⁸. De seguida, abordou a colaboração com artistas plásticos e os problemas que se colocam com a integração das artes plásticas nas obras de arquitetura sacra, dando o exemplo da capela de Sainte-Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face, em Hem,

⁵³⁴ *Revue Internationale d'Amiant-Ciment*, Editions Girsberger, Zurique, n.º 25 (jan.1962).

⁵³⁵ [MRAR], Reunião de estudo, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 13 (jul.-ago.1962), p. 1.

⁵³⁶ St. Josefs-Kirche, Merzig, Alemanha (1957-59). Hermann Baur realizou uma primeira versão, em 1953, que ainda se enquadrava na referida fase inicial.

⁵³⁷ Bruderklausenkirche, Birsfelden, Basileia, Suíça (1955-59).

⁵³⁸ [MRAR], Reunião de estudo, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 13 (jul.-ago.1962), p. 1.

França (1954-58)⁵³⁹, que contou com a participação de Eugène Dodeigne⁵⁴⁰, Alfred Manessier e Georges Rouault. A terminar o encontro desenrolou-se um breve debate, orientado pelo P. João de Almeida, que se debruçou fundamentalmente sobre a presença da igreja na cidade atual.

Disto deu notícia o Boletim n.º 13, que ilustrou a reunião com a planta da igreja de Bruderklausen e uma fotografia do seu adro e torre sineira. Com toda a oportunidade, na secção de introdução de organismos dedicados à renovação da arte sacra, apresentou a Sociedade de São Lucas⁵⁴¹, formada em 1926 na Suíça e da qual faziam parte arquitetos – como Hermann Baur e Fritz Metzger –, escultores – como Albert Schilling⁵⁴² –, pintores – como Ferdinand Gehr e Hans Stocker⁵⁴³ –, ourives – como Meinrad Burch-Korrodi⁵⁴⁴ –, paramentistas – como Soror Augustina Flüeler⁵⁴⁵ –, e artistas gráficos, num total aproximado de 80 membros, para além de cerca de mil sócios auxiliares. Neste breve apontamento, o MRAR destacou, ainda, as discussões públicas promovidas pela Sociedade e dedicadas a obras de arte sacra contemporânea que estivessem envolvidas nalguma polémica ou contestação, as reuniões anuais de dois dias e a publicação anual de uma monografia sobre arte ou arquitetura religiosa.

No noticiário, o Boletim divulgou os resultados do concurso de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, revelando que fora vencedora a equipa formada pelos arquitetos N. Teotónio Pereira, Nuno Portas, Vítor Figueiredo e Vasco Lobo, com a colaboração dos arquitetos tirocinantes Luís de

⁵³⁹ Ver FRÉMAUX, Céline, *La chapelle d'Hem – un chantier exemplaire de la synthèse des arts?*, *Architecture religieuse au XXe siècle en France: quel patrimoine?*, Presses universitaires de Rennes – Institut national d'histoire de l'art, Rennes (2007), pp. 95-103.

⁵⁴⁰ Eugène Dodeigne (1923-). Escultor abstrato francês, cujas influências se estendem a Alberto Giacometti (1901-1966) e Germaine Richier (1902-1959).

⁵⁴¹ Ver capítulo 1.22.

⁵⁴² Albert Schilling (1904-1987). Escultor suíço, que teve um importante papel na renovação da arte sacra. As suas obras tendencialmente abstratas foram reconhecidas internacionalmente, tendo-lhe sido atribuídos diversos prémios, incluindo o Prémio de Escultura do Instituto Litúrgico Pontifício de Santo Anselmo, de Roma, em 1962.

⁵⁴³ Hans Stocker (1896-1983). Pintor suíço, foi um dos fundadores do grupo Rot-Blau II, em 1928. Entre 1954 e 1960 foi presidente da Comissão Suíça de Belas-Artes. Depois de trabalhar com Otto Staiger nos vitrais da igreja de St. Antonius, em Basileia (Karl Moser, 1927), realizou numerosos trabalhos em igrejas na Suíça, mas também na Alemanha, França e Japão.

⁵⁴⁴ Meinrad Burch-Korrodi (1897-1978). Ourives de Zurique, pioneiro na renovação formal dos objetos de culto e dos vasos litúrgicos, sendo autor de uma vasta obra nesta área, apresentada em numerosas exposições internacionais. Cf. *Orfèverrie d'Église – Travaux d'Orfèverrie de Meinrad Burch-Korrodi*, Éditions Alsatia, Paris (1956), p. 9.

⁵⁴⁵ Soror Augustina Flüeler (1899-1992). Monja do mosteiro de St. Klara, em Stans, na Suíça, que foi a figura de referência na renovação da paramentaria no século xx.

Almeida Moreira e Pedro Vieira de Almeida, do engenheiro Rui Júdice Gamito e do P. Avelino Rodrigues, como consultor litúrgico (FIG. 68). Isto mesmo decidiu o júri constituído pela senhora D. Júlia Guedes e os arquitetos Octávio Lixa Filgueiras e S. Formosinho Sanchez, como representantes da paróquia, o P. João de Almeida como representante do SNIP e o arquiteto Francisco Conceição Silva, pelo SNA e em substituição do arquiteto Bartolomeu Costa Cabral, secundados pelos dois consultores, o arquiteto Hermann Baur e o P. Manuel Falcão. Na ata, o júri começou por revelar alguma desilusão pelo facto de terem sido apresentados a concurso apenas 14 trabalhos, consequência «das dificuldades de que o problema se revestia, nomeadamente no que se refere às relações programa-terreno»⁵⁴⁶, o que tirou ao concurso «o carácter de ampla representação que se esperava lhe fosse dado»⁵⁴⁷, e quanto ao anteprojecto vencedor, apesar de o considerar potencialmente válido, não deixou de aconselhar «que a elaboração do projecto definitivo assente numa revisão do anteprojecto tendente a uma mais correcta integração urbana, ainda que para tanto se imponha uma simplificação do programa. [pois] só essa revisão permitirá alcançar, na realização da obra, um resultado a todos os títulos consentâneo com os valores em causa»⁵⁴⁸. Da análise e apreciação de cada um dos trabalhos – realizada tendo em consideração a articulação e organização interna dos elementos que compunham a igreja e o centro paroquial, e a relação destes dois edifícios entre si, com a rua e os volumes vizinhos – resultou a premiação de cinco propostas.

O resumo da crítica feita aos anteprojetos premiados começou pelo trabalho vencedor, o n.º 11, de cuja Memória Descritiva fez uma transcrição parcial, onde se incluía a afirmação de que «a procura [da equipa] orientou-se desde o início para uma solução aberta transversalmente e que articulasse, através de sucessivos espaços exteriores em socalcos, a entrada superior pela Rua Camilo Castelo Branco com a ligação à Rua de Santa Marta»⁵⁴⁹ (FIG.69). O júri reconheceu o interesse desta intenção no modo como atenuava os inconvenientes provocados pela exiguidade do terreno e o seu acentuado desnível, e mesmo manifestando algumas reservas quanto à luminosidade e reduzida dimensão dos pátios em socalcos, valorizou a «solução de agrupamento intensivo dos serviços na base

⁵⁴⁶ [Catálogo] Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso, [s.n.], Lisboa (1962), p. 11.

⁵⁴⁷ *Ibidem*.

⁵⁴⁸ *Ibidem*.

⁵⁴⁹ [Catálogo] Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso, [s.n.], Lisboa (1962), p. 15.

das circulações em coluna vertical»⁵⁵⁰ defendida na Memória Descritiva e que se aplicara também na igreja, através de uma sobreposição dos espaços internos – câmaras mortuárias, cripta dos altares secundários, santuário, nave e balcões. Esta articulação espacial levou o júri a afirmar que «esta mesma diversificação em vários níveis interligados, [juntamente com] a disposição geral da planta, essencialmente definida pela relação dinâmica nave-santuário-baptistério, a articulação dos espaços secundários (capela lateral e capela dos sacramentos) com o principal, o movimento dos elementos estruturais que se conjuga com a distribuição da luz para reforçar toda esta orgânica, deixam entrever no seu conjunto, uma riqueza espacial que constitui um dos aspectos mais valiosos deste trabalho»⁵⁵¹. Outro aspeto que o júri considerou como sendo dos que mais valorizaram a proposta foi o estudo minucioso e completo das circulações e percursos de cortejos e procissões, reforçando a perceção de que «este anteprojecto revela conhecimento profundo do tema e apresenta um conjunto de qualidades arquitectónicas que constituem garantia segura de realização de uma obra de valor»⁵⁵². Estava unanimemente encontrado o vencedor.

Em segundo lugar ficou o concorrente n.º 1, composto pela equipa de arquitetos João Seródio, Rolando Torgo e Rui Paixão, e engenheiro Alcino Paixão, cujo trabalho apresentou «como característica mais apreciável uma articulação geral dos espaços bem solucionada, nomeadamente no sector do centro paroquial»⁵⁵³. No entanto e para além das deficientes condições de entrada e saída dos fiéis, a igreja revelava diversos defeitos a nível da sua organização interna, no que respeitava à organização da assembleia e sua relação com o santuário, ao tratamento do espaço do altar lateral, à localização do baptistério e à comunicação do balcão com a nave, o que levou o júri a afirmar que «este anteprojecto opõe à maleabilidade, dinamismo e riqueza espacial do conjunto dos serviços paroquiais e residências, uma excessiva rigidez na concepção arquitectónica da igreja»⁵⁵⁴.

O terceiro prémio foi atribuído ao trabalho n.º 5, do arquiteto António Aurélio, engenheiro António Feio e escultor José Aurélio, e que se caracterizava por ter dado à igreja uma disposição em diagonal relativamente à rua, permitindo a definição de uma atrativa zona exterior de acolhimento, considerada

⁵⁵⁰ *Ibidem*.

⁵⁵¹ [Catálogo] *Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso* [s.n.], Lisboa (1962), p. 17.

⁵⁵² [Catálogo] *Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso* [s.n.], Lisboa (1962), p. 18.

⁵⁵³ *Ibidem*.

⁵⁵⁴ *Ibidem*.

pelo júri como particularmente bem resolvida. Pelo contrário, considerou-se que o conjunto tinha sérias deficiências básicas de integração urbana e também a forma da cobertura da igreja foi classificada como inadaptada ao local, para além de excessivamente elevada no seu lado nascente. A terminar a análise, o júri afirmou que *«interiormente, o movimento da cobertura, conjugado com certos efeitos de luz confere ao espaço um carácter em certa medida expressionista, que se considera pouco adequado ao tema»*⁵⁵⁵.

O trabalho n.º 12, do arquiteto Erich Corsépius, ficou classificadado em quarto lugar. A solução adotada de implantação do corpo alto dos serviços paroquiais adossado à empena sul e do corpo baixo e recortado da igreja a norte, em torno de um largo pátio interior e intimista, fechado à rua, foi definida pelo júri como *«um processo válido de afirmação do sagrado por contraste»*⁵⁵⁶. Porém, *«o preço do partido de composição adoptado parece ter sido uma difícil articulação de certas zonas, nomeadamente o acesso ao pátio e todas as que se localizam ao nível da Rua de Santa Marta, que resultam deficientemente resolvidas e com más condições de utilização»*⁵⁵⁷. Quanto à expressão arquitetónica sugerida pelos desenhos, foi classificada como insatisfatória, *«quer no que toca à qualidade do pormenor, quer em virtude da falta de unidade no tratamento dos diversos corpos, quer ainda na solução das estruturas e na sua adequação à orgânica do espaço»*⁵⁵⁸.

Com o quinto e último prémio ficou o trabalho n.º 10, da equipa formada pelos arquitetos A. Freitas Leal, Maria do Carmo Matos e Diogo L. Pimentel, o engenheiro Nuno Martins, o pintor Júlio Resende e o escultor António Lagoa Henriques. A sua mais-valia consistiu na solução cuidada de pormenor e nas qualidades assinaláveis da correta organização interna e de funcionamento da igreja, de que mereceram referência especial do júri as soluções do santuário e do nártex, a implantação do batistério e a solução proposta para o campanário. Já a solução no seu conjunto foi avaliada como menos feliz devido à rigidez imposta à composição quer pela planta cruciforme da igreja quer pelo bloco do centro paroquial. *«A excessiva ocupação do terreno, o afrontamento do bloco da Rua de Santa Marta, a articulação pouco correcta do corpo da igreja com o dos serviços paroquiais, a excessiva importância assumida por este último na repartição dos*

⁵⁵⁵ [Catálogo] *Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso* [s.n.], Lisboa (1962), p. 19.

⁵⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁵⁷ [Catálogo] *Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso* [s.n.], Lisboa (1962), pp. 19-20.

⁵⁵⁸ [Catálogo] *Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso* [s.n.], Lisboa (1962), p. 20.

volumes que marginam a rua, são, entre outros, inconvenientes que manifestamente resultam da rígida concepção da igreja.»⁵⁵⁹ No entanto, o defeito que mais se fez sentir ao júri foi a falta de uma zona central de acolhimento bem situada em relação aos diversos serviços e aos acessos e circulações.

O júri decidiu ainda compensar os restantes sete trabalhos⁵⁶⁰, «por se considerarem simples contribuições para as despesas realizadas e não uma equiparação em valor»⁵⁶¹, pois um deles – n.º 7 – revelava uma absoluta ausência de qualidade, enquanto outros dois – n.º 9 e n.º 13 – foram considerados totalmente inadequados ao tema. Certamente mobilizados por estas palavras, os arquitetos David Caravana e José Luís Porto, autores do trabalho n.º 13, protagonizaram uma breve polémica ao publicarem uma carta no jornal *Diário Popular* a contestar o resultado do concurso e em particular a atribuição do primeiro lugar ao concorrente n.º 11, que no seu entender não correspondia ao pedido pelo primeiro capítulo do programa: um edifício que se devia impor «ao sentir comum dos homens, não como um edifício «que também pode ser uma igreja», mas como um edifício «que não pode deixar de o ser»»⁵⁶². Perguntaram, então, aos paroquianos do Sagrado Coração de Jesus se sentiam «que o que se pretende fazer é uma igreja?! Em nosso entender estão a ser enganados. Isto faz-nos lembrar a história de «O rei vai nu». É precisa muita dialéctica para convencer os paroquianos de que «aquilo» será uma igreja. E nós já os ouvimos falar muito convencidos. Pena temos que as palavras saíssem de um ministro da Igreja... colaborador!»⁵⁶³. O ministro colaborador era o P. Avelino Rodrigues, que usando o mesmo meio respondeu à «crítica muito azeda [...] [dos] signatários da carta [que] haviam apresentado

⁵⁵⁹ *Ibidem*.

⁵⁶⁰ Receberam uma compensação pela participação os trabalhos n.º 3, dos arquitetos Manuel Alzina de Menezes, Maria Teresa Capucho e Clementino Rodrigues; n.º 4, do arquiteto José Costa Silva e do engenheiro Inácio Francisco da Silva; n.º 6, dos arquitetos José Luís Zúquete e José Bruschy e do engenheiro João de Barahona Núncio; n.º 7, do arquiteto Manuel Travassos Valdez; n.º 8, dos arquitetos José Guilherme Ferreira da Silva e Augusto Lopes Galvão, do engenheiro Joaquim Lucas e do escultor Joaquim Correia; n.º 9, do arquiteto Luís Fernandes Pinto; n.º 13, dos arquitetos David Alberto Caravana e José Luís Porto, do engenheiro Manuel de Andrade, do agente técnico António Ferreira e do pintor António Coelho Figueiredo. Os trabalhos n.º 2, do arquiteto João C. Rebelo, e n.º 14, do arquiteto João Castel-Branco, foram excluídos por terem sido detetadas faltas ao Regulamento do concurso.

⁵⁶¹ [Catálogo] *Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso* [s.n.], Lisboa (1962), pp. 11-12.

⁵⁶² *Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus e de seus anexos*, [S.l.: s.n.] (1961), p. 3.

⁵⁶³ CARAVANA, David, PORTO, José Luís, A propósito do concurso de anteprojectos da igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Diário Popular* (22.out.1962), p. 6.

a concurso uma igreja de estilo «barroco-abizantinado»⁵⁶⁴ através de um extenso artigo dedicado ao direito do século XX em se exprimir em linguagem do século XX, onde lembrou que «*não passa pela cabeça de ninguém escrever uma carta em português arcaico de Fernão Lopes ou andar com uma cabeleira “à Luís XIV”...*»⁵⁶⁵. Defendendo então a inquestionável seriedade e competência do júri – que reconheceu a funcionalidade pastoral e a sensibilidade artística do projeto vencedor –, recordou que «*nunca uma igreja em Portugal (pelo menos na actualidade), teve um concurso tão largo e um júri tão imparcial e competente*»⁵⁶⁶. Quanto à aceitação da arte moderna pelas autoridades eclesiásticas, mencionou as palavras de Pio XII na encíclica *Mediator Dei* e do Cardeal-Patriarca na *Pastoral de Arte Sacra*, e afirmou que «*há muita gente que pensa que uma igreja se pode fazer de fora para dentro. Faz-se uma fachada, duas torres, uma porta em arco e aí está uma igreja para se ver de fora [...] [o que] para estes pseudo-tradicionistas está tudo certo*»⁵⁶⁷. Mas para o P. Avelino Rodrigues a igreja tinha simultaneamente de ser e parecer uma igreja, «*mas ser liturgicamente e não arqueológica ou sentimentalmente; e parece-lo por meios tipicamente arquitecturais e não por meios cenográficos*»⁵⁶⁸. Perante esta crítica, os arquitetos David Caravana e José Luís Porto voltaram à escrita, para dizer que a crítica do «*opositor ao nosso trabalho não nos atingiu, primeiro por ser feita por uma pessoa não profissional, segundo por demonstrar que nem sequer leu o programa*»⁵⁶⁹. Afirmaram que não pretenderam discutir a competência e a imparcialidade do júri, mas, para eles, «*o concurso não era tão livre como seria de desejar*»⁵⁷⁰, pelo que «*o resultado está à vista e a obra escolhida vai ficar a lembrá-lo por muitos anos. Nós teríamos vergonha de tal obra, se num mau momento ela tivesse sido por nós concebida*»⁵⁷¹. E com estas linhas deram o caso por encerrado.

Noutro periódico, *Jornal de Letras e Artes*, as frases e as palavras foram outras: o concurso de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus «*virá a ficar, quase certamente, como o marco que assinala a definitiva vitória, ao*

⁵⁶⁴ RODRIGUES, Avelino, A nova igreja do Coração de Jesus pretende ser o último fruto dos movimentos de renovação litúrgica e artística, *Diário Popular* (1.nov.1962), p. 11.

⁵⁶⁵ *Ibidem*.

⁵⁶⁶ *Ibidem*.

⁵⁶⁷ *Ibidem*.

⁵⁶⁸ RODRIGUES, Avelino, A nova igreja do Coração de Jesus pretende ser o último fruto dos movimentos de renovação litúrgica e artística, *Diário Popular* (1.nov.1962), p. 14.

⁵⁶⁹ CARAVANA, David, PORTO, José Luís, O concurso de anteprojectos da igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Diário Popular* (11.nov.1962), p. 17.

⁵⁷⁰ *Ibidem*.

⁵⁷¹ *Ibidem*.

menos no Patriarcado de Lisboa, do movimento de renovação da nossa arquitectura sacra»⁵⁷², opinião partilhada pelo arquiteto Octávio Lixa Filgueiras, para quem o trabalho vencedor era de uma qualidade excepcional – as mesmas palavras usadas pelo arquiteto Francisco Conceição Silva – e o concurso «marcará um ponto de viragem da nossa arquitectura sacra, sendo como que o tira-teimas entre os partidários de uma expressão tradicionalista e os defensores de uma expressão moderna»⁵⁷³.

Para outubro, o Boletim n.º 13 do MRAR anunciou uma exposição de todos os trabalhos apresentados, mas também o II Encontro de Outono do Movimento, em data e local a designar. Na secção das atividades do MRAR registou as inscrições efetuadas entre janeiro e julho dos novos sócios auxiliares⁵⁷⁴ e estudantes⁵⁷⁵. A fechar, o Boletim lembrou a última reunião de estudo antes das férias de agosto, dedicada à paramentaria antiga em Portugal e que se realizou no dia 24 de julho. Maria José de Mendonça desenvolveu o tema, que tinha como finalidade introduzir um encontro futuro que abordaria a paramentaria moderna e começou por fazer uma breve introdução sobre a origem das principais vestes litúrgicas, para depois apresentar imagens ilustrativas da indumentária usada em Portugal entre os séculos XII e XVIII.

Durante o tempo de férias o MRAR interrompeu as suas atividades oficiais, mas os seus membros continuaram ativos, nomeadamente N. Teotónio Pereira e João C. Rebelo, que em viagem aos Açores reconheceram: «Para nós é quase um imperativo divulgar as ideias que deram origem ao Movimento. E porque nele estamos profundamente empenhados, não queríamos que nos escapasse a oportunidade de, passando pelos Açores, aproveitar o ensejo, quando aqui há [...] uma rara predisposição para a sementeira das ideias do Movimento. Trata-se [...] de uma

⁵⁷² A renovação da arte sacra em Portugal – O concurso de anteprojectos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus marca um ponto de viragem na nossa arquitectura religiosa, *Jornal de Letras e Artes* (1.ago.1962), p. 8.

⁵⁷³ Declarações do Júri – Declarações do arquitecto Octávio Filgueiras, *Jornal de Letras e Artes* (1.ago.1962), p. 9.

⁵⁷⁴ Nicolle Ballu Loureiro, Joaquim Manuel Padilha, Ernesto da Silva Baptista, escultor Hélder Baptista, P. Luís Martins Aparício e arquitetos João José Malato, Vasco Santos e José Reis Álvaro.

⁵⁷⁵ Da ESBAL, José Figueiredo Rodrigues, Manuel Costa Cabral, José Costa Falcão, Teresa Quintino Leal e Fernando de Sá Martins; da ESBAF, Alfredo Queiroz Ribeiro e Pedro Ferreira Pinto; do Conservatório Nacional, Madalena Vanzeller, Judith Caldeira de Castel-Branco, Teresa da Cunha Bartolomeu d'Araújo e Francisco Fernandes; da Faculdade de Direito de Lisboa, Camilo Martins de Oliveira; da Academia Militar, José Fernandes Marques; da Faculdade de Ciências de Lisboa, P. Miguel Ponces de Carvalho; da Faculdade de Letras de Lisboa, Manuel Tavares da Silva.

*razão apostólica que nos leva a acompanhar e propagar por toda a parte a renovação litúrgica e pastoral que se está processando na Igreja.»*⁵⁷⁶

Foi assim que a 30 de agosto proferiram a primeira de três conferências sobre «Arquitectura e Arte Religiosa Moderna», começando por Angra do Heroísmo, no Salão da Junta Geral⁵⁷⁷. A conferência foi dividida em duas partes, a primeira constituída pela história do movimento de arquitetura religiosa moderna, apresentada por João C. Rebelo, seguida da renovação de alfaias e paramentaria, de que se encarregou N. Teotónio Pereira, e na qual falaram «*das razões litúrgicas e pastorais que condicionam o novo tratamento das formas e organização dos espaços na arquitectura religiosa e do modo como nessas manifestações actuais do espírito criador dos arquitectos se enquadra bem o contributo de outros artistas: pintores, escultores e ourives na confecção dos chamados instrumentos sagrados e obras de ornato*»⁵⁷⁸. A segunda parte, a cargo de N. Teotónio Pereira, tratou da adaptação das igrejas antigas às exigências da espiritualidade litúrgica moderna. A apresentação dos dois arquitetos não passou despercebida do meio cultural de Angra, nem da imprensa local e no jornal *Diário Insular*, um emocionado articulista anónimo manifestou a sua «*sincera admiração pela completa adesão espiritual dos oradores ao movimento de renovação artística religiosa [...]. Não são apenas dois homens que se limitam a aplicar a sua técnica à realização material de uma obra por outrem concebida e baseada em determinados princípios e com objetivos previamente determinados, [...] eles vivem o movimento em que se integraram e de que são figuras proeminentes; a sua formação religiosa [...] é penhor seguro da fidelidade da técnica à doutrina*»⁵⁷⁹. Quanto às matérias apresentadas, revelou que os arquitetos exposeram «*um problema até agora desconhecido no nosso meio e que pela primeira vez lhe foi revelado por dois técnicos de excepcional competência e de invulgar cultura*»⁵⁸⁰, pelo que sentiu alguma dificuldade em «*conseguir abafar em mim sessenta anos de vida habituados a ver e ouvir determinadas coisas que agora nos surgem quase, já não digo como heresias, mas como adulteração da pureza dos princípios*»⁵⁸¹, e tal como a assistência, «*surpreendida com matéria para discutir*

⁵⁷⁶ Há nos Açores uma grande riqueza arquitectónica e religiosa, *A União* (4.set.1962), p. 2.

⁵⁷⁷ Arquitectura e Arte Religiosa moderna, *A União* (30.ago.1962), p. 4.

⁵⁷⁸ Realizou-se ontem na Junta Geral a anunciada palestra sobre Arquitectura e Arte Religiosa moderna, *A União* (31.ago.1962), pp. 1.4.

⁵⁷⁹ Arquitectura e Arte Religiosa moderna – Palestra dos Arq. João Correia Rebelo e Nuno Theotónio Pereira, *Diário Insular* (1.set.1962), p. 1.

⁵⁸⁰ Arquitectura e Arte Religiosa moderna – Palestra dos Arq. João Correia Rebelo e Nuno Theotónio Pereira, *Diário Insular* (1.set.1962), p. 4.

⁵⁸¹ Arquitectura e Arte Religiosa moderna – Palestra dos Arq. João Correia Rebelo e Nuno Theotónio Pereira, *Diário Insular* (1.set.1962), p. 1.

[para] a qual não estava preparada, [...] ficou pior que dantes. Porque dantes o problema praticamente nunca se lhe pusera; mas agora pôs-se, ficou a roer em cada um que por ele se sentiu atraído»⁵⁸². Concretizava-se assim a sementeira de ideias desejada por N. Teotónio Pereira e João C. Rebelo, que repetiram a sua conferência na cidade da Horta a 4 de setembro na Sociedade «Amor da Pátria»⁵⁸³ e em Ponta Delgada a 8 de setembro no claustro do Convento de Santo André⁵⁸⁴.

Das três sessões de divulgação nos Açores, bem como da reunião de estudo de 24 de julho deu conta o Boletim n.º 14, que noticiou também a criação em Leiria da Comissão de Arte Sacra e Arqueologia – juntando-se assim às já existentes nas dioceses de Aveiro, Guarda, Coimbra, Évora e Angra do Heroísmo –, e a exposição dos anteprojetos concorrentes no concurso da nova igreja do Sagrado Coração de Jesus entre os dias 13 e 22 de outubro na SNBA, numa mostra que contou com uma apresentação pelos autores do trabalho vencedor destinada especificamente aos paroquianos. Quanto a iniciativas futuras do MRAR abordou novamente o II Encontro de Outono previsto para os dias 23, 24 e 25 de novembro na Casa do Oitão em S. Pedro de Sintra, tendo como tema a renovação da Igreja e a sua presença no mundo de hoje, inspirado pelas perspetivas abertas pelo Concílio Ecuménico entretanto iniciado no Vaticano. Antes, realizar-se-ia mais uma reunião de estudo, orientada por S. Formosinho Sanchez e dedicada ao anteprojeto da futura igreja do Sagrado Coração de Jesus.

No dia 6 de novembro, a reunião iniciou-se com os autores – na presença de cerca de 70 pessoas, entre as quais o pároco, alguns membros da comissão fabriqueira e do júri do concurso – a apresentar o seu trabalho através da projeção de desenhos e de fotografias da maquete. Seguiu-se o debate, em que intervieram especialmente os padres Luís Aparício, Victor Franco, Avelino Rodrigues e João de Almeida, e os arquitetos Erich Corsépius e Sá Dantas, e que começou por abordar os aspetos relacionados com a expressão dos edifícios, excessivamente diferenciados, «para além do que poderia justificar a simples diferença de funções

⁵⁸² *Ibidem*.

⁵⁸³ Palestra no «Amor da Pátria» sobre Arte Sacra, *Correio da Horta* (4.set.1962), p. 1; Arte Sacra, *Correio da Horta* (5.set.1962), p. 1; Sábado, *Correio da Horta* (8.set.1962), pp. 1-4.

⁵⁸⁴ Na noite de sábado no Claustro de Santo André, os arquitectos Teotónio Pereira e Correia Rebelo em palestras-colóquios sobre Arte Religiosa Moderna, *Correio dos Açores* (6.set.1962), p. 1; No claustro do Convento de Santo André, a palestra-colóquio sobre Arte Religiosa Moderna permitiu uma melhor compreensão deste assunto tão agitado em nossos dias, *Açores* (12.set.1962), pp. 1-2.

e de escalas»⁵⁸⁵, o que foi reconhecido pelos autores. Analisaram-se depois os acessos, sobre os quais se referiram as objeções levantadas pelos paroquianos aos grandes desníveis a vencer, inclusive para se aceder à igreja, dificuldade que poderia ser resolvida através da introdução de uma rampa que ligasse diretamente a rua ao adro. De seguida, apreciou-se o programa do centro paroquial, unanimemente considerado como demasiado ambicioso para as dimensões do terreno, tendo o pároco esclarecido que iriam ser suprimidas algumas das instalações pedidas, como as residências para empregados e parte dos serviços de assistência médica e social. Pediu-se então uma grande flexibilidade para os espaços do centro e em particular para o salão paroquial, que deveria ser menos sala de espetáculos e mais salão polivalente. Por fim debateu-se a organização interna da igreja, começando pelo desnível entre a capela secundária e a nave principal, mas a discussão teve de ser interrompida dado o avançado da hora. Como ainda existiam numerosos tópicos a discutir, foi decidido que a próxima reunião de estudo seria novamente sobre este anteprojecto. Isto mesmo foi anunciado no Boletim n.º 15, que fez também o relato da reunião de 6 de novembro, e apresentou na secção sobre organismos dedicados à renovação da arte sacra a Deutsche Gesellschaft für Christliche Kunst, sociedade alemã fundada em 1893 que desenvolvia uma importante atividade pedagógica na educação artística do público, sobretudo através de exposições temporárias e permanentes, instaladas na galeria existente na sede da associação, e da publicação de Anuários de Arte Sacra, geralmente de carácter monográfico.

Nas atividades do MRAR lembrou-se o II Encontro de Outono, que se veio a realizar nos dias 24, 25 e 26 de novembro na Casa de Retiros de S. Inácio, no Rodízio, perto de Colares, Sintra. Intencionalmente quis a organização – formada pelo P. João de Almeida, Diogo L. Pimentel e Maria do Carmo Matos –, colocar o encontro «*nas perspectivas do Concílio Ecuménico e fazer dele ocasião de um esforço de aprofundamento espiritual e profissional, em ordem às tarefas que nos estão reservadas, na linha de renovação da Igreja em que nós e o nosso Movimento – como parte que é da mesma Igreja – havemos de nos empenhar*»⁵⁸⁶. Repetiu-se deste modo a estrutura do ano anterior, com as manhãs passadas em retiro de silêncio depois de uma oração em comum e de breves meditações do P. Roque Cabral sj, culminando esta parte do dia na celebração da missa antes

⁵⁸⁵ [MRAR], Reunião de estudo – resumo do debate, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 15 (nov.1962), p. 1.

⁵⁸⁶ PEREIRA, N. Teotónio, LEAL, A. Freitas, MENDONÇA, Maria José de, ALMEIDA, João de [Carta convocatória] [II Encontro de Outono] (10 nov.1962), p. 1.

da hora do almoço. As tardes mantiveram-se dedicadas ao estudo e debate, mas neste ano com uma organização mais complexa, para «*dar a cada um dos diversos sectores do MRAR ocasião de se reunir em condições de desenvolver e aprofundar o conhecimento dos temas que especificamente lhes pertencem*»⁵⁸⁷. Depois de, ao início da primeira tarde, o P. José Ferreira ter feito uma exposição introdutória sobre «A estrutura da celebração litúrgica», os 57 participantes⁵⁸⁸ – 18 dos quais não sócios do MRAR – dividiram-se em três grupos de trabalho, cada qual dedicado ao seu tema.

O primeiro, que foi o mais numeroso ao congregar cerca de 40 interessados, dedicou-se à «Organização e equipamento do espaço da celebração litúrgica» nos dois primeiros dias e à «Decoração e iconografia» no terceiro. Foi seu responsável o P. João de Almeida com a colaboração dos padres Avelino Rodrigues, Henrique Galvão e Fernando Micael e dos arquitetos Luiz Cunha e Nuno Portas, que adotaram como base de trabalho as comunicações apresentadas no Congresso de Pastoral Litúrgica de 1960, em Versailhes. Na primeira reunião, o P. João de Almeida propôs o estudo dos problemas do espaço de culto e dos seus elementos a partir da análise do próprio corpo da assembleia cristã e da sua fisiologia, feita com recurso à análise histórica das primitivas assembleias cristãs e dos lugares de culto em que reuniam, mas também aos dados atuais da renovação pastoral-litúrgica, na antevisão de uma comunidade adulta. Seguindo este método, discutiu-se «*a estrutura fundamental da assembleia cristã*

⁵⁸⁷ *Ibidem*.

⁵⁸⁸ 15 arquitetos – Diogo L. Pimentel, N. Teotónio Pereira, Luiz Cunha, Manuel Tierno Bagulho, Maria do Carmo Matos, Amália Marília da Costa Campos Noura, António Flores Ribeiro, Nuno Portas, João C. Rebelo, Francisco Manuel Figueira, José Luís Zúquete, José António Martins Cabido, Carlos Carvalho Dias, José Reis Álvaro, A. Freitas Leal; 17 estudantes de Belas-Artes e do Conservatório – Elisabeth Évora Nunes, Carlos Martins Roque, Eduardo Nery de Oliveira, Luiz Filipe Nunes Borges Medeiros, José Maria Torre do Valle Santos, Maria Luísa Marinho Leite, Margarida Sousa Lobo, Manuel Sande e Castro Salgado, Manuel Costa Cabral, José Martin Soares Franco de Avillez, Fernando Varanda, Francisco Manuel Lopes de Aguiar, Francisco Fernandes, Maria Teresa de Oliveira Rodrigues, Francisco Cardoso d'Orey, Maria Eduarda da Silva Cruzeiro, Judith Caldeira de Castel-Branco; 5 sacerdotes – Henrique de Noronha Galvão, José Ferreira, João de Almeida, Fernando Micael, Avelino Rodrigues; 6 escultores ou pintores – Maria Flávia de Monsaraz, Madalena Cabral, Maria de Lourdes de Sousa Veloso, Maria Rafaela Zúquete, Maria Teresa Vaz Pinto, Natércia Maria Guimarães de Bragança; 4 professores do ensino secundário ou universitário – Maria Luísa Belga Ribeiro Soares Medeiros, Vitorino Nemésio, José Nuno Monteiro, João Afonso Viana; 4 com outras profissões – Luís de Magalhães Esteves Pereira (técnico eletrónica), Madalena Nicole Loureiro (historiadora), Maria da Conceição de Moura Borges (decoradora), Maria da Graça Santos Carneiro (enfermeira); e finalmente, Rosalinda Amália Machado Gomes, Maria de Fátima Amaral, Maria Teresa Parente Galamba d'Oliveira, Maria Luísa Graça, João Araújo, Ana Maria Pacheco (cinco dos quais estudantes e um profissional).

e o comportamento dos diversos grupos que a constituem e a diferenciam, bem como as diversas formas de agrupamento caracterizadas, segundo os seus fins, por vezes num mesmo acto de culto, procurando-se, com o auxílio de esquemas, estabelecer as condições essenciais de uma organização do espaço capaz de corresponder à complexidade desta estrutura»⁵⁸⁹.

No segundo dia e usando o mesmo método, o grupo I centrou-se no estudo da organização do santuário, dando particular atenção ao lugar do ambão e da presidência. Na terceira e última reunião, que decorreu sob a forma de debate orientado pelo P. Fernando Micael, discutiu-se o problema da imagem na igreja tendo em conta os valores e realidades que representam e as possibilidades concretas dos artistas em alcançá-los. A propósito do tema, o P. Henrique Noronha de Galvão apresentou um estudo com alguns tópicos sobre as condições integrais de uma iconografia cristã baseada na história da Redenção e no mistério da Igreja. O grupo II, que tinha como tema a «Função e forma da veste sagrada: princípios, evolução histórica e soluções actuais», foi orientado por Madalena Cabral que contou com a ajuda de Rafaela Zúquete. Durante as suas sessões, o pequeno grupo de seis participantes assistiu a uma apresentação comentada de imagens, representando a evolução da paramentaria ao longo dos séculos, que concluiu com o visionamento de algumas peças «muito elucidativas da obra particularmente notável do ateliê de Stans (Suíça) sob a orientação de Soror Augustina Flüeler»⁵⁹⁰. O terceiro grupo, de que foi responsável o P. José Ferreira, dedicou-se ao tema da música sacra e durante os três dias abordou a «Estrutura e função dos cânticos litúrgicos na tradição da Igreja», as «Perspectivas actuais da música sacra» e a «Função, localização e organização pastoral dos diferentes tipos de grupos corais». A participação no encontro deste grupo foi considerada como muito enriquecedora do clima de abertura e comunhão entre todos, em particular por ter permitido o aperfeiçoamento da participação comunitária na missa através de cânticos previamente ensaiados.

A complementar as reuniões de estudo realizaram-se nas duas noites sessões em comum, tendo-se promovido na primeira uma audição de música sacra, orientada por Francisco d'Orey, enquanto na segunda o P. Fernando Micael fez uma exposição sobre os «Problemas de estruturação de comunidades cristãs», em que foram utilizados exemplos da própria comunidade ali reunida. Durante o encontro estiveram também expostas algumas peças de paramentaria e ourivesaria sacra cedidas pela Casa Sampedro. No final do jantar de encerramento,

⁵⁸⁹ [MRAR], II Encontro de Outono – Grupo I, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 16 (dez.1962), p. 1.

⁵⁹⁰ [MRAR], II Encontro de Outono – Grupo II, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 16 (dez.1962), p. 1.

N. Teotónio Pereira e o P. João de Almeida proferiram algumas palavras sobre os três dias vividos no Rodízio, impulsionando outros participantes a dar o seu testemunho pessoal, «*pondo em evidência os aspectos positivos verificados e destacando unanimemente o espírito de verdadeira fraternidade que a todos uniu*»⁵⁹¹.

Vivendo ainda o entusiasmo e dinamismo proporcionado pelo II Encontro de Outono, o MRAR voltou a juntar-se poucos dias depois – a 4 de dezembro – numa nova reunião de estudo, orientada por A. Freitas Leal e dedicada novamente ao anteprojecto da igreja do Sagrado Coração de Jesus. Ao longo do encontro, que contou com a intervenção dos padres João de Almeida, Henrique Noronha de Galvão, Victor Franco, João Pimenta, Avelino Rodrigues e Luís Aparício, debateram-se vários aspetos referentes ao interior da igreja, como a solução dada ao batistério, às aberturas para a cripta, à tribuna geral e balcões, à exposição eucarística, ao coro dos cantores e ao órgão. Abordou-se também a hipótese e os riscos da escolha de uma pintura figurativa para a parede envolvente do santuário, tendo os autores sugerido um tratamento da parede que criasse uma superfície rica em contrastes claro-escuro, tirando proveito da iluminação zenital. Por último trocaram-se impressões sobre a colocação das imagens previstas no anteprojecto, tendo o P. João de Almeida defendido ser indispensável um programa iconográfico bem definido.

Uma semana depois, 10 dos 23 sócios efetivos⁵⁹² voltaram à sede do MRAR em resposta à convocatória para uma nova reunião do Conselho Diretivo, que começou com a admissão de cinco novos sócios efetivos: Rafaela Gamboa Zúquete (n.º 27), Francisco Figueira (n.º 28), Francisco d'Orey (n.º 29), Francisco Fernandes (n.º 30) e Elizabeth Évora Nunes (n.º 31). De seguida abordaram o ponto central da agenda que respeitava a apreciação do II Encontro de Outono e o estudo das suas repercussões, tendo-se concluído que se deveriam promover dois encontros por ano, com características diferentes, sendo um deles preferencialmente no norte do país e que se deveriam manter estes encontros abertos a pessoas exteriores ao MRAR, em espírito de Igreja e de caridade fraterna, se bem que o número de visitantes ou de participantes esporádicos teria de ser restringido para não prejudicar o clima de coesão que se

⁵⁹¹ [MRAR], II Encontro de Outono – Algumas notas, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 16 (dez.1962), p. 1.

⁵⁹² Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, N. Teotónio Pereira, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Maria do Carmo Matos, Erich Corsépius, João C. Rebelo, Nuno Portas e o P. João de Almeida. Estiveram também presentes Francisco d'Orey, Elisabeth Évora Nunes e Francisco Fernandes, que foram admitidos como sócios efetivos nesta reunião.

criava. Quanto aos temas propôs-se um único para cada encontro, a ser abordado em todos os seus aspetos, em vez de serem tratados vários, mas estudados apenas parcialmente. Recomendou-se também que o programa incluísse algumas palestras complementares que criassem uma base comum para o estudo dos temas e que se deveria variar mais os relatores e os responsáveis pelas reuniões. Decidiu-se por fim promover um pequeno inquérito junto dos participantes do II Encontro, «*com vista à recolha de elementos para uma apreciação mais ampla e objectiva dos seus resultados*»⁵⁹³.

Este inquérito acabou por ser proposto apenas a 15 de abril de 1963 e foi respondido por 10 participantes, que foram unânimes na aprovação do local, da época escolhida, do valor da inscrição e do sistema de trabalho organizado em grupos especializados. Quanto ao aspeto formativo que a maioria considerou mais atingido foi o espiritual, enquanto o tido como mais desprezado foi o recolhimento (por dificuldade em se manter o silêncio), seguido dos contactos pessoais (por falta de tempo). As respostas ao inquérito deixaram também algumas sugestões, como a promoção de pequenos grupos com um sacerdote para se colocarem em comum problemas, dificuldades e preocupações; a criação de um grupo próprio para a imaginária, independente da arquitetura; a distribuição antecipada de um programa mais pormenorizado; a publicação das conclusões de uma forma mais desenvolvida que a feita pelo Boletim; sessões com horários desencontrados para permitirem a assistência às de outros grupos; e a realização de uma visita de estudo.

Entretanto, o ano de 1962 terminara com a publicação do número de dezembro do Boletim do MRAR, dedicado maioritariamente ao relato do II Encontro do Outono, mas também do Conselho Directivo de 11 de dezembro e da reunião de estudo de 4 de dezembro, para além de anunciar que a seguinte se realizaria logo no início do ano. No balanço feito ao ano de 1962, a Direção considerou que se consolidou tudo o que se tinha conseguido no ano anterior: o Boletim foi publicado com regularidade e entrou nos hábitos dos sócios como meio de contacto indispensável, as reuniões de estudo, apesar de alguma rotina e pouca diversidade nos temas, criaram entre os sócios uma prática de apreciação crítica feita de caridade e ajuda mútua de que muito beneficiavam as obras, os serviços de secretaria e organização de contas desenvolveram-se muito satisfatoriamente, favorecendo a continuidade de ação do Movimento, e a realização do II Encontro de Outono veio confirmá-lo «*como a actividade mais importante realizada pelo MRAR, quer sob o aspecto de trabalho de procura e estudo, quer pelo*

⁵⁹³ [MRAR], Reunião do Conselho Directivo, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 16 (dez.1962), p. 2.

*aspecto de real enriquecimento mútuo que esses dias de fraterno convívio sempre implicam»*⁵⁹⁴. Como principal novidade referiu a criação do grupo de Música Sacra, pelo enriquecimento que trouxe ao MRAR em termos de interesse e contribuição pessoal dos seus elementos. Já quanto ao grupo de Poesia Sacra proposto por Vitorino Nemésio durante o II Encontro de Outono teria de esperar a possibilidade de o Movimento se alargar nesse sentido. Para a história ficava o seguinte balanço quantitativo: o MRAR alcançara os 154 sócios no final de 1962 (28 efetivos, 95 auxiliares e 31 estudantes⁵⁹⁵), publicara nove números do Boletim e realizara oito reuniões de estudo e duas do Conselho Diretivo, uma Assembleia Geral, um Encontro e uma Exposição⁵⁹⁶. Este panorama aparentemente positivo foi considerado aquém do desejado, pois «*tendo sido possível no 1.º ano de trabalho da actual Direcção pôr as coisas em ordem e fazer renascer a confiança no nosso Movimento, exigia-se para o 2.º ano um trabalho em cheio, tanto em profundidade como em extensão»*⁵⁹⁷. De facto, no plano de divulgação nada se fizera e a programada atividade permanente de exposições itinerantes não saiu do papel. De igual modo, «*a união espiritual dos membros do Movimento, a participação habitual dos sócios na vida do MRAR, a actuação no meio escolar, a participação de pintores e escultores nas nossas actividades, a expansão para a Província e Missões Ultramarinas – foram alguns dos aspectos em que menos se progrediu [...]. Outro tanto se diga dos contactos internacionais [...]. E ainda nada se fez no que respeita a organização de documentação e ao fomento de obras de arte sacra no plano comercial»*⁵⁹⁸.

Muito havia então para fazer no ano de 1963, que para o MRAR começou com a reunião de dia 8 de janeiro, dedicada à localização do coro e do órgão no espaço da igreja, problema que o grupo de Música Sacra já abordara nas

⁵⁹⁴ PIMENTEL, Diogo L. [Carta a D. Tomás Gonçalves de Oliveira osb], Lisboa (23.set.1963), p. 1.

⁵⁹⁵ Entre julho e dezembro, registaram-se as inscrições, como sócios auxiliares, de Maria Alice Beaumont, Luís Artur Esteves Pereira, da escultora Natércia Bragança, do arquiteto João de Sousa Araújo, do dr. António Manuel Miranda e dos padres José Enes, Domingos António Penha, Fernando Micael Pereira e Francisco Borges de Ávila, e como sócios estudantes, Maria Teresa Vaz Pinto, Francisco de Aquino, Manuel Sande e Castro Salgado, Eduardo Nery, Maria da Graça Carneiro e Francisco Vieira Jordão.

⁵⁹⁶ Trata-se da exposição apresentada em Fátima, durante o mês de março, a convite dos dominicanos. As duas exposições realizadas em fevereiro de 1962, na sede da JUC e na Faculdade de Medicina de Lisboa, foram contabilizadas no relatório de 1961.

⁵⁹⁷ PEREIRA, N. Teotónio, LEAL, A. Freitas, MENDONÇA, Maria José de, *Relatório da Direcção – Ano 1962* (17.jan.1963), p. 1.

⁵⁹⁸ PEREIRA, N. Teotónio, LEAL, A. Freitas, MENDONÇA, Maria José de, *Relatório da Direcção – Ano 1962* (17.jan.1963), p. 2.

suas sessões no II Encontro de Outono. Com orientação de Nuno Portas, a reunião iniciou-se com duas pequenas apresentações, a primeira sobre o coro pelo P. Avelino Rodrigues e a segunda sobre o órgão por Francisco Fernandes, tendo-se seguido um debate, que contou com a participação mais ativa de Francisco d'Orey, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Erich Corsépius, Júlia Almendra, Manuel Bagulho, Luís Esteves Pereira e do P. Manuel Simões sj. Sem intenção de fixar soluções definitivas, formularam-se algumas recomendações para orientar o trabalho dos arquitetos, como o posicionamento do coro junto da assembleia dos fiéis num face a face que favorecesse a dialogação entre ambos, mas excluindo as hipóteses de localização sobre a entrada ou detrás do altar.

No entanto, com a chegada do ano novo chegara também o tempo de eleger uma nova Direção para o MRAR, o que aconteceu na 7.^a Assembleia Geral de 22 de janeiro, à qual compareceram 13 sócios efetivos – Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, Maria do Carmo Matos, Elizabeth Évora Nunes, P. João de Almeida, A. Freitas Leal, João C. Rebelo, N. Teotónio Pereira, Diogo L. Pimentel, S. Formosinho Sanchez, Nuno Portas, Francisco Fernandes e Erich Corsépius. Depois de lida e aprovada a ata da Assembleia anterior passou-se para a votação dos novos cargos gerentes, introduzida por uma breve consideração prévia pelo P. João de Almeida, que aconselhou os candidatos das seis listas a encararem o trabalhoso encargo da eleição com espírito de sacrifício e generosidade, lembrando-se que ao trabalharem para o MRAR trabalhavam também para a Igreja. Perante estas palavras, os quatro sócios indicados para presidente da Direção – Diogo L. Pimentel, S. Formosinho Sanchez, João C. Rebelo e Nuno Portas –, juntamente com os outros cujos nomes figuravam nas diversas listas apresentadas para outros cargos, reconheceram as suas dificuldades e o pouco tempo disponível para conseguirem desempenhar corretamente o seu papel no MRAR, mas que manifestavam «*confiança no Senhor, porque Ele daria forças para aquilo que humanamente parecia impossível*»⁵⁹⁹. Procedeu-se então à votação, que elegeu no quarto escrutínio, por nove votos a favor e quatro contra, a lista composta por S. Formosinho Sanchez como presidente, Diogo L. Pimentel como secretário e Erich Corsépius como tesoureiro. N. Teotónio Pereira foi eleito presidente da Assembleia Geral no terceiro escrutínio, por onze votos a favor e dois contra. Avançou-se seguidamente para o segundo e último ponto da agenda: a discussão e aprovação do relatório e contas do ano anterior, que foi unanimemente aprovado. O final da Assembleia ficou marcado

⁵⁹⁹ MRAR, Acta número 8 [7] [*Livro de Atas*], Lisboa (22.jan.1963).

pelo momento em que os sócios efetivos do MRAR rezaram pela primeira vez em conjunto a oração do Movimento⁶⁰⁰, inspirada na *Didaquê*⁶⁰¹ e traduzida do *Missel Biblique* e que constava numa pequena pagela ilustrada por um lírio desenhado por José Escada (FIG. 70).

Todos estes acontecimentos registados em janeiro foram reportados no Boletim n.º 17, que incluiu também um índice dos dezasseis números do Boletim anteriormente publicados, organizado em cinco capítulos: «Arte Sacra» – subdividido em «Generalidades», «Arquitetura», «Ourivesaria», «Paramentaria» e «Música» –, «Organismos de Arte Sacra», «Actividades do MRAR», «Exposições, Congressos e Reuniões» e «Bibliografia Portuguesa e Estrangeira». A fechar, anunciou a segunda reunião de estudo do ano, que teve lugar no dia 5 de fevereiro e foi dedicada à Paramentaria Moderna.

Na introdução à reunião, Madalena Cabral citou um texto do P. Marie-Alain Couturier op, para chamar a atenção do papel da paramentaria na liturgia e da necessidade da sua renovação. Como principais obstáculos a que esta se realizasse apontou *«as dificuldades de ordem financeira com que se debatem a maioria das paróquias; a falta de exigência a que todos, clero e fiéis, temos sido levados num lento processo de desvirtuamento e aviltamento da veste sagrada, a industrialização e comercialização que lhe estão na génese, etc»*⁶⁰². Defendeu depois a utilização de todo o tipo de tecidos disponíveis no mercado, desde que se cumprisse o que a Igreja prescrevia e sempre com um critério sólido que tivesse em conta a tradição, a função da veste e a exigência de dignidade imposta pela liturgia. Na conversa que foi decorrendo ao longo da apresentação de Madalena Cabral intervieram A. Freitas Leal, Erich Corsépius, Diogo L. Pimentel e os padres João de Almeida e João Cabral sj. Estiveram também presentes pela primeira vez paroquianos de S. João de Deus, S. João de Brito e S. Mamede, bem como membros da União Noelista que se dedicavam à manufactura de paramentaria.

⁶⁰⁰ «Senhor, como os grãos de trigo e as uvas dispersas por montes e campos formam um só pão e um só vinho, assim faz-nos um na tua Igreja. Dos homens de diferente raça, nação e classe, faz uma só cristandade; dos cristãos de todos os povos, profissões e famílias, faz Senhor, uma íntima comunhão. Faz-nos Santos. Faz-nos viver no teu Amor. Desde toda a eternidade, Pai, Filho e Espírito Santo, sois um só Deus no mistério da Trindade; do mesmo modo, Senhor, reúne os teus filhos de todas as raças e países, de todas as nações e famílias, na tua Igreja, una e católica. Faz-nos Santos. Faz-nos viver unidos no teu Amor; Amén.»

⁶⁰¹ *Didaquê* ou *Instrução dos Doze Apóstolos*, escrito cristão do primeiro século, composto por dezasseis capítulos.

⁶⁰² [MRAR], Reunião de Estudo / Relato, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 18 (fev.1963), p. 2.

O Boletim de fevereiro apresentou como habitualmente o relato da reunião do mês, a que juntou um breve resumo dos dois últimos anos do Movimento. No noticiário divulgou uma iniciativa do sócio Luís Esteves Pereira, que estava a tentar formar uma Liga dos Amigos do Órgão para divulgar o gosto por este instrumento. Ainda no campo da Música Sacra anunciou que esse seria o tema da reunião de estudo de março, a realizar excepcionalmente no salão paroquial da igreja de Santa Isabel, em Lisboa, e da qual apresentou o programa previsto: seriam tocadas sete obras de música sacra moderna de autores portugueses e todos os participantes estavam convidados a cantar, com o apoio do coro de S. Bernardo que estaria presente. Pela participação ativa de todos se evitaria um despropositado concerto coral em vez da desejada reunião de estudo.

No dia 5 de março cerca de 200 pessoas compareceram à hora marcada para o que foi uma reunião única na vida do MRAR. Francisco Fernandes começou por falar do trabalho já realizado pelo grupo de Música Sacra. De seguida deu-se início ao momento principal do encontro, em que cada peça foi brevemente introduzida: a primeira, da autoria do P. Manuel Luís, pelo P. José Ferreira; duas pelo P. Manuel Simões sj, autor de ambas; e três por Francisco Fernandes, também enquanto autor. A obra do P. Gélineau sj foi apresentada por Francisco d'Orey, que conduziu igualmente toda a reunião. Para cada peça seguiu-se uma exemplificação do coro de S. Bernardo, que os participantes procuravam depois imitar, para finalmente cantarem todos juntos. A reunião, considerada um sucesso, decorreu num ambiente de grande à-vontade e alegria. Contudo, ficou por fazer *«uma crítica em comum aos cânticos apresentados, ao seu valor pastoral-litúrgico e musical»*⁶⁰³, bem como *«reflectir sobre a própria reunião de estudo, sobre a maneira como decorreu e sobre o significado do vivo entusiasmo que provocou»*⁶⁰⁴.

A edição de março do Boletim registou este acontecimento, mas o texto que acabou por ter maior destaque neste número foi o dedicado à nova catedral de Tóquio, no Japão. Pela primeira vez, que foi também a única, o Boletim do MRAR abordou uma obra estrangeira, começando por fazer uma breve resenha histórica das construções católicas no Japão, constatando que pecam ainda por serem *«praticamente a transposição de uma arquitectura europeia ou americana para o Japão, e portanto desenraizada da sensibilidade japonesa»*⁶⁰⁵. Foi

⁶⁰³ [MRAR], Reunião de Estudo (5/3/63) – Relato, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 19 (mar.1963), p. 1.

⁶⁰⁴ *Idem.*

⁶⁰⁵ [MRAR], Uma Catedral para Tóquio, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 19 (mar.1963), p. 2.

neste contexto que se lançou o concurso para a futura catedral de Tóquio⁶⁰⁶, a que concorreram os arquitetos Maekawa Kunio (1905-1986), Yoshiro Taniguchi (1904-1979) e Kenzo Tange (1913-2005), que foi o vencedor com uma proposta de um edifício com planta de cruz latina, mas em que as paredes – que eram ao mesmo tempo cobertura – se levantavam parabolicamente para dar forma a uma grande tenda de betão.

No noticiário, o Boletim deu conta da reintegração artístico-litúrgica da igreja do mosteiro de Santo Tirso, trabalho que se realizava com a orientação de uma comissão de estudo formada pelo P. José Maria Valente Rebelo, os arquitetos J. Maya Santos e Francisco Moreira Dias e Carlos Faya Santarém, e que tinha promovido no passado dia 15 de fevereiro uma reunião no salão do Colégio de Santa Teresa de Jesus, em Santo Tirso, orientada por D. Tomás Gonçalves de Oliveira osb, a que assistiram cerca de 50 pessoas. A fechar o Boletim constava outra novidade: na próxima reunião de estudo do MRAR seria apresentado, pela primeira vez, um projeto cujos autores não eram membros do Movimento: a igreja de N. Sra. dos Remédios, do bairro social da Sacor, na Bobadela (Eduardo Hilário e Alberto Camacho, 1964).

No dia 2 de abril, o arquiteto Eduardo Hilário começou por introduzir o trabalho referindo-se à organização geral do bairro e aos principais aspetos do programa da igreja. De seguida, Alberto Camacho descreveu a organização funcional e espacial proposta, recorrendo a alguns esquemas que afixara na parede. O debate, que abordou diversos pormenores de ordem funcional, centrou-se no pátio exterior e na colocação nesse local da Via-Sacra, solução que foi considerada invulgar. Apesar da pouca afluência – menos de 20 pessoas –, a reunião foi avaliada como útil. «Útil para a obra em estudo, útil ainda pelo contacto com dois arquitectos com que o Movimento até aqui nunca contactara.»⁶⁰⁷

Esta reunião foi relatada pelo Boletim de abril, que teve no entanto como primeiro artigo a transcrição de dois excertos das «Normas e directrizes sobre liturgia e pastoral», elaboradas pelo Sínodo Diocesano de Bolonha realizado naquela cidade nos dias 3 e 4 de janeiro de 1961 e que a revista *Ora et Labora* publicara no seu n.º 1 de 1963⁶⁰⁸. O primeiro excerto dizia respeito à música

⁶⁰⁶ Catedral de Santa Maria, Tóquio, Japão (Kenzo Tange, 1961-1964). O arquiteto Kenzo Tange contou com a colaboração dos arquitetos Wilhelm Schlombs – da Arquidiocese de Colónia – e Max Lechner, e do engenheiro Yoshikatsu Tsuboi.

⁶⁰⁷ [MRAR], Reunião de Estudo (2/4/63) – Relato, *MRAR – Boletim*, 2.ª Série, n.º 20 (abr.1963), p. 1.

⁶⁰⁸ Directrizes Litúrgico-Pastorais, *Ora et Labora*, Ano X, n.º 1 (1963), pp. 44-46.

e ao canto nos atos litúrgicos, enquanto o segundo, dedicado às imagens nas igrejas, afirmava: «Verificamos que, não raro, nas nossas igrejas, se introduzem imagens [...] que, pelo seu escasso valor artístico e colocação imprópria, prejudicam a dignidade do lugar sagrado e amesquinham o sentido de devoção. Não é necessário nem oportuno que em todas as igrejas figurem todas as imagens que uma piedade, quase sempre pouco esclarecida, às vezes procura; tanto mais que daí pode resultar o perigo de introduzir a fatuidade da moda até naquilo que mais sólido e profundo deve ser. Na colocação das imagens, deve ter-se uma visão clara da relação entre o espaço sagrado na sua totalidade e os seus elementos componentes, e sobretudo a coerente percepção da hierarquia dos valores. [...] Toda a obra deverá possuir nível artístico e ter assinatura dum autor responsável. Evitar-se-á adquirir ou introduzir na igreja obras fabricadas em série. Tratando-se de igrejas novas, consulte-se previamente o autor do projecto.»⁶⁰⁹

Esta publicação aconteceu não por acaso em bom momento, pois dava boas indicações para as duas recém-criadas Comissões de Arte Sacra, em Bragança e Lisboa, sendo que esta última, criada por decreto do Cardeal-Patriarca de 2 de abril de 1963, era constituída pelo Cónego D. João de Castro, P. João de Almeida e P. João Trindade e tinha como consultores o P. José da Costa Ferreira, Dr. João Couto, Maria José de Mendonça, engenheiro João Santos Simões, Dr. Carlos de Azevedo, António Medeiros de Almeida, Charles Vere Pilkington e os arquitetos Fernando Peres Guimarães e S. Formosinho Sanchez.

A encerrar o Boletim publicou-se um aviso associado a mais uma novidade na vida do Movimento: a reunião de estudo do mês de maio seria uma semana mais tarde do que o habitual e voltaria a realizar-se no salão paroquial da igreja de Santa Isabel, desta vez não para tratar de música sacra, mas para abordar um tema novo, que «*não é um tema de arquitectura, mas relacionado com ela. Não é tema de pintura, escultura, música ou paramentaria, mas com elas ligado. [...] A dar uma classificação a este tema, talvez a de sociologia religiosa*»⁶¹⁰. Era o testemunho do P. Leonel de Oliveira e do arquiteto Fernando Abrunhosa de Brito sobre a formação da comunidade cristã e da paróquia experimental do Padrão da Légua, no Porto.

Mas antes deste encontro realizou-se a primeira reunião do ano do Conselho Diretivo, que juntou na sede do MRAR no dia 3 de maio apenas 11 dos seus

⁶⁰⁹ [MRAR], Directrizes Litúrgico-Pastorais, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 20 (abr.1963), p. 1.

⁶¹⁰ [MRAR], A próxima reunião de estudo, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 20 (abr.1963), p. 2.

31 sócios efetivos⁶¹¹. Depois das palavras introdutórias do P. João de Almeida, que recordou o começo do MRAR há dez anos atrás e o trabalho realizado nesse período para incentivar os presentes a responderem com esforço e generosidade às solicitações futuras, e após a admissão de Judith Caldeira de Castel-Branco como sócio efetiva, entrou-se diretamente no propósito da reunião que era a discussão do plano de atividades para o biénio 1963/64. Erich Corsépius começou por apresentar a previsão de receitas e despesas do Movimento para concluir que não havia disponibilidade financeira para se concretizarem novas atividades, pelo que todos reconheceram a necessidade em se aumentar o volume de receitas através do aumento do número de sócios. De seguida, A. Freitas Leal anunciou que o Bispo de Bragança encarregara o MRAR de promover um concurso público de anteprojetos para a nova Sé de Bragança, iniciativa que seria subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian e para a qual se propôs uma comissão organizadora formada pelo P. João de Almeida, A. Freitas Leal, N. Teotónio Pereira, Octávio Lixa Filgueiras e um membro da FCG. Para promover atividades formativas do público de Bragança, decidiu-se recorrer ao apoio dos sócios do MRAR residentes no Porto.

Avançou-se então para o programa proposto para as reuniões de estudo, tendo Diogo L. Pimentel apresentado os temas previstos pela Direção – mosaico e vitral (por António Lino), azulejaria (por João Santos Simões e José Carlos Loureiro), igreja de S. Mamede, em Negrelos (por Luiz Cunha e Pedro Ferreira Pinto), restauro de igrejas, centros paroquiais e programação de igrejas, poesia sacra –, aos quais se adicionaram algumas sugestões. Foi também decidido dar corpo ao grupo de Poesia Sacra, cuja falta se fazia sentir e que podia funcionar em moldes semelhantes ao do grupo de música. Sobre o Encontro de Outono, S. Formosinho Sanchez começou por fazer a síntese das respostas ao inquérito enviado aos participantes do II Encontro. Com estas indicações, o Conselho Diretivo decidiu realizar o III Encontro de Outono nos dias 1, 2 e 3 de novembro, dedicado ao tema único «Batismo e batistério», para o que nomeou uma comissão preparatória constituída pelo P. Avelino Rodrigues, Maria do Carmo Matos, Madalena Cabral, Diogo L. Pimentel, Francisco Fernandes e Manuel Costa Cabral. O P. João de Almeida deu em seguida a conhecer a atividade desenvolvida pelos membros do MRAR no norte do país, onde referiu a já noticiada reintegração artístico-litúrgica da igreja do mosteiro de Santo Tirso

⁶¹¹ Maria do Carmo Matos, Elisabeth Évora Nunes, Madalena Cabral, S. Formosinho Sanchez, Erich Corsépius, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Francisco Fernandes, N. Teotónio Pereira, P. João de Almeida e P. Avelino Rodrigues.

em que se empenhavam J. Maya Santos e Flórido de Vasconcelos, e apresentou o trabalho de um grupo de estudantes da ESBAP orientado por Maria Luísa Marinho Leite e o estudo na área da sociologia da autoria de Luiz Cunha. Francisco Fernandes tomou então a palavra para falar do plano de trabalho do grupo de Música Sacra, ficando reservada para este tema a reunião de junho. Abordou-se ainda a possibilidade entretanto surgida de criação de um coro do MRAR, para o qual já algumas dezenas de pessoas haviam manifestado o seu interesse e disponibilidade, e que poderia ter uma ação paroquial. A fechar a reunião, decidiu-se adiar a ideia de se contactar o Bispo do Funchal para, na sequência da nova divisão paroquial da Diocese, se propor a ajuda do MRAR ao programa de construção de novas igrejas. Dado o adiantado da hora, assim terminou a reunião, faltando discutir três pontos da agenda – edições, grupo de estudantes e exposições itinerantes e fomento de obras de Arte Sacra –, temas que integrariam a reunião seguinte do Conselho Diretivo no dia 11 de julho.

Ainda em maio, no dia 14, realizou-se a agendada reunião de estudo dedicada à paróquia experimental do Padrão da Légua, no Porto, que se formou num conjunto suburbano disperso e marginal, sem identidade definida. A análise e caracterização sociológica foram feitas pelo arquiteto Fernando Abrunhosa de Brito, que através de inquéritos e estudos sintetizados em gráficos e mapas diversos⁶¹², forneceu ao pároco Leonel de Oliveira os elementos fundamentais para uma ação pastoral consciente e criteriosa. A reunião compôs-se dos seus testemunhos de um percurso lento, mas que revelara já os seus frutos, como a adaptação do barracão em que tudo iniciara a capela provisória, processo que envolveu toda a comunidade e contou com a colaboração do P. João Pimenta. Da reunião os presentes levaram a confirmação do «*valor pastoral que pode assumir a oportunidade de ter uma igreja a construir, desde que se saibam conduzir as coisas nesse sentido*»⁶¹³. Às perguntas que ficaram sem resposta por falta de tempo, o Boletim n.º 21 recomendou na secção de bibliografia o volume «*No meio deles – Duma pastoral de rua à comunidade paroquial*» que reunia os quatro números da publicação não periódica de “*Tempos e festas*”⁶¹⁴, onde era dado a conhecer as várias fases percorridas por esta paróquia experimental, bem como o espírito que guiou esta obra que o MRAR classificou como «*um magnífico*

⁶¹² Que viriam a constituir o seu trabalho CODA na Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

⁶¹³ [MRAR], Reunião de Estudo (14/[mai]/63) – Relato, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 21 (mai.-jun.1963), p. 1.

⁶¹⁴ Edição da Paróquia Experimental no Padrão da Légua, n.º 1 (s.d.), n.º 2 (set.1962), n.º 3-4 (nov.62). Ver também, Como nasceu uma paróquia nos arrabaldes do Porto, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), pp. 21-25.

*exemplo e tema de meditação»*⁶¹⁵. Também no Boletim, anunciou-se a reunião de estudo do mês de junho, que teria como tema o «Contributo do canto sagrado para uma renovação pastoral ao nível das paróquias» e se realizaria novamente no salão paroquial da igreja de Santa Isabel.

Alguns dias antes, a 7 de junho, realizou-se mais uma das reuniões semanais da Direção com o Assistente Eclesiástico, que se distinguiu das anteriores pelo tema levantado por Erich Corsépius, que correspondeu a uma proposta de associação do MRAR à Comissão Nacional de Arte Sacra, dado o amadorismo em que o Movimento trabalhava e a conseqüente grave ineficácia no campo da ação, o que mereceu como resposta do fundador P. João de Almeida que o MRAR tinha sido criado intencionalmente com independência em relação ao episcopado para que pudesse trabalhar supletivamente, fazendo aquilo que as Comissões não podiam fazer. Perante esta explicação, Erich Corsépius defendeu então que dadas as dificuldades sentidas constantemente devido à permanente falta de disponibilidade dos sócios, se investisse exaustivamente nos meios já à disposição: o Boletim, as Reuniões mensais e os Encontros anuais. Isto mesmo voltou a ser afirmado no início da reunião seguinte, realizada três dias depois, que continuou a tratar de assuntos relativos ao funcionamento e organização do MRAR. Foi assim que decidiu que era necessário encaminhar o grupo de Música Sacra para uma maior autonomia que passaria pela existência de membros executivos próprios e uma maior aproximação do grupo ao Conservatório.

No dia 25 de junho aconteceu a agendada reunião de estudo dedicada à música sacra, que contou com mais de 100 participantes, entre os quais diversos dirigentes de coros paroquiais e numerosos párocos. Depois de uma breve introdução feita por Francisco Fernandes, o P. José Ferreira tomou a palavra para explicar como a música era parte integrante da liturgia e não apenas sua solenização, tendo a capacidade de valorizar a Palavra, unificar a assembleia e favorecer a contemplação. Depois de se referir também à participação do celebrante e do coro e fiéis na celebração através do canto, alguns sacerdotes apresentaram o seu testemunho sobre o assunto, como o P. Armando Giovanni, da paróquia de S. Vicente de Paulo, e o P. Avelino Rodrigues, com a experiência da Basílica da Estrela. Antes do encerramento da reunião, Diogo. L. Pimentel, em nome da Direção do MRAR e na sequência de sugestões e debates anteriores, pôs à consideração dos presentes a possibilidade de se formar um coro, não para exibições particulares, mas como forma específica de apostolado, com

⁶¹⁵ [MRAR], Bibliografia – No meio deles, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 21 (mai.-jun.1963), p. 2.

formação cristã e profissional dos seus membros e divulgação dos princípios e realizações que contribuíssem para a renovação da Arte Sacra. Perante o interesse manifestado, comunicou então que na próxima reunião do Conselho Diretivo, a 11 de julho, se iria deliberar sobre o assunto e sobre a forma de o concretizar.

No entanto, devido à prioridade do tema, o Conselho Diretivo começou por tratar do III Encontro de Outono, que acabou por ser o único ponto discutido na reunião, apesar de na agenda constarem também os três pontos não debatidos a 3 de maio, mais o do coro de Música Sacra. De facto, a comissão organizadora do Encontro tinha uma proposta de programa e horário que introduzia várias modificações importantes ao esquema dos dois encontros anteriores, o que exigia um debate aprofundado entre os sócios efetivos. Presentes estavam os mesmos onze do último encontro do Conselho Diretivo – Maria do Carmo Matos, Elizabeth Évora Nunes, Madalena Cabral, S. Formosinho Sanchez, Erich Corsépius, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Francisco Fernandes, N. Teotónio Pereira, P. João de Almeida e P. Avelino Rodrigues –, que chegaram a várias conclusões: a data seria 1, 2 e 3 de novembro; o tema seria o Batismo; não haveria divisão de participantes em grupos profissionais; as manhãs continuariam como tempo de retiro e silêncio, mas com alguns momentos de pequeno grupo para reflexão em comum das meditações; e as tardes teriam uma única conferência, seguida de debate em pequenos grupos.

Para começar a preparar os participantes, o Boletim de julho-agosto recomendou na secção bibliográfica a leitura de dois números da revista *L'Art Sacré*⁶¹⁶, cujo conteúdo seria precisamente o que se aprofundaria no III Encontro de Outono. «O primeiro, tratando especialmente os aspectos rituais e sacramentais, chama a atenção para o significado simbólico da água, através de textos bíblicos, análise da liturgia pascal, recordando aspectos históricos, e transcrevendo alguns textos de S. Tomás de Aquino. O segundo caderno, servindo-se de numerosos exemplos recentes, é principalmente dedicado ao problema da localização do baptistério e à sua forma ou tipo.»⁶¹⁷ Na mesma secção o Boletim apresentou o último número da revista *Ora et Labora*⁶¹⁸, da qual destacou a publicação da conferência proferida a 15 de fevereiro por D. Tomás Gonçalves de Oliveira osb a propósito da reintegração artístico-litúrgica da igreja do mosteiro de Santo Tirso. Intitulada

⁶¹⁶ Le Mystère du Baptême I – L'Esprit de la célébration, *L'Art Sacré*, n.ºs 3/4 (nov.-dez.1962); Le Mystère du Baptême I – L'architecture et le geste rituel, *L'Art Sacré*, n.ºs 5/6 (jan.fev.1963).

⁶¹⁷ [MRAR], Bibliografia – *L'Art Sacré*, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 22 (jul.-ago.1963), p. 2.

⁶¹⁸ *Ora et Labora*, Ano 10, n.º 2 (1963).

«Exigências espaciais da celebração litúrgica» era constituída por uma análise clara e segura da evolução histórica do tema, bem como dos aspetos teológicos e litúrgicos com ele relacionados.

No noticiário, o Boletim deu conta de mais um Congresso Anual do SIAC, realizado durante o mês de julho em Galway, na Irlanda, e centrado no tema «O artista ao serviço do indivíduo, da comunidade nacional e supranacional». E antes de proceder ao aviso de interrupção para férias das atividades do MRAR fez o balanço das inscrições de novos sócios durante os primeiros sete meses do ano⁶¹⁹.

Por dificuldades logísticas, o silêncio do MRAR durou até meio de outubro, altura em que finalmente conseguiu ter um local e conferencistas confirmados para poder enviar a todos os interessados o programa e ficha de inscrição no III Encontro de Outono, que se realizaria nos dias previamente indicados no novo Centro de Retiros do Patriarcado, na Quinta do Marquês de Fontes, na Buraca, logo à saída de Lisboa. O encontro, que contou com 27 participantes⁶²⁰, teve início na manhã do dia 1 de novembro com uma meditação pelo P. João de Almeida dividida em três tópicos – a Aliança de Deus com os homens, o Espírito Santo e a Santidade. Nos dois primeiros dias, depois do tempo de silêncio, realizaram-se as já previstas reuniões de pequenos grupos. Já no terceiro, optou-se por uma reunião de todos os participantes com o mesmo objetivo das anteriores. Estes tempos de grupo, apesar de curtos, foram considerados muito fecundos pelo esforço pessoal, estudo bíblico e espírito fraternal que envolviam.

A tarde do primeiro dia começou com a palestra do P. José da Felicidade Alves, dedicada ao tema «O Baptismo como Sacramento de inserção da pessoa

⁶¹⁹ Um novo sócio efetivo: Judith Caldeira de Castel-Branco. Dezoito novos sócios auxiliares: Dr. José Pedro Pinto Leite, Manuel Lapa, arquiteto Jorge Viana, Júlio Cunha e Sá, João Santos Simões, Padres Carmelitas, arquiteta Maria Teresa Capucho, engenheiro José Luís d'Orey, engenheiro Carlos Garnel, Centro Inter-Ordens Terceiras Carmelitas, Maria Emília da Conceição, arquiteto Octávio Lixa Filgueiras, P. Armando Giovanni, P. António Crisóstomo, P. Manuel Simões sj, P. António Correia, Fausto de Almeida Rodrigues, P. Artur de Melo Borges. Três novos sócios estudantes: Eduardo Rebelo de Andrade, Luís Nagy, Cândido Vasconcelos Abreu.

⁶²⁰ As inscrições tinham sido 37: José Pedro Pinto Leite, Diogo L. Pimentel, Judith Caldeira de Castel-Branco, J. Maya Santos e Maria Sofia Viana Maya Santos, Erich Corsépius, José Luis de Matos, Maria Luísa Marinho Leite, Madalena Cabral, José Maria Torre do Valle Santos, N. Teotónio Pereira, Maria Luísa Ribeiro Soares Medeiros, Luís Filipe Nunes Borges Medeiros, José Luís Zúquete, Maria Rafaela Zúquete, José Maria Marques, Natércia Maria Guimaráes de Bragança, Fernando Varanda, José António Martins Cabido, Luiz Cunha, P. Henrique de Noronha Galvão, Maria da Luz Soares Franco, Margarida de Sousa Lobo, Lourdes Veloso, Maria da Conceição Borges, Amália Marília Nora, Maria do Carmo Matos, Maria Eduarda Cruzeiro, Francisco Fernandes, Manuel Marques de Aguiar e Mulher, Pedro Paulo Cardoso d'Orey e Mulher, Elisabeth da Silva Oliveira, Maria Cristina Azevedo Campos, Manuel Aranha e Maria Alice Beaumont.

na comunidade cristã», que nas palavras do Boletim, «*fez o Encontro. Dizemos: fez o Encontro – no sentido de: traçou o caminho e abriu perspectivas para o trabalho a realizar nos restantes dias*»⁶²¹. Dada a intensidade da matéria dada, o grupo presente decidiu renunciar ao trabalho por grupos em prol de uma reunião geral orientada pelo conferencista, na qual se colocaram inúmeras questões. No entanto, «*não se pretendiam propriamente conclusões. “Não será talvez a nossa geração a tirá-las” – dizia o Rev. P. Felicidade*»⁶²², mas encontrar caminhos para uma compreensão mais profunda das formas e realidades que exprimem e são expressas pelo Batismo, não com o objetivo de chegar a inovações, mas tão-só corrigir desvirtuamentos existentes ou evitar o aparecimento de novos.

Na tarde do dia 2, o P. João Resina apresentou uma conferência intitulada «Teoria dos símbolos», ilustrada com numerosos exemplos que ajudaram à clareza e entendimento da exposição. Começou por explicar a evolução histórica da palavra para terminar falando da possibilidade de revelação da linguagem simbólica e da sua capacidade de dar a reconhecer mais do que a conhecer. Uma vez mais e dado o interesse suscitado pelo tema, seguiu-se uma reunião geral de debate e esclarecimento com a orientação do orador onde se questionou a inteligibilidade dos símbolos na época contemporânea, e a capacidade desta de criar os seus próprios símbolos.

Na terceira e última tarde, a alteração ao programa foi ainda maior: em vez da palestra do P. José Ferreira sobre «Liturgia baptismal e baptistério», optou-se pela realização de uma reunião dedicada a questões concretas que tinham surgido no debate do primeiro dia. O P. José Ferreira orientou esse tempo e assim se discutiram abertamente os problemas de solução e localização do batistério enquanto se reviam várias diretivas que se vinham aceitando exclusivamente. Ainda nessa tarde realizou-se uma sessão de projeção de imagens de batistérios recém-realizados, comentados pelo P. João de Almeida, o que se revelou extremamente útil para explicitar e exemplificar aspetos discutidos anteriormente. Antes do jantar e em ligação com o tema dos símbolos, Diogo L. Pimentel apresentou algumas imagens das obras mais recentes de Ferdinand Gehr. O III Encontro de Outono do MRAR terminou com um animado jantar e com a sugestão de se realizarem outros não só em Lisboa, mas também no Porto e noutras cidades do país.

Durante o resto do mês de novembro o MRAR manteve-se em silêncio, apenas quebrado pelas duas conferências dedicadas a temas de arquitetura

⁶²¹ [MRAR], III Encontro de Outono, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 23 (out.nov.1963), p. 1.

⁶²² *Ibidem*.

sacra, proferidas pelo P. João de Almeida, nos dias 21 e 22, no salão de festas do Paço Episcopal de Bragança, no âmbito da preparação do concurso de anteprojetos para a nova Sé. Pouco tempo depois, a 3 de dezembro reuniu-se uma vez mais o Conselho Diretivo⁶²³ para tratar de vários assuntos relacionados com o MRAR. Assim, o ponto inicial compreendeu a admissão como sócio efetivo do P. Fernando Micael, o que foi aprovado por unanimidade. Falou-se de seguida das Pias Discípulas do Divino Mestre ao Serviço da Liturgia, que tinham aberto recentemente na Rua Ivens, em Lisboa, «*uma loja ordinárrissima de artigos religiosos*»⁶²⁴, tendo sido decidido contactá-las, tarefa que foi entregue a Madalena Cabral e Maria Rafaela Zúquete. Francisco Fernandes apresentou depois o programa de atividades do grupo de Música Sacra onde se destacava a intensificação da relação deste com o Conservatório Nacional de Música, o que criava a esperança de um incremento quer do número de atuações quer da influência musical do grupo. Quanto ao coro, colocou-se a dúvida sobre se deveria pertencer ao MRAR ou ser autónomo, não se chegando a nenhuma conclusão. A palavra seguiu então para o P. João de Almeida, que trazia notícias da sua viagem ao norte, onde contactara com vários sócios efetivos que lhe comunicaram a sua intenção de realizar um encontro no Porto em 1964, à semelhança dos realizados nos anos anteriores no sul, para o que já contavam com uma comissão organizadora⁶²⁵. Isto acabou por levantar o tema dos encontros anuais e levar à reflexão da forma como correria o III Encontro de Outono, colocando-se a hipótese de o passar para o Verão. Falou também do avançar de um concurso de anteprojetos para a nova igreja de São Martinho da Cedofeita, no Porto, cuja organização estava a cargo de Luiz Cunha e Manuel Aguiar⁶²⁶ (FIG. 71). Quanto ao concurso para a nova Sé de Bragança comunicou-se que se esperava a sua abertura ainda durante o mês de dezembro. Para o próximo ano seria já a grande exposição sobre as novas igrejas da Alemanha, que se encontrava em preparação com o patrocínio da FCG e a colaboração da Embaixada

⁶²³ Estiveram presentes Elisabeth Évora Nunes, Madalena Cabral, Maria Rafaela Zúquete, S. Formosinho Sanchez, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Francisco d'Orey, Francisco Fernandes, N. Teotónio Pereira, António Lino, Vitorino Nemésio, Francisco Figueira, e P. João de Almeida.

⁶²⁴ MRAR, [Acta da reunião de Conselho Diretivo], [Manuscrito], Lisboa (3.dez.1963), p. 1.

⁶²⁵ Formada por Luiz Cunha, Maria Luísa Marinho Leite, Carlos Carvalho Dias e Manuel Aguiar.

⁶²⁶ O P. João de Almeida, juntamente com Diogo L. Pimentel, chegaram a deslocar-se ao Porto para algumas reuniões preparatórias do concurso. Foi também elaborado uma pequena publicação com o programa de construção da igreja para ser entregue aos concorrentes, mas o concurso nunca chegou a concretizar-se, tendo o projeto da nova igreja da Cedofeita sido elaborado pelo arquiteto Eugénio Alves de Sousa. A nova igreja de São Martinho de Cedofeita foi consagrada no dia 11 de novembro de 1979.

da República Federal Alemã. Em último lugar designaram-se alguns membros do MRAR para se reunirem com o Secretariado de Informação Religiosa, que procurava estabelecer com o Movimento uma colaboração efetiva e permanente na divulgação de questões relacionadas com a arte sacra, nomeadamente no *Boletim de Informação Pastoral*.

Muitíssimo interessado, o MRAR, que constatava que na sua fundação «sempre teve em vista atingir, na medida do possível, todo o território nacional e todos os meios interessados ou interessáveis na matéria»⁶²⁷, mas podia verificar «que a acção do MRAR nesse sentido tem sido lenta, tendo-se até agora conseguido resultados positivos, mas quase exclusivamente em âmbitos restritos»⁶²⁸, viu nesta possibilidade uma «convergência de interesses e esforços [...] [e uma] oportunidade inestimável de dar um grande passo em frente no caminho que nos propusemos (como Movimento e cada um de nós individualmente) percorrer»⁶²⁹, pelo que dedicou as suas duas reuniões seguintes, a 10 e 19 de dezembro, a este assunto.

Pelo meio, no dia 17, o MRAR realizou a sua última reunião de estudo do ano, que tinha como convidado o escultor Lagoa Henriques. Isto anunciou um atrasado Boletim n.º 23, de outubro-novembro, que obrigou ao envio aos sócios de uma circular a 13 de dezembro com essa informação, mas não impediu que à hora marcada cerca de 45 pessoas estivessem presentes no local da reunião, a Casa de S. Mamede, em Lisboa. Ali tiveram oportunidade de ouvir as reflexões de Lagoa Henriques sobre as questões que o orientador da reunião, Nuno Portas, lhe foi colocando a propósito do trabalho do escultor, a relação deste com as encomendas oficiais e com os critérios dos arquitetos, até a troca de palavras se estender à assistência, graças às intervenções do P. João de Almeida, de Erich Corsépius, Diogo L. Pimentel e do engenheiro Santos Simões.

O ano de 1963 aproximava-se do fim e o tempo era de balanço e programação do futuro. No início do ano, a Direção manifestara duas preocupações dominantes: primeiro, consolidar os meios de ação e formação já instituídos, como o Boletim – que manteve a orientação, tendo-se no entanto adicionado a publicação de textos cujo conteúdo ou oportunidade revelavam grande interesse –, as reuniões mensais – que acabaram por ser apenas sete e em datas irregulares, consequência da introdução de novos temas e de novas formas de organização, avaliada como francamente positiva apesar dos inconvenientes

⁶²⁷ PIMENTEL, Diogo L. [Carta ao Secretariado de Informação Religiosa], Lisboa (17.dez.1963), p. 1.

⁶²⁸ *Ibidem*.

⁶²⁹ *Ibidem*.

causados – e o Encontro de Outono. Em segundo lugar, a Direção revelara a sua intenção de realizar os campos de atividade anteriormente propostos e alguns passos foram dados no desenvolvimento do grupo de Música Sacra – cuja continuidade de trabalho continuava por assegurar devido à falta de elementos ativos disponíveis e também a algumas dúvidas quanto aos meios de ação a adotar –, e do concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança, principalmente devido ao trabalho organizativo de A. Freitas Leal. No entanto, no final de 1963 a Direção tinha «*consciência de não ter conseguido vencer a inércia e dificuldades determinantes do sucessivo adiamento a que tais planos têm sido sujeitos. [...] Estruturação de um grupo de estudantes, organização e montagem de exposições itinerantes, fomento de produção de obras de arte sacra, edições diversas, formação de um coro experimental, colaboração assídua com órgãos de imprensa diária ou periódica, foram outros tantos pontos não abordados ou não conseguidos*»⁶³⁰. Mas para a Direção, duas questões eram mais graves do que reconhecer que tanto ficara por fazer: por um lado, o facto de o MRAR continuar com o seu campo de ação restrito a Lisboa e Porto, quando «*nada justifica a quase exclusividade que se tem manifestado, tanto mais que quando se diz Lisboa se refere Lisboa-Cidade e não Lisboa-Diocese. Mas mesmo em Lisboa-Cidade, não deveremos concordar que as nossas actividades formativas e informativas se têm dirigido a um diminuto grupo de pessoas por si mesmas directamente ou indirectamente já interessadas por tais questões? Que temos feito para atingir a grande massa de fiéis com quem, como artistas, desejamos dialogar?*»⁶³¹. Por outro, a fraca participação dos sócios na missa mensal que a Direção considerou como um grave sintoma, porque «*o MRAR não é um movimento profano*»⁶³².

Estas preocupações foram apresentadas à Assembleia Geral de 10 de abril de 1964, juntamente com o registo de aumento do número de sócios de 154 (28 efetivos, 95 auxiliares e 31 estudantes) para 168 (31 efetivos, 107 auxiliares e 30 estudantes) e o programa de atividades para 1964, em que, «*consciente das limitações próprias, dos recursos disponíveis e da receptividade do meio, a Direcção sem total ausência de “ambição” [...] propõe-se [...] imprimir “movimento” ao*

⁶³⁰ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório da Direcção – Ano 1963* (10.abr.1964), pp. 2-3.

⁶³¹ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório da Direcção – Ano 1963* (10.abr.1964), p. 3.

⁶³² SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório da Direcção – Ano 1963* (10.abr.1964), p. 4.

MRAR»⁶³³, promovendo conferências sobre Arte Sacra, realizando programas de televisão e colaborando intensamente com o SIR. Quanto a novas atividades, propunha-se realizar um Encontro no Porto, o concurso de anteprojetos para a nova igreja da Cedofeita e duas exposições – «Novas Igrejas na Alemanha» e uma outra de paramentaria e ourivesaria sacra. Paralelamente iria manter o Encontro de Outono, as reuniões mensais de estudo⁶³⁴ e a publicação do Boletim.

O ano de 1964 começou com a abertura do concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança⁶³⁵, que contou com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian (FIG. 72). O Regulamento e Programa do Concurso, que seguiu de muito perto o documento homólogo utilizado dois anos antes no concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus, primou por cumprir o rigor e os princípios de transparência e justiça defendidos pelo Movimento, de modo que deu a conhecer desde logo os membros do júri: o cónego Dr. António de Figueiredo Sarmiento, pela Diocese de Bragança, e os arquitetos A. Freitas Leal, pelo MRAR, Alfredo Viana de Lima, pela Câmara Municipal de Bragança, Octávio Lixa Filgueiras, pelo SNA, e Alberto da Silva Bessa, pelo Ministério das Obras Públicas. A estes associaram-se, a título consultivo, o Dr. Mário Tavares Chicó, professor de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, o engenheiro Joaquim Sampaio, professor da Faculdade de Engenharia do Porto e do Laboratório de Ensaios de Materiais da mesma Faculdade, o P. José Ferreira, professor de Liturgia do Seminário dos Olivais, e o P. João de Almeida, assistente eclesástico do MRAR (os dois últimos redatores do Programa do Concurso). Já a atribuição prevista de vários prémios – até um máximo de onze concorrentes – procurou não só compensar o significativo investimento por estes feito, mas também estimular a participação e conseqüente reflexão, pesquisa e desenvolvimento do tema.

O programa, tal como o do concurso de Lisboa, começou por definir sumariamente, nos mesmos moldes as características de uma igreja – pois a Catedral também o era –, para depois se concentrar na sua funcionalidade e organização, que tratou em 42 dos 70 pontos do Programa. No entanto e apesar de se terem passado apenas dois anos, o contexto litúrgico alterara-se significativamente,

⁶³³ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Programa de actividades para 1964* (10.abr.1964), p. 1.

⁶³⁴ Na reunião da Direção de 28 de dezembro de 1963, foram propostas as seguintes reuniões mensais até ao verão: centros paroquiais (janeiro), poesia (fevereiro), pintor (março), Júlio Resende (abril), igreja de S. Mamede de Negrelos (maio), música (junho), Frederico George (julho).

⁶³⁵ As inscrições estiveram abertas entre 31 de dezembro de 1963 e 31 de janeiro de 1964.

consequência da promulgação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia pelo Concílio Vaticano II 27 dias antes da abertura do concurso, ou seja, no dia 4 de Dezembro de 1963. Esta situação levantou sérias e pertinentes interrogações dos concorrentes, que atentos a este facto manifestaram a sua preocupação nos pedidos de esclarecimentos, mas os organizadores optaram por deixar para as fases seguintes eventuais modificações do espaço litúrgico e assim se manteve o programa tal como fora lançado até à data da entrega das propostas, a 30 de junho de 1964.

A abertura do concurso de anteprojetos foi noticiada pelo primeiro Boletim do ano, que teve como um dos principais artigos um comentário à Constituição Apostólica sobre a Sagrada Liturgia que não era «*uma sistematização exaustiva e definitiva das reformas a fazer*»⁶³⁶, pelo que poderia desiludir alguns por não se encontrarem expressas «*na letra da Constituição muitas reformas concretas. É que o Concílio atacou de frente as próprias estruturas da liturgia, marcando princípios sólidos de renovação que irão dar os seus frutos, [...] fugindo assim a um juridicismo que cristalizaria toda a evolução do movimento litúrgico*»⁶³⁷. Esta característica pro-versiva e não taxativa da Constituição era, por conseguinte, «*um indicativo da orientação geral do Concílio em relação à reforma de toda a vida da Igreja. Faz-nos portanto antever o que será uma Igreja que, por uma purificação interna e por uma abertura a todos os valores humanos, terá reencontrado o dinamismo evangélico para fermentar toda a massa humana, e terá acertado o passo com um mundo moderno que ela tem missão de salvar*»⁶³⁸. Com este comentário e seu destaque no Boletim n.º 24, testemunhou o MRAR o seu compromisso e cumplicidade com o Concílio Vaticano II. Boletim que não se esqueceu de relatar a última reunião de estudo, que contara com a presença do escultor Lagoa Henriques, e de anunciar a próxima, que seria sobre o anteprojecto de uma igreja, pois a Direção verificara que em todo o ano anterior apenas se realizara uma reunião dedicada a esse tema.

No dia 18 de fevereiro, meia centena de pessoas deslocou-se à Casa de S. Mamede⁶³⁹ para participar na reunião sobre a futura igreja de Santiago, em Almada (N. Teotónio Pereira, Luís Moreira, Nuno Portas, 1963-1969)(FIG. 73). O pároco – que marcou presença juntamente com um pequeno grupo de

⁶³⁶ [MRAR], Constituição Apostólica sobre a Sagrada Liturgia, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 24 (dez.1963-jan.1964), p. 1.

⁶³⁷ *Ibidem*.

⁶³⁸ *Ibidem*.

⁶³⁹ O Movimento abandonara definitivamente a sala da Rua da Fé, por falta de condições para a realização das reuniões.

paroquianos – começou por explicar as razões que levaram à necessidade de construção de 4 a 5 novas igrejas em Almada, das quais esta era a primeira e a principal. N. Teotónio Pereira e Luís Moreira apresentaram seguidamente o seu trabalho recorrendo a diapositivos e a um modelo em gesso do conjunto, tendo-se desencadeado uma viva discussão que envolveu, entre outros, os padres João de Almeida, Avelino Rodrigues e H. de Noronha Galvão, Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, Erich Corsépius, Diogo L. Pimentel, Sá Dantas e o engenheiro Santos Simões. Os temas debatidos focaram principalmente questões de ordem funcional-litúrgica a propósito da localização do batistério, da entrada e do ambiente interno da igreja, encarados à luz da Constituição sobre a Sagrada Família que estava na ordem do dia⁶⁴⁰. Na avaliação do anteprojecto, o Boletim exaltou-o como «*mais um passo em frente na lenta caminhada das soluções de “receita tradicional” para as soluções resultantes de uma séria ponderação de raiz pastoral (especialmente litúrgica), as quais se podem por isso verdadeiramente chamar actuais; soluções em que o vocabulário arquitectónico empregado decorre naturalmente dessa base reflectida, discutida, digerida e finalmente traduzida em termos de espaço e arquitectura*»⁶⁴¹. Era por isso uma «*oportunidade bem aproveitada*» que beneficiará não só a comunidade de Almada mas também [...] o actual movimento de purificação da Igreja Católica»⁶⁴². Uma semana depois reuniu-se o Conselho Diretivo⁶⁴³ para discutir alguns assuntos prementes, entre os quais o Encontro do Porto, já preparado pelo núcleo local, e a exposição «Novas Igrejas na Alemanha», que tinha inauguração marcada para daí a pouco mais de um mês, na SNBA, em Lisboa.

No dia 2 de abril, o Presidente da República Américo Tomás, juntamente com os ministros da Educação Nacional e dos Negócios Estrangeiros, o Núncio Apostólico Monsenhor Fürstenberg e o Dr. Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da FCG, entre outras individualidades, inaugurou oficialmente a exposição, conforme noticiou a imprensa⁶⁴⁴ (FIGS. 74, 75 e 76).

⁶⁴⁰ Nos dias 21 e 28 de janeiro e 4 e 10 de fevereiro, o Secretariado de Informação Religiosa promovera um pequeno curso de informação e esclarecimento sobre a referida Constituição, orientado pelos padres José da Felicidade Alves e José Ferreira, que contou com a participação de mais de uma centena de sacerdotes e leigos de Lisboa.

⁶⁴¹ [MRAR], Reunião de estudo (18/fev/64) – relato, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 24 (fev.-mar.1964), p. 1.

⁶⁴² *Ibidem*.

⁶⁴³ Estiveram presentes o P. João de Almeida, S. Formosinho Sanchez, Erich Corsépius, Madalena Cabral, Maria do Carmo Matos, Rafaela Zúquete e Francisco Gois Figueira.

⁶⁴⁴ Novas Igrejas na Alemanha, *Diário Popular* (2.abr.1964), pp. 8.15; Uma dezena de anos de arte religiosa na exposição «Novas Igrejas na Alemanha» esta tarde inaugurada pelo Chefe do

Quanto ao MRAR, fez-se representar pelo seu presidente, S. Formosinho Sanchez. Apresentada pela primeira vez em 1960 durante o Congresso Eucarístico de Munique e posteriormente na Holanda em 1961, na Irlanda no ano seguinte e em Espanha em 1963, a exposição, organizada por uma comissão presidida por Hugo Schnell, era composta por grandes painéis fotográficos concebidos para impressionar os visitantes e dar «*a sugestão de um vasto e grandioso templo*»⁶⁴⁵, o que motivou desagrado ao BIP, pela contradição com as intenções de verdade, simplicidade e pureza das obras expostas, levando-o a afirmar que «*a exposição de certa maneira atraiçou a matéria que se propunha divulgar*»⁶⁴⁶.

Quanto às igrejas apresentadas, que para o *Novidades*, «*apesar do seu modernismo, estão integradas num perfeito espírito de humildade cristã e de pura liturgia eclesial*»⁶⁴⁷, muitas delas «*chocaram alguns dos visitantes. As próprias obras reproduzidas no catálogo nem a todos agradaram. Poucos dias depois da abertura, uma comissão paroquial sugeriu a um arquitecto que para a igreja a construir adoptasse uma das soluções expostas*»⁶⁴⁸, mesmo dizendo o Cardeal-Patriarca o contrário no prefácio do catálogo, onde afirmou que a exposição «*não vale como lição a copiar, mas como exemplo e incentivo. [...] [pois] os arquitectos portugueses terão certamente que levar em conta os factores próprios do nosso meio*»⁶⁴⁹. Algum tempo depois, «*outra comissão, pelo contrário, recomendava que se não falasse na exposição porque isso indisporia parte da assistência à sessão em que ia ser discutido o projecto da sua igreja paroquial. [...] Em todos estes casos se não aproveitou da melhor maneira o contributo da exposição para a moderna arquitectura sacra entre nós*»⁶⁵⁰. De facto, como referiu Diogo L. Pimentel no catálogo, «*algumas soluções nos aparecerão como novas, outras, e ainda que recentes, poderemos dizê-las*

Estado, *Diário Popular* (2.abr.1964), pp. 8.15; «Novas Igrejas na Alemanha» – Uma notável exposição ontem inaugurada na S.N.B.A. pelo Chefe de Estado, *Novidades* (3.abr.1964), p. 3; Novas Igrejas na Alemanha, *Novidades – Letras e Artes* (5.abr.1964), p. 3; «Novas Igrejas na Alemanha» – na Sociedade de Belas-Artes, *Jornal Artes e Letras* (8.abr.1964), p. 8.

⁶⁴⁵ «Novas Igrejas na Alemanha» – Uma notável exposição ontem inaugurada na S.N.B.A. pelo Chefe de Estado, *Novidades* (3.abr.1964), p. 3.

⁶⁴⁶ A propósito da Exposição das Novas Igrejas na Alemanha, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 16.

⁶⁴⁷ «Novas Igrejas na Alemanha» – Uma notável exposição ontem inaugurada na S.N.B.A. pelo Chefe de Estado, *Novidades* (3.abr.1964), p. 3.

⁶⁴⁸ A propósito da Exposição das Novas Igrejas na Alemanha, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 15.

⁶⁴⁹ CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves [Prefácio], *Novas Igrejas na Alemanha*, Editorial Schnell & Steiner, Munique – Zurique (1964), p. 5.

⁶⁵⁰ A propósito da Exposição das Novas Igrejas na Alemanha, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 15.

*ultrapassadas. Um e outras, no entanto, nos darão matéria para reflectirmos e aferirmos critérios. Não é um modelo que se propõe, são vários caminhos e experiências que se divulgam e devem ser discutidos»*⁶⁵¹.

Portugal, apesar de não ter sofrido como a Alemanha com a destruição provocada pela guerra, tinha semelhantes necessidades de construção de novas igrejas, pelo que para problemáticas semelhantes, interessava conhecer e refletir sobre aquelas respostas, mesmo não dispondo Portugal dos liturgistas e arquitetos presentes na Alemanha, na Suíça ou na França. E se era verdade a existência de tal condicionamento, igualmente era «a certeza de que já há alguns princípios que podem conduzir à formação desses valores [...]. No plano da Liturgia e da Arte Sacra há já entre nós tentativas e realizações válidas, embora justificadamente tímidas e ainda em princípio. Trata-se a nosso ver de uma primeira fase que é necessário ultrapassar»⁶⁵². Para isso, era indispensável trazer para a discussão o que afirmara o Cardeal Julius Döpfner no catálogo: «A moderna construção de igrejas não se propõe como primeiro objectivo a criação de estilos novos, mas antes o cuidado de exprimir em termos de arquitectura as ideias eclesiológicas redescobertas na nossa época, depois de longo esquecimento, especialmente no que se refere à celebração eucarística. Voltamos a compreender e a viver a Igreja como um corpo cuja cabeça é Cristo e cujos membros somos nós [...] dá a necessidade de evolução na construção de igrejas, característica do nosso tempo.»⁶⁵³ Este foi também o entendimento de Alfredo Margarido, que num extenso artigo no *Jornal Artes e Letras* considerou que «o que ressalta destas igrejas, bem como dos objectos de culto expostos, é o aparecimento de uma compreensão dos fenómenos estéticos do nosso tempo, enquadrados por sua vez numa compreensão francamente mais aberta da problemática religiosa», ou seja, comprovava-se que «a novidade das formas resulta necessariamente duma nova, e mais profunda, inteligência da função da igreja, é por aqui que se inicia uma arquitectura religiosa de características modernas». Pelo contrário, «quando meditamos nas igrejas que ultimamente se têm construído em Portugal, somos levados a pensar que não se verifica no nosso país a existência de uma mais profunda inteligência da função da igreja, [...] [pelo que] enquanto se não conseguir uma reforma da actual inteligência da igreja, não será possível dispormos de uma arquitectura religiosa mais coadunada com os elementos

⁶⁵¹ PIMENTEL, Diogo L. [Introdução], *Novas Igrejas na Alemanha*, Editorial Schnell & Steiner, Munique – Zurique (1964), p. 13.

⁶⁵² A propósito da Exposição das Novas Igrejas na Alemanha, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 15.

⁶⁵³ DÖPFNER, Cardeal Julius [Prefácio], *Novas Igrejas na Alemanha*, Editorial Schnell & Steiner, Munique – Zurique (1964), p. 7.

do nosso tempo, com os materiais do nosso tempo, com a arte do nosso tempo [pois] a uma forma retrógrada de pensar os problemas, corresponde, necessariamente, uma forma retrógrada de realizar arquitetura»⁶⁵⁴, o que era uma crítica direta ao prefácio do Cardeal-Patriarca, por este ter afirmado que «a novidade das formas arquitectónicas resulta necessariamente duma nova, e mais profunda, inteligência da função da igreja, que o progresso litúrgico veio pôr em relevo»⁶⁵⁵, mas não o ter concretizado nos mesmos termos do Cardeal Julius Döpfner. Porque, como afirmou o BIP, «a grande novidade da moderna arquitectura sacra não está tanto nas formas encontradas, como na descoberta das necessidades e razões profundas a que elas procuram dar resposta. [...] Se reflectirmos um pouco, veremos que mais do que uma ideia de igreja, temos uma imagem de igreja. [...] O mérito dos alemães foi reformularem integralmente a problemática da construção de igrejas, investigando à luz da Teologia, da Liturgia, da Pastoral e da Arte o que é uma igreja, para que serve, como deve ser»⁶⁵⁶.

Foram estas respostas que o mesmo BIP procurou dar no artigo seguinte começando por constatar que «nenhuma das novas igrejas alemãs é do tipo das nossas clássicas igrejas construídas nos últimos séculos [...] porque esse tipo “clássico” já não corresponde ao conceito de igreja que o movimento litúrgico-pastoral acabou por definir, nem às funções que hoje uma igreja tem de desempenhar se estiver ao serviço de uma comunidade de fiéis que vive a liturgia»⁶⁵⁷, ou seja, que já não assiste ou ouve a missa como a algo que acontece independentemente da sua presença, mas «pelo contrário, [...] liberta do “subdesenvolvimento” eclesial [...] os fiéis sabem e sentem que a missa, como as outras celebrações, é acção em que tomam parte, como membros que são de direito da assembleia litúrgica»⁶⁵⁸. Esta era a preocupação essencial de uma igreja moderna – o facultar às assembleias uma participação plena e adequada nas diversas celebrações⁶⁵⁹ –, sendo a sua forma arquitetónica secundária e plasticamente livre, mas unânime na exigência da

⁶⁵⁴ MARGARIDO, Alfredo, Das Artes Plásticas – Novas Igrejas na Alemanha, *Jornal Artes e Letras* (29.abr.1964).

⁶⁵⁵ CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves [Prefácio], *Novas Igrejas na Alemanha*, Editorial Schnell & Steiner, Munique – Zurique (1964), p. 5.

⁶⁵⁶ A propósito da Exposição das Novas Igrejas na Alemanha, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 15.

⁶⁵⁷ Lições de uma exposição, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 17.

⁶⁵⁸ Lições de uma exposição, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 18.

⁶⁵⁹ O artigo foi ilustrado com as plantas de três igrejas alemãs: Sta. Maria in den Benden, em Düsseldorf (Emil Steffann, 1959), St. Maria Königin, em Frechen (Rudolf Schwarz, 1952-54) e St. Anna, em Düren (Rudolf Schwarz, 1951-56).

pureza – «despreza o acessório, o amaneirado, o postiço»⁶⁶⁰ – e da verdade – «não há artifícios de construção ou de decoração a disfarçar ou a fingir elementos estruturais. [...] Hoje o que é, é, e deve aparecer tal como é»⁶⁶¹. E precisamente por buscarem a verdade em todas as suas dimensões, as igrejas apresentadas na exposição eram exemplos que se enquadravam bem na Alemanha, mas não em Portugal, porque «o geometrismo, a lógica, a nudez, a frieza das soluções alemãs, não seriam “verdade” em igrejas modernas portuguesas»⁶⁶², que tinham de responder à «psicologia e sensibilidade de meridionais afectivos, espontâneos, comunicativos, alegres, sentimentais, emotivos, bondosos, etc...»⁶⁶³. A terminar, o BIP elogiou o esforço do MRAR que numa escala mais modesta já realizara «obra fecunda de renovação de mentalidade e preparação de um escol de padres e arquitectos, graças à qual já se tornam possíveis, compreendidas e desejadas novas igrejas em Portugal. Tudo isto fruto do estudo, reflexão em conjunto e trabalho de quantos o fundaram e lhe têm dado vida»⁶⁶⁴.

De outra ordem foi a análise feita pelo arquiteto Pedro Vieira de Almeida, estruturada em três pontos: o método expositivo, o material exposto e os ensinamentos a colher da exposição. Apesar de começar com uma apreciação claramente positiva – «esta exposição proporciona – e aí é já uma sua primeira vantagem – uma discussão de argumentos e um arejar de ideias que evidentemente outras manifestações não sugerem»⁶⁶⁵ –, logo passou para uma leitura bastante crítica da exposição, principalmente no que ao ponto inicial dizia respeito. Primeiro, questionou o valor pedagógico da exposição, basicamente informativa. Concebida para um público culturalmente integrado e esclarecido, o que não correspondia ao público português, esta, na sua apresentação em Lisboa, devia ter sido completada com uma crítica que permitisse o esclarecimento de todos os interessados na construção de igrejas, profissionais ou não, «sobre a situação desses mesmos exemplos, quer em relação a problemas intrínsecos de arquitectura, quer em relação a uma liturgia viva que neste momento se renova, e que aqui se desconhece»⁶⁶⁶. Depois mereceu também a sua reprovação a atmosfera de sagrado recolhimento criada na sala maior, que contrariava um dos principais

⁶⁶⁰ Lições de uma exposição, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 18.

⁶⁶¹ Lições de uma exposição, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 19.

⁶⁶² Lições de uma exposição, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), p. 20.

⁶⁶³ *Ibidem*.

⁶⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁶⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de, A exposição das novas igrejas na Alemanha, *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, n.º 29 (jun.1964), p. 33.

⁶⁶⁶ ALMEIDA, Pedro Vieira de, A exposição das novas igrejas..., p. 36.

motivos da exposição, uma vez que «*um problema que pela sua actualidade deveria provocar uma larga discussão de pontos de vista, é apenas apreciado em sussurros medrosos quase envergonhados*»⁶⁶⁷. E por causa desta *falsa sacralidade* ou *mistério de bastidor* criada pelo modo de apresentação, esta era «*uma má exposição de arquitectura*»⁶⁶⁸.

Quanto ao material exposto, considerou que «*entre Dominikus Böhm, Schwarz e Sep Ruf se resolvem [...] quase todas as procuras e experiências aqui patentes*»⁶⁶⁹, sendo o segundo o exemplo mais necessário nesta exposição, pelos seus trabalhos mais comunicáveis e evolutivos. Já os vitrais, os objetos de culto e a paramentaria considerou-os, no seu conjunto, de qualidade inferior às obras de arquitetura expostas. Por último, Pedro Vieira de Almeida apontou três lições a tirar da exposição: a primeira relativa à integração das artes plásticas na arquitetura, em que se verificava que só uma grande segurança formal permitia controlar os diferentes elementos gráficos presentes numa igreja; a segunda sobre a coerência de desenho, cujo melhor exemplo era o do arquiteto Sep Ruf, quer na igreja de St. Johann Capristan (Munique, 1960), quer na Zu den heiligen zwölf Aposteln (dos 12 Apóstolos) (Munique, 1953); e a terceira lição respeitava o reconhecimento da qualidade da arquitetura corrente, cujo valor só era possível graças a uma geral e viva cultura arquitetónica.

A fechar a lista de textos inspirados pela exposição publicou a revista *Brotéria*, no seu número de julho, um artigo intitulado «*Novas Igrejas – considerações a propósito de uma exposição*»⁶⁷⁰ da autoria de Nuno Portas, que no dia 16 de abril apresentara uma conferência com o tema «*Novas igrejas na Alemanha*». Logo no seu início revelou que a exposição tinha sido visitada por cerca de dez mil visitantes, para concluir do crescente interesse do público pela arquitetura moderna em geral e da predisposição daquele para a aceitar, inclusive numa área «*onde tem sido mais sensível a mentalidade conservadora que se considera defensora de uma tradição histórica*»⁶⁷¹. Depois de descrever a traços largos o percurso evolutivo da arquitetura religiosa desde o final do século XIX, dissertou resumidamente sobre as características das igrejas modernas, marcadas pelos dois sentidos dominantes da vida religiosa contemporânea: «*O primeiro, uma procura da mensagem cristã no seu sentido original, evangélico*

⁶⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁶⁸ ALMEIDA, Pedro Vieira de, *A exposição das novas...*, p. 37.

⁶⁶⁹ ALMEIDA, Pedro Vieira de, *A exposição das novas...*, p. 38.

⁶⁷⁰ PORTAS, Nuno, *Novas Igrejas – considerações a propósito de uma exposição*, *Brotéria*, vol. 79, n.º 1 (jul.1964), pp. 18-27.

⁶⁷¹ PORTAS, Nuno, *Novas Igrejas – considerações...*, p. 18.

e comunitário, ligada aos estudos bíblicos e à recuperação de valores perdidos da vida dos tempos apostólicos ou pré-constantinianos. [...] Esta preocupação vem-se consolidando na força da redescoberta de valores da pobreza, da justiça, da paz que se traduzem em vivências e formas despojadas de faustos, de manifestações exteriores. [...] O segundo, uma procura de encarnação da mensagem nos tempos modernos, recusando continuar a identificar a civilização cristã com determinadas estruturas históricas do mundo ocidental – feudais, imperiais ou integristas.»⁶⁷² Este contexto dera origem naturalmente a igrejas exteriormente mais reservadas e depuradas, e interiormente pensadas como «o contorno de um povo, reunido para dialogar com consciência e clareza, para participar abertamente numa acção sacerdotal; daí que se tenham ensaiado com êxito assembleias dispostas por forma mais envolvente, como alternativa a igrejas de expressão axial»⁶⁷³. A terminar destacou dentre as obras apresentadas na exposição, os projetos de reintegração das antigas igrejas destruídas nos bombardeamentos, por não encontrar «nada mais exemplar como resumo conclusivo nem mais naturalmente polémico em relação à experiência nacional, do que a liberdade criadora, verdadeiramente culta afinal, com que os novos materiais e técnicas, a nova expressão depurada e objectiva, os novos espaços funcionais para renovada liturgia, pastoral, eclesiologia, foram insuflados nesses «ex-monumentos»»⁶⁷⁴. A exposição encerrou no dia 26 de abril, um dia depois da apresentação pela Rádio Televisão Portuguesa numa breve reportagem sobre a mesma⁶⁷⁵, o que constituiu uma estreia do MRAR neste meio de comunicação social.

Entretanto, uma semana depois da inauguração da exposição «Novas Igrejas na Alemanha», no dia 10 de abril reuniu-se novamente a Assembleia Geral do MRAR, estando presentes os sócios efetivos Maria José de Mendonça, Maria Rafaela Zúquete, Maria do Carmo Matos, P. João de Almeida, N. Teotónio Pereira, S. Formosinho Sanchez, A. Freitas Leal, Erich Corsépius, Nuno Portas, Francisco Fernandes e Diogo L. Pimentel. Na ordem do dia estavam o relatório e contas do ano anterior, cuja apreciação começou com um lamento pela irregularidade da publicação do Boletim, justificada com as dificuldades de organização das reuniões mensais. A partir daqui a discussão centrou-se neste tópico, pondo-se em causa a desrotinização dos temas e o abandono do

⁶⁷² PORTAS, Nuno, *Novas Igrejas – considerações...*, pp. 21-22.

⁶⁷³ PORTAS, Nuno, *Novas Igrejas – considerações...*, p. 24.

⁶⁷⁴ PORTAS, Nuno, *Novas Igrejas – considerações...*, p. 27.

⁶⁷⁵ A reportagem, com cerca de dois minutos e meio, foi transmitida no programa cultural «Ângulo Recto», no dia 25 de abril de 1964 (Arquivo RTP: cassete n.º 3359/120, RTP LX 085822XD, descritivo 6401260).

esquema anterior mais centrado na apresentação de anteprojetos, que garantia um maior rendimento por estar estruturado um método de crítica de arquitetura. Questionou-se também a inclusão de reuniões de música sacra na programação mensal, que levou à hipótese de se dividirem as reuniões em dois grupos: as de carácter formativo interno e as de influência externa. Reconheceu-se no entanto que eram poucas as pessoas disponíveis para as organizar. E esse era o principal travão a novas iniciativas do MRAR, pois até financeiramente o Movimento tinha meios para o fazer. Por falta de tempo, o programa de atividades para o ano de 1964 não chegou a ser apresentado, tendo sido transferida a sua discussão para a próxima reunião do Conselho Diretivo, que aconteceria ainda durante aquele mês.

Pelo meio, realizou-se entre os dias 17 e 19 de abril no Hotel da Granja, no Porto, o Encontro do MRAR organizado pelo núcleo daquela cidade, para tratar de *«alguns dos mais urgentes problemas que se põem à consideração dos católicos conscientes da importância da Arte na vida da Igreja»*⁶⁷⁶ (FIG. 77). Inspirado no esquema diário de meditação, estudo e convívio proposto nos anteriores Encontros de Outono, o programa teve início na noite do primeiro dia, com a apresentação do tema «Arte Sacra e Litúrgica» pelo P. João de Almeida. Na manhã do dia 18, o P. Leonel de Oliveira orientou a primeira meditação do Encontro, centrada no Sermão da Montanha. Durante a tarde o P. José Felicidade Alves dissertou sobre a «Assembleia Cristã» e ao início da noite realizou-se uma sessão de projeção de diapositivos de Arte Sacra antiga e moderna, comentados pelo P. João de Almeida. No terceiro dia a meditação foi orientada pelo P. Albino Carvalho Moreira, enquanto o tempo de estudo compreendeu um debate antecedido pela passagem de diapositivos sobre «Arte Sacra portuguesa moderna», comentados por Luiz Cunha. O Encontro terminou ao final do dia com um jantar de convívio.

O atrasado Boletim n.º 25 de fevereiro-março de 1964 deu notícia desta iniciativa, juntamente com duas pequenas notas referentes à exposição «Novas Igrejas na Alemanha» e ao Concurso de anteprojetos para a nova Sé de Bragança, e uma crítica dura sobre a recém-inaugurada igreja de N. Sra. Auxiliadora, em Lisboa (João Simões, 1961-64), sobre a qual escreveu que ficou *«à margem (ou ignorante) do espírito conciliar [...]». Por isso, podemos dizer que esta igreja foi uma “oportunidade perdida” [...]. Perder oportunidades é sempre coisa grave, mais grave quando milhares de pessoas são directamente atingidas por essa perda, ainda que disso não tenham consciência. Em relação a essa gravidade, tudo o*

⁶⁷⁶ [MRAR], Encontro no Porto, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 25 (fev.-mar.1964), p. 2.

mais se torna secundário e por isso nem nos alargaremos na análise de pormenores que muito inspiram o nosso espírito crítico⁶⁷⁷, e mais ainda inspirarão certa tendência para um falso espiritualismo (poder-se-ia dizer “devoção piegas”) tão comum às nossas comunidades cristãs liturgicamente analfabetas»⁶⁷⁸. Como artigo principal, o Boletim publicou o relato da reunião realizada dois meses antes sobre a igreja de Almada, e a terminar anunciou a próxima, dedicada à igreja da Sagrada Família (também conhecida por igreja da Tabaqueira), em Albarraque (Jorge Viana, 1964-65), a realizar no dia 28 de abril.

Uma semana antes, a 20 de abril, reuniu-se como previsto o Conselho Diretivo para tratar do programa de atividades para 1964, estando presentes apenas sete sócios efetivos: Maria José de Mendonça, Maria do Carmo Matos, S. Formosinho Sanchez, Diogo L. Pimentel, Erich Corsépius e os padres João de Almeida e Fernando Micael. Os pontos abordados respeitaram a exposição de «Paramentaria Moderna», a inaugurar no final do mês de junho; o envio de quatro sócios⁶⁷⁹ do MRAR ao Congresso Mariano comemorativo do 1.º Centenário do Santuário do Sameiro; a participação do Movimento no Congresso do SIAC, a realizar nos dias 25 a 29 de julho, em Barcelona⁶⁸⁰; e uma visita de estudo à Suíça, que se realizou no final do mês de Agosto e juntou o P. João de Almeida, N. Teotónio Pereira, Diogo L. Pimentel, Nuno Portas e Luiz Cunha.

Oito dias depois realizou-se a agendada reunião mensal, a que compareceram cerca de 30 pessoas. A abertura coube a Diogo L. Pimentel, que sucintamente relatou os antecedentes da igreja⁶⁸¹, onde se incluía a sugestão do SNIP desta poder vir a ser no futuro sede de paróquia, o que levou à sua realocização e reprogramação. Seguiu-se a apresentação do projeto pelo seu autor, o arquiteto Jorge Viana, que com a ajuda de diapositivos e de um modelo dos volumes exteriores, descreveu o edifício, geometricamente concebido a partir de uma matriz hexagonal que se multiplicava de acordo com as necessidades funcionais do programa. As numerosas e variadas intervenções dos padres Felicidade Alves,

⁶⁷⁷ Esta foi feita no *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 6, n.º 31 (mai.-jun.1964), pp. 14-17, no artigo Autenticamente moderna?, que classificou este edifício como uma igreja falhada.

⁶⁷⁸ [MRAR], Inauguração de uma nova igreja em Lisboa, *MRAR – Boletim*, 2.ª Série, n.º 25 (fev.-mar.1964), p. 1.

⁶⁷⁹ P. João de Almeida, S. Formosinho Sanchez, A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel.

⁶⁸⁰ Pensou-se enviar como delegados o P. João de Almeida, Erich Corsépius e A. Freitas Leal.

⁶⁸¹ Para mais informações sobre os antecedentes da igreja e o processo de construção, ver CUNHA, João Alves da, A igreja da Sagrada Família, Bairro da Tabaqueira em Albarraque: percurso histórico e arquitectónico dos seus primeiros anos, in FERNANDES, José Manuel, RIBEIRO, João Salvado (coord.), *A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana*, Edição Adictologia Unipessoal Lda (2012), pp. 62-89.

João Pimenta e Avelino Rodrigues, de S. Formosinho Sanchez, Luiz Cunha, Diogo L. Pimentel, Nuno Portas, António Flores Ribeiro, Erich Corsépius e do Dr. João Couto, proporcionaram um debate invulgarmente vivo, que ao contrário do que era habitual até então comentou largamente as características arquitetónicas do projeto. No entanto, os aspetos relativos ao funcionamento litúrgico não deixaram de ser questionados, tendo sido dois os tópicos abordados com «viva troca de impressões: a localização da sacristia, e sua articulação com o espaço da igreja, e a organização do Santuário»⁶⁸². Quanto ao primeiro concluiu-se que seria vantajoso deslocar a sacristia para junto da entrada para melhor permitir o cortejo introital. No que respeita ao debate sobre o Santuário, ficou marcado pela vontade de se discutirem as consequências da recém-promulgada Constituição sobre a Sagrada Liturgia, pelo que rapidamente deixou de se limitar ao projeto que estava a ser apresentado. Foi assim que se levantaram questões sobre o conceito de Santuário e dos elementos que nele se situam, nomeadamente o altar, o ambão e a cadeira do celebrante, sem receio de pôr «em causa a estrutura espacial do Santuário, tal como chegou aos nossos dias»⁶⁸³. Regressada a atenção da reunião ao projeto em análise, compreendeu-se que este não podia explicitar ainda de modo definitivo estas interrogações. Reconheceu-se no entanto que já não se qualificava como «um projecto convencional nas soluções propostas»⁶⁸⁴, sendo, por isso, apreciado e valorizado como «um projecto de uma época de transição, um degrau da escada que, degrau a degrau, há-de ser subida»⁶⁸⁵. Esta reunião foi relatada no Boletim n.º 26, que noticiou também a Assembleia Geral de 10 de abril e as exposições «Novas Igrejas na Alemanha» – já encerrada – e «Paramentaria Moderna» – a inaugurar no mês de junho. Como habitualmente, anunciou a reunião de estudo seguinte, dedicada ao anteprojecto da igreja da Sagrada Família, em Paço de Arcos (João de Almeida, 1969), que se realizaria alguns dias depois de novo encontro do Conselho Diretivo, a 20 de maio, onde foram discutidos temas antigos como a participação do MRAR no Congresso do SIAC e no do Sameiro, a viagem à Suíça, a colaboração com o BIP e o grupo de Poesia Sacra, mas também novos, como a realização de reuniões em paróquias e de conferências em colégios e seminários e a relação do Movimento com a televisão.

⁶⁸² [MRAR], Reunião de estudo – Relato (28/Abr./64), MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 26 (abr.-mai.1964), p. 1.

⁶⁸³ *Ibidem*.

⁶⁸⁴ *Ibidem*.

⁶⁸⁵ *Ibidem*.

No dia 26 de maio, o MRAR encontrou-se na Casa de S. Mamede para escutar o autor do anteprojeto da igreja de Paço de Arcos, o P. João de Almeida, e o seu colaborador neste trabalho, o arquiteto José Almada Negreiros⁶⁸⁶, tendo antes da sua apresentação, o membro da comissão fabriqueira, Dr. Vítor Torres, introduzido os presentes nos antecedentes da construção da nova igreja (FIG. 78). Analisando esta primeira parte da reunião, o Boletim elogiou o facto de ter existido à partida um programa bem definido, que os projetistas assimilaram, digeriram e exprimiram inteligentemente em termos arquitetónicos, o que possibilitou que se discutissem problemas de fundo «*e isso acontece quando os projectistas pensam e inventam, ou seja, quando fazem arquitectura. [...] Por outro lado, tratava-se de anteprojecto, o que quer dizer: coisa para amadurecer. E estas reuniões, entre outros objectivos têm esse de fazer amadurecer*»⁶⁸⁷. No tempo de debate uma das questões mais discutidas foi a proposta de comunicação direta entre o espaço celebrativo e o salão paroquial, solução adotada por motivos económicos e funcionais pois permitia economizar área na igreja que seria compensada em dias de maior afluência pelo espaço aberto do salão⁶⁸⁸. As dúvidas colocadas respeitaram a integração e unidade de uma assembleia dividida por dois ambientes diferentes, pelo que se considerou esta «*uma solução com riscos, mas não impossível de bom resultado*»⁶⁸⁹. Depois de comentados alguns aspetos relacionados com a arquitetura e a funcionalidade litúrgica, Nuno Portas introduziu um problema fraturante, quando interrogou os seus parceiros «*se o tipo de crítica e análise feitas nestas reuniões não nos poderá levar (caricaturando) à elaboração dum conjunto de regras à maneira do Regulamento Geral da Construção Urbana*»⁶⁹⁰. Pôs, então, em questão a subordinação do «*processo criativo dos projectos de igrejas àquilo que poderemos definir por funcionalismo litúrgico, menosprezando todos os infundáveis e fecundíssimos recursos da subordinação desse mesmo*

⁶⁸⁶ Foi também colaborador o arquiteto Pedro Ferreira Pinto. Pouco tempo depois, o P. João de Almeida elaborou um segundo anteprojeto, correspondente ao edifício efetivamente construído, tendo como colaboradores os arquitetos Gastão Salgado da Cunha e Luís Almeida Moreira.

⁶⁸⁷ [MRAR], Reunião de estudo – Relato (26/5/64), MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 27 (jun.-jul.1964), p. 1.

⁶⁸⁸ Surgia, assim, pela primeira vez no MRAR, o conceito de igreja-salão, teorizado depois pelo SNIP, que elaborou, em 1972, um dossiê intitulado «*Projectos-tipo executados pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*», onde a propósito das capelas-salão afirmou que «*Estas capelas-salão [...] atingiam dois objectivos: o da maior economia de construção, e uma mentalização a nível pastoral no sentido da integração das actividades ditas “profanas” e “sagradas” da comunidade eclesial*».

⁶⁸⁹ [MRAR], Reunião de estudo – Relato (26/5/64), MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 27 (jun.-jul.1964), p. 1.

⁶⁹⁰ *Ibidem*. Curiosamente, no final do mês seguinte, a 30 de junho, o Cardeal-Patriarca promulgou o Decreto que instituiu o «*Regulamento de Construção e Restauo de Igrejas no Patriarcado de Lisboa*».

processo criativo à capacidade de dramatização dos espaços [...]. E indo um pouco mais longe ainda, perguntava se não seriam legítimos os espaços sem justificação funcional, mas capazes de carregarem de intenção o todo do espaço interno»⁶⁹¹.

Sobre este tema escreveu pouco tempo depois Pedro Vieira de Almeida quatro artigos no *Jornal Letras e Artes*⁶⁹², o último dos quais dedicado à arquitetura religiosa, em que relembrou a preocupação funcionalista que procurava justificar a utilidade de cada metro quadrado e que teve o seu momento de afirmação em Portugal, «*que levou à criação do MRAR, que em 1953 organiza a sua primeira e um tanto explosiva exposição»*⁶⁹³, numa atitude correta e profissionalmente fecunda de denúncia duma orientação não funcional tradicionalista e tecnicamente mal esclarecida, mas que «*hoje já podemos supor, já sabemos mesmo, que o conceito de função em que essa rede crítica se baseava, necessita ser revisto e que por exemplo os esquemas centrados do “round stage” ou o dos simples anfiteatros podem ser profundamente inadequados ao tipo de relação tripla indivíduo-assembleia-ministro, que se supõe desejável num templo católico»*⁶⁹⁴. E como melhor exemplo moderno de boa recuperação do espaço interno perdido – que Pedro Vieira de Almeida demonstrou pertencer à tradição com as igrejas de S. Pedro de Roma (planta de Bramante) e de St. Maria Assunta di Carignano, Génova (Galeazzo Alessi) –, indicou a igreja de St. Anna, Düren, Alemanha (Rudolf Schwarz, 1951-56), onde se afirmou plasticamente «*uma declarada intenção de favorecer o tradicional e então perdido “deambular” dentro da igreja, numa situação que voluntariamente se pretende ambígua em relação à presença do altar»*⁶⁹⁵. A reflexão proposta por Nuno Portas não deixou de ter eco na assistência, sendo disso representativa a centralidade dada ao tema na reunião da Direção de 8 de junho, que pensou dedicar-lhe a reunião de estudo seguinte por receio de se estar a criar um academismo feito de regras que só empobreceriam a arquitetura e a liturgia. Eram realmente problemas graves que se teriam de retomar e analisar oportunamente, como referiu o Boletim no

⁶⁹¹ *Ibidem*.

⁶⁹² O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica (27.jan.1965), pp. 10-14; O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – Evolução dos Edifícios Escolares (17.fev.1965), pp. 8-9; O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – III Habitação (26.mai.1965), pp. 8-10; O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – Edifícios de Culto (4.ago.1965), pp. 8-10.

⁶⁹³ ALMEIDA, Pedro Vieira de, O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – Edifícios de Culto, *Jornal Letras e Artes* (4 ago.1965), p. 8.

⁶⁹⁴ *Ibidem*.

⁶⁹⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de, O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – Edifícios de Culto, *Jornal Letras e Artes* (4 ago.1965), p. 9.

final do relato da reunião da igreja de Paço de Arcos, que foi o primeiro dos dois únicos artigos que compuseram o n.º 27. O segundo, que ocupou a quase totalidade do espaço disponível, tratou-se da homilia de Paulo VI aos artistas⁶⁹⁶ durante a missa realizada na Capela Sistina a 7 de maio, numa transcrição integral que fez lembrar as separatas da 1.ª série do Boletim.

No entanto, nenhuma das duas atividades em que o Movimento esteve envolvido durante o mês de junho foi a desejada reunião de estudo. No dia 5, o P. João de Almeida, S. Formosinho Sanchez, A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel deslocaram-se ao Sameiro, para participar no Congresso Mariano comemorativo do 1.º Centenário do Santuário, tendo os dois últimos apresentado duas conferências no simpósio sobre «Templos e Arte na Igreja de Cristo». A 22, o MRAR com o patrocínio da FCG inaugurou a exposição «Paramentaria Moderna» (FIG. 79) na Sé de Lisboa, onde esteve até 4 de julho, tendo tido cerca de mil visitantes. Dividida por duas salas, compreendeu numerosos paramentos⁶⁹⁷ que se caracterizavam pela sua simplicidade, beleza e harmonia, com destaque para as casulas – cerca de vinte –, «concebidas segundo o princípio de dar à veste sacerdotal maior simplicidade, tornando-a menos ornamental, mais prática e económica»⁶⁹⁸. No texto introdutório do catálogo, a Direção do MRAR justificou a iniciativa como sendo o modo e o meio próprios do Movimento de servir a Igreja e contribuir para a renovação da arte sacra, pelo que acrescentou: «Porquê renovar? Porque a Igreja é uma realidade viva e porque igualmente viva deverá ser a sua expressão»⁶⁹⁹. Relativamente às peças apresentadas, classificou-as como os primeiros passos de um caminho válido, que merecia ser uma oportunidade de reflexão e incentivo para um autêntico movimento de renovação da arte da paramentaria. Apesar do atraso, o *Boletim de Informação Pastoral* acabou por se tornar na manifestação pública da reflexão pedida, graças ao artigo publicado no número de outubro-novembro daquele ano, em que depois de descrever com maior destaque os trabalhos de Madalena Cabral, Rafaela Zúquete, Isolda Norton e Adele Prosépio, e de mencionar alguns dos pontos mais discutidos – a matéria, a forma e as cores dos paramentos –, considerou que a exposição «foi notável quer pelas obras

⁶⁹⁶ Traduzida por Madalena Monteiro Ferin.

⁶⁹⁷ A exposição era ainda introduzida por seis painéis didáticos com legendas e fotografias, que enunciavam princípios gerais básicos e apresentavam uma breve evolução histórica da casula. No final, ao fundo da segunda sala, foi colocado um expositor com peças de ourivesaria moderna.

⁶⁹⁸ Na Sé Patriarcal de Lisboa está patente até 4 de julho, uma exposição de Paramentaria Moderna promovida pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Novidades* (23 jun.1964), p. 5.

⁶⁹⁹ [MRAR] [Catálogo], *Paramentaria Moderna*, Lisboa (1964), p. 5.

apresentadas quer pelos problemas que soube levantar. Como esteve longe das obras de fãncaria que normalmente são usadas e que só não chocam a comunidade cristã, porque teve de se habituar à sua rotina»⁷⁰⁰.

No final de julho, com o MRAR já em tempo de férias, Diogo L. Pimentel e A. Freitas Leal partiram para o Funchal, no seguimento do apelo feito a 20 de maio pelo Bispo daquela Diocese, D. Frei David de Sousa ofm, em carta dirigida ao Movimento que solicitava o apoio deste para o problema da construção urgente de novas igrejas nas paróquias criadas em 1961. A resposta a esta solicitação apenas foi consubstanciada a 25 de junho, tendo o MRAR proposto a deslocação ao Funchal de dois dos seus membros para que pudessem ter um conhecimento direto dos condicionamentos locais, que evitasse decisões amadoras e menos ponderadas, e permitisse uma proposta concreta de caminho a adotar no sentido de se conseguirem soluções válidas e verdadeiramente económicas, o que foi aprovado pelo Bispo a 7 de julho, numa carta que forneceu também a lista das 12 paróquias a necessitar da respetiva nova igreja paroquial⁷⁰¹. Foi no enquadramento desta viagem que Diogo L. Pimentel e A. Freitas Leal proferiram cinco conferências⁷⁰², da qual se destacou a primeira, a 23 de julho, realizada no Seminário Maior do Funchal e dedicada a «Arte Sacra Moderna», em que depois de D. David de Sousa ofm ter apresentado os conferencistas, A. Freitas Leal traçou em breves linhas a evolução da arquitetura religiosa desde o século XIX às conceções arquitetónicas mais recentes e Diogo L. Pimentel apresentou vários exemplos de novas igrejas, com especial relevo para as construídas na Alemanha e na Suíça. Esta conferência deu origem a um artigo no jornal *Diário de Notícias* por Anjos Teixeira em que, sem pôr em causa a qualidade arquitetónica das igrejas exibidas, criticou a quase total ausência de esculturas e pinturas nesses mesmo edifícios, quer por rejeitar o princípio de que as imagens distraem os fiéis quer por acreditar que não teria sido impossível incluí-las na obra, contando que fossem peças bem estudadas

⁷⁰⁰ Uma exposição de paramentaria moderna, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 34 (out.-nov.1964), p. 20.

⁷⁰¹ Concelho de Câmara de Lobos: paróquia do Carmo; Concelho do Funchal: paróquias dos Álamos, da Vitória, de N. Sra. de Fátima, de Santo Amaro e da Nazaré; Concelho da Calheta: paróquias do Loreto e S. Francisco; Concelho do Machico: paróquia do Bom Caminho; Concelho de Santana: paróquia de S. Joaquim; Concelho de Ribeira Brava: paróquia do Bom Despacho; Concelho de Santa Cruz: paróquia de João Ferino.

⁷⁰² No Seminário Maior os arquitectos Diogo Lino Pimentel e António de Freitas Leal proferiram, ontem, uma conferência sobre Arte Sacra Moderna, *Jornal da Madeira* (24.jul.1964); Os arquitectos Diogo Lino Pimentel e António de Freitas Leal proferiram ontem, no Seminário Maior, a sua segunda conferência sobre Arte Sacra Moderna, *Jornal da Madeira* (25.jul.1964), p. 1.

e não figuras «*de santeiro, produto da indústria e não da arte, obras dirigidas ao sentimentalismo e não ao sentimento e sérias convicções*»⁷⁰³.

Na sequência da viagem, Diogo L. Pimentel e A. Freitas Leal elaboraram o *Relatório sobre a construção de novas igrejas na Diocese do Funchal*, que foi enviado no dia 26 de agosto a D. David de Sousa ofm e a todos os párocos interessados. Este documento contou com alguns pontos introdutórios onde foram expostos vários problemas inerentes à construção de uma igreja paroquial – urbanísticos, sociais, económicos e pastorais, entre outros –, e se defendeu a modernidade de qualquer igreja construída naquele tempo, sob pena de num quadro de fingimento impossibilitar uma liturgia verdadeiramente vivida. Só depois os autores apresentaram as conclusões da visita de estudo e lançaram a sua proposta de soluções concretas quanto aos projetos a realizar e que devido às grandes dificuldades de ordem financeira da maioria das paróquias, assentou em duas exigências fundamentais: que o autor fosse competente para realizar genuínas obras de arquitetura sacra, dentro do mais estrito espírito de economia; e que as modalidades de projeto a contratar procurassem reduzir ao máximo as despesas com honorários e deslocações para assistência às obras. Foi assim que propuseram que «*os projectos sejam entregues a uma equipa constituída por 3 arquitectos, devendo um deles chefiar a equipa e ser responsável perante as Comissões Fabriqueiras ou outras entidades*»⁷⁰⁴. O MRAR oferecia-se ainda para colaborar na elaboração dos programas e na escolha dos referidos arquitetos. Seguiu-se um período marcado por uma intensa troca de correspondência entre os autores do Relatório e vários párocos, principalmente por dificuldades na compreensão e aceitação dos honorários sugeridos pelos primeiros, que obrigou Diogo L. Pimentel a esclarecer o que não deveria ter dúvidas – que a proposta foi elaborada «*com a preocupação de defender os interesses da Diocese, e por isso de cada pároco, dentro da legalidade do exercício da profissão de arquitecto*»⁷⁰⁵ –, e a chamar a atenção do perigo dos projetos oferecidos, que era «*processo que nunca em consciência poderemos recomendar, já pelo que ele representa de ilegalidade, já por temermos que isso implique diminuição na qualidade dos projectos e uma situação de favor e de dependência que normalmente acarreta grandes dissabores para a entidade que constrói – temos disso numerosos e tristes exemplos na Diocese de Lisboa*»⁷⁰⁶.

⁷⁰³ TEIXEIRA, Anjos, Problemas de Arte Sacra, *Diário de Notícias* (29.jul.1964), p. 3.

⁷⁰⁴ PIMENTEL, Diogo L., LEAL, A. Freitas, *Relatório sobre a construção de novas igrejas na Diocese do Funchal* (25.ago.1964), p. 4.

⁷⁰⁵ PIMENTEL, Diogo L. [Carta ao P. Alberto de Sousa], Lisboa (4.set.1964), p. 4.

⁷⁰⁶ *Ibidem*.

Apesar desta postura, recebeu referências em tom de ameaça ao prestígio do MRAR, «*movimento novo entre nós [que] tem grandes opositores de categoria, [...] [pelo que] é também para o MRAR talvez a ocasião única em Portugal de fazer um conjunto de obras que se imponha de facto como Escola de Renovação da Arte Religiosa*»⁷⁰⁷, que levaram Diogo L. Pimentel a clarificar o sentido e o propósito do Movimento – «*julguei que fosse já ponto assente que o MRAR não faz projectos, nem se preocupa muito com o seu prestígio. Esclareço: o MRAR é um movimento de católicos empenhados em servir a Igreja num campo específico – o da Arte Sacra. Deste modo, o MRAR preocupa-se com a Igreja e não consigo próprio. Por outro lado, a acção do MRAR é de esclarecimento, de apoio, de doutrinação, de incentivo, de formação, de divulgação, etc., mas nunca de realização de obras. Neste caso, e foi assim que sempre nos apresentámos, o MRAR pretende contribuir para a melhor e mais económica solução do problema posto, tendo-se oferecido para planear e servir de intermediário até os projectos serem entregues aos projectistas que venham a escolher-se*»⁷⁰⁸. Isto mesmo aconteceu no início de dezembro, depois de uma visita do P. Tomás Sumares que trouxe do Funchal a notícia de que na Diocese aguardavam a designação do arquiteto que chefiaria a equipa de projetistas, tendo uma comissão composta pelo P. João de Almeida, Diogo L. Pimentel e Fernando Peres⁷⁰⁹ escolhido A. Freitas Leal⁷¹⁰. Tomada esta decisão, o MRAR deu por terminada a sua tarefa.

Entretanto, a 14 de julho o júri do concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança divulgou os resultados do mesmo. Tinham sido admitidas onze propostas para grande agrado do júri, que constatou que o nível dos trabalhos estava «*mais consentâneo com a responsabilidade da classe*»⁷¹¹ dos arquitetos do que no concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. O anteprojecto elaborado pela jovem equipa constituída pelos arquitetos Luís Vassalo Rosa e Francisco Figueira, escultor António Alfredo, engenheiro Eduardo Zúquete e P. Albino Cleto, como consultor litúrgico, cedo se destacou dos demais –

⁷⁰⁷ SOUSA, P. Alberto de [Carta a Diogo L. Pimentel], Carmo (Madeira) (14.set.1964), p. 4.

⁷⁰⁸ PIMENTEL, Diogo L. [Carta ao P. Alberto de Sousa], Lisboa (23.out.1964), pp. 2-3.

⁷⁰⁹ Presidente do Sindicato Nacional dos Arquitetos e consultor da Comissão Diocesana de Arte Sacra.

⁷¹⁰ No ano seguinte, já se encontravam em elaboração os projetos de cinco igrejas, sendo quatro delas as das paróquias de N. Sra. da Vitória e Santa Rita, e de N. Sra. de Fátima, ambas no Funchal, de N. Sra. do Loreto, na Calheta e de S. Francisco, também na Calheta. Para mais informações sobre este processo, ver Novas igrejas para a Diocese do Funchal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VII, n.º 37-38 (mar.-abr.-mai.1965), pp. 15-17.

⁷¹¹ AA.VV., Acta do Júri, *Sé Catedral de Bragança – Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso* (1964), p. 10.

«A solução classificada em primeiro lugar, não só mereceu a unanimidade da escolha, mas também se distinguiu pela facilidade nessa mesma escolha»⁷¹². Seguiu-se um conjunto de quatro trabalhos donde viriam a sair o segundo e terceiro prémios, bem como duas das cinco menções compensatórias. Analisando os membros que constituíam os cinco primeiros classificados, verificava-se a presença em todas essas equipas de pessoas pertencentes ou com relações próximas ao MRAR, como os arquitetos J. Maya Santos (concorrente n.º 2), S. Formosinho Sanchez e Diogo L. Pimentel (n.º 20), Erich Corsépius (n.º 24) e Pedro Vieira de Almeida (n.º 27) e os padres Manuel Falcão (n.º 20), Avelino Rodrigues (n.º 24) e Albino Cleto (n.º 26). Isto revelava não uma escolha tendenciosa ou parcial por parte do júri (constituído por nove membros e consultores, dos quais apenas três estavam ligados ao MRAR), mas a efetiva qualidade formativa proporcionada pelo MRAR aos seus membros, que os qualificou de um modo superior para a execução de programas de arquitetura religiosa e os deixou especialmente atentos ao espaço litúrgico, que resolveram com abordagens distintas mas inovadoras, conscientes das mudanças em curso na prática litúrgica e no entendimento eclesiológico.

Neste domínio destacou-se o anteprojecto de Pedro Vieira de Almeida, que com a colaboração do P. Fernando Belo apresentou, como nenhum outro, uma reflexão tão aprofundada e uma conceção tão teórica quanto experimental para a organização da Sé de Bragança. Este foi mesmo o ponto mais valorizado pelo júri, que «*fixando-se de preferência na parte de estudo teórico que o projecto envolve, atribui-lhe o valor de projecto experimental, dado o interesse de certas propostas nele contidas*»⁷¹³, nomeadamente, o tratamento do percurso de acesso que buscava sucessivamente perspectivas novas, proporcionando uma transição progressiva desde o exterior através da descoberta dinâmica e nunca imediata do espaço no tempo; a diversificação de formas de ocupação do interior pelos fiéis, distribuídos em pequenos grupos numa tentativa plástica de personalização da assembleia que se pretendeu não anónima e massiva, mas livre e responsabilizada; o abandono do espaço *totalitário*⁷¹⁴ tradicional de três naves subordinadas a um eixo central longitudinal, a favor de um sistema nuclear que se pretendia *democrático*⁷¹⁵. No entanto, vários problemas se colocaram a esta proposta como a excessiva confiança no valor pastoral da arquitetura *per si* e a obrigatória

⁷¹² *Ibidem*.

⁷¹³ AA.VV., Acta do Júri, *Sé Catedral de Bragança – Exposição dos anteprojectos...*, p. 13.

⁷¹⁴ ALMEIDA, Pedro Vieira de, Concurso de Anteprojectos para a futura Sé de Bragança – 3.º Prémio – Extractos da Memória Descritiva, *Arquitectura*, n.º 84 (nov.1964).

⁷¹⁵ *Ibidem*.

pedagogia erudita para a tornar inteligível; a incoerência entre o dinamismo do espaço interno e a rigidez das paredes periféricas e entre a grande massa vincadamente cosmopolita dos volumes exteriores, bem proporcionados em si mesmos, mas assumidamente em rutura com a paisagem local; os elevados valores previstos para a obra e as antecipadas dificuldades de execução do sistema construtivo proposto. Ficou assim com a classificação de terceiro lugar, considerada pelo júri como «*a que mais adequadamente corresponde a todo o conjunto de qualidades reconhecidas, mas também às graves reservas que, em certo plano, não podem deixar de ser postas*»⁷¹⁶.

Se a proposta de Pedro Vieira de Almeida se podia designar, em termos litúrgicos, como de vanguarda, o mesmo podia ser dito a respeito do anteprojecto classificado com o 2.º prémio, apresentado por S. Formosinho Sanchez e Diogo L. Pimentel, que puseram a sua principal atenção no espaço interno da Catedral, conforme explicaram na Memória Descritiva – «*o anteprojecto foi concebido de dentro para fora*»⁷¹⁷. O interior «*foi o ponto de partida, a ideia-base a que tudo o mais se veio amoldar, inclusivamente a implantação escolhida*»⁷¹⁸. E dessa opção resultou a maior virtude do trabalho, como reconheceu imediatamente o júri – «*a solução em planta é excepcionalmente feliz, pois consegue resolver de maneira bem nítida o princípio de uma assembleia unitária*»⁷¹⁹. O espaço litúrgico revelou uma cuidada organização, que tentou desde logo interpretar e concretizar, com sucesso, os caminhos abertos pelo Concílio Vaticano II, preocupando-se não apenas com as exigências de carácter litúrgico, mas também com as de ordem pastoral, para o que propuseram um percurso gradual em espiral, desde o acesso localizado num nível inferior, até à cátedra do Bispo, situada num plano amplo e assimétrico, onde se posicionaram todos os elementos importantes na liturgia. No entanto, a atenção maioritariamente concentrada no espaço litúrgico acabou por dar origem também à sua maior fraqueza, o seu exterior, quer pela ausência de articulação entre o volume construído e a planta, «*que não encontra a necessária contrapartida numa cobertura a duas águas que provoca a destruição do esquema adoptado*»⁷²⁰, quer pela notória desvinculação formal da

⁷¹⁶ AA.VV., Acta do Júri, *Sé Catedral de Bragança – Exposição dos anteprojectos...*, p. 13.

⁷¹⁷ SANCHEZ, Sebastião Formosinho, PIMENTEL, Diogo Lino, Concurso de Anteprojectos para a futura Sé de Bragança – 2.º Prémio – Extractos da Memória Descritiva, *Arquitectura*, n.º 84 (nov.1964).

⁷¹⁸ *Ibidem*.

⁷¹⁹ AA.VV., Acta do Júri, *Sé Catedral de Bragança – Exposição dos anteprojectos...*, p. 12.

⁷²⁰ *Ibidem*.

obra em relação ao meio a que se destina, «*passível de insinuar o reflexo de outros ambientes geoculturais*»⁷²¹.

Se todos os anteprojetos procuraram favorecer a participação ativa dos fiéis na liturgia – um dos conceitos-chave da Constituição sobre a Sagrada Liturgia –, o modo de o concretizar não foi unicamente através da inovação, associada a uma conceção livre e espontânea da liturgia, como nas duas propostas atrás referidas. Com uma abordagem diametralmente oposta, J. Maya Santos e Erich Corsépius optaram por soluções mais clássicas, de espaço unitário e conceção estática, sobrevalorizadas em detrimento de alguma plasticidade da arquitetura, o que as relegou para o quarto lugar.

Já o projeto vencedor conseguiu agregar numerosos atributos que ofuscaram eventuais debilidades. O júri destacou três: «*a preocupação, conseguida, de uma integração; a facilidade da solução espacial proposta; e o senso na apreensão dum conceito de estrita economia de obra*»⁷²². Quanto ao primeiro, referia-se a um edifício – «*referência escultórica*»⁷²³ – em consonância com a arquitetura local, «*sem compromisso com qualquer fórmula arcaizante ou modismo regionalístico*»⁷²⁴, perfeitamente adaptado à topografia pelo movimento de subida que realizava em socalcos. Ou como exprimia a Memória Descritiva, «*utilizámos o pronunciado desnível do terreno para animar todo o percurso em espaços sensíveis, caracterizados, e definidores de um ritmo crescente de solicitações para a construção principal. O espaço urbano prolonga-se, contorna os muros dos adros, afeiçoa-se à construção, abriga-se da inclemência climática recriando espaços próprios, vivos, até penetrar no espaço da Sé, onde essa movimentação prossegue no escalonamento dos altares secundários ao longo do caminho para o Santuário*»⁷²⁵. O segundo ponto compreendia a coerência entre exterior e interior, entre volumes e funções internas. Mas também a qualidade poética do espaço, assumidamente dinâmico e convergente em direção ao altar, equilibradamente organizado, mas disponível para as propostas de renovação da liturgia, que não sugeriu. Bem pelo contrário, para os autores «*a maleabilidade de utilização e não vinculação a uma rígida organização funcional litúrgica parece-nos extremamente importante*»⁷²⁶,

⁷²¹ *Ibidem*.

⁷²² AA.VV., Acta do Júri, *Sé Catedral de Bragança – Exposição dos anteprojectos...*, p. 10.

⁷²³ *Ibidem*.

⁷²⁴ AA.VV., Acta do Júri, *Sé Catedral de Bragança – Exposição dos anteprojectos...*, p. 11.

⁷²⁵ ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, Francisco, ALFREDO, António, Concurso de Anteprojectos para a futura Sé de Bragança – 1.º Prémio – Extractos da Memória Descritiva, *Arquitectura*, n.º 84 (nov.1964), p. 142.

⁷²⁶ *Ibidem*.

abordagem considerada válida pelo júri. Quanto ao terceiro aspecto premiou o plano técnico-constructivo da proposta, destacando «o cuidado com que foram abordados os aspectos da facilidade de construção, dispensando mão-de-obra especializada; da predominante utilização de materiais locais de baixo custo; em suma de uma concepção geral de obra que a torna mais económica de todas quantas foram apreciadas»⁷²⁷. Justificou-se assim a entrega do primeiro prémio a uma jovem equipa que apresentou o seu trabalho sem esconder as emoções do processo criativo – «O facto de concebermos a Catedral como uma fortaleza monolítica, assente na força e na plasticidade, o escolhermos os materiais rudes e naturais para as suas paredes, e seus adros e seus tectos, o darmos-lhe características de intemporalidade, de mistério, parece-nos, em resumo, uma recriação correcta, em termos de arquitectura, da nossa compreensão de Igreja e de Trás-os-Montes. O desenvolvimento destas ideias foi verdadeiramente um acto de amor, e aqui tocamos um ponto essencial do nosso projecto; como acto de amor este trabalho assenta na prioridade do irracional sobre o lógico, do poético sobre o prático, do orgânico sobre o purista»⁷²⁸.

Gerado nestas condições, não surpreende que o anteprojecto vencedor tenha apaixonado, desde logo, o meio cultural nacional. Apresentado em 1964 em Bragança no Museu Abade de Baçal⁷²⁹ e em Lisboa na Sociedade Nacional de Belas-Artes⁷³⁰, cedo viu-se rodeado de vozes de apoio à obra. No *Jornal de Letras e Artes*, Natália Nunes, considerando, comovida, que esta «arquitetura está «na linha natural dos acontecimentos universais»»⁷³¹, não hesitou em classificá-la de *insólita*, quer por não reconhecer «no nosso País nenhum templo ou edifício monumental que mostre aspecto semelhante»⁷³² quer «porque me parece que ela virá a ser o nosso primeiro monumento verdadeiramente nosso e «puramente» nacional. E penso que foi precisamente a descoberta, ou melhor, a intuição imediata da nacionalidade deste projecto que me comoveu e empolgou»⁷³³. No mesmo jornal, uma semana mais tarde, o crítico de arte Fernando Pernes descreveu a futura Sé como «bela, dura e simples, evocante da melhor prosa do Torga dos «Contos da

⁷²⁷ AA.VV., Acta do Júri, *Sé Catedral de Bragança – Exposição dos anteprojectos...*, p. 11.

⁷²⁸ ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, Francisco, ALFREDO, António, Breve apresentação pelos autores do projecto, *Encontro*, Ano 10, n.º 53 (dez.1964), p. 12.

⁷²⁹ Em Bragança, a exposição inaugurou no dia 22 de outubro.

⁷³⁰ Em Lisboa, a exposição inaugurou no dia 21 de novembro. No âmbito da exposição, os autores realizaram uma sessão de apresentação pública do anteprojecto a 26 de novembro.

⁷³¹ NUNES, Natália, Meditação sobre a nova Sé de Bragança, *Jornal de Letras e Artes* (2.dez.1964), p. 1.

⁷³² *Ibidem*.

⁷³³ NUNES, Natália, Meditação..., p. 4

Montanha”⁷³⁴» e classificou-a como *notabilíssima*. «Exemplo claro de *arquitectura integrada, sem concessões a elementos decorativos ou a qualquer regionalismo folclórico tratado*»⁷³⁵, a nova Sé de Bragança não só «*funcionará na força dinâmica de um imperativo de actualização local e nacional*»⁷³⁶, mas corresponderá também à concretização «*do primeiro monumento português do séc. XX*»⁷³⁷. Mais elogios chegaram no número de fevereiro de 1965 da revista *O Ocidente*, onde as palavras do Dr. João Couto ecoaram repletas de entusiasmo: «*Quanto a mim, a nova catedral integra-se de forma admirável na paisagem orgulhosa daquela colina do planalto de Trás-os-Montes. A nova catedral de Bragança é o achado mais feliz que o povo podia desejar.*»⁷³⁸ Já na revista litúrgica beneditina *Ora et Labora*, Flórido de Vasconcelos teceu variados elogios à obra, quer pela sua integração quer pela orientação progressiva do espaço interno, que constituía, «*a nosso ver, uma das principais qualidades do anteprojecto dos architectos Francisco Figueira e Vassalo Rosa*»⁷³⁹. E terminou o seu artigo com um expressivo «*agradecimento a Deus por ter suscitado entre nós o aparecimento de um projecto de Catedral tão digno, tão sério e tanto do nosso tempo, como o que irá informar a nova Sé de Bragança*»⁷⁴⁰. Também a classe dos arquitetos não deixou de aprovar o anteprojecto de seus pares, e na revista *Arquitectura*, o arquiteto Carlos Duarte realçou «*o vigor e originalidade da composição plástica desta verdadeira obra de escultura-arquitectónica*»⁷⁴¹, inspirada «*numa temática construtivista*»⁷⁴². Perante este cenário aparentemente idílico, o MRAR, no relatório da Direção referente ao ano de 1964, não podia deixar de exaltar com o concurso de anteprojectos para a Sé de Bragança, «*encerado com êxito*»⁷⁴³. E completou com orgulho: «*Queremos apenas aqui referir que consideramos esta realização do Movimento como um dos mais positivos frutos da actividade que tem vindo a desenvolver desde a sua fundação.*»⁷⁴⁴

⁷³⁴ PERNES, Fernando, «Infeliz avenida» – S.N.I. – S.N.B.A., *Jornal de Letras e Artes* (9.dez.1964), p. 10.

⁷³⁵ PERNES, Fernando, «Infeliz...», p. 7.

⁷³⁶ *Ibidem*.

⁷³⁷ PERNES, Fernando, «Infeliz...», p. 10.

⁷³⁸ COUTO, João [A nova Sé de Bragança], *O Ocidente* (fev.1965).

⁷³⁹ VASCONCELOS, Flórido de, Breves reflexões sobre a Arquitectura da nova Sé de Bragança, *Ora et Labora – Revista Litúrgica Beneditina*, Ano XII, n.º 1 (1964), p. 52.

⁷⁴⁰ VASCONCELOS, Flórido de, Breves reflexões sobre a Arquitectura..., p. 53.

⁷⁴¹ DUARTE, Carlos, Concurso de Anteprojectos para a futura Sé de Bragança, *Arquitectura*, n.º 84 (nov.1964), p. 139.

⁷⁴² *Ibidem*.

⁷⁴³ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório da Direcção – Ano 1964* (25.mar.1965), p. 2.

⁷⁴⁴ *Ibidem*.

Mas este foi um dos poucos tópicos apreciados positivamente pela Direção no Relatório de 1964, sendo o outro o das exposições, que beneficiou de «*um conjunto de circunstâncias favoráveis [que] permitiu a realização de 4 importantes exposições*»⁷⁴⁵. Em tudo o mais, o Movimento revelava problemas e dificuldades na mobilização dos sócios, o que se refletiu na atividade do MRAR durante a segunda metade do ano que foi praticamente inexistente, apesar do Conselho Diretivo ter reunido por duas vezes neste período. A primeira, a 10 novembro, contou com a presença de Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, Maria do Carmo Matos, Rafaela Zúquete, Diogo L. Pimentel, Erich Corsépius, e dos padres João de Almeida e Fernando Micael, e nela se fez o relato da viagem à Suíça – da qual Luiz Cunha estava a fazer um relatório –, constituiu-se a comissão que escolheria o arquiteto chefe da equipa de projetistas das novas igrejas da Madeira e a comissão de preparação do próximo Encontro do MRAR⁷⁴⁶ – proposto para os dias 28 de fevereiro a 2 de março de 1965 –, e fez-se a proposta de Pedro Ferreira Pinto para sócio efetivo do Movimento. Pouco tempo depois, a 23 novembro realizou-se na SNBA, com a organização do Instituto Francês e o apoio do MRAR, uma conferência sobre o convento de La Tourette, proferida pelo P. Lecapitaine op, professor de teologia naquele convento, que para «*além do enorme interesse da rica documentação apresentada, foi especialmente significativo o entusiástico testemunho de alguém que vive no próprio convento*»⁷⁴⁷. Três dias passados, o Movimento regressou à mesma sala para orientar a sessão de apresentação do anteprojecto vencedor do concurso para a Sé de Bragança, numa reunião que foi particularmente viva pela natureza do tema e pela participação de muitas pessoas interessadas que habitualmente não frequentavam as reuniões de estudo promovidas pelo MRAR. Finalmente, a 17 dezembro realizou-se o último Conselho Diretivo do ano, em que estiveram presentes Madalena Cabral, Maria do Carmo Matos, Rafaela Zúquete, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Erich Corsépius, João C. Rebelo e os padres João de Almeida, Fernando Micael e Avelino Rodrigues. Os assuntos tratados limitaram-se à revisão dos Estatutos, à aprovação da proposta de Margarida Sousa Lobo para sócia efetiva, e por último, mas não menos importante – ou até pelo contrário, talvez o ponto mais relevante e sintomático do período que

⁷⁴⁵ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório...*, p. 1.

⁷⁴⁶ Formada por Madalena Cabral, A. Freitas Leal, Erich Corsépius, Francisco Fernandes e o P. Fernando Micael.

⁷⁴⁷ [MRAR], Reuniões de estudo, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 28 (jul.1964-dez.1965), p. 1.

o Movimento atravessava –, à proposta de realização de uma reunião especial do Conselho Diretivo para refletir sobre o MRAR e a sua posição na Igreja.

Quanto ao resto, não houve reuniões de estudo, nem se realizou o Encontro de Outono, nem se publicou mais nenhum número do Boletim. Relativamente a este último, a Direção afirmou que *«não há nada que possa justificar tal escassez [apenas quatro números publicados durante o ano], sendo a Direcção inteiramente responsável por isso. Este foi um dos factores que negativamente mais atingiram a vida do Movimento»*⁷⁴⁸. E sobre as reuniões de estudo, reconheceu a *«dificuldade na escolha de temas e no encontrar pessoas disponíveis para os tratar. De tudo isto, resultou que as reuniões não foram planeadas no seu conjunto, antes foram sendo realizadas ao sabor das oportunidades que espontaneamente apareciam. cremos que isso foi um grave defeito com repercussão sobre a vida do Movimento»*⁷⁴⁹. E até as reuniões do Conselho Diretivo, que se realizaram cinco vezes durante o ano, foram alvo de crítica, devido à fraca participação dos sócios efetivos, principalmente por grande número destes não se poder dedicar com assiduidade à vida do Movimento, o que levou a Direção a sugerir a reestruturação deste Conselho.

Aproximava-se a eleição dos novos órgãos diretivos do MRAR, que teriam assim sérias tarefas e desafios pela frente. Para eles e para todos os sócios do Movimento a Direção do biénio 1963-64 deixou a mensagem: *«Pode parecer que haja motivos para agora abrandar a acção que o Movimento tem vindo a tentar estruturar. O Concílio e a actual reforma litúrgica serão, só por si, exigência de renovação no campo da Arte Sacra. São-no de facto, mas isso só é motivo de sobejo para justificar a existência do nosso Movimento. A Igreja que se renova, e não exclusivamente no que toca à liturgia, necessita agora mais do que antes de uma resposta no domínio das realizações. Eis uma ampla perspectiva de trabalho para o MRAR, uma exigência, que diríamos agora mais explícita, de uma acção formativa, de informação e divulgação, de incentivo aos artistas, de renovação de mentalidade, que está absolutamente dentro das atribuições que o MRAR de início se propôs. Talvez o momento actual exija novas formas de acção. Talvez essas novas formas exijam o recrutamento de novos membros activos para o MRAR. São problemas que ficam e aos quais a nova Direcção dará todo o seu esforço.»*⁷⁵⁰

⁷⁴⁸ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório...*, p. 1.

⁷⁴⁹ *Ibidem*.

⁷⁵⁰ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório...*, p. 3.

Crise e reformulação [1965-1967]

Curiosamente e ao contrário do que seria de esperar, 1965 trouxe consigo um mês de janeiro com bastante atividade. Num último fôlego, a Direção ainda composta por S. Formosinho Sanchez, Diogo L. Pimentel e Erich Corsépius organizou logo no início do ano uma reunião de estudo dedicada à análise comparativa dos cinco primeiros classificados no concurso da Sé de Bragança a que compareceram mais de 50 pessoas. Este estudo, realizado por Frei José Mattoso osb, incidiu principalmente sobre o aspeto funcional-litúrgico de cada uma das soluções e foi posteriormente publicado na revista beneditina *Ora et Labora*⁷⁵¹, num número preparado com a colaboração do MRAR. Já a 19 de janeiro efetuou-se um novo encontro do Conselho Diretivo, que contou com os sócios efetivos S. Formosinho Sanchez, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Erich Corsépius, N. Teotónio Pereira, Margarida Sousa Lobo e o P. Fernando Micael. Dois foram os temas tratados: a constituição de uma comissão para colaborar na Exposição do Centenário do Rio de Janeiro através da seleção de algumas obras representativas de Arte Sacra moderna portuguesa⁷⁵² e a revisão dos Estatutos do Movimento⁷⁵³. Como não foi possível concluir a discussão da proposta apresentada pela comissão de Revisão agendou-se uma nova reunião para a semana seguinte, no dia 27. Entretanto, a 20 de janeiro, os sócios do MRAR regressaram à Casa de S. Mamede para uma reunião enquadrada na Semana do Ecumenismo, que começou com uma breve meditação do P. Fernando Micael, seguida de uma sessão de projeção de imagens do mosteiro ortodoxo do Monte Athos, Grécia, comentadas por Luís Noronha da Costa, estudante da ESBAL.

Depois desta abertura de ano intensa, o MRAR sossegou até à realização da sua Assembleia Geral a 29 de março, em que estiveram presentes onze sócios efetivos – Maria José de Mendonça, Maria do Carmo Matos, Elizabeth Évora Nunes, S. Formosinho Sanchez, Diogo L. Pimentel, A. Freitas Leal, Erich Corsépius, Francisco d'Orey, N. Teotónio Pereira e os padres João de Almeida e Albino Cleto. Os trabalhos começaram pela leitura do relatório e contas do ano anterior, que levou à lamentação pela maioria dos presentes

⁷⁵¹ MATTOSO osb, Fr. José, Aspectos litúrgicos dos anteprojectos para a Sé de Bragança, *Ora et Labora*, Ano XII, n.º 1 (1965), pp. 34-49.

⁷⁵² Foram nomeados o P. João de Almeida, Nuno Portas, Madalena Cabral e A. Freitas Leal.

⁷⁵³ A revisão proposta compreendia fundamentalmente a agilização dos procedimentos do Movimento, nomeadamente no que dizia respeito à Direção e ao Conselho Diretivo, de modo a que os Estatutos permitissem um funcionamento mais realista do MRAR.

do reduzido número de reuniões de estudo e de Boletins publicados, e pela falta do Encontro de Outono, o que foi justificado pelo reduzido número de sócios empenhados no trabalho do Movimento. Depois de alguns comentários do P. João de Almeida e de N. Teotónio Pereira, o P. Albino Cleto alertou também para a perda de influência do MRAR que ia acontecendo nalguns meios, como os Seminários. Já Diogo L. Pimentel comentou a inexistência de atividades do grupo de Música Sacra durante o ano de 1964, que levou Francisco d'Orey a explicar que o trabalho dos membros desse grupo era mais pessoal e experimental e não tanto em grupo. Apesar destas notas, ambos os documentos foram unanimemente aprovados. Procedeu-se de seguida à eleição dos novos corpos directivos, tendo sido apresentadas sete listas candidatas à Direção e três para a Assembleia Geral. Depois de sete escrutínios, foi eleita por dez votos contra um a nova Direção constituída pelo presidente S. Formosinho Sanchez, o secretário A. Freitas Leal e como tesoureiro Maria do Carmo Matos. Na eleição para presidente da Assembleia Geral saiu vencedor no segundo escrutínio por seis votos contra quatro o sócio Erich Corsépius. A terminar, os membros da Direção eleita comunicaram aos restantes sócios que teriam sérias dificuldades em cumprir as tarefas que lhes competiam, dadas as suas dificuldades em termos de disponibilidade de tempo.

Isso mesmo se veio a comprovar ao longo do ano, apesar de pouco depois, a 23 de abril, o MRAR ter promovido uma visita de estudo às igrejas de N. Sra. da Piedade, em Vidais, Caldas da Rainha e de N. Sra. do Rosário, no convento dos Dominicanos, em Fátima, em que os seus autores, A. Freitas Leal e Luiz Cunha, respetivamente, dirigiram as visitas. Neste dia, bem como no anterior e no seguinte, o P. João de Almeida e Diogo L. Pimentel encontravam-se em Assis onde participaram no Congresso sobre «Acção litúrgica e comunidade no edifício sagrado», onde apresentaram as comunicações «Condições de inserção do edifício no espaço social urbano» e «Programa para construção de novas igrejas». De Itália trouxeram o relato de que *«através das comunicações e debates realizados, verificou-se claramente que já não é a problemática da adequação dos espaços à liturgia, aquilo que mais preocupa quem estuda os problemas relacionados com a arte sacra [mas] a reflexão interdisciplinar (liturgia, sociologia, teologia, psicologia e urbanismo) [que] ocupou vivamente os participantes no Congresso»*⁷⁵⁴. Promovido pela Pro Civitate Christiana, reuniu mais de 500 pessoas provenientes

⁷⁵⁴ [MRAR], Acção litúrgica e comunidade no edifício sagrado, MRAR – Boletim, 2.^a Série, n.º 28 (jul.1964-dez.1965), p. 2. Para mais informações, ver Assisi, Ano 10, Chiesa & Quartiere, n.º 34 (jun.1965), pp. 10-23.

de 16 países, entre as quais arquitetos, liturgistas, teólogos, sacerdotes, estudantes e representantes de revistas especializadas e de organismos de planificação sociorreligiosa.

Um mês depois, a 22 de junho, realizou-se uma nova reunião de estudo, que abordou a integração da arquitetura erudita no meio rural. Tendo como pano de fundo os anteprojetos de três novas igrejas na Madeira, A. Freitas Leal e A. Flores Ribeiro conduziram a reunião, tendo realçado a particularidade do trabalho que ao estudar três igrejas simultaneamente, permitiu *«prever a utilização de elementos comuns a cada um dos projectos, com vista a maior economia, quer no projectar, quer na construção»*⁷⁵⁵. Seguiram-se três meses de silêncio, pois só no início de outubro o MRAR voltou a promover uma atividade. Foi no dia 5 de outubro que se realizou aquela que foi a última reunião de estudo do ano, cujo tema – o anteprojeto do complexo paroquial de N. Sra. de Fátima, em Macau –, foi apresentado pelo seu autor, o arquiteto Manuel Vicente, que iniciou a reunião com alguns comentários sobre a cidade de Macau. Depois de descrever o seu trabalho, seguiu-se um debate centrado na *«problemática referente à arquitetura sacra, nomeadamente no que respeita ao tratamento do próprio espaço, à expressão arquitectónica e ao tipo de presença do edifício no conjunto urbano em que se insere»*⁷⁵⁶.

No final do mês, a 26 de outubro, reuniu-se o Conselho Diretivo, tendo estado presentes Madalena Cabral, Maria do Carmo Matos, Rafaela Zúquete, S. Formosinho Sanchez, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Erich Corsépius e os padres João de Almeida e Fernando Micael. Depois de terem sido propostos e aprovados como sócios efetivos o pintor Manuel Lapa e o arquiteto António Flores Ribeiro, debateram a reduzida atividade do Movimento e a situação da Direção, que propôs a criação de uma comissão formada por N. Teotónio Pereira, Diogo L. Pimentel e Nuno Portas para trabalhar com a Direção durante dois meses na definição de uma nova orientação, o que não foi aprovado pelo Conselho Diretivo. Este voltou a reunir-se um mês depois, mas com apenas seis sócios efetivos – Maria do Carmo Matos, Elizabeth Évora Nunes, S. Formosinho Sanchez, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel e o P. João de Almeida –, que se limitaram a propor uma comissão para a planificação do próximo Encontro do MRAR, formada por Madalena Cabral, A. Flores Ribeiro, Erich Corsépius e o P. Albino Cleto.

⁷⁵⁵ [MRAR], Reuniões de estudo, MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 28 (jul.1964-dez.1965), p. 1.

⁷⁵⁶ *Ibidem*.

O ano de 1965 terminou com a publicação do Boletim n.º 28, quase um ano e meio depois do anterior. Como justificação do atraso – que acompanhou o pedido de desculpas –, a Direção reconheceu alguma desorganização, desleixo e falta de tempo. Mas «*confiados na compreensão dos que conhecem o MRAR e sabem que ele é feito de dedicação, esforço e horas livres, mais do que da regularidade e eficácia que só uma estrutura profissionalizada permitiria*»⁷⁵⁷, publicaram um novo número, «*com grande empenho de não voltar a permitir atrasos e faltas que, a repetirem-se, poderão em definitivo comprometer um movimento que, se já prestou algum serviço à Igreja, muito mais pode e deve ainda prestar*»⁷⁵⁸. De modo que começaram por pôr a vida em dia, fazendo uma apresentação sucinta das atividades realizadas pelo Movimento durante aquele período.

Mas o grande destaque do Boletim foi para o já longo processo associado ao concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança. Considerado no final de 1964 pelo MRAR como um concurso «*encerrado com êxito*»⁷⁵⁹ e «*um dos mais positivos frutos da actividade que tem vindo a desenvolver desde a sua fundação*»⁷⁶⁰, encontrava-se um ano depois interrompido com a reprovação do ministro das Obras Públicas «*com base num parecer que consideramos inaceitável pela sua natureza equívoca e contraditória*»⁷⁶¹. Tudo começara com uma carta publicada no jornal *Diário de Lisboa*, a 23 de dezembro de 1964, onde Rui Tovar deu início à contestação pública da proposta para a Sé de Bragança. Começando por exigir que «*os serviços de urbanização competentes não podem aprovar semelhante projecto*»⁷⁶², considerou que «*a “maquette” da futura catedral de Bragança é prejudicial aos interesses espirituais e económicos do povo português, além de ir constituir, se tal projecto fosse por diante, um gilvaz horrível no perfil pitoresco de uma das mais belas cidades monumentais de Portugal*»⁷⁶³. Isto porque não resultava da paisagem, do clima e da História, nem respeitava «*o estilo regional integrado nas linhas gerais de uma arquitectura nacional*»⁷⁶⁴.

Infelizmente, Rui Tovar não estava só e as invulgarmente parcas palavras de D. Abílio Vaz das Neves sobre o anteprojecto vencedor – «*examinámos do*

⁷⁵⁷ [MRAR] [Editorial], MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 28 (jul.1964-dez.1965), p. 1.

⁷⁵⁸ *Ibidem*.

⁷⁵⁹ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório...*, p. 2.

⁷⁶⁰ *Ibidem*.

⁷⁶¹ [MRAR], Concurso da Sé de Bragança, MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 28 (jul.1964-dez.1965), p. 1.

⁷⁶² TOVAR, Rui, A nova catedral de Bragança, *Diário de Lisboa* (23.dez.1964), p. 11.

⁷⁶³ *Ibidem*.

⁷⁶⁴ *Ibidem*.

ponto de vista funcional e acho-lo correcto e condigno»⁷⁶⁵ – revelavam que algo mais estava por dizer, algo que explicava o porquê da relutância do Bispo de Bragança em concretizar o contrato com os projetistas, nos prazos estabelecidos no Programa do concurso. E só depois de muita insistência o Bispo revelou aos autores em carta datada de 11 de novembro de 1964 o que verdadeiramente pensava sobre o concurso e sobre o trabalho vencedor: «*A aprovação do anteprojecto, se entendo o Regulamento do Concurso que me enviaram e ao qual respondi que não agradava, foi dada pelo Júri do Concurso e parece não me pertencer. [...] O anteprojecto, como está apresentado, parece-me frio, sem alma. Parece-me que nem a disposição nem a luz suprem algo que lhe falta. Penso que a ideia do artista moderno de obrigar o vulgo a descobrir o que ele pensa e não o indica, falha redondamente. Pode ser um filósofo, não é um artista.*»⁷⁶⁶ Para além desta má notícia, o Bispo deu conta na carta de ter apresentado o anteprojecto à Câmara Municipal de Bragança, para apreciação. O município, juntando um parecer favorável e elogioso, solicitou a informação da Direção de Urbanização de Bragança e esta, atendendo à localização em zona de proteção de edifícios públicos, enviou o trabalho ao ministro das Obras Públicas, juntando igualmente um parecer favorável com proposta de algumas correções. O ministro por sua vez despachou no sentido de se ouvir a Junta Nacional de Educação, que reprovou o trabalho com base nos seguintes pontos: «*Rotura com a tradição das belas composições e obras do passado; ausência de unidade, harmonia e simplicidade; não se encontra exaltada a verdade utilitária e funcional; e não se empregam os materiais da região.*»⁷⁶⁷ Daqui transitou para a Direção-Geral dos Serviços de Urbanização que se pronunciou com pareceres favoráveis, contestando o anterior e propondo em matéria de tanta responsabilidade e perante a controvérsia levantada pela Junta Nacional de Educação, a consulta do Conselho Superior de Obras Públicas. Na posse destas informações, a 10 de maio de 1965 o ministro exarou o seguinte despacho: «*Em face do parecer do Ministério da Educação Nacional tem de considerar-se o projecto reprovado*»⁷⁶⁸, que foi remetido à Câmara Municipal de Bragança. Em 2 de junho, através do ofício n.º 1579 do presidente do Município, a Comissão Executiva da nova Sé tomou conhecimento do teor do despacho ministerial, que em carta de 8 de junho transmitiu aos

⁷⁶⁵ AA.VV., Acta do Júri, *Sé Catedral de Bragança, Exposição dos anteprojectos...*, p. 6.

⁷⁶⁶ NEVES, D. Abílio Vaz das Neves, Carta a Vassalo Rosa, Francisco Figueira e António Alfredo, Bragança (11.nov.1964).

⁷⁶⁷ ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, Francisco, ALFREDO, António [Carta ao Cónego Ângelo Mele- nas], Lisboa (jun.1964), p. 2.

⁷⁶⁸ MELENAS, Cónego Ângelo [Carta ao arquiteto Vassalo Rosa], Bragança (8.jun.1964).

autores com grande «*mágoa e surpresa*»⁷⁶⁹. Para agravar a situação, enquanto se aguardava pela conclusão do processo de apreciação do anteprojeto, foi aceite, a 20 de fevereiro de 1965, o pedido de resignação de D. Abílio Vaz das Neves e nomeado como novo Bispo de Bragança, D. Manuel de Jesus Pereira, que não fazia tenções de interpor uma acção de recurso contra o despacho do ministro Arantes e Oliveira, «*que tem sido tão atencioso para com a Diocese de Bragança no passado e de quem ela tanto precisa no futuro*»⁷⁷⁰.

A Diocese perdeu o Bispo que lutava há anos pela Catedral e ganhou um sucessor que, em carta de 8 de julho aos arquitetos Vassalo Rosa e Francisco Figueira, deu mostras do seu desagrado com a situação herdada: «*Nem temos Sé, nem anteprojecto, nem dinheiro. [...] Assunto bem aborrecido logo no início do meu Pontificado.*»⁷⁷¹ Pior terá ficado quando viu o campo de batalha em que se tornaram os jornais, com uma intensa e agreste troca de argumentos. Apenas cinco dias depois da sua carta, João Valério, na sua coluna *Aqui para nós* no jornal *Novidades*, fez o elogio da reprovação do anteprojeto, numa «*lowável atitude do ministro das Obras Públicas*»⁷⁷², pois «*para tudo há limites*»⁷⁷³. E estes, para João Valério tinham sido largamente ultrapassados – «*nem com a maior vontade se conseguirá respirar o ambiente religioso indispensável em qualquer templo católico [...]. Eu não concebo que a alma de qualquer católico se sinta bem entre as ruínas de pedras toscas, como as que figuram no projecto escolhido pelo júri*»⁷⁷⁴. A resposta dos autores não se fez esperar e em carta ao diretor do jornal *Novidades* lamentaram a forma *provinciana* do comentário publicado, «*sobretudo porque o fazem com afirmações graves e audaciosas, mas sem o menor fundamento e conhecimento das matérias pretensamente focadas*»⁷⁷⁵.

Assumiu-se então frontalmente que havia um caso da Sé de Bragança, título da crónica seguinte de João Valério, a 21 de julho, onde começou por se manifestar surpreso pela «*celeuma que as minhas pobres palavras iriam desencadear*»⁷⁷⁶, para depois publicar duas cartas antagónicas: a primeira de Mons. José de

⁷⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁷⁰ PEREIRA, D. Manuel de Jesus [Carta a Vassalo Rosa, Francisco Figueira e António Alfredo], Bragança (8.jul.1964).

⁷⁷¹ *Ibidem*.

⁷⁷² VALÉRIO, João, Arquitectura Religiosa, *Novidades* (13.jul.1965), p. 3.

⁷⁷³ *Ibidem*.

⁷⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁷⁵ ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, Francisco, ALFREDO, António [Carta ao Director do *Novidades*], Lisboa (jul.1964).

⁷⁷⁶ VALÉRIO, João, O «Caso» da Sé de Bragança, *Novidades* (21.jul.1965), p. 8.

Castro, com «*um grande abraço de aplauso e gratidão*»⁷⁷⁷ pela sua crónica; a segunda do Cónego António Figueiredo, presidente e representante da Diocese de Bragança no júri do concurso, refletindo um forte tom de desagrado com o texto de João Valério – «*Tem V. toda a liberdade de gostar e não gostar e de exprimir publicamente os seus sentimentos. Parece-me que já não há igual direito de julgar publicamente pessoas e coisas, quanto aos seus méritos essenciais, sem a fundamentação devida. [...] A escolha [do vencedor] foi feita com uma seriedade e isenção notáveis. Sendo assim, e é assim, não se compreende o desembaraço com que V. vem dizer, julgando que faltam ao anteprojecto “as mais simples condições exigíveis a uma Catedral”.* Se [...] atendermos ao ponto de vista principal em que V. se coloca – o da sensibilidade religiosa que não se sente bem numa Igreja concebida como o anteprojecto a mostra – lembro que são católicos os autores e os membros do júri. [...] Senhor Doutor J. V.: respeito muito V. mas tenho pena da facilidade com que veio para os leitores das “Novidades”, negando pura e simplesmente valores reais, só porque V. os não acolhe na sua sensibilidade e mentalidade.»⁷⁷⁸ João Valério não voltou ao assunto, mas isso não o impediu de receber uma carta do P. Manuel Mendes Atanásio, publicada no mesmo jornal a 9 de agosto a manifestar apoio ao colunista – «*Ex.^{mo} Senhor João Valério, não diga como absolutas coisas que irão irritar os jovens do nosso tempo, que precisam de liberdade para realizar Arte. Mas, se vir que deve falar em casos semelhantes, dê-lhes para baixo, que outrem o apoiará*»⁷⁷⁹, mas também a sua falta de apreço pelo trabalho vencedor – «*Desde o primeiro momento que fomos profundamente contrários à realização de um tal anteprojecto*»⁷⁸⁰, que criticou exaustivamente.

Posição oposta apresentou o extenso artigo publicado no *Boletim de Informação Pastoral*, que depois de descrever cuidadosamente o processo do concurso, revelou que «*o despacho ministerial deixou-nos perplexos. [...] Mas sobretudo o que maior perplexidade causa é a quase radical oposição entre os critérios revelados pelo parecer negativo da Junta Nacional da Educação, que o Sr. Ministro julgou dever sancionar, e os do júri do concurso a que não faltam títulos de competência*»⁷⁸¹. E se por um lado «*sentir-se-ão agora mais animados os que, tendo olhado para o anteprojecto vencedor, um pouco como boi para palácio, logo concluíram que «não*

⁷⁷⁷ *Ibidem.*

⁷⁷⁸ *Ibidem.*

⁷⁷⁹ ATANÁSIO, P. Manuel Mendes, O «Caso» da Sé de Bragança (Carta a João Valério), *Novidades – Letras e Artes* (9.ago.1965), p. 4.

⁷⁸⁰ *Ibidem.*

⁷⁸¹ O concurso da Sé de Bragança, *Boletim de Informação Pastoral*, Lisboa, Ano 7, n.º 39 (jun.1965), p. 116.

presta”»⁷⁸², o autor alertou para o facto de que «*metade dos argumentos alegados para a condenação do anteprojecto não resistem a uma crítica objectiva*»⁷⁸³, enquanto «*os outros argumentos, por assentarem em critérios mais subjectivos, revelam apenas um choque de mentalidades*»⁷⁸⁴. Semelhante argumentação usaram os membros da equipa vencedora, numa longa contestação do parecer da Junta, publicada por vários jornais, ao longo do mês de julho – *Diário Popular* no dia 15, *Diário de Lisboa* a 25 e *Novidades* a 26 –, e mais tarde em novembro no jornal *Encontro*, onde relativamente à afirmação de que não utilizaram materiais da região, Francisco Figueira, Vassalo Rosa e António Alfredo chegaram mesmo a interrogar-se «*se acaso houve o cuidado de ver o trabalho apresentado, pois que pela leitura da memória descritiva e análise das peças desenhadas se verifica que a preocupação no emprego desses materiais foi constante*»⁷⁸⁵. De facto, como escreveu Diogo L. Pimentel, segundo classificado no concurso, em artigo no *Diário Popular*, «o “caso” da Sé de Bragança tornou-se um “caso” do avesso. [...] Premiado por bem se integrar no ambiente, condenaram-no por mal se integrar; premiado por bem usar os materiais da região, condenaram-no por os não usar; premiado por ser adequado à função litúrgica, condenaram-no porque a não “exaltava”; premiado pelo manifesto interesse e expressividade dos seus volumes, condenaram-no por falta de harmonia; premiado por nele se encontrarem consonâncias com outros monumentos e cidades de Trás-os-Montes, condenaram-no por ruptura com a tradição. Deste modo se virou de avesso o “caso” da Sé de Bragança, e o que esteve para ser motivo de orgulho se tornou motivo de escândalo»⁷⁸⁶.

A opinião dos autores sobre o sucedido só foi apresentada, não nos jornais, mas em carta dirigida ainda durante o mês de julho ao Cónego Ângelo Mele-
nas, presidente da Comissão Executiva para a Nova Sé de Bragança: «*Tudo nos leva a crer que o ponto de partida neste parecer foi o de reprovar o anteprojecto, começando para tal por apresentar de maneira inconsistente e confusa uma teoria própria e irremediavelmente abstracta sobre o conceito de obra de arte, e juntando seguidamente alguns pontos críticos igualmente abstractos.*»⁷⁸⁷ Alguns anos mais

⁷⁸² *Ibidem.*

⁷⁸³ *Ibidem.*

⁷⁸⁴ *Ibidem.*

⁷⁸⁵ ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, Francisco, ALFREDO, António, O caso da nova Sé de Bragança visto pelos autores do anteprojecto, *Novidades – Letras e Artes* (26.jul.1965), p. 3.

⁷⁸⁶ PIMENTEL, Diogo L., O caso da Sé de Bragança, *Diário Popular* (26.ago.1965), p. 5.

⁷⁸⁷ ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, Francisco, ALFREDO, António [Carta ao Cónego Ângelo Mele-
nas], Lisboa (jun.1964), p. 2.

tarde, em entrevista ao jornal *Expresso*, de 24 de dezembro de 1988, D. António Rafael, Bispo de Bragança sucessor de D. Manuel de Jesus Pereira, atribuiu a responsabilidade do chumbo do anteprojecto a uma intervenção direta do próprio Salazar, «*que não quis. Era muito dinheiro – 8 mil contos – e o estilo novo, que parecia avançado*»⁷⁸⁸, seria certamente visto como uma afirmação do catolicismo progressista. Ou seja, a decisão fora tomada e não era negociável, ou como afirmou a equipa projetista no seu contestatório, «*o parecer está elaborado em moldes que não aceitam discussão*»⁷⁸⁹.

No final de 1965 o MRAR ainda alimentava alguma esperança na resolução da questão, «*uma vez que nos recusamos a crer ter sido em vão todo o movimento iniciado com a Pastoral da Quaresma de 1960 do Bispo de Bragança D. Abílio Vaz das Neves*»⁷⁹⁰. Mas o projeto vencedor do concurso nunca chegou a sair do papel. Terminava deste modo o primeiro ano de mandato da quinta Direção do MRAR, marcado por uma escassa atividade do Movimento, que aquela reconheceu ser «*testemunho de uma actuação insuficiente e descoordenada da actual Direcção [...] [e] de que o MRAR se encontra num período de dificuldades de realização – vidas demasiado comprometidas dos seus elementos responsáveis, pouca abertura às camadas mais jovens como meio de rejuvenescimento, hesitações perante a escolha de temas com maior ou menor complexidade, vida espiritual de grupo praticamente inexistente*»⁷⁹¹. Para a Direção, o modo de garantir um mínimo de condições para que fosse possível revitalizar a «*ideia base que fez nascer o MRAR, actualizando-o no tempo*»⁷⁹², era a reforma dos Estatutos e isso solicitou à Assembleia Geral que se realizaria a 15 de março.

Antes disso, realizaram-se duas reuniões de estudo, novamente centradas em temas de arquitetura, sendo que a primeira se realizou logo no início do ano de 1966. A 11 de janeiro, 20 pessoas juntaram-se para ouvir Luiz Cunha apresentar duas igrejas já inauguradas, N. Sra. do Rosário, no convento dos Dominicanos, em Fátima, e S. Mamede, em Negrelos (com Pedro Ferreira Pinto) e uma terceira que iria começar a ser construída em breve, N. Sra. de Fátima, na Póvoa do Valado, Aveiro (1964-68) (FIGS. 80 e 81). No início

⁷⁸⁸ JÚDICE, José, Bragança: uma catedral para a Europa, *Expresso Revista* (24.dez.1988), p. 43.

⁷⁸⁹ ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, Francisco, ALFREDO, António, O caso da nova Sé de Bragança visto pelos autores do anteprojecto, *Novidades – Letras e Artes* (26.jul.1965), p. 3.

⁷⁹⁰ [MRAR], Concurso da Sé de Bragança, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 28 (jul.1964-dez.1965), p. 2.

⁷⁹¹ SANCHEZ, S. Formosinho, LEAL, A. Freitas, MATOS, Maria do Carmo, *Relatório da Direcção – Ano 1965* (15.mar.1966), p. 3.

⁷⁹² *Ibidem*.

da reunião, Diogo L. Pimentel salientou o interesse proporcionado pela apresentação conjunta das três obras concebidas pelo mesmo autor com pouco intervalo, mas que revelavam diferentes fases da evolução litúrgico-pastoral, para além de refletirem a evolução do próprio autor e do seu amadurecimento face ao mesmo programa. Já Luiz Cunha, depois de abordar a primeira igreja, bem conhecida pelo MRAR quer através de uma reunião de estudo⁷⁹³ quer de uma visita guiada⁷⁹⁴, debruçou-se mais demoradamente sobre a igreja de Negrelos, que nunca fora apresentada antes, tendo suscitado o mais vivo interesse e motivado profundos elogios. «Nesta igreja, o Arq. Luiz Cunha ultrapassou francamente a problemática funcional-litúrgica, aliás inteiramente resolvida, para se debruçar com total à-vontade na procura do correcto domínio dos espaços e da coerência construtiva.»⁷⁹⁵ Exaltou-se o recurso aos processos construtivos e materiais locais, como os muros de granito e as asnas de madeira utilizados numa linguagem verdadeiramente atual, «para definição de um espaço carregado de significação [...] com verdadeira coerência formal e construtiva.»⁷⁹⁶ Para Diogo L. Pimentel, a igreja de Negrelos marcava um ponto de viragem conceptual, que ela exprimia ao mesmo tempo que apontava caminhos e possibilidades. Era por isso ponto de viragem não só para o autor, mas «em relação à atitude no projecto de igrejas entre nós. É o momento em que o Concílio confirmou as tendências manifestadas nos últimos anos. Já não se trata agora de lutar por uma arquitectura de expressão actual para as nossas igrejas. Já não se trata também de descobrir, ou inventar, o programa da igreja dos nossos dias. Esta igreja de S. Mamede de Negrelos surge como primeira obra, em Portugal, de uma nova fase, em que a polémica deixou de ter razão de ser, em que por isso mesmo o amadurecimento se torna possível, e com esse amadurecimento se torna possível também uma arquitectura que já não se caracteriza pelo esforço para se tornar acessível, compreensível e aceite, mas que é já, de certo modo, fruto e expressão dum modo de sentir mais generalizado e comumente aceite»⁷⁹⁷.

Quanto à igreja da Póvoa do Valado, era não só um reflexo mas também um aprofundamento do caminho trilhado em Negrelos, agora materializado numa estrutura de betão natural e paredes de tijolo à vista, material típico da zona de Aveiro. Devido à apresentação das três obras, a reunião terminou sem

⁷⁹³ 27 de fevereiro de 1962.

⁷⁹⁴ 23 de abril de 1965.

⁷⁹⁵ [MRAR], Reunião de estudo – Relato (11/1/66), MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 29 (jan.-mar.1966), p. 1.

⁷⁹⁶ *Ibidem*.

⁷⁹⁷ [MRAR], Reunião de estudo – Relato (11/1/66), MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 29 (jan.-mar.1966), p. 2.

tempo para o habitual debate, mas «*não deixou por isso de ser uma reunião do maior interesse e que deixou matéria para muito reflectir, além de um geral “encantamento” que as obras do Arq. Luiz Cunha sempre provocam*»⁷⁹⁸. O relato desta reunião ocupou na quase totalidade o Boletim n.º 29, que ainda transcreveu a mensagem de Paulo VI aos artistas no encerramento do Concílio Vaticano II e enunciou diversos documentos recentes sobre a reforma litúrgica e arte sacra⁷⁹⁹, alguns dos quais publicados pelo BIP.

Apesar do Boletim n.º 29 ter sido datado como de janeiro a março de 1966, deixou de fora a reunião de estudo seguinte, que se realizou no dia 17 de fevereiro⁸⁰⁰ e cujo relato foi feito pelo Boletim n.º 30, de abril/junho. Dedicada ao anteprojecto da futura igreja da Nazaré (Fernando Távora, não construída), a reunião contou com a presença entre a assistência, do pároco local, P. Martins, e de alguns membros da Comissão Fabriqueira. O arquiteto Fernando Távora, autor do trabalho, começou por tratar dos difíceis condicionamentos que encontrou em termos urbanísticos, mas também dos problemas postos pela sazonalidade da vila, que levou o processo criativo a dar origem a uma igreja paralelepípedica de base quadrada que se destacava do casario envolvente, com o qual se relacionavam as instalações do centro paroquial que rodeavam a igreja e definiam um pátio quase claustro. Este aspeto foi sublinhado pelo MRAR, que enalteceu a forma como Fernando Távora «*soube admiravelmente dominar as relações de casa e rua, das quais depende fundamentalmente a escala da vila. E [como] criou “largos” e percursos que reinventam a textura urbana antiga*»⁸⁰¹. Quanto à igreja propriamente dita, apesar de considerada como

⁷⁹⁸ *Ibidem*.

⁷⁹⁹ Para a Igreja Universal: *Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia* (4.dez.1963); *Carta apostólica «Sacram Liturgiam» dada por «motu proprio» por Paulo VI, sobre a constituição das Comissões Diocesanas de Música e Arte Sacra* (25.jan.1964); *Carta a todos os prelados do Cardeal Lercaro, sobre a execução da Constituição sobre a Liturgia* (30.jun.1965); *Para a Igreja em Portugal: Normas sobre a aplicação da Instrução (documento 2), com referência ao altar «versus populum»* (13.dez.1964); *Anúncio a pedir melodias para o Ordinário da Missa* (13.dez.1964); *Esclarecimento sobre diversos pontos da reforma litúrgica, nomeadamente sobre a adaptação das igrejas à nova liturgia* (19.jan.1965); *Nota sobre o Ordinário da Missa, com esclarecimentos sobre o canto em português de textos da missa* (23.fev.1965); *Criação da Comissão Portuguesa de Música Sacra* (11.mar.1965).

⁸⁰⁰ No Boletim foi erroneamente indicada a data de 17 de novembro de 1966, devido a um engano que converteu o mês II (dois) em 11. Isto mesmo é confirmado pela ata da reunião da Direção de 2 de fevereiro, que claramente assinala a reunião sobre a igreja da Nazaré para o dia 17 de fevereiro.

⁸⁰¹ [MRAR], Reunião de estudo – Relato (17/II/66), MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 30 (abr.-jun.1966), p. 1.

sendo um espaço simples e coerente, que não recorria a virtuosismos, deu azo a um debate em que se discutiu a sua organização espacial, com principal relevo para a solução da entrada, os percursos interiores, a disposição dos bancos e a localização do batistério. No final, «o MRAR não pode deixar de ficar grato ao Arq. Fernando Távora, pela matéria de que foi feita a reunião e, cremos que ainda mais, pela obra que realizará na Nazaré»⁸⁰². O Boletim n.º 30 não noticiou nenhuma outra atividade do Movimento, tendo sido completado com o índice dos Boletins n.ºs 17 a 30 e uma pequena secção bibliográfica, que apresentou o livro de Soror Augustina Flüeler sobre paramentaria intitulado *Das Sakrale Gewand*⁸⁰³ e a revista ARA – *Arte Religiosa Actual*⁸⁰⁴, publicada pelo espanhol MAS. Assim terminou a segunda série do Boletim do MRAR, que se preparava para atravessar uma grave crise.

No dia 15 de março, realizou-se nova Assembleia Geral para aprovar o relatório e contas do ano anterior, e discutir e aprovar a proposta de alteração dos Estatutos do Movimento. Não se tendo terminado os trabalhos relativos ao segundo ponto da agenda, foi decidido continuá-los numa Assembleia Extraordinária agendada para o dia 29 de março, mas que só aconteceria na realidade a 1 de abril. Pelo meio, ainda se realizou no Centro Nacional de Cultura⁸⁰⁵, em Lisboa, uma reunião de estudo a 25 de março sobre «O artista na sociedade actual». Orientada por José Augusto França, foi dirigida fundamentalmente aos alunos de arquitetura, pintura e escultura da ESBAL, com o objetivo de se conhecerem os tipos de problemas que mais os preocupavam, os quais serviriam de base ao programa de um futuro encontro que lhes daria um maior desenvolvimento. Esse encontro, que não chegou a realizar-se, esteve agendado para os dias 9 a 16 de setembro, em Cernache, Coimbra, e teria um tema muito semelhante ao da reunião: «O artista perante a sociedade actual». Os oradores seriam o Dr. Melo e Sousa, que falaria sobre as «Consequências Sociais», o Dr. Xavier Pintado sobre «O desenvolvimento económico», o P. Micael Pereira das «Consequências Religiosas», o arquiteto José Pedro Martins Barata de «Planeamento Regional» e o arquiteto Fernando Távora, que trataria da «Evolução Urbana».

No dia 1 de abril, apenas seis sócios estiveram presentes na Assembleia Geral Extraordinária. Perante tal situação, S. Formosinho Sanchez, Diogo

⁸⁰² *Ibidem*.

⁸⁰³ FLÜELER, Soror Augustina, *Das Sakrale Gewand*, NZN Buchverlag, Zúrique (1964).

⁸⁰⁴ AGUILAR op, P. José Manuel de (dir.), *Ara*, MAS – Movimento de Arte Sacro, Madrid (1964-81).

⁸⁰⁵ Rua António Maria Cardoso, n.º 68, 1.º, Lisboa.

L. Pimentel, A. Freitas Leal, Maria do Carmo Matos, A. Flores Ribeiro e Erich Corsépius decidiram proceder a uma nova convocação para o dia 21 de abril. Dada a repetição das ausências que inviabilizavam a discussão e aprovação da alteração dos Estatutos, S. Formosinho Sanchez apresentou no dia seguinte o seu pedido de demissão, justificando-a com a *«ineficácia da minha actuação como Presidente da Direcção do MRAR, na medida em que as recomendações insistentes do Conselho Directivo – regularidade na publicação do Boletim e de reuniões mensais – não têm sido cumpridas pela actual Direcção, comprometendo-se largamente a própria vida do Movimento»*⁸⁰⁶. No seguimento desta situação, as reuniões de estudo programadas para 23 de abril, dedicada à remodelação de igrejas, e 9 de maio, sobre a igreja na cidade, foram canceladas e Erich Corsépius convocou os sócios efetivos do MRAR para uma nova Assembleia Geral a realizar no dia 17 de maio. Nesse mesmo dia, S. Formosinho Sanchez endereçou uma carta aos sócios a esclarecer os motivos do seu afastamento, que respeitavam a atualidade do MRAR feita de *«incertezas e discordâncias nas decisões a tomar quanto ao desenvolvimento dos temas sugeridos, um pouco dispersamente, pelo Conselho Directivo; [e] insuficiência da acção directiva por inexistência de um plano de actividades previamente elaborado e respeitado»*⁸⁰⁷, e a desatualização da estrutura, que defendia amplamente aberta de modo a tirá-lo do círculo fechado em que estava *«e o transforme num círculo transbordante de fraternidade e de aproximação»*⁸⁰⁸, aberto a pontos de vista diversos.

Na Assembleia de 17 de maio *«foi analisado o problema da continuidade do nosso Movimento, tendo-se, em resumo, chegado à conclusão da validade da sua actuação nos nossos dias, embora tornando-se necessário orientar as suas actividades em sentido diverso do seguido até agora»*⁸⁰⁹. Manifestada a vontade dos sócios para que se realizassem eleições para uma nova Direcção, mas perante a evidente dificuldade para se encontrarem pessoas mobilizadas pela causa do MRAR, com vontade, disponibilidade e capacidade para assumir seriamente lugares de responsabilidade, decidiu-se enviar um questionário a todos sócios efetivos⁸¹⁰ para que se pudesse dar aquele passo realística e fundamentadamente. Composto por cinco perguntas, procurava saber se o MRAR podia contar com o inquirido e de que modo, se aceitaria um cargo da Direcção se fosse eleito e

⁸⁰⁶ SANCHEZ, S. Formosinho [Carta a Erich Corsépius], Lisboa (22.abr.1966), p. 1.

⁸⁰⁷ SANCHEZ, S. Formosinho [Carta aos sócios efetivos do MRAR], Lisboa (17.mai.1966), p. 1.

⁸⁰⁸ *Ibidem*.

⁸⁰⁹ CORSÉPIUS, Erich [Carta aos sócios efetivos do MRAR], Lisboa (29.jun.1966), p. 1.

⁸¹⁰ Nesta data, o MRAR tinha 30 sócios efetivos: 23 residentes na área de Lisboa, 3 no Porto, 2 na Província e 2 no estrangeiro.

porquê, e que pessoas propunha naquele momento para a Direção. Responderam 15 sócios ao inquérito⁸¹¹, tendo apenas quatro⁸¹² manifestado limitações ou impedimentos para colaborar ativamente com o Movimento. Dos restantes onze, seis⁸¹³ afirmaram estar concreta e objetivamente disponíveis, mas destes só três revelaram aceitar um cargo da Direção⁸¹⁴. Quanto a propostas para a Direção, foram feitas 8 sugestões, dentre as quais sobressaiu um nome – Nuno Portas. Para debater os resultados do questionário, Erich Corsépius convocou uma reunião do Conselho Diretivo para o dia 2 de agosto e posteriormente, porque «*se chegou a uma plataforma de sobrevivência, senão até de renovação*»⁸¹⁵, uma Assembleia Geral Extraordinária para eleição da nova Direção, a 26 de outubro, à qual se apresentou uma lista formada por Nuno Portas – presidente –, Diogo L. Pimentel – secretário –, Maria do Carmo Matos – tesoureiro – e, como vogais, Eduardo Nery e os padres João de Almeida, Fernando Micael e Avelino Rodrigues. Este grupo tinha-se reunido previamente a 4 de outubro para avaliar a possibilidade do MRAR ser gerido por uma Direção Colegial responsável por assegurar os três tipos de atividades habituais do Movimento – as reuniões mensais, o Boletim e o Encontro anual – e propor temas de trabalho, como «Cidade – Tempos Livres – Vida Religiosa e Cultural», na área da sociologia urbana e religiosa, «Renovação cultural e conciliar/Renovação da Igreja», orientado para programas e projetos quer de novas igrejas quer de restauro das existentes, e «Reflexão sobre o rumo das artes plásticas em ordem à viabilidade de nova iconografia para espaços de igreja», que abordaria a revisão dos conceitos de símbolos, sinais e linguagem da Igreja. Todos os temas deveriam ser tratados com espírito ecuménico, aberto às igrejas não católicas e a todos os homens de boa vontade, que deveriam contribuir com as suas próprias experiências.

⁸¹¹ P. Albino Cleto, A. Flores Ribeiro, A. Freitas Leal, Diogo L. Pimentel, Elisabeth Évora Nunes, Érich Corsépius, Francisco Figueira, P. Henrique Noronha Galvão, Madalena Cabral, Maria do Carmo Matos, Maria José de Mendonça, Maria Luísa Marinho Leite, Nuno Portas, N. Teotónio Pereira e S. Formosinho Sanchez.

⁸¹² Maria José de Mendonça, Maria do Carmo Matos, Francisco Figueira – que reconheceu estar há muito tempo totalmente desligado do Movimento – e N. Teotónio Pereira, por ter «*um lugar de responsabilidade na Cooperativa Pragma, que me preenche por completo o tempo que poderei consagrar a movimentos associativos.*» PEREIRA, N. Teotónio, [Resposta a inquérito do MRAR] (18.jul.1966).

⁸¹³ P. Albino Cleto, A. Flores Ribeiro, A. Freitas Leal, Madalena Cabral, Maria Luísa Marinho Leite, Nuno Portas e S. Formosinho Sanchez.

⁸¹⁴ A. Freitas Leal, Maria Luísa Marinho Leite e Nuno Portas.

⁸¹⁵ CORSÉPIUS, Erich [Carta a S. Formosinho Sanchez], Lisboa (17.out.1966), p. 1.

Eleita a nova Direção, convocou quase de seguida uma primeira reunião de estudo para o dia 18 de novembro dedicada a «Novos problemas para o MRAR», com o objetivo de colocar à consideração a nova orientação proposta para o Movimento, numa discussão que desejavam «*activa, crítica, polémica, criadora, verdadeiramente fecunda*»⁸¹⁶, da qual se poderiam também recolher outras ideias e sugestões. Confiavam que «*certo cansaço, que todos sentimos, e que terá levado alguns a desistirem, a afastarem-se, a desinteressarem-se, poderá tornar-se no incentivo para repensarmos e redescobrirmos a actualidade do MRAR*»⁸¹⁷. Para preparar as pessoas para tal encontro anexaram ao texto convocatório um programa de trabalhos para 1966-68 que chamaram de «*Manifesto*»⁸¹⁸, no qual revelarem ser necessário de pensar, com coragem, na utilidade do Movimento – que até aí tinha sido sempre útil –, num tempo em que só faziam sentido e mostravam vitalidade os «*movimentos de ideias que vão “à frente das coisas” preparando progressos em campos por abrir ou que apenas despertam os primeiros apetites*»⁸¹⁹. Ora o MRAR, «*após ter “lançado” e “consumido” as suas duas primeiras batalhas – a da expressão moderna na arte de igrejas, e a do novo programa litúrgico e comunitário para as novas igrejas*»⁸²⁰, chegou a um impasse: «*continuar a luta paciente pela modernidade sobretudo nos meios mais carentes de informação e menos tocados pela ampla acção de consciencialização que se fizera já sentir nos dois principais centros do país, ou limitar-se a exercer uma acção de trocas e impressões, de resto de nível excelente, sobre os novos projectos ou obras [...] caminho, [que] como todos sabemos, foi seguido no passado recente e, apesar dos bons resultados, acusaria um certo cansaço pela “continuação” que não podia já recolher aquele empenho entusiástico que apenas se põe numa luta que se crê criadora e vital*»⁸²¹. O tópico que colocaram no centro do debate respeitava esta «*luta criadora: ou temos ainda lugar para ela ou não valeria a pena “continuar”*». Este o ponto de partida»⁸²². Não se tratava de criar mais e novas atividades, mas de perceber se existiam temas novos ou antigos entretanto rejuvenescidos que justificavam a existência do MRAR, o que conduziu à interrogação da adequação da estrutura

⁸¹⁶ PORTAS, Nuno, PIMENTEL, Diogo. L., MATOS, Maria do Carmo [Carta aos sócios], Lisboa (9.nov.1966).

⁸¹⁷ *Ibidem*.

⁸¹⁸ Ver também O «MRAR» – Revisão de vida e projectos de futuro, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 9, n.º 51-52 (1967), pp. 45-46-54.

⁸¹⁹ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho 1966/68 (nov.1966), p. 1.

⁸²⁰ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 2.

⁸²¹ *Ibidem*.

⁸²² *Ibidem*.

do Movimento a novos desafios. Colocaram igualmente a hipótese de existirem outras entidades mais equipadas ou melhor preparadas para essa tarefa, mas perante «*a evidência da tradição do MRAR quanto ao acolhimento da diversidade profissional e abertura ideológica, como da liberdade de crítica e expressão de ideias pessoais*»⁸²³, perguntaram: «*de que outra mesa dispomos hoje, assim livre de amarras sectoriais, capaz de reunir, habitualmente, os mais diversos especialistas [...], mesa [...] com um elevado índice de intercomunicação e de influências recíprocas?*»⁸²⁴. A conclusão só pôde ser uma: o MRAR continuava a ser a «*mesa para troca das preocupações ou ideias trazidas de outros lugares que, por mais de uma vez, se demonstrou criadora não só no campo das orientações a tomar, senão mesmo no das próprias formas, por certos fenómenos de criação estética de grupo, exercida ao «programar» e ao «criticar»*»⁸²⁵. Era preciso no entanto uma renovação também do MRAR. «*Todos nós temos, ultimamente, sentido que o MRAR vinha perdendo o seu dinamismo inicial, o seu pioneirismo – por outras palavras, a sua capacidade inicial de formular objectivos, criar e exprimir ideias claras, polémicas, frutuosas – e se vinha enrolando num círculo fechado de pessoas, profissões e, sobretudo, de preocupações e de orientações.*»⁸²⁶ A proposta da Direção para o MRAR foi portanto abri-lo a outros interessados, pela pertinência e atualidade das sessões que não seriam lições previamente definidas, mas mesas-redondas que provocassem o debate «*entre especialistas diversos ou pessoas que apenas vivem e utilizam a cidade, a igreja ou os objectos*»⁸²⁷.

Não punham de parte a realização de exposições ou outras ações de formação, nem a colaboração em novos concursos públicos, mas a Direção considerava que o MRAR se devia debruçar, primeiro, sobre os «*problemas de uma sociedade urbana e de massa*»⁸²⁸, quer a nível urbanístico quer nos que se repercutiam na produção artística, e em segundo lugar e no quadro do *aggiornamento* conciliar, no «*repensar as igrejas como organismos litúrgicos ou comunitários*»⁸²⁹, para «*reformular e discutir as bases de programa e a «maneira-de-pensar-a-igreja-nova»*»⁸³⁰, e definir orientações para a readaptação litúrgica e cultural das igrejas, em oposição às forças que resistiam contra esse tipo de intervenções. A preferência

⁸²³ *Ibidem.*

⁸²⁴ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., pp. 2-3.

⁸²⁵ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 3.

⁸²⁶ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 7.

⁸²⁷ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 6.

⁸²⁸ *Ibidem.*

⁸²⁹ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 4.

⁸³⁰ *Ibidem.*

da Direção por estes temas deveu-se ao facto de serem «*também pontos vivos de dúvida e de busca para muito mais gente que a do reduzido grupo de cristãos ou técnicos interessados na construção de igrejas que o MRAR tem reunido*»⁸³¹. Ambicionavam deste modo alargar o círculo das contribuições do Movimento através da aproximação de pessoas de formações e valores diferentes, «*a troco, se o podemos dizer, do serviço que se presta ao pôr esses problemas sobre uma mesa pública, abertamente, alguns talvez pela primeira vez no nosso meio*»⁸³². E neste sentido apelaram à participação de todos os interessados no MRAR para que este redescobrisse «*uma função cultural mais profunda e de acordo com o evoluir do tempo e as contribuições das gerações mais novas (com as quais terá, porventura, perdido o contacto)*»⁸³³. O MRAR poderia assim assumir a sua vocação não de «centro de investigação»⁸³⁴, para o qual não tinha meios, mas de ponto de encontro de pessoas empenhadas em diversos meios, com vista à descoberta de direções novas para benefício de todos.

A 18 de novembro realizou-se a primeira reunião de estudo, precisamente para propor «Novos problemas para o MRAR», tendo estado presentes na SNBA, em Lisboa, cerca de 60 pessoas. O debate orientado por Nuno Portas contou com três comunicações introdutórias, correspondentes às temáticas propostas pela Direção – a «Presença da Igreja na sociedade portuguesa em trânsito» e a psicossociologia duma sociedade urbana em fase de transição foi abordada pelo P. Fernando Micael, «A arte religiosa como serviço e como expressão artística» e a defesa da existência de uma ponte entre a Igreja e a arte contemporânea ficou a cargo de Eduardo Nery, enquanto o tópico «Os edifícios sagrados da Igreja post-conciliar» foi dividido em duas partes, uma correspondente aos problemas de revalorização artística e cultural das igrejas antigas, apresentada pelo P. Avelino Rodrigues, e a outra dedicada à relação entre a vida da Igreja e a arquitetura das novas igrejas, desenvolvida por Diogo L. Pimentel. Esta última revelou-se particularmente interessante pois não se coibiu de questionar o trabalho realizado pelo MRAR, «*que partiu de axiomas que ao tempo não sabíamos criticar e que nos apontavam apenas o conceito tradicional de “igreja”*»⁸³⁵. Treze anos passados não só a Igreja tinha «regressado às fontes», como o contexto sociológico em que se haviam forjado

⁸³¹ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 5.

⁸³² *Ibidem*.

⁸³³ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 6.

⁸³⁴ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 7.

⁸³⁵ [MRAR], Os edifícios sagrados da Igreja post-conciliar, MRAR – Boletim, 3.^a Série, n.º 1 (jan.1967), p. 4.

os conceitos tradicionais fora profundamente alterado: «*a nossa sociedade já não tem unanimidade ideológica, mas é pluralista; já não é confessional mas laica na sua própria estrutura; vive do diálogo e não admite imposição de qualquer sistema de valores*»⁸³⁶. Constatou-se deste modo que a construção de uma igreja já não era especificamente um problema de arquitetura, mas de toda a vida da Igreja e da adaptação da sua pastoral aos novos moldes da vida urbana. Porém, não sabiam ainda o que seria na realidade a Igreja depois do Concílio. Apenas que «*certamente não poderá ser a igreja-memorial, a igreja-libelo-apologético, a igreja aristocrática e triunfalista, que parece ignorar os homens que a rodeiam*»⁸³⁷, pois a Igreja reconhecera-se como servidora do mundo, «*presente portanto mais como Serviço do que como instituição*»⁸³⁸. Também não sabiam «*até onde irão as concretizações que a Pastoral tentará a partir desta ideia. Mas é lógico pensar que, da compreensão profunda do que seja esse novo “modo-de-estar-no-mundo”, resultará um renovado programa para as instalações-sede ou para as instalações-quadro desse serviço que a Igreja é*»⁸³⁹. Por esse motivo e apesar de reconhecerem que já se abandonara o conceito de igreja como «Casa de Deus» em favor do de «Casa da Assembleia Cristã», sentiam que era tempo de refletir ainda mais sobre as bases do programa-tipo – fruto de treze anos de trabalho do MRAR –, porque se encontravam em construção diversas «*igrejas novas (resultado de tal programa) que temos receio de vermos ultrapassadas (pastoralmente) no dia da sua inauguração*»⁸⁴⁰.

Isto mesmo relatou o primeiro número de uma desejada terceira série do Boletim, lançada em janeiro de 1967 com um grafismo totalmente novo (FIG. 82), cuja edição inaugural foi composta por uma folha com o noticiário recente do Movimento e o calendário das reuniões de estudo até ao mês de junho, seguida do resumo das apresentações realizadas a 18 de novembro, bem como do debate que se seguiu e que contou com as intervenções de N. Teotónio Pereira, Luiz Cunha, J. Maya Santos, P. Albino Cleto, João Santos Simões, José Maria Torre do Valle, Alberto Oliveira e Filipe Lopes. Nesta reunião, como último tema, os presentes discutiram o grau de operacionalidade do MRAR, tendo concluído que a orgânica interna do Movimento definida uma década antes já não podia responder às necessidades presentes. «*O pioneirismo dos*

⁸³⁶ *Ibidem*.

⁸³⁷ [MRAR], Os edifícios sagrados..., p. 5.

⁸³⁸ [MRAR], Os edifícios sagrados..., p. 4.

⁸³⁹ *Ibidem*.

⁸⁴⁰ [MRAR], Os edifícios sagrados..., p. 5.

primeiros anos combatendo erros e desvios, pugnando por uma purificação da arte sacra e pela informação e jurisdição através de organismos e meios aos níveis paroquial e diocesano, tinha cumprido a sua hora. Sessões de estudo de onde se partisse para a formação de equipas adaptadas à nova problemática da arte sacra (adequação do conceito eclesial à sociedade de tipo urbano) pareceu ser o caminho indicado.»⁸⁴¹

De modo que a 16 de dezembro seguiu-se um novo encontro que se debruçou sobre «A Igreja na sociedade urbana», numa sessão que contou com a assistência de mais de uma centena de pessoas. Foi orador principal o P. Fernando Micael que partiu da premissa de que era necessário compreender o fenómeno urbano para se poder determinar qual o modo de presença da Igreja na cidade. Depois de analisar a evolução recente da sociedade portuguesa e a sua migração do mundo rural tradicional para os centros urbanos, propôs uma reflexão sobre a atualidade da paróquia numa sociedade urbana que se movia cada vez mais livremente numa estrutura cidadina que «já não se define como um espaço geográfico, mas como um horizonte mental»⁸⁴². A terminar defendeu que a resposta não seria ou só paróquias ou só não-paróquias, mas um projeto pastoral que conseguisse conciliar a existência desta estrutura com outras soluções que a cidade obrigava e que estavam para além da paróquia.

A sessão seguinte – «das mais difusas e também das mais animadas desta nova fase do Movimento»⁸⁴³ – ocorreu no início de 1967. A 20 de janeiro, Fernando Pernes apresentou os «Novos sentidos da imagem nas artes actuais», em que descreveu «a elaboração da linguagem pictórica ocidental no circuito envolvente da sociedade, para depois mostrar como esse enquadramento sociológico foi abandonado na alienação das correntes actuais»⁸⁴⁴. Seguiu-se-lhe um debate dividido em duas partes, tendo sido a primeira introduzida por José Augusto França – que a orientou para a crise de semântica da pintura contemporânea – e a segunda por Nuno Portas – que lançou o tema da presença da imagem na paisagem. No entanto, a principal conclusão do debate, que contou com a colaboração de críticos de arte, de filósofos e de vários artistas não integrados no MRAR – confirmando o grande interesse do público nos encontros promovidos pelo Movimento na SNBA –, foi a necessidade de se criar uma base comum de linguagem, pois várias intervenções acabaram por ser necessárias

⁸⁴¹ Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Ora et Labora*, Ano XIV, n.º 3 (1967), p. 232.

⁸⁴² [MRAR], A Igreja na Sociedade Urbana, *MRAR – Boletim*, 3.ª Série, s/n.º (jan.1967-mai.1968), p. 8.

⁸⁴³ [MRAR], Novos Sentidos da Imagem nas Artes Actuais, *MRAR – Boletim*, 3.ª Série, s/n.º (jan.1967-mai.1968), p. 1.

⁸⁴⁴ *Ibidem*.

para o esclarecimento de conceitos como expressão, imagem, sinal, símbolo e signo. Quatro dias depois e dando continuidade à vida do Movimento, este reuniu-se em Assembleia Geral Extraordinária convocada por Erich Corsépius para que se realizasse a eleição do novo presidente da Assembleia Geral, tendo sido eleito S. Formosinho Sanchez.

A 17 de fevereiro o MRAR retomou as suas bem-sucedidas reuniões mensais para, a partir do programa-tipo para a construção de novas igrejas proposto pelo SNIP, debater «Novos conceitos de igrejas» e procurar definir critérios de um programa verdadeiramente atual, tendo este desafio juntado mais de cem pessoas ligadas ao problema das novas igrejas. A sessão foi orientada pelo P. João de Almeida, um dos principais redatores daquele documento, que na abertura lembrou que o programa-tipo devia ser considerado como um instrumento de trabalho em aberto e não como uma definição rígida de algo que era, naquele momento, transitório. De facto, também o MRAR verificava que se viviam tempos de grandes mudanças e de novos paradigmas, que o levaram a afirmar que *«nem sequer tivemos tempo de descansar ao ganharmos a dupla batalha da funcionalidade e da aceitação da arte moderna nas igrejas. [Estes] são pontos que hoje ninguém discute. Mas a nossa atenção foi solicitada por novos problemas surgidos da própria efervescência da vida, que agora fomos capazes de detectar porque nós próprios amadurecemos para uma visão mais profunda»*⁸⁴⁵. Naquele momento, o seu entendimento era que quando o Movimento lutou pela funcionalidade, foi apenas pela litúrgica e não pela que dizia respeito ao edifício no seu todo. E *«hoje porém sabemos que não é possível entender a funcionalidade senão em termos de sociologia. Porque os edifícios estão ao serviço das comunidades e a própria vida das comunidades está a sofrer alterações substanciais»*⁸⁴⁶.» Pedro Vieira de Almeida, que fez nesta reunião uma apresentação posteriormente intitulada «Novos problemas do espaço arquitectónico», aprofundou esta questão, afirmando que não era possível conceber-se um programa unificado para as igrejas paroquiais dadas as assimetrias culturais da população portuguesa, *«mas sobretudo porque o contexto social se encontra em completa ebbolição. Programar em pormenor para uma fase transitória é preparar uma obra que «estará desactualizada no dia da sua inauguração»*⁸⁴⁷. Defendeu também que as igrejas deviam ser *«um lugar aberto a todo o homem, conservando espaços libertos de qualquer vinculação ritual»*⁸⁴⁸,

⁸⁴⁵ [MRAR], Novos Conceitos de Igreja, MRAR – Boletim, 3.^a Série, s/n.º (jan.1967-mai.1968), p. 1.

⁸⁴⁶ *Ibidem*.

⁸⁴⁷ *Ibidem*.

⁸⁴⁸ [MRAR], Novos Conceitos..., p. 3.

espaços neutros ou perdidos, que as pessoas poderiam ocupar da maneira que quisessem – *«por tudo isto parece hoje impor-se um conceito de arquitectura religiosa que tanto pode ser arquitectura como anti-arquitectura, mas “religiosa” é que não será»*⁸⁴⁹. Reconheceu o perigo deste conceito tornar o edifício indiferente à sua comunidade por deixar de lhe ser significativa, mas era preciso uma humildade corajosa que reconhecesse que *«a arquitectura talvez não tenha afinal aquela função prospectiva, apontada até aqui, de avançar propostas culturais de formação de massas»*⁸⁵⁰, mas pelo contrário, que o edifício só ganharia essa função quando fosse consequência de uma comunidade empenhada em viver a alegria pascal da reunião. Por esse motivo, considerou que as novas igrejas adaptadas a caves, lojas ou garagens eram *«exemplos de arquitectura religiosa de vanguarda, e isto no melhor sentido»*⁸⁵¹. Durante o debate final estas questões foram largamente discutidas, tendo Nuno Portas lembrado que se a própria arquitetura civil estava numa fase transitória, a religiosa não podia pretender ser definitiva e que *«se a verdadeira funcionalidade deve traduzir a própria fisiologia da vida da comunidade e dos indivíduos, então é lógico que a incerteza da vida moderna transpareça nos próprios edifícios religiosos (despretensiosos, pobres, funcionalmente polivalentes)»*⁸⁵². Estas considerações mereceram a aprovação do P. Felicidade Alves, que defendeu que *«se se constroem garagens que podem transformar-se em igrejas, nada impede que se construam igrejas que se possam transformar em garagens»*⁸⁵³. À semelhança de Pedro Vieira de Almeida, o P. Felicidade Alves foi responsável por uma apresentação crítica do programa-tipo, mas à luz da evolução pós-conciliar, na qual começou por contestar a definição dada ao termo «igreja», usado como sinónimo de «templo» e não de «Domus-Ecclesia», o que levava à interpretação de que era um edifício sagrado, quando *«o carácter de “sagrado” está no cristão e na Comunidade, [pelo que] todas as acções da vida da comunidade são “sagradas” e não profanas. Pelo contrário, “sacralizar” as coisas não será o mesmo que “coisificar” o sagrado? E a fixação do sagrado a tal local, tal objecto, tal imagem não será justamente a base da superstição e da magia ou, pelo menos, o regresso à mentalidade levítica do Antigo Testamento?»*⁸⁵⁴. Com essa definição dava-se igualmente a ideia de que o essencial na vida cristã era o rito,

⁸⁴⁹ [MRAR], Novos Conceitos..., p. 1.

⁸⁵⁰ *Ibidem*.

⁸⁵¹ [MRAR], Novos Problemas do Espaço Arquitectónico, MRAR – Boletim, 3.^a Série, s/n.º (jan.1967-mai.1968), p. 6.

⁸⁵² [MRAR], Novos Conceitos..., p. 4.

⁸⁵³ *Ibidem*.

⁸⁵⁴ [MRAR], Novos Conceitos..., p. 3.

sendo todas as restantes funções da comunidade apenas acessórias, noção que era reforçada pela afirmação feita no programa-tipo de que o centro paroquial era um complemento da igreja. Para além destas foram várias as observações feitas pelo P. Felicidade Alves, que se resumiram depois na formulação de alguns problemas cruciais: «*Ainda não sabemos para que é que servem as igrejas. Ainda não estamos de acordo sobre o que é e para que serve a Igreja no Mundo. Ainda não se definiu para que é que serve a paróquia. Ainda não sabemos qual a fisionomia das próprias acções litúrgicas. Ainda não sabemos onde irão dar as modificações radicais que fermentam por todo o corpo social da vida cristã*»⁸⁵⁵. Tornava-se claro que a luta do MRAR tinha sido apenas uma etapa de um percurso que começara pela renovação formal e funcional das igrejas para agora começar a entendê-las e questioná-las de um modo que o Movimento nunca fizera.

As dúvidas levantadas tinham ainda apenas respostas esboçadas, mas à pergunta «*Deixaremos então de construir «igrejas»?*»⁸⁵⁶ responderam «*Não se trata disso. Mas, para já, negamos [...] que a igreja possa ser um monumento de afirmação arrogante da fé ou um monumental panfleto sectário [...]. Negamos que a igreja seja um “templo” onde só se realizem actos litúrgicos, porque toda a vida da comunidade é sagrada. Negamos que a igreja seja uma “cidadela paroquial”, [...] porque no campo social a paróquia de hoje apenas tem de dar o testemunho espontâneo e simples de caridade sem grandes organizações, que escapam à sua competência. Mas afirmamos que, onde houver uma comunidade de cristãos tem de haver um lugar de reunião, que pode ser simplesmente uma casa particular ou pequenas “casas de comunidade” espalhadas pelos bairros e povoações*»⁸⁵⁷. Debatia-se portanto um paradigma de vida cristã totalmente novo no mundo moderno e com tal importância para o futuro da Igreja e também do MRAR, que se pensou continuar a reflexão na sessão do mês seguinte, que contaria com as intervenções do P. Fernando Micael e de Diogo L. Pimentel. No entanto, a reunião de 17 de março acabou por ter como tema «*A reintegração artística dos monumentos antigos*», apresentado pelo P. Avelino Rodrigues que fez uma síntese histórica da teoria do restauro, descrevendo seis diferentes métodos de intervenção em edifícios antigos, pois devido às necessidades pastorais das comunidades contemporâneas, e «*a menos que se adopte a solução radical de abandonar os edifícios a si mesmos (deixando de utilizá-los e mantendo-os apenas como memórias plásticas do passado), a própria*

⁸⁵⁵ [MRAR], *Novos Conceitos...*, p. 4.

⁸⁵⁶ [MRAR], *Novos Conceitos...*, p. 1.

⁸⁵⁷ *Ibidem*.

vida do edifício impõe a necessidade de intervenção»⁸⁵⁸. Contudo, como a pastoral e a liturgia evoluíam a um ritmo acelerado e imprevisível, acabou por perguntar se «*será legítimo falar em adaptações e correcções funcionais, quando já nem sequer sabemos qual a função da igreja*»⁸⁵⁹. Repetiram-se deste modo as mesmas dúvidas da reunião anterior, pelo que tanto uma como outra deixaram os problemas que levantaram em aberto.

Foi neste enquadramento que decorreu a reunião seguinte a 28 de abril, dedicada ao «Estudo comparado de projetos recentes», apresentados e comentados por Pedro Vieira de Almeida e Diogo L. Pimentel. Os trabalhos escolhidos foram os projetos finais das igrejas de Santiago, em Almada (N. Teotónio Pereira, Luís Moreira, Nuno Portas, 1963-1969), de N. Sra. da Conceição, em Queluz (J. Maya Santos, 1966-1972) e da Sagrada Família, em Paço de Arcos (João de Almeida, 1966-1969), a igreja em construção de N. Sra. da Conceição, em Rio Maior (José Luís Zúquete e José Bruschy, 1966-68), a igreja já construída do Seminário Dominicano do Olival (Diogo L. Pimentel, 1964-65) e os anteprojetos das igrejas de St. António dos Cavaleiros⁸⁶⁰ (Diogo L. Pimentel, 1966-1979) e de Nevogilde, no Porto (Luiz Cunha, 1967)⁸⁶¹. Quanto ao debate, foi orientado «*na linha da problemática das sessões anteriores, não se confinando a uma análise dos problemas funcionais e litúrgicos*»⁸⁶², mas incidindo fundamentalmente nos aspetos pastorais, urbanísticos e arquitetónicos.

Para se cumprir o programa de reuniões proposto pela Direção do MRAR, faltavam realizar-se duas sessões, uma que continuaria a aprofundar os «Problemas da sociedade urbana» – tema debatido a 16 de dezembro de 1966 – e outra dedicada à «Produção e consumo do objecto artístico» no espaço arquitetónico e na ação litúrgica. No entanto, o encontro marcado para o dia 19 de maio já não chegou a realizar-se, revelando-se assim as dificuldades que a Direção estava a encontrar para manter o MRAR ativo.

⁸⁵⁸ [MRAR], A reintegração artística dos monumentos antigos, MRAR – *Boletim*, 3.ª Série, s/n.º (jan.1967-mai.1968), p. 1.

⁸⁵⁹ [MRAR], A reintegração artística..., p. 12.

⁸⁶⁰ Primeira versão. Esta igreja conheceu um total de três versões, tendo sido identificada nas duas primeiras (1966 e 1967-69) como igreja de Ponte de Frielas.

⁸⁶¹ Deste projeto apenas foi construído o centro paroquial (inaugurado em 1972). Entre 1984 e 1996, Luiz Cunha realizou um segundo para a igreja, mas também este nunca saiu do papel.

⁸⁶² Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Ora et Labora*, Ano XIV, n.º 3 (1967), p. 232.

Ocaso [1968-1969]

Apenas em janeiro de 1968 voltou a haver notícias do Movimento, numa circular aos sócios que procurou justificar os meses de silêncio com a perda de dois dos elementos que mais influência haviam tido na formulação e apresentação dos temas do primeiro ciclo de sessões – Fernando Micael, agora a estudar em Paris, e João de Almeida, a trabalhar em Barcelona. O desfalcado grupo de trabalho foi levado, deste modo, a solicitar a colaboração de alguns amigos do Movimento, entre os quais o arquiteto Luís Vassalo Rosa e o urbanista Filipe Mário Lopes, e conseguiu assim propor um programa de sessões mensais para os primeiros seis meses do ano, que começaria com uma reunião dedicada ao «Estudo de projectos de igrejas urbanas recentes». Seria no dia 26 de janeiro e contaria com a apresentação pelos autores dos quatro trabalhos escolhidos: igreja de S. Lázaro, em Braga (J. Maya Santos, 1967-1982), igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa (N. Teotónio Pereira e Nuno Portas), igreja de St. António dos Cavaleiros⁸⁶³ (Diogo L. Pimentel, 1966-1979) e Sé de Bragança (Francisco Figueira, Luís Vassalo Rosa e António Alfredo, 1964). As duas reuniões seguintes abordariam o tema «Estudo de critérios e formas de intervenção em igrejas antigas para actualização litúrgica e ambiental (análise de experiências em Lisboa e Porto)», a quarta e a quinta tratariam da «Produção de imagens e outros modos de participação do artista plástico na arquitectura religiosa (análise da evolução em Portugal e de experiências actuais)» e a sexta e última centrar-se-ia na problemática do «Equipamento religioso para as populações marginais (o processo para a criação de espaços para a vida religiosa em bairros de lata, clandestinos, etc.)». Para além destes, o grupo de trabalho estudava a possibilidade de apresentação de outros temas, como as igrejas para a pastoral de férias, templos ecuménicos, conceitos de sistema e estrutura urbanas e estudos de semiologia aplicados à arquitetura e urbanística. Nenhuma destas sessões se realizou.

Um ano e meio depois, Nuno Portas, Diogo L. Pimentel, Maria do Carmo Matos e o P. Avelino Rodrigues assinaram a última carta do MRAR⁸⁶⁴, depois

⁸⁶³ Segunda versão (1967-69).

⁸⁶⁴ Juntamente com a carta, foi enviado aos sócios um segundo exemplar do Boletim – MRAR – Boletim, 3.^a Série, s/n.^o (jan.1967-mai.1968) –, que continha seis pequenos cadernos correspondentes às apresentações feitas em cinco das reuniões realizadas entre 1966 e 1967 – Os edifícios sagrados da Igreja post-conciliar, A Igreja na Sociedade Urbana, Novos Sentidos da Imagem nas Artes Actuais, Novos Conceitos de Igreja, Novos Problemas do Espaço Arquitectónico, A reintegração artística dos monumentos antigos.

de mais um prolongado silêncio, depois de dois anos se terem passado «*sem que nada se passasse a nível do Movimento*»⁸⁶⁵ (FIG. 83). Durante este tempo muitas coisas graves aconteceram no âmbito do Patriarcado de Lisboa. «*Coisas que são do conhecimento público – crises, casos, diálogos falhados, reformas desejadas, baixo-assinados, etc.*»⁸⁶⁶ De modo que aos habituais motivos de falta de disponibilidade de tempo e pessoas, invocados como causa dos silêncios do MRAR, se juntou a inibição do pequeno grupo responsável para mobilizar esforços e interesses por assuntos que eram claramente secundários em relação aos problemas que a Igreja em Portugal atravessava e que naturalmente monopolizavam o interesse e a preocupação de todos. «*É tempo agora de falar claro. O grupo responsável reconhece a sua inactividade e por ela pede desculpa, independentemente das justificações invocáveis. Neste momento, o mesmo grupo propõe que o MRAR seja “congelado” até surgir nova oportunidade de o devolver à “vida”. Não se propõe a sua extinção mas apenas a suspensão temporária das suas actividades [...]. Desse modo, a todo o tempo, o MRAR é uma constituição retomável, se isso for tido por útil para a vida da Igreja*»⁸⁶⁷. Não voltou a ser. O MRAR nascera dezasseis anos antes para cumprir uma missão e fê-lo com sucesso. Mas os tempos eram outros, os problemas eram outros e os jovens fundadores do MRAR já não eram os mesmos jovens, partilhando os mesmos ideais, o mesmo entusiasmo, a mesma luta. A década de 1960 fora uma época histórica com uma intensidade surpreendente a nível da vida da sociedade e da Igreja, em Portugal por umas razões, no restante mundo ocidental por outras. Era tempo de falar claro. O tempo do MRAR chegara ao fim. A 6 de agosto de 1969.

⁸⁶⁵ PORTAS, Nuno [et. al.], [Carta aos sócios], Lisboa (6.ago.1969), p. 1.

⁸⁶⁶ *Ibidem*.

⁸⁶⁷ *Ibidem*.

Capítulo II

MRAR: arquitetura

2. Pensamento, relevância e permanência

2.1. Pensamento

A arquitetura foi uma constante na vida do MRAR. No entanto, esta relação não foi sempre igual, mas evolutiva, acompanhando de perto as transformações que a própria disciplina foi vivendo ao longo da década e meia de existência do MRAR. No começo a única convicção que os jovens arquitetos possuíam era que a arquitetura religiosa tinha de ser renovada, o que significava abandonar a reprodução dos estilos de outras épocas e construir de acordo com as realidades modernas. Porque ser moderno para eles não era uma vontade de apagar o passado e inventar tudo do nada. Bem pelo contrário, era respeitar a tradição e a história que sempre viu sucederem-se formas artísticas modernas em relação ao seu tempo. Ser verdadeiro com o Evangelho e também com a história da arquitetura obrigava a construir num estilo novo, que fosse capaz de dizer as verdades de sempre na linguagem do homem daquele tempo. Que estilo era esse? Estavam à procura. Numa primeira fase, o MRAR adotou as despojadas e formalmente simples propostas arquitetônicas suíças que resultavam não só de uma outra postura artística, mas de uma nova mentalidade cristã, bem conforme ao espírito militante jucista que os impregnava. No entanto, àquela arquitetura não deixou de lhes parecer faltar o calor meridional, pelo que também não apoiavam a sua cópia servil. Estavam seguros do que não se devia fazer, mas a proposta contrária ainda a procuravam, num tempo em que começavam a duvidar do Movimento Moderno como alternativa, o que os deixou com poucos modelos para sugerirem como resposta.

As incertezas que povoaram esta busca traduziram-se na repetida apresentação de três projetos muito distintos nas exposições que realizaram ao longo da década de 1950 – igreja de Águas: projeto moderno que buscava a integração no ambiente local; igreja de Moscavide: edifício profundamente vinculado na arquitetura suíça, onde se inspirou assumidamente; capela do Picote: obra diretamente filiada no Movimento Moderno. Três conceitos diferentes que eram três caminhos ainda em aberto. De igual modo, concretizaram-se

em projetos concretos que acabaram por materializar a indefinição que os acompanhou durante os anos de 1950. Foi o caso dos trabalhos realizados por A. Freitas Leal, que em 1954 alterou a sua proposta inicial para a igreja de S. Sebastião, em Mouriscas, que correspondia a uma igreja de planta basilical com uma arquitetura que tentava modernizar a sua imagem tradicional, por um segundo anteprojecto profundamente inspirado na igreja de Moscavide. A rejeição que a nova proposta recebeu quer da parte dos paroquianos quer do Bispo de Portalegre-Castelo Branco, bem como as dúvidas que se levantaram entretanto também em Moscavide com o aspeto formal da nova igreja, levaram-no a recuar e apresentar em 1956 no concurso de anteprojetos para a igreja do Agrupamento de Casas Económicas de Benfica, em Lisboa, uma proposta muito próxima do primeiro anteprojecto para Mouriscas. Por outro lado, nesse mesmo ano começou a desenvolver o projeto para a capela de N. Sra. de Fátima, em Figueira, Vila do Bispo, que à sua escala se filiou então na igreja de Águas, tal como fez J. Maya Santos na igreja de S. Simão, no Barco, Covilhã, que à semelhança daquela, «*procurou-se integrar [...] dentro da expressão arquitectónica local, tendo em consideração, porém, as exigências de uma expressão adequada ao nosso tempo*»⁸⁶⁸.

O Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal que se encontrava em realização naquele período ia influenciando determinantemente as opções formais dos jovens arquitetos do MRAR, que começaram a ver a igreja de Águas como «*o marco, o ponto de nascença das igrejas que o nosso povo cristão merece: uma arte integralmente portuguesa e simples, inteiramente actual, intimamente cristã*»⁸⁶⁹. E isto porque «*o ponto de partida da Igreja para a Beira foi outro: o carácter da região, a comunidade bem definida a que a obra se dirigia, a responsabilidade que já então se fazia sentir de responder com o maior realismo não só às necessidades de um programa mas ao ambiente e à cultura preexistente, permitiram um critério de composição com resultados notáveis para a fase actual da nossa arquitectura*»⁸⁷⁰.

A palavra-chave era integração que segundo Nuno Portas correspondia à «*necessidade de adequar ou, melhor, de relacionar a expressão de uma casa com o condicionalismo concreto do lugar onde se insere e das pessoas a que se destina, abstraído de um sistema formal preconcebido; pode portanto desdobrar-se em aspectos distintos: inserção harmónica numa paisagem natural; inserção num ambiente arquitectónico preexistente, popular ou erudito; acordo com os anteriores hábitos de*

⁸⁶⁸ SANTOS, J. Maya, LEAL, A. Freitas, *Igreja paroquial de Barco...*, p. 3.

⁸⁶⁹ PORTAS, Nuno, *O Drama da Arte Sacra Portuguesa, Encontro*, Ano 1, n.º 4 (abril 1956), p. 8.

⁸⁷⁰ PORTAS, Nuno, *Dois novos edifícios litúrgicos em Portugal, Arquitectura*, n.º 60 (out.57), p. 28.

vida e sobretudo do habitar, com a psicologia e valores culturais dos utentes»⁸⁷¹. Não se tratava de rejeitar a modernidade da arquitetura, mas de envolvê-la com as culturas e as tradições locais. E esta tornou-se na regra que o MRAR reconheceu como sua, conforme se atesta no relatório elaborado em 1964 por A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel em nome do MRAR a propósito da construção de novas igrejas na Diocese do Funchal: «Ao conceber-se uma igreja nova não poderá ignorar-se o ambiente humano e paisagístico a que se destina. Neste caso, as igrejas não deverão ser edifícios que também poderiam estar na Madeira, mas deverão ser igrejas que não poderão estar senão na Madeira. Isto é, deverá haver especial cuidado em que se integrem e adequem ao ambiente da ilha e da sua população.»⁸⁷²

Paralelamente a este movimento renovador da arquitetura, os desenvolvimentos resultantes do movimento litúrgico solicitavam uma nova forma de vivência da missa e consequentemente uma alteração na organização e distribuição do espaço interno das igrejas. A afirmação da centralidade do altar e da presença consciente e atenta dos leigos na eucaristia⁸⁷³ interpelava os arquitetos a criarem novos espaços e a usarem técnicas e materiais modernos. A modernização da arquitetura e a renovação da liturgia uniram-se assim numa procura de comum interesse e reforçaram argumentos uma da outra. N. Teotónio Pereira bem o compreendeu e afirmou na abertura do Curso de Arquitetura Sacra que o MRAR organizou no início de 1958 em Lisboa: «A essência do culto a Deus na Igreja Católica tem-se mantido integralmente através dos séculos, mas as formas desse culto têm estado sujeitas a uma constante (embora às vezes lenta) evolução. [...] Ora nós atravessamos uma época em que se estão processando alterações importantíssimas neste capítulo e que se traduzem em exigências diferentes para o traçado do plano de uma igreja. Efectivamente, no campo da Pastoral e da Liturgia a Igreja está empenhada num esforço de renovação e redescobrimto talvez sem precedentes: tudo se vai ordenando de novo em função do essencial, altos

⁸⁷¹ PORTAS, Nuno, *Arquitectura Integrada?*, *Jornal de Letras e Artes*, Ano II, n.º 84 (8.mai.1963), p. 9.

⁸⁷² PIMENTEL, Diogo L., LEAL, A. Freitas, *Relatório sobre a construção de novas igrejas na Diocese do Funchal* (25.ago.1964), p. 2.

⁸⁷³ «Para que as igrejas [...] correspondam às dominantes actuais da liturgia e pastoral impõe-se, em primeiro lugar, a valorização do altar-mor [...]. Em seguida, o despojamento das estruturas que possam impedir a visibilidade, separar os fiéis, distrair a assembleia pelo seu excesso ou exuberância, tudo isto conciliado [...] com o respeito pelas verdadeiras obras de arte e do passado, mas em obediência a duas ordens de exigência: renovação e purificação da vida cristã e adaptação à sensibilidade moderna que procura o essencial e verdadeiro.», PEREIRA, N. Teotónio, REBELO, João C., Há nos Açores uma grande riqueza arquitectónica e religiosa (entrevista), *A União* (4.set.1962), p. 2. Esta concepção determinou as remodelações em igrejas antigas realizadas neste período, particularmente por A. Freitas Leal.

*valores adulterados ou esquecidos vão sendo repostos nos seus lugares, de acordo com as exigências do nosso tempo. Esta gigantesca evolução, sempre em constante desenvolvimento, [...] põe novas exigências à arquitectura. E a arquitectura tem de inserir-se nesse movimento, tem de conhecê-lo, senti-lo e acompanhá-lo, para poder satisfazer essas exigências e traduzir o seu sentido e as suas esperanças.»*⁸⁷⁴

Através do MRAR aquele grupo de jovens pôde juntar à sua formação em arquitetura uma importante aprendizagem de temas até aí apenas aprofundados pelo clero. O contacto frequente com importantes liturgistas como o P. José Felicidade Alves ou o P. José Ferreira, as relações próximas com o Seminário dos Olivais e alguns dos seus seminaristas possibilitadas por João de Almeida e o acompanhamento espiritual do P. António dos Reis Rodrigues que os estimulava a uma prática cristã fundamentada e ativa na linha da ACP não só lhes deu um novo entendimento sobre o que era uma igreja – *«edifício onde o Povo de Deus se reúne para a celebração eucarística, para a recepção dos sacramentos, para ouvir a proclamação da Palavra de Deus, para o culto da Presença Real e para se entregar colectiva ou individualmente à oração e devoções não litúrgicas»*⁸⁷⁵ –, como também os tornou capazes de pensar e falar sobre temas cristãos, a vida da Igreja, os Sacramentos, a Liturgia e das próprias igrejas não apenas como projetistas, mas também enquanto cristãos ativos, esclarecidos e comprometidos. Isto mesmo é perceptível no relatório elaborado em 1964 por A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel, que revela como o MRAR tinha como estreita a relação entre arquitetura moderna e liturgia renovada: *«Uma igreja construída hoje não pode deixar de ser uma igreja moderna, sob pena de impossibilitar uma liturgia verdadeiramente vivida, de ser um permanente convite a uma piedade estiolada e infecunda. Se a nova igreja vai ser o quadro ambencial de toda a vida cultural da paróquia, poderá ela começar por ser um fingimento? E por igreja moderna entender-se-á uma igreja coerente com as necessidades, exigências e anseios do mundo actual, e não só do mundo mas da Igreja de hoje, profundamente empenhada em certa forma de presença nesse mesmo mundo. Para além da sua plena adequação funcional à liturgia tal como hoje é, deverá também ser capaz de exprimir a espiritualidade do cristão dos nossos dias, que ama a Verdade e a simplicidade, que procura o essencial nas coisas, que é ávido de paz e silêncio, que procura um verdadeiro sentido eclesial, que é chamado com insistência a participar activamente na liturgia e em toda a vida*

⁸⁷⁴ PEREIRA, N. Teotónio Pereira [Abertura do Curso de Arquitectura Sacra], Lisboa (2.jan.1958), pp. 3-4.

⁸⁷⁵ Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus e de seus anexos [S.l.: s.n.] (1961), p. 3.

da igreja, que redescobre o sentido comunitário e a fraternidade evangélica⁸⁷⁶. Uma igreja de hoje deve ser expressão de tudo isso, e isso mesmo lhe conferirá características de modernidade. Será moderna também porque usará técnicas e materiais modernos na sua construção. E esses implicam modernidade de concepção e de linguagem. Não se trata de fazer diferente, mas tratar-se-á de fazer coerente com o nosso tempo e as técnicas de que dispomos.»⁸⁷⁷

A primeira igreja em que o MRAR se reconheceu plenamente e encontrou a síntese arquitetónica e litúrgica que procurava foi a de S. Mamede, em Negrelos, conforme afirmou Diogo L. Pimentel na reunião de estudo de 11 de janeiro de 1966: «Esta igreja de S. Mamede de Negrelos surge como primeira obra, em Portugal, de uma nova fase, em que a polémica deixou de ter razão de ser, em que por isso mesmo o amadurecimento se torna possível, e com esse amadurecimento se torna possível também uma arquitectura que já não se caracteriza pelo esforço para se tornar acessível, compreensível e aceite, mas que é já, de certo modo, fruto e expressão dum modo de sentir mais generalizado e comumente aceite.»⁸⁷⁸

No entanto, se a arquitetura religiosa integrada do MRAR mostrava-se adequada para o meio rural, faltava comprovar a sua aplicação em meio urbano e isso aconteceu com a vitória de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas no concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, que acabou por confirmar a viabilidade da conceção arquitetónica do MRAR, mas também a sua proposta programática, uma vez que o Movimento foi responsável pelo programa do concurso⁸⁷⁹ que na linha da renovação pastoral da Igreja afirmou a necessidade

⁸⁷⁶ Em 1965, o *Boletim de Informação Pastoral* afirmou como negativa a divisão entre a assembleia dos fiéis e a zona do altar, «que hoje justamente se tende a atenuar (divisão dificilmente evitável num espaço de sentido longitudinal)». Segundo o BIP, deveria adotar-se «uma forma mais adequada à envolvimento do altar pela assembleia, conforme o pede a ideia de participação, mais exigente que a da simples assistência», Igrejas novas – Igreja paroquial de Barco (Fundão), BIP – *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 7, n.º 37-38 (mar.-abr.-mai.1965), p. 18.

⁸⁷⁷ PIMENTEL, Diogo L., LEAL, A. Freitas, *Relatório sobre a construção de novas igrejas na Diocese do Funchal* (25.ago.1964), p. 2.

⁸⁷⁸ [MRAR], Reunião de estudo – Relato (11/1/66), *MRAR – Boletim*, 2.ª Série, n.º 29 (jan.-mar.1966), p. 2.

⁸⁷⁹ O MRAR foi um permanente defensor de concursos públicos de anteprojetos para as novas igrejas, sendo esta sua preferência do conhecimento público: «Como já notámos anteriormente [*Boletim* n.º 1 (jan.1957)], a realização de concursos de anteprojectos só traz benefícios para a qualidade da produção arquitectónica no nosso País, mormente no caso da arquitectura religiosa, campo especial por si mesmo.» [SANTOS, J. Maya, Concurso para um santuário em Loulé, *MRAR – Boletim*, 1.ª Série, n.º 2 (mai.1957), p. 7.] O MRAR tentou promover vários concursos: Queluz (cartas de N. Teotónio Pereira à Comissão Fabriqueira de 24 de março de 1954 e 8 de março de 1956), Almada (carta de N. Teotónio Pereira a Manuel Cargaleiro de 12 de fevereiro de 1956 e reunião do Conselho Diretivo do MRAR de 25 de janeiro de 1957), Loulé (carta de N. Teotónio Pereira

das igrejas não se limitarem ao espaço de culto, mas de serem complementadas por um centro paroquial, «concebido em ordem à educação do sentido comunitário e apostólico dos paroquianos e à organização duma pastoral adaptada e eficiente»⁸⁸⁰. Revelava-se assim que o MRAR acompanhava de perto a reflexão pastoral que se realizava no centro da Europa, mas também que escutara as palavras do Cardeal-Patriarca D. Manuel G. Cerejeira na inauguração da igreja de S. João de Brito, em 1955, onde afirmou que «uma igreja paroquial não é apenas um lugar de culto, é antes a célula viva da comunidade cristã. Não realiza a sua missão se não for centro de culto, sim, mas ainda de ensino, de apostolado, de beneficência, de recreação»⁸⁸¹. Estas palavras o MRAR traduziu-as num programa pioneiro em Portugal «que durante vários anos iria inspirar muitos outros programas de igrejas no Patriarcado e mesmo fora»⁸⁸². À semelhança da igreja do Sagrado Coração de Jesus, as restantes igrejas paroquiais associadas ao MRAR construídas em contexto urbano adotaram este programa, tal como o princípio de que neste novo conjunto, a igreja e o centro paroquial – que deveriam ser de igual modo obras de arquitetura erudita e qualificada – ocupariam sempre que possível volumes

ao Bispo de Faro de 24 de fevereiro de 1957), Sé de Bragança e igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa (reunião do MRAR de 13 de abril de 1955 e carta de N. Teotónio Pereira à Comissão Fabriqueira de 10 de maio de 1956, onde o MRAR se apresentou como um grupo «formado por artistas e críticos católicos e por outras pessoas interessadas em promover o florescimento de uma arte autenticamente representativa do nosso tempo», que, para atingir tal objetivo, defendia a realização de concursos públicos para as obras mais significativas. «E é por parecer aos membros do MRAR que a nova igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus está nestas condições, tanto pela importância e significado do empreendimento, como pela sua localização, que vêm por este meio sugerir à Comissão a realização de um concurso público de anteprojectos. [...] No caso da Comissão se decidir pela realização do concurso, o Movimento poderia encarregar-se da respectiva organização, nomeadamente: elaboração do regulamento, em ligação com o Sindicato Nacional dos Arquitectos; divulgação, entre os arquitectos concorrentes, de informações relativas à realização do programa da igreja, sobretudo no que se refere ao aspecto litúrgico.» O MRAR acabou por organizar apenas os dois últimos.

⁸⁸⁰ Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus e de seus anexos [S.l.: s.n.] (1961), p. 4. Já em 1956 A. Freitas Leal escrevia na Memória Descritiva do seu projeto para a remodelação da igreja de Budens que «a paróquia de Budens [...] necessita, para poder realizar com eficácia a tarefa apostólica que se propõe, dos anexos correspondentes ao desenvolvimento da sua actividade pastoral. Esta actividade é primariamente o culto – o sacrifício, os sacramentos, a oração litúrgica e a pregação – que tem lugar na Igreja Paroquial existente. Em seguida, a actividade de pastoral toma as formas de ensino, cultura e recreio para grupos homogêneos e diferenciados [...]. Podemos ainda assimilar à actividade pastoral a acção assistencial na medida em que esta acção nasce da exigência da caridade consequente da própria vivência da fé», LEAL, A. Freitas, *Anexos da igreja paroquial de Budens – Memória Descritiva e Justificativa* (31.dez.1956), p. 2.

⁸⁸¹ CEREJEIRA, Cardeal, A nova Igreja de S. João de Brito – A alocação de sua eminência, *Novidades* (3.out.1955), p. 4.

⁸⁸² Solenemente inaugurada a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus, *B.D.P. Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano III, n.º 25-26 (mai.-jun.1970), p. 11.

distintos um do outro, sendo que em qualquer dos casos a igreja predominaria sobre o centro, não deixando dúvidas quanto à localização do espaço de culto.

De igual modo, para o MRAR e porque «*ultrapassado que está o conceito decorativo da presença da igreja, destacada, dominadora, monumental, ornamental, exige-se que uma nova igreja tenha uma presença coerente com os valores culturais e religiosos da época actual. Pela sua implantação e arquitectura deverá exprimir a realidade da sua presença institucional na sociedade dos nossos dias, por isso mesmo, mais recolhida que ostentada, mais acolhedora que dominadora, mais integrada no ambiente que ornamento do mesmo, mais sagrada que monumental*»⁸⁸³. Por este motivo, o MRAR defendeu que as igrejas não se deviam esconder na cidade, mas também não deveriam implantar-se no espaço urbano em locais dominantes, no topo das avenidas ou no centro das praças como uma «*coisa ou objecto exposto à admiração, [ou] como peça de museu, contrária a um verdadeiro sentido de serviço*»⁸⁸⁴, palavra e atitude que se manteve presente no pensamento arquitetónico do MRAR, levando J. Maya Santos a chamar «*Arte de serviço*»⁸⁸⁵ à arquitetura de igrejas. Foi portanto com naturalidade que o MRAR acolheu a afirmação dos Padres Conciliares na mensagem dirigida à Humanidade em 1962 na abertura do Concílio Vaticano II, de que «*a Igreja não nasceu para dominar mas para servir*». Em coerência com esta eclesiologia, a arquitetura religiosa do MRAR não poderia caracterizar-se pela monumentalidade, o que também seria contrário ao princípio defendido pelo MRAR de integração e diálogo das igrejas com o território envolvente.

Esta desejada integração arquitetónica influenciou também a escolha dos materiais e das técnicas construtivas, que em nome da coerência histórica, contou sempre com a presença do betão armado, inclusive nas obras realizadas em meio rural, que reconhecendo o valor do novo e do antigo, do internacional e do local, combinaram tradicional e contemporâneo para materializarem assim uma síntese arquitetónica ambicionada pelo MRAR. Já nas cidades, as igrejas foram edificadas exclusivamente com as técnicas e materiais modernos por serem estes os maioritariamente utilizados nas novas construções urbanas, assegurando-se também deste modo o estabelecimento de uma relação integrada com os edifícios envolventes. O betão foi assim o material dominante

⁸⁸³ Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, [*Parecer*] *Nova igreja paroquial de Almada* (25. mai.1963), pp. 2-3.

⁸⁸⁴ SANTOS, José Maya, *A igreja de S. Mamede de Negrelos, Arquitectura*, n.º 102 (mar.-abr.1968), p. 73.

⁸⁸⁵ SANTOS, José Maya, *Anteprojecto do complexo paroquial de Queluz – Memória descritiva e justificativa* (jan.1966), p. 1.

nestes edifícios, quer na estrutura dos mesmos quer como meio de expressão plástica, prática característica da arquitetura moderna que era possível devido ao não revestimento do betão, que nestas igrejas foi assim deixado com o seu aspeto natural após a descobrimento em nome da verdade construtiva, mas não só. «*Na definição dos processos construtivos e na escolha de materiais procurou-se uma solução económica e que implicasse reduzidas despesas de conservação – mas tentou-se ao mesmo tempo exprimir alguma coisa de um espírito de pobreza que a igreja post-conciliar procura viver.*»⁸⁸⁶ As igrejas do MRAR deviam ser nobres, mas sem recurso a riqueza material. A sua nobreza e dignidade viriam da pobreza espiritual que este material exposto ajudaria a materializar. Por isso sem surpresa afirmou o jornal *Novidades* na inauguração da igreja do Sagrado Coração de Jesus: «*Milhares de toneladas de cimento armado tomaram forma, erguendo-se em paredes e colunas a que não faltam majestade e sobriedade. Paira no grandioso recinto o espírito de “pobreza evangélica”, que melhor afirma a dignidade da sua função.*»⁸⁸⁷ Se em 1953 os jovens arquitetos fundadores do MRAR reclamaram contra a ausência na arquitetura religiosa que então se construía dos atributos evangélicos de Pureza, Verdade, Pobreza e Paz⁸⁸⁸ – que «*de entre todas as que foram formuladas no sermão da montanha, [eram] aquelas que pela própria natureza da Arte mais explicitamente podem encarnar-se nas suas obras*»⁸⁸⁹ – durante a década de 1960 mostraram que não falavam de uma utopia, mas que era possível e necessário fazê-lo naquele tempo e numa linguagem moderna.

2.2. Relevância

Quando em 1953 Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, António de Freitas Leal, João Correia Rebelo, José Maya Santos, Henrique Albino e João Braula Reis se lançaram na aventura da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, estavam longe de imaginar que a renovação que ali pediam

⁸⁸⁶ PEREIRA, N. Teotónio, PORTAS, Nuno, *Centro Paroquial de Almada – Projecto: Memória* (12. ago.1966), p. 7.

⁸⁸⁷ A nova paroquial do S. Coração de Jesus, *Novidades* (21.jun.1970), p. 3.

⁸⁸⁸ Também naquele ano o Cardeal-Patriarca escreveu na *Pastoral sobre Arte Sacra*: «*Hoje, como ontem, a igreja tem de ser concebida em espírito de pureza, verdade, pobreza, paz*», para que possua a nobreza, dignidade e beleza «*não como coisa adventícia, artificial, acessória (logo falsa); antes como uma espécie de esplendor íntimo, espontâneo, ia a dizer ontológico, que nasce da verdade, harmonia e justeza de todos e de cada um dos elementos*», CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, *Pastoral sobre Arte Sacra* (mar.1953), p. 2.

⁸⁸⁹ LEAL, A. Freitas, ALMEIDA, João de, Nota dos organizadores da exposição, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.

se concretizasse nos moldes que hoje conhecemos. No entanto, o sucesso da exposição, «*que de forma alguma se esperava*»⁸⁹⁰, foi imediato. A sua iniciativa foi acolhida de forma surpreendente, como ficou registado nas centenas de mensagens de apoio e felicitação deixadas por inúmeros visitantes no Diário da Exposição, mas também pela cobertura e interesse que gerou nos meios de comunicação social, e este foi um dos fatores que mais ajudou o MRAR a atingir os seus objetivos ao longo da sua história. De facto, desde a primeira hora o MRAR gozou da simpatia quer da imprensa diária, mensal ou outra, quer da especializada, como as revistas *Arquitectura* e *Binário*. O Movimento soube gerir muito bem a sua relação com os media, para os quais as suas atividades foram sempre relevantes e motivo de notícia, sendo o caso mais paradigmático o acompanhamento do Curso de Arquitectura Sacra no início de 1958, que deu origem a várias dezenas de artigos em jornais como *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *Diário de Lisboa*, *Jornal de Notícias*, *O Século*, *Diário da Manhã*, *Diário Ilustrado*, *O Comércio do Porto*, *A Voz*, *A Guarda*, *República*, *Primeiro de Janeiro* e *Jornal do Comércio*.

Também nos órgãos de comunicação da Igreja o MRAR foi um movimento bem acolhido e promovido. São bons exemplos a revista litúrgica *Ora et Labora* do mosteiro beneditino de Singeverga, que seguiu e elogiou o MRAR do início⁸⁹¹ ao fim⁸⁹², e o importante jornal *Novidades* que em 1951 mostrou-se entusiasmado com a obra do arquiteto Vasco Regaleira⁸⁹³, mas dois anos depois noticiou repetidamente sobre a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea – a que chegou a dedicar a quase totalidade de um dos seus suplementos *Letras e Artes*⁸⁹⁴ – e uma década mais tarde entrevistou sete membros do MRAR numa série dedicada ao tema «Rumos da Arte Sacra»⁸⁹⁵, revelando deste modo a mudança cultural que a Igreja viveu no seu interior ao longo da década de 1950, à medida que foi acolhendo o pensamento renovador do

⁸⁹⁰ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 4 (set.1961), p. 1.

⁸⁹¹ Conferências de Arte Sacra, *Ora et Labora*, Ano 1, n.º 4 (1954), p. 222.

⁸⁹² Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Ora et Labora*, Ano XIV, n.º 3 (1967), p. 232.

⁸⁹³ OLIVEIRA, A. Lopes de, O sentido arquitectural português na obra de Vasco Regaleira, *Novidades – Letras e Artes* (19.ago.1951), p. 3.

⁸⁹⁴ *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), pp. 1-3.

⁸⁹⁵ N. Teotónio Pereira (7.fev.1961), Diogo L. Pimentel (8.fev.1961), João de Almeida (10.fev.1961), José Escada (11.fev.1961), Nuno Portas (12.fev.1961), Vitorino Nemésio (14.fev.1961) e Maria José de Mendonça (19.fev.1961). Foram também entrevistados o arquiteto João Castel-Branco (9.fev.1961), o pintor Domingos Rebelo, pai de João C. Rebelo (13.fev.1961) e o P. Manuel Falcão (18.fev.1961).

MRAR⁸⁹⁶, sempre apoiado por figuras proeminentes da Igreja lisboeta que lhe eram muito próximas, como os padres António dos Reis Rodrigues, Gustavo de Almeida, Felicidade Alves, José Ferreira e Manuel Falcão, bem como pela aprovação superior do Cardeal-Patriarca Manuel G. Cerejeira com a qual o MRAR também contava⁸⁹⁷.

Se em março de 1954, quando Madalena Cabral proferiu uma palestra em Coimbra, o MRAR foi considerado uma «*entidade distante, para nós [audiência], até há pouco, inteiramente desconhecida*»⁸⁹⁸, dois anos depois, na primeira Assembleia Geral do Movimento, N. Teotónio Pereira afirmou que a atividade do MRAR era já conhecida de círculos largos do clero, dos artistas e dos meios mais interessados, consequência de uma ação primordialmente direcionada para os meios dirigentes e responsáveis pelos diversos setores ligados ao campo de ação do MRAR (clero e artistas). Esta conseguida mudança de orientação do clero no sentido de abertura à arte moderna – que o Concílio Vaticano II veio confirmar – foi essencial para que a renovação arquitetónica defendida pelo MRAR se tenha concretizado na prática durante a década de 1960, contribuindo de modo crucial para o fim da arquitetura religiosa conotada como «português suave» que se construiu até então com grande intensidade no Patriarcado de Lisboa, como se pode constatar pela análise das igrejas ali inauguradas nessas duas décadas:

(1951)

Santo Eugénio, Lisboa (Arq. Fernando Peres)

Santo Condestável, Lisboa (Arq. Vasco Regaleira)

Caldas da Rainha (Arq. Vasco Regaleira)

⁸⁹⁶ Outro excelente testemunho desta transformação corresponde à mudança ocorrida na revista *Brotéria*, da Companhia de Jesus, que em 1958 foi alvo de uma dura crítica do MRAR [VASCONCELOS, Flório de, *Brotéria*, MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), p. 11] e seis anos depois já publicava o comentário de Nuno Portas à exposição *Novas igrejas na Alemanha*, apresentada em Portugal com o apoio do Movimento [PORTAS, Nuno, *Novas Igrejas – considerações a propósito de uma exposição*, *Brotéria*, vol. 79, n.º 1 (jul.1964), pp. 18-27].

⁸⁹⁷ De igual modo foi fundamental a presença de João de Almeida no Seminário dos Olivais entre 1953 e 1958 e a influência que exerceu em dezenas de seminaristas, com especial relevo para os que participaram da equipa de Arte: José Policarpo (futuro Cardeal-Patriarca de Lisboa), Albino Cleto (futuro Bispo de Coimbra), Artur Cadima Ribeiro, Avelino Rodrigues, Carlos Pessoa Paes e Henrique Noronha Galvão, entre outros. Os nomes de D. Tomás Gonçálio de Oliveira osb e do P. Manuel Mendes Atanásio também não devem ser esquecidos.

⁸⁹⁸ A arte moderna ao serviço da Igreja, *Correio de Coimbra* (1.abr.1954).

(1953)

S. João de Deus, Lisboa (Arq. António Lino)
Parede (Arq. Guilherme Rebelo de Andrade)
Alcoentre (Arq. Vasco Regaleira)
Vilar, Cadaval (autor desconhecido)

(1954)

Vimeiro (Eng. Eduardo Reis)
Santo Antão do Tojal, Loures (autor desconhecido)

(1955)

S. João de Brito, Lisboa (Arq. Vasco Regaleira)
Benedita (Arq. Lucínio Cruz)
Bárrio, Alcobça (Eng. Eduardo Reis)
Pontinha (autor desconhecido)
Bombarral (Arq. Fernando de Barros Santa Rita)
São Gregório da Fanadia, Caldas da Rainha (autor desconhecido)

(1956)

Póvoa de Santa Iria (Arq. José Bastos)
Carregado (Arq. Vasco Regaleira)
Moscavide (Arqs. João de Almeida e António de Freitas Leal)

(1958)

Amadora (Arq. Vasco Regaleira)

(1959)

Aveiras de Cima (Arq. Vasco Regaleira)

(1960)

Algueirão (Arq. António Amorim)

(1961)

Marquiteira (Arq. Lucínio Cruz)

(1963)

Vidais (Arq. António de Freitas Leal)

(1964)

N. Sra. dos Prazeres, Lisboa (Arq. João Simões)
Bobadela (Arqs. Eduardo Hilário e Alberto Camacho)

(1965)

Sagrada Família (Tabaqueira), Albarraque (Jorge Viana)

(1967)

Vale Covo, Bombarral (Arq. Veloso Reis Camelo)
Fazendas de Almeirim, Almeirim (Arq. Francisco Figueira)⁸⁹⁹

(1968)

Famalicao, Nazaré (SNIP)
Rio Maior (Arqs. José Luís Zúquete e José Bruschy)⁹⁰⁰

(1969)

Paço de Arcos (Arq. João de Almeida)
Almada (Arqs. N. Teotónio Pereira e Nuno Portas)⁹⁰¹

(1970)

Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (Arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas)
Ribamar (Arq. Lucínio Cruz)
Barreiro (Arq. Joaquim Cabeça Padrão)⁹⁰²

Entre 1951 e 1960 inauguraram 21 igrejas no Patriarcado de Lisboa, das quais 17 enquadraram-se formalmente no «Estilo Nacional» desejado pelo regime, enquanto apenas quatro apresentaram um desenho moderno – Benedita, Póvoa de Santa Iria, Moscavide e Algueirão. Interessa ainda notar que um terço das igrejas foram da autoria do arquiteto Vasco Regaleira – Santo Condestável, Caldas da Rainha, Alcoentre, S. João de Brito, Carregado, Amadora e Aveiras de Cima – e somente uma esteve associada ao MRAR – Moscavide.

⁸⁹⁹ Pertence agora à Diocese de Santarém, criada em 1975.

⁹⁰⁰ Pertence agora à Diocese de Santarém, criada em 1975.

⁹⁰¹ Pertence agora à Diocese de Setúbal, criada em 1975.

⁹⁰² Pertence agora à Diocese de Setúbal, criada em 1975.

Na década seguinte construíram-se 14 igrejas, todas de desenho moderno, sendo que mais de metade – 8 – estiveram associadas ao MRAR – Vidais, Bobadela, Albarraque, Fazendas de Almeirim, Rio Maior, Paço de Arcos, Almada e Sagrado Coração de Jesus – e uma ao SNIP – Famalicão. Verifica-se, portanto, que a ação do MRAR levada a cabo durante os anos de 1950 conseguiu não só mudar os protagonistas no desenho das novas igrejas como efetivamente concretizou a renovação da arquitetura religiosa na década de 1960 no Patriarcado de Lisboa, diocese mais importante de Portugal e que maior número de igrejas construiu neste período⁹⁰³.

Revelavam-se assim os frutos de um movimento que pelas suas limitações humanas, agiu ao longo da sua história maioritariamente na capital, tendo apenas realizado ações pontuais nalguns pontos do país, com destaque para o Porto graças ao empenho do pequeno núcleo local. No entanto, e apesar de no início de 1964 a Direção do MRAR ter manifestado preocupações quando ao facto do Movimento continuar restrito àquelas duas cidades, quando «*nada justifica a quase exclusividade que se tem manifestado, tanto mais que quando se diz Lisboa se refere Lisboa-Cidade e não Lisboa-Diocese*»⁹⁰⁴, na realidade o MRAR acabou por contribuir significativamente para a renovação da arquitetura religiosa no resto do país, quer como consequência do contacto que estabeleceu com o clero de várias dioceses, durante a formação deste no Seminário dos Olivais, quer pelas relações próximas que teve com vários colegas arquitetos também no Porto, principais autores de projetos no norte e centro do país⁹⁰⁵. Como naquele tempo os projetos das igrejas mais importantes eram entregues a arquitetos, é hoje possível reconhecer a influência do pensamento arquitetónico do MRAR em numerosas igrejas projetadas em várias dioceses de Portugal na década de 1960. Destas destacam-se naturalmente as igrejas realizadas por arquitetos próximos do MRAR, como Fernando Távora (sócio auxiliar n.º 181), autor do Convento das Franciscanas de Calais, Gondomar (1961-71); da capela do

⁹⁰³ Segundo MARQUES, João Luís [Prova final], *Na casa de meu pai há muitas moradas*, FAUP (2005), pp. 14-15, na década de 1960 construíram-se cinco igrejas novas na Diocese de Aveiro, quatro no Porto, quatro em Leiria, duas em Coimbra, duas em Faro, duas em Portalegre-Castelo Branco e uma na Guarda.

⁹⁰⁴ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSEPIUS, Erich, *Relatório da Direcção – Ano 1963* (10.abr.1964), p. 3.

⁹⁰⁵ Naquele tempo apenas havia escolas de Arquitetura em Lisboa (ESBAL) e no Porto (ESBAP) e o número de arquitetos limitava-se a poucas centenas (N. Teotónio Pereira foi sócio n.º 132 e J. Maya Santos n.º 262 do Sindicato Nacional dos Arquitetos), o que facilitou a propagação da mensagem de modernidade artística e litúrgica do MRAR.

Instituto Nun'Álvares, Santo Tirso (1963-65) e da igreja de São João de Ver (1966-68)⁹⁰⁶, ou Fernando Abrunhosa de Brito, arquiteto das igrejas do Sagrado Coração de Jesus, Calvão, Vagos (1966-74); e N. Sra. da Conceição, Sever do Vouga (1965). Se a estas se juntarem as igrejas construídas por membros efetivos do MRAR – N. Sra. de Fátima, Figueira, Vila do Bispo (A. de Freitas Leal, 1956-61); S. Simão, Barco (J. Maya Santos, 1956-64); S. Mamede, Negrelos, Santo Tirso (Luiz Cunha, 1961-65); N. Sra. do Rosário, Fátima (Luiz Cunha, 1962-65); N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro (Luiz Cunha, 1964-68); Sagrado Coração de Jesus, Porto (Luiz Cunha, 1966-72) e igreja do Seminário Dominicano do Olival, Aldeia Nova, Ourém (Diogo L. Pimentel, 1964-65) –, verifica-se que das 20 igrejas inauguradas na década de 1960 em Portugal⁹⁰⁷ – Patriarcado de Lisboa excluído –, nove estiveram ligadas ao MRAR. Pode-se, portanto, considerar que a renovação da arquitetura religiosa em Portugal que se concretizou no início da segunda metade do século xx é profundamente devedora da ação do MRAR. Durante a década de 1960 a construção de igrejas modernas tornou-se aceite por todo o país e o papel central do MRAR nessa transformação cultural é inquestionável.

2.3. Permanência

Quando foi criado, o MRAR traduzia os desejos de renovação de um pequeno grupo de arquitetos mobilizado para a luta por um tema específico e localizado no tempo. Para a época e para a sua maneira de pensar, o combate pela funcionalidade e pela aceitação da arte moderna nas igrejas teria de passar pela elaboração de regulamentos, o que se concretizou em 1964, ano em que paradoxalmente, numa reunião de estudo do Movimento, Nuno Portas pôs em causa pela primeira vez o modo de pensar do MRAR ao questionar se não corresponderia à imposição de um conjunto de regras que acabavam por subordinar o «*processo criativo dos projectos de igrejas àquilo que poderemos definir por funcionalismo litúrgico*»⁹⁰⁸, opinião partilhada por Pedro Vieira de Almeida que no ano seguinte afirmou que a preocupação funcionalista teve o seu momento de afirmação em Portugal com o MRAR – que agiu com uma atitude correta de denúncia duma orientação não funcional tradicionalista e tecnicamente mal

⁹⁰⁶ A igreja de S. João de Ver inaugurou apenas em 2008. Fernando Távora projetou ainda as não construídas igrejas da Nazaré (1965-66) e de São João de Ovar (1967).

⁹⁰⁷ Ver nota 359.

⁹⁰⁸ [MRAR], Reunião de estudo – Relato (26/5/64), MRAR – *Boletim*, 2.^a Série, n.º 27 (jun.-jul.1964), p. 1.

esclarecida –, mas «*hoje já podemos supor, já sabemos mesmo, que o conceito de função em que essa rede crítica se baseava necessita ser revisto*»⁹⁰⁹. Foram então os primeiros sinais de que algo estava a mudar e que o MRAR iria ter de confrontar-se com uma crise interna.

Em 1966, «*após ter “lançado” e “consumido” as suas duas primeiras batalhas – a da expressão moderna na arte de igrejas, e a do novo programa litúrgico e comunitário para as novas igrejas*»⁹¹⁰, o MRAR chegou a um impasse: «*continuar a luta paciente pela modernidade sobretudo nos meios mais carentes de informação e menos tocados pela ampla acção de consciencialização que se fizera já sentir nos dois principais centros do país, ou limitar-se a exercer uma acção de trocas e impressões [...] sobre os novos projectos ou obras, [...] caminho, [que] como todos sabemos, foi seguido no passado recente e, apesar dos bons resultados, acusaria um certo cansaço pela “continuação” que não podia já recolher aquele empenho entusiástico que apenas se põe numa luta que se crê criadora e vital*»⁹¹¹. De facto, o MRAR fora criado como um grupo de combate contra uma causa específica, nascera e vivera com esse espírito militante e com um sentido de pertença a uma Igreja muito clericalizada e hierarquizada. A meio da década de 1960 não só o propósito inicial da renovação estética e funcional tinha sido alcançado, como o grupo de jovens tinha envelhecido e aumentado as suas responsabilidades familiares e profissionais, reduzindo a sua disponibilidade para o MRAR e direccionando as energias sobranes para outras lutas, tudo isto ao mesmo tempo que verificava que a própria Igreja olhava com um novo rosto para si própria e para o mundo. Os novos tempos que se viviam nesses anos de 1960, em tanto já tão distantes da realidade do início dos anos de 1950, deixavam claro que o tempo do MRAR estava a terminar, tal como tinha terminado a sua missão.

Mas nem todos os membros tinham esta opinião, nomeadamente um pequeno grupo liderado por Nuno Portas que, confiante de que «*certo cansaço, que todos sentimos, e que terá levado alguns a desistirem, a afastarem-se, a desinteressarem-se, poderá tornar-se no incentivo para repensarmos e redescobrirmos a actualidade do MRAR*»⁹¹², organizou uma reunião no dia 18 de novembro de 1966 com o tema «Novos problemas para o MRAR», com o objetivo de pensar na utilidade do

⁹⁰⁹ ALMEIDA, Pedro Vieira de, O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – Edifícios de Culto, *Jornal Letras e Artes* (4 ago.1965), p. 8.

⁹¹⁰ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho 1966/68 (nov.1966), p. 2.

⁹¹¹ *Ibidem*.

⁹¹² PORTAS, Nuno, PIMENTEL, Diogo L., MATOS, Maria do Carmo [Carta aos sócios], Lisboa (9.nov.1966).

Movimento num tempo em que só faziam sentido e mostravam vitalidade os «*movimentos de ideias que vão “à frente das coisas” preparando progressos em campos por abrir ou que apenas despertam os primeiros apetites*»⁹¹³. O tópico central era a existência de uma «*luta criadora: ou temos ainda lugar para ela ou não valeria a pena “continuar”. Este o ponto de partida*»⁹¹⁴. Era preciso saber se havia temas novos ou antigos entretanto rejuvenescidos que justificavam a existência do MRAR, mas também perceber se não existiam outras entidades mais equipadas ou melhor preparadas para a tarefa, pensando certamente no SNIP e nas Comissões de Arte Sacra. A conclusão a que chegaram foi que graças à sua independência «*livre de amarras sectoriais*»⁹¹⁵, o MRAR era o único local capaz de acolher e reunir preocupações e pensamentos diversos. No entanto, para que isso se concretizasse naquele momento, tinha de renovar-se o próprio MRAR pois todos reconheciam que «*o MRAR vinha perdendo o seu dinamismo inicial, o seu pioneirismo – por outras palavras, a sua capacidade inicial de formular objectivos, criar e exprimir ideias claras, polémicas, frutuosas – e se vinha enrolando num círculo fechado de pessoas, profissões e, sobretudo, de preocupações e de orientações*»⁹¹⁶. A proposta da Direção para o MRAR foi, por um lado, abri-lo a outros interessados, alargando deste modo o círculo das contribuições do Movimento através da aproximação de pessoas de formações e valores diferentes. Ao mesmo tempo e porque procuravam debater «*pontos vivos de dúvida e de busca para muito mais gente que a do reduzido grupo de cristãos ou técnicos interessados*

⁹¹³ PORTAS, Nuno [et. al.], *MRAR – Programa de trabalho...*, p. 1.

⁹¹⁴ PORTAS, Nuno [et. al.], *MRAR – Programa de trabalho...*, p. 2.

⁹¹⁵ PORTAS, Nuno [et. al.], *MRAR – Programa de trabalho...*, pp. 2-3. Na audiência do Cardeal-Patriarca aos sócios efetivos do MRAR realizada a 9 de janeiro de 1957, N. Teotónio Pereira fez questão de afirmar o MRAR como um Movimento independente da orgânica oficial da Igreja. Alguns anos mais tarde, a 7 de junho de 1963, numa das reuniões semanais da Direção com o Assistente Eclesiástico, Erich Corsépius sugeriu que o MRAR se associasse à Comissão Nacional de Arte Sacra, dado o amadorismo em que o Movimento trabalhava e a consequente grave ineficácia no campo da ação, ao que o P. João de Almeida respondeu que o MRAR tinha sido criado intencionalmente com independência em relação ao episcopado para que pudesse trabalhar supletivamente, fazendo aquilo que as outras entidades não podiam fazer.

⁹¹⁶ PORTAS, Nuno [et. al.], *MRAR – Programa de trabalho...*, p. 7. Curiosamente, já dez anos antes, na primeira Assembleia Geral do MRAR a 23 de novembro de 1956, N. Teotónio Pereira alertara para o facto de que o MRAR estava a ficar demasiado confinado a uma geração e a um grupo profissional, sendo talvez por esse motivo hora de alargar o número de sócios efetivos do Movimento – que era o mesmo que dizer o seu núcleo orientador –, mesmo correndo o risco de prejudicar a unidade de doutrina e de ação que queriam manter. Esse alargamento demorou a chegar, mas o MRAR nunca conseguiu alterar a sua estrutura assente num pequeno grupo feito maioritariamente de arquitetos.

na construção de igrejas que o MRAR tem reunido»⁹¹⁷, a Direção considerou que o Movimento devia debruçar-se sobre os «problemas de uma sociedade urbana e de massa»⁹¹⁸ e no «repensar as igrejas como organismos litúrgicos ou comunitários»⁹¹⁹.

Este segundo tema ganhou contornos totalmente novos no contexto do MRAR quando na reunião de estudo de 18 de novembro, refletindo sobre «Os edifícios sagrados da Igreja post-conciliar», Diogo L. Pimentel começou por reconhecer que o trabalho realizado pelo MRAR «partiu de axiomas que ao tempo não sabíamos criticar e que nos apontavam apenas o conceito tradicional de «igreja»»⁹²⁰. E porque treze anos depois a sociedade e a Igreja tinham mudado substancialmente, a construção de igrejas já não podia ser vista especificamente como um problema de arquitetura, mas de toda a vida da Igreja e da adaptação da sua pastoral aos novos moldes da vida urbana. Perante este cenário, afirmou também que não sabiam ainda o que seria na realidade a construção de uma igreja depois do Concílio, nem «até onde irão as concretizações que a Pastoral tentará a partir desta ideia»⁹²¹, mas porque agora a Igreja se reconhecia como servidora do mundo, «presente portanto mais como Serviço do que como instituição»⁹²², era «lógico pensar que, da compreensão profunda do que seja esse novo “modo-de-estar-no-mundo”, resultará um renovado programa para as instalações-sede ou para as instalações-quadro desse serviço que a Igreja é»⁹²³.

Três meses depois este discurso foi continuado na reunião de 17 de fevereiro de 1967 destinada a debater «Novos conceitos de igrejas» a partir da análise crítica do programa-tipo elaborado pelo MRAR. Pedro Vieira de Almeida lembrou que «o contexto social se encontra em completa ebbolição»⁹²⁴, pelo que não era possível saber o que deviam ser as igrejas naquele tempo. Já o P. Felicidade Alves contestou a definição dada ao termo «igreja», usado como sinónimo de «templo» e não de «Domus-Ecclesia», o que levava à interpretação de que a igreja era um edifício sagrado à maneira da mentalidade levítica do Antigo Testamento, quando «o carácter de “sagrado” está no cristão e na Comunidade, [pelo

⁹¹⁷ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 5.

⁹¹⁸ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 6.

⁹¹⁹ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – Programa de trabalho..., p. 4.

⁹²⁰ [MRAR], Os edifícios sagrados da Igreja post-conciliar, MRAR – Boletim, 3.^a Série, n.º 1 (jan.1967), p. 4.

⁹²¹ *Ibidem.*

⁹²² *Ibidem.*

⁹²³ *Ibidem.*

⁹²⁴ [MRAR], Novos Conceitos de Igreja, MRAR – Boletim, 3.^a Série, s/n.º (jan.1967-mai.1968), p. 1.

que] *todas as acções da vida da comunidade são “sagradas” e não profanas*»⁹²⁵. Depois desta e de outras observações feitas concluiu-se: «*Ainda não sabemos para que é que servem as igrejas. Ainda não estamos de acordo sobre o que é e para que serve a Igreja no Mundo. Ainda não se definiu para que é que serve a paróquia. Ainda não sabemos qual a fisionomia das próprias acções litúrgicas. Ainda não sabemos onde irão dar as modificações radicais que fermentam por todo o corpo social da vida cristã*»⁹²⁶.

Os tempos que o MRAR vivia eram totalmente novos e os seus membros, totalmente imersos nos problemas e dúvidas da Igreja e do mundo, não deixaram de traçar o destino do Movimento com essas inquietações. No início da reunião, o P. João de Almeida começou por afirmar que o próprio MRAR verificava que se viviam tempos de grandes mudanças e de novos paradigmas, que o levaram a afirmar que «*nem sequer tivemos tempo de descansar ao ganharmos a dupla batalha da funcionalidade e da aceitação da arte moderna nas igrejas. [Estes] são pontos que hoje ninguém discute. Mas a nossa atenção foi solicitada por novos problemas surgidos da própria efervescência da vida, que agora fomos capazes de detectar porque nós próprios amadurecemos para uma visão mais profunda*»⁹²⁷.

O MRAR fora bem-sucedido na desejada renovação formal e funcional das igrejas, mas agora debatia-se um paradigma de vida cristã totalmente novo no mundo moderno, que viria a ter reflexos totalmente novos na arquitetura religiosa, consequentes de um pensamento desenvolvido já não no círculo do MRAR, mas do SNIP, entidade que a partir deste momento e com outros modos de proceder, assumiu o lugar do MRAR. Curiosamente, a última reunião de «Estudo de projectos de igrejas urbanas recentes» marcada para o dia 26 de janeiro de 1968 e que deveria ter apresentado pela primeira vez numa reunião do MRAR dois projetos conotados com o conceito de igreja-salão elaborado pelo SNIP – igreja de S. Lázaro, Braga (J. Maya Santos, 1967-1982) e igreja de St. António dos Cavaleiros⁹²⁸ (Diogo L. Pimentel, 1966-1979) –, já não se realizou. Este segundo projeto, à semelhança da igreja de Fonte da Bica (SNIP, 1967), acabou por assinalar esta passagem de testemunho ao possuir uma primeira versão enquadrada formal e liturgicamente na «família das igrejas MRAR», e uma segunda versão – que foi construída – correspondente à

⁹²⁵ [MRAR], *Novos Conceitos...*, p. 3.

⁹²⁶ [MRAR], *Novos Conceitos...*, p. 4.

⁹²⁷ [MRAR], *Novos Conceitos...*, p. 1.

⁹²⁸ Segunda versão.

capela-salão criada pelo SNIP. Este tomar das rédeas da arquitetura religiosa pelo SNIP encontra-se patente no número total de obras realizadas a partir do início da década de 1970 no Patriarcado de Lisboa, em que num conjunto de 92 edifícios construídos até 1988⁹²⁹, 56 – quase dois em cada três – foram elaborados nos estiradores do SNIP, enquanto apenas dois estiveram associados ao MRAR – igrejas de S. Jorge de Arroios, Lisboa (Alzina Menezes e Erich Corsepius, 1962-72) e de N. Sra. da Conceição, Queluz (J. Maya Santos, 1966-72).

O papel que o MRAR teve na história da arquitetura religiosa em Portugal foi sem dúvida determinante para que esta tivesse dado um passo numa nova direção, mas sem que alguém o esperasse, este acabou por ser um passo curto, pois a sua argumentação teórica não durou sequer até ao final da década de 1960. O MRAR era um movimento do seu tempo, pelo que quando este acabou, o MRAR terminou com ele. «*O pioneirismo dos primeiros anos combatendo erros e desvios, pugnando por uma purificação da arte sacra e pela informação e jurisdição através de organismos e meios aos níveis paroquial e diocesano, tinha cumprido a sua hora.*»⁹³⁰

No entanto, apesar da proposta arquitetónica do MRAR não ter perdurado no tempo, o seu modo de proceder – caracterizado pela promoção do debate, da formação, da crítica de projetos e da troca de informação entre pares – revelou-se como dos mais adequados para abordar o tema. Graças a ele, o MRAR acabou por ser responsável por uma pequena «família» de igrejas de grande erudição arquitetónica, resultado de uma profunda maturação dos seus membros sobre o tema e de uma força «*criadora não só no campo das orientações a tomar, [...] [mas também] no das próprias formas, por certos fenómenos de criação estética de grupo, exercida ao “programar” e ao “criticar”*»⁹³¹.

A responsabilidade da ação do MRAR na qualificação dos projetos de arquitetura religiosa é particularmente perceptível nas obras dos próprios membros do Movimento, quando comparados os trabalhos que realizaram antes, durante e depois da existência do MRAR. É o caso de A. de Freitas Leal, que em 1952 foi autor de um pouco interessante anteprojecto para a igreja de Mouriscas e

⁹²⁹ 1988 foi o ano da inauguração da igreja dos Olivais-Sul, Lisboa (Pedro Vieira de Almeida), edifício paradigmático do modelo igreja-salão, e também da abertura da capela das Amoreiras, Lisboa (SNIP), obra também ela resultante das novas propostas apresentadas pelo SNIP e situada no interior das Torres das Amoreiras, conjunto bem representativo do Pós-Modernismo, época marcada por uma mentalidade que no que respeita à arquitetura religiosa rompeu com as anteriores propostas pós-conciliares.

⁹³⁰ Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Ora et Labora*, Ano XIV, n.º 3 (1967), p. 232.

⁹³¹ PORTAS, Nuno [et. al.], MRAR – *Programa de trabalho 1966/68* (nov.1966), p. 3.

depois se envolveu no MRAR, realizando durante esse tempo as suas obras mais qualificadas, como as capelas de Figueira, Vila do Bispo (1956-61), e do bairro habitacional da Companhia de Celulose, em Angola (1959), as igrejas de Vidais (1958-63), de N. Sra. de Fátima (1966) e N. Sra. da Vitória e Santa Rita (1964-84), no Funchal, e de S. Francisco (1966) e do Loreto (1966) na Calheta, Madeira, e as remodelações das igrejas de Santa Isabel (1960), S. Mamede (1966-67) e S. João Baptista (1964), em Lisboa, dos Congregados em Braga (1963-66) e do Seminário de Penafirme (1961). Anos após o final do MRAR, A. de Freitas Leal voltou a ter oportunidade de realizar o projeto de algumas igrejas – aeroporto de Santa Maria, Açores (1986), São Luís, Faro (1988-89), e Campolide, Lisboa (1995) –, mas nenhuma revelou a solidez formal dos trabalhos anteriores.

A mesma evolução é notória na obra de Luiz Cunha, cujas igrejas mais conseguidas e apreciadas correspondem precisamente às elaboradas no período do seu maior envolvimento no MRAR – S. Mamede, Negrelos (1961-65), N. Sra. do Rosário, Fátima (1962-65), e N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado (1964-68). Antes da sua participação no MRAR realizara na FAUP um inseguro trabalho escolar de expressão modernista (1950) e uma criativa proposta para a capela da Afurada, Gaia (1953), que lhe proporcionou ser chamado pelo arquiteto Carlos Ramos para se juntar à equipa de colaboradores – Fernando Seara, Pádua Ramos e Ferreira dos Santos – no projeto que veio a ser construído (1954). Quando já dava os primeiros passos no MRAR, Luiz Cunha participou em 1956-57 no concurso para o santuário de N. Sra. da Piedade, Loulé, que foi o seu projeto de CODA e revelou já alguma erudição sobre o tema. Depois de terminado o MRAR e com ele o debate dos projetos que os seus membros tinham em mãos, a obra de Luiz Cunha acompanhou de perto – no seu estilo muito pessoal – o percurso que a arquitetura religiosa realizou desde então, começando por juntar-se às propostas de igreja-salão nascidas no SNIP – igrejas do Pindelo, Oliveira de Azeméis (1969-71) e Santa Joana Princesa, Aveiro (1971-76) –, para depois se enquadrar na mentalidade pós-modernista com uma expressão plástica que teria certamente beneficiado do confronto com a opinião dos seus colegas do MRAR se este ainda existisse.

Um terceiro exemplo da influência do MRAR na arquitetura religiosa – ou do resultado da sua ausência – corresponde ao projeto para a igreja da Ressurreição, em Cascais, realizado em 1965 por Henrique Albino, que em 1957 se afastou do MRAR depois de quatro anos antes ter sido um dos seus fundadores. A sua proposta expressionista com apontamentos neogóticos afirmados pelas suas torres em agulha não só revelou uma enorme distância do pensamento que

o MRAR tinha da arquitetura religiosa, como foi chumbado pela Comissão de Arte Sacra do Patriarcado por carecer desse mesmo entendimento – *«toda a linguagem arquitectónica usada exprime-se por um recurso a formas de significado meramente ornamental, constituindo o que quase poderia chamar-se um “maneirismo” da moderna arquitectura. Tal linguagem carece do rigor e da simplicidade que julgamos dever caracterizar essa mesma arquitectura, em particular a destinada a servir a comunidade cristã»*⁹³².

O estudo e o debate público sobre a arquitetura religiosa tal como o MRAR defendeu e promoveu nos anos de 1950 e 1960 revelou-se, portanto, como um factor de valorização e qualificação da arquitetura religiosa e permanece, por isso, uma lição necessária para os nossos dias, válida por um lado a arquitetos e artistas, que devem procurar conhecer o passado e presente desta tipologia milenar e numa atitude humilde expor o seu trabalho à crítica com um espírito disponível para a mudança. Como afirmou N. Teotónio Pereira em 1958 no início do curso de Arquitetura Sacra, é *«uma responsabilidade para os arquitetos – crentes ou não: pede-se-lhes um esforço de informação e aprofundamento, para que as suas obras se enraizem solidamente nas exigências concretas da Igreja e da comunidade cristã que vão servir»*⁹³³. Por outro lado, as comunidades cristãs e de um modo especial o clero devem participar também desta aprendizagem e discussão. *«O Cardeal Carlo Maria Martini, falecido recentemente, costumava lembrar que era o clero que projectava as igrejas e não os arquitectos.»*⁹³⁴ Mas isso só é possível com um clero formado e sensibilizado desde o seminário para a dimensão estética das obras da Igreja. A reunião de arquitetos e artistas com padres e seminaristas, numa caminhada de estudo, discussão e formação comum que o MRAR experimentou foi uma das práticas que mais contribuiu para a qualificação da arquitetura religiosa naquele tempo (FIG. 84). Hoje como ontem, será através do reencontro destes protagonistas da arquitetura religiosa que esta poderá ser novamente uma arte de serviço como foi com o MRAR durante os anos da sua existência.

⁹³² Comissão de Arte Sacra do Patriarcado, *Igreja da Ressurreição – Cascais: Parecer* (1.mar.1966), p. 1.

⁹³³ PEREIRA, N. Teotónio Pereira [Abertura do Curso de Arquitetura Sacra], Lisboa (2.jan.1958), p. 4.

⁹³⁴ FERNÁNDEZ-COBIAN, Esteban [Entrevistado por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo], *arq – arquitetura e arte*, n.º 108 (jul.-ago.2013), p. 23.

Conclusão

«A História vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão.»

Fernando Távora (1947)

O Movimento de Renovação da Arte Religiosa foi um acontecimento único, verdadeiramente «filho do seu tempo», consequência de episódios que o antecederam e das circunstâncias que se viveram durante a sua existência. O seu aparecimento no começo da década de 1950 resultou da conjugação de diversos fatores que combinados deram origem ao Movimento:

– Um jovem líder: à cabeça esteve uma pessoa, N. Teotónio Pereira, grande dinamizador e impulsionador de causas que vivia apaixonadamente e de forma contagiante, mobilizando e entusiasmando outros;

– Um grupo de jovens: a personalidade nada individualista de N. Teotónio Pereira levou-o a reunir-se a outros jovens com as mesmas preocupações, formando-se deste modo um grupo cheio de uma energia, disponibilidade e ousadia próprias da idade, que assim unido muito mais pôde alcançar do que agindo individualmente;

– Um grupo de jovens arquitetos: o grupo reunido era formado por jovens arquitetos e estudantes de arquitetura num tempo em que aqueles profissionais lutavam contra uma arquitetura cenograficamente portuguesa promovida pelo Estado Novo e pelo direito de elaborarem livremente projetos enquadrados no Movimento Moderno;

– Um grupo de jovens arquitetos católicos: estes jovens enquanto católicos comprometidos com a Igreja trouxeram para o seio desta a sua luta de arquitetos, porque consideravam que a mentira construtiva era ainda mais gravosa na arquitetura religiosa que tinha «*especialíssimas exigências de verdade, harmonia e dignidade*»⁹³⁵. A sua fé viva, acompanhada no seio da JUC pelo dinâmico P. António dos Reis Rodrigues e exaltada pelo espírito de missão e militância proclamado entusiasticamente nas fileiras da ACP, foi fundamental para fazê-los crer com todas as forças na necessidade de agirem em nome da renovação

⁹³⁵ PEREIRA, N. Teotónio, A Arquitectura Cristã Contemporânea, *Ala*, Ano V, n.º 67 (31. jan.1947), p. 2.

da arte religiosa. Como disse N. Teotónio Pereira em 1959, «a ideia de formação do MRAR não nasceu: impôs-se-nos. Teve de ser»⁹³⁶, pois permanecer calados «seria atraíçoar a sua vocação de arquitectos e católicos»⁹³⁷;

– Um segundo líder: para além do grande motor que foi N. Teotónio Pereira, foi necessário aparecer João de Almeida, jovem de grande inteligência, cultura e capacidade comunicativa, que trouxe de França, Suíça e Alemanha os exemplos e os contactos que o grupo precisava para se decidir a agir. Se N. Teotónio Pereira deu corpo ao grupo, João de Almeida trouxe-lhe a alma que faltava para nascer, o que aconteceu com a decisão de elaborarem a itinerante Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, cujo surpreendente bom acolhimento em Lisboa e no Porto levou à fundação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, criado por aquele pequeno grupo com poucos meios e apenas algumas certezas, mas com uma inabalável vontade de trabalhar para mudar a mentalidade vigente. António Freitas Leal, P. António dos Reis Rodrigues, Flórido de Vasconcelos, Henrique Albino, João Braula Reis, João Correia Rebelo, João de Almeida, José Maya Santos, Madalena Cabral, Maria José de Mendonça e Nuno Teotónio Pereira ficam para a história como tendo sido os sócios fundadores do MRAR, cuja organização inicial foi profundamente influenciada pela estrutura de duas organizações que lhes eram próximas – a suíça Sociedade de São Lucas que conheciam através de João de Almeida e a Ação Católica Portuguesa.

O grupo sempre afirmou explicitamente a sua formação católica, mas ao longo de toda a sua existência fez questão de se manter como um movimento independente da orgânica oficial da Igreja, como forma de poder relacionar-se e atrair pessoas de outros meios. Contudo, o núcleo do MRAR nunca perdeu o carácter «familiar» ou de pequeno grupo de amigos. Numa primeira fase, a entrada de novos sócios efetivos para o grupo orientador foi bastante controlada de modo a assegurar a unidade de doutrina e de ação que queriam manter, o que trouxe dificuldades de intervenção ao Movimento pelo seu número reduzido de membros ativos, bem como limitou o MRAR a um grupo profissional e geracional, como alertou N. Teotónio Pereira na primeira Assembleia Geral, realizada em 23 de novembro de 1956, momento em que sugeriu avançar-se

⁹³⁶ PEREIRA, N. Teotónio, Conversando com o arquitecto Teotónio Pereira (entrevista), *O Século* (28.jun.1959), p. 4.

⁹³⁷ PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea* (Folheto), Lisboa (abr.1953).

para o alargamento do número de sócios efetivos do Movimento, o que demorou a acontecer.

Dez anos depois os membros efetivos do MRAR haviam duplicado em número, mas o Movimento nunca conseguiu ultrapassar as grandes limitações resultantes do seu funcionamento em regime de voluntariado, que dificultou constantemente o desenvolvimento de novas atividades e a expansão da ação do MRAR. No final de 1963 a Direção do Movimento perguntou aos sócios efetivos – «*não deveremos concordar que as nossas actividades formativas e informativas se têm dirigido a um diminuto grupo de pessoas por si mesmas directamente ou indirectamente já interessadas por tais questões? Que temos feito para atingir a grande massa de fiéis com quem, como artistas, desejamos dialogar?*»⁹³⁸. Já na primeira Assembleia Geral N. Teotónio Pereira reconheceu que as atividades do Movimento estavam a ser direcionadas exclusivamente para o clero e os artistas, ficando esquecida a formação do grande público católico. Por isso considerava «*que ficámos muito aquém das necessidades; só realizámos muito pouco daquilo que nos tem sido pedido. [...] A leitura do capítulo dos Estatutos que trata dos objectivos do Movimento, dos apontamentos das reuniões – em que foram lançadas ideias, planos e sugestões – põe-nos diante da realidade; andámos devagar e fizemos pouco*»⁹³⁹.

De facto, quando fundaram o MRAR propuseram um programa ambicioso: realizar atividades internas para sua valorização doutrinal e técnica, efetuar reuniões de carácter espiritual para desenvolvimento da sua vida cristã, organizar exposições, cursos e conferências, editar publicações, estampas e gravuras, dar pareceres sobre todos os assuntos relacionados com arte e arquitetura religiosa, defender a execução de obras de arte sacra por artistas competentes e promover a realização de concursos⁹⁴⁰. O objetivo a alcançar era tão vasto que é natural que na avaliação que faziam da sua ação considerassem que muito tinha ficado por fazer. No entanto, a realidade é que muito fizeram ao longo da existência do Movimento. Fazendo uso do pouco tempo e dos reduzidos meios que tinham disponíveis, os membros do MRAR conseguiram mudar mentalidades e contribuir para a renovação cultural da Igreja, num processo que afirmou e consolidou a construção da arquitetura religiosa moderna em Portugal. Para isso foi fundamental o estudo e reflexão que eles próprios realizaram, que passou

⁹³⁸ SANCHEZ, S. Formosinho, PIMENTEL, Diogo L., CORSÉPIUS, Erich, *Relatório da Direcção – Ano 1963* (10.abr.1964), p. 3.

⁹³⁹ PEREIRA, N. Teotónio, VASCONCELOS, Flório de, REBELO, João C., MRAR, *Relatório e contas da direcção provisória 1954-1956*, Lisboa (23.nov.1956), p. 1.

⁹⁴⁰ MRAR, *Estatutos*, Lisboa (18.dez.1954), art.º 2.º

pela consulta e leitura de livros e revistas internacionais, pelas visitas a igrejas no estrangeiro e pela relação próxima com padres e seminaristas, o que lhes conferiu um profundo conhecimento da temática, bem como uma capacidade particular para abordar o programa e projetar igrejas.

Porém, o pensamento arquitetónico e litúrgico do MRAR não nasceu logo com a fundação do Movimento, mas foi sendo construído ao longo do tempo, num primeiro momento mais a nível teórico que prático, uma vez que os projetos eram muito limitados. A construção das igrejas de Águas e de Moscavide e da capela do Picote foram por isso fundamentais para a definição da sua proposta, que começou por ganhar corpo em meio rural. O tempo do MRAR foi um tempo de transição na Igreja muito marcado pela realização do Concílio Vaticano II, pelo que a construção em meio urbano das igrejas modernas propostas pelo MRAR acabou por ter de esperar pela sua vez, mas assim que se tornou possível deu origem a igrejas marcadas por um novo programa e por um novo conceito eclesiológico. O desejo de serviço à cidade levou à edificação já não de templos mas de centros paroquiais, onde sobressaía o volume da igreja, mas sem qualquer monumentalidade ou tentativa de domínio sobre o território. A linguagem plástica utilizada era a do seu tempo, feita de materiais e técnicas modernas de construção, mas nenhuma forma ou «cara de igreja» foi estabelecida previamente pelo MRAR. Cada edifício era único e a sua forma resultava do contexto rural ou urbano em que se inseria. A palavra-chave era integração. As igrejas projetadas por Luiz Cunha para Fátima, Negrelos e Póvoa do Valado retratam bem este pensamento arquitetónico do MRAR: no ambiente urbano descaracterizado de Fátima, Luiz Cunha optou pela construção de uma igreja em betão à vista, no território nortenho recorreu à alvenaria de granito aparelhado e na zona de Aveiro fez uso do material local, tijolo de burro, aplicado tradicionalmente como revestimento. Estas três obras muito distintas na forma, mas próximas na conceção litúrgica e arquitetónica, acabaram assim por contribuir de um modo especial para a confirmação das virtudes da integração arquitetónica de cada obra no seu meio ambiente como defendia o MRAR.

Quanto ao entendimento do espaço interno de uma igreja, o MRAR promoveu o funcionalismo litúrgico, pelo que defendeu a afirmação de um lugar próprio para cada função como forma de valorizar litúrgica e pastoralmente. No entanto, devido à primazia que dava à celebração eucarística – que considerava como a função primeira da igreja –, o seu espaço litúrgico era totalmente orientado para o altar principal, peça central que predominava sobre todos os restantes elementos da igreja. Havia, conseqüentemente, uma grande preocupação com a boa visualização do altar, pelo que os espaços tinham de

ser abertos, amplos e libertos de pilares, de modo a permitir uma proximidade visual do altar, mas não necessariamente física, pois considerava-se que se tinha de assegurar a hierarquia do espaço litúrgico, com uma distinção clara entre o presbitério e o lugar dos fiéis. De modo a acentuar a centralidade do altar, o MRAR defendeu também o despojamento decorativo – principalmente da zona do presbitério – para impedir a distração dos fiéis. As suas igrejas possuíam assim poucos elementos artísticos, os quais eram posicionados em locais pastoralmente estudados. Estes eram sempre obras de autor, de grande qualidade artística, pois o MRAR opunha-se às peças de série. No entanto, as obras de arte tinham de partilhar o seu espaço com a arquitetura, pois o MRAR considerava que a componente artística da igreja não se resumia a obras de pintura ou escultura, mas que também a própria arquitetura – através das suas cores, materiais, texturas, jogos de luz e sombra –, era arte em si mesma, ou seja, paredes, pilares e vigas eram outros tantos componentes artísticos da igreja. Surgiu assim uma família de igrejas cujas características foram bem descritas pelo jornal *Novidades*, que no momento da inauguração da igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, obra mais emblemática do Movimento, acabou por revelar como a proposta do MRAR havia vingado, ao afirmar: «a preocupação dos artistas que conceberam a nova igreja do S. Coração de Jesus foi precisamente a de fazerem um templo segundo as indicações do Concílio Ecuménico. E ninguém dirá que não o conseguiram. Tudo ali é amplo e funcional. Milhares de toneladas de cimento armado tomaram forma, erguendo-se em paredes e colunas a que não faltam majestade e sobriedade. Pairem no grandioso recinto o espírito de “pobreza evangélica”, que melhor afirma a dignidade da sua função. É um templo da hora, em que as almas se sentirão livres de tudo o que poderia distraí-las do centro [e] o centro é o altar»⁹⁴¹.

Num tempo politicamente conturbado e de forte secularização, o MRAR conseguiu afirmar em Portugal um programa artístico e pastoral que se constituiu como o melhor exemplo de intervenção religiosa e cultural de uma elite que operou uma efetiva renovação dos edifícios religiosos, bem como uma valorização das dimensões sociológica e antropológica dos espaços litúrgicos. Essa fora a missão com que foi criado por um pequeno grupo de arquitetos mobilizado para a luta por um tema determinado e localizado no tempo. O MRAR, pelas suas características – grupo de amigos a trabalhar em regime de voluntariado sem instalações próprias –, acabou por ser uma organização bastante distinta dos restantes grupos e movimentos que na Europa lutavam pela renovação da

⁹⁴¹ A nova paroquial do S. Coração de Jesus, *Novidades* (21.jun.1970), p. 3.

arte e da arquitetura religiosa. Esta especificidade foi testemunhada quer por J. Maya Santos enquanto delegado do MRAR na reunião do SIAC de 1956 em Veneza, onde constatou que «tanto na França, como na Bélgica e mesmo na Suíça pouco há, ou nada, no campo do MRAR»⁹⁴², como pelo P. Manuel Mendes Atanásio que no ano seguinte escutou o reconhecimento do SIAC na sua reunião de Roma de que o MRAR «*podia ser modelo para as várias nações*»⁹⁴³.

Apesar da proposta arquitetónica do MRAR não ter perdurado no tempo, o seu modo de proceder – caracterizado pela promoção do debate, da formação, da crítica de projetos e da troca de informação entre pares – mantém-se ainda hoje um modelo possível para os agentes responsáveis pela criação e gestão da arte e arquitetura religiosa. O MRAR soube reunir, formar e sensibilizar arquitetos, artistas, padres e seminaristas para a dimensão estética das obras da Igreja. Esta caminhada de estudo, discussão e formação comum que o MRAR experimentou revelou-se como fator de qualificação da arquitetura religiosa e permanece, por isso, uma lição importante para os nossos dias, tal como a humildade e sentido de serviço que sempre revelaram. Como na resposta a uma carta que o Movimento recebeu em 1964 com várias referências em tom de ameaça ao prestígio do MRAR, «*movimento novo entre nós [que] tem grandes opositores de categoria*»⁹⁴⁴, que levou Diogo L. Pimentel a clarificar o sentido e propósito do Movimento – «*A acção do MRAR é de esclarecimento, de apoio, de doutrinação, de incentivo, de formação, de divulgação, etc., mas nunca de realização de obras. [...] Esclareço: o MRAR é um movimento de católicos empenhados em servir a Igreja num campo específico – o da Arte Sacra. Deste modo, [...] o MRAR não faz projectos, nem se preocupa muito com o seu prestígio. [...] O MRAR preocupa-se com a Igreja e não consigo próprio.*»⁹⁴⁵ Assim nasceu em 1953 e assim terminou em 1969.

⁹⁴² SANTOS, J. Maya [Carta ao P. Manuel Mendes Atanásio] (1957), p. 1.

⁹⁴³ ATANÁSIO, P. Manuel Mendes [Carta a J. Maya Santos], Roma (2.mai.1957), p. 2.

⁹⁴⁴ SOUSA, P. Alberto de [Carta a Diogo L. Pimentel], Carmo (Madeira) (14.set.1964), p. 4.

⁹⁴⁵ PIMENTEL, Diogo L. [Carta ao P. Alberto de Sousa], Lisboa (23.out.1964), pp. 2-3.

Anexo – Sócios

1.1. Listas 1956 | 1965

Sócios efetivos [1956]

1. António de Freitas Leal
2. P. António dos Reis Rodrigues
3. Flórido de Vasconcelos
4. Henrique Albino
5. João Correia Rebelo
6. João Braula Reis
7. João de Almeida
8. José Maya Santos
9. Maria José de Mendonça
10. Madalena Cabral
11. Nuno Teotónio Pereira
12. António Lino
13. Manuel Cargaleiro
14. José Escada
15. Diogo Lino Pimentel

[1965]

1. António de Freitas Leal
2. P. António dos Reis Rodrigues
3. Flórido de Vasconcelos
4. –
5. João Correia Rebelo
6. –
7. P. João de Almeida
8. –
9. Maria José de Mendonça
10. Madalena Cabral
11. Nuno Teotónio Pereira
12. António Lino

13. Manuel Cargaleiro
14. José Escada
15. Diogo Lino Pimentel
16. Formosinho Sanchez
17. Nuno Portas
18. Luiz Cunha
19. Maria Luísa Marinho Leite
20. Maria do Carmo Ribeiro Matos
21. P. Avelino Rodrigues
22. Erich Corsépius
23. P. Albino Cleto
24. Vitorino Nemésio
25. P. Henrique de Noronha Galvão
26. P. João Cabral sj
27. Rafaela Zúquete
28. Francisco Figueira
29. Francisco d'Orey
30. Francisco Fernandes
31. Elizabeth Évora Nunes
32. P. Fernando Micael Pereira
33. Margarida Sousa Lobo
34. Pedro Ferreira Pinto
35. Manuel Lapa
36. António Flores Ribeiro

Sócios auxiliares [1956]

100. –
101. João Couto
102. P. João Mendes sj
103. Formosinho Sanchez
104. José Inácio da Costa Rosa
105. Sebastião José de Carvalho
106. José Pedro Martins Barata
107. Jorge Marques Teixeira
108. P. João António de Deus
109. António Barbosa de Abreu

- 110. Henrique José Anjos Sousa
- 111. Maria Sofia Maya Santos
- 112. Carlos Alberto Carvalho Dias
- 113. P. João Augusto de Vasconcelos
- 114. P. José Correia da Cunha
- 115. P. José Baptista da Silva

[1965]

- 100. João de Azevedo Reis Machado
- 101. João Couto
- 102. P. João Mendes sj
- 103. Maria José da Gama Salema
- 104. José Inácio da Costa Rosa
- 105. Sebastião José de Carvalho
- 106. José Pedro Martins Barata
- 107. Jorge Marques Teixeira
- 108. P. João António de Deus
- 109. António Barbosa de Abreu
- 110. Henrique José Anjos Sousa
- 111. –
- 112. Carlos Alberto Carvalho Dias
- 113. P. João Augusto de Vasconcelos
- 114. P. José Correia da Cunha
- 115. P. José Baptista da Silva
- 116. Sidónio de Freitas Branco Pais
- 117. Maria Flávia de Monsaraz
- 118. P. Manuel Mendes Atanásio
- 119. José Maria Cruz de Carvalho
- 120. Eduardo de Sousa Veloso
- 121. P. José Ferreira
- 122. Rui de Sampaio e Melo
- 123. Vasco Homem de Melo
- 124. Mário Bigotte Chorão
- 125. Júlio Gil
- 126. José Gabriel Pinto Coelho
- 127. Domingos Correia Rebelo
- 128. José de Lucena

- 129. José Torre do Valle Santos
- 130. Alberto Reis Carmo e Cunha
- 131. Henrique Albino
- 132. –
- 133. –
- 134. Maria de Lourdes Sousa Veloso
- 135. Rodrigo Sampaio Viola
- 136. Vasco Pereira Lacerda Marques
- 137. Camilo Korrodi
- 138. Manuel Vicente
- 139. Fernando Condesso
- 140. Fernando Sá Dantas
- 141. Martin Gerbert
- 142. Germano Venade
- 143. António José de Brito e Cunha
- 144. –
- 145. Anselmo Gomes Teixeira
- 146. P. José Felicidade Alves
- 147. –
- 148. Maria Luísa Soares Medeiros
- 149. –
- 150. João Oom
- 151. Maria do Rosário Matos
- 152. –
- 153. P. João Bentes Pimenta
- 154. Amália Costa Moura
- 155. Manuel Araújo Gouveia e Freitas
- 156. Maria da Conceição Salgado
- 157. Maria Ferreira Soares
- 158. Mário Menezes
- 159. Virgílio Leal da Costa
- 160. João Braula Reis
- 161. –
- 162. Maria Eugénia Barata Viola
- 163. –
- 164. Manuel Bidarra de Almeida
- 165. João Castel-Branco
- 166. Gonçalo Ribeiro Telles

167. Rene Cadete de Oliveira
 168. Duarte Nuno Simões
 169. P. Joaquim Luís dos Santos op
 170. José Alfredo Maya Santos
 171. José António Martins Cabido
 172. P. Ferreira Marques
 173. Manuel Bagulho
 174. P. José Dias Heitor Padrão
 175. Ana Maria Carvalho Guerra
 176. Maria da Conceição Moura Borges
 177. Isabel Maria Silva Fernandes
 178. Maria Cristina Azevedo Campos
 179. P. João Pires de Campos
 180. Maria Roque Gameiro Barata
 181. Fernando Távora
 182. Manuel de Queirós e Lencastre
 183. Claude Sibertin Blanc
 184. –
 185. João José Malato
 186. Ernesto da Silva Baptista
 187. P. Luís Martins Aparício
 188. Vasco Santos
 189. Hélder Ernesto Coelho Baptista
 190. José Reis Álvaro
 191. Joaquim Manuel Padilha
 192. Nicole Ballu Loureiro
 193. António Manuel Miranda
 194. P. Domingos António Penha
 195. Maria Alice Mourisca Beaumont
 196. Natércia Eugénia Bravo Catela
 197. –
 198. João de Souza Araújo
 199. Natércia Guimarães de Bragança
 200. Luís Artur Esteves Pereira
 201. P. José Enes
 202. P. Francisco Borges de Ávila
 203. José Pedro Pinto Leite
 204. Manuel Lapa
 205. José Manuel Viana
 206. Júlio Mário da Cunha e Sá
 207. João Miguel Santos Simões
 208. Padres Carmelitas de Fátima
 209. Maria Teresa Capucho
 210. José Luís Albuquerque d'Orey
 211. Carlos Fragoço Garnez
 212. Ordens Terceiras Carmelitas
 213. Maria Emília Pereira da Conceição
 214. Octávio Lixa Filgueiras
 215. P. Armando Giovanni
 216. P. António Crisóstomo
 217. P. Manuel Simões sj
 218. P. António Rodrigues Correia
- Sócios estudantes
 [1956]**
201. Nuno Portas
 202. Pedro Tamen
 203. João Reis Machado
 204. João Manuel Oom
 205. Maria Catarina Vargas Rocha
 206. Maria Cecília Duarte Sousa
 207. Mário Santana de Menezes
 208. Maria José Lobo Salema
 209. Maria Adelaide Taborda Ramos
 210. –
 211. Duarte Nuno Simões
 212. Liliana Silva Araújo
 213. José Gabriel Pinto Coelho
 214. Maria Luíza Ribeiro Soares
 215. José Maria Torre do Valle
 216. Maria Luísa de Sousa Nunes
 217. Maria do Carmo Ribeiro de Matos
 218. Maria Helena Pessoa Correia

- 219. Manuel João Maya de Lucena
- 220. Maria Flávia de Monsaraz
- 221. Francisco Manuel Fernandes
- 222. Maria Eugénia Mendes Barata

[1965]

- 225. Maria João Albuquerque Freitas
- 226. Carlos Artur Caldas de Oliveira
- 238. José Luís de Matos
- 244. Alda do Lago Cruz Rosa
- 246. José Grade
- 247. Maria Dulce Matias Santos
- 248. –
- 249. –
- 250. Rosinda Amália Machado Gomes
- 251. Eduardo Trigo de Sousa
- 252. José Miguel Correa Guedes
- 253. –
- 254. Luís Filipe Borges Medeiros
- 255. José Manuel de Figueiredo
- 256. Alfredo Queiroz Ribeiro
- 257. –
- 258. Manuel da Costa Cabral
- 259. Camilo Martins de Oliveira
- 260. José Maria Fernando Marques
- 261. José Francisco da Costa Falcão
- 262. Maria Teresa Quintino Palma
Leal
- 263. Fernando José Martins Varanda
- 264. Madalena Vanzeller
- 265. Judith Graça Castel-Branco
- 266. Maria Teresa Bartolomeu
d'Araújo
- 267. –
- 268. –
- 269. P. Miguel Ponces de Carvalho
- 270. Manuel Casimiro Tavares da Silva

- 271. Francisco Lopes de Aquino
- 272. Maria da Graça Neves Carneiro
- 273. Maria Teresa Vaz Pinto
- 274. Manuel Sande e Castro
- 275. Eduardo Nery de Oliveira
- 276. Francisco Vieira Jordão
- 277. Eduardo Rebelo de Andrade
- 278. Luís Tomás Pinheiro Nagy
- 279. Cândido Vasconcelos Abreu

1.2. Corpos gerentes

[1955-56]

Direção Provisória

Presidente: Nuno Teotónio Pereira

Secretário: Flório de Vasconcelos

Tesoureiro: João Correia Rebelo

[1957-58]

Direção

Presidente: Nuno Teotónio Pereira

Secretário: Flório de Vasconcelos

Tesoureiro: João Correia Rebelo / Diogo Lino Pimentel

Assembleia Geral

Presidente: Maria José de Mendonça

Secretário: António Lino

Secretário: José Maya Santos

[1959-60]

Direção

Presidente: António de Freitas Leal

Secretário: Sebastião Formosinho Sanchez

Tesoureiro: Madalena Cabral

Assembleia Geral

Presidente: António Lino

Secretário: Flório de Vasconcelos

Secretário: João Braula Reis

[1961-62]

Direção

Presidente: Nuno Teotónio Pereira

Secretário: António de Freitas Leal

Tesoureiro: Maria José de Mendonça

Assembleia Geral

Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez

[1963-64]

Direção

Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez

Secretário: Diogo Lino Pimentel

Tesoureiro: Erich Corsépius

Assembleia Geral

Presidente: Nuno Teotónio Pereira

[1965-66]

Direção

Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez

Secretário: António de Freitas Leal

Tesoureiro: Maria do Carmo Ribeiro de Matos

Assembleia Geral

Presidente: Erich Corsépius

[1967-68]

Direção

Presidente: Nuno Portas

Secretário: Diogo Lino Pimentel

Tesoureiro: Maria do Carmo Ribeiro de Matos

Vogal: P. João de Almeida

Vogal: P. Fernando Micael

Vogal: Eduardo Nery

Vogal: P. Avelino Rodrigues

Assembleia Geral

Presidente: Sebastião Formosinho Sanchez

1.3. Dez arquitetos nucleares

António Freitas Leal [Funchal, 1927-]

António Aires de Freitas Leal nasceu no Funchal em 1927. Em 1950 frequentou o curso de Sociologia e Ordenamento de Território da «Économie et Humanisme», em L'Arbresle, Lyon. Participou no 1.º Congresso dos Universitários Católicos, realizado em Lisboa em 1953, onde apresentou, juntamente com José Pedro Martins Barata, uma comunicação intitulada «Natureza e espiritualidade da profissão de arquiteto»¹. No ano letivo de 1953-54 organizou para os estudantes de Arquitetura um curso de Habitação e Urbanismo, e no ano seguinte lecionou a cadeira de Higiene e Urbanismo no Instituto de Serviço Social de Lisboa. Entre 1954 e 1957 foi professor contratado da Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa. Paralelamente orientou o seminário de Estudos de Artes Plásticas dos alunos de Arquitetura da ESBAL de 1955 a 1957. Nessa escola concluiu, em 1956, o curso de Arquitetura com 17 valores, tendo sido o seu projeto de CODA a igreja de S. Sebastião, em Mouriscas, Abrantes. Foi consultor do Gabinete de Estudos e Planeamento da Ação Educativa do Ministério da Educação Nacional de 1966 a 1969, do SNIP entre 1968 a 1970 e da RTP para projetos de emissores e estúdios de televisão de 1965 e 1978. A partir dos anos de 1980 dedicou-se ao estudo do património construído medieval, tendo desde então escrito e apresentado numerosas conferências sobre este tema. Foi ainda presidente do Centro de Reflexão Cristã de 1996 a 2003. Durante a sua atividade como arquiteto realizou uma grande variedade de planos e projetos em Portugal Continental e ilhas, Angola, Moçambique, S. Tomé e Macau, destacando-se o complexo industrial da Companhia de Celulose do Ultramar, no Alto Catumbela, em Angola (1958), três torres de habitação para os Olivais Sul, em Lisboa (1962), o Centro Helen Keller, em Lisboa, e numerosas estações de tratamento de águas e emissores de televisão.

(MRAR)

António de Freitas Leal esteve envolvido na fundação do MRAR desde os seus primeiros passos. Quando ainda não se pensava na criação do Movimento,

¹ *O Pensamento Católico e a Universidade – I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica*, Edição das Direções-Gerais da JUC e JUCF, Lisboa (1953), pp. 394-395.

fez parte do grupo de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura liderado por Nuno Teotónio Pereira que em 1951 organizou um protesto contra o projeto inicial de Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa, que o levou a ser recebido pelo Cardeal-Patriarca. Dois anos mais tarde, esteve no grupo que preparou a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, que itinerou por várias cidades de Portugal Continental, Ilhas e Ultramar, e que depois de apresentada em Lisboa e no Porto, levou à formação do MRAR. Sócio n.º 1 do Movimento, foi um dos seus membros mais destacados, tendo sido, por isso, naturalmente chamado para o apresentar publicamente, como em entrevista concedida ao jornal *Encontro*² ou num artigo publicado na revista *Vita Nova*, da Juventude Independente Católica Feminina³. Presença assídua nas reuniões e encontros⁴, a sua grande dedicação ao MRAR manifestou-se quer na organização de numerosos encontros e conferências quer na participação ativa nos corpos dirigentes: foi presidente da Direção nos anos 1959-60 e secretário da Direção em 1961-62 e 1965-66. Em 1964 assumiu o cargo de presidente da Comissão Executiva do Concurso de Anteprojetos para a Catedral de Bragança organizado pelo MRAR. Tendo sido a arquitetura religiosa contemporânea o tema que mais o entusiasmou desde a sua formação até à década de 1980, acabou por reunir uma importante biblioteca específica sobre esta temática, compreendida maioritariamente por volumes internacionais⁵, bem como realizar um número significativo de projetos e obras desta tipologia.

(Arquitetura religiosa)

1952-57. Igreja de S. Sebastião, Mouriscas, Abrantes (CODA, não construída)

1953-56. Igreja de Santo António, Moscavide (com João de Almeida)

1956. Igreja do Agrup. de Casas Econ. de Benfica, Lisboa (concurso, não construída)

1956-61. Capela de N. Sra. de Fátima, Figueira, Vila do Bispo

1958-63. Igreja de N. Sra. da Piedade, Vidais, Caldas da Rainha

² LEAL, A. de Freitas, O MRAR – o que é?, *Encontro*, n.ºs 10-11 (abr.-mai.1957), p. 10.

³ LEAL, A. de Freitas, O que é o Movimento de Renovação de Arte Religiosa, *Vita Nova*, n.º 70 (mar.-abr.1956), pp. 12-13.

⁴ Foi um dos membros representados num conhecido desenho de 1958 que José Escada realizou durante uma das reuniões do Movimento.

⁵ Como SMITH, G. E. Kidder, *Switzerland builds*, The Architectural Press, Londres (1950); BARTNING, Otto, WEYRES, Willy, *Kirchen*, Verlag Georg D. W. Callwey, Munique (1959); SMITH, G. E. Kidder, *The new churches of Europe*, The Architectural Press, Londres (1964).

1959. Capela do Bairro Habitacional da Comp. de Celulose, Angola (não construída)
1960. Igreja de Santa Isabel, Lisboa (remodelação)
1961. Igreja do Seminário de Penafirme (remodelação, com João de Almeida)
1962. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (concurso, com Diogo L. Pimentel e Maria do Carmo Matos, não construída)
- 1963-66. Igreja dos Congregados, Braga (remodelação)
1964. Igreja de S. João Baptista, Lisboa (remodelação, com A. Flores Ribeiro)
- 1964-66. Capela do Colégio de Teologia da Companhia de Jesus, Lisboa (não const.)
- 1964-84. Igreja de N. Sra. da Vitória e Santa Rita, Funchal, Madeira
1966. Igreja do Loreto, Calheta, Madeira (não construída)
1966. Igreja de N. Sra. de Fátima, Funchal, Madeira (não construída)
- 1966-67. Igreja de S. Mamede, Lisboa (remodelação)
- 1966-1984. Igreja de S. Francisco, Calheta, Madeira
1967. Capela do Seminário do Cacém (não construída)
1986. Igreja do Aeroporto, Santa Maria, Açores (não construída)
- 1988-89. Igreja de S. Luís, Faro
1989. Convento Dominicano do Alto dos Moinhos, Lisboa (concurso, não construído)
1995. Igreja de Campolide, Lisboa (não construída)

João Correia Rebelo

[Ponta Delgada, 1923-Montreal, 2006]

João Correia Rebelo nasceu em Ponta Delgada, em 1923. Em 1940, ano em que o seu pai – o pintor Domingos Rebelo – fixou residência em Lisboa, matriculou-se no curso de Arquitetura na Escola Superior de Belas-Artes. Obteve o seu diploma em 1955, depois de apresentar como projeto de CODA o Colégio de S. Francisco Xavier, em Ponta Delgada, posteriormente desenvolvido com o arquiteto Manuel Alzina de Menezes. Entretanto, em 1953, na sequência do artigo publicado no *Correio das Ilhas*⁶ que acendeu uma viva polémica nos

⁶ REBELO, João Correia, *Arquitectura ou Mascarada?*, *Correio das Ilhas* (10 ago.1953).

jornais da região e não só⁷, publicara o manifesto *Não!*⁸ – o único realizado em Portugal em defesa da arquitetura moderna – em oposição à arquitetura pom-balina dos edifícios que se iriam erguer na marginal de Ponta Delgada. Seguiu-se-lhe em 1956 o desdobrável de *design* provocador ironicamente intitulado *Senhor ministro*, que através de frases curtas e imagens claras procurou mostrar que se andava a construir uma arquitetura que não era em oposição a uma outra que o era verdadeiramente. Nesse ano acabou por regressar aos Açores para trabalhar na Junta Geral do Distrito, mas em 1960 abandonou o lugar em conflito com a «*mentalidade obsoleta e cristalizada*»⁹ do seu diretor. Assim, foi neste período que começou a conceber uma das suas melhores obras, a estalagem da Serreta, na ilha Terceira, «*obra-prima açoriana do moderno*»¹⁰. De novo no Continente, ingressou em 1961 na Federação das Caixas de Previdência ao mesmo tempo que colaborava em alguns ateliês – N. Teotónio Pereira e outros – e terminava alguns projetos que trouxera dos Açores. Em 1969 decidiu partir para o Canadá e nesse país realizou uma obra muito limitada por não ter conseguido obter o reconhecimento do seu diploma académico. No entanto, os trabalhos produzidos nas décadas de 1950 e 60 foram justificação suficiente para, em 2002, o Instituto Açoriano de Cultura promover uma exposição itinerante sobre a sua obra¹¹.

(MRAR)

João Correia Rebelo foi um dos fundadores do MRAR, tendo ainda antes feito parte do grupo de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que se juntou em 1951 a Nuno Teotónio Pereira num protesto contra o projeto para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa. Dois anos mais tarde, esteve no grupo que preparou a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, tendo tido um papel preponderante na elaboração do folheto que acompanhou a exposição.

⁷ REBELO, João Correia, Desorientação estética, *Correio das Ilhas* (23 out.1953); REBELO, J. Correia, Carta aberta ao autor de «estética cidadina», *Açores* (12 dez.1953); VASCONCELOS, Flório de, Arquitectura e Mascarada, *Diário Popular* (1 nov.1953).

⁸ REBELO, João Correia, *Não!* [Manifesto à cidade de Ponta Delgada dos arquitetos e estudantes de arquitetura micalense] [S.l.: s.n.] (1953).

⁹ PEREIRA, N. Teotónio, Uma vida nómada, uma obra fragmentada, uma pessoa inteira, *João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores*, IAC – Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo (2002), p. 14.

¹⁰ MILHEIRO, Ana Vaz, Estalagem da Serreta – Ilha Terceira, *João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores*, IAC – Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo (2002), p. 124.

¹¹ CALDAS, João Vieira (coord.), *João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores*, IAC – Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo (2002).

Por sua iniciativa, esta foi apresentada em Ponta Delgada no início de 1954, tendo sido a terceira paragem da mesma depois de Lisboa e Porto. Sócio efetivo n.º 5 do MRAR¹², foi eleito em 1955 tesoureiro da Direção Provisória. A 23 de novembro do ano seguinte foi reconduzido no cargo, mas a sua nomeação como arquiteto da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada obrigou-o a abandonar o cargo. Depois desta data, a participação de João C. Rebelo na vida do Movimento foi bastante reduzida, limitando-se a algumas conferências proferidas nos Açores e à participação pontual em reuniões e encontros.

(Arquitetura religiosa)

1954. Capela para o Bairro Vitória, Ponta Delgada, Açores (não construída)

1955. Igreja para o Bairro Vitória, Ponta Delgada, Açores (não construída)

1955-58. Capela do Colégio de S. Francisco Xavier, Ponta Delgada

1956. Igreja do Agrup. Casas Econ. Benfica, Lisboa (concurso, 3.º classif., não construída)

1956-61. Capela do Seminário de Santo Cristo, Ponta Delgada, Açores (não construída)

1962. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (concurso, não construída)

1969. Igreja de Santo André, Boidobra, Covilhã (com N. T. Pereira, não construída)

1983. Igreja de St. Cruz, Montreal, Canadá (não construída)

João de Almeida

[Lisboa, 1927-]

João de Almeida nasceu em Lisboa em 1927. Em 1945 começou a frequentar o curso de Pintura na ESBAL, tendo sido discípulo de Leopoldo de Almeida, Lagoa Henriques e também de Frederico George, que abria as portas do seu ateliê a jovens que à margem da Escola queriam iniciar-se na pintura. No entanto, passado um ano e meio decidiu ingressar em Arquitetura, curso que interrompeu a meio para realizar um longo estágio que passou por Paris, Basileia e Trie. Depois de três anos de estudos, estágios e viagens, regressou a Portugal no final de 1952 para entrar no Seminário dos Olivais, onde esteve até à sua ordenação sacerdotal em 1958. Foi então incumbido de terminar o seu curso de Arquitetura na ESBAP, cidade onde viveu até 1961, ano em que terminou a parte letiva. O seu projeto de CODA – a igreja da Sagrada Família,

¹² Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 4.

em Paço de Arcos –, apresentou-o, contudo, na ESBAL em 1967, tendo recebido a classificação de 20 valores. Nesse mesmo ano deixou a vida sacerdotal e foi estagiar em Barcelona com o arquiteto Oriol Bohigas. Pouco mais de um ano depois regressou a Lisboa e começou a trabalhar em parceria com Pedro Ferreira Pinto, principalmente na área da reabilitação de edifícios, destacando-se as suas intervenções em diversas casas em ruínas na zona do Penedo, perto de Colares. No final dos anos 1970 os dois fundaram, com Pedro Emauz Silva, o gabinete Arquí III, responsável por projetos como a renovação do Museu Nacional de Arte Antiga (1982-83 e 1993-94), as Residências Príncipe Real, na Rua do Século, em Lisboa (Prémio Valmor, 1990), a renovação parcial dos Paços do Concelho de Lisboa (após o incêndio de 1996) com a colaboração do pintor Jorge Martins, a reabilitação e reconversão do Convento das Chagas, em Vila Viçosa (1993), e do Convento das Bernardas, em Lisboa (1996). Foram ainda autores do Edifício Administrativo da Expo 98 (Menção Honrosa do Prémio Valmor, 1997) e dos projetos museográficos das exposições «Feitorias da Flandres», no Museu Nacional de Arte Antiga (1992), e «Triunfo do Barroco», no Centro Cultural de Belém (1993). Já no ano 2000 João de Almeida voltou a interessar-se pelo desenho, tendo realizado desde 2004 várias exposições em Portugal e no estrangeiro com os seus trabalhos a pastel. No final de 2012, a Fundação Medeiros e Almeida, em Lisboa, organizou uma exposição retrospectiva da sua obra completa¹³.

(MRAR)

João de Almeida foi, juntamente com Nuno Teotónio Pereira, diretamente responsável pela fundação do MRAR. Todo o material fotográfico e teórico que trouxe da sua passagem pela França, Suíça e Alemanha foi fundamental para formar e fundamentar os jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que se reuniam «*dominados por uma vontade de trabalho em comum para a elevação da arte sacra em Portugal*»¹⁴. Isto mesmo refletiu-se na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea que organizaram em 1953, que fez um vasto uso daquela documentação. De João de Almeida foi também o texto «*O sentido da moderna arquitectura religiosa na Suíça*»¹⁵ que acompanhou obrigatoriamente a exposição nas suas várias apresentações. João de Almeida foi o primeiro teórico do MRAR, tendo proferido numerosas conferências e orientado variadíssimos

¹³ João de Almeida: *Arquitectura, Design, Pintura*, Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa (2012).

¹⁴ [MRAR], Oito anos da vida do Movimento, MRAR – *Boletim*, 2.ª Série, n.º 4 (set.1961), p. 1.

¹⁵ Almeida, João de, *O sentido da moderna arquitectura religiosa suíça* [Inédito] (1953), pp. 1-13.

encontros ao longo de toda a vida do Movimento. Foi também responsável por diversos artigos – alguns deles publicados na revista do Seminário dos Olivais¹⁶ – e o principal divulgador das diretivas para a construção das igrejas do episcopado alemão¹⁷. João de Almeida foi um dos maiores renovadores da ourivesaria sacra, tendo sido autor de uma vasta obra que contou com dezenas de cálices, várias pílides, sacrários, castiçais e uma belíssima custódia em prata¹⁸. Em 1961 foi entrevistado pelo jornal *Novidades* no âmbito da série *Rumos da Arte Sacra*¹⁹. Foi membro do júri no concurso «A Virgem Maria e os Artistas de Hoje» (1961, em colaboração com a Liga Católica Feminina) e nos concursos de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa (1962), e para a Sé de Bragança (1964). Sócio fundador do MRAR n.º 7²⁰, em 1959 foi nomeado Assistente Eclesiástico do MRAR, cargo que manteve até ao final de 1967.

(Arquitetura religiosa)

1953-56. Igreja de Santo António, Moscavide (com A. de Freitas Leal)

1961. Igreja do Seminário de Penafirme (remodelação, com A. Freitas Leal)

1964-69. Igreja da Sagrada Família, Paço de Arcos (CODA)

José Maya Santos

[Porto, 1928-Cascais, 2010]

José Alfredo Maya Santos nasceu na cidade do Porto em 1928. Em 1956 recebeu o diploma de Arquiteto pela ESBAL. Ainda estudante trabalhou no ateliê de Nuno Teotónio Pereira e posteriormente, até 1961, com os arquitetos A. de Freitas Leal, Francisco Figueira e Leonor Cortês. Em 1960 venceu o concurso promovido pelo Ministério das Obras Públicas para o projeto de Postos da Polícia de Viação e Trânsito. Depois de uma breve permanência em Santo Tirso – entre 1961 e 1965 –, regressou a Lisboa, onde trabalhou

¹⁶ ALMEIDA, João de, *Arte Moderna, Novellae Olivarum*, Ano XII, n.º 117 (jul.1954), pp. 197-201; ALMEIDA, João de, Documentário eclesiástico sobre a construção de Igrejas, *Novellae Olivarum*, Ano XII, n.º 117 (dez.1954), pp. 313-314.

¹⁷ [Conferência Episcopal de Fulda], Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana, *Novellae Olivarum*, Ano XIII, n.º 121 (jan. 1955), pp. 1-7.

¹⁸ CAMPOS, Ana, João de Almeida: a emersão do *design* de prataria em Portugal, *João de Almeida: Arquitectura, Design, Pintura*, Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa (2012), pp. 60-71.

¹⁹ ALMEIDA, João, Problema da aceitação do «moderno» na arte (entrevista), *Novidades* (10. fev.1961), pp. 1.3.

²⁰ Em 1966, com a atualização da lista de sócios tornou-se no sócio efetivo n.º 5.

com o colega Júlio Saint-Maurice. Na segunda metade da década de 1960 foi arquiteto-chefe do Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Cascais e nos anos 1985-86 diretor do Gabinete Técnico de Recuperação de Alfama, em Lisboa. Nos anos 1970 foi consultor e diretor da Comissão de Arte Sacra do Patriarcado de Lisboa, membro do Grupo de Estudo do Ambiente da SEDES e fundador, em 1974, do MIC – Movimento de Intervenção Cultural. Realizou diversos planos de urbanização – Crato, Sassoeiros, Arneiro, S. Domingos de Rana, Murtal, etc. –, mas a sua atividade como arquiteto distinguiu-se na área patrimonial, com o levantamento cultural de numerosos concelhos de norte a sul do país, mas também com a realização de remodelações e reintegrações artísticas nas igrejas de Pombeiro em Paços de Ferreira, dos mosteiros de Singeverga e de Santo Tirso, do Colégio de Santa Teresa em Santo Tirso, de Ançã em Coimbra, da matriz de Oeiras e da capela do Parque de Campismo de Monsanto, em Lisboa.

(MRAR)

J. Maya Santos fez parte do grupo de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que em 1953 organizou a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea. Foi depois um dos membros fundadores do MRAR, tendo ficado então como sócio n.º 8. Membro bastante assíduo no Movimento – foi retratado no desenho de José Escada de 1958 –, teve durante a década de 1950 um papel muito interveniente, quer organizando encontros e apresentando conferências quer assumindo o cargo de diretor da 1.ª série do Boletim do MRAR, que publicou quatro números entre 1957 e 1958. Nesses dois anos foi também secretário da Assembleia Geral. José Maya Santos foi o principal promotor da filiação do MRAR no SIAC – Secretariado Internacional dos Artistas Católicos. Essa ligação próxima deu origem a um desentendimento com a Direção no início de janeiro de 1960, motivado pela recusa brusca daquela em realizar o Congresso do SIAC em Lisboa no ano seguinte, depois de J. Maya Santos ter insistido e aguardado três anos pela aceitação do convite feito em nome do grupo português. Esta situação levou-o a demitir-se do seu lugar de delegado do MRAR no SIAC, bem como a recusar manter-se como sócio efetivo do MRAR, passando a assumir a condição de sócio auxiliar, com o n.º 190, que manteve até ao fim do Movimento. Em 1962, em carta dirigida a N. Teotónio Pereira, revelou, no entanto, que levava o MRAR no coração: *«Podes crer que continuo e continuarei a ser do MRAR e, talvez, dos mais entusiasmados; a distância, algumas discordâncias antigas e o reconhecimento das minhas muito fracas possibilidades são as únicas causas do meu afastamento dos corpos gerentes.*

Por cá [Santo Tirso] continuo, à pequena escala disto aqui, a “fazer movimento”, por vezes em colaboração com o Flórido [de Vasconcelos].»²¹ Na sua passagem por Santo Tirso tornou-se bastante próximo dos monges beneditinos do mosteiro de Singeverga, tendo escrito para a revista *Ora et Labora* dois importantes artigos sobre o tema: «Significado e organização do espaço sagrado»²² e «Arte sacra, Assembleia cristã, fundamento do espaço sagrado»²³.

(Arquitetura religiosa)

1956. Igreja do Agrup. Casas Económicas de Benfica, Lisboa (concurso, não construída)

1956-64. Igreja de S. Simão, Barco, Fundão

195?. Igreja do Paço, Torres Novas (concurso, não construída)

1964. Catedral de Bragança (concurso, quarto classificado, não construída)

1966-72. Igreja de N. Sra. da Conceição, Queluz

1967-82. Igreja de S. Lázaro, Braga

Nuno Teotónio Pereira

[Lisboa, 1922-]

Nuno Teotónio Pereira nasceu em Lisboa em 1922. Ingressou no curso de Arquitetura da Escola de Belas-Artes de Lisboa em 1939 e no ano seguinte começou a trabalhar no ateliê do arquiteto Carlos Ramos, onde esteve até 1943. Nesse ano iniciou uma colaboração com a *Técnica: Revista de Engenharia dos Alunos do IST*, onde publicou a partir do n.º 147 (mai.1944) a tradução da *Carta de Atenas* com o colega Manuel Costa Martins. Quatro anos depois, os dois colegas juntaram-se de novo para proferir uma comunicação no 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, intitulada *Habitação económica e reajustamento social*, tema que depois acompanhou profissionalmente de perto N. Teotónio Pereira. O diploma de arquiteto chegou no ano seguinte, em que apresentou na ESBAL como projeto de CODA um complexo industrial de captação de águas para Valada do Ribatejo, ao qual foi atribuída a classificação de 18 valores. No ano anterior fora admitido como arquiteto na Federação das Caixas de Previdência – Habitações Económicas, onde se manteve até 1972. Em 1955

²¹ SANTOS, José Maya [Carta a N. Teotónio Pereira], Santo Tirso (7.dez.1962), pp. 1-2.

²² SANTOS, José Maya, Significado e organização do espaço sagrado, *Ora et Labora*, Ano XI, n.º 4 (1964), pp. 244-253.

²³ SANTOS, José Maya, Arte sacra, Assembleia cristã, fundamento do espaço sagrado, *Ora et Labora*, Ano XII, n.º 3 (1965), pp. 245-285.

integrou a equipa que nos anos seguintes realizou o levantamento da Zona 4 – Estremadura, Ribatejo e Beira Litoral – no Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. Em 1957 fez parte pela primeira vez dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Arquitectos, lugar que voltou a ocupar entre 1969 e 1971 no Conselho Disciplinar e entre 1984 e 1989 como Presidente do Conselho Diretivo Nacional da então já Associação dos Arquitectos Portugueses. Em 1966 foi o primeiro delegado português ao *Comité do Habitat da União Internacional dos Arquitectos* em Bucareste. Paralelamente ao seu trabalho na Federação das Caixas de Previdência, foi titular de um ateliê que marcou várias gerações de arquitectos que lá colaboraram na criação de uma vasta e multifacetada obra, sempre com um profundo sentido cívico e formativo, onde se podem contar numerosos edifícios e conjuntos urbanos, como o Bloco das Águas Livres (1953-1956, com Bartolomeu da Costa Cabral), a Urbanização do Restelo (1970-1975 e 1980-1985, com Nuno Portas e Gonçalo Ribeiro Telles – plano – e Pedro Viana Botelho e João Paciência – edifícios), ou o Complexo Intermodal do Cais do Sodré (1993-2004, com Pedro Viana Botelho). A qualidade da vasta obra construída de que foi autor e coautor foi sistematicamente reconhecida com vários prémios de arquitectura: Prémio da I Exposição Gulbenkian (1955) com o Bloco das Águas Livres, 2.º Prémio Nacional de Arquitectura da Fundação Gulbenkian (1961), Prémios Valmor de 1967, 1971 e 1975, respetivamente torre de habitação social nos Olivais Norte, edifício de escritórios Franjinhas na Rua Braamcamp e igreja do Sagrado Coração de Jesus. Obteve ainda as Menções Honrosas de 1987 e 1988 com um edifício na Rua Diogo Silves, n.º 18, e os edifícios na Rua Gonçalo Nunes n.ºs 31-45, ambos no Restelo. Prémio AICA (1985), Prémio INH de Promoção Municipal com empreendimento de 144 fogos em Laveiras, Oeiras (1992), Prémio Espiga de Ouro da Câmara Municipal de Beja (1993) e Prémio Municipal Eugénio dos Santos da CML (1995). Da mesma forma foi autor e coautor de vários estudos, livros, artigos e comunicações sobre Arquitectura, Habitação, Património, Urbanismo e Território, entre os quais se contam *Prédios e vilas de Lisboa* (Livros Horizonte, 1995), *Escritos: 1947-1996* (FAUP, 1996), *Tempos, lugares, pessoas* (Público/Contemporânea, 1996) e *Santo Isidro de Pegões – Contrastes de um Património a Preservar* (Edições Colibri/Câmara Municipal do Montijo, 2009). Muito cedo Nuno Teotónio Pereira revelou preocupações sociais e humanistas que o levaram a envolver-se diretamente em várias iniciativas coletivas na luta contra o regime ditatorial do Estado Novo, nomeadamente na organização e difusão da imprensa clandestina de inspiração católica, como *Direito à Informação*, *Igreja Presente*, *Cadernos GEDOC*, *Cadernos sobre a Guerra Colonial* e *BAC – Boletim*

Anti-Colonial. Tornou-se assim «numa das figuras emblemáticas do catolicismo militante de oposição política ao salazarismo-marcelismo durante as décadas de 60 e 70»²⁴, tendo sido preso pela PIDE em 1967, 1972 e 1973 na prisão de Caxias, de onde foi libertado a 26 de Abril de 1974. Homem de uma incansável iniciativa e de um inesgotável sentido de serviço, assumiu o cargo de Presidente do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, da Cooperativa Cultural PRAGMA, do Centro Nacional de Cultura, da Associação dos Arquitetos Portugueses e do Conselho de Arquitetos da Europa. Em 2004 a sua obra foi celebrada com uma grande exposição retrospectiva intitulada «*Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*»²⁵, apresentada no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. Cinco anos depois, o documentário «*Um homem na cidade*», de Joana Cunha Ferreira, fixou a vida intensa e inspiradora deste arquiteto que aos 90 anos recebeu o Prémio Árvore da Vida, porque «o que mais ressalta ao longo da sua extensa e continuada obra é o sentido de humanizado de relação, seja com o colega coautor, seja com o cliente, seja ainda com o utente futuro da obra – o que só pode advir de alguém com especial atenção ao Outro, e à Humanidade que ele sempre representa e integra»²⁶.

(MRAR)

Nuno Teotónio Pereira foi, juntamente com João de Almeida, primeiro responsável pela fundação do MRAR. Já em 1947 manifestara publicamente que era necessário renovar a arquitetura religiosa em Portugal²⁷, posição que retomou quatro anos depois ao liderar o protesto contra a construção do projeto de Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa. Grande galvanizador do Movimento desde a primeira hora, foi desde sempre visto como líder do grupo, tendo sido não por acaso o primeiro de dez entrevistados pelo jornal *Novidades* em 1961 numa rubrica chamada Rumos da Arte Sacra²⁸. A ordem alfabética das

²⁴ FONTES, Paulo Oliveira, O catolicismo português no século xx: da separação à democracia, História Religiosa de Portugal, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 271.

²⁵ TOSTÕES, Ana (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Ed. Quimera (2004).

²⁶ FERNANDES, José Manuel, *Arquitectos do Século xx: da tradição à modernidade*, Caleidoscópico (2006), p. 147.

²⁷ PEREIRA, N. Teotónio, A Arquitectura Cristã Contemporânea, *Ala*, Ano V, n.º 67 (31 jan.1947), pp. 2-4. Nuno Teotónio Pereira só voltaria a escrever nos jornais sobre este tema uma única vez, no final de 1953: PEREIRA, N. Teotónio, *Arquitectura Religiosa, O Comércio do Porto* (6 dez.1953).

²⁸ PEREIRA, N. Teotónio, Experiência de um arquitecto (entrevista), *Novidades* (7 fev.1961), pp. 1-3.

assinaturas do documento de fundação do MRAR atribuiu-lhe o n.º 11²⁹, mas no momento da eleição da Direção Provisória, N. Teotónio Pereira foi naturalmente escolhido como Presidente, decisão que se repetiu a 23 de novembro de 1956 quando se realizaram as eleições para a primeira Direção do MRAR, para o biénio 1957-58. N. Teotónio Pereira voltou a ocupar este cargo nos anos 1961-62 e nos dois anos seguintes foi Presidente da Assembleia Geral. Ao longo de década e meia, proferiu conferências, orientou encontros, participou em reuniões, juntou e animou sócios e não sócios em torno da causa do MRAR. No entanto, o seu vivo sentido cívico levou-o, a partir de finais da década de 1950, a juntar-se progressivamente na luta política que crescia entre o meio católico progressista. Como consequência, a sua disponibilidade para o MRAR foi decrescendo ao longo dos anos de 1960, até que em 1966 revelou que não poderia colaborar ativamente com o Movimento por ter «*um lugar de responsabilidade na Cooperativa Pragma, que me preenche por completo o tempo que poderei consagrar a movimentos associativos*»³⁰. Na realidade, o propósito que o levava a fundar o MRAR fora já alcançado, pelo que era tempo de lutar pelas mesmas causas noutras frentes.

(Arquitetura religiosa)

1949-57. Igreja de N. Sra. de Fátima, Águas

1959-68. Mosteiro de Sta. Maria do Mar, Sassoeiros, com Nuno Portas e outros

1962-69. Igreja de Santiago, Almada, com Nuno Portas e outros

1962-70. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa, com Nuno Portas e outros

1967-69. Igreja de Santo André, Boidobra, Covilhã

1988. Mosteiro das Irmãs Beneditinas, Torrão (não construído)

Diogo Lino Pimentel

[Lisboa, 1934-]

Diogo Lino Pimentel nasceu em Lisboa em 1934 e recebeu o diploma de Arquiteto em 1960 pela ESBAL. No final do ano anterior rumou a Bolonha, onde estagiou durante um ano, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, no «Ufficio Nuove Chiese» fundado pelo Cardeal Lercaro, sob orientação dos arquitectos Giorgio Trebbi e Glauco Gresleri. Este estágio, que ainda hoje é recordado por este arquiteto, ficou registado nas duas principais

²⁹ Em 1966, com a atualização da lista de sócios tornou-se no sócio efetivo n.º 8.

³⁰ PEREIRA, N. Teotónio [Resposta a inquérito do MRAR] (18 jul.1966).

publicações que fazem a história do movimento bolonhês³¹. De regresso a Portugal, em 1960, foi convidado a integrar o recém-criado SNIP – Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa, cuja direção técnica assumiu desde então. Nesse ano relatou a sua experiência na revista do Seminário dos Olivais, *Novellae Olivarum*³², publicação onde escreveu também um dos últimos artigos sobre arte e arquitetura ali apresentados³³. Em 1966 fundou com S. Formosinho Sanchez a firma Canon no âmbito da qual foram projectadas algumas igrejas. Esta equipa foi também responsável pelas propostas classificadas em segundo lugar no concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança (1964), em terceiro lugar no concurso para a Torre do Tombo (1982) e em segundo lugar para o remate do Palácio da Ajuda (1989). Diogo L. Pimentel foi ainda consultor da Câmara Municipal de Sintra de 1976 até 2010 e membro do Conselho Consultivo do IPPAR.

(MRAR)

Diogo L. Pimentel começou a sua ligação ao MRAR como sócio estudante n.º (2)10. No entanto, o seu profundo interesse pelo Movimento levou-o a ser admitido como 15.º sócio efetivo a 9 novembro de 1956³⁴, num tempo em que os membros fundadores tinham ainda bastantes reservas relativamente ao alargamento do núcleo duro do MRAR. O envolvimento de Diogo L. Pimentel foi assim desde logo reconhecido, como atestou o ter sido convidado pouco tempo depois – janeiro de 1957 – a substituir João C. Rebelo no lugar de Tesoureiro da Direção. Diogo L. Pimentel foi um dos membros mais assíduos³⁵ e ativos do Movimento, tendo representado por diversas vezes o Movimento quer em Portugal quer no estrangeiro. Participou ativamente em inúmeras reuniões e encontros do MRAR quer como orientador quer como assistente, colaborou na organização de diversas exposições, proferiu conferências, esteve envolvido na criação do núcleo de Música Sacra. Foi naturalmente visto, portanto, como uma das vozes mais importantes do Movimento, e assim foi entrevistado em

³¹ GRESLERI, Glauco, BEATRICE, Bettazzi M., GRESLERI, Giuliano, *Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna*, Editrice Compositori, Bologna (2004); GRESLERI, Giuliano, GRESLERI, Glauco, *Le Corbusier: Il programma liturgico*, Editrice Compositori, Bologna (2001).

³² PIMENTEL, Diogo L., O «Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra» de Bologna, *Novellae Olivarum*, Ano 17, n.º 172 (out.1960), pp. 179-180.

³³ PIMENTEL, Diogo, A cidade e o problema das novas igrejas, *Novellae Olivarum*, Ano XVII, n.º 172 (out.1960), pp. 160-161.

³⁴ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 12.

³⁵ Foi um dos retratados no desenho elaborado por José Escada em 1958.

1961 pelo diário *Novidades* na série dedicada ao tema «Rumos da Arte Sacra»³⁶. A 22 de janeiro de 1963 foi eleito secretário do MRAR, cargo que repetiu na Direção seguinte – a última – eleita a 26 de outubro de 1966. A 6 de agosto de 1969 foi um dos assinantes da carta de suspensão do MRAR.

(Arquitetura religiosa)

1962. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (concurso, com A. de Freitas Leal e Maria do Carmo Matos, não construída)

1963-65. Igreja da Lentisqueira, Mira

1964-65. Igreja do Seminário Dominicano do Olival, Aldeia Nova, Ourém

1964. Catedral de Bragança (concurso, 2.º classif., com S. F. Sanchez, não construída)

1966-79. Igreja de Santo António, Santo António dos Cavaleiros (três versões)

1970-71. Igreja de N. Sra. da Purificação, Olival, Ourém (três versões)

1980-2001. Igreja de St. Joana Princesa, Lisboa (cinco versões)

1981. Capela do Colégio de S. José, Lisboa

1984-85. Igreja de N. Sra. do Desterro, Angra do Heroísmo

1993. Igreja da Sagrada Família, Évora

Formosinho Sanchez

[Lisboa, 1922-Lisboa, 2004]

Sebastião Formosinho Sanchez nasceu em Lisboa em 1922. Em 1940 iniciou o curso de Arquitetura na ESBAL e, ainda estudante, trabalhou com Cristino da Silva e Keil do Amaral. Em 1948 recebeu o seu diploma com 17 valores e logo de seguida realizou, em colaboração com Rui d'Atouguia, um dos seus trabalhos mais emblemáticos: o projeto do «Bairro das Estacas», em Lisboa, desenvolvido entre 1949 a 1954 e que, apesar de muito contestado pelos construtores, foi largamente reconhecido³⁷ e em 1954 premiado com o Prémio Municipal de Arquitetura da Câmara Municipal de Lisboa e com um prémio na Exposição Internacional de Arquitetura da II Bienal de Arte Moderna de S. Paulo, Brasil. Entretanto, em 1946 – e até 1964 – havia começado a trabalhar na Comissão

³⁶ PIMENTEL, Diogo L., Renovação da arquitetura religiosa (entrevista), *Novidades* (8 fev.1961), pp. 1-3.

³⁷ Blocos de Habitação Célula 8 no Bairro de Alvalade em Lisboa, *Arquitetura*, n.º 53 (nov.-dez.1954); Bairro Alvalade (Bairro das Estacas), *Arquitetura Portuguesa, Cerâmica e Edificação*, n.º 7 (dez.1954).

de Construções Hospitalares do Ministério das Obras Públicas, onde elaborou diversos projetos, como o Hospital de Miranda do Douro. Deste período foram também o Centro de Medicina Física e Reabilitação em Alcoitão e os tribunais de Rio Maior e do Redondo. Em 1959 foi um dos convidados a participar no concurso para o anteprojecto da sede e museu da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em que participou fazendo equipa com Arménio Losa e Pádua Ramos. Em 1962 foi admitido como Assistente na ESBAL e dois anos depois tomou posse como Professor Agregado, depois de apresentar a dissertação «*Arquitectura Porquê?*»³⁸. Porém, em 1973 pediu a demissão do seu lugar de professor, em discordância com os métodos pedagógicos praticados naquela escola³⁹. Em 1964 fundou o ateliê Canon, com Diogo Lino Pimentel, onde realizou diversas obras, como o Hospital Distrital de Chaves. Dez anos depois abandonou a firma, depois de se tornar administrador da EPUL – Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, onde permaneceu até 1978. Dois anos mais tarde foi nomeado Comissário Técnico para a XVII Exposição do Conselho da Europa, realizada em Lisboa em 1983. No ano seguinte venceu o concurso para o Monumento a Sá Carneiro, a erguer na Praça do Areeiro, em Lisboa, mas o projeto acabou por ser rejeitado pelo presidente da Câmara Municipal. Entretanto, em 1981 fora anulado o despacho de aceitação do pedido de demissão da ESBAL, pelo que foi reintegrado nos serviços docentes daquela escola, onde se jubilou em 1992 como Professor Catedrático.

(MRAR)

Sócio auxiliar n.º (1)04 em 1956, tornou-se no 16.º sócio efetivo do MRAR em janeiro do ano seguinte⁴⁰. Presença habitual nas reuniões, quer na assistência quer como orientador, também ele apresentou um dos seus projetos numa reunião de estudo: a (não construída) igreja paroquial de Rio Maior, em julho de 1961. Na sua casa nos Capuchos, perto da Costa de Caparica, realizou-se uma das reuniões mais recordadas e concorridas do MRAR: a que contou com a presença do pintor suíço Ferdinand Gehr. S. Formosinho Sanchez envolveu-se profundamente na elaboração do concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, tendo sido responsável em 1958 pelo estudo que levou à alteração no terreno de implantação. Mais tarde foi membro do júri, nomeado

³⁸ SANCHEZ, S. Formosinho, *Arquitectura porquê?*, Editorial Estúdios Cor, Lisboa (1964).

³⁹ Ver SANCHEZ, S. Formosinho, A chamada ao nacionalismo e ao português, em 1940, era autenticamente feroz: era de galos de Barcelos por todo o lado, *Arquitectura*, n.º 130 (mai.1974), pp. 4-7.

⁴⁰ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 13.

pela paróquia. Foi o arquiteto que mais corpos gerentes do MRAR integrou: em 1959-60 foi secretário da direção, em 1961-62 presidente da Assembleia Geral, em 1963-64 presidente da direção do MRAR, cargo para que foi reeleito no biénio seguinte e no qual se manteve até abril de 1966, quando apresentou o seu pedido de demissão, devido à «ineficácia da minha actuação como Presidente da Direcção do MRAR, na medida em que as recomendações insistentes do Conselho Directivo – regularidade na publicação do Boletim e de reuniões mensais – não têm sido cumpridas pela actual Direcção, comprometendo-se largamente a própria vida do Movimento»⁴¹. No entanto, no início de 1967 foi eleito novamente presidente da Assembleia Geral.

(Arquitetura religiosa)

1961. Igreja de N. Sra. da Conceição, Rio Maior (não construída)

1964. Catedral de Bragança (concurso, 2.º classif., com Diogo L. Pimentel, não construída)

1966-85. Igreja de N. Sra. da Conceição, Setúbal

1987. Igreja de Santa Cruz (não construída)

Nuno Portas

[Vila Viçosa, 1934-]

Nuno Portas nasceu em Vila Viçosa em 1934. Depois de fazer os estudos liceais no Colégio Jesuíta de Santo Tirso, ingressou na ESBAL, mas foi na escola do Porto que em 1959 obteve o seu diploma de Arquiteto com a dissertação «A habitação social – proposta para a metodologia da sua arquitectura». Em 1957 começou a trabalhar no ateliê de Nuno Teotónio Pereira, com quem colaborou durante quase duas décadas em alguns projetos emblemáticos como a Casa de Vila Viçosa (1959-63), ou em Lisboa, a igreja do Sagrado Coração de Jesus (1962-70), os edifícios de habitação coletiva nos Olivais (1957-68) e o Plano de Urbanização do Restelo (1969-75). Em 1958 integrou a direção da revista *Arquitectura*, tendo os seus artigos de crítica e divulgação da arquitectura nacional e internacional motivado a atribuição, em 1963, do Prémio Gulbenkian de Crítica de Arte. Paralelamente, e por ser também um apaixonado por cinema, fundou com João Bénard da Costa, Pedro Tamen e Nuno Bragança, o Cineclube Católico. Neste período publicou vários artigos de crítica de cinema no *Diário de Lisboa* e no *Diário Ilustrado*. Entre 1962 e 1974 foi investigador

⁴¹ SANCHEZ, S. Formosinho [Carta a Erich Corsépius], Lisboa (22 abr.1966), p. 1.

do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, onde coordenou o Núcleo de Pesquisa de Arquitectura, Habitação e Urbanismo. Paralelamente, de 1965 a 1971, foi assistente da Cadeira de Projeto na ESBAL. Em 1974 aceitou o cargo de secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, que conservou durante os três primeiros Governos Provisórios. Foi nessas funções que promoveu a criação de cooperativas de habitação e de gabinetes de apoio local (GAT), concebeu o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) e desencadeou o processo conducente à adoção dos Planos Directores Municipais. Mais tarde, em 1990, integrou o executivo municipal de Vila Nova de Gaia como vereador do pelouro do urbanismo. Como afirmou João Bénard da Costa, «*a política não era paixão dominante para nenhum, excepto para o Nuno Portas*»⁴². Como urbanista e desde o final da década de 70, realizou numerosos trabalhos, tanto em Portugal como no estrangeiro. Foi consultor dos planos de ordenamento dos municípios do Vale do Ave, coordenou o plano do *campus* da Universidade de Aveiro (1990-2000), foi responsável pela primeira versão do Plano Geral da Expo 98 (1993-94) e dos termos de referência para o concurso de concepção e construção da área de Chelas, em Lisboa (1995-98). Fora de Portugal coordenou o Planeamento Intermunicipal de Madrid (1980-83), foi consultor do Plano Estratégico Metropolitano de Barcelona (1991-92), do Plano de Ordenamento de Santiago de Compostela e também das Nações Unidas e da União Europeia para as questões urbanísticas e de investigação. No Rio de Janeiro e com Oriol Bohigas foi autor do Plano de Frente de Mar e Estação das Barcas (1997-2000) e do Plano de Recuperação da Zona Central da cidade (1995-2000). Participou, ainda, na elaboração da primeira legislação urbanística de Cabo Verde. Em 1983, integrou o corpo docente do curso de Arquitectura da Escola de Belas-Artes do Porto, tendo participado na fundação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Em 1989 tornou-se Professor Catedrático dessa Faculdade. Foi ainda professor convidado da Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, do Instituto de Urbanismo de Paris XII, da Universidade de Paris VIII, do Politécnico de Milão, da Universidade de Ferrara e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao longo de quase seis décadas, Nuno Portas publicou múltiplos artigos nas mais diversas publicações nacionais e internacionais (*A&V*, *Cahiers du CSTB*, *Casabella*, *Ciudad y Territorio*, *Lótus Internacional*, *Óculum*, *Quaderns d'Arquitectura*, *Urbanisme*, etc.). Foi também autor de numerosas obras sobre Arquitectura e Urbanismo, como *A arquitectura para hoje* (1964), *A cidade como arquitectura* (1969), *A evolução da arquitectura*

⁴² COSTA, João Bénard da, *Nós, os vencidos do catolicismo*, Tenacitas, Coimbra, 2003, p. 20.

moderna em Portugal (capítulo integrado na *História da Arquitectura Moderna*, de Bruno Zeni, 1973) e *Portugal – Arquitectura nos últimos 20 anos iHisHi* (com Manuel Mendes, 1991). Em 2005 foi galardoado com o prémio Sir Patrick Abercrombie de Urbanismo da União Internacional de Arquitetos (UIA), pela primeira vez atribuído a um arquiteto português. Em 2012 inaugurou em Guimarães, por ocasião da Capital Europeia da Cultura, a exposição «*O ser urbano: nos caminhos de Nuno Portas*», apresentada posteriormente também em Lisboa e no Rio de Janeiro.

(MRAR)

Em 1956 Nuno Portas era o sócio estudante n.º (2)01, e desde logo começou a participar ativamente no Movimento, proferindo conferências, orientando reuniões e colaborando na organização de exposições, postura que manteve até ao fim do MRAR. Consequentemente, foi com naturalidade que durante o biénio 1959-60 se tornou no 17.º sócio efetivo⁴³, e em 1961 foi um dos sete membros do MRAR entrevistados pelo diário *Novidades* numa série dedicada ao tema «Rumos da Arte Sacra»⁴⁴. Nuno Portas foi o membro do MRAR que mais artigos escreveu, sendo neste âmbito de destacar os artigos sobre arte e arquitetura religiosa publicados no jornal *Encontro*⁴⁵ e nas revistas *Arquitectura*⁴⁶ e *Brotéria*⁴⁷. Em 1954 acompanhou João de Almeida na sua deslocação anual à Alemanha e Suíça, viagem que ficou marcada de um modo muito especial pela participação na celebração dos 60 anos do arquiteto Hermann Baur. Em 1966, o nome de Nuno Portas foi o que sobressaiu do questionário feito aos sócios efetivos para dirigir o MRAR e orientá-lo na saída da crise que viveu nesse ano. Foi assim que a 26 de outubro se tornou no último presidente do Movimento, cargo que ocupou até 6 de agosto de 1969, quando depois de dois anos «*sem que nada se passasse a nível do Movimento*»⁴⁸, assinou juntamente com

⁴³ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 14.

⁴⁴ PORTAS, Nuno, Oportunidade e importância do Secretariado das Novas Igrejas (entrevista), *Novidades* (12 fev.1961), pp. 1-7.

⁴⁵ O Drama da Arte Sacra Portuguesa, *Encontro*, Ano 1, n.º 4 (abril 1956), pp. 2-8 e Igrejas ou Garagens?, *Encontro*, n.º 5 (nov.1956), pp. 8-9.

⁴⁶ Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), pp. 20-23; Dois novos edifícios litúrgicos em Portugal, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), pp. 24-30; Igreja para a comunidade de La Martella e Igreja para o Bairro INA-Casa em Baggio, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), pp. 31-34; Arquitectura Religiosa Moderna – Luís Cunha, *Arquitectura*, n.º 60, (out.1957), p. 54.

⁴⁷ Novas Igrejas – considerações a propósito de uma exposição, *Brotéria*, vol.79, n.º 1 (jul.1964), pp. 18-27.

⁴⁸ PORTAS, Nuno [et. al.], [Carta aos sócios], Lisboa (6 ago.1969), p. 1.

Diogo L. Pimentel, Maria do Carmo Matos e o P. Avelino Rodrigues a carta que suspendeu o MRAR.

(Arquitetura religiosa)

1959-68. Mosteiro de Sta. Maria do Mar, Sassoeiros, com N. Teotónio Pereira e outros.

1962-70. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa, com N. Teotónio Pereira e outros.

1962-69. Igreja de Santiago, Almada, com N. Teotónio Pereira e outros.

Luiz Cunha

[Porto, 1933-]

Luiz Cunha nasceu no Porto em 1933. Em 1949 ingressou na Escola Superior de Belas-Artes daquela cidade, terminando o curso de Arquitetura oito anos depois. O seu projeto de CODA – que obteve a classificação de 20 valores – correspondeu à proposta que apresentou no concurso público realizado naquele ano para a igreja de N. Sra. da Piedade, em Loulé. Colaborou com Januário Godinho, Carlos Loureiro e também com Carlos Ramos em alguns projetos, com destaque para a coordenação da proposta para a Embaixada de Portugal em Brasília (1961). Entre 1957 e 1966 trabalhou no Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal do Porto na elaboração do Plano de Urbanização daquela cidade, sob a orientação do arquiteto Robert Auzelle. Em 1970 mudou a sua residência para Lisboa, onde estabeleceu ateliê próprio. Entre 1995 e 2005 foi professor no ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa em Lisboa. Homem de uma inesgotável criatividade e de um reconhecido talento para o desenho – que se revelou desde cedo na apresentação dos seus projetos –, realizou ao longo de toda a vida dezenas de obras de pintura e escultura predominantemente na temática da arte sacra, que foram apresentadas em várias exposições individuais e coletivas. Os seus desenhos ilustraram as capas de dois números da revista *Arquitectura* dedicadas à sua obra⁴⁹ (n.º 124/1972 e n.º 145/1982). Em 2011, o ISCTE promoveu uma exposição retrospectiva sobre a sua obra, intitulada «*Luiz Cunha: Arquitectura & Artes Plásticas – 1957/2011*»⁵⁰.

⁴⁹ *Arquitectura*, n.º 124 (mai.1972); *Arquitectura*, n.º 145 (fev.1982).

⁵⁰ Luiz Cunha: arquiteto, artista, professor, *ArchiNews*, Ano VII, Edição Especial n.º 3 (2012).

(MRAR)

Luiz Cunha começou a envolver-se nas atividades do MRAR em junho de 1953, quando colaborou na montagem da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea na ESBAP. Depois deste evento, a sua participação manteve-se esporádica até ao 3.º Encontro do MRAR, realizado em abril de 1957 no Porto, no qual foram dados os primeiros passos para a criação do primeiro «núcleo regional do Movimento, constituído basicamente por arquitectos e estudantes da Escola de Belas-Artes do Porto»⁵¹. Dentre estes, Luiz Cunha destacou-se – juntamente com Maria Luísa Marinho Leite – e tornou-se no principal responsável pelo desenvolvimento do núcleo do Porto, bem como por todas as atividades do MRAR desenvolvidas no norte do país: proferiu conferências, organizou reuniões e encontros, preparou exposições, elaborou catálogos e para tudo isto motivou os seus colegas. Foi, portanto, com naturalidade que no biénio 1959-60 se tornou no sócio efetivo n.º 18⁵². Luiz Cunha começou então a deslocar-se com frequência a Lisboa para participar nas diversas reuniões, quer como assistente quer para apresentar projetos seus – o que fez por duas vezes⁵³. Em 1964 esteve envolvido na preparação de um concurso de anteprojetos para a igreja da Cedofeita, no Porto, que não chegou a realizar-se e a 23 de abril de 1965, dirigiu a visita de estudo que o MRAR organizou à igreja de N. Sra. do Rosário, no convento dos Dominicanos, em Fátima. Luiz Cunha manteve-se ligado ao MRAR até próximo do seu término. Mas a sua dedicação à arte e arquitetura religiosa não esmoreceu até aos dias de hoje e manteve-se tão intensa como quando publicou um dos raros livros feitos em Portugal sobre o tema, *Arquitectura Religiosa Moderna*⁵⁴, que reuniu e desenvolveu os textos que publicou na revista *Miriam* entre janeiro e setembro de 1956⁵⁵. Luiz Cunha voltou a colaborar com esta revista em 1968 numa série de artigos de divulgação

⁵¹ SANTOS, J. Maya, DIAS, Carlos Carvalho, O núcleo regional do MRAR no Porto, *MRAR – Boletim*, 1.ª Série, n.º 2 (mai.1957), p. 2.

⁵² Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 15.

⁵³ 27 de fevereiro de 1962 e 11 de janeiro de 1966.

⁵⁴ CUNHA, Luiz, *Arquitectura Religiosa Moderna*, 1.ª Edição, Imprensa Portuguesa, Porto (1957). As revistas *Casabella* e *Arquitectura* apresentaram comentários ao livro: ANSELM, Angelo Tito, Luiz Cunha – Arquitectura Religiosa Moderna, *Casabella*, n.º 215 (abr.-mai.1957), p. 99; PORTAS, Nuno, *Arquitectura Religiosa Moderna* – Luís Cunha, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), p. 54.

⁵⁵ CUNHA, Luiz, A igreja de Ronchamp, *Miriam*, Vol. III, n.º 1 (jan.1956), pp. 18-21; CUNHA, Luiz, O espaço cristão, *Miriam*, Vol. III, n.º 2 (fev.1956), pp. 95-99; CUNHA, Luiz, Igrejas de hoje para cristãos de hoje – I, *Miriam*, Vol. III, n.º 7 (jul.1956), pp. 362-365; CUNHA, Luiz, Igrejas de hoje para cristãos de hoje – II, *Miriam*, Vol. III, n.º 8-9 (ago.-set.1956), pp. 450-453.

de obras de arquitetura religiosa moderna⁵⁶ e depois nunca deixou de escrever artigos nas mais variadas publicações⁵⁷, do mesmo modo que apresentou várias conferências dedicadas a arte e arquitetura religiosa⁵⁸. «*Tímido e discreto, místico e religioso, artista de grande sensibilidade, trabalhador isolado, desenhando ele próprio (a tinta) os anteprojectos*»⁵⁹, Luiz Cunha tornou-se no arquiteto português com maior obra religiosa projetada e construída e um caso ímpar no panorama arquitetónico e artístico nacional.

(Arquitetura religiosa)

1953. Capela da Afurada, Vila Nova de Gaia

1955. Capela Colónia de Férias FNAT, Matosinhos (concurso, 1.º classif., não construída)

1956-57. Igreja de N. Sra. da Piedade, Loulé (CODA, não construída)

1961-63. Capela da Embaixada de Portugal, Brasília (3 versões, não construída)

1961-65. Igreja de S. Mamede, Negrelos, Santo Tirso

1962-65. Igreja de N. Sra. do Rosário, Fátima

1964-68. Igreja de N. Sra. de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro

1964-70. Capela do Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, Porto

1966-72. Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Porto

1967. Seminário do Bom Pastor, Ermesinde (não construído)

1967-72. Igreja de Nevogilde, Porto (1.ª versão, não construída)

1968. Igreja do Seizezelo, Vila Nova de Gaia (não construída)

1968-72. Capela do centro paroquial de S. Miguel de Nevogilde, Porto

1969-71. Igreja do Pindelo, Oliveira de Azeméis (não construída)

⁵⁶ CUNHA, Luiz, Igreja de S. Mamede de Negrelos – Sto. Tirso, *Miriam*, 2.ª Série, n.º 2 (fev.1968), p. 38; CUNHA, Luiz, Catedral de Santa Maria, em Tóquio, *Miriam*, 2.ª Série, n.º 3 (mar.1968), p. 41; CUNHA, Luiz, Capela do Seminário Dominicano do Olival, *Miriam*, 2.ª Série, n.º 4 (abr.1968), p. 42.

⁵⁷ São exemplos CUNHA, Luiz, A Arte Religiosa contemporânea, *Voz Portucalense*, Ano XII, n.º 44 (26.nov.1981), p. 7-11; CUNHA, Luiz, Caminhos da arquitectura religiosa contemporânea em Portugal, *Laikos*, Ano VII, n.ºs 3-4 (jul.-dez.1984), pp. 462-470; CUNHA, Luiz, A pedra angular da nova arquitectura, *Fé e Cultura para o Ano 2000*, Publicação Communio, Lisboa (1985), pp. 67-79; CUNHA, Luiz, Actividade artística e acto divino da criação, *Communio*, Ano V, n.º 3 (mai.-jun.1988), pp. 284-285.

⁵⁸ São exemplos: *Regresso ao Templo*, Congresso Architetture Latenti, Turim (17.mai.1986); *Arquitectura Religiosa: do Movimento de Renovação às realizações do presente e às interrogações do futuro*, I Fórum de Arquitectura Religiosa, Póvoa de Varzim (18.mai.2007).

⁵⁹ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia, Luiz Cunha – Arquitecto e Artista, *Percursos de Carreira*, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa (1994), p. 45.

- 1971-76. Igreja de Santa Joana Princesa, Aveiro
- 1973-75. Igreja de Santa Cristina do Couto, Santo Tirso
- 1977-81. Capela residência das Irmãs Hospitaleiras do S. Coração de Jesus, Parede
- 1978-79. Igreja de S. Miguel do Couto, Santo Tirso (não construída)
- 1979-81. Capela residência das Irmãs de S. José de Cluny, Fátima
1979. Convento Seminário dos Padres Crúzios, Braga (não construído)
- 1980-82. Igreja de N. Sra. de Fátima, Lajedo, Ponta Delgada (não construída)
- 1981-95. Capela do Hospital de N. Sra. de Fátima, Parede
1983. Capela das Monjas Dominicanas da Contemplação, Lisboa
- 1983-92. Igreja de CristoRei, Portela de Sacavém
- 1984-96. Igreja de Nevogilde, Porto (2.^a versão, não construída)
1985. Capela do CristoRei, Padres Dominicanos, Porto (não construída)
1985. Capela de CristoJovem, Requião, Vila Nova de Famalicão
- 1987-95. Santuário de S. Bento da Porta Aberta, Gerês
1988. Capela de Roussada, Milharado, Mafra (não construída)
- 1989-2004. Igreja da Apúlia, Esposende
- 1992-93. Igreja do Alto da Chapeleira, Ameixoeira, Lisboa (não construída)
1993. Igreja de Vila Verde, Braga
1994. Oratório de S. José das Irmãs Hosp. do S. Coração de Jesus, Telheiras, Lisboa
- 1994-2000. Igreja de S. Pedro, Azurém, Guimarães
1996. Capela dos Missionários do Verbo Divino, Lisboa
- 1996-99. Capela de Adoração, Santuário S. Bento da Porta Aberta, Gerês
1997. Capela do lar de sacerdotes idosos, Paço Episcopal de Braga (não construída)
- 1997-2002. Oratório das Irmãs Hospitaleiras do S. Coração de Jesus, Idanha, Belas
- 1997-2003. Igreja de S. João das Caldas, Vizela
- 1997-2004. Igreja Santa Eulália, Rio Covo, Barcelos
- 1997-2004. Capela funerária das Irmãs Hosp. do S. Coração de Jesus, Idanha, Belas
2000. Igreja da S. Família de Nazaré, Codivel, Odivelas (1.^a versão, não construída)
2001. Capela do Lar e Centro de Dia de Sta. Cristina do Couto, Santo Tirso
2006. Igreja do Salão, Faial (concurso, não construída)
2008. Igreja dos Flamengos, Faial (não construída)

2009. Capela do Centro Paroquial Igreja de N. Sra. de Fátima, Lisboa (não construída)
2009. Igreja da S. Família de Nazaré, Codivel, Odivelas (2.^a versão, não construída)
- 2009-12. Centro paroquial do Alto da Chapeleira, Ameixoeira, Lisboa
2010. Capela de Lausperene, Santuário do CristoRei, Almada (não construída)
2011. Igreja de 1000 lugares, Santuário do CristoRei, Almada (não construída)
2012. Igreja da Pedreira, Fátima (não construída)

Erich Corsépius

[Horta, Açores, 1929-Lisboa, 2009]

Ernest Erich Wolfgang Corsépius nasceu na cidade da Horta, nos Açores, em 1929. Em 1952, ainda como estudante de Arquitetura, colaborou no ateliê de N. Teotónio Pereira. Em 1957 obteve o seu diploma de arquiteto e com o arquiteto Manuel Alzina de Menezes criou uma sociedade onde permaneceu até ao final da sua vida. Ali realizou ao longo de meio século numerosos projetos e obras de diferentes tipos – habitações unifamiliares e coletivas, edifícios industriais e de serviços, equipamentos escolares, comerciais e outros, destacando-se a intervenção realizada no Palácio Sotto Mayor, em Lisboa, que mereceu em 2005 uma Menção Honrosa do prémio «Pedra na Arquitectura». O seu interesse particular pela arquitetura religiosa levou-o igualmente a realizar um significativo número de projetos e a apresentar várias conferências nessa área. Em 1974, a convite do Santuário de Fátima, integrou a equipa do Serviço de Ambiente e Construções que, durante mais de um quarto de século, programou obras tão importantes como a renovação estética da Capelinha das Aparições, das Casas de Retiros e da Reitoria, a construção do Centro Pastoral Paulo VI e da Igreja da Santíssima Trindade. Entre 1985 e 1995 Erich Corsépius foi também membro da Comissão de Arte Sacra do Patriarcado.

(MRAR)

Sócio auxiliar do MRAR desde 9 de novembro de 1956, Erich Corsépius foi admitido como 22.^o sócio efetivo a 19 de maio de 1961⁶⁰. Foi presença assídua e participativa nas reuniões do Movimento, tendo numa delas apresentado

⁶⁰ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 19.

o primeiro anteprojecto para a igreja de Arroios. A 22 de janeiro de 1963 foi eleito tesoureiro do MRAR, lugar que ocupou até às eleições de 1965, quando se tornou no presidente da Assembleia Geral. Por esse motivo viveu a crise de 1966 de muito perto, tendo administrado o Movimento desde a receção a 22 de abril da carta de demissão do presidente do MRAR S. Formosinho Sanchez à convocação da Assembleia Geral Extraordinária para eleição da nova Direção a 26 de outubro. Erich Corsépius manteve o lugar até ao início do ano seguinte, altura em que uma nova Assembleia Geral Extraordinária elegeu um novo presidente da Assembleia Geral.

(Arquitetura religiosa)

- 1956. Igreja do Agrup. Casas Económicas de Benfca, Lisboa (concurso, não construída)
- 1962. Igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa (concurso, 4.º classif., não construída)
- 1962-72. Igreja de S. Jorge de Arroios, Lisboa, com Alzina Menezes
- 1962-74. Seminário Carmelita, Sameiro, Braga
- 1964. Catedral de Bragança (concurso, quarto classificado, não construída)
- 1972. Capela para o Instituto «Schönstadt», Lisboa
- 1975-89. Capela da Sagrada Família, Santuário de Fátima
- 1977. Capela do Centro de Saúde de Mértola
- 1978. Capela da Casa de N. Sra. do Carmo, Fátima
- 1978-80. Colégio paroquial de Santa Eufémia, Leiria
- 1978-89. Capela de S. José, Fátima
- 1979. Altar exterior, Santuário de Fátima (provisório)
- 1979. Lar sacerdotal da Diocese de Leiria, Fátima
- 1979. Capela Instituto Missionário de S. Paulo, Lisboa (remodelação)
- 1983. Oratório das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Lisboa
- 1983. Capela latina, Domus Pacis, Fátima
- 1984. Igreja da Paroquia Católica Alemã (reconstrução e remodelação)
- 1987. Capela das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Braga (remodelação)
- 1987. Capelas das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Guarda (remodelação)
- 1989-2008. Igreja da Várzea de Sintra
- 1993. Centro de Espiritualidade «Jean Gaillac», Costa Nova, Aveiro
- 1996. Casa do Peregrino do Santuário da Padroeira, Vila Viçosa
- 1997. Capela R. S. Bento, Lisboa (adaptação/remodelação)

- 1999. Igreja de S. Mamede, Lisboa (remodelação do presbitério)
- 2000-02. Igreja paroquial da Malveira
- 2001. Altar exterior, Santuário de Fátima
- 2003. Capela das Religiosas do S. Coração de Maria, Fátima (remodelação)
- 2005. Igreja de Santa Isabel, Lisboa (remodelação do presbitério)
- 2005. Basílica da Estrela, Lisboa (remodelação do presbitério)
- 2005. Igreja de N. Sra. dos Navegantes, Loures (concurso, não construída)

1.4. Mais vinte sócios

António dos Reis Rodrigues [1918-2009]

D. António dos Reis Rodrigues nasceu em Vila Nova de Ourém em 1918. Entrou na Faculdade de Direito de Lisboa, onde se formou em 1941. Enquanto estudante foi presidente geral da JEC, fundador e director do jornal *Flama* e dirigente das Conferências de S. Vicente de Paulo. Em 1942 ingressou no Seminário dos Olivais e foi ordenado sacerdote cinco anos mais tarde. Entre 1947 e 1965 foi assistente nacional e diocesano da JUC e de 1947 a 1963 foi capelão da Academia Militar. Foi professor de Doutrina Social da Igreja no Instituto de Serviço Social e durante alguns anos responsável pelo programa religioso da RTP. Em 1966 foi nomeado Vigário-Geral Castrense e pouco tempo depois Director Nacional da Obra Católica Portuguesa das Migrações. No início do ano seguinte foi ordenado bispo titular de Madarsuma. Desempenhou as funções de Pró-Vigário Castrense e Capelão-Mor das Forças Armadas entre 1967 e 1975, ano em que foi nomeado bispo-auxiliar de Lisboa. De 1972 a 1977 foi, por designação pontifícia, membro da Comissão Pontifícia das Migrações e Turismo. Na Conferência Episcopal Portuguesa exerceu os cargos de presidente da Comissão Episcopal das Migrações e Turismo de 1967 a 1981, de secretário da Conferência de 1975 a 1981 e de vice-presidente entre 1981 e 1984. No Patriarcado de Lisboa foi Vigário Judicial do Tribunal Eclesiástico de 1990 a 1995 e Vigário-Geral de 1983 a 1998, ano em que se aposentou. Nos últimos anos da sua vida dedicou-se à escrita de obras sobre doutrina social da Igreja e a trabalhar no espaço museológico de S. Vicente de Fora.

Foi enquanto assistente da JUC que o então P. António dos Reis Rodrigues conheceu o grupo de jovens estudantes da ESBAL empenhado na renovação da arte religiosa. Desde cedo os acompanhou nas suas lutas, tendo-os apresentado

ao Cardeal-Patriarca em 1951 na sequência do protesto contra o projeto inicial de Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa. De igual modo os defendeu quando o Cardeal ficou desagradado com a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea que realizaram em 1953. O seu apoio foi determinante para que decidissem fundar o MRAR, ao qual se juntou como sócio fundador n.º 2. Colaborou ativamente na redação dos Estatutos do Movimento e foi o seu assistente eclesiástico até ao final de 1958.

Flório de Vasconcelos [1920-2005]

Flório de Vasconcelos nasceu no Porto em 1920. Licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa e interessou-se de um modo particular pelo estudo do barroco, rococó e neoclássico. Foi professor assistente na ESBAP e na Faculdade de Letras do Porto, Conservador-adjunto dos museus, palácios e monumentos nacionais e membro da Academia Nacional de Belas-Artes. Autor do livro *História da Arte em Portugal*⁶¹, fez crítica de arte nos semanários *Aleo* e *A Semana* e no mensário *Praça Nova*. Publicou diversos artigos nas revistas *Panorama*, *Colóquio*, *Vida Nacional*, *Museu*, *Cidade Nova*, *Esmeraldo*, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, entre outras⁶². Membro da JUC, foi redator no jornal *Ala* entre 1947 e 1949 onde escreveu vários artigos sobre arte e arquitetura cristã⁶³, o que continuou a fazer posteriormente noutras publicações⁶⁴.

⁶¹ VASCONCELOS, Flório de, *História da Arte em Portugal*, Editorial Verbo (1972).

⁶² Em 1960, na *Tempo Presente* defendeu que «a intervenção da política na Arquitectura [...] tem-se revelado de consequências desastrosas [...] [pelo que deveria haver] completa independência da Arquitectura e da Política», VASCONCELOS, Flório de, *Arquitectura e Política*, *Tempo Presente*, n.º 13 (mai.1960), pp. 29-30.

⁶³ VASCONCELOS, Flório de, *Arte pela Arte*, *Ala*, Ano VI, n.º 74 (s.d.), pp. 4-5; VASCONCELOS, Flório de, *Poema de Natal*, *Ala*, Ano VI, n.º 75 (s.d.), p. 5; VASCONCELOS, Flório de, *Arte Cristã I – Sentido da Arte Cristã*, *Ala*, Ano VI, n.º 79-80 (mar.1948), pp. 7-11; VASCONCELOS, Flório de, *Arte Cristã II – Tradição e Autenticidade*, *Ala*, Ano VI, n.º 81 (abr.1948), pp. 5-6; VASCONCELOS, Flório de, *Arte Cristã III – Santeiros & C.ª*, *Ala*, Ano VI, n.º 82 (ago.1948), pp. 5-6; VASCONCELOS, Flório de, *Exposição de aquarelas de António Lino*, *Ala*, Ano VI, n.º 84 (dez.1948), p. 5; VASCONCELOS, Flório de, *Um caso de Arte Cristã*, *Ala*, Ano VIII, n.º 85 (jan.1949), pp. 4-6; VASCONCELOS, Flório de, *Exposição de Arte Sacra Moderna*, *Ala*, Ano VIII, n.º 86 (fev.1949), pp. 1-3.

⁶⁴ VASCONCELOS, Flório de, *A nova Igreja do Santo Condestável – uma obra impura*, *Cidade Nova*, n.º 5 (mai.1951), pp. 309-311; VASCONCELOS, Flório de, *A visão do novo templo*, *Novidades – Letras e Artes* (3 mai.1953), p. 3 (este artigo foi publicado novamente no ano seguinte noutro periódico: VASCONCELOS, Flório de, *A visão do Novo Templo*, *Diário de*

Foi sócio fundador n.º 3 do MRAR, e participou ativamente nas diversas iniciativas públicas do Movimento, bem como na sua gestão interna. Foi secretário da Direção Provisória entre 1955 e 1956 e da Primeira Direção no biénio de 1957-58 e nos dois anos seguintes assumiu o cargo de secretário da Assembleia Geral. Neste período mudou de residência para o Porto, onde passou a colaborar com o núcleo local.

João Braula Reis [1927-1989]

João Braula Reis nasceu em Leiria em 1927. Arquitecto pela ESBAL em 1955, trabalhou na Federação das Caixas de Previdência onde foi autor de diversos projetos de habitação social. Colaborou com N. Teotónio Pereira, com quem foi coautor do edifício Franjinhas, em Lisboa, vencedor do Prémio Valmor de 1971.

Fez parte do grupo de jovens arquitectos e estudantes de arquitectura que se juntaram em 1951 a Nuno Teotónio Pereira num protesto contra o projeto de Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito, em Lisboa. João Braula Reis manteve-se no grupo formado que dois anos depois preparou a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, onde foram apresentados dois dos seus projetos: capela de N. Sra. de Fátima, Rinchoa (1950, demolida), igreja de Rio Torto (não construída). Foi o 6.º membro fundador do MRAR e a 13 de novembro de 1958 foi eleito secretário da Assembleia Geral para o biénio 1959-60, mas nesse período abandonou o lugar de sócio efetivo, passando a auxiliar, com o n.º (1)60.

Maria de José Mendonça [1905-1984]

Maria José de Mendonça nasceu em Lisboa em 1905. Formou-se em 1933 em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e tornou-se Conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga em 1944. Entre 1956 e 1960 trabalhou no serviço de Belas-Artes e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, que dirigiu em 1959 e 1960. Dois anos depois

Coimbra, 4 dez.1954, pp. 1.5); VASCONCELOS, Flórido de, A nova igreja de S. Domingos, *Diário de Notícias* (19 nov.1959), p. 13; VASCONCELOS, Flórido de, Breves reflexões sobre a Arquitectura da nova Sé de Bragança, *Ora et Labora – Revista Litúrgica Beneditina*, Ano XII, n.º 1 (1964), pp. 50-53.

foi nomeada diretora do Museu Nacional dos Coches e em 1967 do Museu Nacional de Arte Antiga, onde permaneceu até atingir o limite de idade em 1975. «O seu espírito inquieto, a sua grande vontade e a dádiva total que fez à sua profissão, jamais lhe consentiram uma situação de cómodo “deixar correr” nas tarefas de que se encarregou. Acentuam os especialistas as capacidades de trabalho, planeamento, método e organização»⁶⁵ de Maria José de Mendonça, que se especializou em história e conservação de têxteis e tapeçarias, área em que foi internacionalmente reconhecida.

Católica ativa, pertenceu à União Noelista Portuguesa e nesse âmbito foi a responsável pela organização da 3.^a Exposição de Arte Sacra Moderna que se apresentou, em 1949, no Palácio Foz, em Lisboa. De igual modo, por seu intermédio apoiou este Movimento de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura que em 1953 realizaram a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, o que motivou a publicação de um artigo seu no periódico *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*⁶⁶ e a sua participação na fundação do MRAR⁶⁷. A seriedade do seu compromisso levou-a a acompanhar de perto os passos do Movimento, de que foi a primeira presidente da Assembleia Geral, em 1957-58. No biénio 1961-62 voltou a pertencer aos corpos gerentes do MRAR ao ser eleita tesoureira da Direção. Personalidade proeminente, foi em 1961 um dos sete membros do MRAR entrevistados pelo diário *Novidades* na série intitulada «Rumos da Arte Sacra»⁶⁸. Apesar de ter sido sempre presença assídua nas reuniões do MRAR, Maria José de Mendonça considerou em 1966 que perante os compromissos que tinha em mãos apenas podia dar ao Movimento a sua oração⁶⁹.

⁶⁵ SOUZA, Maria Reynolds de, Maria José de Mendonça, *Dicionário no Feminino – Segundo Volume*, (no prelo).

⁶⁶ MENDONÇA, Maria José de, Alguns comentários acerca de uma exposição, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 17 (ago.1953), p. 11.

⁶⁷ Maria José de Mendonça foi sócia efetiva n.º 9 e em 1966, com a atualização da lista de sócios, n.º 6.

⁶⁸ MENDONÇA, Maria José de, Arte sacra ornamental (entrevista), *Novidades* (19 fev.1961), pp. 1-5. A entrevista foi republicada na revista *Ora et Labora*, Ano 8, n.º 2 (1961), pp. 81-84.

⁶⁹ «Meu bom amigo, foi com grande tristeza que preenchi o questionário e verifiquei que nada posso dar ao MRAR em contribuição de trabalho. Mas resta a oração e nisso podem contar comigo. O museu absorve-me totalmente. Afectuosas lembranças para todos», MENDONÇA, Maria José de [Postal a N. Teotónio Pereira] [1966].

Madalena Cabral [1922-2015]

Madalena Cabral nasceu no Porto em 1922, mas foi na Escola António Arroio em Lisboa que realizou o curso de Artes Decorativas. Começou por dedicar-se à pintura, com maior destaque para a aguarela⁷⁰, que a levou a realizar algumas exposições no Porto e em Lisboa⁷¹. «Em 1948 recebeu o Prémio Henrique Pousão e em 1952 o Prémio José Tagarro. A sua aguarela *Leitura* foi adquirida para o acervo do então Museu de Arte Contemporânea de Lisboa. Ensaiou também alguns cartões para tapeçarias para a Manufatura de Portalegre.»⁷² Em 1952 começou a trabalhar no Museu Nacional de Arte Antiga, onde lançou no ano seguinte as bases do pioneiro Serviço de Educação⁷³, orientado para a formação artística e cultural das crianças⁷⁴.

No entanto, os seus conhecimentos sobre têxteis levaram a envolver-se, por intermédio de Maria José de Mendonça, na fundação do MRAR⁷⁵. Manteve ao longo dos anos uma participação intensa na vida do Movimento, apresentando conferências, escrevendo artigos⁷⁶, organizando exposições. No biénio 1959-60 foi eleita tesoureiro da Direção, mas o lugar de destaque de Madalena Cabral situou-se em tudo o que se relacionasse com paramentaria, matéria

⁷⁰ LIMA, Joaquim da Costa, Notabilidades da arte – Madalena Cabral, *Brotéria*, vol. 56, n.º 1 (jan.1953), p. 34.

⁷¹ VASCONCELOS, Flório de, Aguarelas e desenhos de Maria do Carmo e Maria Madalena de Sequeira Cabral, *Ala*, Ano VIII, n.º 85 (jan.1949), p. 7.

⁷² SOUZA, Maria Reynolds de, Madalena Cabral, *Faces de Eva*, n.º 21, Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa (2008), pp. 182-183.

⁷³ Em 2003, o Museu Nacional de Arte Antiga promoveu o Encontro *Ver, Rever. Museus, Educação*, em homenagem a Madalena Cabral.

⁷⁴ Em 1964, a sua experiência no trabalho com crianças associada à sua participação ativa na vida católica – Madalena Cabral pertenceu ao Movimento Noelista, cuja revista *Etoile Noeliste* foi presença constante em sua casa durante a infância – levou-a a desenvolver uma iniciativa com numerosas crianças que resultou numa exposição em Lisboa de desenhos infantis que se destinaram a ilustrar um Evangelho oferecido ao Papa [CABRAL, Madalena, *O Evangelho vivido pelas crianças: uma experiência que abre novos caminhos à catequese*, BIP – *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 31 (1964), pp. 18-21].

⁷⁵ A ordem alfabética das assinaturas do documento de fundação atribuiu o n.º 10 a Madalena Cabral. Em 1966, na atualização da lista de sócios tornou-se no sócio efetivo n.º 7.

⁷⁶ CABRAL, Madalena, Estudo da paramentaria – evolução da casula (I), MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 2 (mai.1957), pp. 3-6; CABRAL, Madalena, Estudo da paramentaria – evolução da casula (II), MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 3 (dez.1957), pp. 7-9; CABRAL, Madalena, Estudo da paramentaria – evolução da casula (III), MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 4 (abr.1958), pp. 6-10. Madalena Cabral voltou a escrever sobre este tema algum tempo depois: CABRAL, Madalena, *A Veste Sagrada, Ora et Labora*, Ano 12, n.º 4 (1965), pp. 310-323.

que procurou aprofundar sempre mais e a levou a conhecer Soror Augustina Flüeler, com quem permaneceu dez dias no seu convento em Stans, na Suíça, bem como a realizar um estágio numa escola em Estocolmo. Tornou-se assim na maior especialista sobre o tema em Portugal, confirmada tanto na teoria como numa prática realizada ao longo de década e meia – com a colaboração de Rafaela Zúquete, Luccia Vila Franca, Sereyra Amzalak, Adele Prosérpio e Babette Avilez –, que deu origem a uma vasta obra composta por peças para igrejas como Santo António em Moscovide e Santa Isabel em Lisboa.

António Lino **[1914-1996]**

António Lino Pires da Veiga Ferreira Pedras nasceu em Guimarães em 1914. Ingressou na ESBAP, onde terminou o curso de Pintura em 1945 com 19 valores. Participou na fundação do grupo que organizou no Porto, desde 1944, as Exposições Independentes. A partir de 1949 fez largas estadas em Espanha, França, Alemanha e Itália onde estudou tapeçaria, fresco, vitral e mosaico, as quatro expressões da pintura mural a que mais se dedicou. Em 1951 deslocou-se a Roma para a inauguração da igreja de Santo Eugénio, onde conheceu o Papa Pio XII⁷⁷. Nessa altura apresentou dezoito palestras no Vaticano sobre «Arte Religiosa das Catacumbas à Arte Moderna». Escreveu vários artigos sobre arqueologia, história e crítica de arte⁷⁸ e colaborou artisticamente com desenhos⁷⁹ e gravuras em jornais e revistas nacionais e estrangeiras. Também dirigiu e ilustrou livros de literatura e arte. Entre 1964 e 1984 foi professor de Tecnologias da Pintura, Mosaico e Vitral na ESBAL. Realizou algumas exposições em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente no Museu de Arte Moderna de Madrid e no ateliê do Beato Angélico, em Santa Maria Sopra Minerva em Roma. Tem obras em igrejas, palácios da Justiça, câmaras municipais, palácios nacionais e em museus e coleções particulares nacionais e estrangeiras. Trabalhou também em grandes painéis de mosaico, azulejo e mármore gravado a ouro nas basílicas de Nazaré, Israel e Damasco, Síria.

⁷⁷ António Lino elaborou vários desenhos de Pio XII no Vaticano e em Castel Gandolfo, tendo sido um deles publicado na primeira página do jornal *Novidades* (14.out.1951).

⁷⁸ LINO, António, Apontamentos da Arte Cristã, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 17 (ago.1953), p. 10.

⁷⁹ [Presépio], *Ala*, Ano VI, n.º 75 (s.d.), p. 5.

António Lino foi sócio efetivo do MRAR desde a sua fundação⁸⁰. Em 1955 esteve presente no Primeiro Congresso Nacional de Arquitetura Sacra, na Universidade de Bolonha, sob a presidência do Cardeal Lercaro, cujo discurso traduziu e foi publicado como separata do Boletim do MRAR⁸¹. No final desse ano foi o autor das gravuras com o tema da Natividade que ilustraram a segunda série de cartões de Boas-Festas editada pelo Movimento. António Lino desenhóu também algumas propostas de logótipo para o Movimento, mas nenhum chegou a ser adotado. Em 1956 foi eleito secretário da Assembleia Geral para o biénio 1957-58 e nos dois anos seguintes assumiu o cargo de presidente da Assembleia Geral.

Manuel Cargaleiro [1927-]

Manuel Cargaleiro nasceu na localidade de Chão das Servas, Vila Velha de Rodão, em 1927. Em 1946 ingressou no curso de Geografia e Ciências Naturais na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que abandonou em 1949 para se tornar aluno da ESBAL. Nesse ano participou no Primeiro Salão de Cerâmica, em Lisboa, e em 1952 realizou a primeira exposição individual de cerâmica no Secretariado Nacional de Informação, também em Lisboa. Recebeu em 1954 o Prémio Sebastião de Almeida e começou a lecionar cerâmica na Escola de Artes Decorativas António Arroio. Nesse ano fez a sua primeira viagem a Paris, onde fixou residência três anos mais tarde. Em 1955 foi agraciado com o Diploma de Honra da Academia Internacional de Cerâmica, no Festival Internacional de Cerâmica de Cannes. Em 1957 e 1958 recebeu duas bolsas de estudo, uma do Instituto de Alta Cultura, do Governo Italiano e uma segunda da Fundação Calouste Gulbenkian que lhe permitiram visitar Itália e estudar a arte da cerâmica em Faenza, Roma e Florença. A sua obra foi apresentada em numerosas exposições individuais realizadas em Lisboa, Porto, Portalegre, Paris, Reims, Genebra, Milão, Lausana, Brasília, Tóquio, entre outras cidades, bem como em diversas exposições coletivas também um pouco por todo o mundo. Em 1990 foi criada a Fundação Manuel Cargaleiro à qual doou um vasto conjunto das suas obras. A obtenção do primeiro prémio do concurso internacional «Viaggio attraverso la Ceramica» e a sua ligação à localidade de

⁸⁰ António Lino não assinou o documento de fundação do MRAR. Ficou assim como sócio efetivo n.º 12 do Movimento, passando a n.º 9 na atualização da lista de sócios efetuada em 1966.

⁸¹ LERCARO, Cardeal, Discurso do Cardeal Lercaro no Congresso de Arquitectura Sacra em Bolonha, 1955 [Separata], MRAR – *Boletim*, 1.ª Série, n.º 2 (mai.1957), pp. 1-5.

Vietri Sul Mare, onde possui um ateliê desde 1999, levaram à criação em 2004 da Fondazione Museo Artistico Industriale Manuel Cargaleiro, um importante centro de produção e investigação na área da cerâmica, ao qual o artista doou 150 obras.

A 23 de novembro de 1955, Manuel Cargaleiro foi o primeiro – juntamente com José Escada – a ser admitido como sócio efetivo, juntando-se assim ao restrito grupo fundador do MRAR⁸². Até 1957 participou em diversas reuniões do Movimento, mas a sua mudança para Paris afastou-o da vida ativa do MRAR. Contudo, mesmo à distância manteve-se ligado ao Movimento, de que nunca deixou de se interessar⁸³.

José Escada [1934-1980]

José Escada nasceu em Lisboa em 1934. Depois de frequentar a Escola de Artes Decorativas António Arroio ingressou no curso de Pintura da ESBAL, que concluiu em 1958. Em 1953 participou pela primeira vez numa exposição coletiva na VII Geral de Artes Plásticas da SNBA, e no ano seguinte apresentou-se no Centro Nacional de Cultura com Lourdes Castro. Em 1956 partilhou com René Bertholo, Gonçalo Duarte e João Vieira um ateliê junto ao café Gelo, no Rossio, Lisboa. Com estes artistas, juntamente com Lourdes Castro, Costa Pinheiro, Jan Voss e Christo formou o grupo KKY em Paris, cidade onde passou a residir a partir de 1960. Nesta data foi chamado pela Fundação Calouste Gulbenkian para trabalhar com doze artistas de diversos países num projeto conjunto entre a Foundation Européenne de la Culture e a tabaqueira holandesa TURMAC, que o levou a uma breve permanência em Amesterdão. Em 1969 regressou em Lisboa, onde faleceu em 1980.

A sua ligação ao MRAR remonta aos inícios do Movimento e formalizou-se a 23 de novembro de 1955, quando foi admitido como sócio efetivo, juntando-se assim ao restrito grupo fundador⁸⁴. Em 1958 foi autor de um conhecido

⁸² Manuel Cargaleiro tornou-se no sócio efetivo n.º 13, passando a n.º 10 na atualização feita em 1966.

⁸³ «A Direcção do Movimento de Renovação da Arte Religiosa vem agradecer-lhe a oferta de um painel de azulejo de sua autoria com o fim de ser enviado ao Ver. Padre José Manuel de Aguilár, O.P., como lembrança do nosso Movimento àquele sacerdote espanhol, pela participação que teve no nosso Encontro de Outono. A Direcção regista este seu gesto como mais uma prova do interesse que sempre tem testemunhado ao MRAR», PEREIRA, N. Teotónio [Carta a Manuel Cargaleiro], Lisboa (24. nov.1961), p. 1.

⁸⁴ José Escada foi sócio efetivo n.º 14, passando a n.º 11 na atualização feita em 1966.

desenho que retratou uma reunião do MRAR, no qual foram representados Madalena Cabral, Flório de Vasconcelos, J. Maya Santos, Diogo L. Pimentel, A. Freitas de Leal, António Lino, N. Teotónio Pereira, Manuel Cargaleiro e o próprio José Escada. Membro ativo do Movimento, participou em reuniões, preparou exposições e contribuiu com artigos para o Boletim. E o facto de nas eleições de 13 de novembro de 1958 ter sido candidato a tesoureiro não eleito e de em 1960 ter deixado de residir em Portugal não impediu que fosse entrevistado em fevereiro de 1961 pelo diário *Novidades* para a série «Rumos da Arte Sacra»⁸⁵. No mês seguinte José Escada enviou de Paris a sua proposta para o logótipo do MRAR⁸⁶, que se tornou na imagem do Movimento, apresentada na capa dos trinta números da 2.ª série do Boletim, publicados entre 1961 e 1965.

Maria Luísa Marinho Leite [1936-]

Maria Luísa Marinho Leite nasceu na cidade do Porto em 1936. Em 1951 ingressou no curso de Pintura na ESBAP, que concluiu em 1962. Entre janeiro e julho de 1961 foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, onde frequentou a casa de Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Székely para críticas aos seus trabalhos. De outubro de 1962 até julho de 2002 foi professora de várias disciplinas da Área Artística na Escola Carolina Michaëlis e na Escola Garcia de Orta, ambas no Porto. No ano letivo de 1983-84 foi docente de Desenho no curso de Arquitetura da ESBAP.

Foi, juntamente com Luiz Cunha, a principal responsável pelo desenvolvimento do núcleo do MRAR no Porto. Esteve envolvida nas diversas atividades desenvolvidas no norte do país, mas também participou em algumas iniciativas realizadas a sul. No biénio 1959-60 tornou-se no sócio efetivo n.º 19⁸⁷. Durante a crise do MRAR de 1966 revelou estar disponível para continuar a trabalhar pelo Movimento, incluindo num cargo da Direção, mas apenas como vogal⁸⁸.

⁸⁵ ESCADA, José, A pintura sacra e a sua função litúrgica (entrevista), *Novidades* (11 fev.1961), pp. 1-4. A propósito do mesmo tema, José Escada fora já entrevistado pelo jornal *Encontro* três anos antes: ESCADA, José, Encontro com um artista cristão (entrevista), *Encontro*, Ano 3, n.º 15 (fev.1958), pp. 10-11.

⁸⁶ ESCADA, José [Carta a N. Teotónio Pereira], Paris (31 mar.1961), pp. 1-4.

⁸⁷ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 16.

⁸⁸ LEITE, Maria Luísa Marinho [Resposta a inquérito do MRAR] (1966).

Maria do Carmo Matos **[1935-1989]**

Maria do Carmo Matos nasceu em Lisboa em 1935 e em 1961 concluiu o curso de Arquitetura da ESBAL. Começara, entretanto, em 1956 a trabalhar no Ministério das Obras Públicas, na área da Construção Escolar. Em 1960 foi contratada pelo mesmo organismo para estudar e projetar escolas industriais e comerciais. Entre 1964 e 1966 fez parte do *Grupo de Trabalho sobre Construções Escolares* (OCDE – Projeto Regional do Mediterrâneo) e em 1966-67 desenvolveu o estudo do *Novo Projeto Normalizado dos Liceus*. Transitou em 1969 para a Direção-Geral das Construções Escolares, onde trabalhou na normalização e projeto dos novos espaços para o ensino primário. Em 1973 foi transferida para o Ministério da Educação Nacional – Direção-Geral do Equipamento Escolar, onde participou nos estudos de *Programação Arquitetónica e Estudos Base para os Projetos de Execução de Instalações para Escolas Preparatórias e Secundárias*. A partir de 1981 foi representante de Portugal no Grupo de Trabalho *Espaces Educatifs et Culturels* da UIA.

A ligação de Maria do Carmo Matos ao MRAR começou como sócioestudante n.º (2)17, tendo-se tornado sócioefetivo n.º 20 a 19 de maio de 1961⁸⁹. Entretanto, já colaborara em 1957 e 1958 na 1.ª Série do Boletim, publicação cuja responsabilidade da edição da segunda série assumiu em 1961. Pertenceu também às comissões organizadoras dos Encontros de Outono realizados em 1962 e 1963. A 29 de março de 1965 foi eleita tesoureira do MRAR, cargo que manteve na Direção eleita a 26 de outubro de 1966, mesmo depois de ter alertado para o facto de ter muito pouca disponibilidade⁹⁰. Três anos depois foi um dos quatro assinantes da última carta do MRAR, que suspendeu o Movimento.

Avelino Rodrigues **[1936-]**

Avelino Rodrigues nasceu em 1936. Em meados da década de 1950 entrou no Seminário dos Olivais, onde se juntou à equipa de Arte orientada por João de Almeida⁹¹. Neste contexto, não só publicou diversos artigos sobre o tema na

⁸⁹ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 17.

⁹⁰ MATOS, Maria do Carmo, [Resposta a inquérito do MRAR] (1966).

⁹¹ Ver também RODRIGUES, Avelino, *O Seminário dos Olivais e a renovação da arte sacra em Portugal, Por caminhos não andados: Seminário dos Olivais 1945/68*, Multinova, 2007, pp. 153-168.

revista *Novellae Olivarum*⁹², como começou a relacionar-se com o MRAR, participando em algumas iniciativas. Tornou-se sócioefetivo n.º 21 a 19 de maio de 1961⁹³ e a partir desta data foi presença assídua nas reuniões e encontros realizados pelo Movimento. Em 1962 foi consultor litúrgico da equipa vencedora do concurso de anteprojetos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Dois anos depois assessorou liturgicamente Erich Corsépius no concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança, proposta que ficou em quarto lugar. A 26 de outubro de 1966 assumiu o cargo de vogal da nova Direção do MRAR e três anos depois foi um dos quatro assinantes da carta de suspensão do Movimento. No ano seguinte foi autor de um texto publicado na revista espanhola *ARA – arte religioso actual*, onde relatou o percurso do Movimento já numa perspetiva histórica⁹⁴. Entretanto, Avelino Rodrigues deixou o sacerdócio e ingressara no curso de Jornalismo do Sindicato dos Jornalistas, atividade que começou a exercer profissionalmente em 1968 no jornal *O Século*, tendo depois passado pelo *Diário de Lisboa*, RTP e Teledifusão de Macau.

Albino Cleto [1935-2012]

Albino Cleto nasceu em Manteigas em 1935. Ingressou no Seminário dos Olivais na década de 1950, onde foi ordenado padre em 1959. Durante aqueles anos fez parte da equipa de Arte, tema que o interessava significativamente e

⁹² RODRIGUES, Avelino, *Arquitectura e Liturgia: a propósito da igreja de Moscavide*, *Novellae Olivarum*, Ano XV, n.º 141 (abr.1957), pp. 132-138; RODRIGUES, Avelino, *A construção de igrejas modernas e a responsabilidade do clero*, *Novellae Olivarum*, Ano XV, n.º 154 (jul.1958), pp. 226-237; RODRIGUES, Avelino, *Electricidade e Liturgia*, *Novellae Olivarum*, Ano XVI, n.º 161 (mai.1959), pp. 145-164; RODRIGUES, Avelino, *Adaptações das igrejas antigas às necessidades da pastoral moderna*, *Novellae Olivarum*, Ano XVI, n.º 162 (jun.1959), pp. 177-193. Este artigo foi mais tarde desenvolvido e apresentado na reunião de estudo do MRAR de 17 de março de 1966, cujo relato foi publicado na 3.ª série do Boletim do Movimento. Ver [MRAR], *A reintegração artística dos monumentos antigos*, *MRAR – Boletim*, 3.ª Série, s/n.º (jan.1967-mai.1968), pp. 1-13. Avelino Rodrigues publicou também artigos sobre o tema na revista *Lumen* (RODRIGUES, Avelino, *Como julgar as igrejas modernas*, *Lumen*, Vol. XXII, fasc. IV (abr.1958), pp. 303-315) e no *Boletim de Informação Pastoral* [RODRIGUES, Avelino, *Como ornamentar as igrejas*, *BIP – Boletim de Informação Pastoral*, Ano 1, n.º 3 (ago.-set.1959), pp. 24-28].

⁹³ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 18.

⁹⁴ RODRIGUES, Avelino, *Renovacion del arte religioso en Portugal*, *ARA – arte religioso actual*, Ano VII, n.º 26 (out.-dez. 1970), pp. 122-136.

sobre o qual escreveu diversos artigos⁹⁵. Foi também neste período que começou a contactar de perto com o MRAR, de que se veio a tornar no sócioefetivo n.º 23 a 19 de maio de 1961⁹⁶. Participou em várias reuniões do Movimento, tendo na Assembleia Geral de 29 de março de 1965 alertado para a perda de influência do MRAR nos seminários. Em 1964 foi consultor litúrgico da equipa vencedora do concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança. Para além do curso de Teologia, Albino Cleto frequentou a Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, onde obteve a licenciatura em Românicas, e foi professor de Línguas e Literatura na Universidade Católica de Lisboa. Em 1983 foi ordenado Bispo Auxiliar de Lisboa e em 1997 foi nomeado Bispo Coadjutor de Coimbra. Quatro anos depois, tornou-se Bispo de Coimbra. Foi também secretário e porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa, presidente da Comissão Episcopal dos Bens Culturais da Igreja e vogal da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade.

Vitorino Nemésio [1901-1978]

Vitorino Nemésio nasceu na Praia da Vitória, na ilha Terceira, Açores, em 1901. Em 1922 inscreveu-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo dois anos mais tarde trocado esse curso pelo de Ciências Histórico Filológicas, da Faculdade de Letras de Coimbra, mas em 1925 optou definitivamente pelo curso de Filologia Românica. Em 1930 transferiu-se para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde concluiu o curso no ano seguinte, e começou logo de seguida a lecionar Literatura Italiana e dois anos depois também Literatura Espanhola. Em 1934 doutorou-se em Letras pela Universidade de Lisboa com a tese «A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio». Três anos depois partiu para a Bélgica, onde foi docente na Universidade Livre durante dois anos, findos os quais regressou ao ensino na Faculdade de

⁹⁵ CLETO, Albino, Realidades do Sagrado, *Novellae Olivarum*, Ano XIV, n.º 136 (nov. 1956), pp. 161-165; CLETO, Albino, A arte cristã no seu valor histórico, *Novellae Olivarum*, Ano XV, n.º 153 (jun.1958), pp. 193-198; CLETO, Albino, Uma exposição no Porto revela-nos uma Arte Sacra Moderna em Portugal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano I, n.º 4 (out.-nov.1959), pp. 24-25-39; CLETO, Albino, O que será uma «autêntica» arte sacra moderna, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 7 (mar.-mai.1960), pp. 32-33; CLETO, Albino, Arte sacra moderna autêntica, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 8 (jun.-jul.1960), pp. 19-20; CLETO, Albino, Arte – Sacra – Moderna (Respondendo a algumas dúvidas), *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 8 (jun.-jul.1960), pp. 21-24.

⁹⁶ Em 1966, com a atualização da lista de sócios passou a ser o sócio efetivo n.º 20.

Letras de Lisboa, onde permaneceu até 1971, ano da sua última lição. Em 1944 publicou o romance *O Mau Tempo no Canal* que recebeu no ano seguinte o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências. Autor de uma vasta obra que o tornou num dos principais escritores portugueses do século xx, recebeu o Prémio Nacional da Literatura em 1965, e em 1974 o Prémio Montaigne da Fundação Freiherr von Stein/Friedrich von Schiller, de Hamburgo. Foi autor e apresentador do programa televisivo *Se bem me lembro*, que muito o popularizou, e colaborou em diversos jornais e revistas, como o *Diário Popular*, *O Dia*, *Vértice* e *Observador*.

Interessado no tema da arquitetura religiosa⁹⁷, não lhe passou despercebido o MRAR, que elogiou numa palestra difundida pela Emissora Nacional – «A recente actuação de um grupo de jovens arquitectos e outros católicos no sentido de propagar a boa orientação da arte sacra, sobretudo arquitectónica, tão decaída entre nós, faz nascer a esperança de que, nas igrejas que agora se projectem [...] outro rumo se siga. Esses moços revelam-se tão corajosa e convictamente cristãos como artistas. É no nome indistinto da sua fé e da sua arte que se chama a atenção do clero e dos fiéis responsáveis pelas últimas construções de templos, para o espírito de imitação e de adaptação de formas em que foram geralmente traçados e erguidos»⁹⁸. A sua aproximação ao Movimento levou-o a tornar-se no sócio efetivo n.º 24 a 19 de maio de 1961⁹⁹. Pouco tempo antes tinha sido entrevistado pelo diário *Novidades* na série dedicada aos «Rumos da Arte Sacra.»¹⁰⁰ A participação de Vitorino Nemésio no MRAR, apesar de esporádica, incluiu a apresentação de algumas conferências e a presença em reuniões. No final de 1962 propôs a criação de um grupo de Poesia Sacra, que nunca se concretizou.

Henrique de Noronha Galvão [1937-]

Henrique de Noronha Galvão nasceu em Lisboa em 1937. Na década de 1950 entrou no Seminário dos Olivais, onde integrou a equipa de Arte Sacra orientada por João de Almeida. Particularmente interessado no tema das

⁹⁷ NEMÉSIO, Vitorino, Formas sinceras, *Novidades – Letras e Artes*, Ano XX, n.º 12 (7 abr.1957), p. 1; NEMÉSIO, Vitorino, Restaurar e reconstruir, *Diário Popular* (10 out.1959), pp. 1-12; NEMÉSIO, Vitorino, Corpo e função das igrejas, *Diário Popular* (24 out.1959), pp. 1-12.

⁹⁸ NEMÉSIO, Vitorino, *Palestra semanal na Emissora Nacional [sobre a futura igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa]* (14.abr.1956), pp. 1-2.

⁹⁹ Na atualização da lista de sócios efetuada em 1966 passou a ser o n.º 21.

¹⁰⁰ NEMÉSIO, Vitorino, A arte sacra moderna e a cultura (entrevista), *Novidades* (19 fev.1961), pp. 1-4.

imagens em contexto litúrgico, escreveu artigos sobre essa matéria¹⁰¹, bem como começou a envolver-se no MRAR, de que se tornou no sócio efetivo n.º 25 a 19 de maio de 1961¹⁰². No ano anterior, o seu entusiasmo com a arquitetura religiosa moderna levou-o a pedir ao Cardeal-Patriarca para que o ordenasse padre na igreja de Santo António de Moscavide e não na Sé Patriarcal de Lisboa como era tradição, o que se concretizou. Henrique Noronha de Galvão participou posteriormente em diversas reuniões do MRAR, destacando-se a sua importante colaboração no II Encontro de Outono do Movimento realizado em 1962.

Em 1979 doutorou-se em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Ratisbona, Alemanha, orientado por Joseph Ratzinger, sobre o tema *O conhecimento existencial de Deus em Santo Agostinho – Uma leitura hermenêutica das Confissões*. Foi professor de Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e membro da Comissão Teológica Internacional. É diretor da edição portuguesa da revista *Communio*, onde tem numerosos artigos publicados. Em 2008, a revista *Didaskalia* publicou um número em sua homenagem¹⁰³.

Rafaela Zúquete **[1936-]**

Rafaela Zúquete nasceu em Lisboa em 1936 e após frequentar o liceu, ingressou na ESBAL. Posteriormente foi professora de Arte e Design Têxtil na Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, durante 30 anos.

Rafaela Zúquete começou a envolver-se no MRAR no início da década de 1960, interessada principalmente na renovação da paramentaria. Trabalhou com Madalena Cabral e apoiou-a na orientação do grupo de paramentaria no II Encontro de Outono, em novembro de 1962. Pouco tempo depois, foi admitida como sócio efetivo n.º 27¹⁰⁴. Participou em diversas reuniões do Movimento nos anos seguintes.

¹⁰¹ GALVÃO, P. H. de Noronha, O problema das imagens, *Novellae Olivanum*, Ano XV, n.º 143 (jun.1957), pp. 198-206; GALVÃO, P. H. de Noronha, A propósito de imagens: religião viril – arte viril / arte viril – religião viril, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 9 (ago.-set. out.1960), pp. 23-27.

¹⁰² Na atualização da lista de sócios efetuada em 1966 passou a ser o n.º 22.

¹⁰³ O Conhecimento de Deus – Homenagem a Henrique de Noronha Galvão, *Didaskalia*, Vol. XXXVIII, Fasc. 2 (2008).

¹⁰⁴ A 11 de dezembro. Em 1966, na atualização da lista de sócios passou a ser o n.º 24.

Francisco d'Orey [1931-]

Francisco d'Orey nasceu em Lisboa em 1931. Terminou o Curso Geral de Composição no Conservatório Nacional em 1961. Estudou também Contraponto e Fuga, Piano e, informalmente, Canto Gregoriano, Jazz e Música Electroacústica. Entre 1961 e 1965 foi docente de Canto Coral no Externato Frei Luís de Sousa, em Almada. Mais tarde foi professor de Expressão Vocal na Escola Superior de Teatro e na Escola Superior de Educação pela Arte, ambas em Lisboa, no Centro Cultural de Évora e na Escola de Teatro de Cascais. Nos anos de 1960 e 1970 dirigiu vários grupos corais, como o Coro da Misericórdia de Lisboa, o Coro da Tabaqueira, o Coro da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, o Grupo Vocal Arsis, o Coro da Universidade de Lisboa e o Coro da Juventude Musical Portuguesa, tendo estes dois últimos sido premiados no Festival Eisteddfod de Middlesborough. Nas duas décadas seguintes dirigiu ainda o Coral de Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra, a Camerata Vocal de Torres Vedras, o Coro da Universidade de Évora, o Coro *Eborae Musica*, o Coro Infantil da Academia de Música da Costa do Estoril e o Coro Sinfónico da Orquestra Nova Filarmonia. Produziu e realizou dezenas de filmes sobre música informal para a RTP e entre 1970 e 1972 foi coprodutor e assistente musical no programa «*Povo que canta*» de Michel Giacometti.

Francisco d'Orey tornou-se num reconhecido animador e divulgador musical, sobretudo na área do canto em coro, e foi precisamente este tema que o levou a juntar-se ao MRAR no primeiro semestre de 1962, como sócio estudante. Logo se envolveu na criação do grupo de música sacra, tendo sido um dos seus elementos mais ativos. A 11 de dezembro de 1962 foi admitido como sócio efetivo n.º 29 do MRAR¹⁰⁵.

Francisco Fernandes [1934-]

Francisco Fernandes nasceu na Moita em 1934. Estudou Piano, Órgão e Composição no Conservatório Nacional e dedicou-se posteriormente à Composição de música profana e religiosa. Praticou música instrumental, tendo exercido a função de organista em várias igrejas, nomeadamente em Santa

¹⁰⁵ Na atualização da lista de sócios efetuada em 1966 passou a ser o n.º 26.

Isabel e S. Roque e na Basílica da Estrela. Exerceu funções docentes como professor de Educação Musical em várias escolas públicas.

No início de 1962 tornou-se no sócio auxiliar n.º (2)67 do MRAR, altura em que se envolveu na criação do grupo de música sacra. Membro ativo deste grupo, participou em diversas reuniões e encontros, em vários dos quais fez pequenas apresentações sobre o tema. A 11 de dezembro de 1962 foi admitido como sócio efetivo n.º 30¹⁰⁶.

Elizabeth Évora Nunes
[1939-]

Elizabeth Évora Nunes nasceu em Lisboa em 1939. Fez o ensino secundário no Liceu D. Filipa de Lencastre e em 1956 completou o 1.º ano de Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Licenciou-se em Arquitetura na ESBAL e realizou os cursos de Pedagógicas e Ciências Históricas na Faculdade de Letras de Lisboa, e também em Ciências Musicais na FCSH-UNL. Fez pós-graduações em Planeamento Regional e Urbano na UTL e História de Arte na FCSH-UNL e, também, os Cursos Geral de Composição e Superiores de Canto de Concerto e Canto Teatral no Conservatório Nacional de Lisboa. Entre 1979 e 1995 trabalhou como arquiteta urbanista no MOP e posteriormente no Ministério do Trabalho e Solidariedade. Em 1981 tornou-se assistente convidada na FCSH-UNL. Fez parte do Coro Poliphonia entre 1955 e 1964 e a partir desta data do Coro da FCG.

A 11 de dezembro de 1962 foi admitida como sócio efetivo n.º 31¹⁰⁷ do MRAR e esteve envolvida de um modo mais intenso no grupo de Música Sacra formado no início daquele ano.

António Flores Ribeiro
[1934-]

António Flores Ribeiro nasceu em Ferreira do Zêzere em 1934. Em 1955 ingressou no curso de Arquitetura da ESBAL, que concluiu em 1962 com 17 valores. Ainda estudante trabalhou com os arquitetos Pedro Cid, Manuel Laginha, João Vasconcelos Esteves e Manuel Martins Garrido. Após o curso foi convidado para colaborar no SNIP, num gabinete de pequenos projetos.

¹⁰⁶ Na atualização da lista de sócios efetuada em 1966 passou a ser o n.º 27.

¹⁰⁷ Após a atualização da lista de sócios realizada em 1966, passou a ter o n.º 28.

Paralelamente trabalhou no ateliê de A. Freitas Leal e depois na Canon – Centro de Estudos e Projetos, de S. Formosinho Sanchez e Diogo L. Pimentel, gabinete de que veio a ser sócio. Em 2008 passou a trabalhar exclusivamente no SNIP.

A ligação de António Flores Ribeiro ao MRAR começou como sócio estudante n.º (2)53, passando depois a sócio auxiliar em 1961. A 26 de outubro de 1965 tornou-se sócio efetivo n.º 33, e nos dois anos seguintes manteve-se uma presença assídua nas reuniões do Movimento.

Eduardo Nery **[1938-2013]**

Eduardo Nery nasceu em 1938 na Figueira da Foz. Depois de se formar em Pintura na ESBAL, estagiou com Jean Lurçat em Saint-Céré, onde aprendeu a técnica da tapeçaria contemporânea. Começou assim uma carreira internacional nesta área que o levou a estar presente nas 2.ª, 3.ª e 4.ª Bienais Internacionais de Tapeçaria em Lausana (1965/67/69) e posteriormente nos Estados Unidos. Dedicou-se também ao azulejo, vitral, mosaico e desenho de pavimentos, sendo autor de uma vasta obra pública. Mais tarde, dedicou-se também à fotografia. Realizou diversas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro ao longo da sua carreira. Foi professor de Desenho, Cor e Texturas no IADE e em 1973 foi um dos fundadores do Ar.Co.

Em 1962, Eduardo Nery inscreveu-se no MRAR como sócio estudante n.º (2)75¹⁰⁸ e foi nessa qualidade que participou no II Encontro de Outono, realizado em novembro desse ano. Em 1966 fez parte da lista eleita para a nova Direção do Movimento, da qual foi vogal.

1.5. Vinte depoimentos

António Freitas Leal **[6.mar.2009 + 11.mar.2009 + 16.abr.2009]**

A exposição de S. Nicolau foi uma crítica às igrejas a imitar antigas e um elogio aos edifícios que se fazem com mais liberdade. Foi feita por um grupo de jovens. Nasceu do escândalo da igreja de Santo Condestável, em Campo de Ourique, e de conversas minhas com o Nuno Teotónio Pereira. Já nos conhecíamos há algum tempo. Achámos

¹⁰⁸ Em 1966, na atualização da lista de sócios, tornou-se no sócio estudante n.º (3)19.

que aquilo não podia continuar. Era de mais. Procurámos desmistificar aqueles neos. Na exposição houve a preocupação de apresentar modelos novos, que estavam a ser postos de lado ao se fazerem apenas os revivalismos. A exposição era itinerante, o que foi uma novidade. Os painéis eram práticos, autónomos, transportáveis. Foi ao Porto, a Braga, etc. Apareceram vários colaboradores alunos das Belas-Artes e outros, como a Madalena Cabral. O MRAR procurou juntar em encontros arquitetos, artistas, críticos, historiadores, clero e seminaristas. No Encontro das Termas dos Cucos fiquei de convidar o Cardeal Cerejeira, o que não era habitual. E ele foi. Ele era muito acessível, podia-se ser recebido por ele.

Fiz a igreja de Moscavide, com o João de Almeida, que tinha trabalhado com o Hermann Baur e de lá trouxe uma série de elementos. O MRAR foi o pano de fundo da igreja, não a origem. O plano original de Moscavide destinava uma área muito pequena para a igreja. Era nesse espaço que o João de Almeida estava a trabalhar com muitas dificuldades, quando me juntei a ele. Fui falar com o urbanista responsável, pai de um colega meu, que alterou a localização para a atual, com maior área. O espaço litúrgico é desenho do João de Almeida. Afastou o altar da parede de fundo e dispôs bancos à volta do altar, alguns paralelos ao eixo da igreja. Com a nova área, propôs aumentar o número de bancos e desenvolver a igreja em forma de cruz. Entretanto, o João de Almeida entrou no Seminário dos Olivais e eu ia lá para termos conversas. Uma das conversas foi com o Patriarca, com a igreja já em construção. Ele tinha aprovado a igreja, mas só com ela em construção se apercebeu que o altar estava afastado da parede de fundo. Havia então um conflito com o P. Felicidade Alves – homem muito inteligente, mas temperamental e conflituoso –, que era a favor das missas «versus populum». De modo que o Cardeal me perguntou: «O altar é a pensar na missa “versus populum”?», e eu respondi: «Não, mas também dá.»

Diz-se que a igreja escapou a conflitos políticos por estar na periferia, mas não é verdade. Havia um subsídio que se pedia ao Fundo de Desemprego para a construção das igrejas – todas as obras pagavam uma taxa para esse subsídio. Dependia da Direção-Geral de Urbanização, que tinha um diretor muito poderoso. Ora na igreja de Moscavide criou-se um balcão para conseguir sentar toda a gente e por baixo pôs-se a pia baptismal no eixo da igreja. Um dia chegou lá o Diretor-Geral e deu uma ordem para mudar a pia de sítio e o encarregado do empreiteiro cumpriu. Cheguei uns dias depois e a pia estava num espaço lateral que era para as missas de semana, e perguntei quem tinha feito aquilo. Disseram-me: «O Diretor-Geral.» E eu perguntei: «Quem é que manda na obra: o projeto ou o Diretor-Geral?» E a pia voltou para o local original.

Um dia numa conversa amável, o arquiteto Pardal Monteiro fez também algumas observações sobre o projeto. Fez um comentário sobre o suporte do desenho

– «A apresentação é que não é muito boa...», porque eu tinha feito o desenho a lápis em papel vegetal – eu não sabia desenhar a tinta da China com o tira-linhas... E disse também que achava a igreja escura por ter umas janelas pequenas, sem vitrais. E estava espantado por isso. O Cargaleiro fez os azulejos da fachada depois de lhe explicar a ideia daquela parede com buracos, que tinha também funções acústicas. E ele fez o que lá está. Também o baldaquino do José Escada, expliquei-lhe o que tinha visto num museu em Barcelona, sobre frescos. Era uma mão de Deus¹⁰⁹. Na altura havia poucos materiais e uma fábrica de pastilhas de vidro ofereceu o material à igreja, o que condicionou o pavimento. Foi a primeira vez que foi usado no chão e começou a saltar.

A igreja de Mouriscas não foi construída porque as pessoas acharam o projeto feio. As pessoas não gostam de mudanças. Acabei por aproveitar o projeto para CODA. A intervenção na igreja de Santa Isabel também foi pioneira. As alterações no altar foram feitas ainda antes do Concílio Vaticano II. Tive receio da sensibilidade das pessoas, pois era uma modernização de uma igreja do século XVIII. Separou-se o altar do fundo. A iluminação foi muito trabalhada. Retirei imagens dos altares laterais. Pensei que os paroquianos iam ficar danados comigo, mas isso não aconteceu. Apanhei apenas dos conservadores de arte, como a Maria José de Mendonça, por ter retirado a teia. Os padres e liturgistas foram dos poucos que me apoiaram nisso.

João de Almeida [4.nov.2008]

Há uma coisa que contextualiza o MRAR que são os anos iniciais, que foram uma coisa muito intensa e com muita dedicação, que atraiu muita gente. Naquela altura havia muito pouco debate sobre o que quer que fosse, a começar por política. E o MRAR tinha também uma ressonância política porque era uma outra visão da Igreja, que estava muito ligada ao Regime e dependente dele. Havia alguma reserva na fase inicial, sobretudo do Cardeal Cerejeira, porque nós fomos muito violentos na primeira exposição que fizemos. Foi na igreja de S. Nicolau, em que o pároco – P. Gustavo de Almeida – era um homem de grande cultura. Deixou fazer na galeria ao lado da igreja a exposição, que marcou a abertura da galeria como espaço cultural. Ainda não existia o MRAR nesta altura.

Eu tinha acabado de regressar de França e da Suíça, para onde tinha ido no final dos anos 40 já na perspetiva de entrar no Seminário dos Olivais. Tinha-me apresentado ao Cardeal Cerejeira dizendo que queria ser padre, interrompendo o

¹⁰⁹ A Mão de Deus, fresco catalão de 1123 em Sant Climent de Taüll.

curso de Arquitetura para entrar no Seminário, mas ele disse-me para antes fazer uma pesquisa no centro da Europa, o apogeu da construção de igrejas naquela altura. Através de um contacto com a revista L'Art Sacré fui para Paris e pedi aos padres Couturier e Régamey que me orientassem numa aprendizagem extra-académica. Tive mais contacto com o P. Régamey. Comecei a trabalhar num ateliê por indicação dele, mas não gostei, pois era muito grande e impessoal. Estive lá apenas um mês. Tentei trabalhar com August Perret, mas não foi possível. Estive depois um ano em Paris orientado pelo P. Régamey a estudar nas bibliotecas. Dediquei-me principalmente à pintura dos séculos XIX e XX. Passado esse ano disse-me para ir para a Suíça. A primeira hipótese era o arquiteto Hermann Baur, que se concretizou.

Na Suíça havia dois arquitetos importantes: Hermann Baur do lado católico e do protestante Ernst Gisel, que também conheci e cujas obras visitei. As duas Igrejas eram muito próximas porque havia uma convergência. A Igreja Católica estava a aproximar-se do despojamento protestante. Fiquei muito amigo do Hermann Baur. Ele tinha seis filhos e disse-me que era o sétimo. Vivia em Basileia, perto da fronteira com a Alemanha. Era um centro muito vivo, que acolhia muitos artistas, como Arpad Szènes e Vieira da Silva. Estive lá dois anos e depois disso ia lá todos os anos e levava um amigo – o Pedro Ferreira Pinto, o Nuno Portas, que esteve lá quando o Hermann Baur fez 60 anos. Ele era uma figura pública e os 60 anos celebravam-se à grande. De modo que «cáimos» num jantar solene em casa dele, que teve direito a um concerto de um conjunto de câmara a que pertencia uma das filhas dele e também a filha de um casal muito amigo deles, onde eu permanecia quando lá ia.

O meu primeiro trabalho no ateliê do Hermann Baur foi estudar o interior da igreja de Todos os Santos, em Basileia, através de uma maquete. Como fim de semana sim, fim de semana não, ia a Paris, o Hermann Baur pediu-me para ir falar com o Alfred Manessier para fazer um vitral para a igreja, que foi feito. Os Baur adotaram-me não apenas familiarmente, mas também como interlocutor, porque eu tinha uma «grande lata». Falava francês, aprendi lá o alemão, de maneira que tudo isso me abria portas. Privei com muitos arquitetos suíços. Não conheci o Rudolf Schwarz, mas conheci a mulher dele – Maria Schwarz –, já viúva, que era uma pessoa muito especial. Passei um fim de semana com ela a visitar as obras do marido, incluindo a igreja de Aachen, que estava muito degradada na altura. Era uma igreja de rutura.

Quando voltei tive uma receção entusiástica, com um grupo muito interessado no que tinha visto, e que leva à decisão de fazer a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, que na altura foi uma pedra no charco, porque começámos por desfazer e criticar tudo o que tinha sido feito em Portugal até aí, incluindo a igreja de N. Sra. de Fátima, cujo interior era neogótico. Com a igreja de Santo Condestável fizemos o seguinte: um corte da igreja a mostrar toda a estrutura de betão revestida

a pedra, como se fosse da Idade Média. A segunda parte da exposição era com exemplos europeus que eu tinha trazido. Não só arquitetura, mas também elementos de arte, com textos, comentários e fotografias. O Cardeal Cerejeira não gostou, mas tivemos o apoio do P. António dos Reis Rodrigues, assistente da JUC.

Entrei no Seminário dos Olivais e comecei a fazer exposições sobre a nova arquitetura e arte sacra, réplicas menores da de S. Nicolau, no hall central do Seminário. Escrevi também artigos para a revista *Novellae Olivarum*. Logo depois o Cardeal Cerejeira convidou-me para fazer a igreja de Moscavide – e eu não era arquiteto, tinha apenas dois anos de estudos. A igreja de Moscavide é uma réplica alterada de uma igreja de Hermann Baur, anterior a Todos os Santos, que é a igreja de S. Miguel, em Riem, Basileia. Em Moscavide a comunidade não está apenas de frente do altar, mas envolve-o. O Cardeal Cerejeira foi corajoso em ter acolhido este projeto. A inauguração da igreja foi colossal. O Cardeal concordou que fosse uma coisa solene, com a presença do Coro Gregoriano do Seminário dos Olivais. Também veio o Hermann Baur, que mais tarde passou a fazer o «Late-Modern», que teve pouca repercussão na Suíça, mas influenciou o projeto da igreja de Paço d'Arcos. Era uma arquitetura mais complexa, com a envolvência do altar muito mais acentuada.

De Moscavide para Paço d'Arcos várias coisas mudaram. O balcão deixou de ser uma peça isolada. O batistério passou para um espaço próprio, mais desenvolvido, com uma presença forte de água. O projeto foi-me pedido pelo Cardeal Cerejeira e teve a particularidade de ser a minha tese de licenciatura. Tive dois colaboradores, o Gastão Cunha e o Luís Moreira, que era muito bom a pormenorizar. Eu era mais o conceito. Na fase final, entreguei o projeto ao Nuno Teotónio Pereira, para acompanhar a obra, porque fui para Barcelona trabalhar durante dois anos. A igreja de Paço d'Arcos reflete o que se passava na Suíça, mais concretamente as últimas obras do Hermann Baur, que eram já esculturas de betão. Era o tal «Late-Modern». A leitura já não é simples, as peças desconjuntadas já se tornam difíceis de ler. Isto criou espaços mais atormentados, mas era a moda na altura. A revista *L'Art Sacré* divulgava as obras suíças. Todo o círculo do MRAR assinava a revista.

Uma vez partilhei o quarto em casa do Hermann Baur com o pintor suíço Ferdinand Gehr, que trabalhava muito em igrejas. Era único, pintava monumental. Fresco sobre betão, vitral. Tive uma amizade filial com ele. Foi um pouco marginalizado por ser um pintor empenhado na pintura religiosa. Há uns anos fez-se uma grande exposição na Gulbenkian sobre a obra dele. Uma vez levei o Luiz Cunha a casa do Ferdinand Gehr e também à do Hermann Baur. Lembro-me de uma reunião em casa do Formosinho Sanchez, na margem sul, com cem pessoas e o Ferdinand Gehr, onde se projetaram slides que eu tinha tirado. Estava lá o José Guimarães.

O MRAR atraiu muita gente de fora, mesmo da Igreja. Foi um grupo muito abrangente. Era um espaço de debate. No MRAR discutiam-se até à exaustão todos os nossos projetos, em reuniões que convocávamos e que aconteciam em sítios diversos.

Nuno Teotónio Pereira
[4.fev.2009]

Em 1951, o jornal *Novidades* publicou na primeira página o projeto do arquiteto Vasco Regaleira para a igreja de S. João de Brito. Fiquei indignado pela arquitetura passadista e falei com alguns colegas. Já morava no bairro de Alvalade. Organizámos um abaixo-assinado dirigido ao Cardeal Cerejeira e conseguimos muitas assinaturas, umas delas muito importante, a do pai do José Mattoso, professor de história apoiante do Regime. O Cardeal disse que não podia mudar, que o projeto já tinha sido aceite. Com o Cardeal Cerejeira acontecia sempre o mesmo, dizíamos o que queríamos e ele desviava a conversa. Era um grande conversador. Nunca conseguíamos nada. Mas o arquiteto Vasco Regaleira acabou por mudar a fachada da igreja. Numa visita à igreja do Santo Condestável tirei umas fotografias na cave, à base dos pilares em betão armado. Os pilares não eram em pedra como se via na nave, a estrutura era em betão. Essas fotografias foram mostradas aos colegas e apareceram na exposição de S. Nicolau. Nunca falámos com o arquiteto Regaleira porque ele era o inimigo.

O ponto de arranque do MRAR foi a exposição de S. Nicolau. Foi um movimento que surgiu dentro da Igreja. O MRAR não era um ateliê, cada um tinha o seu. Mas os projetos eram discutidos entre nós no âmbito do MRAR. As motivações eram arquitetónicas e religiosas. Era o desejo de renovação. O MRAR ocupava muito tempo, deitava-me às duas da manhã e trabalhava aos sábados e às vezes aos domingos. Procurávamos muita informação. Mas fazer viagens especificamente para esse fim, não. Não se viajava muito. Era mais por revistas, que assinávamos. As influências vieram sobretudo da Suíça, onde havia uma escola muito boa, que era uma referência para nós. Por esse motivo o arquiteto Hermann Baur foi convidado para fazer parte do júri do concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Nós defendemos a realização do concurso e o MRAR fez o regulamento. E calhou que quem ganhou pertencia ao MRAR, mas não houve contestação, porque as pessoas eram sérias. Uma pessoa muito importante que fez parte dos corpos gerentes foi a Maria José de Mendonça. O Flórido de Vasconcelos era do Porto e vinha às reuniões em Lisboa. O MRAR estava centrado em Lisboa, mas também teve atividades no Porto. O arquiteto João Rebelo não fez parte da Direção, mas foi muito importante. Ele era muito ativo. O design do catálogo da exposição é dele. Mais tarde, foi pedido

ao José Escada para fazer o logótipo do MRAR. O MRAR acabou quando a igreja reconheceu que nós tínhamos razão.

Na igreja de Águas inseri conceitos da arquitetura moderna num ambiente com muita tradição. Tinha já uma convergência para o altar. E tratamento da iluminação. A encomenda surgiu através de amizades pessoais. A igreja foi paga por um rico proprietário. Eu conhecia o filho dele, que estudava aqui em Lisboa e era meu amigo. Era a família Megre. A encomenda surgiu antes de acabar o curso. Houve pessoas que reagiram mal e tive de escrever uma carta a explicar as opções. Houve críticas e uma vez tentaram impor-me uma coisa e eu fiquei danado porque era uma injustiça. E quis fazer uma coisa muito forte para que ele desistisse da ideia, que era ir a pé até lá, desde Lisboa! Acabou por ficar como ele me obrigou, porque eu não tive disponibilidade para a caminhada.

A igreja do Sagrado Coração de Jesus foi o projeto em que trabalharam mais arquitetos. Levou anos. Um aspeto que nos preocupava bastante era a inserção da igreja na cidade. Nós defendíamos que as igrejas deviam estar integradas na cidade e não isoladas. Dávamos o exemplo das igrejas da Baixa pombalina. Fizemos um grande centro paroquial, em que deixámos espaços livres para o pároco adaptar às necessidades. Houve algumas críticas, como «isto parece uma garagem». A estrutura mudou a meio da obra – o empreiteiro teve dúvidas quanto à estrutura e levou a outro engenheiro que mostrou que não era exequível. Já estava a parte de baixo construída. Usámos coisas novas, como a pré-fabricação, onde o Nuno Portas foi muito importante. Achámos que a igreja devia ter uma boa acústica e chamámos um engenheiro especializado. E aí apareceram as frestas nas paredes, que têm lâ de rocha no interior para absorver o som. Nessa altura ainda não se usavam altifalantes. O Concílio Vaticano II levou à mudança do batistério. Tínhamos feito como nalgumas igrejas do Renascimento, destacado, autónomo. Na inauguração estava aí. Mais tarde passou para o presbitério. Quanto à igreja de Almada, comecei o projeto em 1964 depois de uma encomenda direta. A minha família tinha propriedades em Almada, o meu avô tinha sido presidente da Câmara.

A vaga do pós-moderno nas igrejas foi muito negativa. A igreja do Marco, formalmente, é muito bonita. Tem uma entrada de luz bem trabalhada lá em cima, tem uma porta vertical de que gosto muito. Mas em relação à organização do espaço interior é um retrocesso, as pessoas estão todas de costas umas para as outras, em fila, em vez de trabalhar a convergência. E depois tem uma coisa que agrava muito, que são as cadeiras individuais. Os bancos têm um sentido muito mais comunitário. Houve reformas do Concílio que foram amolecendo, como a convergência das pessoas. A reforma litúrgica perdeu o seu ímpeto.

Diogo Pimentel

[29.jan.2009 + 29.abr.2010]

O MRAR começou na exposição na igreja de S. Nicolau, como um manifesto muito semelhante ao que o João Correia Rebelo fez em Ponta Delgada. A exposição era sobre a necessidade de se dar uma volta na arquitetura das igrejas. O Cardeal Cerejeira tinha incentivado a renovação aquando da igreja de N. Sra. de Fátima e depois entrou-se no período das igrejas do Regaleira. E por isso sentiu-se necessidade de fazer um movimento que recuperasse esse espírito de renovação da arquitetura das igrejas e dar entrada à arquitetura atual nas igrejas, ao contrário do que se andava a fazer, que eram as «regaleiradas», como lhes chamávamos, que eram coisas bem construídas, mas eram revivalismos. Foi uma reação a isso.

O meu envolvimento foi natural. Acabei o curso em 1959 e acompanhava as pessoas que fundaram o MRAR, que era um grupo um pouco mais velho do que eu: o Nuno Teotónio Pereira, o João de Almeida, o António de Freitas Leal. Depois entrou uma nova camada: eu, o Nuno Portas, o José Escada, o Cargaleiro. Não éramos bem a geração seguinte, porque a diferença de idades era pouca. Conheci o Nuno Teotónio Pereira na JUC, ainda na universidade, onde havia um ambiente de grande tertúlia, também com outras universidades, no Café Chiado. A relação com o Porto foi depois. A JUC tinha à frente um padre muito famoso – António dos Reis Rodrigues – que o Cardeal Cerejeira nomeou como primeiro assistente do MRAR. E ele puxou pelas pessoas de uma forma extraordinária, não só no MRAR, mas foi toda uma geração de gente extraordinária que nasceu na JUC: o Bénard da Costa, o Pedro Tamen, etc. Foram pessoas de origens muito diferentes que se juntaram naquele ambiente universitário. O MRAR foi o congregar dessas pessoas que se conheciam. Nessa altura nasceram outros movimentos, como o Cine Clube Católica. Nós estávamos empenhados na arte sacra. Eles sentiam o mesmo relativamente ao cinema, pois havia filmes que não entravam no circuito comercial e os cineclubes foram muito importantes para termos esse contacto com o que se fazia em França, Itália, etc.

Depois da exposição e depois de algumas reuniões surgiram os primeiros estatutos do MRAR. Foi a maneira de dar forma a algo que informalmente já estava a funcionar. Mas não era só fazer manifestos. Sentíamos a necessidade de estudar, era preciso prepararmo-nos, perceber o que era isso das novas igrejas. Isto nasce na JUC, com o estudo das coisas do Romano Guardini e do Jacques Maritain. Para isso havia um programa de atividades, com temas a estudar. Isto puxava muito pelas pessoas que preparavam e pela discussão em comum. Foi uma coisa que se foi consolidando. Mas lá fora aconteciam coisas semelhantes. Estávamos muito ligados, através do João de Almeida, ao movimento das novas igrejas na Suíça e um bocadinho na Alemanha,

também. E também com os dominicanos da L'Art Sacré, em França. E havia revistas que consultávamos. Na Europa Central havia a noção de que se tinha que sair da rotina, renovar, inovar as artes sacras. O Concílio veio sancionar o que se estava a fazer e tornar isso doutrina. Era Suíça, Alemanha, França um pouco, Holanda (mas não tínhamos contacto). Havia pouco contacto com Espanha. Mas houve um padre de Madrid muito interessado – P. Aguillar –, que publicava a revista Ara e se interessou muito pelo nosso movimento. Veio cá duas ou três vezes. O contacto foi pontual e não teve muita continuidade.

Houve um encontro do MRAR nas Termas dos Cucos, que foi anunciado e quem estivesse interessado aparecia. Teve temas que foram apresentados e discutidos. Isto juntava padres, seminaristas, arquitetos, artistas, etc. Nesse encontro um dos participantes mais entusiásticos foi o Vitorino Nemésio. Havia pessoas de várias gerações e várias formações, que eram sensíveis ao tema da arte sacra. O MRAR organizava ainda reuniões de estudo – que variavam de sítio –, os encontros, exposições e concursos – Sagrado Coração de Jesus e Sé de Bragança. O concurso para os Olivais já foi no SNIP. Eu não distingo o MRAR do SNIP – distinguam-se oficialmente, mas no fundo eram as mesmas pessoas. A sede do MRAR durou pouco tempo. A Casa dos 24, na Rua de S. José, era a sede de uma organização de artes e ofícios, e era aí que nos reuníamos, nas reuniões de direção. Era uma sala pequena, onde cabia pouca gente.

O MRAR nasceu na JUC, impulsionado pelo desejo de querer viver o cristianismo por dentro. Depois, como profissionais que eramos ou viríamos a ser neste domínio, era aí que mais podíamos dar o seu contributo para aprofundamento da vida da Igreja. Os liturgistas estiveram muito envolvidos – o P. José Ferreira, o P. Felicidade Alves. Desde cedo se percebeu uma ligação estreitíssima entre teólogos, liturgistas, padres, arquitetos, pintores, escultores, poetas, etc... O núcleo do MRAR era muito dedicado às artes, embora com uma ramificação para a ourivesaria, a paramentaria e a música – que chegou a organizar sessões de estudo, com o Francisco d'Orey e o Francisco Fernandes, que organizava as pessoas antes de uma missa e punha todos a cantar, não os «Santos e Arcanjos» nem o «Amai-vos uns aos outros», nem os «Avés de Fátima», mas canções que eram o resultado de uma pesquisa de cancioneiros e de composições novas, como do P. Manuel Luís. Cânticos populares facilmente cantáveis pelas pessoas, mas muito vivos e aplicados numa celebração. Também havia audição de discos e foi aí que muita gente ouviu pela primeira vez os Monteverdi e outras músicas muito ligadas à Igreja. Isso mostrou a necessidade de atualização da música litúrgica desse tempo que se usava em Portugal. A JUC, com o tempo, perdeu força e desapareceu. E o MRAR também foi perdendo a acuidade de lutar pela renovação, que bem ou mal, já estava em marcha.

Eu estive em Itália em 1960 e aproveitei para ir a Munique ver a exposição «Novas igrejas na Alemanha». O Cardeal Lercaro era o campeão da construção de igrejas, pondo a construção da comunidade primeiro. A Diocese de Bolonha tinha um Centro de Estudos de Arte Sacra e publicava uma revista chamada Chiesa et Quartiere. Conhecíamos o Centro de Estudos através da revista. Entrei em contacto com eles e com uma bolsa da Gulbenkian fui para lá trabalhar. Naquela altura estavam a ser encomendados projetos ao Alvar Aalto, ao Le Corbusier, ao Kenzo Tange e a alguns italianos. Só a do Alvar Aalto e as dos italianos é que foram construídas.

A experiência do João de Almeida na Suíça foi diferente. Na altura os protestantes invejavam as igrejas católicas que eram festivas e os católicos invejavam as igrejas protestantes que eram muito minimalistas e depuradas. E houve uma convergência. A certa altura, se não fosse a arrumação interior, não se distinguiam umas das outras. O movimento italiano é mais de raiz sociológica, o urbanismo religioso, a sociologia religiosa. Os alemães e os suíços não tinham o crescimento descontrolado dos subúrbios que havia em Itália e também em Portugal. E Portugal era muito diferente do resto da Europa, que teve de se reerguer da Guerra. Como a Igreja conseguia reunir as pessoas de forma mais ou menos estável, começou a chamar a si tarefas supletivas. É aí que nascem em Itália os centros paroquiais, que eles chamavam a «cidadela paroquial», com escola, posto médico, etc. Isso ainda chegou cá. A igreja do Sagrado Coração de Jesus tinha um posto médico – numa freguesia com três hospitais! A igreja de Fátima tinha um cinema... Do estágio em Bolonha fui fazendo uns relatórios, mas não fiz o final. No fim de 1960 nasceu o meu primeiro filho e ia para diretor do SNIP, que abriu em janeiro de 1961. Pelo que terminou aí o meu trabalho em Itália. Mas voltei lá várias vezes. O que eu trouxe de Bolonha foi a noção que importa saber, a propósito da construção de igrejas, onde se constrói, que tipo de igreja, para quê, como? Era o ponto de partida. Parte-se do problema urbanístico para se chegar à organização do interior da igreja, que tem a ver com a liturgia. É um percurso grande que mete várias disciplinas.

O P. Manuel Falcão acompanhou muitas das atividades do MRAR. A parte de sociologia foi muito tratada pelo p. Fernando Micael Pereira e também o P. Avelino Rodrigues. Foram pessoas que trabalhavam no Secretariado de Informação Religiosa do Patriarcado, cuja fundação foi contemporânea do SNIP. Eles também publicavam um boletim. Trabalhávamos paredes meias, pelo que a relação era muito estreita. O P. Manuel Falcão trabalhou em 1959 com a Câmara Municipal de Lisboa no redimensionamento das paróquias, muito ajudado pelo P. Micael. Nos tempos áureos do SNIP trabalhavam aqui como arquitetos o João de Almeida, o António de Freitas Leal, o Pedro Vieira de Almeida, entre outros. Houve uma altura que teve um grande

incremento, até porque não havia arquitetos informados sobre estas pesquisas, este programa. A malta do MRAR é que sabia.

A igreja do Seminário do Olival foi uma encomenda dos padres dominicanos. Era um ambiente rural. Foi o primeiro projeto que fiz como arquiteto independente. O engenheiro Zúquete colaborou na estrutura. Só fiz uma versão, que os dominicanos gostaram desde logo. Eu estudei num Colégio de Dominicanos, pelo que conheci vários entre os quais o Frei Mateus. Enquanto os dominicanos estiveram no Seminário do Olival, funcionou muito bem. Depois a escultura da Maria do Carmo d'Orey foi retirada e agora está no Convento de S. Domingos, no Alto dos Moinhos, em Lisboa.

Na igreja de Santa Joana Princesa, em Lisboa, tive uma colaboração estreita do Hugo Venade, pelo que tem um cunho forte dele. Quanto à organização, o padre obrigou a virar o eixo para uma igreja do tipo processional. Tornou-se uma igreja menos minha. Estava também proposta uma intervenção da artista Gabriela Nóbrega, para fazer uma evocação da Santa Joana Princesa. Era uma fotografia do túmulo em Aveiro, com um texto por baixo do P. Tolentino Mendonça, e em vez de vela, haveria plantas que as pessoas tratariam. Nunca foi feito.

Hoje são tempos confusos em termos da arquitetura religiosa. Todos têm sobrinhos ou afilhados arquitetos. E como a construção é financiada por subscrição pública, há a noção de que quem paga é que manda. E o projeto é só uma referência para o pedreiro da terra construir. A desorientação é muito grande. Estamos no vale tudo. E a culpa é muito dos arquitetos que querem fazer da igreja a obra da sua vida, e põe lá tudo o que sabem e não sabem...

Nuno Portas

[17.abr.2009]

Conheci o MRAR quando era estudante de Arquitetura na ESBAL, quando andaram a recrutar os estudantes católicos para ajudar na preparação da Exposição de Arquitectura Religiosa. A ajuda era apenas para cortar e colar letras, não como mentor da exposição. O Diogo Pimentel, que era do meu curso, também ajudou. Foi lá que ele se estreou no MRAR. Os mentores da exposição foram o Nuno Teotónio, o Freitas Leal, o João Correia Rebelo e o João de Almeida, que nessa altura decidiu entrar no Seminário. A primeira viagem que fiz ao estrangeiro para ver igrejas foi com o João de Almeida. Foi algum tempo depois. Essa viagem foi extremamente importante. Começámos em Paris, fomos a Basileia, onde conheci o Hermann Baur. Depois passámos em Zurique e vimos as igrejas do Moser. Fomos a Aachen, ver a igreja do Rudolf Schwarz, que era a mais radical na altura. Depois vim a apreciar o Schwarz por outras razões. Mas aquela igreja era impressionante, porque era a pureza do

racionalismo e o purismo bauhausiano feito por um homem que tinha muito pouco de Bauhaus. A intensidade daquela igreja era imensa. Foi uma viagem espantosa, daquelas que marcam. Foi antes de eu ir para o ateliê do Nuno Teotónio, em 1957.

Nessa época estava muito hesitante entre ir para cinema ou ser arquiteto. Cheguei a pensar em ir fazer um curso de realizador na CineCittà, em Roma. Nessa altura era louco por cinema. Decidi falar com o Nuno Teotónio, que já me conhecia suficientemente, que me disse que havia muita gente a escrever sobre cinema e pouca gente a escrever sobre arquitetura. Mas eu queria perceber se tinha jeito para arquitetura ou não. Na Escola não se ensinava nada. De modo que o Nuno Teotónio me disse que tinha uma borla para fazer, um projeto de uma casa de família. E eu fiquei no ateliê. Depois veio o primeiro contrato, com as torres para os Olivais. Quando comecei a ter algum ascendente no ateliê fui chamar outros, como o Pedro Vieira de Almeida. O ateliê tinha então a alcunha de «a sacristia». Mentalmente achava que tínhamos de trocar o Le Corbusier pelo Wright. Tínhamos de cortar com o racionalismo. Mas o primeiro corte com a arquitetura modernista foi na igreja de Águas que era fortemente vernacular.

A igreja do Sagrado Coração de Jesus foi o apogeu do MRAR. Foi um concurso organizado pelo Movimento. Chamaram o Baur para vir para o júri. A nossa proposta ganhou não tanto enquanto igreja, mas enquanto localização, o modo como ocupou o espaço. Foi o único projeto que fez um oco no meio. Daí veio a minha propensão para o urbanismo. Desde o Marquês que as igrejas eram incrustadas e não isoladas. Quem fazia igrejas isoladas era o Regaleira, que era o nosso inimigo principal. A Exposição foi sobretudo contra o Regaleira e também o António Lino, que era tio do Diogo. A crítica era violenta e indiretamente foi uma crítica ao Cardeal, que permitiu o Pardal Monteiro fazer a igreja de N. Sra. de Fátima e depois deixou fazer Santo Condestável, S. João de Deus e S. João de Brito. Mas a Exposição do MRAR era muito mais uma exposição contra uma arquitetura portuguesa falsa e postiça do que sobre as igrejas. Aquele discurso era de modernidade, que apanhava a Igreja. Quando me tornei presidente do MRAR, já aquilo estava em queda. Já havia outras guerras. A do MRAR era uma batalha ganha. Já não havia Regaleiras e companhia.

Luiz Cunha

[27.fev.2009 + 12.mar.2009 + 14.abr.2009]

A ligação ao MRAR surge no Porto. A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea veio ao Porto e por sugestão do João de Almeida colaborei na montagem. Anos mais tarde houve uma exposição autónoma, feita no norte com coisas do norte, com a colaboração e participação muito ativa do João de Almeida, que estava

a fazer o curso no Porto. Era sacerdote e foi acabar o curso ao Porto por ordem do Cardeal Cerejeira. Essa exposição foi feita no Paço Episcopal do Porto, ainda com o Bispo D. António – já ele era muito contestado pela política da época. Eu não quis tomar partido nenhum e convidei o Governador Civil do Porto. Foi o último ato público em que os dois apareceram juntos, lado a lado, muito satisfeitos. Uma semana depois rebentou a querela. Nessa altura, eu e mais dois ou três começámos a vir a Lisboa às reuniões do MRAR. Não houve muitas mais exposições. Houve uma segunda organizada aqui em Lisboa, mas não teve a mesma repercussão a nível do país. A primeira era muito fácil de transportar, em dois ou três carros.

Havia um núcleo do Porto que fez várias reuniões só com membros de lá. Os encontros realizavam-se em minha casa, que era muito central, ou em locais das paróquias, como salões paroquiais. Também aconteceram na ESBAP. Alguns ainda estavam a fazer o curso. Eu tinha boas relações com o diretor, o arquiteto Carlos Ramos, e após concluir o curso continuei a frequentar a Escola. Também houve reuniões no ateliê do Távora. O grupo tinha elementos menos estáveis. Os estáveis eram uns dez. Pessoas que participaram no grupo do Porto: Siza Vieira – por convite e insistência minha –, Carlos Alberto Carvalho Dias, Maria Luísa Marinho Leite, José Grave – escultor que depois colaborou na igreja dos dominicanos de Fátima. O arquiteto Fernando Távora foi um elemento muito importante. Envolveu-se muito. Foi membro do MRAR. Fiz com ele o arranjo do museu do Seminário do Porto, juntamente com o Fernando Abrunhosa de Brito. Havia um sacerdote que nos deu muito apoio e morreu muito cedo. O P. Xavier Coutinho, historiador e capelão da igreja dos Clérigos – também já morreu – também deu um apoio grande. E também um outro sacerdote que abandonou e tinha formação de engenheiro. Fazíamos retiros na Quaresma. Lembro-me de um de três ou quatro dias na Praia da Granja, ao fundo do Porto, em que ficámos num hotel que fechava no inverno. Participei também num outro encontro, junto à Praia das Maçãs. Eram retiros espirituais, com pessoas do Porto e Lisboa, onde havia uma grande troca de impressões sobre arte e arquitetura. Nos anos 60 o grupo do Porto já não estava ativo.

O João de Almeida era um rapaz extraordinário, para lá do normal. Falava muitas línguas, tinha um relacionamento muito fácil com as pessoas, fazia confissões. Era o grande motor do MRAR. Através dele contactámos vários arquitetos estrangeiros da sua relação, nomeadamente da Suíça, o que foi muito importante. Houve um ano em que fiz uma viagem com ele para conhecer igrejas que só conhecia por fotografias. Conheci também nessa viagem o pintor Ferdinand Gehr e ficámos em casa dele dois dias. Eu gostava de ver a pintura dele, era um homem modesto, difícil de contactar. No inverno não pintava. Era uma pintura difícil para a maioria das pessoas. O João de Almeida e eu comprámos-lhe uma aquarela para pagar a

estadia. Eram uns estudos para vitrais de uma igreja na Suíça. Ele ainda ofereceu umas pequenas obras em madeira. Aqueles dois dias foram um bocado insuportáveis porque ele vivia numa aldeia junto a uma campo de vinhas, que tinha um sistema que disparava tiros de pólvora seca para espantar os pardais. Durante o dia, todo o tempo, estava a disparar. A estada na Suíça foi muito importante para mim, com a visita da igrejas ao redor de Basileia e também ao Goetheanum do Steiner. Não chegámos a ir à Alemanha.

Depois fiz outras visitas ao norte de Itália, para ver igrejas, mas nessa altura fui sozinho. Senti uma grande afinidade com o Glauco Gresleri, porque ele também era um entusiasta do Le Corbusier. Nessa altura havia uma revista italiana orientada pelo Trebbi e pelo Gresleri – Chiesa et Quartiere. Fizeram vários números sobre as obras do Corbusier. Isto foi durante o tempo do MRAR, mas não foi coincidente com a estadia do Diogo Pimentel em Bolonha.

Um dia, o Nuno Teotónio Pereira teve uma solicitação dos dominicanos de Fátima para uma igreja. Como ele não podia responder na altura, passou-me o trabalho. Foi o primeiro trabalho que fiz como autor, mas muito ligado ao MRAR. Fazíamos a apresentação dos trabalhos na fase de estudos. Todos apreciavam e emitiam opiniões. Não eram só arquitetos, mas também alguns sacerdotes. A principal preocupação das reuniões era a discussão da parte interna, os movimentos das celebrações. A concretização a nível da forma era responsabilidade de cada um. Em Lisboa, tinha muita importância o P. José Ferreira, que era liturgista e deu um grande apoio ao MRAR. A preocupação em Lisboa com a parte sociológica teve muito a ver com o Nuno Portas. O grupo do Porto era menos politizado. Em Lisboa misturava-se sociologia com política.

A igreja dos dominicanos de Fátima foi dos primeiros trabalhos a ser debatido numa reunião pública muito animada. A principal influência foi a capela de Ronchamp. O meu maior atrito com o Nuno Portas era o meu entusiasmo com o Corbusier. Naquele tempo era de bom tom dizer que o Corbusier era uma figura histórica e respeitável, mas desfasada no tempo e que nem era conveniente ligarmos muito. A mim interessava-me a última fase dele, o que repudiava os de Lisboa. O Távora era equidistante. O Siza não era tão entusiasta como eu, mas era sensível à mudança do Corbusier. Aqui em Lisboa hostilizavam aquela arquitetura. A igreja foi bem recebida pelos dominicanos. Houve colegas que tiveram reservas, por ser muito inovadora para a época. Toda em betão – uma das primeiras –, não havia experiência nenhuma. O terreno era esquisito e achavam que não tinha condições. Mostrei que era viável, fugindo ao formato retangular habitual. As coisas que eu fazia eram muito marcadas pelo desenho. Era a crítica que me faziam, o levar muito longe a identidade da forma. Mais tarde fomos a Fátima visitar a igreja.

Depois surgiu a igreja de Negrelos, que também foi apresentada no MRAR. Esta igreja foi uma encomenda direta do pároco, que frequentava as reuniões do MRAR. Foi um dos dois edifícios que fiz em pedra – o outro foi a Escola Francesa do Porto. Em Negrelos, nessa época era difícil não construir de outra maneira que não em pedra. Os construtores locais só sabiam fazer assim. Essa igreja foi inovadora e apreciada dentro do grupo.

Na Póvoa do Valado o tijolo era também o sistema de construção local. Havia muitas fábricas e pessoas preparadas para construir assim. Aqui foi o Bispo de Aveiro, que tinha visto a exposição itinerante, que me chamou, pois eu era o arquiteto do norte. Tinha um problema muito complicado: duas localidades em guerra há vários anos, querendo ambas a igreja no seu território. As comunidades chegaram a andar aos tiros por causa disso. Até que o Bispo decidiu fazer a igreja a meio caminho entre as duas. O esquema que elaborei tinha o espaço de culto e duas portas – uns entravam por uma e outros pela outra. A igreja era o objeto que materializava a reconciliação entre as duas comunidades. O Bispo achou graça e a obra fez-se assim. Dentro da igreja não havia conflitos e ela foi um elemento decisivo para a pacificação daquele povo. No fim, o Bispo ofereceu-me um dos seus anéis de Bispo!

Santa Joana Princesa foi muito diferente, tinha um orçamento pequeno e teve muita participação da comunidade. Não havia máquinas para escavar. A obra envelheceu precocemente e precisou de várias reparações. Foi prejudicada por uma má construção de raiz. Mas a nível da comunidade foi muito rica. Essa participação das pessoas ajudou a criar laços e a consolidar a comunidade. O pároco ainda lá está.

O livro Arquitectura Religiosa Moderna foi feito em simultâneo com o trabalho de fim de curso. Foi feito por iniciativa própria e foi anterior à participação no MRAR, pois já estava interessado no tema.

A partir de certa altura, o MRAR começou a tornar-se menos ativo. Consequência direta do MRAR foi a criação do SNIP, com o Diogo Pimentel à frente. E o MRAR foi desaparecendo, perdendo a força. Fomos terminando os cursos. O Siza Vieira veio dizer-me um dia que já não se sentia muito interessado nas reuniões e deixou de participar. Cada um seguiu a sua vida. Eu tive muitos trabalhos de igrejas. O Nuno Teotónio Pereira e o António de Freitas Leal também. Mas começámos a trabalhar individualmente sem o apoio dos colegas.

Hoje em dia, parece-me que os colegas que são chamados a fazer uma igreja fazem-no como qualquer outra obra. Investem muito na forma, mas desligados da vivência interior. Usam formas caprichosas, gratuitas. Não há preocupação em responder aos aspetos funcionais. Aquele entusiasmo do MRAR tinha que acontecer naquela altura, mas nunca foi substituído, nem pelo SNIP. A igreja do Marco é de exceção. O Siza deve muito à educação religiosa que teve na família. O Siza é sensível

ao espírito. A obra dele traduz uma espiritualidade. Hoje a maior parte das gerações são incultas, não vão à igreja. O autor tornou-se no artista com estatuto para não se submeter a pareceres. Como os párocos não têm capacidade crítica educada, aceitam. E as igrejas ficam marcadas pela moda.

Erich Corsépius

[18.dez.2008]

Não fui fundador do MRAR. Entrei na ESBAL em 1949 e aí conheci o Nuno Teotónio Pereira e o João de Almeida. Conheci o MRAR na ESBAL, mas no início não me envolvi porque não tinha tempo. Tinha vindo da Alemanha e tive de ser trabalhador estudante. Fui-me apercebendo do que era. A primeira coisa que me lembro foi a exposição de 1953. A educação artística do nosso povo era atrasada. Nós também éramos insipientes. O João de Almeida é que tinha contactos com a Suíça e a Alemanha. Fui-me envolvendo a pouco e pouco, pelo interesse que tinha para mim. Os sócios eram maioritariamente arquitetos, mas apareceram outros. Na paramentaria, a Madalena Cabral. A Maria José de Mendonça, do MNAA. Ourivesaria sacra. Foi-se diversificando. Havia reuniões em conjunto e depois trabalho por grupo. Houve algumas experiências válidas, como na igreja de Águas, e nós acompanhámos essas propostas. Havia um clima de abertura e partilha. Não havia «panelinhas». Procurava-se a troca de opiniões, havia troca nas bases. Não era uma cooperativa profissional. O Vitorino Nemésio tinha uma maneira única de expor os conhecimentos, focando determinantes aspetos que nos interessavam historicamente. O António de Freitas Leal era o «palestras».

As reuniões variavam de lugar. Podia ser nos ateliês ou em salões de igrejas. Lembro-me de uma das últimas reuniões no ateliê do Formosinho Sanchez, onde estavam também o Nuno Teotónio Pereira, a Madalena Cabral e o Nuno Portas. Nessa altura havia vários membros envolvidos politicamente e o Nuno Portas levanta-se e diz: «Se este movimento servir para os meus propósitos políticos, muito bem, se não, vou-me embora.» E aquilo praticamente acabou. As pessoas estavam crispadas com a guerra colonial, etc. Foi uma morte lenta.

A igreja de Arroios foi uma encomenda do pároco. A paróquia era a mais populosa de Lisboa e era preciso uma igreja com mais capacidade. Tivemos dificuldade na aprovação por causa do cruzeiro, que levou o projeto aos Monumentos Nacionais. Os relatores de lá não estavam preparados para apreciar um projeto que não fosse tradicional. Era o Raul Lino. Fizemos três projetos diferentes e depois dos dois primeiros terem sido chumbados, pusemos o terceiro para apreciação quando ele foi de férias. E assim aprovámos o projeto. Não houve nenhuma influência direta. Conhecíamos as

coisas do Fisac e do Schwarz, pelo que pode haver pormenores comuns. O crucifixo era dum artista de renome e foi retirado para colocarem um de «Braga». Agora está numa arrecadação. O sacrário fui eu que fiz em casa.

Atualmente, o estado da arquitetura religiosa é de anarquia.

Madalena Cabral

[3.dez.2008]

Fui para o MNAA em 1952, com uma bolsa de estudo para estudar tapeçaria. Estava lá a Maria José de Mendonça, mulher muito inteligente, então conservadora e mais tarde diretora do museu. Fiquei lá 40 anos. Foi a Maria José de Mendonça que conheceu o João de Almeida e por ele o MRAR. E que me chamou para o Movimento. Estava lá o Nuno Teotónio Pereira, que eu já conhecia e era o «comandante daquela tropa». Foi um movimento muito bonito. A altura era muito difícil, mas o MRAR tinha a capa da Igreja por trás. Era um movimento livre, com uma determinada iniciação – católica –, de modo que se fizeram grandes coisas, como a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea. Foi um passo em frente muitíssimo grande. A exposição de S. Nicolau deitou abaixo tudo aquilo que estava estabelecido. A igreja de Santo Condestável foi o bode expiatório. Quem estudava determinadas coisas tinha vontade de demolir o mundo. Foi a maior crítica de arquitetura feita. Depois apareceu a igreja de Moscovide. Estava muito bem mas foi adulterada.

O MRAR tornou-se um enorme grupo de amigos. O Nuno Teotónio Pereira era o elo comum a todos, era a referência. Depois o João de Almeida, muito esperto e atrevido. O relacionamento e a formação fizeram-se em volta daqueles dois. O Nuno Teotónio Pereira foi o primeiro a estudar e depois vieram os mais novos, espreitados, com muita cabeça e seriedade. O João de Almeida teve uma importância muito grande. Relacionava-se com a Suíça e com a Alemanha, onde determinados caminhos estavam a ser trilhados com muita segurança e vontade. Havia lá coisas lindíssimas.

Quem começou o MRAR foi a arquitetura, mas esta não vive nua. De modo que as coisas foram nascendo progressivamente, à medida que as necessidades se verificavam. A arquitetura era a mãe e depois tinha-se que perceber como viver dentro dessa arquitetura. Dentro da área geral do MRAR apareceram muitos ramos. Todos estavam dentro do pensamento geral, mas depois tinham funções próprias. Por exemplo, havia gente na ourivesaria, etc. No Porto havia um ourives ótimo, discreto, que trabalhou para muitos. O João de Almeida vinha cá. Era o Manuel Alcino, rapaz cheio de vontade que agarrou a ourivesaria do pai. Era muito bom tecnicamente, executava muito bem os projetos.

O MRAR funcionava bem, era livre e encontrava-se onde calhava, onde podia ser. Para mim era bom pois era vadia. Cada grupo trabalhava na sua área, reunindo pessoas. Depois havia reuniões gerais, de formação, seminários. O trabalho fazia-se em conjunto, centrado na ideia fundamental «O que é o culto? Porquê? Quais devem ser as características?». Eles faziam a arquitetura, não descurando o que estava à roda, para criar um corpo completo. O abordar de aspetos muito variados dava largueza ao MRAR, enriquecia. Todos estavam interessados no que os outros faziam, para que o conjunto funcionasse como deve ser. Conforme o que era necessário, encontravam-se as pessoas que depois se iam formando. O MRAR foi feito com cabeça, criou uma rede de contactos. Foi muitíssimo importante. Hoje falta o estudo e o mau resultado vê-se. Tem que se estudar, pensar. Havia uma publicação excelente, feita pelos dominicanos franceses. Era a L'Art Sacré, dirigida pelo P. Couturier. Muitos estudos eram feitos «ao som» dessa revista, porque se falava o francês. O alemão era difícil. Essa revista era verdadeiramente formativa, era um auxiliar precioso.

Eu era a única pessoa na paramentaria no MRAR. Em Portugal, as coisas eram horrorosas – e ainda são. Havia uma loja no Chiado, das Pias Discípulas do Divino Mestre que faziam coisas horrorosas. Acabei por ir à Suíça para um convento durante uma semana, onde estava a Soror Augustine Frueller, que trabalhava de forma deslumbrante. Era em Stans, na zona alemã da Suíça. Era um convento de Carmelitas Descalças, em que a Soror Augustine com as noviças e freiras de lá – que eu não vi porque estavam na clausura –, tinham o trabalho de tear feito por elas. Era tudo o que há de melhor – seda natural, linho, etc. Os tecidos estavam todos armazenados numa sala. Quando me vim embora, a Soror disse-me «De entrada desconfiei muito de si», porque à chegada tinha-me dado uma iniciação nessa sala dos tecidos e eu, enquanto os via, assobiava baixinho. A Soror achou que era falta de respeito, mas era a forma de me concentrar. No final, a Soror Augustine deu-me um mostruário de tecidos, restos que ficavam, maravilhoso, de grande qualidade. Mantive o contacto com ela durante vários anos. Tenho um livro dela, que é um deslumbramento. Em 1958 fui a Estocolmo, para estudar na Escola de Tecidos, que se situava num prédio simples. Era iniciação à tecelagem, trabalhavam muito bem.

Depois cá trabalhei com a Sereyra Amzalak, judia, filha do embaixador. Tinha muita qualidade. Com ela estudei tecidos e também com uma italiana chamada Adele Prosérpio, que também tinha um tear em casa. Eu não tinha instalação nem tecidos e elas sim. Eu precisava de quem executasse, não tinha meios de produção. A Luccia Vila Franca também fazia em casa dela, com a costureira dela. Era a Luccia Vila Franca que cuidava dos tecidos, mantendo-os deitados e não pendurados. Estudávamos pela L'Art Sacré e estávamos centradas na liturgia e o que se pretende com ela.

Era o ponto de partida. A dignidade da veste sagrada, que beleza, que transcendência devia ter para que não a vejamos. Mas chegámos lá. Houve várias pessoas que depois começaram a trabalhar, como a Isolda Norton – filha do Raul Lino – e a Rafaela Zúquete. Isto foi ainda durante o tempo do MRAR.

As coisas mais bonitas foram para a igreja de Santa Isabel, que tinham possibilidades e mandavam fazer. Fiz para lá um paramento preto completo. Agora usa-se o roxo, mas tenho muito boa ideia desse paramento. Era feito combinando azul e vermelho-rosa. O repositório maior está em Santa Isabel. As encomendas eram feitas pelos párocos. Em Santa Isabel proporcionou-se pelos párocos e pelas pessoas.

O MRAR provocou uma movimentação, pedia uma mudança no espaço de culto. Houve uma ação grande nos Seminários, importantíssima. Havia uma relação com a Igreja institucional. O MRAR fez o que era indispensável na altura. O que aconteceu com o MRAR aconteceu com outros grupos, que ao fim de algum tempo esmoreceram. Começou num tempo que pedia revolta aberta. Muita gente beneficiou daquela formação. Conheci em casa do João de Almeida o arquiteto Hermann Baur. Vi muita publicação, muitas fotografias com arquitetura. Depois esgotou-se.

Manuel Cargaleiro

[5.mar.2009]

Comecei por me envolver no MRAR na JUC. O núcleo mais forte e erudito era o Nuno Teotónio Pereira, o João de Almeida, o António de Freitas Leal, o Diogo Pimentel e o José Escada. Eram os que tinham mais força e entusiasmo pelo grupo. O Flórido de Vasconcelos era um teórico muito bom. A Maria José de Mendonça um dia disse-me: «Se este grupo falhar, já não acredito em mais nada na vida!» O MRAR queria formar, orientar para outro caminho. Politicamente nunca nos manifestámos, mas estávamos de acordo com uma mudança política. Éramos próximos dos grupos de mudança e luta política. Era um grupo muito unido. O único que ficou a trabalhar no tema, partindo do MRAR, foi o Diogo Pimentel. O MRAR foi muito importante enquanto durou, principalmente pela influência no Patriarcado. O projeto do MRAR era muito bonito. As pessoas que fizeram parte do Movimento aproveitaram. O resto não.

O MRAR tinha um ideal muito forte. Não tinha muita força, mas nunca nos demos por pequeninos. Éramos muito poucos, mas era gente com cabeça. As pessoas eram muito boas e inteligentes, com sensibilidade e bondade. Só tenho pena que não se tenham feito mais grandes realizações. O Nuno Teotónio Pereira, motor do Movimento, fez algumas. Este grupo tinha condições para ter ido mais longe. Até tínhamos um padre que era uma «máquina» – P. António dos Reis Rodrigues –, que

nos entusiasmava a todos. Ele, discretamente, esteve na origem de muita coisa. Mas se formos ver bem as obras que fizemos ligados ao Movimento foram muito poucas. O MRAR foi importante na teoria, mas em realização não há muito. Pode-se tentar ver onde cada um foi isoladamente. Porque sem o MRAR não teríamos sido o que fomos. Com a ida para Paris em 1957 afastei-me do Movimento.

A igreja de Moscavide foi de um clã de amigos. O painel da fachada nasceu com o projeto, foi tudo estudado antes, não foi algo que se colocou depois. Foi uma loucura, porque pinte azulejo a azulejo, individualmente. Não houve trabalho em série. Os azulejos são todos diferentes. Era uma oposição ao grupo anterior ao nosso, do Jorge Barradas, com quem aprendi muito, mas era muito barroco. O Lagoa Henriques não era do MRAR, mas também participou na igreja de Moscavide. Tinha a teoria e a prática. Demo-nos todos bem.»

Maria Luísa Marinho Leite

[21.nov.2009]

Eu pertencia à JEC e quando entrei nas Belas-Artes – com 15 anos – passei para a JUC. Quando estava no segundo ano houve um congresso enorme. Aí conheci as pessoas do MRAR, o António Freitas Leal, a Madalena Cabral e os outros. Foi através da JUC. A Madalena Cabral foi de uma importância enorme para uma série de «catraias», era uma referência fantástica. Tinha imensa energia. O Vitorino Nemésio também pertenceu ao MRAR e ia às reuniões. Lembro-me de uma vez que vieram os de Lisboa reunir ao Porto, e no restaurante o Vitorino agarrou na travessa e começou a servir a todos. Ele era uma pessoa muito considerada, mais velha que nós. Mais tarde o MRAR fez uma exposição no Paço Episcopal. Em Lisboa já tinha feito uma grande caminhada. O grupo do Porto ajudou bastante na montagem. Colávamos as fotografias, desenhávamos as legendas a escantilhão. O P. João de Almeida é que redigia os textos. Depois fizemos a mesma exposição, mais reduzida, em Guimarães, no Museu Alberto Sampaio. Aqui no Porto fizemos algumas reuniões e encontros. O P. João de Almeida orientava. Havia reflexão, missa... Alguns de nós fomos várias vezes a Lisboa às reuniões do MRAR. O MRAR teve muito impacto, pôs pessoas a pensar. Acabou primeiro no Porto que em Lisboa. Por volta de 63/64 já não havia grupo no Porto.

Avelino Rodrigues

[12.fev.2009]

O João de Almeida, quando entrou no Seminário dos Olivais, já tinha contactos na Suíça e na Alemanha. E começou a despertar o interesse dos mais novos para a arte. Formou uma equipa de arte, com José Policarpo, Albino Cleto, etc. Pouca gente escrevia. O que escrevi eram ideias do grupo, que não era grande. Era feito de várias vocações tardias. O João de Almeida era uma delas. Preocupava-nos o sentido litúrgico dos espaços. Para que servem as igrejas? A própria arquitetura preocupava-se com a funcionalidade. A função primeira da igreja é a liturgia. E o que é a liturgia? É feita para a comunidade. O espaço tem de ser agregador, comunitário e hierarquizado. Era uma conceção nova. O movimento litúrgico passou o altar do fundo da capela-mor para o meio das pessoas. No gótico a igreja era o Reino de Deus na terra. Agora era a casa dos homens onde Deus está com eles. Nós viemos explicar aos arquitetos qual era a funcionalidade da igreja. Na Igreja e no Seminário dos Olivais havia uma liberdade de reunião, de discussão, de visionamento de filmes que não existia no exterior, controlado pelo Regime.

Os arquitetos iam ao Seminário, também iam lá à missa. O Diogo Pimentel, o Nuno Teotónio Pereira, o António Freitas Leal, que tinha a alcunha de «palestras». O MRAR chegou às dioceses de Aveiro, Faro e Beja através dos seminaristas que iam estudar para os Olivais. Já o Porto foi influenciado diretamente pelo MRAR, através da universidade e de pessoas como o Luiz Cunha, o Fernando Távora e o Fernando Condesso. Em Braga, nada, era século XVIII. O MRAR teve uma primeira fase, ainda herdeira do modernismo, centrada numa igreja funcionalista. A função da igreja era a liturgia e era esta o seu centro exclusivo das atenções – é o caso da igreja de Moscovide. Depois surgiu o centro paroquial, que era uma igreja enquanto espaço de comunidade e serviços abertos a todos, como a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Com a criação do SNIP, em que os membros do MRAR se tornaram seus diretores, o MRAR deixou de ser agente para ser parte da estrutura. De tentar influenciar o poder, tornou-se no poder. E deixou de ser necessário, o seu objetivo estava atingido. A militância acabou.

D. Albino Cleto

[29.jul.2010]

«Conheci o MRAR quando era aluno do Seminário dos Olivais através do João de Almeida. Sempre tive gosto pelas coisas de arte. Nos Olivais, com outros colegas falávamos sobre arte religiosa. Ao domingo alguns arquitetos iam à missa ao

Seminário, como o Diogo Pimentel, e começámos a criar laços. Dentro do Seminário surgiu uma Equipa de Arte, orientada pelo João de Almeida e que contava com o José Policarpo, o Noronha Galvão, o Avelino Rodrigues... Aderi logo. O João começou a mostrar-nos livros e álbuns com fotografias de igrejas que nos surpreenderam muito. A grande referência para ele era o arquiteto Hermann Baur. Achávamos aquilo muito despido mas ele deu-nos fundamentos. Houve quatro palavras que o João de Almeida nos transmitiu como as grandes linhas da arquitetura moderna e que coincidiam com os caminhos da renovação litúrgica: verdade, pureza, pobreza e paz. Verdade: toda a arte moderna tinha de ser verdadeira, tal como a liturgia. Pureza: a arquitetura moderna vai ao essencial, não enche a igreja de altares, de flores. Pobreza: significava o uso dos materiais locais e dava o exemplo da igreja de Águas. Paz: devia-se entrar numa igreja e sentir-se paz, não devia haver muitas imagens a distrair.

Fizemos uma exposição muito caseira no Seminário sobre arquitetura moderna, mas também paramentaria. Apareceu também o P. João Pimenta que era um homem aberto que nos mostrou algumas coisas, mas troçava com a Equipa de Arte. Mas nós não desistimos. Fazíamos os nossos encontros nos tempos livres, víamos igrejas. Ainda me lembro quando vimos a famosa capela de Ronchamp.

Um dia houve uma exposição fundamental em Lisboa, na Galeria Pórtico, sobre arte moderna. Não tinha mais de vinte peças, uns cálices do João de Almeida, um crucifixo do Lagoa Henriques, paramentaria da Madalena Cabral. Aquilo foi bem aceite em Lisboa. Foi discutido, criticado. Claro que fomos ver e a partir daí o Seminário sentiu-se muito ligado ao MRAR. O Diogo fazia a ponte. Enquanto seminaristas não íamos às reuniões do MRAR, só depois de nos ordenarmos. Conhecemos então o Nuno Teotónio Pereira, o Nuno Portas e a Maria José de Mendonça, que nos fez perceber a importância do património da Igreja e a necessidade da inventariação.

O MRAR foi um movimento de jovens católicos da cidade de Lisboa que na década de 50, por amor à Igreja e à Arte, e porque sentiam que estávamos a ficar muito atrasados – o que sabiam pelos contactos que tinham com tudo o que estava a acontecer na Alemanha e na Suíça –, uniram-se e lançaram em Lisboa ideias no sentido da renovação. O núcleo principal era o Nuno Teotónio Pereira, o Nuno Portas, o João de Almeida, o Diogo Pimentel, a Madalena Cabral. Eu não conhecia todos os sócios efetivos. Gostei muito do arquiteto José Maya Santos, ia ao ateliê dele, ver os sonhos dele... A relação entre os arquitetos do MRAR e os padres era boa mas limitada. Homens como o Nuno Teotónio eram muito respeitados. Mas o clero não estava muito à vontade com eles, achava que eles tinham muitas ideias novas, que os deviam ouvir, mas não podiam deixá-los fazer tudo. Já com os padres que estavam no MRAR era muito boa, nós dávamos bem com toda a gente. As reuniões aconteciam com regularidade, de mês a mês. Eram muito informativas. O que me agradava mais

eram as reuniões em que eram apresentadas igrejas que iam ser construídas. Gostava de ver, gostava da discussão.

A pedido do João de Almeida, fui consultor de uma das equipas que participou no concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. A sensibilidade do Cardeal Cerejeira não era muito para a proposta vencedora. A igreja ainda hoje é discutida, mas o facto de ter sido construída foi uma afirmação da arquitetura moderna em Portugal. E o Cardeal percebeu que os novos caminhos iam por ali. Houve também um episódio importante, que foi um artigo de um jesuíta, o P. Agostinho, na revista Lumen contra a arte moderna, em que decidiu atacar o Cristo amarelo do Gaugin. O D. António dos Reis Rodrigues não concordou nada com aquilo, achou que era uma vergonha para a Igreja, aquela crítica a uma obra-prima, e depois de dois ou três dias escreveu um artigo demolidor do P. Agostinho, sobre os caminhos da nova arte moderna. Isto foi para nós um triunfo. Foram pequenos episódios que dignificaram a arte moderna. O MRAR também conduziu o processo do concurso para a Sé de Bragança. Também neste fui consultor litúrgico de uma equipa, que foi a equipa vencedora. Ia no comboio quando soube o resultado. Foi uma pena que não se tenha feito o primeiro projeto. Começou a haver medos em Bragança. O Bispo pediu para nos mexermos em Lisboa junto do Ministro, o que nos pareceu não fazer sentido.

Algum tempo depois o MRAR acabou. Recordo-me da última reunião do MRAR. Lembro-me que estava o Nuno Portas. Um dos arquitetos começou a falar com imensa agressividade contra a Igreja, que não abria as portas, etc. E a Maria José de Mendonça disse que não se revia naquele discurso, despediu-se, levantou-se e foi-se embora. A reunião foi interrompida e nunca mais houve outra. Se houve mais alguma coisa do MRAR, nunca soube. Não voltei a participar.

Hoje há um retrocesso na arquitetura religiosa. Porque se acha que a arquitetura moderna é cara, mas não é verdade. Pode não ser cara. Tem é de ter dignidade. Hoje em dia o programa do centro paroquial é mais complexo que o da igreja. E isso encaixa. Às vezes faz-se um faseamento, mas depois deixam-se as coisas por construir. Nos anos 60 havia um modo de fazer as coisas que não existe hoje em dia.

P. Henrique Noronha Galvão

[3.nov.2009]

A minha ligação ao MRAR começou no Seminário dos Olivais, através do João de Almeida, que fundou uma equipa de arte sacra. Faziam parte o Avelino Rodrigues, o Albino Cleto, o José Policarpo, o Carlos Paes, entre outros. Fazíamos exposições e conferências no Seminário dos Olivais que eram abertas a quem não era da equipa. Alguns arquitetos também iam ao Seminário. A pessoa-chave na altura foi o João de

Almeida, que tinha contactado com arquitetos e artistas da Alemanha e da Suíça. Chegámos a fazer uma viagem os dois pela França, Alemanha e Suíça, onde estivemos com o arquiteto Hermann Baur. Depois fomos a Itália com o filho do Baur que também é arquiteto. Visitámos Veneza, Florença... Foi um mês de férias. Ele tirava sempre muitas fotografias nas viagens que fazia. Depois quando voltava fazia sempre uma sessão para mostrar os diapositivos. Uma das primeiras coisas que o João de Almeida fez quando entrou no seminário foi uma exposição sobre arte moderna – os expressionistas, etc. Ele foi um grande divulgador da arte moderna nas igrejas. Quando o João de Almeida acabou o Seminário, fiquei eu responsável pela equipa.

Fui ordenado em 1960 e continuei a ir a reuniões do MRAR. De modo que contactei com uma série de arquitetos que por lá andavam – Teotónio Pereira, Corsépius, Diogo Pimentel... Eu era um curioso, gostava de participar nas reuniões. Houve um encontro no Rodízio em que também fiz uma comunicação e geraram-se aí discussões muito interessantes. Estava lá o jesuíta Roque Cabral, o P. Manuel Falcão. Era um encontro alargado, aberto a não sócios. Lembro-me também de uma reunião nas Termas dos Cucos em que falou um dominicano espanhol. A relação entre arquitetos e padres era muito boa. Os padres que acompanhavam o MRAR eram eu, o João de Almeida, o Avelino Rodrigues... Depois eram convidados outros para determinadas reuniões, como o Fernando Belo. Houve também vários arquitetos e artistas que não pertenciam ao MRAR, mas que apareciam nalgumas reuniões.

Realizaram-se discussões muito interessantes, também do ponto de vista teórico. Quando havia uma igreja nova, havia sempre uma discussão prévia. O Hermann Baur esteve cá em Lisboa a fazer uma conferência e desiluiu porque fez aquilo muito simples. A sala estava cheia e estávamos à espera que ele apresentasse imensas teorias, mas a única coisa que disse foi que quando começaram a construir igrejas modernas se preocuparam apenas com os elementos essenciais, como o altar. No fundo, chamou a atenção para a funcionalidade de uma obra de arquitetura ao serviço da Igreja. Mas o meu principal interesse era a arte em geral e a questão das imagens. Naquela altura lutava-se muito contra a mediocridade das obras de arte. E em nome do despojamento, procurava-se chamar a atenção para o que era essencial na igreja. Uma vez, o Cardeal Cerejeira em conversa com o João de Almeida alertou-o para o facto de ele se inspirar demasiadamente numa arte que era nórdica, e, conseqüentemente, muito influenciada pelo protestantismo, que não aceita imagens. O artigo que escrevi procurou valorizar a presença das imagens.

O MRAR era visto como um movimento progressista. Havia sectores da Igreja mais conservadores que olhavam-no de um modo suspeito. Mas o MRAR foi bastante importante e fez parte dos movimentos que ajudaram a Igreja a abrir-se à modernidade. E foi fundamental para que se desse a viragem na construção de igrejas. Foi

uma iniciativa de arquitetos católicos que a dada altura sentiram necessidade que a construção das igrejas respondesse às exigências da modernidade. Surgiu como a sua resposta para que a renovação acontecesse. E de facto, nunca mais se construiu uma igreja como a de S. João de Deus. Guardo boas memórias desse tempo.

Hoje parece-me que se perdeu a noção do funcionalismo que havia naquele tempo. A igreja de Marco do Siza é uma obra magnífica de arquitetura, mas como igreja parece que foi construída antes do Concílio. Faltou ali uma boa programação. Hoje parece que os arquitetos fazem as igrejas como obras geniais para aparecer nas revistas e não se preocupam que sirvam a comunidade. Os valores mais importantes são subalternizados relativamente aos valores estéticos.

Rafaela Zúquete

[19.nov.2009]

Conheci o MRAR na ESBAL através da JUC. Conheci primeiro o Nuno Teotónio e o João de Almeida, que tinha acabado de entrar no Seminário. As nossas relações com os arquitetos eram boas. Aquilo era um ambiente de amizade, éramos amigos uns dos outros. Mas o P. António dos Reis Rodrigues não gostava de mim. Lembro-me do Encontro no Rodízio e do João de Almeida a andar por lá a cantar uma das canções revolucionárias. Ele estava muito entusiasmado. Lembro-me muito bem disso. O MRAR começou, existiu, fez coisas. Foi uma escola. Era um movimento muito aberto. Fiz parte do MRAR por amor à camisola. O que mais me agradava era poder trabalhar com os tecidos, de tal modo que nunca mais larguei os «trapos».

O primeiro trabalho que fiz com a Madalena Cabral foi para a igreja de Santa Isabel. Ela é que conseguia as encomendas todas. O trabalho com a Madalena não tinha horas regulares, acontecia quando era preciso. Ia ter com ela ao Museu ou ela aparecia e dizia o que era preciso fazer. Não havia dias nem horas. Encontrávamo-nos para trabalhar, não para estudar. Íamos juntas ver as igrejas para onde se faziam os trabalhos. Pudemos escolher com liberdade os tecidos para os paramentos, o que era importante porque o tecido condiciona a forma. O João de Almeida insistiu para que eu fosse à Suíça durante um tempo para estudar paramentaria, mas achei que não era preciso, porque a Madalena tinha trazido muita coisa de lá.

Francisco d'Orey
[16.out.2009]

O MRAR foi basicamente um movimento de leigos que começou com os arquitetos. Foram revolucionários. Procuraram fazer alguma coisa de novo. Foi um movimento de técnicos, que depois irradiava para a sociedade. Depois juntaram-se alguns padres. Os arquitetos começaram por perguntar o que era uma igreja, o que era preciso para que uma igreja funcionasse. E isso estava ligado à liturgia. Assim chegaram à música. Nós estávamos ligados à música da Igreja, mas foram os arquitetos que se aproximaram de nós, músicos. Tinha muito boas relações com o Nuno Teotónio Pereira. Éramos conhecidos, morávamos perto. Foi assim que o grupo de música do MRAR surgiu. Nós sentíamos necessidade de criar outras músicas. Achávamos que as músicas que se faziam no Seminário dos Olivais tinham pouca qualidade, nomeadamente as polifonias do P. Manuel Luís.

Já com o grupo de música do MRAR fizemos uma experiência na igreja de Santa Isabel. O Francisco Fernandes compôs cânticos de entrada, do ofertório, com a tradução dos salmos, e pusemos isso em prática com o Coro de Santa Isabel que era um coro bastante vivo. Ensaiávamos meia hora antes da missa o refrão com o texto do dia. E aquilo deu resultado e ao fim do segundo ano as pessoas já sabiam. No entanto, nós sentíamos que a Igreja nos via como marginais, como rivais dos padres que também faziam as suas músicas. Chegámos a publicar um livro com as nossas músicas, que foi utilizado uns três anos. Ao fim desse tempo aquilo dissolveu-se. Aconteceu que prevaleceu a orientação da Igreja e a utilização das músicas dos padres. Faltou-nos o apoio da Igreja, que teria sido através do P. José Ferreira. Ele gostava da participação e do entusiasmo que existia, mas não apoiou as nossas músicas. Ele preferia o P. Manuel Luís. E como na Igreja o clero é que manda, a iniciativa não passou daquela paróquia, apesar de ter resultado. Mas sem a bênção da Igreja... Os arquitetos estavam muito connosco, apreciavam o projeto. No MRAR havia um grande entrosamento entre todos. O Vitorino Nemésio falava muito bem sobre tudo, era uma solenidade.

Francisco Fernandes
[4.set.2009]

Fiz a minha formação musical no Conservatório e um dos instrumentos em que me formei foi o Órgão, o que me ligou à música religiosa, de Igreja. Comecei a trabalhar profissionalmente como organista, sobretudo na Basílica da Estrela. Com o Francisco d'Orey e o Jorge Manzoni, organizávamos as missas, os cantos litúrgicos,

com um coro muito bom. No início dos anos 60 começa uma contestação às músicas em latim e ao canto gregoriano e começámos a compor músicas em português. Fui pioneiro da música em vernáculo. Isto foi antes de nos juntarmos ao MRAR.

Através da JUC conheci muita gente, incluindo vários arquitetos que também estavam ligados à Igreja, sobretudo o Diogo Pimentel e o Nuno Teotónio Pereira. Como tínhamos contacto uns com os outros e também procurávamos a renovação da Igreja, mas pela música, juntámo-nos ao MRAR. A nossa passagem pelo MRAR foi muito curta. Íamos a várias reuniões e encontros. Para mim o que foi mais importante foram os encontros, em que havia oração, debate, conferências de especialistas. Havia arquitetos, pintores, jovens padres, etc. Fui a dois, o primeiro no Rodízio, numa casa dos Jesuítas. Lembro-me de uma discussão acesa nesse encontro sobre a cadeira do Bispo. Mas era tudo com fundamentação teológica. Foram momentos de testemunho, de vivência, de elevação espiritual. Vivia-se verdadeiramente a fraternidade cristã. Depois havia outras reuniões mais restritas. O MRAR foi um movimento com muita vitalidade.

Havia membros do MRAR que não concordavam com a atividade do grupo de música, inclusive o arquiteto Freitas Leal. O grupo de música não tinha a intensidade dos arquitetos. De modo que me sentia membro do Movimento, mas não de corpo inteiro. A nossa presença não durou mais de uns dois anos. O nosso desligar do MRAR foi natural, lentamente, não foi violento. Depois do grupo terminar o MRAR continuou. E a nossa ação sobre a música religiosa acabou por se fazer por outras vias, já fora do MRAR. Depois continuei ligado a algumas pessoas, como o Nuno Teotónio pela via política e o Diogo Pimentel pela religiosa, mas desliguei totalmente do MRAR.

Elisabeth Évora Nunes
[13.jul.2009]

No início dos anos 50 houve um surto de construção de novas igrejas. Há três marcos que vale a pena perceber: tinha-se feito a igreja de Nossa Senhora de Fátima e depois foram construídas as igrejas de S. João de Deus, de S. João de Brito e de Santo Condestável. Ao mesmo tempo fez-se a igreja de S. Gabriel, em Torres Novas, do arquiteto Jorge Segurado. Foi neste contexto que os novos arquitetos, por influência do que se passava lá fora, criaram o movimento de renovação. O MRAR foi uma lufada de ar fresco, uma formação complementar na linha da formação profissional e na linha da militância cristã. Foi do melhor que se podia fazer, a nível do nosso testemunho cristão, no sentido do papel do leigo cristão e da sua consagração ao mundo.

Conheci o MRAR quando estava para entrar na ESBAL. Vi um anúncio num jornal sobre um encontro promovido pelo Movimento na Casa de S. Mamede para profissionais e estudantes da ESBAL. E fiquei encantada por encontrar uma série de jovens ligados à JUC a trabalhar na renovação da arte. Juntei-me ao MRAR pelo grande interesse que o Movimento tinha. Fomos à frente do Concílio Vaticano II.

A relação entre arquitetos e não arquitetos era ótima. Éramos cristãos que queriam prestar um serviço à comunidade pela estética. O João de Almeida era o homem das grandes viagens. Depois o Teotónio começou a interessar-se por outras coisas.

A dada altura surgiu uma loja na Rua Ivens dumas Irmãs Pias que faziam umas coisas horríveis e quase que houve um abaixo-assinado contra aquilo. Elas tinham umas pagelas, uns santinhos... As nossas exposições tinham coisas bastante diferentes, algumas bastante problemáticas, na linha do Cristo do Chagall.

Eduardo Nery

[21.mai.2010]

Foi pelo Nuno Teotónio Pereira ou pelo Formosinho Sanchez que conheci o MRAR. Era ainda estudante na ESBAL. Lembro-me de ir a reuniões perto do Tivoli. Eram reuniões esporádicas, em que eu era o membro mais novo. O MRAR era um fórum de discussão de temas ligados à arte religiosa, era um lugar para troca de ideias. Mas não era propriamente um grupo de amigos, pois eu não era amigo de todos os que lá estavam. De quem me lembro mais é do Nuno Teotónio Pereira e do João de Almeida. Os membros do MRAR conheciam bem a arte religiosa francesa, alemã e suíça, principalmente por causa do João de Almeida. Aprendi lá muito sobre a arquitetura religiosa tanto portuguesa como internacional, que eles discutiam muito. Eu estava mais como ouvinte. Não era católico praticante. O que não quer dizer que não desse a minha opinião. No MRAR discutiam-se todas as questões relacionadas com a arte religiosa: a arquitetura, as imagens, os paramentos... Era um local de discussão e de troca de ideias de todas estas questões, mas nunca se fizeram normas escritas.

Uma vez houve uma exposição na Sociedade de Belas sobre igrejas na Alemanha. Ainda não estava no MRAR, mas já me interessou. E já tinha uma boa relação com o João de Almeida. Conheci o Ferdinand Gehr através dele. Para mim, ele é o melhor pintor europeu da mensagem religiosa. Sem desvalorizar outros grandes pintores, mas ele foi o que foi mais fundo, com uma pintura profundamente moderna e religiosa.

O que melhor me lembro da minha passagem pelo MRAR, como contributo meu, foi uma palestra na Sociedade de Belas-Artes sobre o Sagrado e o Religioso, que me deu muito trabalho preparar, tive de ler imensa coisa. Procurei perceber quando é

que temos uma arte sagrada e quando é que temos uma arte religiosa. A questão do sagrado é um assunto que me interessa e sempre me interessou muito.

Fernando Micael Pereira

[16.nov.2009]

Conheci o MRAR quando estava no Seminário dos Olivais. Era colega do João de Almeida e pertencia à equipa de Arte Sacra, com o Albino Cleto e outros. Interessei-me muito pela liturgia e o P. José Ferreira deu-nos o gosto pela renovação litúrgica. A equipa de Arte Sacra tinha reuniões próprias, mas também preparava sessões para todo o Seminário. O João de Almeida, que viajava muito, mostrava diapositivos, artigos, dava-nos aulas de arte. E fazia conferências, ao sábado ou ao domingo à tarde. Eram intervenções mais pequenas, com pequenos grupos à volta de um livro. Também estive muito ligado às equipas de cinema e de sociologia. As equipas cruzavam-se. No fundo, éramos um pequeno punhado de seminaristas que tinha contactos próximos na JUC. Foi uma época em que entraram no Seminário muitas vocações tardias, pessoas com cabeça que tinham tirado os seus cursos. Interessei-me aí pela Sociologia Religiosa, onde trabalhei com o P. Manuel Falcão. Já o cinema pôs-me em contato com o Nuno Portas e o João Bénard. Nos Olivais fui também diretor da Novellae Olivarum. Tinha uma liberdade grande para sair do Seminário. Depois estive envolvido no Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado e no Boletim de Informação Pastoral.

A exposição de S. Nicolau foi o meu primeiro contacto com o MRAR. Não pertenci à organização, mas a exposição marcou-me imenso. Daquele grupo lembro-me do João de Almeida, do Nuno Teotónio, do Diogo Pimentel, do Nuno Portas, do António Leal «Palestras». Entre o MRAR e as equipas as coisas circulavam intensamente. O MRAR foi bastante importante para a renovação da arte religiosa. E foi um belo exemplo da ação de leigos na Igreja. O MRAR foi uma coisa das «Arábias», mexeu com a renovação pastoral, foi uma abertura para uma estética. Foi muito importante para afinar o gosto. Fez-me aprender muito sobre estética.

Em 1967 fui para Paris e passei a dedicar-me à Sociologia.

Pedro Vieira de Almeida

[23.jun.2010]

Conheci o MRAR através do Nuno Teotónio Pereira, do Nuno Portas e do Diogo Pimentel. Nunca me filiei no MRAR porque era um movimento católico, mas aderi à sua busca de uma linguagem moderna para as igrejas. De modo que ia às reuniões

que me interessavam pelo tema e pelo orador. Cheguei a fazer algumas apresentações porque apesar de não pertencer ao Movimento, gostava de aceitar o desafio. O tema interessava-me pois a arquitetura religiosa aborda de um modo particular o lado da função simbólica dos edifícios, que eu procurava aprofundar em oposição à exclusividade da função prática. O MRAR, pela mão do João de Almeida, fez o percurso não esperado, de negação da função simbólica. O Corbusier sempre fez função simbólica, o que foi difícil de aceitar pelos modernistas portugueses.

No projeto da igreja do Sagrado Coração de Jesus a minha colaboração limitou-se à execução de alguns pormenores. O projeto é do Nuno Portas e do Nuno Teotónio Pereira. O ateliê do Teotónio tinha a alcunha de «sacristia».

Já o concurso para a Sé de Bragança, esperava ganhar. Mas depois foi uma desilusão. A comunidade de Bragança era muito conservadora e a Igreja dividiu-se.

Na igreja dos Olivais interessaram-me tanto os aspetos funcionais como os rituais e poéticos. Era o ritual que unia todas aquelas pessoas que na realidade tinham ideias de Igreja muito diferentes. O que era importante era a ação, o ritual da entrada, o batismo... Era importante «descoisificar» o sagrado. O P. Felicidade Alves levava o altar para o meio dos Jerónimos e falava dos militares que celebravam no capô dos jipes durante a guerra.

Bibliografia

- I Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano I, n.º 2 (jun.-jul.1959), p. 34.
- A arquitectura religiosa através dos tempos documentada numa interessante exposição, *Diário Popular* (16.abr.1953).
- A arquitectura religiosa contemporânea rejeita a repetição de formas antigas e o modernismo formalista e superficial, *Diário de Notícias* (17.abr.1953).
- A Arquitectura Religiosa Contemporânea vista e apreciada por arquitectos, *Novidades* (17.abr.1953), pp. 1.3.
- A arte moderna ao serviço da Igreja, *Correio de Coimbra* (1.abr.1954).
- A arte moderna ao serviço da Igreja, *Novidades* (2.abr. 1954).
- A arte religiosa do nosso tempo numa exposição de arquitectura, *Diário do Norte* (13.jun.1953), pp. 1.6.
- A bênção do Templo de N. S.ª de Fátima, *O Século* (14.out.1938) p. 1.
- A exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Novidades* (20.abr.1953).
- [A Exposição de arquitectura religiosa contemporânea], *Arquitectura*, n.º 47 (jun.1953), p. 27.
- A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário de Notícias da Madeira* (31.dez.1954).
- A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário de Notícias da Madeira* (5.jan.1955).
- A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea é hoje inaugurada na Escola Superior de Belas Artes, *Jornal de Notícias* (13.jun.1953).
- A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea nos Açores, *Novidades* (30.mar.1954), pp. 1.3.
- A Exposição de Arte Sacra Moderna foi ontem inaugurada, *Jornal de Notícias* (21.jun.1959).
- À festa da dedicação da nova igreja paroquial de Paço de Arcos presidiu o Arcebispo de Mitilene, *Novidades* (25.ago.1969), p. 1.
- A freguesia do Sagrado Coração de Jesus vai ter dentro em breve uma nova igreja paroquial, *Novidades* (25.mar.1956), pp. 1.3.
- A. G., O movimento litúrgico contemporâneo, *Ora et Labora*, Ano 1, n.º 5 (1954), pp. 278-282.
- A Igreja ao encontro do povo, *Diário de Lisboa* (19.dez.1959), p. 14.
- A Igreja de Nossa Senhora de Fátima, *O Século* (12.out.1938), p. 7.
- A igreja matriz de Moscavide é amanhã inaugurada pelo Cardeal-Patriarca, *Diário de Notícias* (8.dez.1956).
- A igreja matriz de Moscavide foi inaugurada pelo Cardeal-Patriarca, *Diário de Notícias* (10.dez.1956).
- A igreja paroquial do S. Coração de Jesus em Lisboa, *Novidades* (17.jun.1970), pp. 1.3.
- A Igreja precisa de igrejas, *Novidades* (30.dez.1959), p. 1.5.
- À inauguração da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea assistiram figuras representativas da vida local, *Diário de Notícias da Madeira* (4.jan.1955).
- A. M., Arte Sacra Moderna no «Pórtico», *Diário de Notícias* (3.abr.1956), p. 4.
- A nova igreja da freguesia do Coração de Jesus foi ontem solenemente benzida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, *Diário de Notícias* (20.jun.1970), pp. 15.16.

- A nova igreja de Almada vai ser inaugurada amanhã pelo Sr. Cardeal Patriarca, *Novidades* (13. dez.1969), pp. 2-5.
- A nova igreja de N. Senhora de Fátima, *A arquitectura portuguesa e cerâmica e edificação reunidas*, Ano XXXI, 3.ª Série, n.º 43 (out.1938), pp. 22-24.
- A nova igreja de Nossa Senhora de Fátima, in *Diário da Manhã* (13.Out.1938), p. 8.
- A nova igreja de Nossa Senhora de Fátima é hoje inaugurada solenemente, *Diário de Notícias* (12 out.1938), pp. 1-4.
- A nova igreja de S. João de Brito (a maior de Lisboa) é sagrada amanhã, *Novidades* (1.out.1955).
- A nova igreja de S. Jorge de Arroios foi inaugurada na festa da Imaculada Conceição pelo Senhor Patriarca de Lisboa, *Novidades* (10.dez.1972), pp. 1-2.
- A nova igreja de Vidais: entrevista com o pároco, *Boletim Novas Igrejas*, n.ºs 2-3 (abr.-set.1961), pp. 14-15.
- A nova igreja do convento dominicano de Fátima, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 7, n.º 40 (jul.-ago.1965), pp. 20-22.
- A nova igreja paroquial de Rio Maior, *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n.º 5 (jun.1968).
- A nova paroquial do S. Coração de Jesus, *Novidades* (21.jun.1970), pp. 1-3.
- A obra social da Colónia Agrícola de Pegões, *Diário de Notícias* (21.jan.1957), p. 6.
- A participação activa na Santa Missa – Directório do Em.mo Cardeal Lercaro, *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 3 (1956), pp. 116-124.
- A participação activa na Santa Missa – Directório do Em.mo Cardeal Lercaro (continuação), *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 4 (1956), pp. 165-171.
- A propósito da Exposição das Novas Igrejas na Alemanha, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), pp. 15-16.
- A propósito da exposição de arquitectura religiosa contemporânea, *Átomo: ciência e técnica para todos*, Ano VI, n.º 65 (30.mai.1953), p. 18.
- A renovação da arte sacra em Portugal – O concurso de anteprojetos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus marca um ponto de viragem na nossa arquitectura religiosa, *Jornal de Letras e Artes* (1.ago.1962), pp. 8-9.11.14.
- A Semana Cultural que está a decorrer no Salão Paroquial de S. José, *Correio das Ilhas* (5.abr.1961).
- A Semana Cultural no Salão Paroquial de S. José, *Correio das Ilhas* (11.abr.1961).
- A solene abertura ao culto da nova paroquial do S. Coração de Jesus, *Novidades* (22.jun.1970), pp. 1-2.
- AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, 2.ª Edição, Associação dos Arquitectos Portugueses (1980).
- Aberta ao culto a nova igreja do Coração de Jesus, *Diário Popular* (21.jun.1970), p. 8.
- Abre hoje ao culto a igreja paroquial de Santo Isidro de Pegões, *Novidades* (20.jan.1957), p. 1.
- Abre hoje ao público a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Novidades* (16.abr.1953).
- Actividade do «Movimento de Renovação da Arte Religiosa», *Ora et Labora*, Ano 2, n.º 5 (1955), pp. 260-261.
- Ala*, n.º 1 (fev.1941), p. 1.
- ABECASSIS, Carlos Krus. Unidade, *Ala*, n.º 2 (abr.1942), p. 1.
- Allemagne 1950, *L'Art Sacré*, n.ºs 3-4 (nov.-dez.1950).
- ALMEIDA, P. Artur Tavares, Três lugares – Um Povo, Um Povo – Nova Igreja, *Notícias Nariz e Fátima*, Ano I, n.º 11 (fev.1968), p. 1.

- ALMEIDA, P. Artur Tavares, Na bênção da Nova Igreja, *Notícias Nariz e Fátima*, Ano II, n.º 19 (nov.1968), p. 6.
- ALMEIDA, Eurico Manuel, *Arquitecto Luiz Cunha – “Uma Condução Providencial”* [Trabalho apresentado na Universidade Fernando Pessoa], Porto (2006).
- ALMEIDA, P. Gustavo de, A galeria de S. Nicolau, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), pp. 1-2.
- ALMEIDA, P. Gustavo, Conversão da arte sacra?, *Açores* (22.jan.1954).
- ALMEIDA, João de, *O sentido da moderna arquitectura religiosa suíça* [Inédito] (1953), pp. 1-13.
- ALMEIDA, João de, Do sentido de uma arquitectura, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 17 (ago.1953), p. 10.
- ALMEIDA, João de, Arte Moderna, *Novellae Olivarum*, Ano XII, n.º 117 (jul.1954), pp. 197-201.
- ALMEIDA, João de, Documentário eclesiástico sobre a construção de Igrejas, *Novellae Olivarum*, Ano XII, n.º 117 (dez.1954), pp. 313-314.
- ALMEIDA, João de, Problema da aceitação do «moderno» na arte (entrevista), *Novidades* (10.fev.1961), pp. 1.3.
- ALMEIDA, João de, Ferdinand Gehr: pioneiro de uma nova pintura de igreja, *Encontro*, Ano 6, n.º 36 (dez.1961), p. 6.
- ALMEIDA, João de, Igreja de Paço de Arcos – [Anteprojecto] Memória Descritiva [1964].
- ALMEIDA, João de, Igreja de Paço de Arcos – [Projecto de Licenciamento] Memória Descritiva [1967].
- ALMEIDA, João de, O Testemunho de uma Amizade, *Ferdinand Gehr, 1896-1996*, Edição do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e Kunstverein St. Gallen Kunstmuseum, Lisboa (2001), pp. 14-20.
- ALMEIDA, Manuel Nunes de, *Uma capela no bairro do estaleiro dum aproveitamento hidro-eléctrico – Memória descritiva e justificativa* (dez.1957).
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, A exposição das novas igrejas na Alemanha, *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, n.º 29 (jun.1964), pp. 32-39.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica, *Jornal Letras e Artes* (27.jan.1965), pp. 10.14.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – Evolução dos Edifícios Escolares, *Jornal Letras e Artes* (17.fev.1965), pp. 8-9.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – III Habitação, *Jornal Letras e Artes* (26.mai.1965), pp. 8-10.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, O «Espaço-Perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica – Edifícios de Culto, *Jornal Letras e Artes* (4.ago.1965), pp. 8-10.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, Le Corbusier – Um arquitecto coerente, *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, n.º 35 (out.1965), pp. 14-18.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, Capela do Seminário Dominicano do Olival – Crítica, *Arquitectura*, n.º 100 (nov.dez.1967), pp. 242-243.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, Igreja do Sagrado Coração de Jesus (1), *A Capital – Suplemento Literatura e Arte* (22.jul.1970), p. 1.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, Igreja do Sagrado Coração de Jesus (2), *A Capital – Suplemento Literatura e Arte* (29.jul.1970), p. 8.
- ALMEIDA, Pedro Vieira, Duas igrejas: Sagrado Coração de Jesus e Paroquial de Almada, *Arquitectura*, n.º 123 (set.-out.1971), pp. 163-164.

- ALMEIDA, Pedro Vieira de, O «arrabalde» do céu, *História da Arte em Portugal*, Vol. 14, Publicações Alfa (1986), pp. 105-145.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, As décadas pós-Congresso, *História da Arte em Portugal*, Vol. 14, Publicações Alfa (1986), pp. 147-157
- ALVES, P. José da Felicidade Alves, Claridade e pureza, *Novidades – Letras e Artes*, Ano XX, n.º 12 (7.abr.1957), p. 2.
- [Amanhã abre uma exposição dedicada à arquitectura religiosa contemporânea], *Diário de Lisboa* (15.abr.1953).
- ANSELMINI, Angelo Tito, Luiz Cunha – Arquitectura Religiosa Moderna, *Casabella*, n.º 215 (abr.-mai.1957), p. 99.
- APARÍCIO, P. Luís Martins, Visitantes ilustres, *A nossa igreja* (out.1962), p. 5.
- Arquitecto Correia Rebelo, *Correio dos Açores* (7.fev.1954).
- Arquitecto João Rebelo, *Correio dos Açores* (19.jan.1954).
- Arquitectura e Arte Religiosa moderna, *A União* (30.ago.1962), p. 4.
- Arquitectura e Arte Religiosa moderna – Palestra dos Arq. João Correia Rebelo e Nuno Theotónio Pereira, *Diário Insular* (1.set.1962), pp. 1.4.
- Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário Popular* (24.abr.1953).
- Arquitectura Sacra, *Diário de Lisboa* (11.out.1960).
- Arte e espiritualidade, *Diário Ilustrado* (5.jan.1958).
- Arte Sacra, *Correio da Horta* (5.set.1962), p. 1.
- ATANÁSIO, P. Manuel Mendes, A arte na Exposição Universal de Bruxelas, *Novidades – Letras e Artes* (29 jun.1958), p. 3.
- ATANÁSIO, P. Manuel Cardoso Mendes, *Arte Moderna e Arte da Igreja*, MOP-DGSU, Coimbra (1959).
- ATANÁSIO, P. Manuel Mendes, O «Caso» da Sé de Bragança (Carta a João Valério), *Novidades – Letras e Artes* (9.ago.1965), p. 4.
- Audincourt, *L'Art Sacré*, n.ºs 3/4 (nov.-dez.1951).
- Autenticamente moderna?, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 6, n.º 31 (mai.-jun.1964), pp. 14-17.
- AZEVEDO, Fernando (coord.), O I Congresso Nacional de Arquitectura, *Os anos 40 na arte portuguesa*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1982), pp. 132-133.
- B., L. de, Uma exposição de arquitectura religiosa contemporânea na Galeria de S. Nicolau, *O Século* (19.abr.1953).
- Bairro Alvalade (Bairro das Estacas), *Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação*, n.º 7 (dez.1954).
- BÁRBARA, Artur Santa, S. João de Deus – A nova e monumental igreja de Lisboa, *Flama* (6.mar.1953), p. 12.
- BÁRBARA, Artur Santa, A Igreja da Avenida da Igreja, *Flama* (16.set.1955), p. 8.
- BARRETO, Costa, Uma realização feliz da nossa Arquitectura Religiosa Contemporânea, *O Comércio do Porto* (27.jan.1959), p. 5.
- BARRETO, Costa, Arte sacra contemporânea – O problema da colaboração das três artes, *Tempo Presente*, n.º 6 (out.1959), pp. 48-51.
- BARRETO, Costa, Arte sacra contemporânea – O problema das formas arquitectónicas, *Tempo Presente*, n.º 11 (mar.1960), pp. 36-39.
- BARRETO, Costa, Uma exposição de arte sacra moderna no Porto, *Colóquio – Artes e Letras*, n.º 8 (abr.1960), pp. 12-15.

- BARROS, Leitão de, Uma nova igreja reúne uma larga série de autênticas obras-primas da arte contemporânea, que a ornam com sóbria e sentida harmonia, *O Século* (12 out.1938), p. 1.
- BARTNING, Otto, WEYRES, Willy, *Kirchen*, Verlag Georg D. W. Callwey, Munique (1959).
- Blocos de Habitação Célula 8 no Bairro de Alvalade em Lisboa, *Arquitectura*, n.º 53 (nov.-dez.1954).
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, Museu de Arqueologia e Arte no Seminário Maior do Porto, *Lumen*, Ano XXII (mai.1958), p. 417.
- BRITO, Fernando Abrunhosa de, Remodelação da capela do Seminário Maior do Porto, *Binário*, n.º 81 (jun.1965), pp. 736-738.
- BRITO, Fernando Abrunhosa de, Arranjo interior da capela do Seminário-Maior do Porto, *Arquitectura*, n.º 82 (1961), pp. 61-64.
- CABRAL sj, João, Qualquer coisa de novo em Portugal, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.
- CABRAL sj, João, Qualquer coisa de novo em Portugal, *Correio de Coimbra* (25 nov.1954), pp. 1.3.
- CABRAL, Madalena, A Veste Sagrada, *Ora et Labora*, Ano 12, n.º 4 (1965), pp. 310-323.
- CABRAL, Madalena, O Evangelho vivido pelas crianças: uma experiência que abre novos caminhos à catequese, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 31 (1964), pp. 18-21.
- CALDAS, João Vieira, *Porfírio Pardal Monteiro – Arquitecto*, AAP – Secção Regional Sul, Lisboa (1997).
- CALDAS, João Vieira (coord.), *João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores*, IAC – Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo (2002).
- CAMPOS, Ana, A vida social da prata, *O percurso da prata no Norte de Portugal – Séculos XX e XXI*, Assoc. Empresarial de Portugal (2005), pp. 62-71.
- CAMPOS, Ana, João de Almeida: a emersão do design de prataria em Portugal, *João de Almeida: Arquitectura, Design, Pintura*, Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa (2012), pp. 60-71.
- CANAS, José Fernando, A Igreja de S. Domingos de Lisboa: o renascer das cinzas, *Monumentos*, n.º 6 (mar.1997), pp. 68-71.
- CANENA, João Lourenço, O Problema da Casa Portuguesa, *Ala*, Ano VI, n.º 72 (24.jun.1947), p. 3
- CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima, *Moderno Escondido – Arquitectura das Centrais Hidroeléctricas do Douro: 1953-1964*, FAUP – Publicações (1997).
- CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima, *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: 1991-2001*, Asa, Porto (2002).
- Capela e ossário; cemitério do Funchal (1951-58), *Binário*, n.º 3 (jun.1958), pp. 35-38.
- Capela do Seminário do Olival – Vila Nova de Ourém, *Arquitectura*, n.º 100 (nov.-dez.1967), pp. 238-241.245.
- Capela na Rinchoa – Braula Reis, *Arquitectura*, n.º 37 (fev.1951), pp. 9-11.
- Capela provisória da Damaia, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 7, n.º 41-42 (set.-out.-nov.1965), pp. 31-33.
- CARAVANA, David, PORTO, José Luís, A propósito do concurso de anteprojectos da igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Diário Popular* (22.out.1962), p. 6.
- CARAVANA, David, PORTO, José Luís, O concurso de anteprojectos da igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Diário Popular* (11.nov.1962), p. 17.

- CARDOSO, Abílio, A formação dos padres no Seminário dos Olivais: evolução do clima pedagógico, *Por caminhos não andados: Seminário dos Olivais 1945/68*, Multinova (2007), pp. 9-34.
- CARVALHO, Fr. Tomás de, As vestes sagradas e a renovação litúrgica, *Ora et Labora*, Ano 12, n.º 2 (1965), pp. 133-137.
- CASALI, Valerio, Marie-Alain Couturier et Le Corbusier, *Marie-Alain Couturier (1897-1954): Un combat pour l'Art Sacré*, Mémoire Dominicaine, n.º VI, Serre Editeur (2005).
- [Catálogo] *Exposição de arte sacra moderna*, Galeria Pórtico, Lisboa (1956).
- [Catálogo] *Arte sacra moderna*, Fundação Calouste Gulbenkian, Aveiro (1960).
- [Catálogo] *Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Exposição dos ante-projectos apresentados a concurso* [s.n.], Lisboa (1962).
- [Catálogo] *Novas igrejas na Alemanha*, Editorial Schnell & Steiner, Munique – Zurique (1964).
- [Catálogo] *Paramentaria Moderna*, Lisboa [Officinas Gráficas de Ramos, Afonso & Moita, Lda] (1964).
- [Catálogo] *Sé Catedral de Bragança - Exposição dos anteprojectos apresentados a concurso* [Soc. Gráfica Ocidental, Lda] (1964).
- CAUSSÉ, Françoise, Les rapports des Dominicains avec l'Art Sacré, *Architecture et Vie Dominicaine au XXe Siècle*, Mémoire Dominicaine, n.º 14, Les Éditions du Cerf (2000), pp. 169-197.
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, *Obras Pastorais*, Vol. 1, Lisboa, União Gráfica (1936).
- CEREJEIRA, D. Manuel [A nova igreja de Nossa Senhora de Fátima], *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, n.º 7 (nov.-dez.1938), pp. 185-186.
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, *Pastoral sobre Arte Sacra* (mar.1953).
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, A nova Igreja de S. João de Brito – A alocução de sua eminência, *Novidades* (3 out.1955), pp. 1.4.
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, Carta Pastoral: O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa, *Novidades* (19 dez.1959), pp. 1.5-6.
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, O Patriarcado precisa de 70 novas igrejas e 115 capelas, *Boletim de Informação Pastoral*, Lisboa, Ano 1, n.º 5 (dez.1959), pp. 9-11.
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, Decreto de criação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, *Novas Igrejas*, n.º 1 (jan.-mar. 1961), p. 5.
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, Novas Igrejas, *Encontro*, Ano 6, n.º 32 (fev.1961), pp. 4.10.
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves [Prefácio], *Novas Igrejas na Alemanha*, Editorial Schnell & Steiner, Munique – Zurique (1964), p. 5.
- Chegou a esta cidade o arquitecto J. Correia Rebelo que vem abrir a Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio dos Açores* (21.jan.1954).
- CLETO, Albino, Realidades do Sagrado, *Novellae Olivarum*, Ano XIV, n.º 136 (nov. 1956), pp. 161-165.
- CLETO, Albino, A arte cristã no seu valor histórico, *Novellae Olivarum*, Ano XV, n.º 153 (jun.1958), pp. 193-198.
- CLETO, Albino, Uma exposição no Porto revela-nos uma Arte Sacra Moderna em Portugal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano I, n.º 4 (out.-nov.1959), pp. 24-25.39.
- CLETO, Albino, O que será uma «autêntica» arte sacra moderna, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 7 (mar.-mai.1960), pp. 32-33.
- CLETO, Albino, Arte sacra moderna autêntica, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 8 (jun.-jul.1960), pp. 19-20.

- CLETO, Albino, Arte – Sacra – Moderna (Respondendo a algumas dúvidas), *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 8 (jun.-jul.1960), pp. 21-24.
- COBIÁN, Esteban Fernández, *El Espacio Sagrado en la Arquitectura Española Contemporánea*, Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, Santiago de Compostela (2005).
- COBIÁN, Esteban Fernández [Entrevistado por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo], *arqa – arquitetura e arte*, n.º 108 (jul.-ago.2013), pp. 22-23.
- COLAÇO, Tomaz Ribeiro, Igreja nova, defeitos velhos, *Juventude*, Ano I, n.º 5 (out.1938), pp. 11-12.
- COLAÇO, Tomaz Ribeiro, Arquitectura e religião – Carta aberta ao Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, *A arquitectura portuguesa e cerâmica e edificação reunidas*, Ano XXXI, 3.ª Série, n.º 47 (fev.1939), pp. 19-22.
- Começam hoje as festas para a inauguração da nova igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, *Novidades* (12.out.1938), p. 1.
- Como nasceu uma paróquia nos arrabaldes do Porto, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), pp. 21-25.
- Como se vai processando a reforma litúrgica em Portugal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 8, n.º 46-47 (abr.-mai.-jun.1966), pp. 39-40.
- Concurso da Sé de Bragança, *Boletim de Informação Pastoral*, Lisboa, Ano 6, n.º 35 (dez.1964), pp. 25-27.
- Concurso de Anteprojectos para a futura Sé de Bragança, *Arquitectura*, n.º 84 (nov.1964).
- Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, *Arquitectura*, n.º 76 (out.1962), pp. 11-31.52-53.
- Concurso de presépios organizado pelo Movimento de Renovação de Arte Religiosa, *A Voz* (21.ago.1954).
- Concurso para a execução de um presépio organizado pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Novidades* (21.ago.1954).
- Conferência de João Medeiros e Almeida lida pelo arquitecto J. Correia Rebelo, *Correio dos Açores* (14.fev.1954).
- [Conferência Episcopal de Fulda], Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana, *Novellae Olivarum*, Ano XIII, n.º 121 (jan.1955), pp. 1-7.
- Conferências, *Primeiro de Janeiro* (1.mai.1954).
- Conferências «A cultura contemporânea perante o pensamento católico», *Jornal de Notícias* (1.mai.1954).
- Conferências de Arte Sacra, *Ora et Labora*, Ano 1, n.º 4 (1954), p. 222.
- Congresso do Centro de Pastoral Litúrgica de Paris, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 1, n.º 3 (ago.-set.1959), p. 17.
- Congresso Internacional de Liturgia Pastoral, *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 6 (1956), pp. 270-279.
- Continuam os trabalhos do Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (5.jan.1958).
- CORREIA, António, À procura de marcas e linhas de espiritualidade(s) no Seminário dos Olivais, *Por caminhos não andados: Seminário dos Olivais 1945/68*, Multinova, 2007, pp. 63-76.
- CORSÉPIUS, Erich, *Ante-projeto da nova igreja de S. Jorge de Arroios – Memória Descritiva* (5.jun.1963).
- CORSÉPIUS, Erich, Igreja paroquial de S. Jorge de Arroios (Lisboa), *Binário*, n.º 176 (mai.1973), pp. 181-185.
- Cortejo de luz e velada de oração, *Diário de Notícias* (21.jun.1970).
- COSTA, João Bénard da, *Nós, os vencidos do catolicismo*, Tenacitas, Coimbra (2003).

- COSTA, Paulo Alexandre dos Santos, A igreja de N.^a Senhora de Fátima em Lisboa e a Arte Moderna em Portugal, *Lusitânia Sacra*, 2.^a Série, n.º 12 (2000), pp. 413-430.
- COUTO, João [A Exposição de arquitectura religiosa contemporânea], *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 3.
- COUTO, João, Promessa, *Novidades – Letras e Artes*, Ano XX, n.º 12 (7.abr.1957), p. 1.
- COUTO, João [A nova Sé de Bragança], *O Ocidente* (fev.1965).
- COUTURIER op, P. Marie-Alain, L'exemple de la Suisse alémanique, *L'Art Sacré*, n.ºs 1-2 (1947).
- COUTURIER op, P. Marie-Alain, Le Corbusier – Ronchamp, *L'Art Sacré*, n.ºs 11-12 (jul.-ago.1953), pp. 29-31.
- Crónica de vida do Seminário dos Olivais, *B.D.P. – Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n.º 8-9-10 (out.-dez.1968), pp. 11-13.
- CUNHA, João Alves da, Igreja de Santo António de Moscavide: história de um caminho não percorrido, *Didaskália*, n.º 40 (2010), pp. 167-192.
- CUNHA, João Alves da, O caso do concurso da Sé de Bragança (1964), *Monumentos*, n.º 31, Lisboa (2011), pp. 134-141.
- CUNHA, João Alves da, A igreja da Sagrada Família, do bairro da Tabaqueira, em Albarraque: percurso histórico e arquitectónico dos seus primeiros anos, *A igreja do Bairro da Tabaqueira: uma obra de Jorge Viana*, Edição Adictologia Unipessoal Lda (2012), pp. 62-89.
- CUNHA, João Alves da, Contributos dominicanos para a arquitectura religiosa moderna em Portugal, *A restauração da Província Dominicana em Portugal – Memórias e desafios*, Tenacitas, Coimbra (2012), pp. 147-159.
- CUNHA, João Alves da, João de Almeida: da Europa Central ao MRAR, *João de Almeida: Arquitectura, Design, Pintura*, Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa (2012), pp. 8-9.
- CUNHA, João Alves da, A igreja de N. Sra de Fátima, em Lisboa: novidade e tradição na arquitectura e liturgia de uma obra singular, *Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa: 75 anos*, Paróquia de N. Sra. de Fátima, Lisboa (2013), pp. 67-87.
- CUNHA, Luiz, BAIRRADA, Eduardo (coord.), *Arte Portuguesa*, n.ºs 2-3, Boletim da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1954).
- CUNHA, Luiz, A igreja de Ronchamp, *Miriam*, Vol. III, n.º 1 (jan.1956), pp. 18-21.
- CUNHA, Luiz, O espaço cristão, *Miriam*, Vol. III, n.º 2 (fev.1956), pp. 95-99.
- CUNHA, Luiz, Igrejas de hoje para cristãos de hoje – I, *Miriam*, Vol. III, n.º 7 (jul.1956), pp. 362-365.
- CUNHA, Luiz, Igrejas de hoje para cristãos de hoje – II, *Miriam*, Vol. III, n.ºs 8-9 (ago.-set.1956), pp. 450-453.
- CUNHA, Luiz, *Arquitectura Religiosa Moderna* [Imprensa Portuguesa], Porto (1957).
- CUNHA, Luiz, *Igreja da Paróquia de N.^a S.^a de Fátima – Mamodeiro/Póvoa de Valado – Aveiro, Memória Descritiva e Justificativa* (dez.1964).
- CUNHA, Luiz, Igreja de S. Mamede de Negrelos – Sto. Tirso, *Miriam*, 2.^a Série, n.º 2 (fev.1968), p. 38.
- CUNHA, Luiz, Catedral de Santa Maria, em Tóquio, *Miriam*, 2.^a Série, n.º 3 (mar.1968), p. 41.
- CUNHA, Luiz, Capela do Seminário Dominicano do Olival, *Miriam*, 2.^a Série, n.º 4 (abr.1968), p. 42.
- CUNHA, Luiz, Igreja de Nevogilde, *Arquitectura*, n.º 124 (mai.1972), pp. 20-23.
- CUNHA, Luiz, Carvalhido, Porto, *Ora et Labora*, Ano XXIII, n.ºs 1-2 (jan.-jun.1977), pp. 74-75.
- CUNHA, Luiz, A Arte Religiosa contemporânea, *Voz Portucalense*, Ano XII, n.º 44 (26.nov.1981), pp. 7.11.

- CUNHA, Luiz, Caminhos da arquitectura religiosa contemporânea em Portugal, *Laikos*, Ano VII, n.º 3-4 (jul.-dez.1984), pp. 462-470.
- CUNHA, Luiz, A pedra angular da nova arquitectura, *Fé e Cultura para o Ano 2000*, Publicação Communio, Lisboa (1985), pp. 67-79.
- CUNHA, Luiz, Actividade artística e acto divino da criação, *Communio*, Ano V, n.º 3 (mai.-jun.1988), pp. 284-285.
- CUNHA, Luiz, Uma realidade no limite do imaginário [entrevista de José Charters Monteiro], *Arquitectura e Vida*, Ano I, n.º 9 (out.2000), pp. 36-43.
- CUNHA, Luiz, Luiz Cunha – O Arquitecto e a Igreja [entrevista de Filipe Esménio], *Notícias da Portela*, Ano V, n.º 30 (dez.2002), pp. 4-7.
- Curso de arquitectura promovido pelo «Movimento de Arte Religiosa», *Jornal de Notícias* (29. dez.1957).
- Curso de Arquitectura Sacra, *Novidades* (29.dez.1957), p. 1.
- Curso de arquitectura sacra, *Diário Popular* (2.jan.1958).
- Curso de arquitectura sacra, *Diário Popular* (3.jan.1958).
- Curso de Arquitectura Sacra, *Diário Popular* (4.jan.1958).
- Curso de Arquitectura Sacra, *Diário Popular* (5.jan.1958).
- Curso de arquitectura sacra promovido pelo Movimento de Arte Religiosa, *Novidades* (3.jan.1958), p. 3.
- DAHINDEN, Justus, *New Trends in Church Architecture*, NZN Buchverlag (1967).
- De arte sacra nas Galerias «Pórtico», *Diário da Manhã* (28.mar.1956), pp. 3.6.
- De Arte Sacra no Pórtico, *O Cronista* (7.abr.1956), p. 8.
- DEBUYST, Frédéric, *Le renouveau de l'Art sacré de 1920 à 1962*, Mame (1991).
- Declarações do Júri – Declarações do arquitecto Octávio Filgueiras, *Jornal de Letras e Artes* (1.ago.1962), p. 9.
- Decreto do Senhor Cardeal-Patriarca sobre o caso do Padre Felicidade, *B.D.P. - Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n.º 8-9-10 (out.-dez.1968), pp. 15-17.
- Dentinho, José Miguel, João de Almeida – Jogos de espaço e luz, *Notícias Dyrup*, Ano XI, n.º 45 (out.1998), pp. 10-13.
- Détruire pour recréer, *L'Art Sacré*, n.º 11-12 (jul.-ago.1967).
- Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*, Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, Bolonha (1956).
- DIEKMANN, Godfrey [separata], O arranjo da igreja para o culto litúrgico, *Concilium*, n.º 2 (fev.1965).
- Documentário valioso e crítica construtiva numa exposição de arquitectura sacra, *Diário da Manhã* (17.abr.1953).
- DÖPFNER, Cardeal Julius [Prefácio], *Novas Igrejas na Alemanha*, Editorial Schnell & Steiner, Munique – Zurique (1964), p. 7.
- DUARTE, P. Armino dos Santos, Igreja nova – o que dizem: o pároco, *Ecos de Moscovide*, Ano II, n.º 10 (30.nov.1956), pp. 1-2.
- DUARTE, Marco Daniel, *Arte Sacra em Fátima – Uma peregrinação estética*, Fundação Arca da Aliança, Fátima (2006).
- É inaugurada hoje na Escola Superior de Belas-Artes a «Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea», *Comércio do Porto* (13.jun.1953).
- Ecos do Movimento Litúrgico, *Ora et Labora*, Ano 2, n.º 3 (1954), pp. 163-167.
- Ecos do Movimento Litúrgico, *Ora et Labora*, Ano 6, n.º 1 (1959), p. 33.

- Église Notre-Dame de Fatima à Lisbonne, *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, Ano 10, 4.^a Série, n.º 5 (mai.1939), p. 34-35.
- Em imponente cortejo religioso e militar, as relíquias de S. Frei Nuno foram ontem solenemente trasladadas para a igreja-monumento que Portugal ergueu ao seu herói maior, *Novidades* (15.ago.1951), p. 3.
- Em Vendas Novas deve estar concluída em Outubro próximo a igreja de S. Gabriel, *Novidades* (2.ago.1951).
- Encerram-se hoje os trabalhos do Curso de Arte Sacra, *Novidades* (5.jan.1958), pp. 1.3.
- Encerramento da Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio do Minho* (27.nov.1954).
- Encerramento da Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio do Minho* (28.nov.1954).
- ESCADA, José, Encontro com um artista cristão (entrevista), *Encontro*, Ano 3, n.º 15 (fev.1958), pp. 10-11.
- ESCADA, José, A pintura sacra e a sua função litúrgica (entrevista), *Novidades* (11.fev.1961), pp. 1.4.
- Esta grandiosa igreja está toda no coração de cada um de nós, *Novidades* (20.jun.1970), pp. 1.2.
- ESTIMA, Alberto Jorge, *Arquitectura Religiosa em Portugal na Época Contemporânea: 1936-1996* [Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto], Porto (2005).
- Eugénio Correia – Parabolóides, *Arquitectura*, Ano XXIV, 2.^a Série, n.º 40 (out.1951), pp. 19-21.
- Exposição de Arquitectura Religiosa, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 14 (mai.1953).
- Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio de Coimbra* (2.dez.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário Popular* (15.abr.1953).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário de Notícias* (16.abr.1953).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Jornal do Comércio* (17.abr.1953).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Primeiro de Janeiro* (13.jun.1953).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Correio dos Açores* (30.jan.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Correio dos Açores* (31.jan.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Correio do Minho* (10.nov.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário do Minho* (10.nov.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Correio do Minho* (14.nov.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário do Minho* (14.nov.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Correio do Minho* (20.nov.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário do Minho* (21.nov.1954).
- Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário do Minho* (26.nov.1954).
- Exposição de Arquitectura religiosa contemporânea, *Ora et Labora*, Ano 2, n.º 1 (1955), pp. 46-47.
- Exposição de Arquitectura Religiosa em Lourenço Marques, *Novidades* (16.mar.1955).
- Exposição de Arte Religiosa Contemporânea em Braga, *Novidades* (17.nov.1954).
- Exposição de arte sacra, *Diário Popular* (26.mar.1956), p. 7.
- Exposição de Arte Sacra, *Diário de Notícias* (26.mar.1956), p. 4.
- Exposição de Arte Sacra, *Novidades* (26.mar.1956), p. 1.
- Exposição de Arte Sacra, *O Século* (26.mar.1956), p. 7.
- Exposição de Arte Sacra Moderna, *Jornal de Notícias* (20.jun.1959).
- Exposição de arte sacra moderna, *Jornal de Notícias* (22.jun.1959).

- Exposição de arte sacra moderna, *Jornal de Notícias* (26.jun.1959).
- Exposição de arte sacra moderna, *Jornal de Notícias* (29.jun.1959).
- Exposição de Arte Sacra Moderna, *O Comércio do Porto* (12.mar.1960), p. 2.
- Exposição de Arte Sacra Moderna no Porto, *Novidades* (20.jun.1959), p. 4.
- F. P., Exposição de Arte Sacra Moderna, *Diário da Manhã* (2.fev.1949), p. 5.
- FALCÃO, P. Manuel Franco, Finalidade da campanha das novas igrejas e do secretariado (entrevista), *Novidades* (18.fev.1961), pp. 1-5.
- FALCÃO, P. Manuel Franco, O interesse pastoral da sociologia religiosa, *Novellae Olivarum*, Ano XIV, n.º 135 (out.1956), pp. 132-142.
- FALCÃO, P. Manuel Franco, A paróquia, sua crise, seu valor, *Lumen*, Ano XXII (mai.1958), pp. 375-384.
- FERNANDES, Francisco, TAMEN, Pedro, *Salmos para cantar*, Paróquia de Santa Isabel, Lisboa (1966).
- FERNANDES, José Manuel, Arquitectura dos Anos 50 em Portugal, principalmente em Lisboa, *Arquitectura*, n.º 148 (jan.-fev.1983), pp. 62-65.
- FERNANDES, José Manuel, LACERDA, Manuel, Prémio Valmor, *Jornal Arquitectos*, n.ºs 35-36 (mar.-abr.1985), pp. S1-S8.
- FERNANDES, José Manuel, A arquitectura entre o modernismo e o nacionalismo, *Portugal Contemporâneo*, Vol. 4, Publicações Alfa (1990), pp. 279-288.
- FERNANDES, José Manuel, Anos 60 – anos de consequência?, *Anos 60, anos de ruptura: arquitectura portuguesa nos anos sessenta*, Livros Horizonte (1994).
- FERNANDES, José Manuel, O ‘marco’ de Siza, in *Expresso* (6.jun.1998), pp. 116-117.
- FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura Religiosa*, in *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, Universidade Católica Editora, Lisboa (2000), pp. 11-41.
- FERNANDES, José Manuel, *Geração Africana – Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Livros Horizonte (2002).
- FERNANDES, José Manuel, *Arquitectos do Século XX: da tradição à modernidade*, Caleidoscópico (2006).
- FERNANDES, José Manuel, *Arquitectos Segurado*, INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2011).
- FERNANDES, José Manuel, RIBEIRO, João Salvado (coord.), *A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana*, Edição Adictologia Unipessoal Lda (2012).
- FERNANDEZ, Sérgio, *Percursos arquitectura portuguesa 1930/1974*, FAUP Publicações (1988).
- FERREIRA, António Matos, FONTES, Paulo F. de Oliveira, Acção Católica Portuguesa, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. 1, Círculo de Leitores (2000), pp. 9-18.
- FERREIRA, Carlos Antero, *Betão aparente em Portugal*, Edição Associação Técnica da Indústria do Cimento, Lisboa (1972).
- FERREIRA, Manuel Pedro, Orey, Francisco Manuel Cardoso d’, *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*, Vol. 3, Círculo de Leitores (2010), p. 939.
- FERREIRA, Nuno Estevão Figueiredo, O Tempo e o Modo – revista de pensamento e acção (1963-1967): repercussões eclesiológicas de uma cultura de diálogo, *Lusitânia Sacra*, 2.ª série, n.º 6 (1994), pp. 129-294.
- FERREIRA, P. José, Em Assis, o 1º Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica, *Novellae Olivarum*, Ano XIV, n.º 136 (nov.1956), pp. 184-188.
- FERREIRA, P. José, «Esta é a Casa de Deus» – a propósito da igreja de Moscovide, *Novidades – Letras e Artes*, Ano XX, n.º 12 (7 abr.1957), pp. 1-2.

- Foi ontem inaugurada a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea na Escola do Magistério Primário, *Correio do Minho* (21.nov.1954).
- Foi reprovado o anteprojecto da nova Sé de Bragança, *Diário Popular* (28.jun.1965), pp. 7-16.
- FONTES, Paulo, A Acção Católica Portuguesa (1933-1974) e a presença da Igreja na Sociedade, *Lusitânia Sacra*, 2.ª série, n.º 6 (1994), pp. 61-100.
- FONTES, Paulo Oliveira, O catolicismo português no século XX: da separação à democracia, *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa (2002), pp. 129-351.
- FONTES, Paulo, A União Noelista Portuguesa – Um movimento católico de mulheres, *Faces de Eva*, n.º 22, Edições Colibri/Universidade Nova de Lisboa (2009), pp. 105-123.
- FRANÇA, José-Augusto, *A arte em Portugal no século XX (1911-1961)*, 3.ª Edição, Venda Nova, Bertrand Editora (1991).
- FRANÇA, José-Augusto, *O modernismo na arte portuguesa*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 3.ª edição (1991).
- FRANCO, António Luciano de Sousa, O Cardeal Cerejeira e os leigos, *Lusitânia Sacra*, 2.ª série, n.º 2 (1990), pp. 147-168.
- FREITAS, António, Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Vértice – Revista de Cultura e Arte*, Vol. XIII, n.º 118 (jun.1953), pp. 386-388.
- FREITAS, Emanuel Gaspar de, *A obra de Raul Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*, Caleidoscópio (2010).
- FREITAS, P. José de, Igrejas modernas – Arroios, Lisboa, *Ora et Labora*, Ano XXIV, n.º 4 (out.-dez.1978), pp. 288-293.
- FURTADO, José, A primeira igreja de Teotónio Pereira, *Reconquista* (23.mai.2003), p. 31.
- GALVÃO, Andreia, Jorge Segurado (1898-1990): o arquitecto, o seu tempo e a sua obra, *Jornal dos Arquitectos*, n.º 189 (mar.-abr.1999), pp. 42-46.
- GALVÃO, P. H. de Noronha, O problema das imagens, *Novellae Olivarum*, Ano XV, n.º 143 (jun.1957), pp. 198-206.
- GALVÃO, P. H. de Noronha, A propósito de imagens: religião viril – arte viril / arte viril – religião viril, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 9 (ago.-set.out.1960), pp. 23-27.
- GANHÃO, Joaquim Augusto Nunes, *O Movimento Litúrgico em Portugal – o contributo de Monseñor Pereira dos Reis*, Associação Mons. Pereira dos Reis, Lisboa (2006)
- GOODWIN, Philip, *Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942*, MOMA, 1943
- GRESLERI, Giuliano, GRESLERI, Glauco, *Le Corbusier: Il programma liturgico*, Editrice Compositori, Bologna (2001).
- GRESLERI, Glauco, BEATRICE, Bettazzi M., GRESLERI, Giuliano, *Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna*, Editrice Compositori, Bologna (2004).
- GUARDINI, Romano, *Lesprit de la liturgie*, Collection Credo, Edition Plon, Paris (1955).
- Há nos Açores uma grande riqueza arquitectónica e religiosa, *A União* (4.set.1962), p. 2.
- HAMMOND, Peter, *Liturgy and Architecture*, Columbia University Press, Nova Iorque (1961).
- HEATHCOTE, Edwin, SPENS, Iona, *Church Builders*, Academy Editions, Londres (1997).
- HEATHCOTE, Edwin, MOFFAT, Laura, *Contemporary Church Architecture*, Wiley Academy (2007).
- HIGINO, Nuno, SIZA, Álvaro, *Igreja de Santa Maria de Marco de Canavezes*, Edição da Paróquia de Santa Marinha de Fornos e Francisco Guedes, Marco de Canavezes (1998).
- Igreja de Nossa Senhora do Rosário, *Binário*, n.º 81 (jun.1965), pp. 729-731.
- Igreja de S. Mamede de Negrelos, Santo Tirso, *Arquitectura*, n.º 102 (mar.-abr.1968), pp. 68-72.

- Igreja do Alto da Manga: entrevista com o arquitecto Garizo do Carmo, *Diário de Moçambique*, Beira (19.jun.1956), p. 3.
- Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, *Arquitectura*, n.º 123 (set.-out.1971), pp. 165-170.
- Igreja Nova, *Correio do Vouga* (18.out.1968), p. 5.
- Igreja paroquial de Almada, *Arquitectura*, n.º 123 (set.-out.1971), pp. 172-175.
- Igreja paroquial do Carvalhido, *Arquitectura*, n.º 124 (mai.1972), pp. 15-17.
- Igrejas modernas – S. Mamede de Negrelos, *Ora et Labora*, Ano XXIII, n.ºs 1-2 (jan.-jun.1977), pp. 56-60.
- Igrejas novas – Igreja paroquial de Barco (Fundão), *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 7, n.º 37-38 (mar.-abr.-mai.1965), pp. 18-19.
- Inaugura-se amanhã a igreja de Santo António de Moscavide, *Novidades* (8.dez.1956).
- Inaugura-se hoje em Braga a Exposição de Arte Religiosa Contemporânea, *Novidades* (20.nov.1954).
- Inauguração do Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (3.jan.1958).
- Inaugurada pelo Bispo de Aveiro a igreja de Nossa Senhora de Fátima, *O Comércio do Porto* (14.out.1938), p. 7.
- Inauguradas em Almada e no Barreiro duas grandes igrejas paroquiais, *B.D.P. – Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano III, n.ºs 21-22 (jan.-fev.1970), pp. 9-10.
- Intervenção de artistas plásticos na obra do atelier de Nuno Teotónio Pereira*, Museu Municipal Jorge Vieira, Beja (2004).
- J. B., Duas igrejas: Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa; Igreja Paroquial de Almada, *Binário*, n.º 161 (fev.1972), pp. 70-75.
- J. M., Arte Moderna e Arte da Igreja, *Ora et Labora*, Ano 7, n.º 3 (1960), pp. 141-145.
- João de Almeida: *Arquitectura, Design, Pintura*, Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa (2012).
- JÚDICE, José, Bragança: uma catedral para a Europa, *Expresso Revista* (24.dez.1988), pp. 42-44.
- L. N., A nova igreja é a obra arquitectónica mais arrojada da nossa época em Portugal, *O Século* (13.out.1938), p. 6.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia, Luiz Cunha, *Jornal Arquitectos*, n.ºs 112-113 (jun.-jul.1992), pp. 60-63.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia, Luiz Cunha – Arquitecto e Artista, *Percursos de Carreira*, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa (1994), p. 45.
- LAVERGNE, Sabine de, *Art Sacré et Modernité – Les grands annés de la revue «L'Art Sacré»*, Éditions Lessius (1992).
- Le Corbusier, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 7, n.ºs 44-45 (jan.-fev.-mar.1966), pp. 32-36.
- Le Corbusier – Um couvent dominicain, *L'Art Sacré*, n.ºs 7-8 (mar.-abr.1960).
- Le Mystère du Baptême I – L'ésprit de la célébration, *L'Art Sacré*, n.ºs 3/4 (nov.-dez.1962).
- Le Mystère du Baptême I – L'architecture et le geste rituel, *L'Art Sacré*, n.ºs 5/6 (jan.fev.1963).
- Le Père Couturier, *L'Art Sacré*, n.ºs 9-10 (mai.-jun.1954).
- LEAL, A. Freitas, ALMEIDA, João, Nota dos organizadores da exposição, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), pp. 2-3.
- LEAL, A. Freitas, *Projecto da Igreja de S. Sebastião – Paroquial das Mouriscas: Memória Descritiva e Justificativa* (1955).
- LEAL, A. Freitas, *Projecto da igreja paroquial de St. António de Moscavide – Memória Descritiva e Justificativa* (jan.1956), pp. 1-5.
- LEAL, A. Freitas, *Introito, Exposição de Arte Sacra Moderna*, Lisboa: [sn.] (Tipografia Teixeira, Lda) (26.mar.1956).

- LEAL, A. Freitas, O que é o Movimento de Renovação de Arte Religiosa, *Vita Nova*, n.º 70 (mar.-abr.1956), pp. 12-13.
- LEAL, A. Freitas, Igreja nova – o que dizem: o arquitecto, *Ecos de Moscovide*, Ano II, n.º 10 (30.nov.1956), pp. 1-2.
- LEAL, A. Freitas, *Anexos da igreja paroquial de Budens – Memória Descritiva e Justificativa* (31. dez.1956).
- LEAL, A. Freitas, Considerações sobre a igreja de Moscovide, *Alleluia* (abr.1957), pp. 16-17.
- LEAL, A. Freitas, O MRAR – o que é?, *Encontro*, n.ºs 10-11 (abr.-mai.1957), p. 10.
- LEAL, A. Freitas, *Igreja paroquial de Vidais – Memória Descritiva e Justificativa* (jun.1960).
- LEAL, A. Freitas, Novas Igrejas – comentário, *Encontro*, Ano 6, n.º 32 (fev.1961), p. 4.
- LEAL, A. Freitas, *Igreja do Seminário Liceal de Penafirme, Torres Vedras – Relatório das Obras* (jan.1962), pp. 1-2.
- LEAL, A. Freitas, *Obras de adaptação da Igreja dos Congregados, Braga – Ante-projecto: Memória descritiva e justificativa* (30.set.1963), pp. 1-2.
- LEAL, A. Freitas, O restauro da igreja de Santa Isabel: entrevista com o Arquitecto Freitas Leal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 5, n.º 27 (nov.-dez.1963), pp. 24-29.
- LEAL, A. Freitas, *Igreja de S. Mamede – Lisboa: Adaptação do Santuário* (out.1966).
- LEAL, A. Freitas, *Igreja do Lumiar – obras de beneficiação: memória descritiva* (7.nov.1994).
- LEITE, António, A crise do clero, *Brotéria*, Vol. 88, n.º 4 (abr.1969), pp. 503-517.
- LEMONS, Artur, Breve história da Novellae Olivarum, *Por caminhos não andados: Seminário dos Olivais 1945/68*, Multinova, 2007, pp. 97-152.
- LERCARO, Cardeal Giacomo, A participação activa na Santa Missa, *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 3 (1956), pp. 116-124.
- LERCARO, Cardeal Giacomo, A participação activa na Santa Missa II, *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 4 (1956), pp. 164-169.
- Les chapelles de secours, *L'Art Sacré*, n.ºs 9-10 (mai.-jui.1958), pp. 15-29.
- LIENHARDT, Conrad, *Rudolf Schwarz (1897-1961): Werk, Theorie, Rezeption*, Schnell & Steiner (1997).
- LIENHARDT, Conrad, *Emil Steffann (1899-1968): Werk, Theorie, Wirkung*, Schnell & Steiner (1999).
- Lições de uma exposição, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 30 (1964), pp. 17-20.
- LIMA, Joaquim da Costa, Pio XI e a Arte Moderna, *Brotéria*, Vol. 17 (jul.1933), pp. 26-36.
- LIMA, Joaquim da Costa, Arte Viva, *Brotéria*, Vol. 17 (dez.1933), pp. 358-364.
- LIMA, Joaquim da Costa, História da moderna estética religiosa, *Brotéria*, Vol. 34 (jan.1942), pp. 72-81.
- LIMA, Joaquim da Costa, Modernidade artística, *Brotéria*, Vol. 36 (fev.1943), pp. 142-144.
- LIMA, Joaquim da Costa, Arte sacra e arte laica, *Brotéria*, Vol. 45 (jul.1947), pp. 79-83.
- LIMA, Joaquim da Costa, Realidades certas, *Brotéria*, Vol. 48, n.º 1 (jan.1949), pp. 58-71.
- LIMA, Joaquim Costa, Exposições faladas, *Brotéria*, Vol. 48, n.º 5 (mai.1949), p. 611.
- LIMA, Joaquim da Costa, Inspiração medieval nalgumas igrejas de França, *Brotéria*, Vol. 55, n.º 1 (jul.1952), pp. 24-33.
- LIMA, Joaquim da Costa, Notabilidades da arte – Madalena Cabral, *Brotéria*, Vol. 56, n.º 1 (jan.1953), p. 34.
- LINO, António, Apontamentos da Arte Cristã, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 17 (ago.1953), p. 10.
- LINO, Raul, A igreja queimada, *Diário de Notícias* (7.jul.1962), pp. 1.4.

- Luiz Cunha: arquiteto, artista, professor, *ArchiNews*, Ano VII, Edição Especial n.º 3 (2012).
- M. de O., De Arte Sacra Moderna na Galeria Pórtico, *Diário Popular* (11.abr.1956), p. 6.
- MAFRA, P. Luís de Azevedo, *Lisboa no tempo do Cardeal Cerejeira*, Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1997.
- MARGARIDO, Alfredo, *Das Artes Plásticas – Novas Igrejas na Alemanha*, *Jornal Artes e Letras* (29.abr.1964).
- MARQUES, João Luís [Prova final], *Na casa de meu pai há muitas moradas*, FAUP (2005).
- MARTIN osb, D. M., Culto do belo nas coisas do culto, *Ora et Labora*, Ano 1, n.º 3 (1954), pp. 137-143.
- MARTIN osb, D. M., Aspectos actuais da arte sacra, *Ora et Labora*, Ano 1, n.º 4 (1954), pp. 188-196.
- MARTIN osb, D. M., O altar – I, *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 2 (1956), pp. 67-74.
- MARTIN osb, D. M., O altar – II, *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 3 (1956), pp. 132-136.
- MARTIN osb, D. M., O altar – III, *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 4 (1956), pp. 177-180.
- MARTIN osb, D. M., O altar – IV, *Ora et Labora*, Ano 3, n.º 5 (1956), pp. 231-235.
- MARTIN osb, D. M., A propósito de artigos recentes, *Ora et Labora*, Ano 4, n.º 3 (1957), pp. 126-129.
- MARTIN osb, D. M., O baptistério, *Ora et Labora*, Ano 4, n.º 4 (1957), pp. 168-172.
- MARTIN osb, D. M., A propósito duma igreja moderna, *Ora et Labora*, Ano 4, n.º 5 (1957), pp. 210-219.
- MARTIN osb, D. M., O confessionário, *Ora et Labora*, Ano 4, n.º 6 (1957), pp. 263-268.
- MARTIN osb, D. M., Casula – I, *Ora et Labora*, Ano 7, n.º 1 (1960), pp. 47-53.
- MARTIN osb, D. M., Casula – II, *Ora et Labora*, Ano 7, n.º 2 (1960), pp. 93-96.
- MARTIN osb, D. M., Arte sacra, *Ora et Labora*, Ano 8, n.º 1 (1961), pp. 16-19.
- MARTIN osb, D. M., Nova et Vetera, *Ora et Labora*, Ano 8, n.º 3 (1961), pp. 124-128.
- MARTIN osb, D. M., Nova et Vetera – II, *Ora et Labora*, Ano 8, n.º 4 (1961), pp. 172-176.
- MARTIN osb, D. M., A propósito de leituras recentes – I, *Ora et Labora*, Ano 9, n.º 1 (1962), pp. 44-49.
- MARTIN osb, D. M., A propósito de leituras recentes – II, *Ora et Labora*, Ano 9, n.º 2 (1962), pp. 96-101.
- MARTINS, Armando Alves, Uma lição de beleza, *Diário de Coimbra* (8 dez.1954), pp. 1.7.
- MARTINS, João Paulo, Arquitetura: do romantismo à actualidade, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. 1, Círculo de Leitores (2000), pp. 115-117.
- MARTINS, Manuel Tiago Monteiro, Os padres dos Olivais nos anos 60 – a Tribuna Livre, *Por caminhos não andados: Seminário dos Olivais 1945/68*, Multinova, 2007, pp. 227-270.
- MARTINS, Rogério, A Exposição de arquitectura religiosa contemporânea, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 1.
- MATTOSO osb, fr. José, Aspectos litúrgicos dos ante-projectos para a Sé de Bragança, *Ora et Labora*, Ano XII, n.º 1 (1965), pp. 34-49.
- MENDES sj, João, Arte pela Arte I, *Brotéria*, Vol. 37 (out.1943), pp. 255-265.
- MENDES sj, João, A Arte pela Arte II, *Brotéria*, Vol. 37 (nov.1943), pp. 347-359.
- MENDES sj, João, A Arte pela Arte III, *Brotéria*, Vol. 38 (abr.1944), pp. 374-384.
- MENDES sj, João, A Arte pela Arte IV, *Brotéria*, Vol. 38 (jun.1944), pp. 617-630.
- MENDES sj, João, Arte e Vida, *Brotéria*, Vol. 39 (out.1944), pp. 287-302.
- MENDES sj, João, O bem, o mal e a arte, *Brotéria*, Vol. 44 (mar.1947), pp. 269-285.
- MENDES sj, João, Estética e ética, *Brotéria*, Vol. 63 (set.1956), pp. 300-315.

- MENDONÇA, Manuela, *Moscavide – Contributos para a sua história*, Paróquia de Moscavide (2006).
- MENDONÇA, Maria José de, Alguns comentários acerca de uma exposição, *Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 17 (ago.1953), p. 11.
- MENDONÇA, Maria José de, Arte sacra ornamental (entrevista), *Novidades* (19.fev.1961), pp. 1-5.
- MENÉRES, Clara, *Artes Plásticas de Temática Religiosa*, in *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, Universidade Católica Editora, Lisboa (2000), pp. 43-71.
- MENEZES, Alzina de, CORSÉPIUS, Erich, *Ante-Projecto de uma Igreja – Memória descritiva* (16.abr.1966).
- Mensagem do Senhor Cardeal-Patriarca sobre a crise do Seminário dos Olivais, *B.D.P. - Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n.ºs 8-9-10 (out.-dez.1968), p. 10.
- MILHEIRO, Ana Vaz, *Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Nuno Teotónio Pereira, a procura da manhã clara – Arquitectos Portugueses Contemporâneos: Obras comentadas e Itinerários para a sua visita*, Fasc.10, Ed. Jornal Público (2004).
- MINDLIN, Henrique E., *L'Architecture Moderne au Brésil*, Colibris Editora (1956).
- MIRANDA, Manuel de, A Igreja dos Congregados, *Correio do Minho* (20.out.1964), pp. 1-4.
- MIRANDA, Manuel de, A Igreja dos Congregados (conclusão), *Correio do Minho* (21.out.1964), p. 1.
- Missa campal no terreno onde vai ser construída a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Novidades* (22.abr.1956), p. 1.
- MONTEIRO osb, Crisóstomo, Igrejas modernas - Carvalhido, Porto, *Ora et Labora*, Ano XXIII, n.ºs 1-2 (jan.-jun.1977), pp. 74-78.
- MONTEIRO, Porfírio Pardal, *Memória descritiva do projecto da nova igreja a construir para a Arquiconfraria do Santíssimo Sacramento de São Julião, pela Sociedade Progresso de Portugal* (fev.1934).
- MONTEIRO, Porfírio Pardal, Igreja de Nossa Senhora de Fátima, *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, n.º 7 (nov.-dez.1938).
- Moscavide em festa inaugurou a sua igreja paroquial, *Diário Popular* (9.dez.1956).
- Movimento das Novas Igrejas no Patriarcado de Lisboa, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano III, n.º 12 (mar.-abr.-mai.1961), p. 20.
- Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Diário de Notícias* (20.ago.1954).
- Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Comércio do Porto* (30.abr.1957).
- Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Jornal de Notícias* (30.abr.1957).
- Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Ora et Labora*, Ano XIV, n.º 3 (1967), pp. 232-233.
- MRAR – Boletim, 1.ª Série, n.º 1 a 4 (jan.1957 a abr.1958).
- MRAR – Boletim, 2.ª Série, n.º 1 a 30 (jun.1961 a jun.1966).
- MRAR – Boletim, 3.ª Série, s/n.º (jan.1968).
- N. P. , Nota da semana, *Correio de Coimbra* (1.abr.1954).
- Na Escola Superior de Belas-Artes realizou-se uma sessão cultural integrada no «Movimento Internacional de Renovação da Arte Sacra», *Comércio do Porto* (1.mai.1954).
- Na Galeria Pórtico é hoje inaugurada uma exposição de arte sacra, *A Voz* (27.mar.1956), p. 6.
- Na Junta Geral do Funchal – A conferência do Sr. arquitecto Freitas Leal, *Jornal da Madeira* (5.jan.1955).

- Na noite de sábado no Claustro de Santo André, os arquitectos Teotónio Pereira e Correia Rebelo em palestras-colóquios sobre Arte Religiosa Moderna, *Correio dos Açores* (6.set.1962), p. 1.
- NABAIS, Joaquim, Nuno Teotónio Pereira e a igreja de Águas, *Jornal do Fundão* (7.mai.2004), p. 12.
- Nas bodas de prata da Rádio Marconi, vai inaugurar-se a capela de S. Gabriel Arcanjo, *Novidades – Letras e Artes* (18.nov.1951).
- Nem tudo é fado..., *Diário de Lisboa* (6.jan.1958).
- NEMÉSIO, Vitorino, *Palestra semanal na Emissora Nacional [sobre a futura igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa]* (14.abr.1956), pp. 1-2.
- NEMÉSIO, Vitorino, Formas sinceras, *Novidades – Letras e Artes*, Ano XX, n.º 12 (7.abr.1957), p. 1.
- NEMÉSIO, Vitorino, Restaurar e reconstruir, *Diário Popular* (10.out.1959), pp. 1.12.
- NEMÉSIO, Vitorino, Corpo e função das igrejas, *Diário Popular* (24.out.1959), pp. 1.12.
- NEMÉSIO, Vitorino, A arte sacra moderna e a cultura (entrevista), *Novidades* (19.fev.1961), pp. 1.4.
- NESMY, D. Claude-Jean, A Igreja e a Arte Sacra, *Ala*, Ano V, n.º 66 (6.jan.1947), pp. 1-2.
- No claustro do Convento de Santo André, a palestra-colóquio sobre Arte Religiosa Moderna permitiu uma melhor compreensão deste assunto tão agitado em nossos dias, *Açores* (12.set.1962), pp. 1-2.
- No Seminário Maior os arquitectos Diogo Lino Pimentel e António de Freitas Leal proferiram, ontem, uma conferência sobre Arte Sacra Moderna, *Jornal da Madeira* (24.jul.1964).
- No terreno da velha igreja de Arroios vai construir-se uma igreja nova, *B.D.P. – Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano III, n.ºs 23-24 (mar.-abr.1970), p. 11.
- NOBRE, Roberto, Exposição de Arte Sacra Moderna, *O Primeiro de Janeiro* (18.abr.1956), p. 3.
- Nos amis d'Allemagne, *L'Art Sacré*, n.ºs 3/4 (nov.-dez.1959).
- Nova igreja paroquial de Almada, *Novidades* (15.dez.1969), p. 15.
- Novas Igrejas na Alemanha, *Diário Popular* (2.abr.1964), pp. 8.15.
- Novas Igrejas na Alemanha, *Novidades – Letras e Artes* (5.abr.1964), p. 3.
- «Novas Igrejas na Alemanha» – na Sociedade de Belas-Artes, *Jornal Artes e Letras* (8.abr.1964), p. 8.
- «Novas Igrejas na Alemanha» – Uma notável exposição ontem inaugurada na S.N.B.A. pelo Chefe de Estado, *Novidades* (3.abr.1964), p. 3.
- Novas igrejas para a Diocese do Funchal, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VII, n.ºs 37-38 (mar.-abr.-mai.1965), pp. 15-17.
- Novos conceitos de igrejas, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 11, n.ºs 56-57 (jan.1969), pp. 28-32.
- NUNES, Natália, Meditação sobre a nova Sé de Bragança, *Jornal de Letras e Artes* (2.dez.1964), pp. 1.4.11.
- O cardeal D. Jaime Lercaro que preside às cerimónias de Fátima visitou em Coimbra a irmã Lúcia, *Diário Popular* (12.out.1960).
- O cardeal Lercaro condenou a guerra e as injustiças sociais na sua homilia em Fátima, *Diário de Lisboa* (13.out.1960).
- O cardeal Lercaro profere uma conferência no Instituto Superior Técnico, *Diário Popular* (10.out.1960).

- O Cardeal Lercaro – Um dos grandes mestres da Pastoral Moderna, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 1, n.º 2 (jun.-jul.1959), pp. 13-14.
- O cardeal Lercaro visitou hoje Coimbra e seguiu para a Cova da Iria, *Diário de Lisboa* (12. out.1960).
- O Cardeal Patriarca inaugura hoje a nova igreja paroquial de Almada, *Novidades* (14.dez.1969), p. 1.
- O Cardeal-Patriarca presidiu ontem à cerimónia do lançamento da primeira pedra da nova igreja do Coração de Jesus, *Diário de Notícias* (23.mai.1966), p. 2.
- O concurso da Sé de Bragança, *Boletim de Informação Pastoral*, Lisboa, Ano 7, n.º 39 (jun.1965), pp. 3-11.13.
- O Conhecimento de Deus – Homenagem a Henrique de Noronha Galvão, *Didaskalia*, Vol. XXXVIII, Fasc. 2 (2008).
- O Convento de La Tourette, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano III, n.º 14 (1961) pp. 21-25.
- O monumento de Santa Engrácia, *Diário de Lisboa* (5.jan.1958).
- O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o seu reflexo na cidade do Porto, *Diário do Norte* (29.abr.1957).
- O «MRAR» – Revisão de vida e projectos de futuro, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 9, n.os 51-52 (1967), pp. 45-46.54.
- O Patriarcado precisa de 70 novas igrejas e 115 capelas, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano I, n.º 5 (dez.1959), pp. 9-11.
- O *Pensamento Católico e a Universidade – I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica*, Edição das Direcções-Gerais da JUC e JUCF, Lisboa (1953).
- O primeiro dever da Arte é ser Arte, *Novidades* (3.out.1955).
- O problema da construção da nova Sé de Bragança visto pelos autores do anteprojecto reprovado, *Diário Popular* (15.jul.1965), pp. 1.14.
- O problema das igrejas do Patriarcado de Lisboa, *Diário Popular* (19.dez.1959), p. 11.
- O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – Ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira, *Novidades – Letras e Artes* (26.ago.1951), p. 4.
- O que vamos ver, *Eva* (abr.1956), p. 31.
- O Senhor Arcebispo de Évora consagrou ontem a capela de S. Gabriel, *Novidades* (17.dez.1951).
- O Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa benzerá hoje de manhã solenemente a nova igreja de Nossa Senhora de Fátima, *Novidades* (13.out.1938)
- Os arquitectos Diogo Lino Pimentel e António de Freitas Leal proferiram ontem, no Seminário Maior, a sua segunda conferência sobre Arte Sacra Moderna, *Jornal da Madeira* (25. jul.1964), p. 1.
- «Olhai e fazei assim» – o admirável exemplo do Cardeal de Bolonha, *Ora et Labora*, Ano I, n.º 2 (1954), pp. 96-97.
- OLIVEIRA, A. Lopes de, O sentido arquitectural português na obra de Vasco Regaleira, *Novidades – Letras e Artes* (19.ago.1951), p. 3.
- OLIVEIRA, A. Lopes de, A obra do arquitecto António Lino na nova igreja de S. João de Deus, *Novidades – Letras e artes* (8.mar.1953), p. 4.
- OLIVEIRA, A. Lopes, A exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Novidades* (19. abr.1953), pp. 1.5.
- OLIVEIRA osb, D. Tomás Gonçalinho de, Movimento Litúrgico em Portugal, *Ora et Labora*, Ano I, n.º 1 (1954), pp. 7-17.

- OLIVEIRA osb, D. Tomás Gonçalves de, O Altar, *Ora et Labora*, Ano 2, n.º 4 (1955), pp. 188-195.
- OLIVEIRA osb, D. Tomás Gonçalves de, A Architectura sacra ao serviço da liturgia, *Ora et Labora*, n.º 1, Ano XII (1965), pp. 7-19.
- OLIVEIRA, M. Alves de, VELOSO (Agostinho Pinto), *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Vol. 20 (1980), p. 1142.
- OLIVEIRA, P. Miguel de, A Igreja de Nossa Senhora de Fátima, *Panorama*, n.º 12, Vol. 2º (dez.1942), pp. 2-5.
- Os aspectos básicos da construção duma igreja vão ser estudados por arquitectos e artistas plásticos, *Diário do Norte* (28.dez.1957).
- Os trabalhos do Curso de Arquitectura Sacra, *O Século* (4.jan.1958).
- Outras capelas provisórias em Lisboa e seu termo, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 7, n.º 41-42 (set.-out.-nov.1965), pp. 34-35.
- P. C., Uma exposição de Arte Sacra Moderna, *A Voz* (30.mar.1956), pp. 1-5.
- PAES, Carlos Pessoa, O problema das igrejas provisórias, *Novellae Olivarum*, Ano XVI, n.º 159 (fev.1959), pp. 52-57.
- Palavras do arquitecto Correia Rebelo na sua partida para Lisboa, *Correio das Ilhas* (9.fev.1952).
- Palestra no “Amor da Pátria” sobre Arte Sacra, *Correio da Horta* (4.set.1962), p. 1.
- Pamplona, Fernando de, Exposição crítica de Architectura Religiosa Contemporânea, *Diário da Manhã* (20.abr.1953).
- PAMPLONA, Fernando de, Arte Sacra Moderna na Galeria Pórtico, *Diário da Manhã* (6.abr.1956), pp. 3.6.
- Parochus X, Pastoral e Sociologia Religiosa, *Novidades* (20.abr.1956), p. 3.
- Pároco do Alentejo, Mais um parecer, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 8 (jun.-jul.1960), p. 19.
- PEDREIRINHA, José Manuel, *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*, Edições Afrontamento, Porto (1994).
- Pela Renovação da Arte Religiosa, *Novidades* (15.mar.1955).
- PEHNT, Wolfgang, e STROHL, Hilde, *Rudolf Schwarz 1897-1961*, Electa, Milão (2000).
- PEREIRA, José Carlos, O Movimento de Renovação da Arte Religiosa – O complexo paroquial do Sagrado Coração de Jesus, *Revista Arte e Teoria*, n.º 1 (2000), pp. 111-131.
- PEREIRA, José Carlos, *O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e pastoral do seu boletim*, in *Revista Lusitânia Sacra*, 2.ª Série, Tomo XII, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa (2000), pp. 431-438.
- PEREIRA, José Carlos, *Neotomismo e arte moderna: Brotéria (1902-1960)*, Lisboa, Fundação Lusíada (2002).
- PEREIRA, José Carlos, A doutrinação estética da Brotéria (1925-1960), *Fé, Ciência e Cultura: Brotéria – 100 anos*, Gradiva (2003), pp. 421-448.
- PEREIRA, N. Teotónio, A Architectura Cristã Contemporânea, *Ala*, Ano V, n.º 67 (31 jan.1947), pp. 2-4.
- PEREIRA, N. Teotónio, *Nova igreja paroquial de Águas – Anteprojecto: Memória* (20 jul.1949).
- PEREIRA, N. Teotónio, *Algumas observações às críticas apontadas ao projecto da nova igreja paroquial das Águas* (8.set.1951).
- PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], Exposição de Architectura Religiosa Contemporânea (Folheto), Lisboa (abr.1953).
- PEREIRA, N. Teotónio, *Arquitectura Religiosa, O Comércio do Porto* (6.dez.1953).

- PEREIRA, N. Teotónio [Abertura do Curso de Arquitectura Sacra], Lisboa (2.jan.1958).
- PEREIRA, N. Teotónio, A igreja das Águas integra-se no grande Movimento Renovador (entrevista), *Notícias da Covilhã* (10.jan.1959).
- PEREIRA, N. Teotónio, Conversando com o arquitecto Teotónio Pereira (entrevista), *O Século* (28.jun.1959).
- PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], O problema da reconstrução da igreja de S. Domingos, *Novidades* (25.dez.1959), p. 6.
- PEREIRA, N. Teotónio, Experiência de um arquitecto (entrevista), *Novidades* (7.fev.1961), pp. 1.3.
- PEREIRA, N. Teotónio, PORTAS, Nuno, *Ante-projecto da igreja do Sagrado Coração de Jesus – Memória Descritiva* (1962).
- PEREIRA, N. Teotónio, REBELO, João C., Há nos Açores uma grande riqueza arquitectónica e religiosa (entrevista), *A União* (4 set.1962), p. 2.
- PEREIRA, N. Teotónio, PORTAS, Nuno, *Centro Paroquial de Almada – Ante-projecto: Memória* (20.mai.1963).
- PEREIRA, N. Teotónio, PORTAS, Nuno, *Centro Paroquial de Almada – Projecto: Memória* (12.ago.1966).
- PEREIRA, N. Teotónio, PORTAS, Nuno, *Igreja do S.S. Coração de Jesus – Projecto geral: Memória Descritiva e Justificativa* (20.ago.1966).
- PEREIRA, N. Teotónio, Opinão los arquitectos, *ARA – Arte Religioso Actual*, Ano VII, n.º 26 (out.-dez.1970), p. 160.
- PEREIRA, N. Teotónio, FERNANDES, José Manuel, A Arquitectura do Fascismo em Portugal, *Arquitectura*, n.º 142 (jan.-fev.1981), pp. 38-48.
- PEREIRA, N. Teotónio, Arquitectura dos Anos 50 em Lisboa, *Arquitectura*, n.º 148 (jan.-fev.1983), pp. 58-61.
- PEREIRA, N. Teotónio, *Escritos (1947-1996, selecção)*, FAUP Publicações, Porto (1996).
- PEREIRA, N. Teotónio, Tempos, lugares, pessoas, *Público* (1996).
- PEREIRA, N. Teotónio [Entrevista de Rui Barreiros Duarte e Victor Consiglieri], *Arquitectura e Vida* (jul.-ago.2001), pp. 44-49.
- PEREIRA, N. Teotónio, Uma vida nómada, uma obra fragmentada, uma pessoa inteira, *João Correia Rebelo: um arquitecto moderno nos Açores*, IAC – Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo (2002), p. 14.
- PEREIRA, N. Teotónio [Entrevista de Ana Vaz Milheiro e Isabel Salema], Queríamos criar um espaço para a vida moderna, *Público – Suplemento Mil Folhas* (26.jun.2004), p. 6.
- PEREIRA, N. Teotónio, Que fazer com estes 50 anos?, *I.º Congresso Nacional de Arquitectura, Ordem dos Arquitectos* (2008), pp. 43-49.
- PEREIRA, N. Teotónio [et. al.], *Santo Isidro de Pegões – Contrastes de um Património a Preservar*, Lisboa, Edições Colibri, Montijo, Câmara Municipal do Montijo (2009).
- PERNES, Fernando, «Infeliz avenida» – S.N.I. – S.N.B.A., *Jornal de Letras e Artes* (9.dez.1964), pp. 7.10.
- PIMENTEL, Diogo L., *Relatório referente ao 1.º trimestre de estágio junto do «Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra»*, Bolonha (mar.1960).
- PIMENTEL, Diogo L., *Relatório referente ao 2.º trimestre de estágio junto do «Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra»*, Bolonha (jun.1960).
- PIMENTEL, Diogo L., A cidade e o problema das novas igrejas, *Novellae Olivarum*, Ano XVII, n.º 172 (out.1960), pp. 157-162.

- PIMENTEL, Diogo L., O «Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra» de Bolonha, *Novellae Olivarum*, Ano 17, n.º 172 (out.1960), pp. 179-180.
- PIMENTEL, Diogo L., Renovação da arquitectura religiosa (entrevista), *Novidades* (8.fev.1961), pp. 1.3.
- PIMENTEL, Diogo L. [Introdução], *Novas Igrejas na Alemanha*, Editorial Schnell & Steiner, Munique – Zurique (1964), p. 13.
- PIMENTEL, Diogo L., LEAL, A. Freitas, *Relatório sobre a construção de novas igrejas na Diocese do Funchal* (25.ago.1964)
- PIMENTEL, Diogo L., O caso da Sé de Bragança, *Diário Popular* (26.ago.1965), pp. 1.5.
- PIMENTEL, Diogo L., Capela do Seminário Dominicano do Olival – Resposta à crítica de Pedro Vieira de Almeida, *Arquitectura*, n.º 100 (nov.dez.1967), pp. 243-244.
- PIMENTEL, Diogo L., Comentário breve a alguns trabalhos de Luiz Cunha, *Arquitectura*, n.º 124 (mai.1972), pp. 9-10.
- PIMENTEL, Diogo L., Luiz Cunha – Projectos e outros desenhos, *Arquitectura*, n.º 145 (fev.1982), pp. 42-43.
- PIMENTEL, Irene Flunser, *Fotobiografias do Século XX: Cardeal Cerejeira*, Círculo de Leitores (2002).
- PINTO, Barbosa (org.), *Concílio Ecuménico Vaticano II*, Apostolado da Oração, Braga (1967).
- Pio XII, *Carta Enc. Mediator Dei*, AAS 39 (1947), pp. 590-591.
- POLICARPO, José, Estampas e «Santinhos», *Novellae Olivarum*, Ano XVII, n.º 168 (fev.1960), pp. 60-72.
- POLICARPO, José, Arte sacra e legislação eclesiástica, *Novellae Olivarum*, Ano XVII, n.º 174 (dez.1960), pp. 237-248.
- Ponta Delgada vai ser a terceira cidade do país a ser visitada pela Exposição de Arquitectura Religiosa, *Correio dos Açores* (20.jan.1954).
- PORTAS, Nuno, O Drama da Arte Sacra Portuguesa, *Encontro*, Ano 1, n.º 4 (abr.1956), pp. 2.8.
- PORTAS, Nuno, Igrejas ou Garagens?, *Encontro*, Ano 1, n.º 5 (nov.1956), pp. 8-9.
- PORTAS, Nuno, Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), pp. 20-23.
- PORTAS, Nuno, Dois novos edifícios litúrgicos em Portugal, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), pp. 24-30.
- PORTAS, Nuno, Igreja para a comunidade de La Martella e Igreja para o Bairro INA-Casa em Baggio, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), pp. 31-34.
- PORTAS, Nuno, Arquitectura Religiosa Moderna – Luís Cunha, *Arquitectura*, n.º 60 (out.1957), p. 54.
- PORTAS, Nuno, A responsabilidade de uma Novíssima Geração no Movimento Moderno em Portugal, *Arquitectura*, n.º 66 (nov.-dez.1959), pp. 13-14.
- PORTAS, Nuno, Oportunidade e importância do Secretariado das Novas Igrejas (entrevista), *Novidades* (12.fev.1961), pp. 1.7.
- PORTAS, Nuno, Arquitectura Integrada?, *Jornal de Letras e Artes*, Ano II, n.º 84 (8.mai.1963), pp. 8-9.15.
- PORTAS, Nuno, Novas Igrejas – considerações a propósito de uma exposição, *Brotéria*, Vol. 79, n.º 1 (jul.1964), pp. 18-27.
- PORTAS, Nuno, Gaudi e a arquitectura actual, *Colóquio* – revista de Artes e Letras, n.º 34, F. C. Gulbenkian, Lisboa (jun.1965), pp. 24-34.

- PORTAS, Nuno, Carlos Ramos (1897), Walter Gropius (1883). In memoriam, *Diário de Lisboa* (17.jul.1969), pp. 4-6.
- PORTAS, Nuno, Opinam los arquitectos, *ARA – Arte Religioso Actual*, Ano VII, n.º 26 (out.-dez.1970), p. 160.
- PORTAS, Nuno, Raul Lino – Uma interpretação crítica da sua obra de arquitecto e doutrinador, *Colóquio: Revista de Artes e Letras*, n.º 61 (dez.1970), pp. 14-21.
- PORTAS, Nuno, Testemunho de um dos autores, *Arquitectura*, n.º 123 (set.-out.1971), p. 171.
- PORTAS, Nuno, Arquitectura e urbanística na década de 40, *Os 40 anos na arte portuguesa: a cultura nos anos 40. Colóquios*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1982).
- PORTAS, Nuno, MENDES, Manuel, *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: Anos Sessenta / Anos Oitenta*, Porto, Fundação de Serralves (1991).
- PORTAS, Nuno, MENDES, Manuel, *Portugal Architecture 1965-1990*, Editions du Moniteur, Paris (1992).
- PORTAS, Nuno, A igreja do Sagrado Coração de Jesus vista por Nuno Portas, *Público – Suplemento Mil Folhas* (26.jun.2004), p. 6.
- PORTAS, Nuno, Sobre o método e os significados no atelier Nuno Teotónio Pereira / Nuno Portas [fev.1992], *Arquitectura(s): teoria e desenho, investigação e projecto*, FAUP Publicações (2005), pp. 233-236.
- PORTAS, Nuno, *Arquitectura(s): história e crítica, ensino e profissão*, FAUP Publicações, Porto (2005).
- PORTAS, Nuno, *A arquitectura para hoje seguido de Evolução da arquitectura moderna em Portugal*, Livros Horizonte, 2.ª edição (2008).
- Prelado da Diocese presidiu, ontem, à inauguração da Exposição de Arte Sacra Moderna patente ao público no antigo Paço Episcopal, *Comércio do Porto* (21.jun.1959).
- [Presépio], *Ala*, Ano VI, n.º 75 (s.d.), p. 5.
- Principiam hoje à noite as festas da inauguração do templo de N. S. de Fátima, *O Século* (12 out.1938), p. 1.
- Principiou hoje um curso de arquitectura sacra promovido pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, *Diário de Lisboa* (2.jan.1958).
- Problemática das capelas provisórias, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 7, n.ºs 41-42 (set.-out.-nov.1965), pp. 36-38.
- Programa de construção da Igreja Paroquial do SS. Coração de Jesus e de seus anexos, *Novellae Olivarum*, Ano XVI, n.º 148 (jan.1958), pp. 17-30.
- Programa de construção de novas igrejas, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 8, n.ºs 46-47 (abr.-mai.-jun.1966), pp. 25-38.
- Realizou-se ontem na Junta Geral a anunciada palestra sobre Arquitectura e Arte Religiosa moderna, *A União* (31.ago.1962), pp. 1.4.
- REBELO, João Correia, *Arquitectura ou Mascarada?*, *Correio das Ilhas* (10.ago.1953).
- REBELO, João Correia, *Desorientação estética*, *Correio das Ilhas* (23.out.1953).
- REBELO, João Correia, *Carta aberta ao autor de «estética cidadina»*, *Açores* (12.dez.1953).
- REBELO, João Correia, *Não! [Manifesto à cidade de Ponta Delgada dos arquitetos e estudantes de arquitectura micaelense]* [S.l.: s.n.] (1953).
- REBELO, P. Joaquim M., *Um Museu de Arqueologia e Arte no Seminário do Porto*, *Novidades – Letras e Artes* (30.set.1956), p. 1.
- REBELO, P. Joaquim M., *Museus de Arqueologia e Arte Sacra*, *Lumen*, Ano XXII (fev.1958), pp. 159-160.

- REGALEIRA, Vasco, *Memória descritiva do projecto da igreja de S. João de Brito a construir no sítio de Alvalade na cidade de Lisboa* (1951).
- RÉGAMEY, Pie-Raymond, Architecture de l'autel et exigences liturgiques, *La Maison-Dieu*, n.º 29 (1952), pp. 71-88.
- RÉGAMEY, Pie-Raymond, *Arte Sacra Contemporânea*, Herder Editora, São Paulo (1965).
- Regulamento de construção e restauro de igrejas*, Patriarcado de Lisboa (1964).
- [*Regulamento e Programa*] *Sé de Bragança – Concurso de ante-projectos* [Edição MRAR] (1963).
- REIS, Mons. Pereira dos, A liturgia e a arte, *Opus Dei*, Ano 6 (1931-32), pp. 244-257
- REVEZ, Jorge, Os «Vencidos do Catolicismo», Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa (2009).
- RICHTER, Klemens, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, Gráfica de Coimbra 2 (2005).
- ROCHA, Cón. João, *Igreja Paroquial de Cristo-Rei da Portela*, Edição Paróquia de Cristo-Rei da Portela (2000).
- RODRIGUES, Avelino, Arquitectura e Liturgia: a propósito da igreja de Moscavide, *Novellae Olivarum*, Ano XV, n.º 141 (abr.1957), pp. 132-138.
- RODRIGUES, Avelino, Como julgar as igrejas modernas, *Lumen*, Vol. XXII, fasc. IV (abr.1958), pp. 303-315.
- RODRIGUES, Avelino, A construção de igrejas modernas e a responsabilidade do clero, *Novellae Olivarum*, Ano XV, n.º 154 (jul.1958), pp. 226-237.
- RODRIGUES, Avelino, Electricidade e Liturgia, *Novellae Olivarum*, Ano XVI, n.º 161 (mai.1959), pp. 145-164.
- RODRIGUES, Avelino, Adaptações das igrejas antigas às necessidades da pastoral moderna, *Novellae Olivarum*, Ano XVI, n.º 162 (jun.1959), pp. 177-193.
- RODRIGUES, Avelino, Como ornamentar as igrejas, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano 1, n.º 3 (ago.-set.1959), pp. 24-28.
- RODRIGUES, Avelino, A nova igreja do Coração de Jesus pretende ser o último fruto dos movimentos de renovação litúrgica e artística, *Diário Popular* (1.nov.1962), pp. 11-14.
- RODRIGUES, Avelino, Renovacion del arte religioso en Portugal, *ARA – arte religioso actual*, Ano VII, n.º 26 (out.-dez. 1970), pp. 122-136.
- RODRIGUES, Avelino, O Seminário dos Olivais e a renovação da arte sacra em Portugal, *Por caminhos não andados: Seminário dos Olivais 1945/68*, Multinova (2007), pp. 153-168.
- RODRIGUES, P. António dos Reis [A Exposição de arquitectura religiosa contemporânea], *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 3.
- RODRIGUES, P. António dos Reis, A atitude da Igreja em face da arte contemporânea, *Lumen*, Ano XXII (fev.1958), pp. 328-331.
- ROHE, Mies van der Rohe, Foreword, *The Church Incarnate – The Sacred Function of Christian Architecture*, Henry Regnery Company, Chicago (1958).
- Ronchamp, *L'Art Sacré*, n.ºs 1/2 (set.-out.1955).
- ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, FRANCISCO, ALFREDO, António, Breve apresentação pelos autores do projecto, *Encontro*, Ano 10, n.º 53 (dez.1964), p. 12.
- ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, FRANCISCO, ALFREDO, António, O caso da nova Sé de Bragança visto pelos autores do anteprojecto, *Novidades – Letras e Artes* (26.jul.1965), p. 3.
- ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, FRANCISCO, ALFREDO, António, Uma exposição dos autores do projecto da nova Sé de Bragança classificado em primeiro lugar, *Diário de Lisboa* (25.jul.1965), p. 11.

- ROSA, Vassalo, FIGUEIRA, Francisco, ALFREDO, António, A Nova Sé de Bragança, *Encontro*, Ano 10, n.º 57 (nov.1965), p. 10.
- ROSA, Luís Vassalo, A renovação do interior de uma igreja: Santa Isabel, em Lisboa, *Arquitectura*, n.ºs 89-90 (dez.1965), pp. 185-189.
- Rouault, *L'Art Sacré*, n.ºs 5/6 (jan.-fev.1964).
- S.E. o Cardeal-Patriarca visitou Moscavide, onde inaugurou a igreja paroquial, de que é orago Santo António, *O Século* (10.dez.1956).
- S.E. o Cardial-Patriarca presidiu, ontem à noite às primeiras cerimónias, *O Século* (13. out.1938), p. 6.
- S. P. , A nova igreja de Moscavide, *Diário Ilustrado* (15.jan.1957).
- Sábado, *Correio da Horta* (8.set.1962), pp. 1-4.
- Salgueirinho, Mário, O Museu de Arqueologia e Arte do Seminário Maior do Porto, *Novidades – Letras e Artes* (23.mar.1958), pp. 1-4.
- SANCHEZ, S. Formosinho, *Arquitectura Moderna Brasileira, Architectura Moderna Portuguesa, Architectura*, n.º 29 (fev.-mar.1949), p. 17.
- SANCHEZ, Formosinho, *Obra de jovens, Novidades – Letras e Artes*, Ano XX, n.º 12 (7.abr.1957), p. 2.
- SANCHEZ, S. Formosinho, *Sugestão para a distribuição de volumes – Memória Descritiva* (dez.1958).
- SANCHEZ, S. Formosinho, *Arquitectura porquê?*, Editorial Estúdios Cor, Lisboa (1964).
- SANCHEZ, S. Formosinho, *Igreja paroquial de N. S. da Conceição, Setúbal: Ante-projecto – Memória Descritiva* (31.jul.1966).
- SANCHEZ, S. Formosinho, A chamada ao nacionalismo e ao português, em 1940, era autenticamente feroz: era de galos de Barcelos por todo o lado, *Arquitectura*, n.º 130 (mai.1974), pp. 4-7.
- SANTOS, J. Maya, LEAL, A. Freitas, *Igreja paroquial de Barco – Memória Descritiva* (jun.1956).
- SANTOS, José Maya, *Igreja paroquial de Barco – Memória Descritiva e Justificativa* (1958).
- SANTOS, José Maya, Curso de Architectura Sacra em Lisboa, *Ora et Labora*, Ano 5, n.º 1 (1958), pp. 35-36.
- SANTOS, José Maya, Significado e organização do espaço sagrado, *Ora et Labora*, Ano XI, n.º 4 (1964), pp. 244-253.
- SANTOS, José Maya, Arte sacra, Assembleia cristã, fundamento do espaço sagrado, *Ora et Labora*, Ano XII, n.º 3 (1965), pp. 245-285.
- SANTOS, José Maya, *Ante-projecto do complexo paroquial de Queluz – Memória descritiva e justificativa* (jan.1966).
- SANTOS, José Maya, *Projecto do complexo paroquial de Queluz – Memória descritiva e justificativa* (jul.1966).
- SANTOS, José Maya, A igreja de S. Mamede de Negrelos – Crítica, *Arquitectura*, n.º 102 (mar.-abr.1968), pp. 73-74.
- SAVIOLI, A., Arte Moderna e Arte da Igreja, *Chiesa et Quartiere*, n.º 15 (set.1960), pp. 11-13.
- SCHNELL, Hugo, *Twentieth Century Church Architecture in Germany*, Verlag Schnell & Steiner (1974).
- SCHWARZ, Rudolf, *The Church Incarnate – The Sacred Function of Christian Architecture*, Henry Regnery Company, Chicago (1958).
- SCHWARZ, Rudolf, *Kirchenbau – Welt vor der Schwelle*, F.H. Kerle Verlag, Heidelberg (1960).
- Semana Cultural, *Correio das Ilhas* (2.abr.1961).
- SILVA, P. Ferreira e, *Notas de arte litúrgica moderna*, Lisboa, União Gráfica (1963).

- SMITH, G. E. Kidder, *Switzerland builds*, The Architectural Press, Londres (1950).
- SMITH, G. E. Kidder, *The New Churches of Europe*, The Architectural Press, Londres (1964).
- SNIP – Boletim *Novas Igrejas*, n.ºs 1 a 7 (jan.1961 a mar.1963).
- Soldados da Força Aérea conduziram o andor de Nossa Senhora de Fátima para a escadaria da Basílica, *Diário Popular* (13.out.1960).
- Solenemente inaugurada a moderna igreja paroquial de Paço de Arcos, *B.D.P. - Boletim Diocesano de Pastoral*, n.ºs 16-17 (jul.-ago.-set.1969), pp. 11-12.
- Solenemente inaugurada a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus, *B.D.P. - Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano III, n.ºs 25-26 (mai.-jun.1970), pp. 11-15.
- SOUSA osb., D. Gabriel de Sousa, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 2.
- SOUSA, João de [A Exposição de arquitectura religiosa contemporânea], *Através da Arte Sacra, Novidades – Letras e Artes* (17.mai.1953), p. 1.
- SOUTO, A. Meirelles do, A igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Novidades* (10.jul.1970).
- SOUZA, Maria Reynolds de, Madalena Cabral, *Faces de Eva*, n.º 21, Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa (2008), pp. 181-194.
- SOUZA, Maria Reynolds de, Maria José de Mendonça, *Dicionário no Feminino – Segundo Volume* (no prelo).
- Stock, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1950-2000*, Prestel Publishing (2002).
- Stock, Wolfgang Jean, *European Church Architecture 1900-1950*, Prestel Verlag (2006).
- TÁVORA, Fernando, *O Problema da Casa Portuguesa*, Cadernos de Arquitectura, Série 1, n.º 1, Lisboa, Editorial Organizações (1947).
- TÁVORA, Fernando, O encontro de Royaumont, *Arquitectura*, n.º 79 (jul.1963), p. 1.
- TEIXEIRA, Anjos, Problemas de Arte Sacra, *Diário de Notícias* (29.jul.1964), pp. 1.3.
- TELMO, Cottinelli, A igreja de Nossa Senhora de Fátima vista por um arquitecto, *Novidades – Letras e Artes* (13.out.1938), p. 3.
- Tendências do Movimento Litúrgico, *Ora et Labora*, Ano 2, n.º 4 (1955), pp. 181-187.
- Terminou o Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (6.jan.1958).
- Terminou o Curso de Arquitectura Sacra, *O Século* (6.jan.1958).
- Terminou o Curso de arquitectura sacra promovido pelo «Movimento de Arte Religiosa», *Novidades* (6.jan.1958), pp. 1.4.
- Teve a maior solenidade a bênção da primeira pedra da nova igreja paroquial do S.S. Coração de Jesus, *Novidades* (23.mai.1966), pp. 1.7.
- Todos os povos têm a arte que merecem – repetiu o jovem Movimento da Renovação da Arte Religiosa, *O Debate* (3 abr.1954).
- TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, FAUP Edições (1997).
- TOSTÕES, Ana, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Arquitectura do Movimento Moderno – Inventário DOCOMOMO Ibérico, 1925-1965*, AAP/Fundação Mies van der Rohe/DOCOMOMO Ibérico (1997), pp. 198-199.
- TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried, BECKER, Annete, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Portugal: Arquitectura do Século XX*, Prestel/DAM (1997), pp. 246-247.
- TOSTÕES, Ana (coord.), Igreja do Sagrado Coração de Jesus, *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*, Ministério da Cultura/IPPAR (2004), pp. 278-279.
- TOSTÕES, Ana (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Ed. Quimera (2004).
- TOSTÕES, Ana (coord.), *1.º Congresso Nacional de Arquitectura*, Lisboa, Edição OA (2008).
- TOVAR, Rui, A nova catedral de Bragança, *Diário de Lisboa* (23.dez.1964), p. 11.

- Trabalhos do Curso de Arquitectura Sacra, *Jornal de Notícias* (4.jan.1958).
- TRINDADE, D. Manuel de Almeida, Documento para a História, *Correio do Vouga* (18.out.1968), p. 9.
- Um Curso de Arquitectura Sacra começou a funcionar sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian, *O Século* (3.jan.1958).
- Um sacerdote do Minho, O que será uma «auténtica» arte sacra moderna?, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano II, n.º 7 (mar.-mai.1960), pp. 32.33.
- Uma dezena de anos de arte religiosa na exposição «Novas Igrejas na Alemanha» esta tarde inaugurada pelo Chefe do Estado, *Diário Popular* (2.abr.1964), pp. 8.15.
- Uma Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, *Diário Popular* (14.abr.1953).
- Uma exposição de Arquitectura Religiosa em Ponta Delgada, *Diário de Notícias* (1.fev.1954)
- Uma exposição de arquitectura religiosa vai efectuar-se em Lisboa, *O Século* (13.abr.1953).
- Uma exposição de paramentaria moderna, *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VI, n.º 34 (out.-nov.1964), pp. 15-20.
- Uma exposição inconformista de arquitectura religiosa contemporânea, *Diário de Lisboa* (16.abr.1953).
- Uma nova Igreja para a cidade da Beira: Arquitectura Revolucionária, *Diário de Moçambique*, Beira (27.jan.1955), pp. 1.5.
- Uma palestra sobre arquitectura, *Correio das Ilhas* (7.fev.1952).
- Uma pastoral do Cardeal-Patriarca: o grave problema das igrejas na Diocese de Lisboa, *Diário de Notícias* (19.dez.1959), pp. 1.7.
- Une Église à Lisbonne, *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, Ano 5, 4.ª Série, n.º 6 (jul.1934), p. 89.
- Vai inaugurar-se na próxima sexta-feira a nova igreja do S.S. Coração de Jesus, *Novidades* (16.jun.1970), p. 8.
- Vai realizar-se em Lisboa uma exposição de arquitectura religiosa, *Novidades* (13.abr.1953).
- Vai ser inaugurada a igreja de Nossa Senhora de Fátima no concelho de Aveiro, *O Comércio do Porto* (10.out.1938), p. 6.
- VALÉRIO, João, Exposição de Arte Sacra Moderna, *Novidades* (27.mar.1956), p. 2.
- VALÉRIO, João, Arquitectura Religiosa, *Novidades* (13.jul.1965), p. 3.
- VALÉRIO, João, O «Caso» da Sé de Bragança, *Novidades* (21.jul.1965), p. 8.
- Variações à volta duma exposição, *Diário de Moçambique – Das Artes e das Letras* (26.ago.1955).
- VASCONCELOS, Flório de, Arte pela Arte, *Ala*, Ano VI, n.º 74 (s.d.), pp. 4-5.
- VASCONCELOS, Flório de, Poema de Natal, *Ala*, Ano VI, n.º 75 (s.d.), p. 5.
- VASCONCELOS, Flório de, Arte Cristã I – Sentido da Arte Cristã, *Ala*, Ano VI, n.º 79-80 (mar.1948), pp. 7.11.
- VASCONCELOS, Flório de, Arte Cristã II – Tradição e Autenticidade, *Ala*, Ano VI, n.º 81 (abr.1948), pp. 5-6.
- VASCONCELOS, Flório de, Arte Cristã III – Santeiros & C.ª, *Ala*, Ano VI, n.º 82 (ago.1948), pp. 5-6.
- VASCONCELOS, Flório de, Exposição de aquarelas de António Lino, *Ala*, Ano VI, n.º 84 (dez.1948), p. 5.
- VASCONCELOS, Flório de, Um caso de Arte Cristã, *Ala*, Ano VIII, n.º 85 (jan.1949), pp. 4.6.
- VASCONCELOS, Flório de, Aquarelas e desenhos de Maria do Carmo e Maria Madalena de Sequeira Cabral, *Ala*, Ano VIII, n.º 85 (jan.1949), p. 7.
- VASCONCELOS, Flório de, Exposição de Arte Sacra Moderna, *Ala*, Ano VIII, n.º 86 (fev.1949), pp. 1.3.

- VASCONCELOS, Flório de, A nova Igreja do Santo Condestável – uma obra impura, *Cidade Nova*, n.º 5 (mai.1951), pp. 309-311.
- VASCONCELOS, Flório de, A visão do novo templo, *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), p. 3.
- VASCONCELOS, Flório de, Arquitectura e Mascarada, *Diário Popular* (1.nov.1953).
- VASCONCELOS, Flório de, A visão do Novo Templo, *Diário de Coimbra* (4.dez.1954), pp. 1-5.
- VASCONCELOS, Flório de, A nova igreja de S. Domingos, *Diário de Notícias* (19.nov.1959), p. 13.
- VASCONCELOS, Flório de, Arquitectura e Política, *Tempo Presente*, n.º 13 (mai.1960), pp. 28-32.
- VASCONCELOS, Flório de, Breves reflexões sobre a Arquitectura da nova Sé de Bragança, *Ora et Labora – Revista Litúrgica Beneditina*, Ano XII, n.º 1 (1964), pp. 50-53.
- VASCONCELOS, Flório de, *História da Arte em Portugal*, Editorial Verbo (1972).
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, O “desinteresse” na arte, *Brotéria*, Vol. 34 (mar.1942), pp. 310-320.
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, A quantidade contra a qualidade em arte, *Brotéria*, Vol. 63 (dez.1956), pp. 543-556.
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, Arte abstracta e culto religioso, *Brotéria*, Vol. 64, n.º 2 (fev.1957), pp. 136-158.
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, Equívocos de certa arte moderna, *Brotéria*, Vol. 65, n.º 6 (dez.1957), pp. 579-605.
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, Belas-artes e malas-artes, *Brotéria*, Vol. 66 (fev.1958), pp. 149-178.
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, Dois conceitos estéticos, *Brotéria*, Vol. 66 (mai.1958), pp. 552-569.
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, Sinceridade e verdade em arte religiosa, *Brotéria*, Vol. 68, n.º 1 (jan.1959), pp. 56-67.
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, A arte religiosa e a Igreja, *Brotéria*, Vol. 68, n.º 2 (fev.1959), pp. 181-188.
- VELOSO sj, Agostinho Pinto, “Abstract-stress”, *Brotéria*, Vol. 68 (mai.1959), pp. 547-560.
- Vence, *L’Art Sacré*, n.ºs 11/12 (jul.-ago.1951).
- Vida artística, *Novidades* (21.jun.1959), p. 7.
- Vinte e um anos depois da última aparição de Fátima, *Diário da Manhã* (14.out.1938).
- ZURARA, Gomes de, O I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, *Brotéria*, Vol. 57, n.º 7 (jul.1953), pp. 82-101.

